

TRILOGIA DAS JÓIAS NEGRAS - TERCEIRO VOLUME

RAINHA DAS TREVAS

anne bishop

Vencedor do
CRAWFORD
MEMORIAL
FANTASY
AWARD

DA DE EMERGÊNCIA



anne bishop
RAINHA DAS
TREVAS

Tradução de Cristina Correia

primeira parte

CAPÍTULO UM

1 / Terreille

Dorothea SaDiablo, a Sacerdotisa Suprema do Território Hayll, subiu devagar os degraus até à plataforma em madeira. Era uma manhã soalheira no início do Outono e uma vez que Draega, a capital de Hayll, estava localizada mais a sul, os dias permaneciam a uma temperatura agradável. O pesado manto preto que envolvia o corpo de Dorothea fazia com que transpirasse. Sob o grande capuz, o cabelo estava húmido e sentia comichão no pescoço. Não importava. Dentro de breves minutos, poderia rasgá-lo em pedaços.

Ao chegar à plataforma, viu a lona grosseira estendida à frente, junto à multidão expectante, começando de imediato a respirar pela boca, a um ritmo rápido. Tola. Usara todos os feitiços que conhecia para manter em segredo aquilo que se encontrava debaixo da lona, até ao momento certo. Esforçando-se por respirar normalmente, atravessou a plataforma, detendo-se a alguns centímetros da lona.

A observá-la com circunspeção e ressentimento, estavam as Rainhas de todos os Territórios do Reino de Terreille. Exigira que todas as Rainhas de Territórios se fizessem acompanhar de duas das Rainhas de Província mais poderosas e dos Príncipes dos Senhores da Guerra que as servissem. Estava ciente de que muitas dessas Rainhas, em especial as que provinham dos Territórios mais a ocidente, aguardavam algum tipo de armadilha.

Bem, as cabras tinham razão. Contudo, se o engodo fosse apresentado de forma apropriada, iriam atirar-se para a armadilha sem pensar duas vezes.

Dorothea ergueu os braços. O rumorejo da multidão foi-se silenciando. Usando a Arte para aumentar o volume da voz, permitindo assim que todos a ouvissem, iniciou a jogada seguinte no jogo mortal pelo poder.

— Minhas Irmãs e meus Irmãos, convoquei-os para vos prevenir em relação ao que descobri recentemente, algo que ameaça todos os membros dos Sangue em todo o Reino de Terreille.

“No passado, pratiquei acções horrivelmente cruéis. Fui responsável pela destruição de Rainhas e de alguns dos melhores machos do Reino. Difundi o medo nos Sangue para me tornar no poder dominante de Terreille. Eu. Uma Sacerdotisa Suprema que tem presente, melhor do que ninguém, que uma Sacerdotisa não pode substituir uma Rainha, mesmo que possua um grande domínio e um grande poder na Arte.

“Carregarei o remorso e o peso desses actos até ao fim dos meus dias. Mas agora vos digo: FUI USADA! Há algumas semanas, ao utilizar as minhas mestrias como Viúva Negra para tecer uma teia entrelaçada de sonhos e visões, rasguei inadvertidamente um véu mental que me envolvia ao longo dos séculos em que fui Sacerdotisa Suprema de Hayll. Abri caminho, a custo, através desse nevoeiro mental e observei, por fim, o que as minhas teias entrelaçadas me tentavam transmitir há muito.

“*Há* alguém que pretende dominar Terreille. *Há* alguém que tenciona subjugar todos os Sangue deste Reino. Mas não sou eu. Fui o instrumento de um ser maléfico e monstruoso que deseja esmagar-nos e reduzir-nos a cinzas, que brinca connosco da mesma forma que um gato brinca com um rato antes de desferir o golpe mortal. Esse monstro tem nome – um nome que foi temido durante milhares e milhares de anos e justificadamente. O nosso aniquilador é o Príncipe das Trevas, o Senhor Supremo do Inferno.

Da multidão, ergueu-se um burburinho apreensivo.

— Duvidam do que digo? — gritou Dorothea. Arrancou o manto, lançando-o para o lado. O cabelo branco e fino que fora espesso e preto até há algumas semanas, caía-lhe pelos ombros. O rosto abatido e vincado por rugas contorceu-se e os olhos dourados encheram-se de lágrimas ao mesmo tempo que o burburinho dava lugar a exclamações chocadas. — Vejam o que me aconteceu ao lutar para me libertar dos seus encantamentos ardilosos. *Olhem para mim*. Foi este o preço que paguei, para vos alertar do perigo.

Dorothea pôs a mão no peito, respirando com dificuldade.

O seu Administrador avançou e segurou-lhe o braço delicadamente, para a apoiar. — Tendes de parar, Sacerdotisa. É demasiado para vós.

— Não — arfou Dorothea, continuando a usar a Arte para amplificar o som da sua voz. — Tenho de lhes dizer tudo enquanto consigo. Posso não dispor de outra oportunidade. Logo que se aperceba de que me dei conta...

A multidão ficou em silêncio.

Baixando a mão, Dorothea endireitou-se o melhor que pôde, ignorando a dor na coluna. — Não fui o único instrumento do Senhor Supremo. Entre vós, há quem tenha sofrido a desdita de ter Daemon Sadi ou Lucivar Yaslana a servir nas vossas cortes. Que as Trevas me perdoem, eu envieie

esses monstros para Territórios frágeis e, por causa deles, Rainhas morreram. Alturas houve em que cortes inteiras foram destruídas. Tanto eu como Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Askavi, julgávamos que os estávamos a enviar para servirem noutras cortes obedecendo à nossa própria vontade, na esperança de que pudessem ser controlados. Contudo, fomos manipuladas para que fossem enviados para esses Territórios *pois são os filhos do Senhor Supremo*! São a descendência daquela criatura brutal e tornaram-se nas suas ferramentas de destruição. O controlo que julgávamos exercer sobre os dois não passava de uma mera ilusão, uma venda para esconder o verdadeiro propósito.

“Ambos desapareceram há muitos anos. A maioria de nós esperava que tivessem morrido. Não foi assim. Fui informada por alguns Irmãos e Irmãs que revelaram uma grande coragem e que vivem actualmente na Pequena Terreille, localizada no Território de Kaeleer, que tanto Yaslana como Sadi estão no Reino das Sombras, onde o Senhor Supremo tem vivido sob a capa de Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan. As crias da víbora regressaram ao ninho.

“Mas há mais. O Senhor Supremo exerce uma influência nefasta sobre a maioria das Rainhas de Territórios em Kaeleer e controla em absoluto uma jovem mulher que é a Rainha mais poderosa de todos os Reinos. Com a força dela a apoiá-lo, dominar-nos-á — a menos que ataquemos primeiro. Não temos escolha, meus Irmãos e minhas Irmãs. Se não destruírmos o Senhor Supremo e todos os que o servem, as crueldades que pratiquei como seu instrumento parecerão brincadeiras de criança.

Dorothea fez uma breve pausa. — Muitos de vós têm amigos ou entes queridos que fugiram para Kaeleer como forma de escaparem à violência que tem vindo a sufocar Terreille. Vejam o que aconteceu a muitos dos que correram para os braços sedutores do Senhor Supremo.

Mediante a Arte, afastou abruptamente a lona que cobria a parte da frente da plataforma. De imediato, colocou a mão sobre a boca para não vomitar, enquanto as moscas esvoaçavam dos corpos mutilados.

Os gritos apoderaram-se do ambiente. Um guincho pungente de dor e de raiva sobrepôs-se às outras vozes. Depois outro e outro, à medida que as pessoas junto à plataforma reconheciam o que restava de um rosto ou reconheciam uma jóia.

Novamente utilizando a Arte, Dorothea voltou a colocar a lona sobre os corpos, com delicadeza. Aguardou vários minutos até os gritos se tornarem soluços abafados.

— Quero que saibam — disse. — Farei uso de tudo o que aprendi na Arte, de cada gota de forças que possua para derrotar este monstro. Todavia, sozinha certamente serei derrotada. Se nos mantivermos unidos e lutarmos

juntos, temos hipóteses de nos livrarmos do Senhor Supremo e daqueles que o servem. Muitos de nós não sobreviverão a esta batalha, mas os nossos filhos... — A voz embargou-se. Levou um momento a prosseguir. — Mas os nossos filhos conhecerão a liberdade que nos custou tanto a obter.

Voltando-se, tropeçou. O Administrador e o Guarda-Mor ajudaram-na a atravessar a plataforma e a descer os degraus. Enquanto instalavam Dorothea cuidadosamente na carruagem aberta para a curta viagem de regresso à mansão, tinham lágrimas nos olhos que denotavam um orgulho feroz. Quando tentaram acompanhá-la, abanou a cabeça.

— Têm obrigações a cumprir aqui — afirmou, debilmente.

— Mas, Sacerdotisa... — tentou protestar o Guarda-Mor.

— Por favor — disse Dorothea. — A vossa força irá servir-me melhor se ficarem aqui. — Invocando um pedaço de papel dobrado, entregou-o ao Administrador. — Se estas Rainhas pedirem para falar comigo, marca uma audiência para esta tarde. — Dorothea viu o protesto nos olhos do Administrador, que nada disse.

O cocheiro incitou os cavalos.

Dorothea recostou-se e fechou os olhos para esconder a satisfação. *Bem, grande filho da puta, aí está a minha primeira jogada. E agora, faça o que fizeres, tudo será usado contra ti.*

2 / Terreille

Alexandra Angelline sentiu arrepios de frio apesar do calor do sol matinal, enquanto aguardava que Philip Alexander regressasse da verificação dos corpos dilacerados que jaziam na plataforma em madeira. Lançou um feitiço de aquecimento no pesado xaile de lã, certa de que de nada serviria. Nenhuma fonte externa de calor aqueceria o frio no seu âmago.

É prematuro, pensou, desesperada. Wilhelmina atravessou o Portão ontem de manhã. Não pode estar entre...

Vania e Nyselle, as duas Rainhas de Província que a acompanharam, já tinham regressado à estalagem, juntamente com os acompanhantes. Não se tinham oferecido para aguardar com ela. Alguns anos atrás – algumas semanas atrás – ter-se-iam oferecido. Ainda acreditavam nela, apesar dos problemas no seio da sua família.

Contudo, algumas semanas atrás, alguém enviara mensagens misteriosas às trinta feiticeiras mais fortes de Chaillot – excluindo-a, bem como à filha, Leland –, convidando-as para uma visita a Briarwood e prometendo resolver o enigma sobre o que acontecera às jovens raparigas das suas famílias internadas no hospital e que desapareceram sem deixar rasto.

Briarwood, que fora edificado para acolher e tratar de crianças emocionalmente perturbadas, estava fechado havia vários anos, desde que aquela inexplicável enfermidade começara a afligir dúzias de homens das famílias aristocratas de Beldon Mor, a capital de Chaillot – uma enfermidade que parecia interligada àquele lugar.

As feiticeiras chegaram na noite indicada e foram-lhes revelados os segredos e os horrores de Briarwood. A guia, uma rapariga demónia-morta chamada Rose, foi implacável ao apresentar-lhes os fantasmas. Uma Sacerdotisa encontrou a prima emparedada, desaparecida desde criança. Uma Rainha de Província reconheceu o que restava da filha de uma amiga.

Viram as salas de jogos. Viram os cubículos que continham as camas estreitas. Viram a horta e a rapariga com a perna amputada.

Entorpecidas pelo que testemunhavam, seguiam Rose, que lhes sorria e lhes contava detalhadamente a razão pela qual cada criança morreria e o modo como morreria. Contou-lhes acerca das outras crianças demónias-mortas que passaram para o Reino das Trevas, indo viver com as restantes *cildru dyathe*. Recitou a lista dos “tios” de Briarwood, os homens que apoiaram e usaram aquele deturpado parque de diversões carnal. E recitou uma lista de feiticeiras quebradas provenientes das famílias aristocratas cuja instabilidade emocional fora “curada” – tendo também sido despojadas do poder interior – e que regressaram a casa.

Um dos homens que Rose citou foi Robert Benedict, o anterior marido de Leland e um membro importante do conselho de machos – um conselho que fora já dizimado por aquela enfermidade misteriosa.

Quando uma Curandeira do grupo inquiriu sobre a doença, Rose sorriu, uma vez mais, e disse: — Briarwood é o veneno embelezado. Não existe cura para Briarwood.

Alexandra fechou o xaile mas os arrepios continuaram.

A raiva que grassou teve como resultado a dilaceração de Chaillot. Beldon Mor tornou-se um campo de batalha. Os membros do conselho de machos que ainda não tinham morrido devido à enfermidade, foram cruelmente executados. Depois de vários homens das famílias aristocratas terem morrido por envenenamento, muitos outros fugiram para estalagens ou para um dos seus clubes visto terem um medo de morte de comerem ou beberem o que quer que tivesse passado pelas mãos das mulheres das respectivas famílias.

Passada a primeira vaga de raiva, as feiticeiras dirigiram a fúria para Alexandra. Não a responsabilizavam por Briarwood, uma vez que fora construído antes de se tornar Rainha de Chaillot, contudo culpavam-na, *isso sim*, e amargamente, pela cegueira. Estava tão obcecada em manter a influência de Hayll afastada de Chaillot e a tentar preservar algum poder

face ao conselho de machos, que não vira o perigo já existente. Disseram que era o mesmo do que discutir com um homem por lhe apalpar os seios já tendo a pila enfiada entre as pernas.

Culpavam-na por Robert Benedict ter vivido na sua casa durante tantos anos e ter dormido com a sua filha. Se não conseguia reconhecer o perigo quando se sentava à sua frente, dia após dia, como poderia proteger o seu povo contra qualquer outro tipo de ameaça?

Culpavam-na por Robert Benedict e por todas as jovens feiticeiras que morreram ou que foram quebradas em Briarwood.

Culpava-se a si própria pelo que acontecera a Jaenelle, a sua neta mais nova. Permitira que essa criança invulgar e complicada fosse fechada naquele lugar. Não tinha conhecimento dos segredos de Briarwood, porém, se não tivesse ignorado as histórias fantasiosas de Jaenelle, se as tivesse encarado como a súplica de uma criança por atenção ao invés de um problema social embaraçoso, Jaenelle nunca teria sido internada em Briarwood. E se não tivesse ignorado o ódio da rapariga pelo Dr. Carvay, teria sabido da verdade mais cedo?

Não sabia. E era tarde demais para encontrar as respostas.

Agora, o problema familiar era outro. Há onze anos, Wilhelmina Benedict, a filha do primeiro casamento de Robert, fugira depois de alegar que Robert a tentara assediar sexualmente. Philip Alexander, o meio-irmão bastardo de Robert, encontrara a sobrinha, recusando-se revelar o seu paradeiro. Na altura, Alexandra ficara enfurecida com Robert por manter em segredo a localização de Wilhelmina. Posteriormente, perguntou-se se Philip teria alguma ideia do que se encontrava sob a aparência zelosa de Briarwood, em especial por ter sido determinante para o empurrão final que viria a ditar o encerramento daquele sítio.

Há dois dias, recebera uma carta de Wilhelmina, informando-a de que a rapariga estava de partida para Kaeleer, o Reino das Sombras. Não – Wilhelmina tinha agora vinte e sete anos, já não era uma rapariga. Não importava. Não deixava de ser da família. Era ainda a sua neta.

Alexandra abanou a cabeça para quebrar a linha de pensamento e reparou que Philip caminhava na sua direcção. Sustendo a respiração, perscrutou-lhe os olhos cinzentos.

— Não está lá— disse Philip calmamente.

Alexandra soltou a respiração com um suspiro. — Graças às Trevas. — Contudo, compreendeu o que ficara por dizer: *ainda não*.

Philip ofereceu-lhe o braço. Aceitou, agradecida pelo apoio. Era um bom homem, o oposto do seu meio-irmão. Ficara satisfeita quando ele e Leland celebraram esponsais e a satisfação foi ainda maior quando decidiram casar, passado o ano de esponsais.

Alexandra olhou para trás, para a plataforma onde Dorothea proferira aquele horripilante discurso. — Acreditas nela? — perguntou baixinho.

Philip conduziu-a através de magotes de pessoas que se encontravam ainda em choque e que se agrupavam, reunindo coragem para examinarem os corpos mutilados. — Não sei. Mesmo que somente uma parte do que disse corresponda à verdade... se Sadi... — Faltou-lhe a voz.

Alexandra ainda tinha pesadelos com Daemon Sadi. Também Philip, por razões distintas. Sadi tinha ameaçado Alexandra quando Jaenelle foi internada em Briarwood pela última vez, proporcionando-lhe o sabor da tumba. Quando libertou o poder negro para quebrar o Anel de Obediência, destruíra metade dos Sangue com Jóias de Beldon Mor. Apanhado por essa explosão, a força de Philip fora quebrada, regredindo para a Jóia Verde de Direito por Progenitura.

— Podemos apanhar uma Carruagem esta noite — disse Philip. — Se adquirirmos passagem para uma que viaje pelos Ventos mais escuros, estaremos em casa pela manhã.

— Ainda não. Gostaria que falasses com o Administrador de Dorothea. Tenta marcar uma audiência.

— És Rainha — ripostou Philip. — Não devias ter de mendigar por uma audiência com uma Sacerdotisa, não importa quem...

— Philip. — Apertou-lhe o braço. — Agradeço a tua lealdade, porém, neste momento, *somos* mendigos. Não me posso dar ao luxo de mais suposições. Não estou convencida de que Dorothea não seja o monstro que sempre aparentou ser, mas *estou* plenamente convencida de que o Senhor Supremo *representa* uma ameaça maior. — Arrepiou-se. — Temos de ir a Kaeleer à procura de Wilhelmina. Não podemos ir sem ter todo o conhecimento possível sobre o inimigo, independentemente da fonte de informações.

— Está bem — disse Philip. — E Vania e Nyselle? Acompanham-nos?

— Ficarão ou irão, a escolha é delas. Com certeza não se importarão com o que faço. — Suspirou. — Quem diria, há um mês, que teria de considerar a ideia de ter Dorothea como aliada?

3 / Terreille

Kartane SaDiablo vagueava pelos jardins clássicos, esforçando-se por ignorar os olhares inquisitivos ou compadecidos das poucas pessoas que ainda não se tinham recolhido.

Aguardara até a carruagem de Dorothea desaparecer antes de se afas-

tar da plataforma. Os corpos mutilados que foram deixados para observação macabra não o incomodavam. Fogo do Inferno, Dorothea fizera o mesmo – ou pior – a tantas outras pessoas, quando se sentia com vontade de brincar. Contudo, parecia que ninguém se lembrava disso. Ou, porventura, nenhum dos imbecis aqui presentes alguma vez presenciara um dos acessos de fúria da Sacerdotisa.

Mas o Administrador e o Guarda-Mor... Idiotas de tomates mirrados. Tinham, verdadeiramente, *lágrimas* nos olhos ao ajudarem-na a subir para a carruagem. Como podiam acreditar que estava sob o efeito de um encantamento ao longo de todos estes séculos, de que não se tinha deleitado com o sofrimento das suas vítimas?

Oh, sem dúvida que parecera sincera e repesa. Kartane não acreditou nem por um momento. Qualquer homem que tivesse sido obrigado a proporcionar prazer a Dorothea na cama não teria acreditado. Daemon não teria, isso podia Kartane asseverar.

Daemon. O filho do Senhor Supremo. Isso explicava bastante sobre o seu “primo”. Durante os anos em que Daemon foi criado como bastardo na corte de Dorothea, saberia ela? Com certeza que sabia. O que significava que o Senhor Supremo do Inferno não nutriria qualquer afecto pela Sacerdotisa Suprema de Hayll.

O que o trazia de volta às suas próprias preocupações.

A misteriosa enfermidade que começara há quase treze anos, estava a debilitá-lo. Todos os outros homens que desfrutaram do pequeno parque de diversões secreto de Briarwood já estavam debaixo de terra. Por ser haylliano, uma das raças de longevidade prolongada, e por nunca mais ter regressado a Chaillot, era o único que restava. E sentia que o tempo estava a esgotar-se.

Depois de ter sido revelada a ligação entre a enfermidade e Briarwood, algumas semanas atrás, pôs-se a pensar – quando a sua mente não estava consumida por pesadelos, *permitindo* que pensasse – e chegava sempre à mesma conclusão: as únicas Curandeiras com poderes suficientes para curar esta enfermidade antes que o destruísse e as únicas que não tinham conhecimento da causa, encontravam-se em Kaeleer. Serviriam, com certeza, nas cortes das Rainhas de Territórios, que, se Dorothea não tivesse mentido sobre esse ponto, estavam sob o controlo do Senhor Supremo. O que significava que teria de encontrar algo que comprasse o auxílio do Senhor Supremo. Graças ao discurso de Dorothea, dispunha agora de informações que julgava serem do interesse do Príncipe das Trevas.

Satisfeito com a decisão tomada, Kartane sorriu. Passaria mais alguns dias a esquadriñar informações, para depois visitar o Reino das Sombras.

Alexandra Angelline sentou-se delicadamente na cadeira, aliviada por Dorothea ter optado por uma sala de recepções privada em vez de uma sala de audiências oficial. Este encontro já iria ser bastante difícil sem ter que suportar uma corte repleta de hayllianos escarnecedores.

Todavia, estar sozinha com Dorothea também acarretava alguns inconvenientes. Ouvira dizer que a Sacerdotisa Suprema de Hayll tinha sido uma bela mulher. Oh, o espectro dessa beleza ainda estava presente, mas havia uma inclinação inegável nos ombros de Dorothea, uma curvatura na coluna. Manchas de idade salpicavam-lhe as costas das mãos morenas e o cabelo e o rosto...

Acontece a todos, mais tarde ou mais cedo, pensava Alexandra ao observar Dorothea a servir o chá em chávenas finas. Mas como seria deitar-se à noite como uma mulher no seu auge e acordar na manhã seguinte como uma velha de pele descaída?

— Agradeço-vos... por me terdes concedido uma audiência — disse Alexandra, tentando não se atrapalhar.

Os lábios de Dorothea curvaram-se num ligeiro sorriso ao passar a Alexandra a chávena de chá. — Fiquei surpreendida por terdes solicitado uma audiência. — O sorriso desvaneceu-se. — Não estivemos de acordo no passado. E, tendo em conta o que aconteceu à vossa família, tendes razões para me odiar. — Hesitou, bebeu um gole de chá e prosseguiu calmamente: — A ideia de enviar Sadi para Chaillot foi minha, mas não me consigo lembrar de quem partiu a sugestão ou a razão pela qual concordei. Sobre essas memórias existe um véu que ainda não consegui romper.

Alexandra levou a chávena aos lábios mas voltou a baixá-la, sem beber. — Achais que foi obra do Senhor Supremo?

— Sim, acho. Sadi é uma arma bela e cruel e o seu pai sabe usá-la convenientemente. E a verdade é que alcançaram os seus objectivos.

— Que objectivos? — inquiriu Alexandra, zangada. — Sadi dilacerou a minha família e matou a minha neta mais nova. Qual foi o desígnio de *tais* acções?

Dorothea recostou-se, bebeu um gole de chá e disse, calmamente: — Esqueceis-vos, Irmã. O corpo da rapariga nunca foi encontrado.

Alexandra sentiu arrepios perante o modo expectante como Dorothea a olhava. — Não tem qualquer significado. É um coveiro muito discreto. — Colocou a chávena e o pires na mesa, sem tocar no chá. — Não vim aqui para falar do passado. Quão perigoso é o Senhor Supremo?

— Daemon Sadi é o filho do seu pai. Isso responde à vossa pergunta?

Alexandra tentou sem êxito disfarçar um calafrio. — E julgais deveras que pretende destruir os Sangue em Terreille?

— Tenho a certeza. — Dorothea tocou no cabelo encanecido. — Paguei um preço elevado para ter essa certeza.

— A minha outra neta, Wilhelmina Benedict, viajou recentemente para Kaeleer — disse Alexandra, com delicadeza.

Dorothea ficou tensa. — Quando foi isso?

— Atravessou ontem o Portão.

— Mãe Noite — exclamou Dorothea, descaindo na cadeira. — Lamento imenso, Alexandra. Lamento imenso.

— Eu e o Príncipe Alexander pretendemos viajar para Kaeleer logo que a “feira de serviços” termine e voltem a permitir a entrada de visitantes. Com sorte, conseguiremos encontrá-la e convencer a Rainha com a qual tenha assinado contrato a libertá-la dessa obrigação.

— O perigo em que se encontra é muito maior — disse Dorothea, com um ar preocupado.

— Não há qualquer razão para que Wilhelmina atraia atenções — objectou Alexandra, com a voz estridente de medo — Não há qualquer razão para aceitar um contrato fora da Pequena Terreille.

— Existem duas razões: o Senhor Supremo e a feiticeira que controla. Se não a encontrarem rapidamente, Wilhelmina irá parar aos seus braços tenebrosos e nessa altura não restará a mínima esperança.

Embora a sala estivesse aquecida, Alexandra sentiu um arrepio de frio a percorrer-lhe a coluna.

Dorothea limitou-se a olhá-la por um longo momento. — Eu disse-vos — Sadi e o Senhor Supremo atingiram os seus objectivos. Ninguém procura um cadáver durante muito tempo quando é preciso tratar dos que ficaram. E o corpo da vossa neta nunca foi encontrado.

Alexandra olhava estupefacta para Dorothea. — Julgais que *Jaenelle* é a feiticeira poderosa controlada pelo Senhor Supremo? *Jaenelle*? — Riu-se amargamente. — Fogo do Inferno, Dorothea, *Jaenelle* nem conseguia realizar a Arte mais *básica*.

— Se soubermos ler entre as linhas de alguns dos registos mais... restritos... da história dos Sangue, descobriremos que existiram algumas mulheres — muito poucas, graças às Trevas — que possuíam enormes reservas de poder que não conseguiam extrair sozinhas. Necessitavam de uma... ligação... emocional com alguém que possuísse a capacidade de canalizar o poder para o usar. Contudo, nem sempre podiam escolher a forma *como* era usado. — Dorothea fez uma pausa. — Os rumores que têm chegado recentemente da Pequena Terreille sobre o bichinho de estimação do Senhor Supremo descrevem-na como “excêntrica”, “algo perturbada emocio-

nalmente”. Parece-vos familiar?

Alexandra não conseguia respirar. Não havia ar suficiente na sala. Por que razão não havia ar suficiente?

— Se decidirdes agir, dar-vos-ei a ajuda que estiver ao meu alcance.
— Dorothea olhou-a tristemente. — Não o podeis ignorar, Alexandra. Independentemente do que queirais pensar ou daquilo em que queirais acreditar, não podeis ignorar o facto de a feiticeira de estimação do Senhor Supremo, a feiticeira que Daemon Sadi ajudou a conquistar, responder pelo nome de Jaenelle Angelline.

5 / Terreille

Dorothea afastou os cortinados pesados e escuros e fitou o jardim envolvido pela escuridão da noite. Sentia-se exaurida, física e emocionalmente. Oh, como tinha ansiado por enterrar as unhas e arrancar o olhar patético e esperançado dos olhos dos machos do seu Primeiro Círculo. Queriam agarrar-se a qualquer desculpa pelo seu comportamento ao longo dos séculos. Queriam acreditar que fora um *macho* que a tornara cruel, que fora um *macho* que a manipulara e que controlara os seus pensamentos, que fora um *macho* que tinha estado por detrás da sua ascensão ao poder e das atrocidades que se seguiram e que tornaram possível o enfraquecimento e o desbaste da maior parte dos outros Territórios de Terreille.

Não a queriam responsabilizar por nada. Queriam que tivesse sido uma vítima para que não se sentissem envergonhados por a servirem, para que pudessem fingir que a serviram por uma questão de honra e não pela mesquinhez e pelo temor.

Bom, logo que Kaeleer sucumbisse, faria alguns acertos na sua corte. Talvez até fizesse com que os idiotas morressem em batalha, sufocando na honra ensanguentada.

— Estiveste bem hoje, Irmã — disse uma voz rouca mas ainda amenizada. — Eu própria não teria feito melhor.

Dorothea não se virou. Ao olhar Hekatah, a Sacerdotisa das Trevas demónia-morta e autoproclamada Sacerdotisa Suprema do Inferno, ficava com o estômago às voltas. — As palavras eram as vossas, não as minhas, por isso não admira que estejais satisfeita.

— Ainda precisas de mim — ripostou Hekatah ao arrastar-se para uma cadeira junto à lareira. — Não te esqueças disso.

— Eu nunca me esqueço — respondeu Dorothea baixinho, não desviando o olhar do jardim.

Fora Hekatah que vira o seu potencial quando era ainda uma jovem

feiticeira a aprender os deveres de uma Sacerdotisa bem como a Arte de Viúva Negra. Fora Hekatah que lhe acalentara as ambições e os sonhos de poder, que lhe indicara as possíveis rivais que poderiam interferir com esses sonhos. E fora Hekatah que ajudara a eliminar essas rivais. A Sacerdotisa Suprema estivera presente, a cada passo, orientando, aconselhando.

Não se recordava do momento em que se apercebera que Hekatah precisava tanto dela como ela própria precisava de Hekatah. Essa necessidade fizera com que se desprezassem mutuamente, pese embora estivessem ligadas pelo sonho comum de dominarem todo um Reino.

— Credes verdadeiramente que, depois de tudo o que fizemos para controlar Terreille, aquelas Rainhas irão acreditar que foi tudo culpa do Senhor Supremo?

— Se tiveres lançado adequadamente os feitiços de persuasão, não há razão para não acreditarem — afirmou Hekatah, com um veneno adocicado.

— Não há nenhum problema com as minhas capacidades na Arte, Sacerdotisa — retorquiu Dorothea com igual veneno, virando-se para encarar a outra mulher.

— As tuas capacidades não serviram para eludir o encantamento com que Sadi te envolveu, pois não?

— Tal como as vossas capacidades não vos protegeram ou ajudaram a inverter os males.

Hekatah silvou, furiosa, e Dorothea voltou-se novamente para a janela, sentindo uma pequena satisfação pelo anzol bem lançado.

Sete anos atrás, Hekatah tentara controlar Jaenelle Angelline e eliminar Lucivar Yaslana. Algo correu mal com o seu plano e a repercussão desse confronto retirara-lhe a capacidade de passar por viva, tornara-a num cadáver ressequido e em decomposição. Nos primeiros dois anos, insistira que tudo o que precisava era ingerir grandes quantidades de sangue fresco para renovar o corpo. Contudo, os demónios-mortos eram, de certa forma, espíritos que ainda possuíam demasiada energia psíquica para regressarem às Trevas e que se encontravam retidos num corpo sem vida. Enquanto a energia subsistia, podendo ser renovada, o corpo podia ser mantido pela ingestão de sangue. Mas nada iria recuperar a aparência de Hekatah. O fluído tinha sido espremido da carne morta e nos últimos sete anos o corpo, morto há 50.000 anos, tinha vindo a deteriorar-se.

— Acreditarão que o Senhor Supremo é o responsável por todas as perversões em Terreille — afirmou Hekatah, surgindo por detrás de Dorothea, tão próxima que o seu reflexo podia ver-se no vidro da janela, obscurecido pela noite. — *Querem* acreditar. É um mito, uma história terrível sussurrada durante milhares de anos. E quem quer que tenha dúvidas em relação ao *Senhor Supremo*, não as terá em relação a Yaslana e a Sadi. A ideia de ver

os três unidos e a utilizarem uma feiticeira poderosa como ferramenta será suficiente para unir Terreille contra Kaeleer. No fim de contas, não importa a *razão* pela qual se juntam à luta, importa unicamente que lutem.

— Ganhámos uma aliada obstinada esta tarde – Alexandra Angelline, a Rainha de Chaillot. — Os lábios de Dorothea formaram um sorriso maldoso. — Ficou chocada ao descobrir que a neta mais nova tem estado sob o domínio do Senhor Supremo durante todos estes anos, graças a Daemon Sadi.

Hekatah franziu o sobrolho. — É uma tola, mas não é estúpida. Se convencer Jaenelle a ajudá-la a manter o controlo sobre Chaillot...

Dorothea abanou a cabeça. — Não acredita que Jaenelle tenha poderes. Pude ver nos seus olhos. Inventei uma historiazita sobre mulheres que são reservas de poder em bruto – também não acreditou. É capaz de aceitar o facto de que Sadi e o Senhor Supremo pretenderam chegar a Jaenelle por razões perversas, contudo, continuará a acreditar no que *quiser* acreditar sobre Jaenelle Angelline. Logo que chegue à Pequena Terreille, o Senhor Jorval estará a aguardá-la para oferecer ajuda. *Nunca* irá referir que Jaenelle é a Rainha de Ebon Askavi. E duvido que Alexandra acredite no que lhe for dito no Paço, *qualquer* que seja o seu interlocutor.

Hekatah deu uma gargalhada de satisfação.

— E imagino que logo que conheça efectivamente o Príncipe Saetan Daemon SaDiablo, o Senhor Supremo do Inferno, terá o maior prazer em enviar-nos as informações que julgue serem úteis para nós.

— E se ele descobrir a sua traição... — Hekatah encolheu os ombros. — Bem, de qualquer forma teríamos de nos ver livres dela depois da guerra.

Dorothea olhou fixamente para os reflexos das duas no vidro. Em tempos, tinham sido mulheres encantadoras. Presentemente, Hekatah assemelhava-se a um cadáver devorado por vermes e ela própria...

Sadi criara uma espécie de encantamento para envelhecer e deformar o corpo de Dorothea, pese embora nada tivesse feito para lhe diminuir o desejo sexual. Os Sangue chamavam-lhe Sádico, mas ainda não tinha tido oportunidade de apreciar até onde ia a sua crueldade. Sadi conhecia os seus desejos – era óbvio que os conhecia dado que, na sua juventude, teve de os satisfazer. Sabia também a humilhação que Dorothea sentiria ao ver a repulsa nos olhos dos machos que montava ao invés da mistura excitante de luxúria e temor. Agora, depois da confissão chorosa, nem isso conseguiria obter.

— Informaste as tuas Rainhas de estimação que terão de se abster dos prazeres mais – imaginativos – por agora? — questionou Hekatah.

— Disse-lhes — respondeu Dorothea, irritada. — Se irão comedir-se ou não é difícil dizer.

— Aquelas que cederem terão de ser eliminadas.

— E como iremos explicar *isso*?

Hekatah emitiu um som de impaciência. — Como é óbvio, também elas têm vivido sob a influência do encantamento do Senhor Supremo. A tua heróica luta para te libertares também libertou algumas das tuas Irmãs mas, infelizmente, nem todas. Bastará matar uma ou duas para que as outras compreendam a mensagem e se portem como deve ser.

— E quando ganharmos?

— Quando ganharmos, poderemos fazer o que nos der na real gana. Dominaremos os Reinos, Dorothea. Não só Terreille, mas todos – Terreille, Kaeleer e o Inferno.

Deliciando-se com a possibilidade, Dorothea nada disse durante vários minutos. Por fim, relutantemente, perguntou: — Julgais deveras que o temor suscitado pelo Senhor Supremo será suficiente para iniciar uma guerra? Julgais mesmo que irá resultar?

O que restava dos lábios de Hekatah formou um sorriso pavoroso. — Da última vez resultou.

6 / Kaeleer

A Rainha de Arachna instalou-se junto ao ombro da mulher de cabelo louro, com ar cansado, que se apoiava num pedregulho plano.

«É mau?» perguntou a grande aranha dourada de voz suave.

Jaenelle Angelline afastou o cabelo do rosto e suspirou. Os seus perturbados olhos azul-safira semicerraram-se ligeiramente face à luz do sol da manhã, estudando outra vez os filamentos delicados da teia entrelaçada que tecera durante a noite. — Sim, é mau. Avizinha-se uma guerra. Uma guerra entre os Reinos.

«Pode evitar-se?»

Jaenelle abanou a cabeça devagar. — Não. Ninguém a poderá evitar.

A aranha mexeu-se com inquietação. O ar que rodeava a mulher tinha um sabor de tristeza – e a uma raiva gélida e crescente. «Os de duas pernas já lutaram antes. É pior desta vez?»

— Vê por ti.

Aceitando o convite formal, a Rainha arachniana abriu a mente aos sonhos e às visões da grande teia entrelaçada que Jaenelle tecera entre um pedregulho e uma árvore próxima.

Tanta mortandade. Tanto sofrimento e pesar. E uma contaminação gradual que maculava os sobreviventes.

Afastando-se dos sonhos e das visões, examinou a própria teia e reparou em dois elementos estranhos. Um era o delicado anel em prata com uma Jóia Ébano que fora colocado no centro da teia. Raramente se tecia uma lasca de Jóia numa teia entrelaçada visto que a magia que moldava essas teias era suficientemente poderosa – e perigosa – e esta Jóia em particular pertencia a Jaenelle, que era a Feiticeira, o mito vivo, os sonhos tornados realidade. O outro elemento estranho era o triângulo. Muitos dos fios estavam ligados ao anel, mas existiam três fios sobrepostos a todos os outros, que formavam um triângulo à volta do anel.

Intrigada, a aranha continuou a observar a teia. Já vira aquele triângulo. Força, paixão, coragem. Lealdade, honra, amor. Quase conseguia sentir o cheiro acre a macho naqueles fios.

— Se Kaeleer aceitar o repto de Terreille e entrar na guerra — disse Jaenelle baixinho, — os Sangue de ambos os Reinos serão aniquilados. Todos os Sangue. Mesmo os parentes.

“Alguns sobreviverão. Sempre assim foi.”

— Desta vez será diferente. Oh, alguns sobreviverão fisicamente à guerra, mas... — Jaenelle ficou com a voz embargada. Respirou fundo. — Todas as minhas Irmãs, todos os meus amigos desaparecerão. Todas as Rainhas desaparecerão. Todos os Príncipes dos Senhores da Guerra.

“*Todos?*”

— Não restarão Rainhas para sararem a terra, não restarão Rainhas para manterem os Sangue unidos. A carnificina prosseguirá até não restar ninguém para chacinar. As feiticeiras ficarão tão estéreis quanto a terra. O dom do poder que nos foi oferecido há tanto tempo será a derradeira arma que nos irá destruir. Se Kaeleer entrar na guerra contra Terreille.

“Ter de combater” disse a aranha. “Ter de parar contaminação gradual.”

Jaenelle sorriu amargamente. — A guerra não a deterá. Sei quem nutriu as sementes e se a eliminação de Dorothea e de Hekatah impedisse que tal acontecesse, eu própria as destruiria neste preciso momento. Todavia, não iria evitar o que quer que fosse, não nesta altura. Iria apenas adiá-la e isso seria mais grave. Este é o sítio certo e a altura certa para purificar os Sangue dessa contaminação.

“Falas de caminhos que não levam a lado nenhum” repreendeu a aranha. “Dizes não poder combater mas ter de combater. Baralhada? Talvez tenhas lido mal teia.”

Jaenelle virou a cabeça para a aranha, com um olhar divertido e frio. — E onde foi que aprendi a tecer uma teia entrelaçada? Se não a estou a interpretar correctamente talvez não tenha sido bem ensinada.

A aranha fez uso da Arte para produzir um zumbido irritante indi-

cador de uma séria desaprovação. “Não é culpa da aranha que ensina se a pequena aranha dá mais atenção a apanhar mosca do que à lição.”

O riso argentino e aveludado de Jaenelle espalhou-se pelo ar. — Nunca tentei apanhar moscas. E prestei *mesmo* atenção à aranha que ensinava. Afinal, na altura *era* a Rainha das Tecedeiras de Sonhos.

A Rainha arachniana voltou a acomodar-se, ligeiramente apaziguada.

A boa disposição de Jaenelle desvaneceu-se ao dirigir os olhos azul-safira de volta para a teia. — Terreille irá para a guerra.

“Assim sendo, Kaeleer irá pelejar.”

— Esta teia mostra dois caminhos — disse Jaenelle serenamente.

“Não” retorquiu a aranha com firmeza. “Uma teia, uma visão. É esse o costume.”

— Dois caminhos — insistiu Jaenelle. — Se seguir o segundo caminho, Kaeleer não entrará em guerra com Terreille e as Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra sobreviverão para cuidar do Reino das Sombras e protegê-lo.

“Então quem combaterá com Terreille?”

Jaenelle hesitou. — A Rainha das Trevas.

“Mas a Rainha és *tu*!”

Jaenelle exalou bruscamente. — Uma guerra que depure os Reinos, salde as dívidas, recupere o dom do poder que foi oferecido. Existe uma forma. *Tem* de existir uma forma, contudo a teia ainda não me mostra por causa disto. — O seu dedo indicava o triângulo. — Este não é o triângulo da Rainha. — Com o dedo, delineou o lado esquerdo do triângulo. — Este fio é o Senhor Supremo. — Delineou o fio da base. — E este fio é Lucivar. — O seu dedo hesitou no lado direito do triângulo. — Mas este fio não é Andulvar. Devia ser, uma vez que é o Guarda-Mor, mas é outro. Alguém que ainda não está aqui, alguém que me guiará às respostas de que necessito para caminhar pelo outro caminho.

“O fio não dizer o seu nome?”

— Diz que o espelho está a chegar. Que tipo de resposta é... — Ficando tensa, Jaenelle pôs-se de joelhos. — Daemon — sussurrou. — *Daemon*.

A aranha mexeu-se com inquietação. A Feiticeira saboreara o ar com um intenso prazer ao sussurrar aquele nome – porém, sob o prazer estava um ligeiro travo a medo.

— Tenho de ir — disse Jaenelle à pressa, pondo-se em pé de um salto. — Ainda tenho de parar nalguns Territórios dos parentes antes de regressar ao Paço. — Hesitou, olhou de relance para a aranha. — Com a tua permissão, gostaria de guardar esta durante uns tempos.

“As tuas teias ser bem-vindas entre as Tecedeiras de Sonhos.”

Erguendo a mão, Jaenelle usou a Arte para lançar um escudo protec-

tor nos fios da teia entrelaçada. Voltou-se para trás, olhando para a aranha.
— Que as Trevas te protejam, Irmã.

“E a ti, Rainha Irmã” respondeu cerimoniosamente a aranha.

A Rainha arachniana aguardou até que Jaenelle apanhasse um dos Ventos, as estradas psíquicas que percorriam as Trevas, antes de usar a Arte para flutuar com delicadeza em direcção à teia entrelaçada.

Uma teia, uma visão. Era esse o costume. Contudo, quando a Feiticeira tecia uma teia...

Fazendo uso do instinto e de todos os seus ensinamentos, a aranha roçou levemente com uma das patas num dos pequenos fios que flutuavam soltos do anel Ébano. A teia entrelaçada desvendou-lhe o segundo caminho.

A aranha recuou bruscamente. “NÃO!” gritou, enviando um fio psíquico de comunicação tão longe quanto conseguia alcançar. “NÃO! Não pelo segundo caminho. Não é resposta! Tu não caminhar por esse caminho!”

Não obteve resposta. Nem um tremeluzir da mente poderosa da Feiticeira que indicasse que tinha ouvido.

“Tu não caminhar por esse caminho” voltou a dizer a aranha tristemente, vendo com nitidez onde esse caminho conduziria.

Talvez não. A Feiticeira conseguia tecer uma teia entrelaçada melhor do que qualquer outra Viúva Negra, mas nem a Feiticeira conseguia detectar todos os aromas nos fios.

A Rainha arachniana voltou para a teia e sentiu um leve puxão. Caminhando pelo ar, seguiu o puxão até um fio junto ao lado da teia que se encontrava apoiado na árvore. Com cautela, roçou uma pata no fio.

Cão. O cão castanho e branco que vira na primeira teia que tecera depois de passar a estação do frio. Pedira à Feiticeira que trouxesse o cão, Ladvarian, à ilha das Tecedeiras. Queria ver este Senhor da Guerra – e queria que ele a visse.

Puxou pelo fio de Ladvarian, sentindo as vibrações a percorrerem a teia. Muitos dos fios ligados ao anel Ébano – os fios dos parentes – começaram a brilhar. Também os fios humanos brilhavam, mas não com igual intensidade, não com igual perseverança. Tinha de se lembrar disso. E aquele triângulo...

Mantendo a pata apoiada no fio de Ladvarian, a aranha deixou a mente pairar até à gruta secreta, a gruta sagrada no centro da ilha. Era aí que as Rainhas arachnianas se dirigiam vezes sem conta para ouvirem os sonhos – e para tecerem, fio a fio, as teias especiais que ligavam os sonhos ao corpo, sendo o primeiro passo tangível na criação da Feiticeira.

Pequenas teias. Teias maiores. Por vezes, fora uma única raça, fora um único tipo de sonhadores, a dar corpo à Feiticeira. Outras vezes, os sonhadores eram originários de sítios diferentes, tendo necessidades diferentes

que, de alguma forma, se encaixavam, tornando-se num sonho único.

Quando o tempo desse sonho corpóreo terminava, cessando a sua viagem pelos Reinos, a Rainha arachniana cortava respeitosamente os fios de suporte que mantinham a teia presa às paredes da gruta, enrolava a seda de aranha numa bola e depositava-a num nicho para depois, mediante a Arte, fazer com que crescessem cristais sobre a abertura. Existiam muitos nichos fechados, mais do que os Sangue humanos poderiam pensar. A verdade é que os parentes sempre se revelaram sonhadores mais crentes.

Na gruta, existia uma teia que fora iniciada há muito, muito tempo. Geração após geração, as Rainhas arachnianas cardaram um dos fios de suporte dessa teia, escutaram os sonhos e adicionaram mais filamentos. Tantos sonhadores nesta teia, tantos sonhos que se conjugaram para se tornarem num só. Há vinte e cinco anos, pelo cálculo humano, esse sonho ganhara, enfim, corpo.

No centro dessa teia especial existia um triângulo. Três sonhadores poderosos. Três fios que foram reforçados tantas vezes que eram agora grossos e extraordinariamente poderosos.

E, enquanto devorava a carne da sua antecessora, oferecida de livre vontade, fora transmitida a mesma mensagem a cada Rainha: Lembra-te desta teia. Conhece esta teia. Compreende cada fio.

A aranha voltou a centrar a atenção na nova teia.

Sonhos tornados realidade. Um espírito sustentado nas Trevas, moldado pelos sonhos. E uma teia entrelaçada, igualmente sustentada e escondida numa gruta repleta de poder vetusto, que guiava esse espírito para o tipo corpóreo adequado.

Por vezes, surgiram momentos em que a aranha viu coisas terríveis nas suas teias oníricas e visionárias, momentos em que se perguntou se esse espírito específico teria, verdadeiramente, encontrado o corpo indicado; momentos em que se questionou se, porventura, alguns dos fios não seriam demasiado antigos. Não, existia uma razão para que este espírito tivesse sido moldado neste corpo. O sofrimento e as chagas não foram da responsabilidade do acto de sonhar – nem dos sonhadores.

A aranha extraiu seda do seu corpo, ligando-a cuidadosamente ao fio de Ladvarian.

Ora bem. A Feiticeira optaria pelo segundo caminho, não tendo consciência de que ao salvar Kaeleer e os seus entes queridos, iria provocar a destruição do Coração de Kaeleer.

Tinha de haver uma maneira de salvar o Coração de Kaeleer.

Tecendo um fio de suporte entre o tronco da árvore e um ramo robusto, a Rainha arachniana começou a tecer a sua própria teia entrelaçada.

CAPÍTULO DOIS

1 / Kaeleer

Lucivar Yaslana folheou a lista de volta à primeira página de nomes ordenadamente escritos e afastou-se da mesa, subtilmente divertido perante os homens apanhados entre a vontade de consultar as listas na mesa e a vontade de *não* se chegarem muito perto *dele*.

Essa era uma das vantagens em relação aos outros homens que vagueavam de mesa em mesa para examinarem as listas da feira de serviços. Ninguém o acotovelava ou se queixava por levar muito tempo a perscrutar os nomes, pois ninguém queria intrometer-se com um Príncipe dos Senhores da Guerra que usava Jóias Ébano-Acinzentadas, que era um guerreiro eyrieno nascido e criado e que tinha um temperamento cruel e a reputação de soltar as rédeas a esse temperamento – e aos punhos – sem pensar duas vezes. Acrescia ainda o facto de pertencer a uma das famílias mais poderosas do Reino, bem como encontrar-se ao serviço da Corte das Trevas em Ebon Askavi, não sendo, pois, de admirar que outros homens rapidamente lhe dessem precedência.

Mas nem todos esses factores contribuíam para se sentir tranquilo na feira de serviços em Goth, a capital da Pequena Terreille. Fosse qual fosse o nome que lhe dessem, esta feira tinha o travo acentuado às feiras de escravos que ainda se realizavam no Reino de Terreille.

Dirigindo-se para a porta com lentidão, Lucivar respirou fundo e, de imediato, desejou não o ter feito. O enorme salão estava à cunha e, mesmo com as janelas abertas, o ar tresandava a suor e a cansaço – e ao medo e desespero que pareciam erguer-se dos milhares de nomes naquelas listas.

Logo que se encontrou no exterior do edifício, Lucivar abriu as asas escuras e com membranas em toda a sua envergadura. Não estava certo se seria por desafio devido a todas as vezes que esse movimento natural lhe valera o golpe de um chicote ou se queria unicamente sentir o sol e o vento nas asas por um momento, depois de ter estado no interior do edifício

durante várias horas – ou, ainda, se seria simplesmente uma forma de se lembrar de que agora era o comprador e não a mercadoria.

Fechando as asas, dirigiu-se ao canto mais distante do recinto reservado para o “acampamento” eyrieno.

Reparara em vários nomes eyrienos que lhe interessavam, mas não o único nome – o nome haylliano – que era a razão principal pela qual passara as últimas horas a pesquisar aquelas malditas listas. Contudo, nos últimos cinco anos viera sempre procurar o nome de Daemon nas listas, desde que os idiotas do Conselho das Trevas decidiram que estas “feiras de serviços” bianuais seriam a forma de encaminhar as centenas de pessoas que fugiam de Terreille e que tentavam encontrar algo a que se agarrar em Kaeleer. E questionou-se, como sempre acontecia, sobre a razão da ausência do nome de Daemon. E rejeitava, como sempre acontecia, todas as razões, excepto uma: não estava a procurar o nome correcto.

Mas tal não seria provável. Independentemente do nome que Daemon usasse para chegar a Kaeleer, uma vez na feira teria de usar o próprio nome. Aqui, muita gente o reconheceria e, dado que o castigo por mentir sobre as Jóias usadas era a expulsão imediata do Reino – seja de volta para Terreille ou a derradeira morte – alterar o nome mas continuar a admitir que usava as Jóias Negras só o faria parecer idiota visto que era o *único* macho, para além do Senhor Supremo, a usar as Negras em toda a história dos Sangue. As Trevas sabiam que Daemon era muitas coisas, mas não era idiota.

Afastando a punhalada da desilusão, Lucivar magicou sobre a forma como iria explicar isto a Ladvarian. O Senhor da Guerra sceltita fora tão insistente para que, desta vez, Lucivar verificasse as listas minuciosamente, parecera tão confiante. A maioria das pessoas acharia estranho este sentimento de apreensão por poder desapontar um cão que mal lhe chegava aos joelhos, contudo, tendo esse cão como melhor amigo mais de trezentos quilos de temperamento felino, um homem inteligente não ignoraria sentimentos caninos.

Lucivar afastou estes pensamentos ao chegar ao “acampamento” eyrieno: um grande cercado em terra batida, uma caserna em madeira deficientemente construída, uma bomba de água e uma enorme tina. Não era assim tão diferente dos redís de escravos em Terreille. Oh, existiam alojamentos melhores no recinto para aqueles que ainda dispunham dos marcos em ouro ou prata para pagar, com água quente e camas que não eram meros sacos-cama no chão. Mas para a maioria, resumia-se a isto: um grande esforço para ficar apresentável depois de dias de espera, a remoer, com esperanças. Mesmo aqui, entre uma raça em que a arrogância era tão natural como respirar, conseguia detectar os odores da fadiga extrema provocada pelos escassos víveres, pelo pouco tempo de sono e pelos nervos desgasta-

dos até ao ponto de ruptura. Quase conseguia saborear o desespero.

Abrindo o portão, Lucivar entrou. A maior parte das mulheres estava junto à caserna. A maior parte dos homens dividia-se em pequenos grupos, próximos do portão. Alguns olharam-no de relance e ignoraram-no. Outros ficaram tensos ao reconhecê-lo, desviando o olhar, ignorando-o da mesma forma que haviam ignorado o rapaz bastardo que acreditara ser.

Contudo, alguns dos machos começaram a dirigir-se a Lucivar. Cada traço do corpo a lançar um desafio.

Lucivar sorriu-lhes devagar e de modo arrogante, numa aceitação ostensiva do desafio, para logo a seguir lhes virar as costas e dirigir-se ao Senhor da Guerra cuja atenção estava centrada nos dois rapazes empenhados num exercício de treino com os bastões.

Um dos rapazes reparou em Lucivar, esquecendo-se do seu companheiro de treino. O outro rapaz usou essa vantagem e espicçou o primeiro com força na barriga.

— Fogo do Inferno, rapaz — disse o Senhor da Guerra com uma tal irritação que Lucivar fez um esgar. — Tens sorte por só ficares com a barriga dorida e não com uma amolgadela nessa tola bronca. Baixaste a guarda.

— Mas... — disse o rapaz, começando a erguer a mão e a apontar.

O Senhor da Guerra ficou tenso, mas não se virou. — Se comesças a preocupar-te com o homem que ainda não te alcançou, aquele com quem estás a lutar irá matar-te. — Foi nesse momento que se virou, devagar, arregalando os olhos.

O esgar de Lucivar acentuou-se. — Estás a amolecer, Hallear. Costumavas pôr-me a barriga a doer e depois ainda levava um estalo por ter permitido que isso acontecesse.

— Baixas a guarda numa luta? — rezingou Hallear.

Lucivar limitou-se a rir.

— Então por que estás para aí a lamuriar-te? Põe-te direito, rapaz, e deixa-me olhar bem para ti.

As bocas dos rapazes estavam escancaradas face ao desrespeito de Hallear por um Príncipe dos Senhores da Guerra. Os machos que repararam nele e que decidiram falar – ou lutar – tinham formado um semicírculo do seu lado direito. Contudo, Lucivar manteve-se imóvel enquanto os olhos de Hallear percorriam o seu corpo; nada disse em resposta aos sons de aprovação do homem mais velho e reprimiu uma gargalhada ao ver o olhar furioso de desaprovação pelo cabelo preto e espesso, que lhe dava pelos ombros.

A forma como usava o cabelo era uma quebra na tradição, uma vez que os guerreiros eyrienos usavam o cabelo curto para evitar que o inimigo o agarrasse. Contudo, depois de se evadir das minas de sal de Pruul, há oito

anos, e tendo vindo parar a Kaeleer em vez de morrer, menosprezara bastantes tradições – e, ao fazê-lo, encontrara outras ainda mais antigas.

— Bem — rosnou Hallevar, por fim, — desenvolveste-te bem e, embora não tenhas uma cara nem de longe tão bonitinha como a desse bastardo sádico a quem chamas de irmão, conseguirás enganar as Senhoras durante algum tempo, desde que mantenhas a fúria com rédea curta. — Massajou a nuca. — Mas este é o último dia da feira. Não resta muito tempo para atraíres a atenção de alguém.

— Nem a ti — retorquiu Lucivar — e a pôr esses cachorrinhos à prova não demonstrarás a ninguém aquilo de que és capaz.

— Quem quer carne rija quando podem ter carne fresca? — resmoneou Hallevar, desviando o olhar.

— Não comeces a cavar a tua própria sepultura — disse Lucivar bruscamente, não ficando satisfeito pelo alívio que sentiu ao ver a raiva a incendiar os olhos de Hallevar. — És um guerreiro experiente e um mestre de armas conhecedor com anos pela frente que permitirão ainda treinar mais uma ou duas gerações. Este é apenas outro tipo de campo de batalha, por isso, agarra na tua arma e mostra a tua coragem.

Hallevar sorriu com relutância.

Necessitando de um contrapeso, Lucivar virou-se para os outros homens. Pelo canto do olho, reparou que algumas mulheres se aproximavam. E reparou que algumas traziam com elas crianças muito pequenas.

Refreou as emoções que começavam a ferver demasiado próximas da superfície. Tinha de escolher com cuidado. Alguns conseguiriam adaptar-se ao modo de vida dos Sangue em Kaeleer e construiriam aqui uma vida agradável. Outros depressa morreriam de forma violenta por não conseguirem, ou não desejarem, adaptar-se. Tinha feito algumas escolhas erradas nas duas primeiras feiras, depositara confiança e não o devia ter feito. Por isso, carregava a culpa pelas vidas estilhaçadas de duas feiticeiras que foram violadas e espancadas – e carregava a memória da raiva doentia que sentira ao executar os machos eyrienos responsáveis por esses actos. Depois disso, encontrara uma forma de confirmar as suas escolhas. Nem sempre confiara no seu próprio discernimento, mas nunca duvidara do de Jaenelle.

— Lucivar.

Lucivar centrou a atenção no Príncipe dos Senhores da Guerra com Jóia Azul-Safira que avançara para a frente do grupo. — Falonar.

— *Príncipe* Falonar — ripostou Falonar.

Lucivar mostrou os dentes num sorriso feríssimo. — Julguei que estávamos a ser informais pois tenho a certeza que um macho da aristocracia como tu não esqueceria algo como cortesia elementar.

— Por que motivo deveria agraciar-te com cortesias?

— Porque eu uso a Ébano-Acinzentada — respondeu Lucivar com demasiada delicadeza ao reposicionar-se ligeiramente, deixando que o outro homem percebesse o desafio e tomasse uma opção.

— Parem lá com isso, os dois — disse Hallear bruscamente. — Estamos todos a pisar areias movediças neste lugar. Não precisamos que nos retirem o chão debaixo dos pés só porque vocês continuam a querer provar qual dos dois tem a pila maior. Esmurrei ambos quando eram fedelhos presunçosos e ainda consigo fazê-lo.

Lucivar sentiu a tensão a fenecer e recuou um passo. Hallear sabia tão bem quanto ele que poderia partir o homem mais velho em dois com as mãos ou com a mente, contudo Hallear fora um dos poucos que vira o guerreiro latente, que não se importara com a linhagem — ou a inexistência de uma.

— Assim é melhor — disse Hallear a Lucivar, acenando a cabeça em sinal de aprovação. — E tu, Falonar. Tiveste duas ofertas, que é mais do que a maioria de nós pode dizer. Talvez fosse melhor se atentasses nelas.

O rosto de Falonar ficou ainda mais tenso. Inspirou fundo e expirou. — Talvez fosse melhor. Não parece que o canalha vá aparecer.

— Que canalha é esse? — perguntou Lucivar serenamente. Mais mulheres e alguns dos homens que se recusaram a reconhecê-lo tinham-se aproximado devagar.

A resposta foi dada por um jovem Senhor da Guerra. — O Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Ouvimos...

— Ouviram...? — Lucivar incitou o Senhor da Guerra a terminar, reparando no movimento de um homem que se aproximou um pouco mais da feiticeira que segurava nos braços uma adorável menina. Os olhos dourados de Lucivar semicerraram-se enquanto abria os sentidos psíquicos mais um pouco. Uma pequena Rainha. Desviou o olhar para o rapaz que segurava com ambas as mãos a saia da mulher. Sentiu força, sentiu potencialidades. Sentiu algo a deslocar-se no seu interior, a intensificar-se. — O que ouviram?

O Senhor da Guerra engoliu em seco. — Ouvimos dizer que é um canalha severo, mas que é justo se o servirmos bem. E não...

Foi o medo nos olhos da mulher e a forma como a sua pele morena empalideceu que afilaram a fúria de Lucivar. — E não come uma mulher a não ser que ela o encoraje? — disse, com extrema delicadeza.

Detectou um acesso de raiva feminina nas proximidades. Antes de conseguir localizar a origem, lembrou-se das crianças que, provavelmente, já apresentariam demasiadas mazelas. — O que ouviram é correcto. Não o faz.

Falonar mexeu-se, chamando novamente a atenção de Lucivar – e da sua fúria – para alguém que a pudesse defrontar. Depois olhou de modo contundente para Hallevar e para dois outros homens que conhecera antes de séculos de escravidão o terem afastado das cortes e dos campos de caça eyrienos.

— É por isso que têm aguardado? — Embora com esforço, conseguiu manter a voz indiferente.

— Tu não esperarias? — retribuiu Hallevar. — Pode não ser o Território que conhecíamos em Terreille, mas também aqui lhe chamam Askavi e talvez não nos pareça tão... estranho.

Lucivar cerrou os dentes. A tarde estava a voar. Tinha de escolher e tinha de o fazer *neste momento*. Voltou-se para Falonar. — Irás vacilar sempre que receberes ordens minhas?

Falonar ficou tenso. — E por que deveria eu aceitar ordens vindas de ti?

— Porque eu *sou* o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih.

Choque. Quietude tensa. Alguns homens – muitos dos que se tinham aproximado – olharam-no com aversão e afastaram-se.

Falonar semicerrou os olhos. — Já tens contrato?

— De longa data. Pensa bem, Príncipe Falonar. Se servir sob as minhas ordens te ficar atravessado na garganta, é melhor aceites uma dessas ofertas uma vez que, se quebrares as regras que eu determinar, desfaço-te em bocadinhos. E tu – e todos os que aqui aguardavam – têm que pensar melhor no que é Ebon Rih.

— É o Território da Fortaleza — disse Hallevar. — Como o Vale Negro em Terreille. Nós sabemos.

Lucivar acenou com a cabeça, não desviando os olhos de Falonar. — Existe uma grande diferença. — Fez uma pausa e acrescentou: — Eu sirvo na Corte das Trevas em Ebon Askavi.

Várias pessoas arquejaram. Os olhos de Falonar arregalaram-se. Foi então que olhou para a Jóia Ébano-Acinzentada que pendia da corrente em ouro ao pescoço de Lucivar, mas não era um olhar insultuoso, era antes um olhar de deferência. — E lá existe mesmo uma Rainha? — perguntou devagar.

— Oh, claro — respondeu Lucivar afavelmente. — Existe lá uma Rainha. Também debes ter presente o seguinte: eu apresento-lhe as minhas escolhas relativamente a quem me serve em Ebon Rih, mas a decisão final é dela. Se ela disser ‘não’, tu desapareces. — Olhou para as pessoas nervosas e silenciosas que o observavam. — Não resta muito tempo para decidir. Eu aguardo junto ao portão. Quem estiver interessado pode ir ter comigo para falarmos.

Caminhou na direcção do portão, consciente dos olhares que o seguiam. Manteve-se de costas para eles, olhando para as cercas que serviam de áreas de espera para outras raças. Observou tudo e não viu nada.

Já não deveria ter importância. Aqui tinha um lugar, aqui tinha uma família, uma Rainha que amava e que se sentia honrado por servir. Era respeitado pela inteligência, pela perícia como guerreiro e pelas Jóias que usava. E era admirado e amado por ser quem era.

Porém, passara 1.700 anos na crença de que era um bastardo mestiço e os insultos e os golpes de que fora alvo, ainda rapaz, nos campos de caça, ajudaram a moldar o temperamento assombroso que herdara do pai. Depois disso, as cortes onde servira como escravo depositaram o possante remate cruel.

Já não deveria ter importância. Já *não tinha* importância. Não permitiria que isso o voltasse a magoar. Mas sabia também que, se Hallear decidisse voltar a Terreille ou aceitasse as migalhas que lhe eram oferecidas noutra corte ao invés de assinar contrato com Lucivar, passaria muito tempo até que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih voltasse à feira de serviços.

— Príncipe Yaslana.

Lucivar quase sorriu face à relutância na voz de Falonar, contudo, manteve o rosto com uma expressão cuidadosamente neutra ao voltar-se para encarar o outro homem. — Já estás a sufocar? — Surpreendeu-se com a circunspecção cautelosa que viu nos olhos de Falonar.

— Nunca simpatizámos um com o outro, por diversas razões. Agora, não temos de simpatizar um com o outro para trabalharmos juntos. Juntos, combatemos os jhinkas. Sabes do que sou capaz.

— Nessa altura, éramos combatentes inexperientes, ambos recebíamos ordens de outrem — disse Lucivar, com cautela. — Agora é diferente.

Falonar acenou com a cabeça, solenemente. — Agora é diferente. Todavia, pela oportunidade de servir em Ebon Rih, estou disposto a pôr o passado de lado. E tu?

Tinham sido rivais, adversários, dois jovens Príncipes dos Senhores da Guerra a debaterem-se para provar a respectiva superioridade. Falonar partira para servir no Primeiro Círculo da Sacerdotisa Suprema de Askavi. Lucivar partira para a escravidão.

— Consegues cumprir ordens? — perguntou Lucivar. Não era uma pergunta despropositada. Os Príncipes dos Senhores da Guerra faziam as suas próprias leis. A menos que entregassem o coração, para além do corpo, a obediência a ordens não era fácil para nenhum deles. Nem naquela altura tinha sido fácil.

— Consigo cumprir ordens — disse Falonar, para depois acrescentar em voz baixa: — Quando as consigo tolerar.

— E estás disposto a seguir as regras que eu determinar, mesmo que signifique perder alguns dos privilégios que estarias à espera?

Falonar semicerrou os olhos dourados. — Não me digas que já não quebras algumas regras?

A pergunta fez com que Lucivar soltasse uma gargalhada surpresa. — Oh, ainda quebro algumas. E depois levo uns belos pontapés no rabo.

Falonar abriu a boca para, de imediato, a voltar a fechar.

— O Administrador e o Guarda-Mor — disse Lucivar friamente, em resposta à pergunta tácita.

— E essas Jóias não te dão uma margem de manobra? — questionou Falonar, inclinando a cabeça para indicar a Jóia Ébano-Acinzentada de Lucivar.

— Com aqueles dois, nem pensar.

Falonar pareceu surpreendido, depois ficou pensativo. — Estás aqui há quanto tempo?

— Oito anos.

— Então já cumpriste o teu contrato.

Lucivar sorriu sarcasticamente. — Dirige as tuas ambições para outro lado, Príncipe. O meu contrato é vitalício.

Falonar ficou tenso. — Julguei que os Príncipes dos Senhores da Guerra só necessitavam servir cinco anos numa corte.

Lucivar acenou com a cabeça em sinal afirmativo e reprimiu o prazer que o assaltou ao ver Hallear a dirigir-se a ele. — É essa a exigência. — Sorriu maliciosamente. — A Senhora demorou apenas três anos a perceber que não foram essas as minhas condições.

Falonar hesitou. — Como é a Senhora?

— Maravilhosa. Bela. Espantosa. — Lucivar olhou para Falonar de forma apreciativa. — Vens para Ebon Rih?

— Vou para Ebon Rih. — Falonar acenou com a cabeça para Hallear e afastou-se para deixar passar o homem mais velho.

— Gostaria de ir contigo — disse Hallear repentinamente.

— Mas? — disse Lucivar.

Hallear olhou por cima do ombro para os dois rapazes que pairavam fora do alcance do ouvido. Voltou-se para Lucivar. — Afirmar que me pertenciam.

— E pertencem?

Os olhos de Hallear inflamaram-se. — Se fossem meus, tê-los-ia reconhecido, mesmo que as mães negassem a paternidade. Nos registos tem de constar um genitor para que uma criança não seja considerada bastarda, mesmo que o homem não tenha a possibilidade de ser pai.

As palavras dilaceravam-no. Prythian, a Sacerdotisa Suprema de Aska-

vi em Terreille e Dorothea SaDiablo tinham tecido as suas teias de mentiras para o separar de Luthvian, a sua mãe, para além de terem alterado os documentos de nascimento pois não queriam que ninguém soubesse quem era, de facto, o seu pai. Ficara estarecido quando soube que o ressentimento que carregava consigo devido a esse ludíbrio não era nada em comparação com a raiva de Saetan.

— A mãe de um deles é uma prostituta numa casa da Lua Vermelha — disse Hallear. — Não admira que não soubesse quem a fecundou. A outra mulher era a conhecida amante de um Senhor da Guerra da aristocracia. A feiticeira com quem casara era estéril e era do conhecimento geral que se certificava de que a sua amante não convidava mais nenhum homem para a cama. Queria a criança, tê-la-ia reconhecido. Contudo, quando nasceu, a mãe indicou uma dúzia de homens na corte que declarava puderem ser os genitores. Fê-lo propositadamente e, por querer vingar-se do pai, condenou a criança.

Lucivar acenava simplesmente com a cabeça, debatendo-se com a ira que ardia no seu interior.

— Este é um lugar novo, Lucivar — suplicou Hallear. — Uma nova oportunidade. Tu sabes como é. Deves compreender melhor do que ninguém. Não são fortes como tu. Nenhum dos dois irá usar Jóias escuras. Mas são bons rapazes e terão o seu valor. E são eyrienos puros — acrescentou.

— Por isso não carregam o estigma de serem mestiços — argumentou Lucivar, demonstrando um controlo implacável.

— Nunca usei essa palavra contigo — disse Hallear calmamente.

— Não, não usaste. Mas é uma palavra que sai facilmente sem pensar. Por isso, dou-te um conselho, Senhor Hallear. É uma palavra que será melhor esqueceres, pois nada poderei fazer para te salvar se a proferires na presença do meu pai.

Hallear olhou espantado para Lucivar. — O teu pai está aqui? Conhece-lo?

— Conheço. E acredita, não sabes o que é a fúria até seres o receptor da ira do meu pai.

— Não me esquecerei. E os rapazes?

— Sem mentiras, Hallear. Levá-los-ei por eles próprios e terão de se sujeitar à aprovação da Rainha, como qualquer outro macho.

Hallear sorriu, claramente aliviado. — Vou-lhes dizer para reunirem os nossos pertences. — Um aceno curto com a mão e os rapazes correram para a caserna. Sem olhar para Lucivar, perguntou: — Tem orgulho de ti?

— Quando não me quer enganar ou dar um pontapé no rabo.

Hallear tentou reprimir uma gargalhada e acabou por produzir uma pieira. — Gostaria de conhecê-lo.

— Assim será — prometeu Lucivar, friamente.

Quer fosse por ver os primeiros a ser aceites, quer fosse por precisarem de algum tempo para reunir coragem, outros foram-se aproximando.

Aproximou-se o jovem Senhor da Guerra, Endar e a mulher, Dorian, o filho deles, Alanar e a filha Orian, a pequena Rainha.

A mulher estava apavorada, o homem nervoso. Todavia, a menina sorriu ternamente para Lucivar, desencostou-se da mãe e estendeu-lhe os braços.

Lucivar pegou nela, apoiou-a na anca e sorriu abertamente. — Não venhas com ideias, olhos vivos. Já estou comprometido — disse-lhe, ao mesmo tempo que lhe fazia suaves cócegas, suscitando-lhe risadinhas. Quando a entregou de volta à mãe, Dorian fitava-o como se lhe tivesse nascido outra cabeça.

De seguida, aproximaram-se Nurian, uma Curandeira que ainda não completara a formação, com a irmã mais nova, Jillian, que estava prestes a fazer a passagem de rapariga para mulher.

Depois veio Kohlvar, um artesão de armas. Seguiram-se Rothvar e Zaranar, dois guerreiros que Lucivar recordava dos campos de caça.

Enquanto falava com eles, um pensamento importunava-o. Qual o motivo que os tinha trazido aqui? Kohlvar era um jovem homem, pelos padrões das raças de longevidade prolongada, quando Lucivar fora mandado embora de Askavi. Mesmo nessa altura, Kohlvar tinha acabado de terminar a sua aprendizagem e já era conhecido pela força e pelo equilíbrio das armas que fabricava. Poderia ter tido uma boa vida em Terreille e poderia ter-se mantido afastado das intrigas da corte, se assim o quisesse. Rothvar e Zaranar eram guerreiros experientes, que poderiam ter encontrado uma posição na maioria das cortes de Askavi ou poderiam ter aceiteado qualquer tipo de trabalho independente, se assim o desejassem.

E por que razão um Príncipe dos Senhores da Guerra da aristocracia deixaria Terreille?

A circunspecção que sentia avolumou-se. Estaria a situação em Terreille muito pior do que suspeitavam ou estariam estes homens aqui por outra razão?

Lucivar afastou estes pensamentos. Não detectara nada nas pessoas que o procuraram que o levasse a rejeitá-las, por isso deixaria esta dúvida sossegada, por agora. E deixaria que Jaenelle as julgasse.

Quando o último homem partiu para ir buscar os seus pertences à caserna, Lucivar concordara levar consigo vinte machos e uma dúzia de fêmeas.

Quantos sobreviveriam até ao final dos contratos?, perguntou-se ao vê-los dirigirem-se apressadamente para ele, com os parques pertences que tinham sido autorizados a trazer. Em Kaeleer, existiam outros perigos para

além dos que esperavam. Sem esquecer os demónios-mortos. Tendo em conta o lugar para onde os levava, depressa teriam de aceitar a realidade de ter demónios-mortos a caminhar entre eles.

Inspirou fundo e deixou sair o ar lentamente. — Prontos?

Achou divertido, embora não o tivesse surpreendido, ver Falonar a inspeccionar o grupo e responder-lhe como se Lucivar já o tivesse aprovado como o seu segundo-comandante.

— Estamos prontos.

2 / Kaeleer

Daemon Sadi cruzou as pernas, juntou os dedos e apoiou o queixo nas longas unhas tingidas a negro. — E as Rainhas nos outros Territórios? — perguntou com a sua voz profunda e culta.

O Senhor Jorval sorriu, enfadado. — Tal como expliquei anteriormente, Príncipe Sadi, as Rainhas que não são da Pequena Terreille não estão dispostas a aceitar de bom grado os Irmãos e Irmãs terreilleanos nas suas cortes e mesmo os imigrantes que conseguem contratos não se sentem desejados.

— Indagastes? — Os olhos dourados de Daemon ficaram momentaneamente vidrados. Um estranho ou um conhecimento de passagem poderiam pensar que parecia cansado ou entediado, contudo, aquele olhar letárgico teria apavorado quem realmente o conhecesse.

— Indaguei — disse Jorval, com alguma rispidez. — As Rainhas não responderam.

Daemon olhou de relance para as quatro folhas de papel espalhadas na secretária à sua frente. Nos últimos dois dias, ele e Jorval tinham-se sentado nesta sala por seis vezes. Aquelas folhas de papel, com as quatro Rainhas interessadas na obtenção dos seus serviços, tinham-lhe sido apresentadas na primeira reunião. Foram as únicas.

Jorval entrelaçou as mãos e suspirou. — Tendes de compreender. Um Príncipe dos Senhores da Guerra é considerado um elemento perigoso, mesmo quando usa uma Jóia mais clara e serve no seio do seu próprio povo. Um homem com o vosso vigor e reputação... — Encolheu os ombros. — Tenho consciência de que as vossas expectativas pudessem ser diferentes. As Trevas bem sabem, são muitos os que possuem uma ideia irrealista da vida em Kaeleer. Mas posso afiançar-vos, Príncipe, que o facto de termos quatro Rainhas dispostas a aceitar o desafio de vos ter ao serviço nas suas cortes durante os próximos cinco anos é insólito – e não é uma oportunidade que se deva ignorar.

Daemon não deu qualquer indicação de que a advertência fora sentida com a intensidade de uma estocada. Não, não podia ignorar as opções limitadas se quisesse permanecer em Kaeleer. Mas não sabia se conseguiria suportar qualquer uma daquelas mulheres durante o tempo suficiente para fazer aquilo que aqui o trouxera. E não conseguia deixar de imaginar qual seria a dimensão da oferenda que Jorval receberia da Rainha que escolhesse.

De repente, era demasiado: a privação de sono, a pressão para fazer uma escolha incômoda, os nervos à flor da pele devido ao que planeava – e as questões que se tinham levantado das conversas que escutara ao passear pela feira de serviços.

— Vou considerá-las e depois informo-vos — disse Daemon, dirigindo-se para a porta com a agilidade graciosa que levava os observadores a imaginar um predador felino.

— Príncipe Sadi — chamou Jorval bruscamente.

Daemon parou à porta e voltou-se.

— O último sino soará em menos de uma hora. Se até lá não tiverdes escolhido, não restará qualquer opção. Tereis de aceitar qualquer tipo de oferta que vos for proposta ou abandonar Kaeleer.

— Estou ciente da situação, Senhor Jorval — disse Daemon, com demasiada delicadeza.

Saiu do edifício, enfiou as mãos nos bolsos das calças e começou a caminhar sem destino.

Desprezava o Senhor Jorval. Havia algo no odor psíquico do homem, algo infectado. E, por detrás daqueles olhos sombrios e inexpressivos, muito havia escondido. Desde o primeiro encontro, vira-se forçado a combater o desejo instintivo de ascender à orla assassina e de enfiar o mirrado Senhor da Guerra numa cova funda e secreta.

Que motivo teria levado o Senhor Magstrom a encaminhá-lo para Jorval? Ao chegar a Goth, falara sucintamente com o ancião, a uma hora tardia no terceiro dia da feira e estava cautelosamente disposto a confiar na opinião do homem. Ao exprimir o desejo de servir numa corte fora da Pequena Terreille, os olhos azuis de Magstrom cintilaram de regozijo.

As Rainhas para além das fronteiras da Pequena Terreille são bastante selectivas quanto às escolhas que fazem, dissera Magstrom. Contudo, dispõem de uma vantagem relativamente a um homem como vós – sabem lidar com machos de Jóias escuras.

Magstrom prometera recolher informações e combinaram encontrar-se no dia seguinte, de manhã cedo. Mas quando Daemon chegou, quem o aguardava era o Senhor Jorval com os nomes de quatro Rainhas que pretendiam controlar a sua vida durante os cinco anos subsequentes.

Os odores a comida duvidosa que detectava ao passar afilaram-lhe o

temperamento já bastante aguçado, lembrando-lhe que quase não come-
ra nos últimos dois dias. O choque de aromas intensos misturados com
odores corporais de igual intensidade, ajudaram-no a recordar a razão que
o levou a não comer.

Mais do que isso, a incapacidade de dormir e a falta de apetite deviam-
-se a questões para as quais não encontrava respostas. Não neste local.

Após sair do Reino Distorcido demorara cinco anos a chegar a Kaele-
er. Não havia pressa. Jaenelle não estava a aguardá-lo, tal como prometera
quando marcou o trilho que indicava a saída da loucura. *Ainda* não sabia
o que efectivamente acontecera quando tentara trazer Jaenelle do abismo
para que salvasse o corpo. As memórias dessa noite, passados treze anos,
estavam ainda baralhadas, ainda lhe faltavam partes. Tinha a vaga memória
de que alguém lhe dissera que Jaenelle estava morta – que o Senhor Supre-
mo convencera outro macho a tornar-se o instrumento de destruição de
uma criança extraordinária.

Por isso, quando *não* encontrou Jaenelle na ilha onde Surreal e Manny
o mantiveram a salvo e escondido, e quando Surreal lhe contou acerca da
sombra que Jaenelle criara para o trazer para fora do Reino Distorcido...

Passara os últimos cinco anos na crença de que ele assassinara a crian-
ça que era a sua Rainha; passara os últimos cinco anos na crença de que
ela usara todas as derradeiras forças no esforço de o tirar da loucura para
que saldasse a dívida que lhe era devida; passara os últimos cinco anos a
aprimorar as competências na Arte, permitindo que a mente sarasse tan-
to quanto possível com um único objectivo: vir para Kaeleer e aniquilar o
homem que o usara como instrumento – o seu pai, o Senhor Supremo do
Inferno.

Contudo, estando agora aqui...

Falatório e especulação sobre as feiticeiras no Reino das Sombras cir-
culavam neste local, correntes de pensamentos facilmente apanhadas no ar.
As correntes que o enervaram ao passear pela feira no dia anterior foram
as especulações sobre uma estranha e terrível feiticeira que conseguia ver
a alma de um homem só com um olhar. De acordo com o falatório, quem
quer que assinasse um contrato fora da Pequena Terreille era levado à pre-
sença dessa feiticeira e quem quer que fosse considerado inaceitável não
sobrevivia para ver a luz de um novo dia.

Podia ter ignorado esse falatório, não fosse ter-lhe finalmente ocorrido
que, porventura, Jaenelle *estivera* à sua espera, mas não em Terreille. Dei-
xara a mágoa toldar-lhe os pensamentos, bloqueando todas as memórias, à
excepção das melhores que correspondiam aos poucos meses que privara
com ela. Por conseguinte, esquecera-se dos laços que já ligavam Jaenelle a
Kaeleer.

Se *estivesse*, de facto, no Reino das Sombras, já perdera cinco anos que poderia ter passado junto a ela. Não iria passar os cinco anos seguintes noutra corte, almejando à distância.

Isto é, se ela *estivesse* viva.

Uma alteração nos odores psíquicos à sua volta fê-lo abandonar os pensamentos. Olhou à volta e praguejou baixinho.

Estava na extremidade mais afastada do recinto da feira. A julgar pelo firmamento, teria de correr para regressar ao edifício administrativo e fazer a sua escolha antes de soar o sino que indicava o término do último dia da feira. Mesmo assim, poderia não chegar a fazer uma escolha se Jorval não estivesse a aguardá-lo.

Ao voltar-se para regressar, reparou num dos estandarte vermelhos indicativos de um posto onde eram preenchidos os contratos das cortes. De um lado, estavam alguns eyrienos e, aguardando a vez, estava uma fila deles. Contudo, foi o guerreiro eyrieno que observava os procedimentos que imobilizou Daemon.

O homem usava um colete em cabedal e as calças pretas e justas que os eyrienos apreciavam. O cabelo preto caía-lhe pelos ombros, o que era invulgar num macho eyrieno. Porém, foi a forma de estar, a forma como se movia que lhe pareceu tão penosamente familiar.

Daemon foi invadido por uma alegria desvairada, ficando com o coração na boca e os olhos a arder cheios de lágrimas. *Lucivar*.

Mas é óbvio que não podia ser. Lucivar morrera há oito anos, ao fugir das minas de sal de Pruul.

Foi nessa altura que o homem se virou. Por um momento, Daemon pensou vislumbrar a mesma alegria desvairada nos olhos de Lucivar antes de a ver perdida numa fúria fulminante.

Testemunhando a fúria e relembrando-se que os assuntos inacabados entres os dois só poderiam terminar em derramamento de sangue, Daemon refugiou-se por detrás da máscara gélida com a qual vivera a maior parte da vida e começou a afastar-se.

Tinha dado apenas alguns passos quando sentiu uma mão a agarrar-lhe o braço direito e a virá-lo.

— Há quanto tempo estás aqui? — questionou Lucivar.

Daemon tentou livrar-se da mão, mas os dedos de Lucivar estavam cravados com tanta força que deixariam marcas. — Há dois dias — respondeu Daemon com uma delicadeza fria. Sentiu que a máscara lhe estava a escapar por isso tinha de sair dali antes que as emoções transbordassem. Neste preciso momento, não estava certo se iria enfrentar a ira de Lucivar com lágrimas ou com raiva.

— Já assinaste algum contrato? — Lucivar abanou-o. — Já?

— Não, e resta-me pouco tempo para o fazer. Se tu me permitires.

Lucivar rosnou, apertou com mais força e quase levantou Daemon do chão. — Não constavas das listas — resmoneou enquanto arrastava Daemon em direcção à mesa sob o estandarte vermelho. — Eu verifiquei. Não constavas de nenhuma das abomináveis listas.

— Peço perdão pelo inconv...

— Cala-te, Daemon.

Daemon cerrou os dentes e caminhou com passos mais largos para acompanhar o irmão. Não sabia qual era a jogada de Lucivar, mas maldito fosse se iria permitir ser arrastado como um cachorro avesso.

— Olha, Bastardinho — disse Daemon, tentando contrabalançar o temperamento volúvel de Lucivar com a razoabilidade, — tenho de...

— Vais assinar contrato com o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih.

Daemon bufou, arreliado. — Não achas melhor discutir antecipadamente o assunto com ele?

Lucivar olhou-o de modo incisivo. — Não costumo discutir os assuntos comigo próprio, Bastardolas. Fica aqui.

Daemon sentiu o chão a girar e decidiu que era um bom conselho. — Há quanto tempo estás em Kaeleer? — perguntou, sentindo-se enfraquecido.

— Há oito anos. — Lucivar silvou enquanto um ancião Senhor da Guerra eyrieno assinava um contrato e se desviava da mesa. — Fogo do Inferno. Por que demora aquela larva tanto tempo a escrever uma linha? — Avançou um passo para a mesa. Depois virou-se e disse afavelmente: — Não tentes sair daqui. Se o fizeres, parto-te as pernas em tantos sítios que nem conseguirás rastejar.

Daemon nem sequer se deu ao trabalho de responder. Lucivar não fazia ameaças vãs e, num confronto físico, Daemon sabia que não conseguiria derrotar o seu meio-irmão eyrieno. Além disso, o chão sob os seus pés não parava de rodopiar de formas inesperadas que ameaçavam o seu próprio equilíbrio.

O Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Lucivar era o Príncipe dos Senhores da Guerra do território que pertencia a Ebon Askavi, a Montanha Negra a que também chamavam Fortaleza – e que era também o Santuário da Feiticeira.

Tal poderia não significar nada. Fosse ou não vigiada por Príncipe dos Senhores da Guerra – e fosse ou não governada por uma Rainha – a terra não deixaria de existir.

Todavia, o facto de Lucivar estar aqui, vivo, acalentava em Daemon a esperança de se ter também enganado em relação à morte de Jaenelle. Teria

ela enviado Lucivar à feira de serviços à sua procura? Teria um dos inquéritos do Senhor Magstrom chegado às suas mãos? Estaria ela...

Daemon abanou a cabeça. Demasiadas perguntas – e este não era o local nem a altura para obter respostas. Mas, oh, como começava a acalentar esperanças.

Quando Lucivar se aproximou da mesa, alguém chamou: — Príncipe Yaslana. Estão aqui mais duas para juntar ao contrato.

Virando-se na direcção da voz, Daemon sentiu o chão a escapar-lhe ainda mais. Dois homens, um Senhor da Guerra de Jóia Azul-Safira e um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha, arrastavam duas mulheres até à mesa. Um homem de cabelo castanho com uma pala preta no olho e a coxear vincadamente seguia-os, furioso.

A mulher assustada tinha cabelos negros, pele clara e olhos azuis. Já lá iam treze anos desde que estivera com Wilhelmina Benedict, a meia-irmã de Jaenelle. Tornara-se numa bela mulher, mas não abandonara o receio delicado que a caracterizava como adolescente. Arregalou os olhos ao vê-lo, mas nada disse.

A mulher que resmoneava, de longos cabelos pretos, pele morena de tons dourados, orelhas delicadamente pontiagudas e ardentes olhos verde-dourados, era Surreal. Deixara a ilha há quatro meses, não dando qualquer explicação para além de que tinha um assunto a tratar.

De início, não reconheceu o homem que mancava. Ao ver o lampejo de reconhecimento nos olhos azuis do homem, sentiu uma pontada no coração. Andrew, o moço da cavalaria que o ajudara a escapar aos guardas hayllianos, depois de levarem Jaenelle de novo para Briarwood.

— Senhor Khardeen. Príncipe Aaron — disse Lucivar, cumprimentando formalmente o Senhor da Guerra de Jóia Azul-Safira e o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha.

— Príncipe Yaslana, estas Senhoras devem fazer parte do contrato — pronunciou o Príncipe Aaron, de modo respeitoso.

Lucivar olhou para ambas as mulheres com um olhar que poderia esfolá-las vivas. De seguida, olhou para Khardeen e Aaron. — Aceites.

Wilhelmina tremia manifestamente, mas Surreal prendeu o cabelo atrás das orelhas pontiagudas e semicerrou os olhos, dirigindo-se a Lucivar. — Olha, docinho...

— Surreal — Daemon chamou baixinho. Abanou a cabeça. O que não vinha nada a calhar era que Surreal e Lucivar se desentendessem.

Surreal silvou. Quando tentou libertar-se da mão do Príncipe Aaron, o homem soltou-a, posicionando-se de forma a bloquear qualquer tentativa de fuga. Fitando Lucivar com um desagrado profundo, deslocou-se até ficar ao lado de Daemon. — É o teu irmão? — perguntou em voz baixa.

— Aquele que estava presumivelmente morto?

Daemon acenou afirmativamente com a cabeça.

Surreal observou Lucivar durante um minuto. — E *está* morto?

Pela primeira vez desde que chegara a Kaeleer, Daemon sorriu. — Os demónios-mortos não suportam a luz do dia – pelo menos, é que o rezam as histórias – por isso, eu diria que Lucivar *está* bem vivo.

— E então, não consegues dissuadi-lo? Tenho um marco de travessia segura e um passe de visitante válido por três meses. Não vim aqui assinar contratos para servir em cortes e no dia em que tiver de saltar quando aquele cabrão estalar os dedos é o dia em que o sol brilhará no Inferno.

— Não apostes nisso — segredou Daemon, observando Lucivar a examinar o membro do Conselho das Trevas que estava a preencher o contrato.

Antes de Surreal ter oportunidade de responder, Wilhelmina aproximou-se furtivamente. — Príncipe Sadi — disse com uma voz à beira do pânico. — Senhora.

— Senhora Benedict — respondeu Daemon formalmente, enquanto Surreal acenava com a cabeça, em reconhecimento.

Wilhelmina olhava atemorizada para Lucivar, que falava agora com o ancião Senhor da Guerra eyrieno. — É assustador — sussurrou.

Surreal sorriu maliciosamente e falou em voz alta. — Se um homem usa as calças assim tão justas, é normal que lhe apertem os tomates, o que o deixa enfurecido.

Aaron, que estava junto a eles, começou a tossir com violência, tentando abafar as gargalhadas.

Ao ver Lucivar a interromper a conversa, dirigindo-se a eles, Daemon suspirou e desejou saber um feitiço que silenciasse Surreal durante as próximas horas.

Lucivar deteve-se à distância de um braço, ignorando a forma como Wilhelmina se encolhia e centrando a atenção em Surreal. O sorriso letárgico e arrogante que exibia era, habitualmente, o único aviso que precedia um confronto.

Surreal baixou a mão direita, deixando o braço estendido ao longo do corpo.

Reconhecendo o gesto como o sinal de aviso de *Surreal*, Daemon tirou as mãos dos bolsos das calças e mexeu-se ligeiramente, preparando-se para a deter antes que cometesse a insensatez de ameaçar Lucivar com uma faca.

— És filha de Titian, não és? — perguntou Lucivar.

— O que te interessa isso? — ripostou Surreal.

Lucivar examinou-a por um momento. Depois, abanou a cabeça e resmungou entre dentes: — Vais ser difícil de aturar.

— Sendo assim, talvez fosse melhor se me deixasses ir embora — disse Surreal com um veneno adocicado.

Lucivar riu-se baixinho e com maldade. — Se achas que vou explicar à Rainha das Harpias a razão pela qual a sua filha serve noutra corte quando estive defronte dela, é melhor pensares duas vezes, feiticeirazita.

Surreal cerrou os dentes. — A minha mãe *não* é uma harpia. E eu não sou uma feiticeirazita. E não vou assinar uma porcaria de um contrato que te dê controlo sobre mim.

— Pensa melhor — disse Lucivar.

A mão de Daemon fechou-se no braço direito de Surreal. Aaron agarrou-lhe o braço esquerdo.

O sino que indicava o término da feira de serviços soou três vezes.

Surreal praguejou violentamente. Lucivar limitou-se a sorrir.

De repente, ouviu-se a voz de um homem a protestar, subindo de tom, e todos centraram as atenções na mesa.

Daemon viu de relance o homem espalhafatosamente vestido que endireitava papéis diligentemente e que ignorava o jovem Senhor da Guerra eyrieno.

Resmoneando, Lucivar dirigiu-se a passos largos para a mesa, passou pela fila de eyrienos confusos e perturbados e parou ao lado do homem que continuava a fingir não reparar em nenhum deles.

— Há algum problema, Senhor Friall? — perguntou Lucivar serenamente.

Friall afastou os folhos dos pulsos e continuou a reunir a papelada. — Já soou o sino que indica o término da feira. Se estas pessoas ainda estiverem disponíveis quando chegardes amanhã para o dia da reclamação, podeis fazer-lhes um contrato de acordo com a regra da primeira oferta.

Daemon ficou tenso. O Senhor Jorval explicara várias vezes a regra da primeira oferta da feira de serviços. Durante a feira, era permitido aos imigrantes recusarem uma oferta de serviço numa corte ou aguardarem por outra oferta proveniente de uma corte diferente, ou ainda, tentarem negociar uma posição melhor. Contudo, o dia que se seguia à feira era o dia da reclamação. Restava uma única opção. O imigrante poderia aceitar qualquer tipo de oferta que fosse feita pela primeira corte que preenchesse uma pretensão relativamente à sua pessoa – e Jorval insinuara que qualquer posição oferecida na reclamação era, geralmente, degradante – ou poderia regressar a Terreille, voltando a tentar a sorte na feira seguinte. Gastara em subornos dois milhões de marcos em ouro, só para poder ser incluído nas listas de imigração desta feira de serviços. Tinha meios para o voltar a fazer caso se atrevesse a regressar a Terreille. Todavia, a maioria gastara tudo o que possuía nesta oportunidade única por uma vida que, assim se esperava,

fosse melhor. Assinariam um contrato pelo privilégio de rastejar, se essa fosse a única forma de permanecerem em Kaeleer.

— Ora bem, Senhor Friall — disse Lucivar, ainda com um tom de voz sereno, — sabeis tão bem como eu que um indivíduo tem de ser aceite antes das badaladas finais, mas depois disso, temos uma hora para preencher e assinar contratos.

— Se pretendeis assinar o contrato para os que já se encontram na lista, podeis levá-los convosco de imediato. Os outros terão de aguardar até amanhã — insistiu Friall.

Lucivar ergueu a mão direita e coçou o queixo.

O que se seguiu foi tão rápido que Daemon nem se apercebeu do movimento. Num momento, Lucivar estava a coçar o queixo. No momento seguinte, a sua espada de guerra eyriena repousava delicadamente no pulso esquerdo de Friall.

— Ora bem — disse Lucivar de modo agradável, — podeis terminar de preencher esse contrato ou decepo-vos a mão esquerda. A escolha é vossa.

— Merda — murmurou Surreal, aproximando-se mais de Daemon.

— Não podeis fazer isto — lamuriou-se Friall.

A mão de Lucivar não pareceu mover-se pese embora tenha surgido um fino fio de sangue no pulso de Friall.

— Informarei o Conselho — gemeu Friall. — Arranjareis um belo sarilho.

— É possível — respondeu Lucivar. — Mas isso não vos trará de volta a mão esquerda. Com sorte, será tudo o que ireis perder. Se não...

Um movimento apressado desviou o olhar de Daemon para a esquerda. O Senhor Magstrom, o membro do Conselho das Trevas com quem tinha falado em primeiro lugar, parou no lado oposto da mesa.

— Quiçá possa ajudar-vos, Príncipe Yaslana? — perguntou o ancião, esbaforido.

Lucivar levantou os olhos e Magstrom ficou petrificado, não lhe restando pinga de sangue no rosto.

— Mãe Noite — murmurou Aaron. — Elevou-se até à orla assassina.

Daemon não se mexeu. Nem os outros. Um Príncipe dos Senhores da Guerra na orla assassina era um homem violento e incontável. Usava a Negra, a única Jóia mais escura do que a Ébano-Acinzentada de Lucivar, mas qualquer tentativa para controlar o seu irmão só iria arruinar o escasso autocontrolo que ainda lhe restava. No mínimo, Friall morreria. Na pior das hipóteses, seria uma carnificina.

— O Senhor Friall afirma que os contratos não podem ser preenchidos após a badalada final — disse Lucivar com uma serenidade falaciosa.

— Com certeza que se equivocou — respondeu Magstrom, de imediato. — Existe um período de tolerância após a badalada final, permitindo que os papéis sejam preenchidos. — Vendo que Lucivar não respondia, respirou com cautela. — O Senhor Friall parece estar indisposto. Com a vossa permissão, eu próprio terminarei de preencher os contratos.

Nesta altura, o folho branco à volta do pulso de Friall era de um vermelho húmido e vivo. Do nariz do homem corria ranho e choramingava em silêncio.

Lucivar anuiu com um aceno de cabeça e Magstrom puxou os papéis da pequena poça de sangue na mesa, pegando na caneta que estava junto aos papéis. Dirigindo-se à extremidade oposta da mesa, Magstrom sentou-se.

Lucivar ergueu a mão esquerda e apontou para Daemon. — Primeiro, ele.

Magstrom completou o topo do contrato e depois olhou para Daemon, à espera. A sua testa estava salpicada por gotas de suor.

Mexe-te, maldito sejas, mexe-te. Durante um momento de tensão, o corpo de Daemon recusou-se a obedecer-lhe. Quando, por fim, as pernas começaram a funcionar, teve a sensação arrepiante de estar a caminhar sobre gelo fino e rachado e um passo em falso seria desastroso.

— Daemon Sadi — disse Magstrom calmamente, escrevendo o nome com uma caligrafia simples. — De Hayll, não é verdade?

— Sim — respondeu Daemon. Aos seus próprios ouvidos, a sua voz soava-lhe enrouquecida, cavernosa. Magstrom não deu qualquer indicação de ter reparado.

— Quando nos conhecemos, lembro-me que me dissestes que usais uma Jóia escura, mas não me lembro qual.

Na reunião com Magstrom, dissera que a Vermelha era a sua Jóia de Direito por Progenitura, contudo, evitara mencionar a categoria actual da sua Jóia. Agora já não era possível continuar a evitar. — A Negra.

Magstrom olhou para cima, com os olhos arregalados pelo choque. De seguida, preencheu o espaço no papel. — E trouxestes convosco dois criados?

— Manny é uma feiticeira de Jóia Branca. Jazen é um Senhor da Guerra de Jóia Violácea.

Magstrom anotou as informações e depois virou o contrato para Daemon. — Assinai aqui, pondo depois as vossas iniciais nos espaços para as outras duas assinaturas, indicando que aceitais a responsabilidade pelos vossos criados. — Quando Daemon se inclinou para assinar o contrato, Magstrom sussurrou: — Esta corte teria sido a minha escolha para vós. Pertenceis-lhe.

Mantendo-se em silêncio, Daemon afastou-se da mesa para deixar

passar Surreal. Olhou de relance para Lucivar, cujos olhos dourados e vítreos simplesmente o olhavam fixamente.

— Nome? — perguntou Magstrom.

— Surreal.

Percebendo que não acrescentaria mais nada, Magstrom disse docilmente: — Embora não sejam muito usados em Kaeleer, é usual registar formalmente um nome de família.

Surreal olhou-o fixamente para logo sorrir maliciosamente. — SaDiablo.

Magstrom arquejou. Khardeen e Aaron olharam por momentos para ela, boquiabertos, antes de se afastarem da mesa.

Daemon fechou os olhos e deixou de ouvir as restantes respostas. Uma vez que era a filha bastarda de Kartane SaDiablo, provavelmente disse-o como uma bofetada à mãe do seu pai, Dorothea. Não havia forma de saber que o nome era carregado de significado em Kaeleer.

— Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas — exclamaram duas vozes em unísono.

Daemon abriu os olhos. Aaron e Khardeen estavam à sua frente, observando Surreal a afastar-se da mesa.

Aaron olhou para Daemon. — É deveras o seu nome de família?

Daemon hesitou. Não sabia a que tipo de estigma era sujeito um bastardo em Kaeleer e devia bastante a Surreal para revelar um ponto potencialmente fraco. — O homem que a gerou responde por esse nome — respondeu, com cautela.

— O que achas que devemos fazer? — perguntou Aaron a Khardeen.

— Vender bilhetes — respondeu Khardeen, de imediato. — E depois, temos de encontrar um lugar seguro para ver a explosão.

A diversão à conta de Surreal inflamou a fúria de Daemon. — Representará algum problema?

— Podemos dizer que sim — disse Khardeen jovialmente para logo ficar com uma expressão séria. — Vede bem, o que a Senhora Surreal ainda não percebeu é que, ao declarar formalmente ser membro da família SaDiablo, acaba de adquirir Lucivar como primo.

— E se achais que Lucivar tem uma personalidade dominante relativamente aos outros machos, devíeis vê-lo com as mulheres da família — acrescentou Aaron.

E com Jaenelle?

A pergunta não foi expressa de viva voz pois não queria testemunhar a expressão desorientada nos seus rostos ao ouvirem o nome – e também por não ter a certeza sobre a sua própria reacção se detectasse reconhecimento. Seria melhor perguntar a Lucivar – em privado. E as perguntas que agora

lhe surgiam sobre mulheres e família... Também essas teriam de ficar para mais tarde.

— E nem sequer iremos tentar imaginar o que acontecerá quando se meter com os machos do lado Dea al Mon da sua família — disse Khardeen.

— E que motivo teriam para se imiscuir? — perguntou Daemon.

— É filha de Titian, que chegou, finalmente, a casa — disse Aaron. Depois, sorriu abertamente. — A Senhora Surreal estás prestes a descobrir que agora tem parentes machos de ambas as descendências que irão meter-se na sua vida — e vários desses machos são Príncipes dos Senhores da Guerra.

Mãe Noite! — Nunca irá tolerar — disse Daemon.

— Bem, não terá muito por onde escolher — respondeu Khardeen.

— Os Sangue são matriarcais. Não é assim em Kaeleer?

— Claro que sim — disse Aaron, animadamente. — Contudo, os machos têm direitos e privilégios e tiramos deles o máximo partido. — Examinou Daemon por um momento. — Poderíeis tentar mantê-la calma enquanto nós ficamos de olho em Lucivar? Se ninguém o pressionar, é provável que consiga controlar a fúria.

— Conhecei-lo assim tão bem? — perguntou Daemon.

Percebeu nos seus olhares que sabiam, mas que tinham mantido cuidadosamente camuflado até agora. Sabiam que era irmão de Lucivar. E sabiam...

— Todos servimos na mesma corte, Príncipe Sadi — disse Aaron, serenamente. — Todos servimos no Primeiro Círculo da Senhora.

Afastaram-se dele.

Poderiam até ter gritado dos telhados. *Está viva!*

Júbilo e ansiedade guerrearam dentro de si, provocando batimentos desenfreados do coração, levando o sangue a zurzir nas veias a grande velocidade. *Está viva!*

Mas o que pensaria dele? O que *sentiria* por ele?

Não tinha respostas. Aqui não. Por enquanto.

Com um cuidado exagerado, Daemon dirigiu-se a Surreal. No momento em que parou, sentiu que balançava como um salgueiro sob rajadas de vento.

Surreal passou os braços à volta do braço esquerdo de Daemon e firmou os pés.

— O que se passa? — perguntou baixinho, com urgência. — Estás doente?

Melhor do que ninguém, Surreal seria capaz de adivinhar exactamente o que se passava, mas Daemon não estava disposto a admiti-lo. Não neste momento. — Quase não dormi nem comi nos últimos dias — disse.

Surreal semicerrou os olhos e acabou por aceitar a verdade que era também uma mentira. — Compreendo. Este sítio arrepia-me.

Daemon abriu o reservatório de poder armazenado na Jóia Negra. Fluiu pelo corpo e, pela primeira vez desde que vira Lucivar, sentiu-se estável.

Surreal detectou a alteração. Soltou um braço, deixando o outro entrelaçado com o de Daemon, de modo afectuoso. — Porque achas que o Senhor da Guerra ancião que está a elaborar os contratos ficou tão chocado quando lhe disse que o meu nome de família era SaDiablo? A cabra da Dorothea é assim tão conhecida por estes lados?

— Não sei — disse Daemon, ponderadamente. — Mas já ouvi que o nome do Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan é S. D. SaDiablo. — Esta não era a altura adequada para lhe contar que o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan era também o Senhor Supremo do Inferno — bem como o seu pai e o de Lucivar.

— Merda — resmoneou Surreal para logo encolher os ombros. — Bom, não me parece que o venha a conhecer e, se alguém perguntar, posso dizer que *talvez* sejamos parentes distantes. Muito distantes.

Recordando os comentários de Khardeen e de Aaron, Daemon emitiu um ruído que se assemelhava a um gemido.

— Tens a certeza que estás bem? — perguntou Surreal, examinando-o.

— Estou bem. — Muito bem. Mais do que isso. Acreditaria, insistiria, até se tornar autêntico. — Faz-me um favor. Pergunta a Khardeen ou a Aaron se vamos viajar nas Carruagens da Teia e depois entra em contacto com a Manny para que ela e Jazen possam ir ter connosco.

Não perguntou qual o motivo para ele próprio não o fazer, e Daemon sentiu-se grato.

Por fim, chegou a vez do último eyrieno assinar o contrato e afastar-se da mesa. Lucivar, que não se mexera nem proferira uma palavra desde que o Senhor Magstrom começara a preencher os contratos, invocou um pano limpo, limpou o sangue da espada, fez com que ambos desaparecessem e contornou a mesa para assinar os contratos.

Segurando o pulso que sangrava contra o peito, Friall limpou o nariz na manga limpa e disse, com uma voz amuada: — Tendes de fazer cópias. Não pode levar o contrato sem fazerdes cópias.

Lucivar endireitou-se lentamente e virou-se para Friall.

Uma voz masculina praguejou baixinho.

Olhando de modo contundente para Friall, Magstrom disse apressadamente: — Providenciarei contratos em branco ao Príncipe Yaslana. O Administrador da Corte poderá produzir as cópias, devolvendo-as depois ao Conselho das Trevas para que os funcionários os registem. — Vendo que Friall estava prestes a protestar e, decerto, a provocar a própria morte, Ma-

gstrom acrescentou: — Já vi o Senhor Jorval proceder deste modo muitas vezes. Explicou que podíamos confiar nos Administradores para que produzissem cópias exactas e que era a única forma de tornar mais expedito o processo de instalação dos imigrantes nas suas novas casas.

Invocando uma pasta fina em pele, Lucivar arquivou os contratos e fê-la desaparecer. Acenou educadamente a Magstrom com a cabeça, virou-se para os imigrantes que aguardavam e disse ríspidamente: — Vamos.

Daemon voltou-se graciosamente quando Lucivar se aproximou e acompanhou a passada larga do eyrieno.

Já tinham caminhado desta forma, lado a lado. Não muitas vezes, pois os Sangue de Terreille, que os temiam como indivíduos, tinham pavor de os ver juntos. Nem o Anel de Obediência fora suficiente para impedir a destruição que provocaram em cortes terreilleanas.

Ao dirigirem-se às Carruagens concebidas para viajar nos Ventos, Daemon perguntou-se durante quanto tempo poderiam adiar os assuntos pendentes.

Era quase noite quando chegaram às duas enormes Carruagens, protegidas pela Ébano-Acinzentada, na extremidade mais distante da área de desembarque.

Lucivar retirou os escudos Ébano-Acinzentados, abriu a porta da primeira Carruagem, olhou para Daemon e disse: — Entra.

Daemon olhou à volta. — Os meus criados ainda não chegaram.

— Eu procuro-os. Entra.

Olhando para os olhos ainda vítreos de Lucivar e detectando uma premissa tensa no odor psíquico do irmão, Daemon obedeceu.

Surreal, Wilhelmina e Andrew entraram logo a seguir, seguidos por vários eyrienos. Passado um minuto, Daemon respirou de alívio ao ver Jazen a ajudar Manny a subir os degraus para a Carruagem. Entraram mais alguns eyrienos e, nessa altura, a Carruagem foi envolvida por um escudo Ébano-Acinzentado, encerrando todos no seu interior, à excepção de Daemon, visto que era o único que usava uma Jóia mais escura do que Lucivar.

Uma Carruagem da Teia deste tamanho podia transportar normalmente trinta pessoas, mas os eyrienos precisavam de mais espaço por causa das asas. Reparando na falta de assentos, Daemon conjecturou se a Carruagem seria normalmente usada para transportar outros seres ou se Lucivar, com a intenção de trazer eyrienos, retirara os assentos habituais. Os únicos objectos que poderiam ser usados como assentos eram algumas caixas robustas em madeira, encostadas às paredes, com almofadas em cima e a parte da frente aberta para arrumação de bagagem.

Depois de examinar as pessoas que estavam encostadas às paredes, deixando uma passagem estreita ao centro, Daemon voltou as atenções

para a Carruagem. À frente, havia uma porta que levava ao compartimento do condutor. Talvez nesse compartimento pudesse sentar-se outra pessoa, permitindo aos restantes um pouco mais de espaço para respirarem. Movendo-se com cuidado, Daemon dirigiu-se ao pequeno e estreito corredor na retaguarda da Carruagem. À esquerda, existia uma pequena divisão privada que continha uma secretária estreita e uma cadeira de costas direitas, uma poltrona e um descanso para pés e ainda uma cama individual. A divisão à direita tinha um lavatório e uma sanita.

Daemon estava prestes a recuar para o compartimento principal quando ouviu a voz de Lucivar pela porta aberta da Carruagem.

— Não me interessa o que diz aquela larva ranhosa — resmoneou Lucivar.

— O comportamento do Senhor Friall não está em causa — disse uma voz que Daemon reconheceu como pertencendo ao Senhor Jorval. — Este assunto será levado ao Conselho das Trevas e posso assegurar-vos que não nos deixaremos intimidar de modo a ignorar o vosso comportamento imoral.

— Se tendes algum problema comigo, podeis apresentá-lo ao Administrador, ao Guarda-Mor ou à minha Rainha.

— A vossa Rainha teme-vos — escarneceu Jorval. — É do conhecimento geral. Não vos consegue controlar e o Administrador e o Guarda-Mor não irão exigir restrições ao vosso comportamento uma vez que se adequa aos seus objectivos.

Lucivar baixou a voz, tornando-a num silvo malévolo: — Não vos esqueceis, Senhor Jorval, que enquanto vós e o Senhor Friall estiverem a fazer queixinhas ao Conselho, eu certificar-me-ei de que as Rainhas dos Territórios tomam conhecimento da existência de certos membros do Conselho que ignoram ostensivamente as próprias regras da feira de serviços.

— Mas é uma completa mentira!

— Assim sendo, Friall é incompetente e não lhe deveria ter sido atribuída aquela tarefa.

— Friall é um dos melhores membros do Conselho!

— Nesse caso, estaria apenas lixado por contar com uma percentagem dos subornos daquela mesa, não se apercebendo que já estavam no vosso bolso?

— Como vos atreveis? — Seguiu-se uma pausa prolongada. — É possível que o Senhor Friall seja responsável, em parte, por este lamentável incidente, porém, o Conselho irá manter-se firme em relação a este outro assunto.

— E que assunto é esse? — trauteou Lucivar.

— Não podemos permitir que tenhais ao vosso serviço um macho que usa jóias mais escuras que as vossas.

— As Rainhas da Pequena Terreille fazem-no constantemente.

— São Rainhas. Sabem controlar machos.

— Eu também.

— O Conselho proíbe esta situação.

— O Conselho pode ir para as entranhas do Inferno.

Lucivar ocupou, de súbito, a porta da Carruagem.

— Não podeis fazê-lo! — gritou Jorval atrás de Lucivar.

Lucivar voltou-se e sorriu para Jorval de modo indolente e arrogante.

— Sou um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Ébano-Acinzentada. Posso fazer aquilo que me der na gana. — Fechou a porta na cara de Jorval e olhou de relance para o compartimento do condutor na dianteira da Carruagem, enviando uma ordem num fio psíquico. A Carruagem elevou-se de imediato.

Ao dar um passo para voltar a entrar no compartimento principal, Lucivar posicionou-se à frente de Daemon, bloqueando-lhe totalmente a entrada no corredor. Aceitando a ordem implícita, Daemon enfiou as mãos nos bolsos das calças e encostou-se à parede.

Quando teve a certeza de que Lucivar terminara de transmitir as instruções silenciosas a quem quer que estivesse a conduzir as Carruagens, usou um fio masculino Ébano-Acinzentado para perguntar: “Isto vai trazer-te problemas?”

“Não” respondeu Lucivar. Passou os olhos pelos imigrantes. Todos desviaram repentinamente o olhar, evitando olhá-lo nos olhos.

“Este Conselho não enviará uma mensagem, exigindo algum tipo de castigo?”

“Assim será. O Administrador irá lê-la, provavelmente irá mostrá-la ao Guarda-Mor e, depois, irão ignorá-la.”

Daemon apercebeu-se de que estava a respirar demasiado rapidamente, demasiado superficialmente, não conseguindo controlar-se ao forçar-se a fazer a questão subsequente: “Mostrá-la-ão à tua Rainha?”

“Não” disse Lucivar, devagar. “Se puderem evitar, não irão mencionar nada disto à Rainha. E se não puderem, tentarão minimizar o assunto sem mentirem abertamente.”

“Porquê?”

“Porque o Conselho das Trevas já a pressionou noutras ocasiões e resultou num grande cagaço para todos.” Lucivar moveu-se. — Já estamos longe de Goth — disse, subindo ligeiramente o tom de voz. — Tentem acomodar-se o melhor que puderem. Ainda demoraremos cerca de duas horas a chegar ao local onde nos dirigimos.

— Não vamos para Ebon Rih? — alguém perguntou.

— Ainda não. — Lucivar avançou para o pequeno corredor, forçando

Daemon a afastar-se. Deslizou a porta do compartimento privado e disse: — Lá para dentro —, entrando de lado para passar as asas.

Daemon seguiu com relutância e deslizou a porta, fechando-a.

Lucivar ficou numa das extremidades da divisão. Daemon ficou à porta.

Lucivar inspirou fundo e expirou lentamente. — Perdoa-me por te ter atacado. Não estava zangado *contigo*. Eu... Caramba, Daemon verifiquei todas as listas de que me lembrei e o teu nome deve ter-me escapado. Se não fosse um golpe de sorte, terias acabado noutra corte e talvez não houvesse forma de te livrar desse contrato.

Daemon sentiu uma camada de tensão a aliviar-se. Forçou os lábios a curvarem-se num sorriso. — Bem, desta vez a sorte esteve do nosso lado. — Depois olhou, olhou verdadeiramente para Lucivar e o sorriso tornou-se genuíno. — Estás vivo.

Lucivar devolveu o sorriso. — E tu estás são de espírito.

Daemon sentiu um frémito a percorrer-lhe o corpo e reforçou o auto-controlo. Sentiu os olhos a arder, com lágrimas. — Lucivar — sussurrou.

Não foi possível perceber qual dos dois se moveu primeiro. Num momento, estavam tão distantes quanto conseguiam na ínfima divisão e, no momento seguinte, estavam nos braços um do outro, abraçando-se como se as suas vidas dependessem desse abraço.

— Lucivar — Daemon voltou a sussurrar, com o rosto junto ao pescoço do irmão. — Julguei-te morto.

— Fogo do Inferno, Daemon — disse Lucivar ternamente, com a voz rouca, — não te conseguimos encontrar. Não sabíamos o que se passara contigo. Procurámos. Juro-te, procurámos por ti.

— Não faz mal — Daemon afagou a cabeça de Lucivar. — Não faz mal.

Os braços de Lucivar apertavam Daemon com tanta força que lhe magoavam as costelas.

A mão de Daemon entrelaçou-se nos cabelos de Lucivar. — Lucivar... Bem sei que existem assuntos entre nós que têm de ser resolvidos. Mas, poderemos esquecê-los, só por algum tempo?

— Podemos esquecê-los — disse Lucivar, baixinho.

Daemon recuou. Com os polegares, limpou com delicadeza as lágrimas do rosto de Lucivar. — É melhor juntarmo-nos aos outros. — Virou-se e estendeu a mão para a porta.

Atrás dele, Lucivar agarrou o braço esquerdo do irmão com a mão esquerda e Daemon pousou sobre ela a mão direita, por um momento. Ao deslizar os dedos da mão de Lucivar, olhou para baixo e compreendeu por fim o significado do que vira, mas que não *vira* verdadeiramente.

— Daemon — disse Lucivar, rapidamente. — Tenho algo a dizer-te. Julgo que já deves saber, mas tens de ouvir.

Está viva! Sentiu um novo estremecimento a percorrer-lhe o corpo. — Não — disse. — Agora não. — Abriu a porta e saiu aos tropeções para o corredor. Mal mantendo o equilíbrio, entrou na casa de banho, trancando-a com a Negra. O corpo tremia com violência. O estômago dava voltas. Debruçando-se na sanita, combateu a necessidade de vomitar.

Demasiado tarde.

Se tivesse tentado encontrá-la há cinco anos, quando regressara pela primeira vez do Reino Distorcido, talvez tivesse sido diferente. Se tivesse procurado o Senhor Supremo e se tivesse tentado, no mínimo, entender o que efectivamente se passara naquela noite no Altar de Cassandra...

Demasiado tarde.

Conseguia aguentar. *Iria* aguentar. A sua mente estava bastante mais fragilizada do que dava a entender aos outros. Oh, estava intacta. Perdera algumas memórias, escassos e ínfimos fragmentos do cálice de cristal, mas estava completo e sadio. Contudo, a cura nunca ficaria completa visto que perdera a única pessoa necessária para a completar. Não importara na altura em que queria manter-se íntegro somente o tempo necessário para aniquilar o Senhor Supremo. Agora, já não tinha grande importância. Poderia sobreviver o tempo suficiente para a ver, uma única vez.

Nada mais havia a fazer. Tratando-se de outro homem qualquer, teria aplicado todo o seu ser e toda a sua sapiência para se tornar seu amante. Tratando-se de outro homem. Mas não de Lucivar. Não se tornaria rival do seu irmão.

Logo, não poderia permitir que Lucivar lhe dissesse o que precisava de ouvir, desesperadamente. E não era por não querer saber que Jaenelle estava viva, sem sombra de dúvida; era por não estar preparado para ser informado sobre a aliança de ouro na mão esquerda de Lucivar.

3 / Kaeleer

Surreal empurrou a última das caixas almofadadas para junto das outras, formando um banco encostado à parede. — Senta-te, Manny — disse para a mulher mais velha.

— Não seria correcto — disse Manny. — Uma criada não se deveria sentar.

Surreal olhou-a de modo contundente. — Não sejas imbecil. És 'criada' simplesmente por ser a única forma de Sadi te trazer com ele.

Manny comprimiu os lábios, em sinal de desaprovação. — Não é ne-

cessário esse tipo de linguagem, especialmente com crianças por perto. Além disso, fui criada durante muitos anos. Era uma forma honesta de ganhar a vida e da qual não me envergonho.

Ao contrário de mim? Surreal perguntou-se. Nunca negara que, durante séculos, fora uma prostituta muito bem-sucedida até se retirar há treze anos, não mais conseguindo tolerar os jogos de alcova. Aquela noite no Altar de Cassandra deixara marcas em todos.

Os sentimentos de Manny em relação às mulheres que trabalhavam nas casas da Lua Vermelha eram ambivalentes. O que pensaria se tivesse conhecimento da outra profissão de Surreal? Como conseguiria lidar a mulher mais velha com o conhecimento de que Surreal fora – e ainda era – uma assassina com bastante êxito?

Não importava. Tornaram-se amigas durante os dois anos em que Daemon estivera a caminhar para fora do Reino Distorcido, contudo, assim que recuperou a sanidade mental, Manny sofrera uma viragem mental, tratando-os ambos com o afecto caseiro existente entre uma criada especial e uma criança da aristocracia. Daemon não notara nada de estranho neste comportamento; era provável que Manny sempre assim o tivesse tratado. Mas o facto é que aborrecera Surreal, que crescera depressa e a custo nas ruas. Também lhe proporcionara bastante experiência a lidar com as opiniões inflexíveis de Manny.

— Olha — disse, com extrema delicadeza. — O criado da Senhora Benedict tem ar de que não irá aguentar duas horas em pé sem sofrimento. Se te sentares, pode ser que se convença também.

Passados poucos minutos, Manny, Andrew, Wilhelmina Benedict e Surreal estavam sentados no banco improvisado.

Surreal olhou para o espaço à sua direita. Em nome do Inferno, onde estaria Sadi? Não estava estabilizado mentalmente como demonstrava e o encontro com Lucivar devia tê-lo abalado. E o que teria pensado o *eyrieno* ao voltar a ver o meio-irmão? Depois de Jaenelle desaparecer, há treze anos, Daemon dirigira-se a Pruul, com o objectivo de resgatar Lucivar das minas de sal. Por alguma razão, Lucivar recusara-se a acompanhá-lo. Sempre suspeitara, pelo que Daemon não lhe dizia, que se tinha dado uma colisão violenta de temperamentos e que se abrira uma fenda entre ambos. E sempre desconfiara que o motivo dessa fenda tinha tido início, como tantas outras coisas, no Altar de Cassandra.

A porta do compartimento do condutor abriu-se, deslizando. O Senhor Khardeen saiu e olhou de relance para os *eyrienos*, que ficaram nervosos quando o viram surgir. Em silêncio, caminhou até à ponta do banco improvisado e sentou-se ao lado de Surreal.

No lado oposto, à frente deles, encontrava-se a mulher com as duas

criancinhas. Tinham a pele morena, os olhos dourados e o cabelo preto típico nas três raças de longevidade prolongada, embora o cabelo da menina fosse naturalmente ondulado, ainda que ligeiramente. Surreal conjecturou se o cabelo da menina seria uma indicação de que uma das linhagens dos pais não era completamente eyriena, se aquele ondulado teria traído um segredo e se seria essa a razão pela qual estas pessoas deixaram o seu Território de origem.

O rapaz mais velho mantinha-se junto à mãe, mas a menina sorriu para Khardeen e deu dois passos na sua direcção.

— Béu-béu — disse alegremente, estendendo um animal de peluche gasto.

Khardeen inclinou-se para a frente e sorriu. — Pois é o que faz. Como se chama?

— Béu-béu. — Deu um abraço forte ao boneco. — Meu.

— Pois é.

Com um olhar receoso, a mulher puxou a menina. — Orian, não aborreças o Senhor da Guerra.

— Não me está a aborrecer — disse Khardeen, de maneira agradável.

A mulher puxou a menina para junto de si e tentou sorrir. — Gosta de animais. A mãe do meu marido fez-lhe uma boneca antes de partirmos, mas Orian preferiu trazer este.

E onde estava a tua própria mãe enquanto essa cabra te atacava verbalmente? Perguntou-se Surreal enquanto observava as sombras que se aglomeravam nos olhos da mulher, detectando um tremeluzir de vergonha no odor psíquico. Bom, aí estava a resposta relativamente ao lado do legado da menina que estava em questão.

O Senhor da Guerra que protestara quando Friall se recusara a terminar o contrato desviou a atenção da conversa que mantinha com dois machos eyrienos, passou um olhar contundente sobre Khardeen para logo se aproximar, de modo protector, da mulher e das crianças.

Khardeen recostou-se, devolvendo o olhar contundente com um olhar plácido.

Estando sentada a seu lado, com o braço a tocar o dele, Surreal sentiu a tensão – e a irritação? – mas Khardeen não deu qualquer sinal exterior. Ao olhar para ela, a sua expressão era séria mas os olhos azuis revelavam divertimento.

— Imagino a reacção da mãe da pequena Rainha quando vir os “béu-béus” que a filha abraçará — disse, ternamente.

— E mordem? — perguntou Surreal.

— Se vão morder a menina? Não. A mãe? — Khardeen encolheu os ombros.

Entendendo a advertência sob o ar divertido, Surreal sentiu um calafrio. Nesse momento, Daemon aproximou-se e Surreal expirou ruidosamente.

Deslocava-se cuidadosamente, como um homem que acabara de ser mortalmente ferido e que sangrava em silêncio até à morte.

Khardeen levantou-se e gesticulou para o lugar vazio. — Por que não vos sentais? Tenho de tratar de alguns assuntos.

Logo que se sentou, Daemon envolveu-se com os braços.

Surreal já vira aquele gesto protector noutras ocasiões, nos momentos em que se esforçara demasiado nos estudos de Arte, quando os sonhos lhe ensombravam o sono.

Khardeen olhou para Surreal com um olhar interrogativo e ela abanou a cabeça. Ficava reconhecida pela preocupação, mas não havia nada a fazer por Daemon nestes momentos, a não ser deixá-lo retirar-se até se sentir fortalecido para voltar a enfrentar o mundo.

Um minuto mais tarde, Lucivar saiu da divisão privada, com uma expressão escrupulosamente neutra.

Durante toda a viagem, Daemon ficou sentado ao lado de Surreal, de olhos fechados e Lucivar ficou de pé, na retaguarda da Carruagem, a conversar calmamente com os machos eyrienos que se aproximaram dele, à cautela.

Durante toda a viagem, Surreal conjecturou sobre o que se passara naquela pequena divisão. E ficou desassossegada.

4 / Kaeleer

O Senhor Jorval estava encolhido na cadeira, observando a Sacerdotisa das Trevas a percorrer enfurecidamente a sala da suíte que alugara para este encontro.

As casas da Lua Vermelha tinham surgido em Kaeleer há quatro anos – e *ainda* não existiam em qualquer outro local a não ser na Pequena Terreille. Todavia, alguns membros influentes do Conselho das Trevas, nos quais se incluía, defenderam que os imigrantes machos mais fortes, cujas hipóteses de virem a ter uma amante nascida em Kaeleer eram escassas, precisavam de alguma forma de aliviar a tensão sexual. As Rainhas da Pequena Terreille transigiram, não sem um protesto simbólico, pois rapidamente reconheceram a utilidade de semelhantes locais. Presentemente, uma visita a uma casa da Lua Vermelha tornara-se uma forma de premiar os machos por bom comportamento nas cortes das Rainhas. Podiam descarregar as frustrações e as agressões em mulheres que não as podiam re-

cusar, que não podiam exigir delicadeza e obediência. E ninguém reparava – e se reparassem, não se importavam – que todas as mulheres nessas casas eram imigrantes reclamadas no dia posterior à feira de serviços.

E alguns machos de Kaeleer, nos quais se incluía, descobriram o prazer retirado da obediência adúladora de uma mulher.

Optara por esta casa da Lua Vermelha, na orla dos bairros degradados que se multiplicaram junto ao recinto da feira, pois os proprietários não levantariam questões. Os dois homens que detinham o estabelecimento não se importavam se uma mulher sofria de danos físicos ou mentais, desde que fossem convenientemente recompensados. Do mesmo modo, não se importavam com o jovem que estava preso e amordaçado no quarto adjacente – a dádiva que trouxera na esperança de mitigar a ira da Sacerdotisa Suprema.

Hekatah despiu à pressa o manto que lhe envolvia o rosto e o corpo.

Jorval engoliu em seco. Numa ocasião, não se conseguira controlar e ficara agoniado ao ver aquele corpo demónio-morto em decomposição. O castigo que lhe fora aplicado por tal descontrolo proporcionara-lhe pesadelos durante meses a fio.

Alturas havia em que desejava desesperadamente nunca a ter conhecido ou nunca se ter deixado envolver nos seus esquemas. Não obstante, fora ela que estivera por detrás da sua ascensão ao poder no Conselho das Trevas, descobrindo que lhe pertencia antes de sequer se ter apercebido que aceitara servi-la.

— Tínhamos quatro Rainhas que se adequavam aos nossos propósitos — remordeu Hekatah. — *Quatro*. E mesmo assim não conseguiste escondê-lo até encontrarmos uma forma de o usar.

— Tentei, Sacerdotisa — disse Jorval, com a voz trémula. — Impedi a indagação de Sadi sobre o serviço para lá da Pequena Terreille. Aqueles foram os únicos nomes que lhe apresentei.

— Assim sendo, qual o motivo para não estar com uma delas?

— Saiu a meio da última reunião — exclamou Jorval. — Só soube que tinha assinado outro contrato quando Friall me informou.

— Assinou outro contrato — trauteou Hekatah. — *Com o irmão!*

O peito de Jorval estremecia com o esforço para respirar. — Tentei impedir! Tentei... — A voz perdeu-se enquanto Hekatah se aproximava.

— Não lidaste com ele da melhor forma — disse, o tom ameninado a tornar-se perigosamente dócil. — Por essa razão, está agora ligado à corte que não queríamos que tivesse conhecimento da sua presença em Kaeleer e não temos forma de usar todo aquele poder das Jóias Negras em nosso benefício.

Jorval tentou levantar-se. Sentiu um aperto na garganta ao perceber que Hekatah o mantinha pregado à cadeira, mediante a Arte.

Hekatah sentou-se com graciosidade no colo do homem envolvendo-lhe o pescoço com um braço. Ao sentir as unhas longas a deslizarem pelo rosto, Jorval perguntou-se se iria perder um olho. Talvez fosse preferível. Cego, não a poderia ver. Pensando melhor, não. Hekatah usava Jóias mais escuras do que ele. Poderia forçá-lo a abrir a mente e a imprimir-lhe uma imagem cem vezes pior do que o seu aspecto real.

Lamuriou-se ao sentir o estômago às voltas numa antecipação funesta.

— Tal como são dadas recompensas pelos êxitos, são aplicados castigos pelos falhanços — disse Hekatah enquanto acariciava o rosto de Jorval.

Tendo plena consciência do que lhe era exigido, murmurou: — Sim, Sacerdotisa.

— E falhaste, não foi, querido?

— S-sim, Sacerdotisa.

Formou um sorriso com o que lhe restava dos lábios. Pela Arte, invocou uma garrafa em cristal com uma rolha e uma pequena taça em prata. Flutuaram no ar enquanto removia a rolha e deitava o líquido escuro e espesso na taça. Voltou a colocar a rolha na garrafa e fê-la desaparecer, pondo a taça, de seguida, junto aos lábios de Jorval.

— Trouxe-vos uma oferenda fresca — disse Jorval, debilmente.

— Eu vi. Que rapaz tão bonitinho, repleto do vinho cáldo e adocicado. — Premiu a taça contra o lábio inferior do homem. — Já tratarei dele.

Não lhe restando outra alternativa, Jorval abriu a boca. O líquido deslizou pela língua como uma lesma quente e comprida. Engasgou-se, mas conseguiu engolir.

— É veneno? — perguntou.

Hekatah fez desaparecer a taça e inclinou-se para trás, com os olhos arregalados de espanto. — Achas realmente que eu envenenaria um homem que me é leal? E és-me leal, não és, querido? — Abanou a cabeça, com tristeza. — Não, querido, é apenas uma infusãozita afrodisíaca.

— *S-safframate*? — Teria preferido veneno.

— Só o suficiente para tornar a noite interessante — respondeu Hekatah.

Ficou prostrado, indefeso, enquanto Hekatah acariciava a pele que começava a estremecer ao mais ligeiro toque. Gemendo, envolveu-a com os braços, já sem reparar no cheiro a decomposição, já sem se importar com quem ou com o que ela era, já sem se importar com mais nada a não ser usar aquele corpo feminino sentado no seu colo.

Quando tentou enfiar-lhe a língua na boca, Hekatah recuou com uma gargalhada de satisfação.

— Pois agora, querido — disse, ao mesmo tempo que o acariciava, — vai buscar uma daquelas prostitutas.

O nevoeiro da lascívia dissipou-se ligeiramente. — Para aqui?

— Ainda temos de tratar do teu castigo — disse Hekatah docilmente, maldosamente. — Vai buscar uma com cabelo louro e olhos azuis.

A lascívia tornou-se violenta, quase penosa. — Como Jaenelle Angelline.

— Exactamente. Encara isto como um pequeno ensaio para o dia em que aquela cabra pálida tenha de se sujeitar a mim. — Beijou-o na têmpora, lambeu a pulsação que latejava. — Será excitante para ti se eu beber um pouco de sangue quando estiveres dentro dela?

Jorval olhou-a, descontroladamente excitado e apavorado.

— Também beberei dela. Nessa altura não te importarás se estiveres a montar um cadáver, mas não te farei isso, meu querido. Afinal de contas, é apenas um ensaio, para a noite em que tiveres Jaenelle debaixo de vós.

— Sim — sussurrou Jorval. — Sim.

— Sim — ecoou Hekatah, satisfeita. Levantou-se e caminhou devagar para a porta do quarto. — Não te preocupes com a possibilidade de o nosso joguinho ser exposto pela prostituta. Confundirei a mente da vaca de forma a nunca mais ter a certeza de nada, a não ser que foi bem usada.

Levantando-se, Jorval deslocou-se titubeando, para a porta exterior, penosamente consciente do olhar de Hekatah.

— O rapazinho jeitoso será o aperitivo e a sobremesa — disse Hekatah. — O medo confere ao sangue um gosto agradavelmente apimentado e, no final da noite, estará no ponto. Por isso, não demores muito a escolher, querido. Um aperitivo come-se num instante e, se ficar impaciente, é provável que tenhamos de rectificar o teu castigo. E não queres isso, pois não?

Aguardou até a porta se fechar atrás dela para então sussurrar: — Não, não quero.

5 / Kaeleer

Uma mão cálida apertou-lhe delicadamente o ombro.

— Daemon — disse Lucivar baixinho. — Anda, meu velho. Chegámos.

Daemon abriu os olhos com relutância. Queria afastar-se do mundo, queria afundar-se no abismo e, simplesmente, desaparecer. Em breve, prometeu a si mesmo. Em breve. — Estou bem, Bastardinho — disse com lassidão. Estava a mentir e ambos sabiam.

Pondo-se de pé com rigidez, Daemon rodou os ombros. Os músculos zuniram devido à tensão e, ao mesmo tempo, estava a instalar-se uma violenta dor de cabeça por detrás dos olhos. — Onde estamos?

Sem responder, Lucivar conduziu-o para fora da Carruagem.

Surreal estava no lado de fora da Carruagem, olhando espantada para o gigantesco edifício em pedra cinzenta. — Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas. Que lugar é este?

O Príncipe Aaron sorriu abertamente. — O Paço dos SaDiablo.

— Merda.

O chão começou a girar sob os pés de Daemon. Estendeu um braço, que Lucivar agarrou, equilibrando-o. — Não consigo — murmurou. — Lucivar, não consigo.

— É claro que consegues. — Segurando-lhe no braço, Lucivar levou-o até às portas duplas da entrada principal. — Será mais fácil do que pensas. Além disso, Ladvarian tem estado à espera para te conhecer.

Daemon não tinha energias para conjecturar, quanto mais para se importar, qual o motivo para este Ladvarian o querer conhecer, não no momento em que o próximo passo poderia colocá-lo frente-a-frente, de novo, com o Senhor Supremo – ou com Jaenelle.

Lucivar empurrou as portas, abrindo-as. Daemon seguiu-o para o salão principal, com os outros imigrantes agrupados atrás dele. Tinham avançado apenas alguns passos quando Lucivar se deteve inesperadamente, praguejando baixinho.

Daemon olhou à volta, tentando perceber o rasgo de prudência que detectara em Lucivar. No lado mais distante do salão, uma criada estava ajoelhada por baixo de um dos lustres de cristal, a lavar o chão. A alguns passos deles encontrava-se um enorme Senhor da Guerra de Jóia Vermelha, vestido com um uniforme de mordomo. A expressão que apresentava era mais gélida do que estóica.

Olhando para o mordomo, Lucivar disse cautelosamente: — Beale.

— Príncipe Yaslana — respondeu Beale com uma formalidade rígida.

Lucivar crispou-se. — O que...

Ouviram-se umas risadinhas. Olharam todos para cima.

Muito acima das suas cabeças, um rapaz eyrieno desnudado, que devia ter começado a andar há pouco tempo, balançava-se precariamente no lustre mais próximo.

Lucivar olhou de relance para Beale e avançou dois passos. — O que estás a fazer aí, rapazola?

— A voa' — disse o rapazinho.

— Adivinhem lá — rezingou a criada, atirando o pano para um balde e levantando-se.

— Escapaste-te de quem estava a tomar conta de ti, não foi? — resmoneou Lucivar.

A criança voltou a dar umas risadinhas e, logo de seguida, produziu um som tosco.

— Desce daí, Daemonar — disse Lucivar, rispivamente.

— Não!

Daemon sentiu os olhos a arder com lágrimas ao olhar para o rapaz. Engoliu em seco para que o coração não lhe saísse pela boca.

Lucivar avançou mais um passo e abriu lentamente as asas escuras e com membranas. — Se não desceres, eu vou aí buscar-te.

Daemonar abriu as pequenas asas. — Não!

Lucivar lançou-se pelo ar. Ao passar pelo lustre, tentou agarrar Daemonar que se esquivou, mergulhando a pique. O rapaz voava como um zangão embriagado a tentar fugir a um falcão, mas não se deixou apanhar.

— O rapaz mexe-se bem — disse Hallevar num tom aprovador, passando para a frente do grupo.

Surreal olhou de soslaio para o Senhor da Guerra eyrieno mais velho. — Parece que foi buscar o melhor de Yaslana.

Hallevar resfolegou quando Lucivar passou velozmente por Daemonar e lhe fez cócegas no pé, provocando guinchos no rapaz, que se esquivou. — Podia tê-lo agarrado à primeira. O pequenito terá de dar-se por vencido mas na sua mente ficará gravado que deu luta. Não, Lucivar sabe bem como treinar um guerreiro eyrieno.

Daemon quase nem os ouvia. Fogo do Inferno! Será que Lucivar não se apercebia que a criança estava a ficar cansada? Iria insistir até que o bebé caísse ao chão?

Quando a criança voou na sua direcção, Daemon avançou, ergueu o braço e agarrou uma perna roliça.

Daemonar berrou e bateu as asinhas com toda a força.

Puxando-o com delicadeza, Daemon envolveu Daemonar com o outro braço, encostando-o ao peito.

Um pequeno punho acertou-lhe no queixo. Com a outra mãozinha, agarrou-lhe os cabelos e puxou, provocando-lhe lágrimas nos olhos. Um guincho de indignação atravessou-lhe o tímpano e vibrou-lhe na cabeça.

Lucivar pousou e esfregou a boca com a parte de trás da mão. Mesmo assim, o sorriso não desapareceu. Passando o braço esquerdo à volta da cintura do rapaz, forçou a pequena mão a abrir-se. — Deixa o tio Daemon. A intenção é que goste de ti. — Afastou-se rapidamente, prendeu os pés do rapaz com uma mão e rugiu: — Não é o sítio indicado para pontapeares o teu pai.

Daemonar produziu um som tosco e sorriu abertamente.

Lucivar olhou para o rapaz que se contorcia e disse pesarosamente: — Naquela altura, parecia ser uma boa ideia conceber-te.

— Sim! — Foi então que Daemonar reparou na mulher e na menina ao seu colo. — Bebé! — gritou, contorcendo-se para se libertar. — Minha!

— Mãe Noite — resmungou Lucivar entre dentes, virando-se para tapar a vista a Daemonar.

Duas mulheres molhadas e em desalinho entraram no salão. Uma delas segurava um toalhão de banho. — Nós tratamos dele, Príncipe Yaslana.

— Graças às Trevas. — Com algum esforço, Lucivar e as duas mulheres conseguiram embrulhar Daemonar no toalhão e levá-lo do salão.

Seguindo-os com o olhar, o coração de Daemon ficou apertado. O rapaz parecia-se com Lucivar. Não sabia se deveria sentir-se desconsolado ou aliviado por não ver qualquer indício de azul-safira nos olhos dourados da criança, pela inexistência de um tom mais claro no cabelo preto ou na pele morena, por não detectar qualquer traço da beleza exótica da mãe.

Lucivar regressou prontamente.

— Logo que os convidados se instalem nos respectivos aposentos, o jantar será servido na sala de jantar formal — informou o mordomo.

— Obrigado, Beale — respondeu Lucivar, com alguma humildade.

— O pessoal deverá ser informado de alguns preparativos em especial?

Lucivar gesticulou para que o jovem Senhor da Guerra, que se mantivera protectoramente junto à mulher com as duas pequenas crianças, se aproximasse. — Este é o Senhor Endar, o marido da Senhora Dorian.

Endar crispou-se diante do olhar atento de Beale.

O Príncipe Aaron passou a mão à volta do braço de Surreal e puxou-a para a frente. — Eu acompanho a Senhora SaDiablo e a Senhora Benedict aos seus aposentos.

— A Senhora SaDiablo? — perguntou Beale, surpreso.

Aaron sorriu de orelha a orelha.

Surreal silvou.

— Tenho a certeza que o Senhor Supremo ficará satisfeito por receber a Senhora — disse Beale, com um brilho suspeito nos olhos.

Antes que Surreal o pudesse impedir, Aaron afastou-lhe o cabelo, revelando uma orelha delicadamente pontiaguda. — E também o Príncipe Chaosti.

Os lábios de Beale estremeceram. De seguida, recuperou o comportamento estóico, dirigindo-se aos imigrantes. — Os que aqui estão como criados, sigam o Holt — disse, indicando o lacaio que aguardava. — Os restantes, façam o favor de me acompanhar.

Logo que todos os eyrienos saíram do salão, à excepção do Príncipe Falonar, bem como Manny, Jazen e Andrew, Surreal dirigiu-se a Lucivar. — Não lhe deverias ter dito que deixasse que as crianças ficassem com os pais? Duvido que se sintam à vontade, num sítio que lhes é estranho.

O Príncipe Aaron pigarreou ruidosamente.

O Senhor Khardeen inclinou a cabeça e começou a estudar o tecto.

Lucivar limitou-se a olhá-la fixamente por um momento antes de dizer, devagar: — Se queres ensinar a Beale e a Helene como devem gerir este lugar, não faças cerimónia. Mas antes, deixa que me afaste da linha de fogo.

— Vinde, Senhora Surreal — disse Aaron. — Vamos instalar-vos antes que comeceis a desmoronar tudo à nossa volta.

Lucivar aguardou que Aaron e Khardeen acompanhassem Surreal e Wilhelmina para fora do salão, antes de se voltar para Falonar. — O que foi?

Falonar encolheu os ombros. — Porque escolheste Endar?

— Desde que o pessoal da casa saiba que Endar é marido de Dorian, ninguém contestará o facto de partilhar a cama dela. E acredita no que te digo, há machos aqui que não hesitariam em despedaçá-lo se não soubessem que essa partilha é consentida por ela. — Inspirou fundo e expirou devagar. — Amanhã explicarei as regras. Por hoje, informa os homens que se mantenham afastados de todas as mulheres. — Fez uma pausa e acrescentou: — O melhor é que te vás instalar. Permaneceremos aqui alguns dias.

Depois de Falonar sair, Lucivar virou-se para Daemon. — Anda. Vamos lá terminar isto para que possamos comer e descansar.

Daemon seguiu Lucivar pela escadaria da sala de recepções informal e pelo labirinto de corredores. Decorridos alguns minutos de silêncio, disse: — Chamaste-lhe Daemonar.

— Foi o mais parecido que consegui, mantendo o nome eyrieno — disse Lucivar baixinho, com a voz ligeiramente enrouquecida.

— Estou lisonjeado.

Lucivar resfolegou. — Poderias estar quando era ainda um bebé. Logo que se pôs em pé, transformou-se num monstinho. — Passou os dedos pelo cabelo que lhe batia nos ombros. — E a culpa *não* é só minha. Não o fiz sozinho. Mas parece que ninguém se lembra disso.

— Não imagino porque será — disse Daemon friamente, observando Lucivar a inchar de indignação.

— Quando faz algo encantador, é o filho da sua mamã. Quando faz algo inteligente, é o neto do Senhor Supremo. Contudo, quando se porta como um monstinho ordinário, é o *meu* filho. — Lucivar massajou o peito. — Às vezes, parece que faz certas coisas só para ver se o meu coração pára.

— Como há pouco?

Lucivar acenou a mão com indiferença. — Não, aquilo era apenas... apenas... merda. O que queres que te diga? É um monstinho.

Ao virarem uma esquina quase chocaram com uma bela mulher eyriena. Usava uma camisa de noite comprida e prática e segurava um livro espesso.

— O teu filho — disse, espaçando as palavras, — não é um monstro.

— Deixa lá — disse Lucivar, semicerrando os olhos. — Marian, porque não estás na cama? Hoje devias estar a descansar.

Marian bufou irritada. — Dormitei a maior parte da manhã. Brinquei um pouco com Daemonar esta tarde e depois dormimos ambos uma sesta. Acabei de me levantar para ir buscar um livro. Vou voltar para a cama antes de Beale me trazer uma caneca de chocolate quente e um pires com biscoitos.

Lucivar semicerrou os olhos um pouco mais. — Não comeste nada hoje?

Daemon olhou atónito para Lucivar. Até um idiota – ou um macho eyrieno – conseguia ver que esta mulher estava a crepitar em silêncio.

— O tio Andulvar veio verificar se eu tinha comido um bom pequeno-almoço. Prothvar trouxe-me um lanchinho a meio da manhã. Almocei com Daemonar. Certo de que estaria esfomeada, Mephis trouxe um lanchinho a meio da tarde. E o teu pai já andou a indagar o que foi o meu jantar. Já fui bastante massacrada por hoje.

— Não te estou a massacrar — resmungou Lucivar – para logo acrescentar, baixinho: — Ainda não tive oportunidade de o fazer.

Marian olhou intencionalmente para Daemon. — Não deverias estar a tratar dos teus hóspedes?

— Não é um hóspede. É o meu irmão.

Sorrindo calorosamente, Marian estendeu a mão. — Deves ser o Daemon. Oh, estou tão feliz por finalmente teres chegado. Agora tenho mais um irmão.

Irmão? Pegando-lhe na mão, Daemon olhou para Lucivar com um ar perplexo.

Passando uma mão possessiva pelo cabelo de Marian que caía até à cintura, Lucivar disse afectuosamente: — A Marian faz-me a honra de ser minha mulher.

E a mãe de Daemonar. O chão desapareceu debaixo dos pés de Daemon para reaparecer de supetão.

Marian apertou-lhe a mão, com os olhos repletos de preocupação. O olhar de Lucivar tornou-se mais contundente.

As emoções colidiam dentro de si, de encontro à frágil sanidade. Sem poder oferecer-lhes qualquer tipo de alento, recuou e reiniciou o esforço para recuperar o controlo dos seus sentimentos.

Porventura percebendo que Daemon precisava de tempo, Lucivar puxou o livro que Marian segurava, tentando ler o título.

Marian agarrou-o com força e afastou-se de Lucivar.

— É um livro de fungadelas? — perguntou Lucivar, desconfiado.

Marian abriu e fechou as asas com um estalido. — Um quê?

— Tu sabes. Um desses livros que as mulheres gostam de ler e ficam todas chorosas. Da última vez que leste um desses, ficaste abalada quando fui ver o que se passava. Atiraste-me com o livro.

A crepitação de Marian deixara de ser silenciosa. — Não fiquei abalada com o *livro*. Entraste de rompante no quarto com as armas em riste e assustaste-me.

— Estavas a chorar. Pensei que te tivesses magoado. Ouve, só quero tomar conhecimento antecipadamente se te vais pôr a choramingar.

— Quando Jaenelle o leu, aposto que não a surpreendeste quando ela se pôs a choramingar.

Lucivar olhou para o livro como se lhe tivessem acabado de nascer presas. — Oh. *Esse* livro. — Protegeu a barriga com o braço. — Na verdade, eu surpreendi-a. Mas a pontaria dela é melhor que a tua.

A resmunguice de Marian deu lugar a uma gargalhada. — Pobre Lucivar. Tentas proteger as mulheres da família com tanto afinco e nós não mostramos o nosso apreço, pois não?

Lucivar fez um trejeito. — Bem, se essa história tiver cenas de amor interessantes, marca as páginas e poderás avaliar-me dentro de alguns dias.

Marian olhou de soslaio para Daemon e corou.

Lucivar beijou-a delicadamente e afastou-se para a deixar passar. — Agora vai para a cama.

— Até amanhã, Daemon — disse Marian, com alguma timidez.

— Boa noite, Senhora Marian — respondeu Daemon. Foi tudo o que conseguiu expressar.

Ficaram a observá-la até entrar nos seus aposentos, que eram também de Lucivar, e, nesse momento, Lucivar estendeu a mão. Daemon crispou-se, rejeitando o toque.

Deixando cair a mão, Lucivar disse: — Os aposentos do Senhor Supremo são ao fundo do corredor. Com certeza que desejará ver-te.

Daemon não se conseguia mexer. — Pensei que tivesses casado com Jaenelle.

— E o que te levou a pensar que tinha casado com Jaenelle?

O espanto na voz de Lucivar despertou a fúria de Daemon. — Estavas aqui — rosnou. — Por que não haverias de querer casar com ela?

Lucivar manteve-se em silêncio durante um longo minuto. Depois, calmamente, respondeu: — Esse foi sempre o teu sonho, Daemon. Não o meu. — Virando-se, começou a caminhar pelo corredor. — Anda.

Daemon seguiu-o devagar. Quando Lucivar parou e bateu a uma porta, continuou a caminhar, atraído pelo forte e obscuro odor psíquico feminino proveniente de um quarto do lado oposto do corredor.

— Daemon?

A voz de Lucivar dissipou-se, calada por uma poderosa vaga de emoções.

Daemon abriu uma porta e entrou numa sala de estar. Numa das paredes podiam ver-se estantes encastradas por cima de armários em madeira fechados e que lhe davam pela cintura. Um sofá, duas mesas triangulares de apoio e duas cadeiras constituíam a mobília à volta de uma mesa baixa e comprida. Nas mesas de apoio podia ver-se um par de candeeiros curvados e patinados. Ao lado de uma das cadeiras estava um grande cesto repleto de meadas de lã e de fios de seda e um bordado praticamente acabado. À frente das portas em vidro encontrava-se uma secretária, e essas portas abriam para a varanda. Num dos cantos estava um suporte com degraus carregado de plantas.

O odor psíquico inundava-o, arrastava-o. Oh, recordava-se perfeitamente do odor obscuro. Contudo, havia agora algo de diferente, um toque delicado e agradável a almíscar.

O corpo de Daemon ficou tenso, depois inchado de interesse masculino até a sua mente compreender o significado dessa diferença. Foi então que reparou nos chinelos azul-safira junto a uma cadeira. Chinelos de mulher.

Contra toda a sensatez, apesar do anseio, mesmo quando julgara que Lucivar tinha casado com ela, não absorvera inteiramente o facto de que Jaenelle já não era a criança que conhecera. Crescera.

As paredes do quarto começaram a ficar acinzentadas, para depois escurecerem e começarem a fechar-se, formando um túnel à sua volta.

— Daemon.

Também se recordava daquela voz profunda. Ouvira-a com um ar divertido. Ouvira-a repleta de raiva e de poder feríssimo. Ouvira-a enrouquecida e extenuada. Ouvira-a a suplicar-lhe que ascendesse, que aceitasse a ajuda e a força que lhe era oferecida.

Virando-se com lentidão, deparou-se com Saetan. O Príncipe das Trevas. O Senhor Supremo do Inferno. O seu pai.

Saetan estendeu a mão, de dedos esguios e unhas longas e tingidas a negro. — Daemon... Jaenelle está viva — disse, docilmente.

O quarto contraiu-se. O túnel continuava a fechar-se. A mão aguardava-o, oferecendo força, segurança, conforto – tudo o que rejeitara no Reino Distorcido.

— Daemon.

Deu um passo em frente. Levantou a mão, de dedos esguios e unhas longas e tingidas a negro. Desta vez, era a sua própria fragilidade que temia. Desta vez, aceitaria as promessas de Saetan.

Deu mais um passo, na direcção da mão que espelhava a sua.

Imediatamente antes de tocar com os dedos nos dedos de Saetan, o quarto esvaiu-se.

— Mantém a cabeça baixa, rapazola. Respira devagar. Isso mesmo.

Serenidade força e calor fluíam da mão que lhe afagava o cabelo, o pescoço, as costas.

O esforço deixou-o nauseado, mas, passado um momento, Daemon conseguiu que o cérebro e a mente funcionassem em conjunto e abriu os olhos. Viu o tapete entre os pés – tons terra, com espirais verde-claro e vermelho velho. Obviamente, o tapete não conseguia decidir-se se representava a Primavera ou o Outono.

— Queres um copo de conhaque ou uma bacia? — perguntou Lucivar.

Por que haveria de querer uma bacia?

Sentiu o estômago às voltas. Engoliu com cuidado. — Conhaque — disse, cerrando os dentes na esperança de não ter feito a escolha errada.

Quando Lucivar regressou, pôs-lhe na mão um copo de balão generosamente servido e enfiou-lhe uma bacia entre os pés.

A mão que massajava as costas de Daemon parou de se mover. — Lucivar — disse Saetan, num tom de voz divertido e aborrecido em medidas iguais.

— A Helene não ficará nada contente se vomitar no tapete.

Daemon não reconheceu a palavra que Saetan usou, embora lhe tivesse soado desagradável. Era insignificante, mas sentiu uma satisfação infantil pois o seu pai tomara o seu partido.

— Vai para o Inferno — disse Daemon, endireitando-se para beber um gole do conhaque.

— Não sou eu que ainda há um minuto ia batendo com o nariz no chão — resmoneou Lucivar, farfalhando as asas.

— Crianças — avisou Saetan.

Visto que o estômago não rejeitou de imediato o conhaque, Daemon bebeu outro gole – acercando-se gradualmente das perguntas que necessitavam de respostas. — Está mesmo viva?

— Está mesmo viva — respondeu Saetan, com afabilidade.

— Viveu aqui desde... — Não conseguiu exprimir.

— Sim.

Daemon virou a cabeça, precisando de ver a resposta nos olhos de Saetan, assim como ouvi-la. — E conseguiu curar-se?

— Sim.

Todavia, detectou um tremeluzir de hesitação nos olhos dourados.

Bebendo mais um gole de conhaque, apercebeu-se finalmente que, embora o odor psíquico de Jaenelle ocupasse o quarto, não era recente.

— Onde está?

— Está a fazer o périplo de Outono aos Territórios dos parentes — disse Saetan. — Fazemos o possível por não interromper, mas eu podia...

— Não. — Daemon fechou os olhos. Precisava de algum tempo para se recompor antes de voltar a encontrá-la. — Posso esperar. — Esperara treze anos. Mais alguns dias não seriam relevantes.

Saetan hesitou, olhando de relance para Lucivar que acenou afirmativamente com a cabeça. — Tens algo em que pensar antes de Jaenelle regressar. — Invocou um pequeno estojo de jóias e abriu-o com o polegar.

Daemon olhou abismado para o rubi lapidado no anel de ouro. Um anel de Consorte. Já vira aquele anel no Reino Distorcido, à volta do pé de um cálice de cristal que fora estilhaçado e cuidadosamente reunido. O cálice de Jaenelle. A promessa de Jaenelle.

— Não é a ti que te cabe oferecê-lo — disse Daemon. Apertou com força o copo de conhaque para escapar à tentação de pegar no anel.

— A oferta não é minha, Príncipe. Como Administrador da Corte das Trevas, foi-me confiada a sua guarda.

Daemon humedeceu os lábios. — Já foi usado alguma vez? — Jaenelle tinha agora vinte e cinco anos. Não havia motivo para crer — para ter esperança — que nunca tivesse sido usado no dedo de outro homem.

Os olhos de Saetan continham uma mistura de alívio e de tristeza. — Não. — Fechou o estojo e ofereceu-o a Daemon.

Daemon agarrou-o bruscamente, fechando-a na mão com força.

— Anda, rapazola — disse Saetan, entregando o copo de conhaque a Lucivar e ajudando Daemon a levantar-se. — Eu levo-te ao teu quarto. Beale irá trazer um tabuleiro dentro de alguns minutos. Tenta comer e dormir um pouco. De manhã, voltaremos a falar.

Abrindo a porta em vidro, Daemon saiu para a varanda. O roupão em seda era demasiado fino e não impedia que a brisa nocturna dispersasse o calor que adquirira num banho prolongado, todavia, precisava de estar ao ar livre por um momento. Precisava de ouvir a água a cantar nas pedras da fonte de aspecto natural no centro do jardim, lá em baixo. Nos quartos que rodeavam o jardim, só dois deles exibiam uma ténue luz. Quartos de hóspedes? Ou esses quartos seriam ocupados por Khardeen e Aaron?

Saetan dissera que nenhum homem usara o anel de Consorte, mas...

Daemon inspirou fundo e expirou devagar. Era Rainha e uma Rainha tinha direito a qualquer prazer que os machos da sua corte lhe pudessem proporcionar.

E agora estava aqui.

A tiritar, voltou para o quarto, trancou a porta em vidro e puxou os cortinados. Despiu o roupão, deitou-se e puxou os cobertores sobre o corpo

desnudado. Virando-se de lado, fitou demoradamente o estojo que pusera na mesinha de cabeceira.

Estava aqui. Agora, a escolha era sua.

Tirou o anel de Consorte do estojo e enfiou-o no dedo anelar da mão esquerda.

6 / Kaeleer

Depois de dispor o último dos seus produtos de higiene pessoal no armário da casa de banho, Surreal deteve-se por um instante, à escuta. Sim, entrara alguém no seu quarto. Teria a criada regressado para outra educada contenda verbal? *Dissera* à mulher que não precisava de ajuda para desfazer as malas – e ficara a pensar no comentário entre dentes da criada. *Não haja dúvidas, é uma SaDiablo.*

Talvez se tivesse precipitado um pouco. Afinal, não queria ter de tratar da roupa enquanto aqui permanecesse.

Dirigindo-se à porta da casa de banho, Surreal enviou uma prudente sonda psíquica na direcção do quarto. Nos seus lábios formou-se um rosado. Não era a criada que estava de volta, era um macho a pôr-se à vontade no seu quarto. Surreal hesitou. O odor psíquico era de um *macho*, não tinha dúvidas – mas havia algo que era um pouco diferente.

Invocando o seu punhal preferido, usou a Arte para o ocultar mediante um escudo de visão. Com os braços ao lado do corpo e a mão direita ligeiramente dobrada a segurar no punho, ninguém suspeitaria que tinha uma arma a postos – a não ser que soubessem que era uma assassina. Muito provavelmente, seria um macho que tomara conhecimento da sua profissão anterior e imaginara que ficaria agradada por o acolher – como os canalhas ordinários da feira de serviços que não paravam de insistir para que assinasse um contrato numa casa da Lua Vermelha “aristocrática”.

Bom, se este macho esperava uma pândega, teria de informá-lo que, em primeiro lugar, teria de falar com o Administrador relativamente a contrapartidas. A menos que fosse o próprio Administrador. Esperaria comprá-la para que desistisse de um contrato que não tinha desejado assinar desde logo?

Com o temperamento a ferver, Surreal entrou de rompante no quarto – e parou abruptamente, não sabendo se deveria gritar ou rir.

Um grande cão cinzento tinha a cabeça enfiada no baú aberto de Surreal. A ponta da cauda abanava como um metrónomo acelerado ao mesmo tempo que farejava as roupas.

— Encontrei alguma coisa interessante? — perguntou Surreal.

O cão saltou do baú, dirigindo-se para a porta. Foi então que parou e o seu corpo foi percorrido por um tremor nervoso enquanto olhava para Surreal com os seus olhos castanhos. A cauda abanou por duas vezes, com um *toc-toc* esperançoso, para depois a enfiar entre as pernas.

Surreal fez o punhal desaparecer. Não tirando os olhos do cão, verificou o baú. Se tivesse feito algo nojento às suas roupas... Vendo que nada mais fizera do que farejar, relaxou e virou-se de frente para o cão.

— És enorme — disse, num tom agradável. — Tens permissão para estar dentro de casa?

— Rrrf.

— Tens razão. Tendo em conta a dimensão deste lugar, foi uma pergunta parva. — Estendeu a mão ligeiramente fechada.

Aceitando o convite, o cão farejou-lhe avidamente a mão, os pés, os joelhos, a...

— Não me metas o focinho entre as pernas — resmoneou Surreal.

O cão recuou dois passos e espirrou.

— Bem, essa é a tua opinião.

Abriu a boca numa careta canina. — Rrrf.

Rindo, Surreal guardou as roupas no guarda-fatos e no toucador. Depois de pendurar a última peça, fechou o baú.

Percebendo que tinha de novo a atenção da mulher, o cão sentou-se e ofereceu-lhe uma pata.

Bem, parecia amistoso.

Depois de lhe apertar a pata, passou-lhe as mãos pelo pêlo, coçou atrás das orelhas e massajou-lhe a cabeça até que os olhos do cão começaram a fechar-se de satisfação. — És um lindo menino, não és? Um menino enorme e peludo.

Deu-lhe dois beijos entusiastas, embora ensopados, no queixo.

Surreal levantou-se, espreguiçando-se. — Agora tenho de ir, rapazola. O meu jantar está algures neste lugar e tenciono encontrá-lo.

— Rrrf. — O cão saltitou para a porta, com a cauda a abanar.

Surreal fitou-o. — Bem, acho que *deves* saber onde encontrar comida. Deixa-me despachar e depois partiremos à caça do jantar arredio.

— Rrrf.

Fogo do Inferno, pensava Surreal ao lavar as mãos e pentear o cabelo. Devia estar mais cansada do que pensava uma vez que estava a imaginar inflexões de tons nos sons emitidos pelo cão que faziam com que parecesse que estava mesmo a responder-lhe. E podia jurar que aquele último “Rrrf” estava carregado de divertimento. Tal como podia jurar que alguém estava a tentar alcançá-la num fio psíquico de comunicações e que era *ela* que se estava a atrapalhar com a ligação.

Quando regressou, o estado de espírito do cão tinha-se alterado. Ao abrir a porta do quarto, olhou para ela com um ar triste e esgueirou-se para o corredor.

O Príncipe Aaron estava encostado à parede oposta.

Era um homem bonito de cabelo preto, olhos cinzentos e apresentava uma altura e uma constituição que as mulheres considerariam atraente. Ao lado de Sadi, ficaria num distante segundo lugar – bem, o mesmo aconteceria com qualquer outro homem – mas decerto que nunca lhe faltariam convites para a cama.

Porventura fosse essa a explicação para a prudência sob a confiança arrogante.

— Visto que não conheceis o lugar, passei aqui para vos acompanhar e à Senhora Benedict até à sala de jantar — disse Aaron, parecendo estar a esforçar-se para não sorrir. — Contudo, vejo que já tendes companhia.

As orelhas do cão arrebitaram-se. Começou a abanar a cauda.

O corredor encheu-se de correntes masculinas incomodativas. Surreal considerou por breves instantes dar uma bofetada a um deles, quebrando o que quer que se estivesse a passar, mas perder os acompanhantes significava ter de dar sozinha com a sala de jantar.

Felizmente, Wilhelmina Benedict escolheu esse preciso momento para sair do quarto, que era ao lado do quarto de Surreal. Depois de Aaron explicar que as acompanharia, ofereceu um braço a cada mulher e os três, com o cão a segui-los de perto, iniciaram a longa caminhada pelo Paço.

— Os criados devem ficar exaustos ao final do dia — disse Surreal ao virarem para mais outro corredor.

— Nem por isso — respondeu Aaron. — O pessoal trabalha por turnos e é-lhes atribuída uma das alas do Paço. Dessa forma, todos acabam por trabalhar na ala da família e na ala onde reside a corte, quando aqui permanece.

— Isso quer dizer que vou voltar à mesma discussão com *outra* criada? — Surreal queixou-se.

Aaron lançou-lhe um olhar divertido. — Quer dizer que preparastes o vosso próprio banho?

— Nem me dei ao trabalho de tomar banho — ripostou Surreal. — Sentai-vos contra o vento.

Convencida.

Não tinha de dizê-lo em voz alta. A sua expressão era suficiente.

Surreal olhou para trás para o acompanhante peludo. Bem, os animais deveriam ser um assunto seguro para conversa de circunstância. — Tem autorização para estar dentro de casa?

— Oh, claro — disse Aaron. — Embora ficasse surpreendido por vê-lo

aqui. A alcateia fica normalmente nos bosques a norte quando há estranhos por estes lados.

— A alcateia? — Qual é a raça deste cão?

— Não é um cão. É um lobo. E é parente.

Wilhelmina sobressaltou-se e olhou para o lobo com um ar assustado.

— Mas... os lobos não são animais selvagens?

— É também Senhor da Guerra — disse Aaron, ignorando a pergunta de Wilhelmina.

Surreal sentiu-se ligeiramente nauseada. Já ouvira falar dos parentes, que teriam algum tipo de magia animal. Mas chamar-lhe Senhor da Guerra... — Quereis dizer que é Sangue?

— Mas é claro.

— Qual o motivo para estar no Paço?

— Bem, assim de repente, diria que está a travar amizades.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas, pensou Surreal. O que significava *aquilo*? — Assim sendo, parece que não é verdadeiramente selvagem. Se está dentro de casa, deve estar domesticado.

Aaron olhou-a com um ar feroz. — Se com “domesticado” quereis dizer que não mija nos tapetes, então é domesticado. Porém, por esses padrões, também eu sou domesticado.

Surreal cerrou os dentes. Que se dane a conversa de circunstância. Neste local, transformava-se em areias movediças verbais.

Fez eco do suspiro de alívio de Wilhelmina quando chegaram a uma escadaria. Felizmente, a sala de jantar não estava muito distante e pôde afastar-se um pouco do seu acompanhante. Acompanhantes. Seja o que for.

Merda.

Talvez Khardeen estivesse na sala de jantar. Era Senhor da Guerra, seu semelhante em casta e as Jóias Cinzentas de Surreal eram superiores às Azul-Safira, o que lhe proporcionava uma vantagem. Neste momento, desejava uma vantagem pois tinha a impressão vincada de que, dos dois acompanhantes, o que possuía a dentadura mais impressionante era, na verdade, o que representava menor perigo.

Surreal olhava fixamente para a porta em madeira fechada, desejando tê-lo feito antes de comer. O bife alto e a caçarola de vegetais estavam deliciosos, tal como o pão, o queijo e as maçãs ligeiramente ácidas, que deglutira com entusiasmo. Agora o estômago comprimido estava a moldar toda aquela comida numa bola rígida.

Resmoneando baixinho, ergueu o punho para bater à porta. Fogo do Inferno, não passava de uma reunião necessária com o Administrador da corte... que detinha agora a autoridade para controlar a sua vida... que

era também o Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan... que era também o Senhor Supremo do Inferno... cujo nome era Saetan Daemon SaDiablo.

— Rrrf?

Surreal olhou por cima do ombro. O lobo inclinou a cabeça.

— Acho que é melhor ficares aqui — disse, batendo uma única e enérgica vez na porta. Ao ouvir uma voz grave dizer: — Entre —, deslizou para a divisão, fechando a porta antes que o lobo a conseguisse seguir.

A divisão tinha a forma de um L invertido. A parte mais alongada era composta por uma área de estar confortável, com mesas, cadeiras e um sofá em pele preta. Nas paredes podia ver-se uma variedade de quadros, desde pinturas comoventes a óleo a bizarros rascunhos a carvão. Intrigada pelas escolhas, virou-se na direcção do recanto.

As paredes estavam forradas a veludo vermelho escuro. A parede ao fundo era composta por prateleiras de livros do chão ao tecto. Uma secretária em madeira escura preenchia o centro do espaço. Dois candeeiros iluminavam o tampo da secretária, bem como o homem sentado atrás dela.

À primeira vista, julgou que Daemon lhe estava a pregar alguma partida. Depois, olhou com mais atenção.

O rosto parecia-se com o de Daemon, sendo gracioso, mais do que belo. Era, sem dúvida, mais velho, e o espesso cabelo negro estava a ficar grisalho nas têmporas. Usava óculos em meia-lua, dando-lhe um ar de escritor benévolo. Porém, as mãos elegantes possuíam unhas longas, tingidas a negro, tal como as de Daemon. Na mão esquerda, usava um anel de Administrador. Na mão direita, um anel com uma Jóia Negra.

— Senta-te, por favor — disse, continuando a tomar notas no papel à sua frente. — É só um minuto.

Surreal deslocou-se de lado para a cadeira à frente da secretária, sentando-se com delicadeza. Aquela voz tinha o mesmo timbre profundo da voz de Daemon, estava dotada com a mesma capacidade de tocar nos ossos de uma mulher, deixando-a ansiosa. Pelo menos, o calor que jorrava de Daemon mesmo quando tentava mantê-lo firmemente controlado, não se fazia ouvir no Senhor Supremo. Quiçá devido à idade.

Nessa altura, pôs a tampa na caneta, pousou os óculos na secretária, recostou-se na cadeira e juntou os dedos de ambas as mãos, pousando o queixo sobre eles.

Sentiu um aperto na garganta. Presenciara Daemon sentar-se exactamente naquela posição sempre que a conversa era de tom “formal”. Fogo do Inferno, qual *era* a ligação entre Sadi e o Senhor Supremo?

— Então — disse, calmamente. — És Surreal. A filha de Titian.

Surreal sentiu um calafrio a percorrê-la. — Conhecestes a minha mãe?

Sorriu friamente. — Ainda conheço. E uma vez que sou família da sua família, considera-me um amigo tolerável, apesar de ser macho.

As palavras que a tinham vindo a atormentar, durante todo o percurso até este local, saíram precipitadamente. — A minha mãe *não* é uma Harpia.

Saetan olhou-a de modo pensativo. — Uma Harpia é uma feiticeira que morreu de forma violenta às mãos de um macho. Diria que essa descrição assenta a Titian, não concordas? Além disso — acrescentou, — não creio que ser Rainha das Harpias possa ser considerado insultuoso.

— Oh. — Surreal prendeu o cabelo atrás das orelhas. Disse-o com um ar tão prosaico e não restavam dúvidas quanto ao respeito presente na sua voz.

— Gostarias de a ver? — perguntou Saetan.

— Mas... se é demónia-morta...

— Podíamos combinar um encontro aqui no Paço. Posso perguntar-lhe se é essa a sua vontade.

— Visto que sois o Senhor Supremo, fico surpreendida por não lhe ordenares simplesmente que venha — disse Surreal, com algum azedume.

Saetan deu uma gargalhada abafada. — Minha querida, posso ser o Senhor Supremo, mas também sou macho. Não vou dar ordens a uma Rainha Viúva Negra sem uma boa razão.

Surreal semicerrou os olhos. — Não vos imagino submisso.

— Não sou submisso, mas a verdade é que sirvo. Será sensato que não confundas estes dois aspectos ao conviveres com os machos desta corte.

Oh, maravilhoso.

— Especialmente tendo declarado formalmente que fazes parte da família — acrescentou Saetan.

Mãe Noite. — Vede — disse Surreal, inclinando-se para a frente, — não sabia que havia quem usasse este nome por estas bandas. — *E com certeza que não esperava encontrá-los.*

— Se pensarmos bem, tens tanto direito a esse nome como Kartane SaDiablo — disse, enigmaticamente. — E, visto que o registaste *de facto*, tens de aceitar as consequências.

— E quais são? — questionou Surreal, desconfiada.

Saetan sorriu. — A versão mais curta é que, como patriarca da família, sou agora responsável por ti e é a mim que tens de prestar contas.

— Quando o sol brilhar no Inferno — ripostou Surreal.

— Cuidado com as condições que estabelececes, feiticeirazita — disse, docilmente. — Jaenelle tem formas sinistras – e, por vezes, inquietantes – de corresponder às condições impostas.

Surreal engoliu em seco. — Está mesmo em Kaeleer?

Saetan pegou no marco de travessia segura que repousava na secretária. — Não foi por isso que vieste?

Anuiu. — Queria descobrir o que lhe tinha acontecido.

— Podes fazer essas perguntas directamente a Jaenelle. Regressará a casa dentro de alguns dias.

— Mora *aqui*?

— Não é a sua única casa, mas, sim, mora aqui.

— E Daemon sabe disso? — perguntou. — Não foi jantar.

— Sabe — respondeu Saetan, com afabilidade. — Está um pouco transtornado.

— Isso é um eufemismo — murmurou entre dentes. De seguida, pensou em algo diferente, algo que lhe acirrara a curiosidade durante treze anos. Se existia alguém nos Reinos capaz de responder, era com certeza o Senhor Supremo. — Alguma vez ouvistes falar do Sacerdote Supremo da Ampulheta?

O sorriso de Saetan ganhou um ar sarcástico. — Eu *sou* o Sacerdote Supremo.

— Oh, merda.

A gargalhada de Saetan era calorosa e robusta. — Estavas disposta a defrontar-me como Senhor Supremo, como Administrador e como patriarca da família, mas ao saberes que sou o Sacerdote ficas sem chão de baixo dos pés?

Surreal olhou-o furiosamente. Colocado dessa forma, era *realmente* uma tolice. Mas não deixava de ser desconcertante descobrir que o macho perigoso cujo odor detectara naquela noite no Altar de Cassandra era o mesmo homem com ar divertido, sentado do outro lado da secretária. — Assim sendo, podereis contar a Daemon o que aconteceu naquela noite. Podereis contar-lhe aquilo de que não se lembra.

Saetan abanou a cabeça. — Não, não posso. Posso confirmar o que aconteceu enquanto estávamos ligados e posso contar-lhe o que se passou posteriormente. Contudo, só uma pessoa lhe poderá narrar o que se passou no abismo.

Surreal suspirou. — Temo o que possa descobrir.

— Não me preocuparia demasiadamente. Quando Jaenelle formou oficialmente a sua corte, o anel de Consorte foi guardado para ele, por sua imposição. Por isso, o que quer que tenha acontecido entre ambos, não poderá ter sido assim tão inquietante. Pelo menos para ela — acrescentou com solenidade. Levantando-se, contornou a secretária. — Ainda tenho de receber vários eyrienos esta noite bem como ouvir os relatos de Aaron, Khardeen e Lucivar. Se necessitares de ajuda para compreender os Sangue deste sítio, vem ter comigo e falaremos.

Aceitando a dispensa, Surreal levantou-se e olhou de relance para a porta. — Só mais uma coisa.

Saetan examinou a porta fechada. — Vejo que travaste conhecimento com o Senhor Colmilho Cinzento.

Surreal reprimiu uma gargalhada.

— Bem sei. Os nomes deles soam-nos tão estranhos como os nossos a eles. Embora tenham mais motivos para assim julgarem. Quando as crias dos parentes nascem, uma Viúva Negra realiza o passo ao lado mental, entrando nos sonhos e nas visões. Por vezes, nada vê. Outras vezes, apelida uma das crias consoante as visões.

— Bem — disse Surreal, sorrindo, — é cinzento e tem presas. O Aaron disse que estava no Paço para fazer amigos.

Saetan olhou-a de modo estranho. — Diria que é correcto. Os cães e cavalos parentes dão-se bem com os humanos dos Sangue uma vez que viveram entre eles durante tanto tempo, embora em segredo, até há oito anos. Os restantes parentes costumam manter-se afastados da maioria dos humanos. Contudo, quando se deparam com um humano que consideram compatível, tentam estabelecer um vínculo, para melhor nos compreenderem.

— E porquê eu? — perguntou Surreal, intrigada.

— Aqui, as Rainhas possuem cortes poderosas e os machos do Primeiro Círculo têm direito ao quinhão principal do seu tempo e das suas atenções. Um jovem como o Colmilho Cinzento tem de esperar a sua vez, mas depois terá ainda de partilhar esse tempo com outros jovens machos na mesma posição. Mas tu és uma feiticeira de Jóia Cinzenta que não possui, por enquanto, outras pretensões de machos.

— À excepção dos machos da família — disse Surreal, amargamente.

— À excepção dos machos da família — concordou Saetan. — De ambos os lados.

Surreal bufou.

— Mas essa pretensão não é exactamente da mesma natureza. Não és Rainha, cujas cortes são formadas por um Protocolo diferente. Por isso, se aceites o Colmilho Cinzento antes de os outros machos se aperceberem da tua presença, ele irá manter a posição dominante em relação a todos os outros machos, exceptuando o teu parceiro, mesmo que os outros usem Jóias mais escuras. Uma vez que não chegou ainda à idade de realizar a Dádiva às Trevas e ainda usa a Jóia Violácea de Direito por Progenitura, as probabilidades de um macho de Jóia mais escura se vir a interessar por ti são elevadas.

— Mas isso não explica o motivo do interesse em mim.

Saetan estendeu o braço lentamente. Com o indicador da mão esquerda segurou na corrente em ouro à volta do pescoço de Surreal, retirando-a para fora da blusa até a Jóia Cinzenta ficar pendurada entre ambos.

No início, Surreal julgou que a carícia que acompanhava o movimento era um tipo de sedução subtil. Depois apercebeu-se que Saetan, não preten-

dia seduzir. Era um gesto tão natural para ele como respirar.

Mas que não estava a ter um efeito benéfico na respiração de *Surreal*.

— Pensa nisto — disse Saetan. — O nome pode não lhe ter sido atribuído por ser pardo e por ter presas mas sim por ser o colmilho da Cinzenta.

— Mãe Noite — disse *Surreal*, olhando para a sua Jóia.

Saetan baixou a Jóia até ficar pousada sobre o peito de *Surreal*. — A decisão é tua e eu apoiarei qualquer decisão que tomes. Contudo, pondera bem, *Surreal*. As visões de uma Viúva Negra não devem ser rejeitadas de uma penada.

Acenando com a cabeça, apreciou a sensação da mão de Saetan nas suas costas ao conduzi-la até à porta. Quando pegou na maçaneta, *Surreal* pôs a mão na porta para não deixar que a abrisse. — Qual é a natureza da vossa ligação a *Daemon*?

— Ele e *Lucivar* são meus filhos.

Era de esperar.

— *Daemon* herdou o vosso bom aspecto — disse *Surreal*.

— E também o meu temperamento.

Entendendo a advertência na voz de Saetan, reconheceu, no fundo daqueles olhos dourados, a mesma prudência que vira nos olhos de Aaron. Fogo do Inferno, teria de encontrar depressa alguém que lhe pudesse explicar as regras machos-fêmeas em *Kaeleer*. A desconfiança por ser uma assassina era uma coisa. A desconfiança por ser mulher... Não gostava. Não vindo dele. Não gostava mesmo nada.

— Gostaria de me encontrar com a minha mãe — disse, bruscamente.

Saetan acenou afirmativamente com a cabeça. — A corte chega esta noite e não posso sair até a Rainha aprovar os recém-chegados, mas farei com que a mensagem chegue a *Titian*.

— Obrigada. — *Maldição, pára de empatar. Sai daqui*. Saiu rapidamente do gabinete logo que Saetan abriu a porta.

Com o Colmilho Cinzento a saltitar a seu lado, *Surreal* continuava a sentir aquele estranho toque psíquico nas suas barreiras interiores.

Sem ele, ter-se-ia perdido por duas vezes, embora tivesse reparado na presença de lacaios em todos os corredores principais. Cada um dos homens erguia-se da sua cadeira, olhava de relance para o Colmilho Cinzento, sorria para *Surreal* e permanecia em silêncio. Assim, seguiu o lobo até se encontrar de volta à segurança do seu quarto.

Quando a deixou, para tratar dos seus próprios afazeres noctívagos, *Surreal* despiu-se rapidamente e vestiu um pijama de mangas compridas. A maior parte das vezes ainda preferia camisas de noite em seda, mas noutras ocasiões – como esta noite – apetecia-lhe vestir algo que parecesse e que lhe transmitisse a sensação de ser assexuado.

Jogando a roupa suja para um cesto na casa de banho, apressou o seu ritual nocturno, enfiou-se na cama e desligou o candeeiro da mesinha da cabeceira.

Alguém colocara um ténue feitiço de aquecimento nos lençóis. Provavelmente, fora a criada. Agradecendo silenciosamente à mulher, Surreal aconchegou-se sob os cobertores.

Estava já a adormecer quando se apercebeu da passagem de uma sombra na porta de vidro. Crispou-se, expectante, até sentir um corpo a subir para a cama, a dar três voltas e a aconchegar-se a seu lado, com um suspiro de satisfação.

Virando ligeiramente o tronco, olhou para o Colmilho Cinzento. Sentindo uma vez mais aquele estranho toque psíquico, deixou-se levar, demasiado cansada para pensar no que estava a fazer e mais preocupada em saber se iria acordar com pulgas na manhã seguinte.

“Pulgas não” disse uma voz masculina ensonada através de um fio psíquico. “Os parentes sabem feitiços contra pulgas e outras sarnas.”

Com um berro, Surreal sentou-se de um pulo.

O Colmilho Cinzento levantou-se, com os dentes cerrados e os pêlos eriçados. “Onde está o perigo?” questionou. “Não farejo perigo.”

— *Tu falas!*

Lentamente, os pêlos do Colmilho Cinzento assentaram. Escondeu os dentes. “Sou parente. Nem sempre queremos falar com os humanos, mas sabemos falar.”

Mãe Noite, Mãe Noite, Mãe Noite.

Com a cauda a abanar, chegou-se à frente e lambeu a bochecha de Surreal. “Ouviste-me!” disse, feliz. “Ainda nem sequer foste treinada e consegues ouvir os parentes!” Levantou a cabeça e uivou.

Surreal agarrou-o pelo focinho. — Cala-te. Vais acordar toda a gente.

“Ladvarian vai ficar contente.”

— Óptimo. Fico feliz. — *Em nome no Inferno, quem é Ladvarian?*
— Agora vamos dormir, está bem? — E dado que não fazia ideia como tinha conseguido estabelecer esta ligação, como iria cortá-la para que os seus pensamentos voltassem a ser privados?

Sentiu uma ligeira pressão mental e, de seguida, novamente aquele toque estranho.

— Rrrf.

— Obrigada — disse Surreal debilmente. Pela manhã, pensava enquanto se aconchegava de novo sob os cobertores, sentindo o Colmilho Cinzento a encostar-se às suas costas. Pensaria nisto pela manhã...

CAPÍTULO TRÊS

1 / Kaeleer

Daemon compôs cuidadosamente os punhos da camisa e do casaco. Sentia-se mais seguro esta manhã, embora não sentisse que tivesse repousado. O sono tinha sido interrompido por sonhos vagos e rasgos de memórias, pela consciência de que apenas uma porta o separava do quarto de Jaenelle e por um corpo excitado e desassossegado, que sabia com ferocidade aquilo que desejava.

Ao enfiar as mãos nos bolsos das calças apercebeu-se do anel de Consorte na mão esquerda. Como se não tivesse consciência da sua existência desde que despertara. Não era unicamente a sensação estranha de um anel naquela mão; eram os deveres e as responsabilidades que o anel acarretava que o faziam sentir-se apreensivo. Oh, o corpo executaria os deveres avidamente. Pelo menos, assim julgava que seria. E era essa a intenção, não era? Não sabia como iria reagir quando voltasse a encontrar Jaenelle. Da mesma forma, não sabia como ela iria reagir.

Dando-se conta, por fim, que Jazen, o seu criado particular, cumpria vagarosamente as tarefas matinais, Daemon observou o homem.

— Instalaste-te comodamente ontem à noite? — perguntou Daemon.

Jazen esforçou-se por sorrir mas não o olhou directamente. — As instalações dos serviçais são bastante espaçosas.

— E os serviçais?

— São... educados.

Daemon sentiu o calafrio preambular à fúria e dominou-a, com afínco. Jazen já sofrera bastante. Se tivesse de abanar o Paço até aos alicerces, certificar-se-ia de que a vida do homem não seria ainda mais dificultada por criados que não faziam ideia da brutalidade que os homens enfrentavam nos Territórios terreilleanos sob o jugo de Dorothea.

— Não sei bem o que é esperado de mim para hoje.

Jazen acenou com a cabeça. — Os outros criados particulares indica-

ram-me que o vestuário hoje seria informal uma vez que o Primeiro Círculo irá avaliar os recém-chegados. Aqueles que se sentam à mesa do Senhor Supremo terão de se vestir adequadamente. Mas não é necessário fato de cerimónia — acrescentou quando Daemon ergueu uma sobancelha. — Contudo, consegui apurar que as Senhoras vestem de forma descontraída durante o dia.

Daemon removeu aquelas informações ao caminhar pelos corredores para a sala de jantar. Com base na sua experiência em cortes terreilleanas, a roupa informal significava vestuário prático elaborado com tecidos ligeiramente menos faustosos dos que aqueles que se usavam durante o jantar.

Ao virar a uma esquina, reparou na feiticeira de pele clara e cabelo ruivo que caminhava na sua direcção. Usava calças coçadas de um tom castanho-escuro e uma camisola de lã comprida, larga, verde-urze e com remendos decorativos. Pôde ver a aprovação na avaliação rápida que os seus olhos verdes realizaram ao seu corpo, mas não detectou qualquer interesse activo. — Príncipe — disse, educadamente, ao passar por ele.

— Senhora — respondeu com igual delicadeza, imaginando como é que um picuinhas como suspeitava que Beale era, permitia que um serviçal se vestisse daquela forma. Quando sentiu uma lufada do odor psíquico da mulher, girou sobre si próprio e ficou a olhar boquiaberto para ela, até virar numa esquina e desaparecer.

Rainha. Aquela mulher era *Rainha*.

Sentiu o estômago a dar horas, o que o levou a retomar o caminho.

Uma Rainha. Bem, se *aquela* era o conceito que as Senhoras tinham relativamente a roupa informal, apoiava veementemente a insistência do Senhor Supremo sobre as regras de vestuário para o jantar – um sentimento que, tinha fortes suspeitas, deveria guardar para si.

Estava perto da sala de jantar quando se encontrou com Saetan.

— Príncipe Sadi, precisamos discutir um assunto — disse Saetan serenamente, embora com uma expressão carregada.

A utilização do título formal por Saetan provocou-lhe um arrepio pelas costas abaixo.

— Então vamos lá despachar isso — respondeu Daemon, seguindo Saetan até ao gabinete oficial do Senhor Supremo. Sentiu uma camada de tensão aliviar-se ao ver que Saetan a encostar-se à parte da frente da secretária em madeira escura, em vez de se sentar atrás dela.

— Tens consciência de que o teu criado particular foi totalmente rapado? — perguntou Saetan delicadamente, sinistramente.

— Sei disso — respondeu Daemon com igual delicadeza.

— Entre nós, são escassas as leis que justificam esses castigos, quando quebradas. Todas são de carácter sexual.

— Jazen nada fez a não ser estar no sítio errado na altura errada — re-darguiu Daemon. — Dorothea fez-lhe aquilo para diversão da sua assembleia.

— Tens a certeza?

— Eu estava presente, Senhor Supremo. Nada pude fazer por ele a não ser iludir as drogas que lhe deram para o manter consciente e fazê-lo perder os sentidos. A sua família tratou-o durante uns tempos mas muitos encontram-se a servir a tempo inteiro. Logo que a notícia se espalhasse – e Dorothea garante sempre que assim seja – Jazen seria considerado impuro porque, *claro está*, tal não teria acontecido se não o merecesse. Se tivesse ficado junto à sua família, também eles perderiam os seus postos. É um bom homem e é leal. Merecia muito mais do que aquilo que lhe aconteceu.

— Compreendo — disse Saetan, calmamente. Endireitou-se. — Explicarei a situação a Beale. Tomará conta do assunto.

— Até que ponto terás de o informar? — perguntou Daemon, preocupado.

— Direi apenas que a mutilação foi injustificada.

Daemon sorriu amargamente. — Crês realmente que isso irá mudar a opinião dos outros criados em relação a Jazen? Que irão acreditar?

— Não, mas irá suspender o julgamento até que a Senhora regresse. — Saetan tomou um ar solene. — Mas tens de compreender, Príncipe. Se Jaenelle se virar contra ele, não há nada que possas fazer ou dizer, nem eu, nem ninguém, que possa fazer diferença. Em Kaeleer, logo que ponhas o pé fora da Pequena Terreille, a Feiticeira é a lei. As suas decisões são irrevogáveis.

Daemon ponderou e, de seguida, acenou afirmativamente com a cabeça. — Aceitarei a decisão da Senhora. — Ao seguir Saetan até à sala de jantar, não conseguia deixar de desejar que a mulher em que Jaenelle se tornara não fosse muito diferente da criança que recordava – e que tinha amado.

2 / Kaeleer

O coração do Senhor Jorval saltava-lhe no peito ao regressar à sala onde o aguardava o homem de cabelo ruivo e olhos cinzentos. Sentou-se atrás da secretária e entrelaçou as mãos para encobrir o tremor da excitação.

— Já descobristes o destino da minha sobrinha? — perguntou Philip Alexander.

— Sim, descobri — respondeu Jorval, solenemente. — Quando me explicastes as relações familiares, fiquei com uma ideia onde procurar.

Philip agarrou os braços da cadeira com uma tal força que poderia partir a madeira. — Assinou contrato com uma corte da Pequena Terreille?

— Infelizmente, tal não aconteceu — disse Jorval, esforçando-se por colocar a dose certa de compaixão na voz. — Tendes de compreender, Príncipe Alexander. Não tínhamos forma de saber quem era. Dois membros do Conselho lembram-se de ouvi-la dizer que procurava a irmã, mas partiram do princípio que a irmã imigrara anteriormente — e, de certa forma, assim foi. Porém, nunca chegou ao Conselho das Trevas um registo da origem de Jaenelle Angelline, antes de o Senhor Supremo ganhar a sua tutela. Não havia razão para estabelecerem uma ligação entre as duas mulheres e, quando se começaram a aperceber do significado das suas indagações, já era demasiado tarde.

— O que significa ‘demasiado tarde’? — perguntou Philip rispidamente.

— Foi... persuadida... a assinar contrato com o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih — que é Lucivar Yaslana.

Jorval sentiu-se animado ao observar Philip a empalidecer. — Vejo que já ouvistes falar dele. Podeis, pois, compreender o perigo que corre a vossa sobrinha. E não se fica por Yaslana, pese embora já seja bastante cruel. — Fez uma pausa, permitindo que Philip engolisse o anzol bem como o isco.

— Está encurralada pelos três, não é verdade? Está encurralada entre Yaslana, Sadi e o Senhor Supremo — tal como Jaenelle.

— Sim. — Jorval suspirou. — Segundo nos foi dado a saber, Yaslana levou-a para o Paço dos SaDiablo em Dhemlan. Quanto tempo aí permanecerá... — Estendeu as mãos num gesto de impotência. — Poderá surgir alguma oportunidade de a retirar do Paço, mas logo que a levem para as montanhas que rodeiam Ebon Rih, não é provável que a volteis a recuperar — pelo menos enquanto ainda restar algo dela que mereça o risco.

Philip afundou-se na cadeira.

Jorval limitou-se a esperar. Por fim, disse: — Desta vez, não há nada que o Conselho das Trevas possa fazer oficialmente para vos ajudar. No entanto, oficiosamente, faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para recuperar Jaenelle Angelline e Wilhelmina Benedict para a família legítima de ambas.

Philip levantou-se como um homem que fora sujeito a um espancamento brutal. — Agradeço-vos, Senhor Jorval. Transmitirei estas informações à minha Rainha.

— Que as Trevas vos guiem e vos amparem, Príncipe Alexander.

Jorval aguardou um minuto depois de Philip sair, antes de se recostar

na cadeira e suspirar, satisfeito com o encontro. Graças às Trevas que Philip era Príncipe. Ficaria preocupado e a matutar, mas, ao contrário de um Príncipe dos Senhores da Guerra, *regressaria* para junto de Alexandra Angelline e acataria a sua decisão. E a sorte que tivera por Philip não se lembrar de perguntar se Yaslana servia uma Rainha – ou quem era ela. Como é óbvio, mentiria se tal lhe fosse perguntado, mas não deixava de ser interessante que Philip não tivesse considerado, nem por um momento, que Jaenelle pudesse ser uma Rainha com um poder descomunal a ponto de controlar os machos da família SaDiablo.

E quanto a Alexandra Angelline... Seria um instrumento útil para distrair o Senhor Supremo e para dividir as lealdades na corte de Ebon Askavi – desde que não se apercebesse da *verdadeira* importância de afastar Jaenelle da Corte das Trevas.

3 / Kaeleer

Daemon vagueava pelos quartos do primeiro andar do Paço, reparando distraidamente na função de cada divisão, com a mente repleta de impressões recebidas durante o pequeno-almoço. Ao chegar a uma porta que dava para um dos pátios a céu aberto, saiu e começou a caminhar devagar, na esperança de que o ar fresco e a vegetação o ajudassem a desanuviar a cabeça.

Esperava encontrar a sala de refeições cheia de gente. Afinal, os eyrienos queriam comer antes de se dedicarem aos planos que Lucivar lhes destinara. E esperara que Khardeen e Aaron ali estivessem e que reparassem e compreendessem no anel de Consorte, entendendo o seu significado. Estava preparado para essa situação. Mas *não* estava preparado para os *outros* machos que constituíam o Primeiro Círculo.

Estava presente Sceron, o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha de Centauran. O centauro de pêlo escuro ficara junto à mesa de refeições, a saborear uma omeleta de vegetais e a conversar com Morton, um Senhor da Guerra loiro e de olhos azuis, de Glacia. Estava também presente Jonah, o Senhor da Guerra de Jóia Verde, um sátiro cujo pêlo escuro o cobria da cintura aos cascos abertos em dois, mas que não cobria na totalidade as partes ostensivamente masculinas. Ali se encontrava também Elan, um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha de Tigrelan, cuja pele era trigueira e raiada a negro e cujas mãos terminavam em garras recolhidas. Ao observar Elan, Daemon apostaria que o homem tinha mais em comum com o gato às riscas escuras que vislumbrara da janela do que apenas traços físicos.

E ainda lá estava Chaosti, o Príncipe Dea al Mon dos Senhores da

Guerra de Jóia Cinzenta, com o comprido cabelo loiro-prateado, orelhas delicadamente pontiagudas e enormes olhos de um tom azul-floresta. Todos os instintos territoriais de Daemon subiram à superfície, bramindo, quando pousou os olhos em Chaosti – talvez porque Chaosti era o tipo de homem que poderia ser um adversário assombroso, independentemente das Jóias que usava, ou talvez por Daemon ver um pouco mais do que queria de si próprio nesse outro homem. Somente a presença de Saetan evitou que os cumprimentos cáusticos se transformassem num confronto aberto. Esse encontro deixara-o nervoso e demasiadamente consciente da sua própria fragilidade interior.

Logo a seguir, chegou o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Cinzenta e que se apresentara como Mephis, o seu irmão mais velho. A sala inclinou-se ligeiramente quando Daemon se apercebeu que, como filho primogénito de Saetan, Mephis era demónio-morto há mais de 50.000 anos. Estava convicto de que se conseguiria equilibrar se, nesse momento, o Príncipe Andulvar Yaslana e o Senhor Prothvar Yaslana não tivessem entrado, provocando a comoção colectiva dos machos eyrienos que se aperceberam das suas identidades – e que, posteriormente, se aperceberam *o que* eram – e essa comoção atingiu-o como uma carroça desgovernada. Depois de varrerem com o olhar os eyrienos intimidados e dirigindo um comentário ao Senhor Supremo, o Príncipe dos Senhores da Guerra demónio-morto bem como o seu neto saíram da divisão.

Nessa altura, Daemon ansiava sinceramente por conhaque em vez de café – um desejo que deveria ser notório. O líquido de uma garrafa de prata que Khardeen lhe deitara no café não era conhaque, mas toldara-lhe os nervos, permitindo-lhe comer.

Ainda demasiado abalado para apreciar a refeição, tinha acabado de terminar o seu modesto pequeno-almoço quando Surreal entrou de rom-pante, resmoneando algo sobre demorar mais tempo do que o previsto “para nos escovar”. Parecera chocada ao deparar-se com Chaosti, a única pessoa que alguma vez vira pertencente à raça da mãe, contudo, no momento em que Chaosti se dirigiu a ela, Surreal cerrou os dentes e anunciou que o próximo macho que se aproximasse dela antes de tomar o pequeno-almoço iria provar o gosto da lâmina de uma faca.

Pelo menos, Surreal desfrutara de um pequeno-almoço sossegado e sem interrupções.

Estava prestes a sair quando uma feiticeira alta e esguia, de cabelo loiro esbranquiçado e espetado entrou na sala, olhou para Daemon e disse, tão alto que devia ter sido ouvida em todo o Paço: — Fogo do Inferno, *é Viúva Negra!*

Que era Viúva Negra natural – e, para além de Saetan, o *único* macho Viúva Negra – fora algo que conseguira manter em segredo durante sécu-

los, desde que o corpo atingira a maturidade sexual, tal como conseguira esconder o dente de serpente e a bolsa de veneno sob o dedo anelar da mão direita. O que quer que tivesse feito instintivamente para impedir que outra Viúva Negra o detectasse, falhara agora redondamente, numa altura em que nada havia a fazer em relação a uma tal denúncia pública.

A tensão na sala dissipou-se quando Saetan respondeu placidamente: — Bem, Karla, é meu filho e é o Consorte.

A surpresa da feiticeira transformou-se numa reflexão arguta. — Oh — exclamou. Nesse caso... — Floresceu lentamente um sorriso perverso. — Beijinho, beijinho.

Passando por Lucivar, Daemon fugiu da sala de refeições e passara a última hora a deambular pelo Paço, tentando controlar os pensamentos e as emoções desinquietas.

— Estás perdido?

Daemon olhou de soslaio para Lucivar que estava encostado à soleira de uma porta. — Não estou perdido — retrucou. Parou de andar e suspirou. — Mas estou muito confundido.

— Claro que estás. És macho. — Com um sorriso de orelha a orelha face ao resmoneio de Daemon, Lucivar caminhou para o pátio. — Por isso, se uma das queridas da assembleia se oferecer para te explicar, não aceites. Tentará ajudar-te, com a maior boa vontade, mas quando terminar de te “desconfudir”, estarás a bater com a cabeça nas paredes e a lastimares-te.

— Porquê?

— Porque para cada cinco regras que aprendeste em Terreille sobre o comportamento adequado de um macho, os Sangue de Kaeleer só conhecem uma – e todos têm interpretações díspares.

Daemon encolheu os ombros. — Obediência é obediência.

— Não, não é. Para os machos dos Sangue, a Primeira Lei é honrar, estimar e proteger. A segunda é servir. A terceira é obedecer.

— E se a obediência interferir com as primeiras duas leis?

— Manda-a pela janela.

Daemon pestanejou. — Tens-te safado com isso?

Lucivar coçou a nuca e ficou com um ar pensativo. — Não é bem uma questão de me safar. Para os Príncipes dos Senhores da Guerra, é quase um requisito do serviço na corte. No entanto, se ignorares uma ordem do Administrador ou do Guarda-Mor, tens de te certificar de que consegues justificar as tuas acções e tens de estar disposto a aceitar as consequências caso não aceitem essa justificação, o que é raro. Eu tenho arranjado mais problemas com o Senhor Supremo como meu pai do que como Administrador.

Pai. Administrador. Os laços da família e da corte.

— Porque é que ainda estás aqui, Bastardinho? — perguntou Daemon

circunspectamente. — Porque é que não estás no campo de treinos a observar os guerreiros que seleccionaste?

— Estava à tua procura porque *não* apareceste no campo de treinos. — Lucivar mexeu-se ligeiramente, equilibrando o peso.

Ainda não, pensou Daemon. *Agora não*. — E porque temos assuntos por resolver — disse devagar.

— E porque temos assuntos por resolver. — Lucivar inspirou fundo e expirou lentamente. — Acusei-te de teres assassinado Jaenelle. Acusei-te de coisas ainda mais infames. Estava errado e isso custou-te a sanidade e oito anos de vida.

Daemon desviou os olhos da mágoa e da tristeza nos olhos de Lucivar. — Não tiveste culpa — disse compassivamente. — Eu já estava debilitado.

— Eu sei. Eu percebi — e usei esse facto como arma.

Recordando-se da discussão entre os dois naquela noite em Pruul, Daemon fechou os olhos. A fúria de Lucivar não o magoara tanto como o seu próprio receio de que as acusações pudessem ter um cunho de verdade. Se tivesse a certeza sobre o que se passara no Altar de Cassandra, a discussão teria terminado de forma diferente. Lucivar não teria passado mais anos nas minas de sal de Pruul e ele próprio não teria passado oito anos no Reino Distorcido.

Daemon abriu os olhos e olhou para o irmão, percebendo por fim que Lucivar não estava a desafiá-lo para um confronto mortal por algo que *Daemon* tivesse feito, mas como ressarcimento pelo que sofrera no Reino Distorcido. Oh, Lucivar lutaria, e lutaria afincadamente pois tinha que ter em consideração uma esposa e um filho pequeno, mas não hesitaria se *Daemon* o exigisse, mesmo sabendo qual seria o resultado quando a Ébano-Acinzentada defrontava a Negra.

Sabia também a razão pela qual Lucivar estava a forçar a questão. Não queria que a esposa e o filho pesassem na balança, não queria que *Daemon* tivesse tempo para desenvolver sentimentos por eles antes de tomar a decisão. Seguindo as tradições antigas dos Sangue, se perdoasse a dívida neste momento, não poderia exigir ressarcimentos posteriores. Caso contrário, desconfiariam sempre um do outro, teriam sempre a necessidade de tomar precauções enquanto aguardavam o ataque inesperado.

E, de certa forma, não tinha a dívida já sido cobrada? Os anos que passara no Reino Distorcido contrabalançaram os anos que Lucivar passou nas minas de sal, em Pruul. O seu pesar pela pretensa morte de Lucivar contrabalançava o pesar de Lucivar pela pretensa morte de Jaenelle às mãos de *Daemon*. E se as posições estivessem trocadas, teria acreditado noutra versão ou teria agido de forma diferente?

— É esse o único assunto por resolver entre nós? — perguntou *Daemon*.

Lucivar acenou coma a cabeça, cautelosamente.

— Então, esquece, Bastardinho. Já sofri uma vez a perda do meu irmão. Não quero voltar a passar por isso.

Observaram-se mutuamente durante um minuto, pesando tudo o que estava para além das palavras. Por fim, Lucivar descontraíu-se. O seu sorriso era indolente, arrogante e tão irritantemente familiar que Daemon sorriu também.

— Nesse caso, Bastardolas, estás atrasado para o treino — disse Lucivar, gesticulando na direcção de uma porta.

— Morde aqui a ver se eu deixo — resmungou Daemon, acompanhando-o.

— Não é uma boa sugestão, meu velho. Tenho tendências para morder, lembras-te? — Sorrindo, Lucivar massajou o braço. — E a Marian também. Fica agressiva quando está irritada.

Sentindo o afecto e o contentamento nos olhos de Lucivar, Daemon reprimiu impiedosamente uma vaga de inveja.

Chegados a uma porta exterior, dirigiram-se aos eyrienos reunidos na extremidade mais distante do extenso relvado.

— Já agora — disse Lucivar, — enquanto andavas a ruminar...

— Não andava a ruminar — resmungou Daemon.

— ... perdeste a diversão desta manhã.

Daemon cerrou os dentes. Não iria perguntar. Não o faria. — Que diversão?

— Estás a ver o lobo sozinho com ar envergonhado?

Daemon olhou para o animal de pêlo cinzento a observar um grupo de mulheres que praticava uma espécie de exercício com bastões eyrienos.

— Sim.

— O Colmilho Cinzento quer ser amigo de Surreal. É jovem e ainda não tem muita experiência com humanos, em especial com as fêmeas. Ao que parece, numa tentativa de reforçar essa amizade e melhorar a compreensão das fêmeas, juntou-se a Surreal enquanto estava no duche. Como estava com a água a correr, não se apercebeu da sua presença até lhe enfiar o focinho onde não devia.

— Isso teria contribuído para um melhor entendimento das fêmeas — disse Daemon friamente.

— Exactamente. Depois, quando se lamentou por ter sabonete no pêlo, Surreal arrastou-o até ao duche e lavou-o. E agora cheira a flores.

Daemon mordeu o lábio. — Isso remedia-se facilmente.

Lucivar pigarreou. — Sim, normalmente, mas logo que saíram, ela ameaçou dar-lhe um açoite caso se sujasse.

— Tudo tem um preço — disse Daemon, com a voz abafada. Reparar-

do na mulher com quem Surreal estava a falar, deu uma violenta cotovelada a Lucivar. — É sensato que Marian esteja a fazer algo tão extenuante no seu período da lua?

Lucivar silvou. — Não comeces. — Parou e observou as mulheres com os olhos semicerrados. — Disse-lhe que podia fazer a série do exercício de aquecimento. Sorrateiramente, fará mais qualquer coisa, com a desculpa de estar a demonstrar movimentos, mas depois vai-lhe saber bem repousar.

Daemon olhou para as mulheres e depois para Lucivar. — Disseste à tua mulher o que podia fazer?

— É claro que não disse à minha mulher — disse Lucivar, indignado. — Tenho cara de parvo? Foi o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih que disse a uma mulher que vive no seu território.

— Ah. Assim é diferente.

— Podes crer que é. Se dissesse à minha mulher, tentaria rachar-me a cabeça com um bastão.

Daemon riu-se enquanto retomaram o caminho na direcção dos guerreiros eyrienos. — Agora *tenho* pena de ter perdido isso.

Lucivar centrou a atenção em Falonar e em Rothvar, que entraram naquele momento na arena de treino, ao mesmo tempo que Daemon observava Surreal e Marian a executarem alguns movimentos.

— Quem é? — perguntou Daemon quando a feiticeira de cabelo espetado se juntou às outras mulheres.

Lucivar olhou de relance para as mulheres e voltou a centrar a atenção nos guerreiros eyrienos. — É Karla, a Rainha de Glacia. É Viúva Negra e Curandeira. Uma das três que possui o dom tríplice.

Um dom tríplice e uma língua-de-trapos, pensou Daemon sorumbaticamente.

— Hoje estás dispensado do treino, mas amanhã espero que sejas pontual — disse Lucivar.

Daemon falou precipitadamente. — *Não* me vou exercitar com bastões contra guerreiros eyrienos.

Lucivar resfolegou e olhou para os pés de Daemon. — Tenho um par de botas que te devem servir até mandares fazer umas para ti.

— Não o farei.

— Até que a transferência oficial esteja concluída, é a mim que pertence o contrato que assinaste, meu velho. Não tens escolha.

Daemon praguejou baixinho, perversamente.

Lucivar começou a afastar-se para falar com Falonar.

— Dá-me uma boa razão para que eu me sujeite a isto — exigiu Daemon, de dentes cerrados.

Lucivar virou-se. — Tens a noção da minha destreza com os bastões eyrienos? — perguntou serenamente.

— Já te vi.

— Jaenelle põe-me a comer terra. — Lucivar sorriu de orelha a orelha ao ver a boca aberta de Daemon. — Não é frequente, posso garantir-te, mas já o fez.

Daemon matutou naquela informação preciosa enquanto Lucivar falava aos machos eyrienos. Pensou com afínco. Quando Lucivar regressou, com um olhar interrogativo, despiu o casaco, enrolou as mangas da camisa e rosnou: — Onde estão as malditas botas?

4 / Kaeleer

Aconchegando um pouco mais o xaile que a envolvia, Alexandra Angelline enrolou os braços à volta da cintura enquanto olhava pela janela da estalagem com vista para o recinto da feira de serviços. A chuva que começara a cair há uma hora não passava de um chuvisco que sujava a terra que tudo cobria em vez de uma carga de água que a arrastasse.

Isto é Kaeleer? pensou lugubrememente. *Este é o Reino das Sombras que tantos tentam desesperadamente alcançar?* Oh, seria decerto injusto julgar todo um Reino por um terreno que fora desgastado por centenas de pessoas que ali tinham aguardado, na esperança de serem escolhidas para um contrato de serviços. Mas sabia que, independentemente do que viesse a contemplar, seria sempre o que imaginaria quando alguém mencionasse Kaeleer.

Sentiu alguém aproximar-se, mas não se virou quando a filha, Leland, se juntou a ela à janela.

— Porque quereria Wilhelmina vir para este sítio? — murmurou Leland. — Ficarei satisfeita quando pudermos sair daqui.

— Não tens de ficar, Leland. Em especial porque Vania e Nyselle insistiram tão benevolentemente em me acompanhar.

— Não nos acompanharam por lealdade — disse Leland serena mas amargamente. — Só queriam uma oportunidade para ver o Reino das Sombras e sabiam que poderiam não conseguir entrar de outra forma.

Alexandra cerrou os dentes perante a verdade da observação de Leland, que a corroía. Vania e Nyselle, as duas Rainhas de Província que a acompanharam contrariadas a Hayll, tinham-se tornado maçadoras na solicitude demonstrada logo que anunciara a sua ida a Kaeleer, no encalço de Wilhelmina. Por isso, essas Rainhas e os respectivos Consortes acompanharam-na, juntamente com Philip e Leland para além de uma escolta de

cinco homens. Quatro dos membros da escolta tinham-na acompanhado desde Chaillot. O quinto, escolhido por Dorothea SaDiablo, fora “empresado” por uma das Rainhas de estimação de Dorothea, de outro Território. O homem arrepiava-a, contudo Dorothea garantira-lhe que seria capaz de libertar Wilhelmina dos seus “capttores”, entregando-a depois a outro grupo de machos leais que a aguardavam em Kaeleer.

Custa-me dizê-lo, expressara Dorothea, mas se conseguires libertar apenas uma das tuas netas do controlo do Senhor Supremo, tem de ser Jaenelle. Ela representa o perigo para Terreille.

Alexandra não acreditou por um único momento que Jaenelle não fosse mais do que um fantoche usado para camuflar quem quer – o que quer – que representasse a *verdadeira* ameaça para Terreille. Todavia, doces Trevas, esperava não ter de optar entre Wilhelmina e Jaenelle – pois no fundo do coração sabia qual a criança que deixaria para trás.

— Além disso — acrescentou Leland baixinho, — tenho de ficar. Sempre foi uma criança estranha, mas Jaenelle era... é... minha filha. Só de pensar que esteve sob o controlo daquele monstro durante todo este tempo... — Leland estremeceu. — Não há forma de saber o que lhe terá feito.

E não havia forma de saber o que lhe acontecera em Briarwood. Seria deveras mentalmente frágil ou teria aquele local provocado essa fragilidade? Não, decidiu com firmeza. As estadias de Jaenelle em Briarwood podem ter contribuído para o enfraquecimento de uma estabilidade já de si fragilizada, mas as excentricidades da criança constituíram a razão principal que levou à decisão de enviar a rapariga para Briarwood.

— O que vamos fazer? — perguntou Leland, discretamente.

Alexandra olhou por cima do ombro para as restantes pessoas que aguardavam, inquietas, a sua decisão. Philip, que perdera o autocontrolo diversas vezes enquanto relatava as informações transmitidas pelo Senhor Jorval, iria com ela, não somente por ter casado com Leland mas também por se preocupar genuinamente com Wilhelmina e Jaenelle. Vania e Nyselle também a acompanhariam para puderem conhecer Kaeleer em mais detalhe, para além deste terreno árido. Os Consortes e os acompanhantes seguiriam as Rainhas por dever. A curiosidade e o dever seriam suficientes contra algo como o Senhor Supremo?

Não importava. Aceitaria toda a ajuda oferecida.

Virando as costas à janela, disse: — Príncipe Alexander, fazes favor de tratar do transporte numa Carruagem, tão depressa quanto possível? Vamos ao Paço dos SaDiablo.

Na certeza de ter mais dores de músculos do que propriamente músculos, Daemon avançou com lentidão para o salão principal onde, de acordo com Beale, o Senhor Supremo aguardava.

Nunca mais. Nunca nunca mais. Deveria ter-se recordado do que significava “Vamos começar com calma”, deveria ter-se recordado que quaisquer outros exercícios não preparavam o corpo para os exercícios com armas eyrienas. Oh, se quisesse ser imparcial – e não tinha qualquer intenção de o ser num futuro próximo – Lucivar *começara* pelos exercícios básicos de aquecimento. Contudo, mesmo ao ritmo de treino, quando o parceiro desse treino era Lucivar, *trabalhava-se* a sério.

Abriu uma porta na extremidade mais distante do salão principal e esqueceu-se dos músculos doridos ao ver Saetan a afastar o cabelo do rosto de uma atraente feiticeira dhemlana. Nesse gesto, havia ternura, bem como afecto. Conjecturando se estaria a fazer a interpretação correcta, avançou o mais discretamente possível.

A feiticeira reparou nele em primeiro lugar. Desorientada, deu um grande passo para trás e fitou-o de modo nervoso. Todavia, o que o deixou preocupado foi o rasgo de fúria que detectou do pai.

Nesse momento, Saetan virou-se, viu Daemon e descontraiu-se por um instante antes de se apressar ao seu encontro.

— O que te aconteceu? — inquiriu Saetan. — Estás ferido?

— O que me aconteceu foi o Lucivar — respondeu Daemon, entre dentes cerrados.

— Andaram embrulhados? — perguntou Saetan, num tom de voz ilusoriamente indiferente, ao qual estava subjacente a desaprovação paternal.

— Não andámos embrulhados, estivemos a treinar. Mas fico encantado por alguém, para além de mim, ter dificuldades em compreender a distinção.

A feiticeira afastara-se deles e começara a emitir sons bizarros. Quando se virou, os seus olhos dourados estavam animados pelo riso. — Perdoem-me — disse, não parecendo minimamente arrependida. — Tendo sido receptora da instrução de Lucivar, compartilho dessa sensação.

— E qual o motivo para efectuares exercícios de armas com Lucivar? — perguntou Saetan.

— Porque sou imbecil. — Daemon ergueu a mão para afastar o cabelo da testa. O braço ficou imobilizado a meio caminho, sem acção. Baixou o braço devagar, agradecido por conseguir fazer esse movimento. — Anseio por estar presente da próxima vez que Jaenelle o fizer comer terra.

— E quem não anseia? — murmurou a feiticeira.

Saetan soltou um suspiro arreliado. — Sylvia, este é Daemon Sadi. Daemon, esta é a Senhora Sylvia, Rainha de Halaway.

Sylvia arregalou os olhos. — Este é o *rapaz*?

Daemon crispou-se até Saetan lhe dar um brusco toque mental.

— “Rapaz” é um termo relativo — disse Saetan.

— Com certeza que é — respondeu Sylvia, tentando disciplinar o rosto numa expressão adequada.

Saetan limitou-se a contemplá-la.

— Bem — disse Sylvia com demasiada vivacidade, — vou cumprimentar a assembleia e deixar que os dois resolvam o assunto.

— Vais emprestar-me o livro? — perguntou Saetan, formando nos lábios um sorriso sabedor e malicioso.

— De que livro falas, Senhor Supremo? — indagou Sylvia, tentando parecer inocente, ao mesmo tempo que corava a uma velocidade vertiginosa.

— Aquele que não admities que leste.

— Oh, creio que não te despertará qualquer interesse — balbuciou Sylvia.

— Tendo em conta a tua reacção sempre que lhe faço referência, julgo que terei todo o interesse na sua leitura.

— Podes comprar um exemplar.

— Prefiro pedir-te o teu emprestado.

Sylvia fulminou-o com o olhar. — Empresto-te o livro na condição de *admitires* perante a *assembleia* que estás a lê-lo.

Saetan ficou em silêncio. As suas faces ficaram ligeiramente coradas.

Satisfeita, Sylvia sorriu afectuosamente para Daemon. — Bem-vindo a Kaeleer, Príncipe Sadi.

— Obrigado, Senhora — respondeu Daemon, cortesmente. — Conhecer-vos revelou-se extremamente educativo.

Saetan silvou. Sylvia não perdeu tempo em ausentar-se.

Logo que saiu, Saetan passou os dedos pelo cabelo, inspeccionando depois a mão vazia. — Consigo compreender a razão da queda do cabelo do pai dela — resmungou. — O meu vai ficando cada vez mais grisalho, e por isso, creio que devo ficar agradecido.

— É uma amiga? — perguntou Daemon, com malícia.

— Sim, é uma amiga — retrucou Saetan, realçando a última palavra. Franziu o sobrolho. — Anda, cria. Vamo-nos sentar antes que tombes.

Daemon seguiu obedientemente o pai até ao gabinete oficial, divertido e imensamente curioso em relação ao tom nervoso e defensivo na voz de Saetan.

Quando conseguiu que os músculos rebeldes vergassem o suficiente, permitindo que se sentasse, já Andulvar Yaslana se juntara aos dois.

— Não estiveste mal para um principiante — disse Andulvar.
— Logo que recupere os movimentos, vou esborrachar-lhe a cabeça — resmungou Daemon.

Saetan e Andulvar trocaram um olhar divertido.

— Ah — exclamou Saetan, — os séculos podem ir e vir, mas o sentimento não muda.

— Foram essas as palavras que usaste da primeira vez que tu e Lucivar andaram à pancada — disse Andulvar.

Daemon examinou os dois homens com os olhos semicerrados.

— Eram os dois cerca de dois anos mais velhos do que Daemonar — disse Saetan. — Encontrei com uma vara comprida que tinha o diâmetro adequado à mão de uma criança, cortado ao meio, e foi então que Lucivar se empenhou em mostrar-te os exercícios que andava a praticar.

— Sempre demonstrou um talento natural para as armas — disse Andulvar, — embora com aquela idade não fosse muito eficaz na explicação dos exercícios.

— Por isso — prosseguiu Saetan, — lá conseguiu dar umas boas varadas e tu, por sorte ou temperamento, conseguiste igualmente dar um par de varadas. Nessa altura, os dois puseram de lado os bastões e começaram a usar os punhos. Manny acabou com a diversão lançando-vos um balde de água fria.

Daemon teve de se esforçar deliberadamente para não se contorcer.
— Vais passar o tempo nisto? — rosnou para Saetan.

— Nisto? — perguntou Saetan, ternamente.

— Debitar episódios embaraçosos da minha infância.

Saetan limitou-se a sorrir.

— Anda, cria — disse Andulvar. — Precisas de um banho quente, de uma massagem e de algo para comer. A manhã ainda agora começou e tens o resto do dia à tua frente.

O rosnado de Daemon converteu-se num ganido quando Andulvar o levantou pelas costas da camisa.

— Um momento — disse Saetan, serenamente.

Detectando a alteração no estado de espírito, Daemon virou-se, encarando Saetan de frente. — Mandaste chamar-me.

Saetan observou Daemon durante um minuto. — Recebi um pedido. Se tens intenção ou não honrá-lo, é uma escolha que te cabe a ti. Caso decidas que não estás preparado ou que não o desejas realizar de todo, tentarei explicar.

Daemon sentiu gelo a correr-lhe nas veias, mas resistiu ao impulso de ceder à raiva gélida. Tinha muito a aprender sobre dar e receber entre os machos e as fêmeas de Kaeleer. Não deveria partir do princípio que um pedido neste local tinha o mesmo significado de um pedido em Terreille.

— Qual é o pedido?

Saetan proferiu com delicadeza: — A tua mãe gostaria de ver-te.

6 / Kaeleer

Bebendo uma chávena de chá de ervas, Karla passeava pelos jardins interiores, na esperança de que o som da fonte a serenasse. Ergueu o olhar, apreensivamente, para as janelas do segundo andar do lado sul do pátio. Estaria Sadi lá em cima, a observá-la por detrás das finas cortinas?

Fogo do Inferno, não deveria ter deixado escapar que é Viúva Negra. Percebera-o no momento em que viu a fúria gelada nos olhos de Daemon. Todavia, estava transtornada pela teia entrelaçada que tecera dois dias antes e consumida pela tentativa de entender as imagens ocultas que vira... Bem, ter conhecido Daemon Sadi explicara, sem dúvida, muitas dessas imagens. Vira o Senhor Supremo a olhar-se ao espelho, mas o reflexo não era o dele. Vira verdades protegidas por mentiras. Vira uma Viúva Negra de Jóia Negra a tornar-se inimigo para poder manter-se amigo. E vira a morte suspensa por um anel. A sua própria morte.

Perturbada pela incapacidade de interpretar a visão do Senhor Supremo, começara a questionar-se se, de alguma forma, não teria compreendido erroneamente a teia entrelaçada. Agora, as dúvidas tinham-se amontoado.

Esvaziou a chávena e suspirou. Restava mais uma coisa que devia esclarecer antes do regresso de Jaenelle – para o bem de todos.

Daemon pegou no casaco preto que estendera na cama e voltou a deitar-se ao ouvir novamente as batidas, um pouco mais fortes desta vez. Estava alguém no exterior da porta em vidro da varanda da sala de estar.

Deixando o casaco, dirigiu-se à sala de estar, afastou a cortina e fitou a feiticeira de cabelo espetado, à espera na varanda. O primeiro impulso foi o de largar a cortina e ignorá-la. Não desejava a presença física ou o odor psíquico de Karla nos seus aposentos. Não queria que ninguém se interrogasse acerca dos motivos que o levavam a receber outra mulher antes de ser formalmente aceite pela Rainha.

Não queria saber se era Rainha de Território. Contudo, o facto de fazer parte do Primeiro Círculo da corte de Jaenelle era de *extrema* importância.

Relutante, abriu a porta e recuou para a deixar passar.

— Tenho um compromisso dentro de alguns minutos — disse, friamente.

— Vim desculpar-me — disse Karla. — Não demorarei muito. Não tenho muito jeito para desculpas, por isso tento encurtá-las.

Daemon enfiou as mãos nos bolsos das calças e aguardou.

Karla respirou fundo. — Não deveria ter anunciado que pertencias à Ampulheta de forma tão pública. De qualquer forma, o Primeiro Círculo seria informado, mas não devia tê-lo dito tão bruscamente. Pensava noutras questões que me vinham a confundir, e quando te vi... — Encolheu os ombros.

— Como soubeste? Em Terreille, ninguém se apercebeu.

Os seus lábios curvaram-se. — Bem, duvido que algum deles tenha passado os últimos dez anos a aborrecer o Tio Saetan. Quem, como nós, assim o fez, daria conta das similaridades dos vossos odores psíquicos e chegaria à conclusão certa.

Daemon pestanejou. — *Tio Saetan?*

Terminou a curvatura dos lábios no característico sorriso perverso. — Adoptou Jaenelle e todos nós adoptámos Saetan. Viemos passar um Verão e nunca mais regressámos verdadeiramente a casa. Podes imaginar como ficou entusiasmado quando percebeu que ganhara dez feiticeiras adolescentes em vez de uma única – e os rapazolas também, é claro.

— É claro — disse Daemon, debatendo-se para não sorrir. — Que surpresa.

— Mmm. Nesse primeiro Verão, quando todos lhe caímos em cima, a assembleia especializou-se em tónicos calmantes. Era tão angustiante ouvi-lo lastimar-se.

Daemon abafou uma gargalhada para, logo de seguida, o divertimento se desvanecer. Era hábil, esta Rainha de olhos azuis como o gelo e cabelo loiro esbranquiçado e espetado. Deve ter percebido a sua vontade em ouvir histórias sobre a adolescência de Jaenelle.

Karla observou-o. — Se contribuir para que te sintas melhor, podes ameaçar esganar-me.

Ficou incapaz de falar por um momento. — Perdão?

— Nesta corte, é a forma aceite de um macho expressar contrariedade em relação a uma feiticeira.

— Consideram admissível a ameaça de esganar uma mulher? — Daemon inquiriu, convicto de ter percebido mal.

— Desde que seja enunciado de forma calma para que se saiba que não pretende fazê-lo.

Um macho que consiga manter-se calmo neste local deve ser possuidor de um grande autocontrolo, pensou Daemon. Massajou a testa e começou a perceber a advertência de Lucivar quanto às explicações dadas pelas feiticeiras da assembleia.

— Não vos incomoda que Lucivar vos ameace? — perguntou Daemon. Visto que Lucivar normalmente mantinha a calma ao ameaçar al-

guém, só um tolo não o levaria a sério.

Karla crispou os ombros. — Oh. Bem. *Lucivar*. Raramente nos dirige a palavra quando está agastado connosco. Limita-se a pegar em nós e a mandar-nos para o charco de água mais próximo. — Fez uma pausa. — Se bem que, para ser justa...

— Ser justa, para quê? — resmungou Daemon.

— Passaste a manhã com ele, não foi? — disse Karla, sabedora. — Se for uma tina de água ou uma fonte, ele mergulha-nos em vez de nos mandar para que não nos magoemos. Porém, é o *Lucivar*. Desencorajamos com veemência outros machos de adquirirem esse hábito em particular.

— Se assim não fosse, estariam ensopadas a maior parte do tempo — murmurou Daemon, entre dentes.

Antes de Karla conseguir responder ao comentário, Morghann, a Rainha de Scelt – a Rainha de cabelo ruivo com quem se cruzara de manhã – e Gabrielle, a Rainha dos Dea al Mon, bateram simbolicamente na porta da varanda antes de entrarem.

— As portas da assembleia dão todas para este jardim interior, por isso é mais rápido usar as portas das varandas em vez de dar a volta por dentro — disse Morghann ao mesmo tempo que Karla perguntava: — Onde está Surreal?

Gabrielle pôs o cabelo loiro-prateado por trás das orelhas pontiagudas e sorriu de orelha a orelha. — Chaosti reclamou-a sob o pretexto de mostrar-lhe o Paço. Ela ainda estava a resmungar que tinha de pedir desculpas ao Colmilho Cinzento por parecer demasiado realista quando ameaçou dar-lhe um açoite.

— Estava a explicar algumas regras a Daemon — disse Karla.

— Eu tenho realmente um compromisso — resmungou Daemon para, de seguida, dizer: — Entre — em voz alta, quando alguém bateu à porta da sala de estar.

Saetan entrou, passou os olhos pelas três mulheres e parou.

— Beijinho, beijinho — disse Karla.

— Íamos explicar as regras a Daemon — disse Morghann.

— Que as Trevas tenham piedade de Daemon — exprimiu Saetan, friamente.

— Vou buscar o casaco — disse, Daemon, não querendo deixar escapar uma oportunidade de se escapulir. O orgulho impedia-o de correr para o quarto. O senso comum fê-lo demorar-se mais do que o necessário, por isso, quando regressou à sala de estar, só Saetan o aguardava.

— Já foram atormentar outro? — perguntou Daemon, com azedume, ao saírem dos aposentos, começando a caminhar pelos corredores.

Saetan deu uma gargalhada abafada. — Por agora.

Daemon hesitou. — Quiçá seja melhor explicares-me essas regras.

— Vou providenciar um livro de Protocolo de corte para reveres.

— Não, o que quero dizer são as regras próprias desta corte. Como...

— Não quero saber — disse Saetan, serena mas firmemente.

— Tens de saber. És o Administrador.

— Exactamente. E se esta corte se rege por algumas regras das quais, ditosamente, não tive conhecimento nestes cinco anos como Administrador, não é agora que pretendo ser informado.

— Mas... — disse Daemon. O olhar implacável de Saetan deteve-o. — É uma atitude algo afectada.

— Do teu ponto de vista, talvez seja. Do meu ponto de vista, faz todo o sentido. És mais novo. Enfrenta a situação.

Antes de conseguir fazer um comentário do qual se pudesse arrepender, um pequeno cão castanho e branco correu na direcção de ambos e parou a alguns centímetros, com a cauda a abanar desenfreadamente num cumprimento fervoroso.

“Já chegou! O parceiro de Jaenelle chegou finalmente!”

Daemon ficou sem fôlego, não só por ter ouvido o cão falar, mas também por ter visto a Jóia Vermelha escondida no pêlo branco do pescoço.

— Daemon, este é o Senhor Ladvarian — disse Saetan. — Ladvarian, este é...

“Um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra” disse Ladvarian, saltitando à frente deles. “É um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra. Tenho de contar a Kaelas.” O cão correu pelo corredor, desaparecendo.

— Mãe Noite — disse Saetan, baixinho. — Anda. Vamos sair daqui antes que encontremos mais alguém. Já tiveste ensinamentos suficientes para o primeiro dia na corte.

— É parente — disse Daemon debilmente, seguindo Saetan. — Quando Lucivar disse que alguém chamado Ladvarian ficaria satisfeito por me ver, pensei... A não ser que se referisse a outrem?

— Não, é este Ladvarian. Ele próprio teria ido à feira de serviços procurar-te, mas os parentes não são muito bem recebidos na Pequena Terreille e não estava disposto a colocá-lo em perigo. A sua capacidade de explicar o comportamento dos parentes aos humanos e o comportamento dos humanos aos parentes fá-lo único. E a influência que exerce no Príncipe Kaelas não deve ser julgada de ânimo leve.

— Quem é Kaelas?

Saetan olhou-o de modo estranho. — Vamos deixar o Kaelas para outro dia.

Daemon observou a casinha arranjada e o pátio limpo. — Sempre quis que Tersa vivesse num local deste género.

— Aqui, vive uma vida descansada — disse Saetan, abrindo a porta da frente. — Uma assistente Viúva Negra reside com Tersa para lhe fazer companhia. E tem também o Mikal — acrescentou, enquanto seguiam o som de vozes até à cozinha.

Daemon entrou na cozinha, olhou de relance para o rapaz sentado à mesa da cozinha e, depois, fixou os olhos em Tersa, que estava a resmonear para si própria, enquanto preparava comida.

O cabelo preto estava tão embaraçado quanto se recordava, mas o vestido verde-escuro estava lavado e parecia quentinho.

O rapaz engoliu à pressa um pedaço de bolinho de avelã antes de perguntar, num tom de voz desconfiado: — Quem é ele?

Tersa levantou os olhos. Os seus olhos dourados encheram-se de alegria, fazendo com que sorrisse de modo radiante. — É o rapaz — disse, ao mesmo tempo que se lançava nos braços de Daemon.

— Olá, querida — disse Daemon, sentindo-se inundado pelo prazer de a rever.

— Não é um *rapaz* — disse o rapaz.

— Mikal — chamou Saetan, severamente.

Afastando-se de Daemon, Tersa olhou para Mikal, depois novamente para Daemon. — É um grande rapaz — disse, com firmeza. Puxou Daemon para a mesa. — Senta-te. Há comida. Tens de comer.

Daemon sentou-se à frente do rapaz, que o considerava notoriamente como um rival inoportuno. — Não devias estar na escola?

Mikal rolou os olhos. — Não é dia de escola.

— Mas não deixaste de fazer as tarefas que a tua mãe te atribuiu *antes* de vires para aqui — disse Saetan, docilmente, aceitando o copo de vinho tinto que Tersa lhe ofereceu, mas não desviando os olhos de Mikal.

Mikal contorceu-se sob aquele olhar informado e, por fim, murmurou entre dentes: — A maior parte.

— Nesse caso, depois de comermos, irei acompanhar-te até casa e poderás terminá-las — disse Saetan.

— Mas tenho de ajudar Tersa a mondar o jardim — protestou Mikal.

— As ervas daninhas não fogem — disse Tersa, serenamente. Olhou para os dois “rapazes”, franziu o sobrolho para os copos de leite que levava nas mãos e colocou os dois à frente de Mikal. Deu umas palmadinhas no ombro de Daemon. — Já tem idade para beber vinho.

— Graças às Trevas — murmurou Daemon.

A refeição passou-se com pouca conversa. Saetan quis saber como ia o trabalho escolar de Mikal, obtendo as respostas evasivas que já esperava.

Tersa tentou fazer comentários banais sobre a casa e o jardim, mas os comentários iam-se tornando cada vez mais incoerentes.

Daemon cerrou os dentes. Queria dizer-lhe para parar de tentar. Magoava vê-la esforçar-se tanto para caminhar na fronteira da sanidade mental por sua causa e a preocupação e o rancor nos olhos de Mikal perante o desmoronamento do controlo de Tersa feriam-no profundamente.

Saetan pousou o copo de vinho na mesa e levantou-se. — Vamos, cria — dirigiu-se a Mikal. — Vou levar-te agora a casa.

Mikal pegou rapidamente num bolinho de avelã. — Ainda não acabei a refeição.

— Leva-o contigo.

Quando saíram, ouvindo Mikal ainda a protestar vigorosamente, Daemon olhou para Tersa. — Como é bom voltar a ver-te — disse, ternamente.

Os olhos de Tersa encheram-se de mágoa. — Não sei ser tua mãe.

Pegou-lhe na mão. — Basta seres a Tersa. Foi sempre mais do que suficiente. — Sentiu que Tersa absorvia a aceitação, sentiu a tensão a abandonar-lhe o corpo.

Por fim, sorriu. — Estás bem?

Devolveu o sorriso e mentiu: — Sim, estou bem.

A mão de Tersa apertou a de Daemon. Os seus olhos ficaram desfocados, ficaram distantes e perspicazes. — Não — disse baixinho, — não estás. Mas irás ficar. — De seguida, levantou-se. — Anda. Vou mostrar-te o meu jardim.

7 / Kaeleer

Saetan mudou para uma posição sentada no sofá do seu gabinete. Não necessitava usar uma sonda psíquica para saber quem estava do outro lado da porta. O odor a medo foi suficiente. — Entre.

Wilhelmina Benedict entrou, hesitando a cada passo.

Observando-a, Saetan segurou as rédeas do seu temperamento com firmeza. Não era culpa dela. Há treze anos, era praticamente uma criança. Nada poderia ter feito.

Contudo, se Jaenelle não tivesse permanecido em Chaillot para proteger Wilhelmina, aquela última e horrenda noite em Briarwood não teria acontecido. Teria deixado a família que não compreendera nem prezara o que Jaenelle era. Teria vindo para Kaeleer, teria vindo ao *seu* encontro – e teria evitado a violenta violação que lhe deixara tantas e tão profundas cicatrizes emocionais.

Não era justo responsabilizar Wilhelmina, de alguma forma, pelo que acontecera a Jaenelle, porém não deixava de se sentir ressentido pela presença da rapariga na casa que lhe pertencia e pelo ressurgimento na vida da irmã.

— O que posso fazer por ti, Senhora Benedict? — Tentou, sem êxito, esconder a irritação.

— Não sei o que faça. — A sua voz era quase imperceptível.

— Em relação a quê?

— Todos os que assinaram contrato têm algo para fazer, mesmo que seja apenas elaborar uma lista das respectivas aptidões. Mas eu...

Retorceu as mãos com tanta força que Saetan crispou-se apiedado pelos ossos delicados.

— Odeia-me — disse Wilhelmina, com a voz a subir de tom devido ao desespero. — Todos aqui me odeiam e não sei porquê.

Saetan indicou-lhe a extremidade oposta do sofá. — Senta-te. — Aguardando o cumprimento da ordem, imaginou como teria conseguido esta mulher tão amedrontada e fragilizada emocionalmente fazer a viagem através de um dos Portões entre os Reinos, tentando, posteriormente, obter um contrato na feira de serviços. Quando Wilhelmina se sentou, Saetan disse: — Odiar é uma palavra demasiadamente forte. Ninguém aqui te odeia.

— O Yaslana odeia. — Enfiou os punhos no colo. — E vós idem.

— Não te odeio, Wilhelmina — disse serenamente. — Embora me sinta ressentido com a tua presença.

— Porquê?

Confrontado com o sofrimento e a desorientação da mulher, sentiu-se tentado a expressar a verdade sem rodeios, mas decidiu conceder-lhe a delicadeza da honestidade. — Porque és a razão pela qual Jaenelle não abandonou Chaillot com a brevidade necessária.

Ficou sobressaltado pela célere mudança de assustada em feroz, mas percebeu que não deveria ter-se alarmado. Devia ter procurado a base comum entre Wilhelmina e Jaenelle ao invés de deixar que o passado lhe tolhasse o pensamento.

— Sabeis onde encontrá-la, não é verdade? *Sabeis?*

Parecia prestes a arrancar-lhe a resposta aos safanões. Intrigado pela mudança, perguntou-se se seria realmente capaz de tentar.

— Neste preciso momento, não sei — disse, de modo tranquilo. — Mas em breve, estará de regresso a casa.

— A casa? — A ferocidade voltou a transformar-se em perplexidade, passando depois a reflexão ao passar o olhar pelo gabinete. — A casa?

— Sou o pai adoptivo de Jaenelle. — Não obtendo qualquer reacção, acrescentou: — Lucivar é seu irmão.

Saltou como se a tivesse picado com um alfinete. Os seus olhos azuis estavam repletos de algo semelhante a horror enquanto olhava estupefacta para Saetan. — Irmão?

— Irmão. Se te serve de consolo, embora ambos estejam relacionados com a mesma mulher, tu e Lucivar não têm qualquer relação um com o outro.

O alívio de Wilhelmina foi tão notório que quase fez Saetan rir.

— Ela gosta dele? — perguntou Wilhelmina, baixinho.

Não conseguiu evitar. Riu-se mesmo. — A maior parte do tempo. — Depois examinou-a. — É essa a razão que te trouxe a Kaeleer? Para procurar Jaenelle?

Anuiu. — Todos diziam que tinha morrido, que o Príncipe Sadi a matara, mas eu sabia que não era verdade. Ele nunca teria magoado Jaenelle. Julguei que fora viver com um dos seus amigos secretos ou com o seu professor. — Olhou-o como se estivesse a comparar o que via com algo que sabia. — Éreis vós, não éreis? Veio ter *convosco* para que a ensinásseis.

— Sim. — Aguardou. — O que vos levou a pensar em Kaeleer?

— Foi Jaenelle que me disse. Posteriormente. — Wilhelmina passou um dedo pela Jóia Azul-Safira. — Quando o Príncipe Sadi libertou as Jóias Negras para escapar aos hayllianos que vieram buscá-lo, ouvi Jaenelle a gritar “deixem-se ir, deixem-se ir”. E assim fiz. Quando terminou, dei comigo a usar uma Jóia Azul-Safira. Ficaram todos abalados pois julgavam que, de alguma forma, tinha realizado a Dádiva às Trevas. Mas a Jóia não me pertencia. Era de Jaenelle. Não conseguia fazer uso dela, mas protegia-me. Por vezes, quando estava assustada ou não sabia o que fazer, a Jóia sempre me ofereceu a mesma resposta: Kaeleer. Saí de casa porque o Bobby... — Cerrou os lábios e respirou fundo por duas vezes. — Saí de casa. Logo que completei vinte anos, realizei a Dádiva. E obtive esta Jóia. A outra desapareceu.

— E passaste estes últimos anos a tentar chegar aqui?

Hesitou. — Durante muito tempo, não me sentia preparada. Um dia, pus-me a pensar se *algum* dia estaria preparada. Por isso, vim de qualquer maneira.

O que significava que esta mulher tinha mais coragem do que aparentava.

— Diz-me, Wilhelmina — disse Saetan, docilmente. — Se, há treze anos, Jaenelle tivesse decidido deixar Chaillot e se te tivesse pedido que a acompanhasses, tê-lo-ias feito?

Demorou muito a responder. Por fim, relutante, disse: — Não sei. — Olhou ao seu redor, com um semblante triste. — Jaenelle pertence aqui. Eu não.

— És irmã de Jaenelle e uma feiticeira de Jóia Azul-Safira. Não faças

julgamentos precipitados. — *Da mesma forma, também eu tentarei não fazer julgamentos precipitados.* — Além disso, terias tido uma opinião muito diferente deste lugar se nos tivesses visitado na altura em que aqui residiam dez feiticeiras adolescentes — acrescentou, com uma voz propositadamente pesarosa.

Arregalou os olhos. — Referis-vos às Rainhas que aqui estão?

— Sim.

— Oh, céus.

— É uma forma de o expressar.

Baixou a cabeça para abafar uma gargalhada. Quando se atreveu a voltar a olhar para Saetan, pôde ver que estava a ponderar, a reavaliar o Paço, bem como as pessoas que aí habitavam.

— Continuo sem nada para fazer — disse, vacilante.

A expectativa quase esperançosa presente nos olhos da mulher levou-o a compreender que dera um grande passo em direcção à aceitação de Saetan como patriarca da família — e esperando, por isso, que cumprisse os deveres inerentes a essa posição.

— Lucivar não disse *nada*? — perguntou, consciente de que a única razão pela qual Lucivar a trouxera era para afastá-la de quem quer que tentasse usar a relação que tinha com Jaenelle.

Pela primeira vez, um pedacinho de fúria tremeluziu-lhe no olhar. — Disse-me para tentar não desmaiar pois isso iria afligir os machos.

Saetan suspirou. — Vindo de Lucivar, foi quase uma delicadeza. Tem razão. Foi rude, mas não deixa de ter razão. Os machos reagem vigorosamente face à angústia feminina.

Wilhelmina franziu o sobrolho. — É por isso que aquele enorme gato às riscas anda sempre a seguir-me?

Saetan olhou para a porta do gabinete. Uma pergunta breve num fio psíquico masculino facultou-lhe a resposta. — Chama-se Dejaal. É filho do Príncipe Jaal. Autoproclamou-se teu protector até que te sintas à vontade com os outros machos do Paço.

— É parente? Ouvi histórias...

— Os Sangue da Pequena Terreille não acham grande utilidade aos parentes e os parentes ainda acham menos utilidade aos Sangue da Pequena Terreille — disse Saetan, para logo acrescentar em silêncio: *Excepto quando têm fome.*

Levantando-se, ofereceu a mão a Wilhelmina e conduziu-a até à porta. Invocou uma escova e ofereceu-lha. — Se queres ocupar-te com algo que nos ajudará a todos neste momento, leva Dejaal até um dos jardins exteriores e escova-o. Logo que te habitues à sua presença, talvez seja mais fácil permaneceres na nossa companhia.

— Se a intenção é tranquilizar-me, talvez fosse melhor dar uma escovadela a Lucivar — disse, com um ligeiro indício de mordacidade.

Saetan desatou às gargalhadas. — Minha querida, se queres dar-te bem com Lucivar, mostra-lhe essa veia mordaz. Visto que viveu com Jaenelle durante os últimos oito anos, reconhecerá a sua essência.

8 / Kaeleer

— Tens a certeza que este é o caminho de regresso ao Paço? — perguntou Daemon ao esquivar-se a um ramo baixo.

“Saímos do caminho” disse Ladvarian. “Temos de atravessar o riacho e o caminho não tem ponte.”

— Não preciso de uma ponte para atravessar o riacho.

Ladvarian olhou para os sapatos de Daemon. “Irias molhar-te.”

— Sobreviveria — resmungou Daemon, entre dentes.

Quando deixou a casa de Tersa, encontrara Ladvarian a aguardar para o acompanhar de volta ao Paço. Ao início, julgou que se poderia tratar de um tipo subtil de insulto, insinuando que não conseguia dar com o caminho sozinho. Posteriormente, quando Ladvarian se ofereceu para lhe mostrar um atalho entre Halaway e o Paço, julgou que estaria a ser-lhe preparada uma emboscada. Por fim, percebeu que o cão queria simplesmente passar algum tempo a conhecer o macho cujos deveres o tornavam numa parte importante da vida da Rainha.

Mas não gostava da impressão de que estava a ser rotulado como um humano que precisava de ser mimado.

Parou. — Olha, isto tem de parar. Posso não ser um guerreiro eyrie-no mas sou perfeitamente capaz de andar alguns quilómetros sem cair para o lado, consigo atravessar um riacho sem me molhar se assim o desejar e não preciso que uma bola de pêlos baixinha me trate como se não fosse capaz de sobreviver sem ser numa casa cheia de serviçais. Percebes?

Ladvarian abanou a cauda. “Sim. Queres ser tratado como um macho de Kaeleer.”

Daemon rodou nos calcanhares e examinou o sceltita. — Foi isso que disse?

“Sim.” Ladvarian correu na diagonal. “Por aqui.”

Passado um minuto, chegaram ao riacho. Ladvarian avançou a passo rápido até à margem e saltou. Normalmente, deveria ter aterrado no meio do riacho mas continuou a deslocar-se e, ao pousar, ficou a pairar a trinta centímetros acima do chão, com uma careta canídea no focinho.

Daemon olhou para o riacho, olhou para o sceltita e, de seguida, caminhou pelo ar sobre o riacho, até à outra margem.

“Foi Jaenelle que te ensinou isso?”

Recordando a tarde em que Jaenelle lhe demonstrara como caminhar no ar, Daemon sentiu um aperto no peito. — Sim — disse docilmente, — foi.

“Também a mim.” Ladvarian parecia satisfeito.

Ao passarem outro arvoredor, Daemon avistou a estrada. O caminho, corrigiu. Quando a estrada a norte de Halaway atravessava a ponte, tornava-se no caminho que levava ao Paço e os terrenos que se estendiam à sua frente faziam parte da propriedade da família.

Dirigiu-se ao caminho, e logo girou sobre si próprio ao ouvir Ladvarian a rosar, na expectativa de um ataque apesar das demonstrações de amizade do cão.

Contudo, Ladvarian estava virado para o local de onde tinham vindo. A ponte estava escondida sob a ondulação do terreno, mas o vento soprava dessa direcção.

— O que se passa? — perguntou Daemon, abrindo ligeiramente a primeira barreira interior de maneira a perscrutar a área em redor.

“Estão a chegar humanos. Três carruagens. Avisei os outros machos mas agora temos de regressar.” Ladvarian dirigiu-se num passo rápido em linha recta para o Paço, forçando Daemon a apressar-se para o acompanhar.

— Qual é o problema de virem humanos ao Paço?

O odor psíquico de Ladvarian tornou-se hostil. “Transmitem-me uma sensação desagradável.”

A ferocidade repentina era uma nítida advertência de que o pequeno macho que trotava a seu lado era também um Senhor da Guerra de Jóia Vermelha e, tendo Lucivar orientado uma parte do treino de Ladvarian, o sceltita era um lutador bastante mais impressionante do que alguém podia suspeitar.

“O Noitibó leva-te até ao Paço. Ele é mais rápido.”

Antes que Daemon pudesse reflectir sobre aquele comentário enigmático, ouviu o som de cascos na sua direcção.

Noutras circunstâncias, mal visse o cavalo negro, teria recusado a oferta — não somente porque montar um garanhão sem sela não era uma ideia muito saudável, mas também porque o vento e os movimentos do cavalo levantaram ligeiramente a franja que lhe encobria a testa e, por um breve instante, vislumbrou a Jóia Cinzenta aí escondida. Apesar das diferenças entre as duas espécies, reconheceu o agressivo odor psíquico de outro Príncipe dos Senhores da Guerra. Porém, não se moveu quando o cavalo parou a seu lado e Ladvarian mordiscou-lhe a barriga da perna.

«Vai, Daemon. Já.»

Mal teve tempo de montar e agarrar-se à longa crina e já o Noitibó partia num galope desenfreado a corta-mato. Sem saber como Ladvarian os acompanharia a este ritmo, olhou para trás e viu o cão equilibrado na garupa do cavalo.

Quando o cavalo avançou em direcção à última secção extensa e recta do caminho, Daemon deu um puxão na crina e gritou: — Mais devagar — com receio de que o Noitibó resvalasse na gravilha àquela velocidade.

Sentiu uma ligeira subida e depois... não ouviu nada. Não ouviu os cascos nem a gravilha a espalhar-se. Espreitando por cima do ombro esquerdo do Noitibó, viu as patas dianteiras a deslocarem-se pelo ar, na direcção da porta principal.

Quando já estavam tão perto a ponto de verem os detalhes da cabeça do dragão no batente da porta, o Noitibó pousou nas patas traseiras, detendo-se por fim a um palmo da escadaria.

Daemon desmontou e subiu os degraus, sem saber se as pernas tremiam devido aos músculos tensos ou devido aos nervos em franja. Ao chegar à porta, olhou para trás, mas não havia sinais do Noitibó, embora sentisse a presença próxima do garanhão.

— Fogo do Inferno — murmurou entre dentes quando um lacaio lhe abriu a porta.

Ladvarian passou à sua frente a correr e desapareceu.

Daemon entrou mais devagar, sentindo a pressão da hostilidade masculina. Para além do lacaio, a única pessoa visível no salão principal era Beale, o mordomo, mas duvidava que fossem os únicos presentes.

— Parece que estamos prestes a ter companhia — disse Daemon ao ajeitar o cabelo e compor o casaco preto.

— Assim parece — respondeu Beale fleumaticamente. — Se não vos importais de aguardar aqui, o Príncipe Yaslana e o Senhor Supremo estão prestes a chegar.

Daemon olhou ao seu redor e entrou na sala de visitas formal, posicionando-se de forma a não ser visto por quem quer que passasse pela porta.

Observando a movimentação, Beale mudou de posição, colocando-se directamente na linha de visão de Daemon.

«Lucivar» chamou Daemon, através de um fio masculino Ébano-Acinzentado.

«Estou a entrar pela porta de serviço nas traseiras do Paço.»

«Se algum deles conseguir passar por nós sem o detectarmos, há alguma forma de chegar à zona dos aposentos?»

«A única forma de chegar aos andares de cima a partir dessa zona do Paço é pelas escadas na sala de visitas informal. Não te preocupes. Kaelas

está nesse local. Nada passará por essas escadas. E o Senhor Supremo está a descer por aí.“

Daemon ouviu as carruagens a pararem à frente do Paço, viu Beale a acenar com a cabeça ao laçao quando alguém bateu à porta.

Passos. O ruje-ruje de roupas. A voz de uma mulher.

— Exijo ver Wilhelmina Benedict.

A raiva gélida soltou-se dentro de Daemon invadindo-o com uma tal rapidez que se viu na orla assassina antes mesmo de perceber que tinha dado o primeiro passo nessa direcção. Há treze anos que não ouvia aquela voz, mas reconheceu-a.

— A Senhora Benedict não está disponível — disse Beale, impassível.

— Não me venham com essa. Sou a Rainha de Chaillot e...

Daemon saiu da sala de visitas. — Boa-tarde, Alexandra — disse, com uma placitude exagerada. — Que prazer voltar a ver-vos.

— Tu. — Alexandra fitou-o, de olhos arregalados e aterrorizados. Seguiu-se a raiva. — Foste tu que organizaste aquela ‘visita’ a Briarwood, não foste?

— Bem vistas as coisas, era o mínimo que podia fazer. — Deu um passo em direcção a Alexandra. — Eu avisei que, se me trásseis, inundaria de sangue as ruas de Beldon Mor.

— Também disseste que me mandarias para a sepultura.

— Cheguei à conclusão que deixar-vos viver seria um castigo bem mais rigoroso.

— Canalha! Tu... — Alexandra começou a tiritar. Todos os que a acompanhavam começaram a tiritar.

O frio intenso e cauterizante atingiu-o no momento seguinte, deixando-o tão aturdido que se afastou da orla assassina.

É este o meu aspecto quando fico gélido?, cogitou Daemon, incapaz de desviar o olhar daqueles olhos vítreos e letárgicos e do sorriso malevolamente dócil.

— Senhora Angeline. — A voz de Saetan ribombou no Paço como um suave trovão. — Sempre soube que nos encontraríamos um dia para ajustarmos contas, mas não julguei que fosseis assim tão tola para vir aqui.

Alexandra cerrou os punhos mas foi incapaz de parar de tremer. — Vim com o objectivo de levar as minhas netas para casa. Deixei que venham e iremos embora.

— A Senhora Benedict será informada da vossa presença. Se desejar ver-vos, marcaremos um encontro – sempre com acompanhamento, claro.

— Como vos atreveis a insinuar que *eu* represento algum género de perigo?

— Eu sei que assim é. A única questão prende-se com a dimensão desse perigo.

A voz de Alexandra subiu de tom. — Não tendes qualquer direito...

— Aqui governo eu — rosnou Saetan. — Sois vós que não tendes qualquer direito, Senhora. Nenhum. Exceptuando aqueles que eu vos possa conceder. E concedo-vos muito pouco.

— Quero ver as minhas netas. *Ambas*.

No fundo dos olhos de Saetan, algo feríssimo bruxuleou. Olhou para Leland e Philip, voltando a centrar a atenção em Alexandra. A sua voz converteu-se num trauteio monocórdico: — Passei dois longos e terríveis anos a congeminar a execução perfeita para os três. Dois longos e terríveis anos é o tempo que demorarão a definhar até à morte e, a cada minuto, a dor sentida irá para além do que possam imaginar. Neste caso, contudo, necessito da anuência da minha Rainha antes de começar. — Virou-lhes costas. — Beale, prepara acomodações para os nossos hóspedes. Ficarão connosco por uns tempos.

Ao passar por Daemon em direcção ao seu gabinete, os seus olhares cruzaram-se.

Daemon olhou para Leland que estava agarrada a Philip e a chorar baixinho; para as outras Rainhas e os respectivos machos que estavam juntos e encolhidos de medo; e, por fim, para Alexandra, que o fitava com olhos apavorados e cuja tez estava desprovida de cor.

Girando sobre os calcanhares, dirigiu-se para o gabinete e reparou que Lucivar estava discretamente ao fundo do corredor.

“Se entrares ali, tem cuidado, Bastardolas” avisou Lucivar.

Acenando com a cabeça, Daemon entrou no gabinete.

Saetan estava em pé, junto à secretária, servindo-se diligentemente de um copo de conhaque. Levantou os olhos, serviu outro copo e ofereceu-o a Daemon.

Daemon aceitou o copo e bebeu um trago substancial, na esperança de que o aquecesse ligeiramente.

— A raiva de outro macho não te deveria afectar ao ponto de te afastares da orla assassina — disse Saetan, calmamente.

— Na verdade, nunca senti nada semelhante.

— E se voltares a sentir, irá afectar-te de igual modo?

Daemon olhou para o homem que estava à distância de um braço e compreendeu que era o Administrador da Corte das Trevas e não o seu pai que lhe estava a colocar a questão. — Não, não irá.

Movendo-se cautelosamente, como se tivesse consciência de que qualquer movimento repentino poderia libertar a violência que ainda fremia no seu interior, Saetan apoiou-se na secretária em madeira escura.

Controlando igualmente os movimentos, Daemon serviu-se de outro copo de conhaque. — Achais que a Rainha consentirá?

— Não. Visto que os seus familiares só lhe infligiram mal a ela e não a outrem, irá opor-se à execução. Mas não deixarei de apresentar-lhe o pedido.

Daemon fez o conhaque girar lentamente no copo. — Se, por alguma razão, não se opuser, posso assistir?

O sorriso de Saetan era encantador e cruel. — Meu querido Príncipe, se Jaenelle der o seu consentimento, poderás fazer mais do que simplesmente assistir.

9 / Kaeleer

O Senhor Magstrom suspirou ao pousar uma pilha de pastas na grande mesa, já de si atulhada de pilhas de pastas. Voltou a suspirar quando deu uma cotovelada involuntária a uma das pilhas, espalhando pelo chão o conteúdo da volumosa pasta do topo. Apoiando-se num joelho, começou a apanhar os papéis.

Graças às Trevas que o dia de reclamação terminara e que a feira de serviços de Outono fora oficialmente encerrada. Quiçá devesse recusar o trabalho na feira de serviços, na próxima Primavera. As horas esgotantes eram árduas para um homem com a sua idade, embora fosse a esperança e o desespero desoladores nos rostos dos imigrantes que o atormentavam. Como podia olhar para uma mulher que não era mais velha do que a sua neta mais nova e não desejar ajudá-la a encontrar um local para viver, onde o medo latente no fundo dos seus olhos fosse substituído pela felicidade? Como podia olhar para um homem cortês e eloquente que fora horrivelmente atemorizado por tentativas repetidas de lhe “ensinar obediência” e não desejar enviá-lo para uma aldeia sossegada onde pudesse recuperar o respeito por si próprio, sem ter de magicar no que lhe iria suceder sempre que a Rainha que aí governasse olhasse na sua direcção?

Não existiam lugares semelhantes na Pequena Terreille. Não mais. Contudo, eram as Rainhas deste Território que continuavam a oferecer contratos e a atulhar as cortes de imigrantes. As outras Rainhas de Kaeleer, nos Territórios que respondiam à Rainha de Ebon Askavi, eram mais precavidas e muito mais selectivas. Por isso, esforçava-se ao máximo para encontrar os imigrantes que possuíam uma aptidão ou um sonho ou *algo* que pudesse angariar-lhes um contrato fora da Pequena Terreille, e levava essas pessoas ao conhecimento dos machos do Primeiro Círculo de Jaenelle Angelline, sempre que se deslocavam à feira de serviços. Quanto aos outros,

preenchia os contratos e desejava-lhes boa sorte e uma boa vida – e fica a imaginar se a nova vida na Pequena Terreille seria deveras diferente da vida à qual tentavam escapar.

E tentava nem sequer lembrar-se daqueles que não tinham sido afortunados, não recebendo *qualquer* tipo de contrato, e que eram enviados de volta para Terreille.

Magstrom abanou a cabeça enquanto reorganizava os papéis para que ficassem minimamente ordenados. Que trabalho mal feito, enfiar as listas de entradas de imigração no mesmo ficheiro do que as listas de serviços e do que as listas daqueles que iriam regressar a Terreille. Como poderiam os escrivães...

A mão apertou uma folha de papel. A lista haylliana de entradas. Mas tinha sido *ele* próprio que se encarregara da lista haylliana – até ao final do terceiro dia, quando Jorval decidira fiscalizar essa lista em particular. Na lista que facultara a Jorval estavam vinte nomes. Agora, restavam apenas doze. Teria alguém feito uma nova cópia da lista, colocando apenas os nomes daqueles que foram aceites ao serviço? Não, porque o nome de Daemon Sadi não constava da lista.

Magstrom rebuscou os papéis rapidamente, procurando a lista haylliana de quem regressava a Terreille, que seria usada pelos guardas para se certificarem de que ninguém tentaria escapar e passar à clandestinidade. A lista tinha quatro nomes. Uma vez que Sadi se encontrava agora em Dhemlan, restavam três pessoas das quais não havia qualquer informação mas que tinham estado na lista de entradas que facultara a Jorval.

Ao ouvir passos a aproximarem-se, voltou a enfiar os papéis na pasta, resmungou baixinho ao levantar-se e pousou a pasta numa pilha onde não pudesse ser facilmente derrubada ao chão.

Os passos detiveram-se à porta e depois prosseguiram.

Magstrom ficou à escuta por um momento, usando a Arte para sondar a área. Ninguém. Contudo, sentiu um arrepio de inquietação a percorrer-lhe o corpo.

Impelido por essa inquietação, saiu do edifício e apressou-se até à estalagem onde se hospedara durante a feira de serviços. Logo que chegou ao quarto, começou a fazer as malas.

Pela lógica, deveria ter procurado outros membros do Conselho e informá-los sobre as disparidades nas listas hayllianas. Talvez fosse um simples erro administrativo – demasiados nomes, demasiado trabalho para se fazer apressadamente. Todavia, quem se iria “esquecer” de colocar um Príncipe dos Senhores da Guerra como Daemon Sadi na lista? A menos que a omissão tivesse sido deliberada. E se esse fosse o caso, quem poderia saber quantos outras listas teriam disparidades semelhantes, quantos seriam os

terreilleanos que tinham entrado em Kaeleer para os quais não existia agora qualquer registo?

E quem sabe o que poderia acontecer às provas de tais disparidades se falasse com os membros errados do Conselho?

Se viajasse pelo Vento Branco, que seria o menos exigente, poderia ainda alcançar a fronteira de Nharkhava ao nascer do dia. Uma das suas netas vivia aí e Kalush, Rainha de Nharkhava, concedera-lhe uma dispensa especial que permitia visitar o seu Território sem ter de passar sempre por todas as formalidades. E se, logo que chegasse à teia de desembarque na fronteira, solicitasse uma escolta até à casa da neta... Os guardas poderiam julgar que era um pedido invulgar, mas não se recusariam a auxiliar um ancião. Depois de dormir um pouco, elaboraria uma carta dirigida ao Senhor Supremo, explicando as disparidades nas listas.

Quiçá *não passasse* de um erro administrativo. Mas se fosse, de facto, o primeiro indício de problemas, pelo menos Saetan ficaria de sobreaviso – e saberia também onde procurar a origem.

Jorval olhou para a folha sob a mesa e para os papéis enfiados à pressa na pasta volumosa.

Ora, ora. O velho jarreta tinha andado a bisbilhotar. Que pena.

Magstrom podia ter sido um espinho no Conselho das Trevas durante muitos anos, mas não deixava de ter a sua utilidade – em especial por ser o único membro do Conselho ao qual era permitido solicitar uma audiência com o Senhor Supremo e a quem era concedida.

Contudo, parecia que o préstimo de Magstrom estava a esgotar-se. E não se podia esquecer que, se não fosse Magstrom ter-se imiscuído na tarde do dia anterior, a Sacerdotisa das Trevas teria tido a sua arma de Jóia Negra a salvo, num lugar seguro, algures onde pudesse ter alguma utilidade.

Estava tentado em enviar alguém para tratar de Magstrom nessa mesma noite, mas o momento poderia conduzir determinadas pessoas – como o Senhor Supremo – a investigar a feira de serviços com demasiada minúcia.

Podia esperar. Magstrom não podia ter visto *assim* tanto. E se fosse levantada alguma questão, era relativamente fácil demitir um ou dois funcionários por negligência e desfazer-se em pedidos de desculpas.

Mas quando chegasse a altura certa...

Alexandra encolhia-se na cadeira defronte da secretária em madeira escura.

O Senhor Supremo solicita a vossa presença.

Solicita? *Exige* era mais adequado. Contudo, quando aquele volumoso mordomo de rosto empedernido lhe abriu a porta, o gabinete encontrava-se vazio e, passados quinze minutos, ainda estava à espera. Na verdade, não tinha pressa de voltar a encarar o Senhor Supremo.

Reforçou o feitiço de aquecimento que colocara no xaile mas fez um esgar perante a futilidade de procurar um pouco de calor neste lugar. Não era bem o *lugar* – que, de facto, era muito bonito se fosse possível ultrapassar a sensação obscura e opressiva – eram as *pessoas* que provocavam calafrios.

Sabia que não fora por cortesia que lhe tinham servido o jantar, bem como à sua comitiva, numa pequena sala de jantar próxima dos quartos dos hóspedes. O Senhor Supremo não se importaria com o facto de Alexandra se sentir demasiado exausta física e emocionalmente para enfrentar os encontros com outros que ali habitassem. Também não se importaria se ela não conseguisse engolir uma colherada de comida se tivesse de partilhar a mesa com Daemon Sadi.

Não, ela e os seus acompanhantes tinham jantado desacompanhados porque ele não os queria presentes à sua mesa.

E agora, quando aquilo que mais ansiava era poder retirar-se para o seu quarto e dormir na medida do possível, depois de um dia esgotante, *ele* solicitara a presença de Alexandra – e não tinha sequer tido a delicadeza de estar presente à sua chegada.

Devia ir-se embora. Era Rainha e o insulto de a deixar à espera já se prolongara em demasia. Se o Senhor Supremo a quisesse ver, que fosse ao seu encontro.

Ao levantar-se, abriu-se uma porta e o odor psíquico obscuro de Saetan inundou a divisão. Deixou-se cair na cadeira. Necessitou da totalidade do seu autocontrolo para não se encolher de medo quando Saetan passou por ela, instalando-se na cadeira por detrás da secretária em madeira escura.

— Quando um macho solicita um encontro com uma Rainha, não a deixa à espera — disse Alexandra, tentando evitar que a voz estremecesse.

— E vós, que atribuíis tanta importância à cortesia, nunca deixastes ninguém à espera? — perguntou Saetan, placidamente, depois de uma longa pausa.

A cintilação estranha e ardente nos olhos de Saetan assustava-a, em-

bora pressentisse que esta seria a única oportunidade que lhe seria dada. Se transigisse, Saetan nunca lhe concederia o que quer que fosse.

Colocou na voz o desdém frio que usava sempre que um macho da aristocracia precisava de saber o seu lugar. — Aquilo que uma Rainha faz é irrelevante.

— Visto que uma Rainha pode fazer o que lhe der na gana, independentemente da crueldade do acto, independentemente dos danos causados.

— Não distorceis as minhas palavras — ripostou, esquecendo tudo o resto sobre o Senhor Supremo, à excepção de que era um macho e não devia tratar uma Rainha deste modo.

— As minhas desculpas, Senhora. Visto que vós já as distorceis sobremaneira, esforçar-me-ei para não contribuir para isso.

Alexandra concedeu-se um momento para meditar. — Estais a tentar provocar-me deliberadamente. Porquê? Para que possais justificar a minha execução?

— Oh, já possuo todas as justificações necessárias para uma execução — respondeu Saetan, calmamente. — Não, é mais simples do que isso. O facto de eu vos apavorar não nos leva a lado nenhum. Se estiverdes irritada, pelo menos, falarás.

— Nesse caso, quero que as minhas netas me sejam devolvidas.

— Não tendes qualquer direito sobre nenhuma das duas.

— Tenho todos os direitos!

— Olvidais algo muito básico, Alexandra. Wilhelmina tem vinte e sete anos. A maioria é atingida aos vinte. Já não tendes qualquer poder de decisão sobre as suas vidas.

— Assim sendo, nem vós. Cabe a *elas* decidir se ficam ou se vão.

— Já decidiram. E eu tenho muito mais poder de decisão sobre as suas vidas do que vós. Wilhelmina assinou um contrato com o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih que, por sua vez, serve na Corte das Trevas. Eu sou o Administrador. Por isso, a hierarquia da corte concede-me alguns direitos decisórios sobre a sua vida.

— E Jaenelle? Também serve nesta Corte das Trevas?

Saetan olhou-a de forma estranha. — Realmente não compreendeis, pois não? Jaenelle não serve, Alexandra. Jaenelle é a Rainha.

Por um momento, a convicção na voz de Saetan quase a convenceu.

Não. *Não*. Se Jaenelle fosse realmente Rainha, teria *sabido*. Os semelhantes reconhecem os semelhantes. Oh, *poderia* existir uma Rainha a governar esta corte, mas não era, *não podia* ser, Jaenelle.

Porém, a declaração de Saetan deu-lhe uma arma. — Se Jaenelle é a Rainha, não tendes qualquer direito de controlar a sua vida.

— Nem vós.

Alexandra agarrou com força os braços da cadeira e cerrou os dentes.

— A idade da maioridade reconhece algumas condições que têm de ser correspondidas. Se uma criança for considerada incapaz, de alguma forma, a família mantém o direito de cuidar do seu bem-estar mental e físico e de tomar decisões em seu nome.

— E de quem é a decisão de considerar a criança incapaz? A família que exerce controlo sobre ela? Que conveniente. E não vos esqueceis, estais a falar de uma Rainha que vos é superior.

— Não me esqueço. E não tenteis vir com moralismos – como se tivésseis a mínima noção de moral.

Os olhos de Saetan cobriram-se de gelo. — Muito bem. Vamos analisar a *vossa* noção de moralidade. Dizei, Alexandra, que justificação tendes para as alturas em que era óbvio que Jaenelle passava fome? Como justifiqueis as queimaduras de corda por ser amarrada, as nódoas negras dos espancamentos? Minimizastes a questão como sendo a disciplina necessária para controlar uma criança indisciplinada?

— Mentis! — gritou Alexandra. — Nunca testemunhei qualquer indício de tais práticas.

— Limitastes-vos a atirá-la para Briarwood e não vos destes ao trabalho de a voltar a ver até decidirdes deixá-la sair?

— É claro que a visitava! — Alexandra fez uma pausa. O seu peito foi acometido por uma dor ao lembrar-se do modo distante, quase acusatório como Jaenelle olhava para ela e para Leland quando, por vezes, a visitavam. A circunspecção e a suspeição nos olhos da rapariga, dirigidas a elas. Recordava como tinha sofrido, como Leland tinha chorado baixinho durante a viagem de regresso a casa, após o Dr. Carvay lhes ter comunicado que Jaenelle estava demasiadamente instável a nível emocional para poder receber visitas. E recordou as vezes em que se tinha sentido aliviada por Jaenelle estar escondida num lugar seguro, para que os outros não tivessem conhecimento directo das histórias fantasiosas da rapariga. — Visitava-a sempre que se encontrava suficientemente estabilizada a nível emocional para poder receber visitas.

Saetan resmoneou baixinho.

— Estais aí sentado a julgar-me, mas não tendes ideia como era tentar lidar com uma criança que...

— Jaenelle tinha sete anos quando a conheci.

Por um momento, Alexandra não conseguiu respirar. Sete. Podia imaginar aquela voz a envolver uma criança, a tecer mentiras. — Assim sendo, quando contava histórias sobre unicórnios e dragões, encorajava-la.

— Acreditava nela, é verdade.

— Porquê?

O sorriso de Saetan era terrível. — Porque existem.

Abanou a cabeça, ficou sem palavras pelo conflito de demasiados pensamentos, demasiados sentimentos.

— O que seria necessário para vos convencer, Alexandra? Ser empalada num chifre de unicórnio? Continuarias a insistir que era uma história fantasiosa?

— Podíeis levar qualquer um a acreditar naquilo que quisésseis.

O olhar de Saetan ficou vítreo e letárgico. — Compreendo. — Levantou-se. — Não me interessa o que penseis de mim. Não me interessa o que penseis sobre o que quer que seja. Mas se sentir um tremeluzir de angústia de Wilhelmina ou de Jaenelle causado por vós, atacar-vos-ei com todas as minhas forças. — Fitou-a com aqueles olhos gélidos, tão gélidos. — Não sei porque Jaenelle foi parar convosco. Não sei qual o motivo para que as Trevas tivessem colocado um espírito tão extraordinário sob os cuidados de alguém como vós. Não a merecíeis. Não mereceis sequer conhecê-la.

Saiu do gabinete.

Alexandra manteve-se sentada durante muito tempo.

Enganos e mentiras. Dissera que Jaenelle tinha sete anos, mas que idade teria quando o Senhor Supremo começara a sussurrar-lhe as mentiras adocicadas e envenenadas ao seu ouvido? Possivelmente, teria criado ilusões de unicórnios e de dragões que pareciam reais e convincentes. Não seria a apreensão que Jaenelle por vezes lhe despertava, um travo de Saetan e não da própria criança?

Não podia negar que tinham sido cometidos horrores em Briarwood. Mas teriam aqueles homens cometido tais acções de livre vontade ou estaria um bonecreiro invisível a puxar os cordelinhos? Já sentira a crueldade de Daemon Sadi. Não seria de esperar que o seu pai lhe tivesse refinado o gosto? Teriam a dor e sofrimento sido causados para vulnerabilizar uma criança em particular a ponto de a tornar emocionalmente dependente destes homens?

Dorothea tinha razão. O Senhor Supremo era um monstro. Ali sentada, Alexandra só tinha uma certeza: faria o que fosse necessário para afastar Wilhelmina e Jaenelle de Saetan.

Sentiu as mãos de Daemon a deslizarem pelas omoplatas e a fixarem-se nos ombros, um momento antes daqueles dedos fortes e esguios começarem a massajar os músculos tensos.

— Disseste-lhe que Jaenelle é a Feiticeira? — perguntou Daemon suavemente.

Saetan bebeu um gole de yarbarah, o vinho de sangue, e fechou os

olhos para saborear melhor a tensão e a raiva a desaparecerem enquanto Daemon persuadia os músculos a relaxarem. — Não — disse, por fim. — Disse-lhe que Jaenelle era a Rainha, o que devia ter sido suficiente, mas...

— Não teria tido qualquer importância — disse Daemon. — Naquela última noite, na festa de Winsol, quando compreendi por fim o que era Briarwood, tinha intenções de contar a Alexandra sobre Jaenelle. Convencera-me a mim próprio de que me ajudaria a levar Jaenelle para longe de Chaillot.

— Mas não lhe contaste.

As mãos de Daemon fizeram um interregno, para logo começarem a trabalhar noutro grupo de músculos hirtos. — Sem ser notado, ouvi-a dizer a outra mulher que a Feiticeira era apenas um símbolo para os Sangue, mas se o mito vivo chegasse de facto, esperava que alguém tivesse coragem de a estrangular no berço.

Uma vaga de raiva invadiu Saetan subitamente, embora não conseguisse perceber se tinha tido origem em si ou em Daemon. — Mãe Noite, como odeio essa mulher.

— Philip e Leland não são inocentes.

— Não, não são, mas seguem apenas a liderança de Alexandra como Rainha e matriarca da família. Acusou-me de urdir mentiras para enredar Jaenelle, mas quantas mentiras disseram *elas*, encobrindo-as com a convicção da verdade? — Emitiu um som que poderia ser uma gargalhada amarga. — Posso dizer-te quantas. Durante anos, observei as cicatrizes emocionais provocadas por essas palavras.

— E o que acontecerá quando descobrir que estão aqui?

— Trataremos disso quando chegar o momento.

Daemon inclinou-se, roçou os lábios no pescoço de Saetan. — Posso criar uma sepultura que ninguém jamais descobrirá.

O beijo que se seguiu a esta declaração abalou Saetan o suficiente para se recordar que este filho tinha de ser tratado com desvelo. Poderia entregar-se à ideia da sepultura imaginária para canalizar alguma da raiva que sentia, mas Daemon não hesitaria em torná-la real.

Voltou a sobressaltar-se ao sentir um toque suave como uma pena de poder obscuro e feminino no limite mais profundo das suas barreiras interiores.

— Saetan? — chamou Daemon com uma delicadeza extrema.

A canção dos lobos invadiu a noite.

— Não — respondeu Saetan de modo afável, mas com firmeza, ao afastar-se e virar-se para olhar Daemon de frente. — Agora é demasiado tarde.

— Porquê?

— Porque este coro de boas-vindas significa que Jaenelle está de volta.
— Vendo Daemon a empalidecer, Saetan passou a mão pelo braço do filho.
— Vem até ao meu gabinete e vamos beber um copo. Levamos também Lucivar uma vez que já deve ter importunado tanto Marian que já deve estar irritada.

— E Jaenelle?

Saetan sorriu. — Rapazolas, depois de uma viagem destas, o cumprimento aos machos, sejam eles quem forem, vem num distante terceiro lugar na sua lista de prioridades – sendo o primeiro, um banho demorado e quente e o segundo, uma fausta refeição. Visto que não temos qualquer hipótese, o melhor é sentarmo-nos confortavelmente e descontraímo-nos enquanto aguardamos que ela se decida a vir até nós.

11 / Kaeleer

Surreal avançava intempestivamente pelos corredores. Sempre que chegava a uma intersecção de corredores, um lacaios silencioso e de expressão solene apontava a direcção certa. Provavelmente o primeiro avisara os restantes depois de Surreal o ter interpelado com rispidez: — Onde fica o gabinete do Senhor Supremo?

Não deixou de ficar algo admirada por nenhum dos lacaios parecer surpreendido com a sua troada pelos corredores sem mais do que uma camisa de noite. Bem, tendo em conta que as feiticeiras tinham de conviver com os machos que aqui habitavam, provavelmente não seria invulgar.

Ao chegar à escadaria que descia para a sala de visitas informal, levantou a camisa de noite até aos joelhos para não tropeçar na bainha, correu escadas abaixo e até ao salão principal, praguejando por sentir o piso de mármore frio nos pés descalços. Ao invés de algumas delicadas batidas, deu um forte murro na porta e dirigiu-se pesadamente à secretária em madeira escura onde Saetan estava sentado, a olhar para Surreal, com um copo de conhaque parado a meio caminho dos lábios.

Daemon e Lucivar, sentados descontraidamente em duas cadeiras de frente da secretária, olhavam-na pasmados.

Agora que estava ali, a vontade de se dirigir directamente ao Senhor Supremo dissipara-se pelo que se virou ligeiramente para Daemon e Lucivar e perguntou bruscamente: — Tenho ou não tenho o direito de decidir se quero uma macho na minha cama?

O ar por detrás da secretária arrefeceu de imediato, mas Lucivar perguntou maliciosamente: — Colmilho Cinzento? — e o ar regressou ao normal.

O sorriso afectado na voz de Lucivar fê-la virar-se apenas para ele. — Não sei quanto a ti, mas eu não estou habituada a dormir com um lobo.

— Qual é o problema do Colmilho Cinzento ficar no teu quarto? — perguntou Daemon.

O tom condescendente da voz de Daemon só contribuiu para a enfiar-se. — Peida-se — ripostou, e logo acenou com a mão desdenhosamente. — Bem, vocês fazem todos o mesmo.

Alguém emitiu um som abafado. *Pensou* que tinha sido Daemon.

— Estás melindrada pela sua presença por ser lobo ou porque está a impedir que outra espécie de macho te vá aquecer a cama? — perguntou Lucivar.

Talvez não tivesse sido uma insinuação ao facto de ter sido uma prostituta, mas Surreal interpretou o comentário dessa forma pois assim poderia descarregar a fúria em Lucivar. — Bem, docinho, pelo que vejo, não há muito por onde escolher. Ocupa mais do que a parte da cama que lhe é destinada, ressona e dá beijos babosos. Contudo, se me fosse dado a escolher, escolhia-o a ele. Pelo menos, *consegue* lambar os seus *próprios* tomates!

Ouviu-se um copo a bater na mesa com um som ameaçador.

Surreal fechou os olhos e mordeu o lábio.

Merda. Estava tão concentrada na sua fúria dirigida a Lucivar que se esqueceu do Senhor Supremo.

Antes que se pudesse virar, já Saetan lhe agarrava firmemente no braço, arrastando-a para a porta.

— Se não desejas que o Colmilho Cinzento pernoite contigo, diz-lhe — disse Saetan, parecendo estar engasgado com alguma coisa. — Se insistir... Bem, Senhora, ele usa a Jóia Violácea e tu a Cinzenta. Um escudo à volta do quarto deve resolver a questão.

— Eu *pus* um escudo no quarto — protestou Surreal. — Mas voltei a acordar e dei com ele ali. Parecia satisfeito por ter escudado o quarto contra ‘machos estranhos’, mas, ao perceber que não conseguia entrar, foi ajudado por um tal de Kaelas.

A mão de Saetan imobilizou-se na maçaneta da porta. Endireitou-se devagar. — Kaelas ajudou-o a atravessar o escudo — disse, intervalando as palavras.

Surreal anuiu cautelosamente.

Saetan abriu a porta rapidamente. — Nesse caso, Senhora, sugiro vivamente que o assunto seja resolvido entre ti e o Colmilho Cinzento.

Quando se deu conta, estava no salão principal, olhando boquiaberta para uma porta fechada.

— Dissestes que ajudarias — resmoneou. — Dissestes que poderia dirigir-me a vós caso necessitasse.

Quando a porta se voltou a abrir, sentiu uma réstia de esperança de ser novamente chamada pelo Senhor Supremo. Ao invés, Daemon e Lucivar foram empurrados para o salão e a porta fechou-se com um estrondo atrás deles.

Ficaram a olhar embasbacados para a porta por uns momentos e, de seguida, olharam para Surreal.

— Parabéns — disse Lucivar. — Estás aqui há pouco mais de vinte e quatro horas e já te expulsou do gabinete. No meu caso, consegui chegar ao terceiro dia até me expulsar pela primeira vez.

— Vai mais é sentar-te numa lança — rosnou Surreal.

Lucivar abanou a cabeça e emitiu um *tsc*. Daemon parecia estar a esforçar demasiados músculos para não se rir.

— Então e expulsou-vos porquê? — perguntou Surreal.

— Privacidade. Repara que agora existem escudos poderosíssimos à volta da divisão, incluindo um escudo auditivo. — Lucivar olhou para a porta fechada. — Tendo presenciado este comportamento diversas vezes, os machos do Primeiro Círculo chegaram à conclusão de que está para ali sentado a rir que nem um louco ou está a ter uma ataque histerico, mas, seja o que for, não quer que tenhamos conhecimento.

— Disse que me ajudaria — resmoneou Surreal.

Os olhos de Lucivar pareciam rir. — Tenho a certeza que tinha a intenção de explicar algumas situações ao Colmilho Cinzento – até mencionares Kaelas.

— Esse nome é recorrente — disse Daemon. — Mas afinal quem é Kaelas?

Lucivar olhou ponderadamente para Daemon, acabando por dirigir a resposta a Surreal. — Kaelas é um Príncipe Arceriano dos Senhores da Guerra que usa a Jóia Vermelha. Todavia, devido a uma argúcia no talento que possui ou no treino a que foi sujeito, consegue atravessar qualquer tipo de escudo – incluindo o Negro.

— Mãe Noite — murmurou Daemon, entre dentes.

— E são trezentos e cinquenta quilos de músculo e temperamento felino. — Lucivar sorriu sinistramente. — Tentamos arduamente não aborrecer Kaelas.

— Merda — exclamou Surreal, debilmente.

— Vamos — disse Lucivar. — Acompanhamos-te ao teu quarto.

Ser acompanhada por dois machos, parecia, de súbito, uma excelente ideia.

Decorridos breves minutos, Surreal disse: — Sendo tão grande, ao menos é fácil de detectar.

Lucivar hesitou. — Os Sangue arcerianos costumam usar escudos de

visão quando caçam. Torna-os predadores extremamente eficazes.

— Oh. — A cada momento que passava, ter um lobo como amigo parecia cada vez mais agradável.

Ao chegarem ao quarto, deu as boas-noites e entrou.

O Colmilho Cinzento estava exactamente onde o tinha deixado. Bem, *de facto* dissera: — Fica aí quieto — e ele levava as suas palavras à letra.

Observando a tristeza naqueles olhos castanhos, suspirou.

Amor cão. Era uma expressão usada pelas prostitutas ao despreverem os jovens machos desajeitados e ansiosos durante as primeiras semanas de experiência sexual. Por um breve período, tentariam agradar para que não lhes fosse recusado um lugar na cama. Mas, passado o efeito da novidade, passavam a dirigir-se àquelas mesmas mulheres com insensibilidade nos olhos e desprezo nas vozes.

— Amanhã temos de chegar a acordo relativamente a alguns detalhes — comunicou Surreal ao Colmilho Cinzento.

A cauda fez *toc-toc*, uma única vez.

Rendendo-se, subiu para a cama e bateu nos cobertores a seu lado. O Colmilho Cinzento saltou na cama e deitou-se, observando-a cautelosamente. Fez-lhe uma festa que o deixou com o pêlo despenteado, desligou a luz e deu consigo a sorrir. Viera ter a um lugar em que, quando alguém se referia a amor cão, referia-se a um cão verdadeiro.

12 / Kaeleer

Demasiado nervoso para dormir e demasiado inquieto para se distrair com um livro, Daemon vagueava pelos corredores mal iluminados do Paço.

Estás a fugir, pensava, amarguradamente ciente das dúvidas e dos receios que o tinham assolado ao aproximar-se dos seus aposentos – e ao sentir a presença de Jaenelle nos quartos contíguos.

Durante a maior parte dos seus 1.700 anos acreditara, sem sombra de dúvida, que nascera para ser o amante da Feiticeira. Há treze anos, perante uma rapariga de doze anos, essa crença não fora abalada. O seu coração comprometera-se; a união física teria apenas de ser adiada por alguns anos. Contudo, interpunham-se agora entre eles uma violação brutal e os anos que passara sem rumo na loucura, e não sabia se suportaria encará-la para ver nos seus olhos unicamente um sentido de obrigação ou, pior ainda, de piedade.

Precisava encontrar um lugar que o ajudasse a recuperar o equilíbrio.

Daemon deteve-se e sorriu relutantemente ao aperceber-se de que não estava a fugir mas a procurar. Algures na propriedade deveria existir um lo-

cal dedicado à realização dos rituais formais dos Sangue nos dias sagrados de cada estação, contudo duvidava que Saetan não tivesse construído na sua casa um local dedicado a meditações informais e íntimas.

Fechou os olhos, abrindo os sentidos internos. Passado um momento, estava novamente a andar, de volta à área do Paço reservada aos aposentos da família.

Não se teria apercebido da entrada não fosse ter vislumbrado o seu reflexo no vidro da porta.

Saiu para o exterior e olhou para o jardim mais abaixo. Canteiros de flores altas contornavam os quatro lados à excepção do local onde os degraus em pedra desciam até ao jardim. Duas estátuas dominavam o espaço. A alguns centímetros à frente destas, estavam posicionados uma laje em pedra elevada e um banco de madeira. Candeeiros diligentemente colocados iluminavam as estátuas, bem como os degraus.

As estátuas atraíam-no. Desceu os degraus, hesitou um momento e avançou para a relva.

O ar estava impregnado de energia, tornando-o tão denso a ponto de se tornar quase irrespirável. Ao encher os pulmões com esse ar, sentiu o corpo a absorver a força e a paz albergadas neste jardim. Na laje em pedra encontravam-se meia dúzia de velas em recipientes de vidro colorido. Escolhendo um ao acaso, criou uma pequena labareda de fogo encantado por meio da Arte e acendeu-o. Sentiu um toque de alfazema antes de caminhar até à fonte onde se encontrava a estátua feminina.

A parte de trás da fonte era uma parede curva de pedra em bruto encoberta pela água que corria para um lago limitado por pedras. Metade do corpo da mulher erguia-se do lago, com o rosto erguido para o céu. Os olhos estavam fechados e nos seus lábios podia ver-se um ligeiro sorriso. Tinha as mãos erguidas como se estivesse prestes a retirar a água do cabelo. Tudo nela encarnava força serena e celebração da vida.

Não reconheceu o corpo maduro mas reconheceu o rosto. E conjecturou se o escultor teria prosseguido com os detalhes refinados para além da anca que se erguia da água, imaginou o que poderiam os seus dedos encontrar se deslizasse as mãos abaixo da barriga.

E devido a essas suposições, virou-se para a outra estátua – o macho.

A besta.

A reacção visceral ao corpo ostensivamente masculino e inclinado, que era uma mistura de humano e animal, foi um sentimento de reconhecimento instintivo. Era como se alguém lhe tivesse arrancado a pele, revelando o que verdadeiramente se encontrava sob a superfície.

Os ombros largos suportavam uma cabeça felina com os dentes cerrados num rosnado de raiva. Uma pata/mão apoiava-se no chão, junto à

cabeça de uma pequena mulher adormecida. A outra estava erguida, com as garras à mostra.

Alguém como Alexandra olharia para esta criatura e partiria do princípio que se preparava para esmagar e desfazer a fêmea, e que a única forma de controlar aquela força física e aquela raiva era mantendo-as acorrentadas. Alguém como Alexandra jamais conseguiria ver para além desse pressuposto, não conseguiria reparar nos pequenos pormenores. Com a mão estendida da mulher adormecida, com os dedos quase a tocarem na pata/mão junto à sua cabeça. Como o corpo inclinado a abrigava. Como os olhos em pedra verde e brilhante que fitavam quem quer que se aproximasse e como aquela raiva ríspida provinha do desejo, da *necessidade* de proteger.

Daemon respirou fundo, expirando devagar – e ficou tenso. Não ouvira passos embora não precisasse de se virar para saber quem se encontrava ao fundo da escadaria. — O que achas dele? — perguntou serenamente.

— É lindo — respondeu Jaenelle com a voz da meia-noite.

Daemon virou-se lentamente.

Trazia um longo vestido preto. As rendas à frente terminavam logo abaixo do peito, revelando pele clara suficiente para deixar um homem com água na boca. O cabelo louro espalhava-se pelos ombros e caía-lhe pelas costas. Os vetustos olhos azul-safira já não pareciam tão perturbados como se recordava, mas tinha a angustiante suspeita de ser ele próprio a razão da tristeza que via neles.

Enquanto o silêncio entre os dois se alongava, Daemon não se conseguia mexer na direcção de Jaenelle, nem conseguia ir-se embora.

— Daemon...

— Compreendes o que representa? — perguntou rapidamente, inclinando a cabeça ligeiramente para indicar a estátua.

Os cantos dos lábios de Jaenelle curvaram-se num indício de sorriso mordaz. — Oh, sim, Príncipe, é claro que compreendo o que representa.

Daemon engoliu em seco. — Assim sendo, não me insultes exprimindo-me pesares. Um macho é dispensável. Uma Rainha não – especialmente sendo a Feiticeira.

Jaenelle emitiu um som estranho. — Em tempos, Saetan disse quase o mesmo.

— E estava certo.

— Ora, sendo um Príncipe dos Senhores da Guerra feito com o mesmo molde, seria de esperar que assim achasses, não é? — Começou a sorrir para logo semicerrar os olhos. Concentrou-se com mais afinco.

Daemon teve a clara impressão de que algo nele não era do agrado de Jaenelle. Quando a concentração intensa terminou logo a seguir, percebeu

que tinha chegado a uma decisão em relação a si, tal como o fizera quando o conhecera. E agora, como então, não sabia qual fora a decisão.

O anel de Consorte pesava-lhe imensamente no dedo, todavia, por causa dele, podia pedir algo que desejava ardentemente.

— Posso abraçar-te por um minuto?

Tentou justificar a hesitação de Jaenelle com a surpresa e não devido à circunspecção, mas não se conseguiu convencer. Tal não o impediu de envolvê-la com os braços quando Jaenelle caminhou ao seu encontro. Tal não impediu as lágrimas de lhe arderem nos olhos ao sentir os braços de Jaenelle a envolverem-lhe cuidadosamente a cintura e ao pousar a cabeça no seu ombro.

— Estás mais alta do que me lembrava — disse, sentindo os cabelos de Jaenelle no seu rosto.

— Espero que sim.

A voz de Jaenelle soou um pouco cáustica, mas podia perceber o sorriso aí presente.

Oh, como as suas mãos ansiavam por acariciar e explorar, mas temia que se afastasse dele, por isso, manteve-as estáticas. Estava viva e estava com ela. Era tudo o que interessava.

Podia ter ficado ali toda a noite, abraçando-a, sentindo-lhe a respiração leve, mas, decorridos alguns minutos, Jaenelle afastou-se.

— Anda, Daemon — disse, estendendo-lhe a mão. — Tens de descansar e tenho ordens para te levar de volta para o teu quarto para que possas dormir um pouco antes do nascer do sol.

A sua fúria avivou-se de imediato. — Quem se atreve a *dar-te* ordens? — resmungou.

Olhou-o com um ar de divertimento exasperado. — Adivinha.

Quase pronunciou “Saetan” mas reflectiu melhor. — Lucivar — disse, consternadamente.

— Lucivar — concordou Jaenelle, pegando-lhe na mão e levando-o em direcção às escadas. — E acredita no que te digo, rapazolas, não vais querer que Lucivar te arraste da cama por não estares no campo de treinos quando te disse para estares.

— O que poderá fazer? Mandar-me com um balde de água? — disse Daemon ao chegarem ao corredor e dirigirem-se aos seus aposentos.

— Não, porque encharcar a cama faria com que Helene ficasse furiosa. Mas não hesitaria em arrastar-te para debaixo de um duche gelado.

— Ele não...

Jaenelle limitou-se a olhar para Daemon.

A opinião de Daemon era franca e explícita. — Porque aturas tudo isso?

— É maior do que eu — queixou-se.

— Talvez devesse ser lembrado de que te serve.

Jaenelle riu-se tanto que tropeçou em Daemon. — Ele próprio lembra-me desse pormenor quando lhe convém. E quando assim não é, eu tenho de lidar com o meu irmão mais velho. Seja como for, a maior parte das vezes é mais fácil se concordarmos com ele.

Chegaram à porta dos aposentos de Jaenelle. Com relutância, Daemon largou-lhe a mão.

— Lucivar não mudou nada, pois não? — disse Daemon, sentindo uma guinada de ansiedade ao recordar quão instável Lucivar sempre fora numa corte.

Ao olhar para Jaenelle pôde ver uma luz invulgar nos seus olhos. — Não — disse, com a voz da meia-noite, — não mudou nada. Mas a verdade é que também ele compreende o que a estátua representa.

CAPÍTULO QUATRO

1 / Kaeleer

— Diz-me lá outra vez por que não pude tomar o pequeno-almoço — disse Daemon, com a respiração ofegante, ao mesmo tempo que limpava com uma toalha o rosto e o pescoço transpirados.

— Porque ninguém quer andar a saltitar à volta se não te conseguires defender e te acertarem na barriga — respondeu Lucivar, bebendo o café e observando Palanar e Tamnar envolvidos numa rotina de aquecimento com os bastões. — E esta manhã estamos a madrugar visto que quero despachar os machos antes que as mulheres cheguem para a primeira lição.

Daemon bebeu um gole do café de Lucivar e devolveu-lhe a caneca.

— Vais mesmo ensinar as mulheres a usarem os bastões?

— Quando terminar, conseguirão manejar o bastão, o arco e a faca.

Uma ordem ríspida de Hallear levou os jovens a recuarem e a repetirem um movimento devagar.

— Aposto que os guerreiros não ficaram satisfeitos quando lhes constate — disse Daemon, observando os movimentos.

— Queixaram-se. A maioria das mulheres também não pareceu ter ficado muito satisfeita. Não espero transformá-las em guerreiras mas poderão defender-se até que um guerreiro venha em seu auxílio.

Daemon fitou Lucivar pensativamente. — Foi por isso que treinaste Marian?

Lucivar acenou afirmativamente com a cabeça. — Resistiu bastante pois tradicionalmente as fêmeas eyrienas não tocam nas armas de um guerreiro. Disse-lhe que se um macho a ferisse por ser demasiado teimosa para aprender a se defender, dava-lhe um enxerto de porrada. E ela ripostou que se alguma vez lhe levantasse a mão, me esventraria. Julguei que estávamos no bom caminho.

Daemon riu-se. A gargalhada recolheu-se para os pulmões ao ver Jaenelle aproximar-se a passos largos pelo relvado, dirigindo-se a eles. Os seus

sentidos aguçaram-se até ao limite, o calor do desejo invadiu-o e o odor de outros machos tornou-se numa declaração de rivalidade.

— Controla-te, meu velho — murmurou Lucivar, olhando por cima do ombro e depois para Daemon.

Palanar e Tamnar terminaram a rotina e Hallear e Kohlvar entraram na arena de treino.

Os lábios de Palanar formaram um sorriso escarninho. — Lá vem uma toda empertigada, a pensar que lhe vão nascer tomates.

Daemon virou-se bruscamente, com os olhos cobertos por uma neblina escarlate de fúria.

Hallear girou sobre si próprio e bateu com o bastão nas nádegas do rapaz com tanta força que o fez saltar.

— É a minha irmã, rapazolas — disse Lucivar, com demasiada serenidade.

Palanar parecia nauseado. Alguém praguejou terrivelmente entre dentes.

— Ora bem, vou esquecer o que disseste — prosseguiu Lucivar, com igual serenidade, — desde que não volte a ouvir as mesmas palavras. Caso contrário, chegará uma manhã em que entrarás na arena de treino e eu estarei à tua espera.

— S-sim, senhor — gaguejou Palanar. — Perdão, senhor.

Hallear deu uma palmada na nuca do rapaz. — Vai comer qualquer coisa — disse com dureza. — Talvez com comida no estômago consigas usar mais a cabeça do que a boca.

Palanar esquivou-se, seguido por Tamnar.

Hallear mediu a distância entre eles e Jaenelle, chegando à conclusão de que se encontrava suficientemente próxima para ter ouvido e praguejou baixinho: — Não foram os ensinamentos que lhe transmiti.

Lucivar encolheu um ombro. — Já tem idade para querer que lhe gabem a pila. Isso torna-o estúpido. — Olhou para o Senhor da Guerra mais velho. — Não se pode dar ao luxo de ser estúpido. As Rainhas desta corte podem estar dispostas a deixar passar certas atitudes dos jovens, mas os machos não deixarão — pelo menos, à segunda vez.

— Vou pôr-lhe as orelhas em bolhas para ter a certeza que entende a mensagem — prometeu Hallear. — Já agora, é melhor fazer o mesmo a Tamnar. — Regressou à arena e iniciou a rotina de aquecimento com Kohlvar.

Daemon virou-se na direcção de Jaenelle, tendo já esquecido Palanar. Ao ver o olhar feríssimo, o sorriso dissipou-se antes de sequer se ter formado.

Lucivar limitou-se a erguer o braço esquerdo.

Dando uma tímida e bravia olhadela a Daemon e cumprimentando quase inaudivelmente, Jaenelle lançou-se sob o braço de Lucivar.

Lucivar baixou o braço e, com a mão que lhe pousou na cintura, encostou-a ao seu flanco. O braço direito de Jaenelle estava pousado nas costas de Lucivar e a mão cobria-lhe o ombro desnudado.

É uma posição habitual para ambos, pensou Daemon debatendo-se para controlar o ciúme – e o sofrimento – pois mal olhara para ele.

Contudo, suspeitava que Lucivar teria uma melhor preparação para lidar com aquele olhar feríssimo do que ele próprio. Também isso o fazia sofrer.

— Vamos agora às apresentações? — perguntou Lucivar baixinho.

Jaenelle abanou a cabeça. — Primeiro quero aquecer.

— Quando estiveres pronta, faço uma série contigo.

Olhou de relance para o peito desnudado de Lucivar. — Pensava que já tinhas terminado o treino.

— Já fiz dois. Nem sequer transpirei.

— Ah.

Lucivar fez uma pausa. — A tua irmã está cá.

— Eu sei. — Deu uma olhadela para a arena de treino das mulheres, que se encontrava vazia. — Estou surpreendida por não a teres arrastado até aqui.

— Tem mais trinta minutos para vir por si própria antes de ser arrastada. — Lucivar sorriu abertamente, de modo sinistro. — Prometo que começarei com calma.

— Um-um.

Isso era o que gostava de ver, pensou Daemon com azedume.

— E temos companhia — disse Lucivar.

Os olhos de Jaenelle gelaram. — Eu sei — disse, com a voz da meia-noite.

Daemon deu um passo na direcção de Jaenelle. Não sabia o que poderia dizer ou fazer, mas sabia que teria – ele próprio ou outrem – de mudar o estado de espírito em que se encontrava.

“Lucivar...” começou.

“Deixa que tudo corra suavemente e sem dificuldades, Bastardolas” respondeu Lucivar. “O treino irá amenizá-la.”

Daemon deu outro passo na direcção de Jaenelle, que mudou a expressão para algo semelhante a pânico – e percebeu que, na noite anterior quando deixou que a abraçasse, a Rainha estava a cumprir o seu dever perante um dos machos do Primeiro Círculo, contudo a *mulher* não queria sequer aproximar-se dele.

Precipitando-se para longe de Lucivar – e de Daemon – quase foi con-

tra Jazen, que carregava um tabuleiro com uma cafeteira de café fresco e canecas lavadas.

— Quem és tu? — disse Jaenelle, com uma delicadeza exagerada.

Jazen fitou-a nos olhos, imobilizado. — Jazen — disse, por fim. — O criado particular do Príncipe Sadi.

Os olhos gelados de Jaenelle mudaram para um olhar curioso. — É um trabalho interessante?

— Seria mais interessante se vestisse algo que não fosse um fato preto e uma camisa branca, todos os dias — murmurou Jazen entre dentes.

Lucivar reprimiu uma gargalhada. Daemon sentiu o rosto a enrubescer, sem saber se era de raiva ou de vergonha. Jazen parecia horrorizado.

Foi então que se ouviu o riso aveludado e argentino de Jaenelle. — Bem, esforçar-nos-emos por amarrotá-lo. — Ao passar por Jazen, passou-lhe a mão esquerda no ombro. — Bem-vindo a Kaeleer, Senhor da Guerra.

Daemon aguardou até Jaenelle chegar à arena de treino das mulheres antes de se dirigir ao criado. — Devo desculpar-me pelo meu gosto enfa-donho no que respeita a vestuário? E por que raio estás aqui fora, a fazer o trabalho de um lacaio?

— Beale pediu-me para trazer este tabuleiro. — Jazen engoliu em seco. — Não sei o que me levou a dizer aquilo.

— Disseste aquilo que pensas — disse Lucivar, divertido. — Não te preocupes. Quando terminarmos, terás de trabalhar afincadamente para recuperares o teu aspecto imaculado.

Daemon rosnou para o irmão e olhou Jazen furiosamente.

— Eu levo isso — disse Holt, um dos lacaios que tinha trazido os outros tabuleiros.

Jazen olhou de relance para Daemon, entregou o tabuleiro a Holt e retirou-se tão depressa quanto conseguiu, sem recorrer ao passo de corrida.

— Parece que está a ser ali servido o pequeno-almoço — disse Lucivar ao reparar nos vários pratos que estavam a ser postos na mesa.

Daemon respirou fundo e observou Jaenelle a executar os movimentos de aquecimento. — Devia falar-lhe, explicar a situação de Jazen antes que o julgue.

Lucivar olhou-o de forma estranha. — Meu velho, acabou de o fazer. Deu-lhe as boas-vindas a Kaeleer. É tudo o que precisamos saber.

— Por aqui — indicou Marian, com um gesto amistoso para que Wilhelmína Benedict a acompanhasse, enquanto observava a túnica de mangas compridas e as calças de Surreal. — O que tens vestido por baixo da túnica?

Surreal fez um esforço para manter a voz cordial. Marian não parecia

ser do tipo de se interessar pela roupa interior de uma antiga prostituta.
— Porquê?

— Lucivar irá insistir que se dispam para a lição.

— Despir? — questionou Wilhelmina. — À frente daqueles homens?

— Não queremos que os movimentos sejam restringidos pela roupa — disse Marian, amavelmente. — E a seguir vão querer vestir uma peça de roupa que esteja seca.

— Suponho que vá transpirar — disse Surreal. Olhou de soslaio para Wilhelmina, perguntando-se se o exercício seria uma boa ideia. A jovem mulher parecia tão pálida como água e tão assustada que parecia prestes a quebrar-se.

— Julgo que não irá esforçar os principiantes, mas tu... — Os olhos dourados de Marian saltitaram para as orelhas pontiagudas de Surreal. — És Dea al Mon. É capaz de puxar mais por ti, só para ficar inteirado do que és capaz.

— Sorte a minha — murmurou Surreal entre dentes, enquanto atravessavam o relvado na direcção das outras mulheres que já se encontravam reunidas na arena de treino.

Marian sorriu. — A minha primeira arma foi a frigideira.

— Parece perigoso — disse Surreal, devolvendo o sorriso.

— Estava a trabalhar como governanta na casa de Lucivar há quatro meses. O sangramento da lua começara nessa manhã e não me estava a sentir bem. Em retrospectiva, compreendo agora que Lucivar deve ter passado os outros períodos da lua de dentes cerrados para evitar comentários. Mas essa manhã, começou a importunar-me para abrandar e eu achei que era uma crítica em como não conseguia fazer o meu trabalho. Atirei-lhe com um bule. Bem, não foi exactamente dirigido a ele. Não *lhe* queria acertar, sentia-me apenas tão enfurecida que precisava de atirar com alguma coisa. Atingiu a parede a cerca de meio metro de Lucivar.

“Olhou para o bule, apanhou-o e saiu. Podia ouvi-lo a atirá-lo e pensei que estaria a fazê-lo para não usar os punhos em mim, como alguns machos eyrienos o fariam.

“Voltou para dentro, a resmungar entre dentes, pegou numa das frigideiras e voltou a sair. Uns minutos mais tarde, arrastou-me para fora. Disse que um bule não tinha o equilíbrio necessário, mas uma frigideira poderia resultar se fosse lançada adequadamente. Passei dois meses a praticar o lançamento da frigideira antes que Lucivar me declarasse competente de acordo com os seus critérios.

— O que é competente para Lucivar? — perguntou Surreal.

Marian já não tinha o mesmo ar divertido. — Conseguir partir ossos nove em dez vezes.

Surreal ficou por um momento a olhar para Marian, boquiaberta, para logo começar a pensar seriamente.

Era uma excelente assassina. Até que ponto, sob a orientação de Lucivar, poderiam as suas competências ser aperfeiçoadas?

Ao chegarem à arena de treino, Wilhelmina ficou para trás. Surreal empurrou-a para a frente. Um guerreiro eyrieno resmungou com Surreal por lhe ter dado uma cotovelada nas costelas e ela resmungou também, ficando satisfeita por ter sido ele a ceder.

Olhou à volta, viu Daemon e sentiu dificuldades em respirar. Parecia tranquilo, de pé, com uma caneca de café numa mão, mas o seu rosto possuía aquele olhar fixo que Surreal testemunhara na Carruagem a caminho deste local. Não parecia tão grave como da outra vez, mas não era nada bom.

Foi nessa altura que Lucivar começou a falar, pelo que afastou as preocupações com Daemon, por enquanto.

— Existem razões para que os machos eyrienos sejam guerreiros — disse Lucivar, passando os olhos pelas mulheres enquanto caminhava lentamente ao longo da linha, para trás e para a frente. — Somos maiores, mais fortes e possuímos o temperamento para matar. Vós tendes outras forças e outras competências. A maior parte do tempo, tudo corre bem dessa forma. Mas isso não significa que não sejais capazes de vos defenderdes. E antes que me venham com tretas porque não conseguem manejar uma arma, recordo-vos que a maior parte de vós não tem qualquer problema em manejar facas de cozinha e algumas delas são tão grandes como facas de caça. Diferem apenas no aspecto. E algumas de vós tentarão escapar aos treinos dizendo que, independentemente do que aprender, uma mulher não consegue bater-se com um homem. Certo? — Olhando para a outra arena de treino, bramiu: — GATA! Chega aqui!

Sem saber para que Lucivar haveria de querer um felino, Surreal olhou na direcção da arena. Expirou produzindo um silvo ao ver virar-se a mulher que falava com Karla, Morghann e Gabrielle. — Jaenelle — sussurrou.

Voltou a concentrar-se em Daemon. Não parecia surpreendido por ver Jaenelle. Possivelmente já teriam tido oportunidade de falar. Talvez... Não, devia ser extremamente prematuro para pensar *nesses* “talvez”.

As outras mulheres caminharam a passos largos para a arena de treino. Jaenelle avançou mais devagar, com os olhos postos em Lucivar ao mesmo tempo que zurzia o bastão à volta da cintura, flagelando o ar.

Lucivar caminhou de lado até ao centro da arena, sempre de olho em Jaenelle. — Anda brincar comigo, Gata — disse, olhando-a de modo arrogante.

Jaenelle rosnou e começou a andar à volta.

— Hallear — disse Lucivar, ao mesmo tempo que começava também a andar à volta. — Começa a contar o tempo.

Surreal sentiu Falonar, que estava a seu lado, a ficar tenso.

— O que significa? — perguntou, dando-lhe uma cotovelada quando não respondeu.

— Dez minutos — respondeu Falonar, sinistramente. — Vai derrubá-la muito antes disso.

Surreal lançou um olhar para Daemon e começou a transpirar. Se tal acontecesse, qual seria a reacção de Sadi? A resposta era fácil. A questão mais complicada era saber o que poderia ser feito para impedir que despedaçasse Lucivar?

O primeiro embate dos bastões fez-lhe o coração saltar do peito. Depois disso, não teve consciência de mais nada a não ser Jaenelle e Lucivar a moverem-se graciosamente numa dança selvagem.

Os segundos transformaram-se em minutos.

— Mãe Noite — murmurou Falonar. — Está a dar-lhe água pela barba.

O peito de Lucivar brilhava com a transpiração. Surreal podia ouvir a respiração ofegante. O seu próprio suor arrefeceu-lhe a pele ao ver o olhar feroz nos olhos de Jaenelle.

Não se apercebeu de quanto tempo tinha passado quando, depois de meia dúzia de movimentos tão rápidos como um relâmpago, Jaenelle perdeu o equilíbrio por um brevíssimo instante. Lucivar fez um passo de dança à retaguarda, o que deu tempo para que Jaenelle se voltasse a equilibrar, antes de voltar a atacar.

— Poderia tê-la deitado ao chão, acabando com isto — disse Falonar, afavelmente.

— Lucivar quer treiná-la, não quer enfurecê-la para que vá mesmo atrás dele — respondeu Chaosti com igual afabilidade, surgindo por detrás de Surreal.

Por fim, Hallear gritou: — TEMPO!

Lucivar e Jaenelle andavam às voltas, davam estocadas, colidiam.

— MALDITOS SEJAM OS DOIS, EU DISSE TEMPO!

Separaram-se, afastaram-se.

Hallear entrou de rompante na arena e retirou o bastão das mãos de Lucivar. Olhou para Jaenelle, hesitou e recuou quando Lucivar abanou a cabeça.

— Vamos, Gata — disse Lucivar, ofegante, avançando para Jaenelle. — Temos de andar para arrefecer.

Levantou a cabeça. Colocou os pés numa posição de combate.

Lucivar ergueu as mãos e continuou a avançar.

O olhar feroz nos olhos de Jaenelle dissipou-se. — Água.

— Primeiro, caminhamos — disse Lucivar, retirando-lhe o bastão das mãos.

— Sacana — rosnou, sem convicção, caminhando a seu lado.

— Se não tornares as coisas mais difíceis, podes até tomar o pequeno-almoço. — Lucivar entregou o bastão a Falonar quando passou por ele. Pegou em duas toalhas que Aaron segurava, colocou uma delas ao pescoço de Jaenelle e começou a passar a outra pelo corpo.

Olhando em redor, Surreal reparou que Khardeen também se encontrava na multidão, vigilante e alerta. E reparou, com um suspiro de alívio, que Saetan falava tranquilamente com Daemon.

Voltando-se para Falonar, passou os dedos pelo bastão. — Achas que conseguirei pelo menos metade daquela destreza com um destes? — Esperava um comentário depreciativo, mas como não obteve resposta, levantou os olhos e deu com Falonar a examiná-la com seriedade.

— Se conseguires chegar a metade daquele domínio do bastão, conseguirás vencer qualquer macho, à excepção dos guerreiros eyrienos — disse Falonar, pausadamente. — Ainda assim, conseguirás também vencer metade deles. — Olhou depois para Marian. — Estais bem, Senhora?

Marian expirou com uma tal violência que estremeceu. — Estou bem, obrigada, Príncipe Falonar. É que... às vezes quando transmitem esta intensidade...

Falonar fez uma vénia reveladora de respeito e afastou-se para falar com Halleva.

— Estás mesmo bem? — perguntou Surreal, afastando Marian discretamente da multidão.

O sorriso de Marian estava ligeiramente tenso. — Lucivar fica sempre nervoso a seguir à feira de serviços e tem andado preocupado com Daemon.

Olhando para trás, Surreal viu que Daemon se dirigia para o Paço acompanhado pelo Senhor Supremo. Bem, era uma preocupação a menos por agora.

Reparou também como Jaenelle olhava de relance para Daemon, constantemente, enquanto Lucivar lhe enchia o prato de comida. Sorriu.

— Normalmente consigo ajudá-lo a aliviar a tensão — prosseguiu Marian.

A expressão constrangida indicou a Surreal qual o método usado por Marian para lhe aliviar a tensão. Era corajosa, esta mulher, meter-se na cama com um homem como Lucivar quando já estava com o temperamento no fio da navalha.

— Visto que isso não pôde ser uma opção, desta vez...

Não, pensou Surreal ao mesmo tempo que Marian a olhava inquisiti-

vamente. Se Lucivar nunca sugerira uma alternativa ao coito, não seria *ela*, com toda a certeza, a fornecer as informações.

Passado um momento, Marian encolheu os ombros. — Normalmente, quando Jaenelle é a sua parceira de treino, praticam incessantemente até toda a tensão ter saído pelos poros. Mas esta manhã... O surgimento inesperado dos familiares de Jaenelle também a deixou no limite.

— Pois, voltar a ver a família não é motivo de celebrações.

Marian ficou tensa. — A *família* dela mora aqui.

— Sim — disse Surreal, decorrido um minuto, — parece que sim.

2 / Kaeleer

Wilhelmina caminhava em silêncio ao lado de Lucivar, que a acompanhava ao quarto. Desejava que a amparasse. Quiçá parasse de tiritar. Quiçá deixasse de se sentir tão apavorada.

Era curioso. Ainda há escassas horas, sentia um medo terrível dele, especialmente depois de o ter visto e a Jaenelle, a investirem um contra o outro com os bastões.

Logo a seguir, tentara regressar furtivamente ao Paço, antes que alguém reparasse, pois estava certa de que o seu coração iria rebentar se algum daqueles guerreiros eyrienos lhe gritasse se não fizesse os exercícios adequadamente. Contudo, Lucivar apercebera-se da sua escapadela e agarrou-a pela parte de trás da túnica, arrastando-a até à arena de treino.

E fora amável. Enquanto os outros eyrienos instruíam as restantes mulheres e depois de Marian e de algumas mulheres da assembleia terem demonstrado os movimentos, trabalhara com ela e com a rapariga, Jillian. Sem pressas, paciente, com as mãos firmes ainda que brandas ao reposicionar-lhe o corpo, com a voz sempre calma e encorajadora.

Não esperara essa atitude de Lucivar. E não esperara que a acompanhasse quando foi ao encontro de Alexandra, Leland e Philip.

Devia ter dito “não” quando foi informada pelo Senhor Supremo que estavam no Paço e que pretendiam falar-lhe. Porém, sentia-se na obrigação de os ver, dado que tinham vindo de tão longe.

Ficaram furiosos quando Lucivar não permitiu a presença das Rainhas de Província e dos acompanhantes, recusando-se ele próprio a sair. Oh, saíra para a varanda, mas ninguém se esqueceria da sua presença.

Sentira que ficaram tão insultados quanto ela própria ficou aliviada, mas *ficaram* satisfeitos por vê-la. Abraçaram-na e elogiaram-na, dizendo que se tinha tornado numa linda mulher, e expressaram a preocupação que sentiram e o quanto sentiram a sua falta...

Foi então que Alexandra disse que não se preocupasse. Encontrariam uma forma de quebrar o contrato e de retirá-la deste local para longe desta gente. Tentou explicar que queria cumprir o contrato, que o Senhor Supremo e o Príncipe Yaslana não eram os monstros que Alexandra queria fazer parecer.

Não lhe deram ouvidos, tal como não o fizeram anos atrás quando o pai, Robert Benedict tentara forçá-la, depois do desaparecimento de Jaenelle – uns meses depois de ter contraído a enfermidade que acabaria por o levar à morte. Fugira pois tivera receio de que um dia, ninguém iria ouvir os seus gritos ou, acaso ouvissem, iriam ignorá-los por se estar a tornar numa criança “difícil”, tal como Jaenelle.

Não lhe deram ouvidos. Tal era a convicção de que estavam certos, de que sabiam o que era melhor. Até Philip. Dizia-lhe incessantemente de que tudo ficaria bem, agora, Robert estava morto e tudo iria correr bem. Mas não seria assim, *não podia* correr tudo bem pois julgavam que estava “danificada” de algum modo – podia ver-lhe isso nos olhos – e tudo o que pensasse ou sentisse ou desejasse seria tingido por essa convicção. Mas, por estimar Philip e saber que sofreria, não lhes podia explicar a razão pela qual queria *deveras* permanecer neste local.

O receio de que pudessem efectivamente levá-la depois de se ter esforçado tão arduamente para entrar em Kaeleer intensificou-se ao ponto de saltar do sofá e gritar: — Não! Não quero!

Lucivar entrou na divisão e apressou-se a levá-la para fora antes que qualquer um deles se pudesse mexer.

Contudo, não conseguia parar de tremer e o temor estava a devorá-la viva.

A mão de Lucivar pousou sobre o ombro de Wilhelmina, fazendo com que parasse. Logo a seguir, invocou um frasco. Fez a rolha desaparecer, agarrou-lhe na nuca com uma mão e levou o frasco até aos seus lábios.

— Se continuas a tremer dessa forma, vais romper alguma coisa — disse, parecendo aborrecido. — Bebe um trago disto. Vai acalmar-te os nervos.

— Não quero tomar um calmante — disse Wilhelmina, tentando afastar-se, ao mesmo tempo que o desespero crescia dentro de si. — Não se passa nada comigo.

— Nada a não ser que estás para lá de assustada e isso não é bom para ti. — Lucivar fez uma pausa, examinando-a. — Não é um calmante, Wilhelmina — disse, serenamente. — É a infusão caseira de Khary. Tem qualquer coisa que te irá acalmar – e que impedirá que te estilhaces. Vá, tapa o nariz e engole.

Não tapou o nariz. *Engoliu* o trago que Lucivar lhe ofereceu.

Áureo.

Fluiu pela língua como ameixas maduras e canícula de Verão, assentou no estômago por um instante, para depois fluir para os membros.

Quando Lucivar lhe voltou a oferecer outro trago, aceitou. Aquele calor glorioso derreteu-lhe os receios e produziu um ardor sensual no seu interior. Se tomasse outro trago, poderia até sentir-se destemida – *imensamente, maravilhosamente destemida*.

Mas Lucivar não lhe ofereceu mais. Não se apercebeu de que a largara, mas percebeu que tinha a rolha numa das mãos e o frasco na outra e que estava prestes a guardar aquele calor delicioso.

Arrancou-lhe o frasco das mãos e correu pelo corredor, virou numa esquina e bebeu com sofreguidão o que conseguiu antes de Lucivar a alcançar e lhe retirar o frasco.

Wilhelmina encostou-se à parede e sorriu para Lucivar. Sentiu-se extremamente satisfeita por vê-lo recuar alguns passos e observá-la circunspectamente.

Lucivar cheirou o frasco, bebeu um pequeno gole e disse: — Merda.

— Isso seria algo muito indelicado para se fazer no corredor.

Praguejou baixinho ao fechar o frasco, fazendo-o desaparecer, embora soasse mais a uma risada. — Anda, feiticeirazita. Vamos lá acomodar-te algures, enquanto ainda consegues andar.

Wilhelmina caminhou na direcção de Lucivar para lhe provar que conseguia fazê-lo, mas o chão ficou subitamente aos altos e baixos pelo que tropeçou, esbarrando no eyrieno.

— Sou muito corajosa — disse-lhe, encostando-se ao peito de Lucivar.

— Estás muito bêbeda.

— Não estou. — Lembrou-se de repente de algo importante que tinha a fazer. Era o mais importante. — Quero ver a minha irmã. — Bateu com a mão com toda a força que possuía na superfície à qual estava apoiada para realçar a importância da questão. Olhou para a mão dorida. — Dói.

— Teremos nódoas negras a condizer — disse Lucivar, sarcasticamente.

— Tá bem.

A resmungar entre dentes, conduziu-a pelos corredores.

Wilhelmina sentia-se maravilhosamente, queria cantar, mas todas as canções que conhecia pareciam tão... educadas. — Sabes alguma canção malandrecas?

— Mãe Noite — resmoneou.

— Não conheço essa. Como é?

— É assim — disse, fazendo com que virasse para outro corredor.

Afastou-se de Lucivar e correu pelo corredor fora, batendo os braços.
— Consigo voaaaar.

Quando voltou a alcançá-la, passou-lhe um braço à volta da cintura, bateu uma única vez na porta defronte deles e empurrou-a para dentro.

— Gata!

Os olhos de Wilhelmina encheram-se de lágrimas ao ver Jaenelle sair do quarto adjacente. O sorriso afectuoso de saudação era tudo o que precisava ver.

Libertando-se de Lucivar, deu dois passos aos tropeções e abraçou Jaenelle.

— Tive saudades tuas — disse Wilhelmina rindo, ao mesmo tempo que lhe corriam lágrimas pelo rosto. — Tive tantas saudades tuas. Perdoa-me por não ter sido mais corajosa. Eras a minha irmã mais nova e devia ter tomado conta de ti. Mas foste tu que tomaste sempre conta de mim. — Inclinou-se para trás, segurando Jaenelle pelos ombros para se equilibrar. — Estás tão bonita.

— E tu estás embriagada. — Os olhos azul-safira fitaram Lucivar. — O que lhe fizeste?

— Tinha os nervos em franja depois do encontro com a família e tive medo que acabasse por se estilhaçar. Por isso, pedi a Khary a infusão mais forte que tivesse num frasco pois julguei que não tomaria mais do que um gole. — Lucivar retraiu-se. — Emborcou metade do frasco — e não era uma das infusões caseiras de Khary, era a mescla que criaste.

Jaenelle arregalou os olhos. — Deixaste que bebesse um “coveiro”?

— Não, não, não — disse Wilhelmina, abanando a cabeça. — Só se deve beber um coveiro depois de tomar banho. — Sorriu serenamente enquanto Jaenelle e Lucivar olhavam pasmados para ela.

— Mãe Noite — murmurou Lucivar, entre dentes.

— Conheces esta canção? — perguntou Wilhelmina a Jaenelle.

— O que foi o teu pequeno-almoço? — questionou Jaenelle.

— Água. Estava demasiado nervosa para comer. Mas já não estou nervosa. Sinto-me muito corajosa e audaz.

Lucivar agarrou-lhe no braço. — E se agora te sentasses no sofá?

Atravessou a divisão a direito — mais ou menos. Quando Lucivar a começou a ajudar a contornar a mesa, fincou pé.

— Consigo atravessar a mesa — anunciou, orgulhosa. — Apliquei-me na minha Arte. Quero mostrar a Jaenelle que agora consigo fazê-lo.

— Queres algo realmente desafiador? — perguntou Lucivar. — Vamos caminhar *à volta* da mesa. Neste momento, isso, sim, será impressionante.

— Tá bem.

Contornar a mesa *era* deveras um desafio, especialmente por que Lu-

civar estava sempre a atrapalhá-la metendo-se à frente. Ao chegar, finalmente, ao sofá, deixou-se cair ao lado de Jaenelle. — Escovei o Dejaal e agora gosta de mim. Se escovar o Lucivar, achas que também irá gostar de mim?

— Até prometeria gostar de ti se parasses de o pisar — resmungou Lucivar baixinho, ao mesmo tempo que a descalçava.

— Cabe à Marian escovar Lucivar — disse Jaenelle, com um ar solene.

— ‘Tá bem.

— Vou pedir que tragam café e torradas — anunciou Lucivar.

Wilhelmina ficou a olhar para Lucivar até sair da sala. — Julgava que era assustador. Mas só é grande.

— Um-um. Deita-te por uns instantes — disse Jaenelle.

Wilhelmina obedeceu. Quando Jaenelle a tapou com um cobertor, disse: — Todos disseram que tinhas morrido, mas quando me comunicaram disseram que te tínhamos “perdido”. Mas eu sempre soube que não estavas perdida por que me disseste onde te encontrar. Como poderias estar perdida se sabias onde estavas?

Olhou nos olhos azul-safira de Jaenelle. A mente por detrás daqueles olhos era imensa. Porém, já não temia essa imensidão. — Sempre soubeste onde estavas. Não é?

— Sim — respondeu Jaenelle baixinho. — Sempre soube.

3 / Kaeleer

Alexandra parou por um momento, respirou fundo e abriu a porta sem bater.

A mulher de cabelos louros que moía ervas com um pilão e um almofariz não se virou nem deu qualquer indicação de se ter apercebido da presença de alguém. Sobre a mesa pairava uma grande malga, aquecida por três labaredas de fogo encantado. Uma colher mexia vagarosamente o conteúdo da malga.

Alexandra aguardou. Decorrido um minuto, disse numa voz angustiada: — Podes parar de remexer nisso por um minuto e vir cumprimentar a tua avó? Afinal, passaram treze anos desde a última vez que te vi.

— Mais minuto, menos minuto, não fará qualquer diferença num cumprimento que espera há treze anos — respondeu Jaenelle, despejando as ervas finamente pisadas no conteúdo fervilhante da malga. — Contudo, *fará* toda a diferença para que este tónico desenvolva a energia adequada. — Virou-se de enviesado, olhou brevemente para Alexandra de modo corrosivo e voltou a centrar a atenção na infusão.

Alexandra cerrou os dentes, recordando a razão pela qual achara que esta neta requeria um trato tão díspar. Mesmo em criança, Jaenelle exibia já estes gestos de superioridade, insinuando que *não tinha* motivos para mostrar respeito pelos mais velhos ou para se submeter a uma Rainha.

Porquê? Pela primeira vez, Alexandra questionou-se. Sempre partira do princípio, como todos os outros, que essas demonstrações eram tentativas de compensar o facto de não usar Jóias, por ser inferior às outras feiticeiras da família. Contudo, talvez fossem o resultado de mentiras cativantes sussurradas ao ouvido de uma criança – pelo Senhor Supremo, por exemplo –, levando-a a acreditar que era superior.

Abanou a cabeça. Era difícil acreditar que a criança que não conseguia realizar os exercícios mais simples de Arte pudesse ter crescido para se tornar numa ameaça terrível e poderosa ao Reino de Terreille, como Dorothea declarava. Se tal fosse *verdade*, onde estava o poder? Mesmo neste preciso momento, em que tentava detectar a força de Jaenelle, parecia... emudecida... como sempre acontecera. Distante, tal como a sensação transmitida por uma fêmea dos Sangue que não possuía força psíquica suficiente para usar uma Jóia.

O que significava que Jaenelle *não passava* de um peão num jogo elaborado. O Senhor Supremo – ou, porventura, a Rainha misteriosa que reinava nesta corte – pretendiam um testa-de-ferro para se encapotarem.

— O que estás a fazer? — perguntou Alexandra.

— Um tónico para um rapaz que está enfermo — respondeu Jaenelle, acrescentando um líquido escuro à infusão.

— Não devia ser uma Curandeira a fazê-lo? — *Fogo do Inferno*, deixam-na *realmente produzir tónicos para as pessoas*?

— Eu *sou* Curandeira — respondeu Jaenelle acerbadamente. — Também sou Viúva Negra e Rainha.

É claro que és. Com algum esforço, Alexandra reprimiu as palavras. Permaneceria calma; estabeleceria uma ligação, de alguma forma, com a neta mais nova; teria em mente que Jaenelle já passara por experiências terríveis.

Nessa altura, Jaenelle terminou o tónico e voltou-se.

Ao fitar aqueles olhos azul-safira, Alexandra esqueceu-se que tinha de manter-se calma ou que tinha de estabelecer uma ligação. Atordoadada pela... *coisa...* que a olhava com aqueles olhos, procurou uma explicação que se adequasse.

Ao encontrar essa explicação, sentiu vontade de chorar.

Jaenelle estava louca. Completamente louca. E o monstro que aqui dominava satisfazia essa loucura pelas suas próprias razões. Deixava que Jaenelle acreditasse que era Curandeira e Viúva Negra e Rainha. Permitiria,

decerto, que administrasse aquele tónico nalgum rapazinho enfermo, sem se importar com o que aquela mistela provocaria a uma criança.

— O que te traz aqui, Alexandra?

Alexandra sentiu calafrios ao ouvir aquela voz da meia-noite, e deu um abanão mental a si própria. A criança sempre se entregara a dramatis-mos. — Vim para vos levar, a ti e à Wilhelmina, para casa.

— Porquê? Nestes últimos trezes anos julgavas-me morta. Uma vez que era muito mais conveniente para ti do que me teres viva, por que não continuaste a fingir que estava morta?

— Não estávamos a fingir — disse Alexandra, inflamadamente. As palavras de Jaenelle magoavam, especialmente porque eram verdadeiras. *Fora* mais fácil chorar a morte de uma criança do que lidar com a rapariga complicada. Mas *isso* Alexandra nunca admitiria. — *Julgávamos-te* morta, que Sadi te tinha assassinado.

— Daemon jamais me magoaria.

Mas tu magoarias - e assim o fizeste. Era essa a mensagem subjacente à resposta fria e absoluta.

— Leland é tua mãe. Eu sou tua avó. Somos a tua *família*, Jaenelle.

Jaenelle abanou a cabeça devagar. — Este corpo pode traçar a sua linhagem a ti. Isso faz-nos ter relações de parentesco. Não nos torna família. — Deslocou-se para a porta. Quando estava prestes a passar junto a Alexandra, deteve-se. — Chegaste a ser aprendiz numa assembleia da Ampulheta durante algum tempo, não foi? Antes de teres de escolher entre tornares-te Viúva Negra ou Rainha de Chaillot.

Alexandra anuiu, conjecturando sobre o propósito deste assunto.

— Aprendeste o suficiente para tecer as teias entrelaçadas mais simples, do tipo que absorveria um desígnio convergente, atraindo-o para ti. Não é verdade? — Quando Alexandra voltou a acenar com a cabeça em sinal de concordância, os olhos de Jaenelle foram invadidos de tristeza e de compreensão. — Quantas vezes te sentaste defronte de uma dessas teias sonhando com algo que mantivesse Chaillot longe do avanço de Hayll?

Alexandra não conseguia falar, mal conseguia respirar.

— Já te ocorreu que isso poderá ser a solução do enigma? Saetan era também um sonhador frenético. A diferença é que quando o sonho surgiu, soube reconhecê-lo. — Jaenelle abriu a porta. — Volta para casa, Alexandra. Aqui não há nada – nem ninguém – para ti.

— Wilhelmina — murmurou Alexandra.

— Cumprirá os dezoito meses de contrato. Decorrido esse período, procederá como entender. — O sorriso de Jaenelle tinha algo de irónico e horrível. — Ordens da Rainha.

Alexandra respirou fundo. — Quero ver essa Rainha.

— Não, não queres — respondeu Jaenelle, com demasiada delicadeza. — Não queres apresentar-te perante o Trono das Trevas. — Fez uma pausa. — Agora, se me dás licença, tenho de terminar este tónico. Já ferveu o tempo suficiente.

Estava a ser dispensada. Com toda a indiferença, estava a ser dispensada.

Alexandra saiu da oficina, aliviada por estar longe de Jaenelle. Encontrou um dos jardins interiores e sentou-se num banco. Talvez o sol conseguisse levar o frio que se infiltrara nos ossos. Talvez conseguisse acreditar que estava a tremer de frio e não pelo facto de Jaenelle ter mencionado algo que nunca referira a ninguém.

A sua avó paterna fora uma Viúva Negra natural. Fora por isso que se sentira atraída pela Ampulheta. Mas, por essa altura, já os Sangue da aristocracia em Chaillot sussurravam que as Viúvas Negras eram mulheres “contranatura”, pelo que as outras Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra *jamaiz* escolheriam uma Rainha que também fosse feiticeira das assembleias da Ampulheta.

Por isso, abandonara a aprendizagem e, alguns anos mais tarde, quando a avó materna abdicou, tornara-se Rainha de Chaillot. Todavia, durante os primeiros anos como Rainha, *tecera* em segredo aquelas simples teias entrelaçadas. *Sonhara* que alguém ou algo surgiria na sua vida e que a ajudaria a combater a deterioração da sociedade de Chaillot. Na altura, julgou que se trataria de um Consorte – um macho forte que a apoiaria e a ajudaria. Mas nenhum homem desse género surgiu na sua vida.

Foi quando a sua avó Viúva Negra estava moribunda que Alexandra recebeu o que passou a chamar de enigma. *O teu sonho advirá, porém se não fores prudente, permanecerás na cegueira até ser demasiado tarde.*

Por isso, aguardara. Observara. O sonho não chegara. E não iria acreditar, *não podia* acreditar, que uma criança perturbada e excêntrica pudesse ser a solução do enigma.

4 / Kaeleer

Olhando pela janela, pôs a mão dentro da camisa e sentiu o pequeno e fino frasquinho em vidro pendurado numa corrente ao pescoço. A Sacerdotisa Suprema de Hayll garantira-lhe que tinha tecido, juntamente com a Sacerdotisa das Trevas, os feitiços mais potentes que conheciam para que passasse despercebido. Até agora, tinham resultado. Ninguém detectara que era mais do que um mero acompanhante que Alexandra Angelline trouxera com ela. Era um homem insípido, praticamente invisível. Servia perfeitamente.

Parecera tão fácil quando lhe foi transmitida a missão. Localizar o alvo, drogá-la para que ficasse complacente e, então, levá-la para fora do Paço até aos homens que estariam a aguardar, logo a seguir aos limites da propriedade. Quando se deu conta da dimensão do local, julgou que seria ainda mais fácil.

Contudo, apesar da dimensão, o Paço estava atulhado de machos agressivos, desde o mais subalterno dos criados até ao Senhor Supremo. E parecia que as cabras *nunca* estavam sozinhas. Arrastara-se pelos corredores durante horas sem sequer um cheirinho de nenhuma delas.

Estremeceu ao recordar-se do único vislumbre da cabra de cabelos louros. Fora-lhe transmitido, vezes sem conta, que ela era o alvo principal, mas não tinha qualquer intenção de se aproximar *dela*, pois assustava-o e não sabia se os feitiços subsistiriam sob aquele olhar azul-safira. Por isso, raptaria a outra, a irmã. Mas teria de fazê-lo em breve. Só conseguiria esquivar-se de tantos machos ríspidos e desconfiados durante um breve período.

Talvez acompanhasse Wilhelmina durante todo o caminho de regresso a Hayll. Assim que a tirasse dali para fora, que diferença faria se dessem pela sua falta?

E era-lhe indiferente se Alexandra ficasse para explicar o desaparecimento da neta - ou que fosse ela a pagar o preço que o Senhor Supremo exigisse.

5 / Terreille

A raiva contorcia-se dentro de Dorothea como uma trepadeira asfixiante. O relatório sucinto estava suspenso numa mão.

— Estás angustiada, Irmã — disse Hekatah, entrando na sala a arrastar os pés e sentando-se.

— Kartane partiu para Kaeleer. — Não conseguia inspirar ar suficiente para conferir à voz alguma força.

— Partiu com o intuito de consultar as Curandeiras de lá, para saber se o conseguem curar? — Hekatah ponderou por um momento nestas palavras. — Mas porquê agora? Poderia ter ido lá em qualquer altura nos últimos anos.

— Quicá julgue possuir agora algo mais valioso com que negociar do que marcos em ouro.

Hekatah silvou, compreendendo de imediato. — Até que ponto vão os seus conhecimentos?

— Estava presente na minha “confissão” naquele dia, mas isso não é grande coisa para contar.

— É o suficiente para deixar Saetan atento — disse Hekatah de modo aziago. — É o suficiente para começar a indagar.

— Assim sendo, talvez devêssemos tomar providências antes que Kartane tenha possibilidades de falar com alguém fora da Pequena Terreille — disse Dorothea em voz baixa, quase distraidamente. Consegua lembrar-se de algumas “providências” interessantes relativamente a um filho que pretendia cortejar o inimigo.

Hekatah levantou-se e caminhou de um lado para o outro durante um minuto. — Não. Vamos ver se conseguimos usar Kartane como isco para atrair uma Curandeira específica à Pequena Terreille.

Dorothea resfolegou. — Acreditais realmente que Jaenelle Angelline vai ajudar *Kartane*?

— Vou esta noite à Pequena Terreille e falarei com o Senhor Jorval. Ele saberá como redigir um pedido discreto. — Chegada à porta, Hekatah deteve-se. — Logo que o teu Senhorzinho da Guerra regresse a casa, talvez lhe devas dar uma lição sobre lealdade.

Dorothea aguardou que Hekatah saísse e dirigiu-se até à lareira. Deixou cair o relatório nas labaredas e ficou a contemplar as chamas a devorarem o papel.

Quando terminasse a guerra que estavam a iniciar, construiria uma grande fogueira ao ar livre e ficaria a olhar para as chamas a devorarem aquele cadáver ressequido. E enquanto observava Hekatah a arder, daria ao seu filho uma lição sobre lealdade.

6 / Kaeleer

— Preciso que me faças um favor — disse Karla, abruptamente, depois de dez minutos de conversa de circunstância e de discussão sobre os eyrienos que Lucivar trouxera.

Jaenelle ergueu os olhos do bordado em que estava a trabalhar, com um olhar repleto de divertimento desconfiado. — Está bem.

— Quero um Anel de Honra como os que ofereceste aos rapazolas do Primeiro Círculo.

— Meu amor, eles usam o Anel de Honra na pila. Podes ser uma mulher com tomates, mas não tens nada parecido *a isso*.

— Os machos parentes não os usam aí. Mandaste fazer pequenos Anéis que se põem na corrente onde usam as Jóias.

— Queres então um Anel de Honra — disse Jaenelle, mantendo o ar divertido e continuando a acrescentar pontos ao desenho do bordado.

Karla acenou afirmativamente com a cabeça, de modo solene. — Para toda a assembleia.

Jaenelle levantou os olhos, já sem o ar divertido.

Karla olhou-a directamente, reconhecendo na alteração subtil daqueles olhos azul-safira que já não estava a falar com Jaenelle, a sua amiga e Irmã. Estava a dirigir-se à Feiticeira, a Rainha de Ebon Askavi. A *sua* Rainha.

— Tens uma razão para tal — afirmou Jaenelle com a voz da meia-noite. Não era uma questão.

— Sim. — Quanto teria de revelar para convencer Jaenelle? E quanto do que vira na teia entrelaçada poderia ficar por dizer?

Decorreram alguns minutos, em silêncio.

Jaenelle retomou o bordado. — Se for para ser usado num dedo, deve estar adornado para que a finalidade real não seja óbvia — disse, serenamente. — Julgo que o interesse que demonstras pelo Anel reside especialmente nos feitiços de protecção que lhe acrescentei.

— Sim — concordou Karla, em voz baixa. Os feitiços de protecção, os escudos Ébano que Jaenelle colocara nos Anéis, eram a razão pela qual desejava possuir um.

— Pretendes que os Anéis estejam ligados somente entre as constituintes da assembleia ou que tenham também ligação aos rapazolas?

Karla hesitou. Um Anel de Honra normal permitia que a Rainha vihasse as emoções dos machos do seu Primeiro Círculo. Devido a um equívoco no modo como Jaenelle fabricara o primeiro Anel de Honra — aquele que Lucivar *ainda* usava — os machos do Primeiro Círculo da Corte das Trevas tinham, igualmente, a capacidade de sentir o estado de espírito da Rainha. Desejaria ela, ou qualquer outra das feiticeiras da assembleia, ter de lidar com machos ainda mais sensíveis aos estados de espírito femininos do que os rapazolas costumavam ser? Esse ligeiro distanciamento emocional compensaria a perda da possibilidade de enviar um aviso que não podia, de forma alguma, ser bloqueado? — Devem estar ligados aos machos do Primeiro Círculo.

— Produzirei os Anéis logo que possível — disse Jaenelle, com serenidade.

— Obrigada, Senhora — respondeu Karla, agradecendo sobretudo à Rainha, e não tanto à amiga.

Outro silêncio invadiu a divisão.

— Mais alguma coisa? — perguntou Jaenelle, passado algum tempo.

Karla inspirou profundamente, expirando devagar. — Não gosto dos teus familiares.

— *Ninguém* aqui gosta deles — respondeu Jaenelle, embora sob o ar

divertido pudesse ser detectada aspereza – e mágoa. A seguir, acrescentou com uma extrema tranquilidade: — Saetan solicitou formalmente o meu consentimento para a sua execução.

— E consentiste? — perguntou Karla, com um tom de voz neutro. Sabia a resposta de antemão. Encontrara-se na mesma situação há cinco anos quando se tornara Rainha de Glacia. Exilara o tio, o Senhor Hobart, ao invés de o executar, embora tivesse fortes suspeitas de que fora responsável pela morte dos seus pais e dos pais de Morton.

Jaenelle, se fosse pressionada, faria a mesma escolha.

— Se te serve de consolo, gosto da tua irmã — disse Karla, vendo que Jaenelle não respondia. — Adaptar-se-á lindamente à vida em Kaeleer se conseguir deixar de ter medo durante um período que lhe permita respirar.

Jaenelle pareceu ligeiramente afligida. — Lucivar embebedou-a. Ofereceu-se para o escovar.

— Oh, Mãe Noite. — Quando as gargalhadas esmoreceram, Karla levantou-se do sofá, a gemer, deu as boas-noites a Jaenelle e dirigiu-se aos seus aposentos.

Na privacidade do seu quarto, permitiu-se alguns grunhidos e gemidos enquanto se preparava para se deitar. Independentemente do exercício que fazia durante as estadias na sua casa, levava sempre alguns dias a adaptar-se aos treinos a que Lucivar a sujeitava. Mas não iria perder qualquer oportunidade de treinar um pouco mais com Lucivar. Especialmente agora.

Mais tarde, quando estava quase a adormecer, ocorreu-lhe que Jaenelle, que era uma Viúva Negra poderosíssima e muito dotada, poderia ter as suas próprias razões para ter acedido ao favor.

7 / Kaeleer

Com um desvelo exagerado, Daemon atou o cinto do roupão. O banho quente tinha-lhe reconfortado os músculos tensos e exaustos, relaxando-os. Uma quantidade generosa de conhaque iria toldar-lhe as arestas vivas da mente. Nenhum desses dois elementos poderia mitigar um coração magoado e a sangrar.

Jaenelle não o queria. Estava a tornar-se dolorosamente evidente.

Quando o foi procurar na noite anterior, pensara que ficara satisfeita por voltar a vê-lo, sentira-se confiante de que poderiam recomeçar. Hoje porém, tinha-se afastado sempre que Daemon tentara uma aproximação, amparando-se em Lucivar ou em Chaosti ou em toda a assembleia. For-

çara-o a perceber que lhe tinha atribuído o título de Consorte por algum sentimento de obrigação, mas não o desejava.

Durante quanto tempo, magicava Daemon ao entrar no seu quarto, conseguiria observá-la a interagir com os outros machos da corte ao mesmo tempo que o bania da sua vida? Durante quanto tempo a sua estabilidade mental resistiria, se, dia após dia, estando prestes a tocar-lhe, não lhe era permitido fazê-lo? Durante quanto tempo...

Vendo o montículo sob a ténue luz, julgou que alguém teria entrado e largado uma coberta de pêlo branco sobre a cama, deixando-a por alisar.

Foi nessa altura que viu uma cabeça erguer-se das almofadas e músculos a agitarem-se sob o pêlo branco enquanto o enorme felino mudava de posição.

As patas da frente, pendendo para o lado da cama, flectiram-se para revelarem garras impressionantes. Uns olhos cinzentos fitavam-no como se estivessem a desafiá-lo para que tentasse fazer mais do que respirar.

Mesmo que não tivesse visto a Jóia Vermelha entre o pêlo branco, Daemon não teria a mínima dúvida sobre quem estava esparramado na sua cama.

Tentamos arduamente não aborrecer Kaelas, dissera Lucivar.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

Com o coração a bater desmesuradamente, Daemon recuou cautelosamente para a porta. Os aposentos de Saetan eram em frente. Podia...

Assim que pousou a mão na maçaneta, sentiu algo enorme a embater violentamente do outro lado da porta.

Os lábios de Kaelas formaram um rosnado mudo.

Só lhe restava uma saída.

Sem desviar os olhos de Kaelas, Daemon deslocou-se de lado até à porta que separava o seu quarto do quarto de Jaenelle. Abriu a porta apenas o suficiente para conseguir passar e entrou no quarto de Jaenelle, trancou a porta com a Negra e acrescentou um escudo Negro. Se o que Lucivar contara sobre Kaelas conseguir atravessar qualquer escudo correspondesse à verdade, a fechadura e o escudo seriam inúteis, mas contribuíam para lhe proporcionar uma sensação de conforto.

Enquanto recuava cada vez mais para dentro do quarto, começou a tremer. Kaelas não era a causa, com rigor. Qualquer homem com um instinto saudável de sobrevivência teria um receio prudente de um gato daquele tamanho – em especial se esse gato fosse também um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Vermelha. Mas tinha consciência de que, antes de ter estilhaçado a mente da primeira vez naquela noite no Altar de Cassandra, não teria sentido este tipo de medo avassalador.

Teria sentido sobeja confiança em si próprio para se equiparar àquela arrogância felina, mesmo tendo a prudência de ceder, se necessário. Agora...

— Daemon?

Girou sobre si próprio, sentindo uma dificuldade inesperada em respirar.

Jaenelle estava na soleira da porta que conduzia à outra zona dos seus aposentos, com um pijama de cor azul-safira.

Ao vê-la, perdeu o equilíbrio de várias formas.

Jaenelle correu ao seu encontro e envolveu-lhe a cintura com os braços para impedir que caísse. — O que se passa? Estás doente?

— Eu... — Transpirava devido ao esforço de tentar respirar.

— Consegues andar até à cama?

Incapaz de falar, acenou afirmativamente com a cabeça.

— Senta-te — disse Jaenelle. — Põe a cabeça entre os joelhos.

Obedeceu e, ao fazê-lo, o roupão abriu-se. Inclinou-se ainda mais, na esperança de não estar a revelar nada que Jaenelle não desejasse ver, uma vez que estava acorçada à sua frente.

— Podes contar-me o que se passa? — perguntou Jaenelle, enquanto passava os dedos pelo cabelo de Daemon.

Não me amas. — Na minha cama — arquejou.

Jaenelle voltou a olhar para a porta que ligava os dois quartos. Semi-cerrou os olhos. — O que está Kaelas a fazer no teu quarto?

— Está a dormir. Na minha cama.

— O quarto pertence-te. Porque não lhe disseste para sair?

Porquê? Porque não queria morrer esta noite.

Contudo, Jaenelle souu tão estupefacta que Daemon ergueu a cabeça para olhá-la. Estava a falar seriamente. Não pensaria duas vezes e arrastaria trezentos e cinquenta quilos de felino rosnador para fora da cama.

Jaenelle ergueu-se. — Eu vou mand...

Daemon pegou-lhe na mão. — Não. Não há problema. Eu vou procurar outra cama. Um sofá. Fogo do Inferno, até durmo no chão.

Aqueles olhos vetustos examinaram-no. Por um instante, vislumbrou um brilho invulgar. — Queres dormir aqui esta noite? — perguntou serenamente.

Sim. Não. Não queria vir ter com ela como um macho assustado e carente. Do mesmo modo, também não iria recusar aquele que poderia vir a ser o único convite para a cama de Jaenelle. — Sim, por favor.

Afastou os cobertores tanto quanto conseguiu com Daemon ainda sentado na cama. — Entra.

— Eu... — Sentiu o rosto a arder.

— Deduzo que para dormir usas o mesmo do que qualquer outro macho deste local — disse Jaenelle sarcasticamente.

O que significava “nada”.

Caminhou até ao lado oposto do quarto, de costas educadamente voltadas.

Daemon despiu rapidamente o roupão e enfiou-se na colossal cama. Não admirava que o tivesse convidado a ficar. A cama era tão grande que nunca daria conta de outro ocupante.

Decorrido um minuto, Jaenelle deitou-se, mantendo-se manifestamente no seu lado da cama. Ao desligar o candeeiro, murmurou: — Boa-noite, Daemon.

Durante muito tempo, ficou deitado às escuras escutando a respiração de Jaenelle e certo de que, tal como ele próprio, ela não estava a dormir.

Por fim, a cama quentinha, o murmúrio da fonte no jardim e o odor do sabonete ou do perfume de Jaenelle embalaram-no num sono profundo.

Os sons serenos, quase furtivos, despertaram-no.

Daemon abriu os olhos.

Escuridão. Névoa rodopiante.

Apoiando-se num cotovelo, olhou ao seu redor e viu-a junto ao altar. A juba loura que não era exactamente cabelo nem exactamente pêlo. As orelhas delicadamente pontiagudas. A estreita faixa de pêlo que percorria a coluna até à cauda de corça que se movia sobre as nádegas. As pernas humanas que terminavam em cascos. As mãos com garras recolhidas.

Feiticeira. O mito vivo. Os sonhos tornados realidade.

Estava de volta ao local enevoado, no abismo profundo. O local onde...

Levantou-se devagar. Movendo-se cautelosamente para não a assustar, caminhou ao redor do altar até ficar de frente para Jaenelle.

No altar encontrava-se um cálice de cristal com fendas da espessura de um cabelo. Enquanto a observava em silêncio, Jaenelle pegou numa lasca de cristal e colocou-a no devido lugar.

No seu interior, Daemon sentiu algo a mudar. Fitando o cálice com mais atenção, percebeu que se tratava da sua própria mente estilhaçada.

Reparou noutros três diminutos fragmentos. Estendeu a mão para um deles e Jaenelle deu-lhe uma palmada na mão.

— Tens ideia do trabalho que tive para os encontrar? — disse-lhe com rispidez.

Virou o cálice e voltou a colocar outra diminuta lasca no respectivo lugar.

A névoa rodopiava, dançava, girava.

A cair, a cair, a cair no abismo. A mente a estilhaçar-se. Acordar no local enevoadado. Ver Jaenelle como Feiticeira pela primeira vez enquanto ela lhe reconstruía o cálice de cristal.

Outra lasca encontrou o seu lugar.

Uma cama estreita com tiras para prender mãos e pés – a cama de Briarwood. Uma cama faustosa com lençóis de seda. Uma armadilha sedutora feita de amor e de mentiras e de verdades – uma armadilha para salvar uma criança. O Sádico a segredar que ela morderia o isco pois ele, em todas a sua glória sexual de macho, era o isco.

Colocou a última lasca no respectivo lugar.

A restabelecer a ligação psíquica com Saetan depois de ter convencido Jaenelle a subir até ao nível das Jóias Vermelhas. Os dois a forçá-la a curar o próprio corpo dilacerado e a sangrar. O pânico de Jaenelle ao ouvir os machos de Briarwood a combater as defesas que Surreal levantara nos corredores que levavam ao Altar. Cassandra a abrir o Portão entre os Reinos e a levar Jaenelle.

O cálice de cristal ficou incandescente, aquecido pelo poder obscuro da Feiticeira que cobriu todas as fendas, selando-as.

Agora que as fendas estavam preenchidas, as memórias voltaram a formar-se e, por fim, lembrou-se *rigorosamente* do que acontecera no Altar de Cassandra, há treze anos. Compreendeu, por fim, *rigorosamente* tudo o que fizera – e o que não fizera.

Inspirou fundo e expirou devagar.

Jaenelle olhou-o de relance, os nervos a debaterem-se com a inteligência feríssima e acutilante presente nos seus olhos vetustos. — Os pedaços que faltavam produziam pontos fracos que fragilizavam o cálice. Agora devês ficar bem.

— Obrigado.

— Não quero a tua gratidão — ripostou.

Observando-a, Daemon abriu as barreiras interiores o bastante para sentir as emoções de Jaenelle. O sofrimento que detectou surpreendeu-o.

— E o que *queres*, afinal? — perguntou, calmamente.

Acariciou, nervosa, o pé do cálice. Daemon conjecturou se ela se aperceberia de que podia sentir aquelas carícias. E conjecturou se ela faria ideia do que aquelas carícias lhe estavam a provocar. Começou a circundar o altar, com os dedos a tocarem levemente na pedra.

— Nada — disse Jaenelle em voz baixa, enquanto dava meio passo para se afastar dele. Acrescentou: — Mentiste-me. Não desejavas a Feiticeira.

Foi invadido pelo ardor da raiva, despertando o lado a que os Sangue

em Terreille apelidaram de Sádico. Quando a raiva arrefeceu, foi substituída por outro tipo de ardor.

A voz ganhou um ronronar sexual. — Amo-te. E aguardei toda uma vida para me tornar teu amante. Mas eras demasiado jovem, Senhora.

Ergueu a cabeça, com o corpo hirto de dignidade. — Não era assim tão nova aqui, no abismo.

Lentamente, continuou a circundar o altar. — O teu corpo fora violado. A mente estava estilhaçada. Ainda que assim não fosse, eras extremamente jovem – mesmo aqui no abismo.

Surgiu por detrás de Jaenelle. Passou-lhe as pontas dos dedos levemente pelas ancas, pela cintura. Deslocando-se para cima, abriu as mãos nas costelas, com os dedos a tocarem ligeiramente a parte inferior dos seios. Aproximou-se, sorrindo com um prazer selvagem enquanto a cauda de corça que abanava nervosamente o provocava e o excitava.

Beijou-a na ligação entre o pescoço e o ombro. O primeiro beijo foi leve e casto. No segundo beijo, fez uso dos dentes para a manter imóvel ao mesmo tempo que a ponta da língua acariciava e saboreava a pele.

Podia sentir-lhe o coração aos saltos, cada palpitação ofegante.

Deixando um trilho de suaves beijos pelo pescoço acima, sussurrou-lhe, por fim, ao ouvido: — Já não és demasiado nova.

Jaenelle soltou um guinchinho arquejante ao senti-lo roçar-se com delicadeza no seu corpo.

Subitamente, ficou com as mãos vazias e viu-se sozinho.

Sentiu um desejo ardente a bramir no seu interior. Virou-se num círculo lento, a procurar, a sondar – o predador à procura da presa.

A última coisa de que se deu conta foi a névoa a ficar cada vez mais densa e a rodopiar à sua volta até nada restar.

* * *

Debatia-se para atravessar o nevoeiro denso de sono quando sentiu alguém a agarrar-lhe o braço e a arrastá-lo para fora da cama. Atordoados, tentou despertar o suficiente e magicou na razão pela qual estava a ser arrastado e espicaçado pelo quarto.

Não teve qualquer dificuldade em acordar quando Lucivar o empurrou para a cabina de duche, ligando a água fria com toda a potência.

Daemon tacteou até encontrar o manípulo, conseguindo desligar a água. Apoiando-se com uma mão na parede, tentou convencer os músculos empedernidos pelo frio a libertarem os pulmões pelo menos durante o período suficiente para respirar. Foi então que lançou um olhar furioso a Lucivar.

— Jaenelle acordou num estado de espírito semelhante — disse Lucivar, placidamente. — Deve ter sido uma noite interessante.

— Não aconteceu nada — resmungou Daemon, enquanto afastava o cabelo para trás.

— Nada físico — disse Lucivar. — Mas eu próprio já dancei muitas vezes com o Sádico para o reconhecer quando o vejo.

Daemon limitou-se a aguardar.

Os lábios de Lucivar formaram aquele sorriso letárgico e arrogante. — Bem-vindo a Kaeleer, irmão — disse, afavelmente. — É bom ter-te de volta. — Parou à porta da casa de banho. — Já te trago uma chávena de café. Isso e um banho quente devem ser suficientes para te despertar.

— Despertar para quê? — perguntou Daemon circunspectamente.

O sorriso de Lucivar ganhou contornos perversos. — Estás atrasado para o treino, meu velho. Mas, tendo em contas as circunstâncias, concedo-te mais quinze minutos para chegares ao campo de treinos antes de vir outra vez à tua procura.

— E se tiveres de vir outra vez? — perguntou Daemon com demasiada afabilidade.

— Acredita. Se tiver de vir procurar-te novamente, não vai ser nada do teu agrado.

Já não estava a ser do seu agrado. Mas bebericou o café que Lucivar lhe trouxe ao mesmo tempo que a água quente lhe caía no pescoço e nas costas – e o Sádico começou a planear a sedução serena e dócil de Jaenelle Angelline.

CAPÍTULO CINCO

1 / Kaeleer

Alexandra caminhava pelos corredores, com Philip a seu lado. Teria preferido a companhia de Leland ao invés de um macho indisponível, mas a forma como Philip se tinha prontamente oferecido para a acompanhar significava que pretendia discutir algo em privado, sem tornar essa intenção notória.

Irritada pela sua presença, Alexandra explodiu: — Estamos aqui há mais de uma semana e não aconteceu nada. Quanto tempo espera aquele “acompanhante” que permaneçamos hóspedes?

Philip não precisava salientar que Osvald, o acompanhante que Dorothea providenciara, não tinha tido oportunidade de se aproximar quer de Wilhelmina quer de Jaenelle, sem que estivessem acompanhadas por um macho, quanto mais aproximar-se o suficiente para as levar do Paço. Também não precisava salientar que seriam “hóspedes” até que o Senhor Supremo – ou a *verdadeira* Rainha que governava esta corte – decidissem de modo diferente.

— Lucivar procurou-me esta manhã — disse Philip, abruptamente.

Detectando a tensão na voz de Philip, Alexandra olhou-o de relance, para depois olhar de forma mais atenta para o rubor que obscurecia o rosto de Philip. Seria raiva ou vergonha? — E?

— Sugeriu vivamente que pusesses rédea curta na Vania antes que se magoe. Parece que tem vindo a ser demasiado agressiva nas suas tentativas de aliciar um macho de Kaeleer para a sua cama. Disse que se está assim tão ansiosa por um macho, deveria convidar o seu Consorte, pois é para isso que aqui se encontra.

Pessoalmente, Alexandra achava que Vania se comportava como uma cabra. Contudo, Vania era também generosa quanto à partilha dos seus machos com as Rainhas que a visitavam – uma generosidade que Alexandra nunca recusava sempre que visitava essa Província. Não mantinha um

amante estável na sua própria corte há mais de vinte e cinco anos – desde que solicitara a Philip que acompanhasse Leland na Noite da Virgem. Não teria sido justo para ninguém se tivesse pedido a Philip que lhe aquecesse a cama depois disso, quando tudo o que desejava era ser amante da sua filha, e os outros homens que considerara, desde então, estavam muito mais interessados no poder que poderiam exercer como Consortes do que em proporcionar-lhe prazer.

Mas, ao lembrar-se da generosidade de Vania – e no facto de também não ter um macho para *lhe* aquecer, de momento, a cama – Alexandra ficou à defesa: — Não teria de ser “agressiva” se esta corte se lembrasse de proporcionar as comodidades básicas às Rainhas visitantes.

— Eu referi essa questão — disse Philip, com os dentes cerrados. — E foi-me comunicado que, nesta corte, não existem machos cujos requisitos de serviços incluam esse dever.

— Custa-me a acreditar. Nem todas as Rainhas que aqui se deslocam têm de ter necessariamente um Consorte ou têm de se fazer acompanhar pelo seu actual Consorte. Tem de existir *alguma* forma... — Calou-se, abalada pela profundidade do insulto. — É por sermos de Terreille, não é?

— Sim — respondeu Philip categoricamente. — Disse que alguns machos do Segundo ou do Terceiro Círculo estariam, normalmente, dispostos a receber uma convidada da corte, se assim lhes fosse solicitado, mas visto que as Rainhas terreilleanas não sabem desfrutar de um macho sem o maltratarem, nenhum macho de Kaeleer se ofereceria de livre vontade. — Vacilou. — Acrescentou que não existem escravos de prazer em Kaeleer.

Aquela estalada verbal magoou tanto como um murro visto ser uma chamada de atenção para o facto de Daemon Sadi ter desempenhado a função de escravo de prazer na sua corte, durante alguns meses.

— Compreendo — disse, crispada.

— Apesar da raiva que demonstrou em relação a esta situação, Lucivar parecia deveras preocupado — disse Philip, parecendo desconcertado. — Sobretudo porque Vania concentrou os esforços no Príncipe Aaron.

— Aaron é um homem muito bem-parecido e...

— É casado.

Não havia muito a argumentar em relação a esse facto, especialmente por sentir as vagas de ansiedade que fluíam de Philip. A manifesta atenção de Vania relativamente a um homem casado deveria representar uma lembrança vincada da sua própria vulnerabilidade.

Enquanto em Terreille cada vez mais casamentos no seio da aristocracia estavam a ser realizados por razões sociais e políticas, a maioria dos machos dos Sangue ainda prezava o conceito do casamento visto ser a única relação em que os géneros permaneciam em pé de igualdade, como com-

panheiros. Ou tão próximos do conceito de companheiros quanto possível – ou tolerável. Significava também que a fidelidade dos machos era um requisito do casamento e qualquer homem que olhasse para além da cama da esposa poderia rapidamente ver-se sem casa nem família, podendo até perder os filhos.

— Há mais outra razão para refrear Vania — disse Philip. — Se os machos deste sítios ficarem ainda mais enervados...

— Bem sei — respondeu Alexandra, rispidamente. Nunca conseguiriam levar Wilhelmina e Jaenelle do Paço se os machos se tornassem ainda mais hostis do que já eram. — Bem sei — disse novamente, mitigando o tom de voz. — Irei falar-lhe.

— Em breve?

Não gostava de desvalorizar Philip pela ansiedade presente na sua voz.

— Sim, Philip — disse, afavelmente. — Falarei com Vania em breve.

2 / Kaeleer

Um ajuntamento interessante, pensava Daemon ao enfiar as mãos nos bolsos das calças, conjecturando sobre o significado que poderia ter a convocação do Guarda-Mor, do Consorte e do Primeiro Acompanhante pelo Administrador da Corte ao seu gabinete, com o propósito de “discutir algo”.

Passara os últimos dois dias a estudar o livro de Protocolo que Sae-tan lhe facultara e ficara surpreendido com as diferenças entre estas regras e as que lhe foram incutidas em Terreille. *Este* Protocolo, muito embora reforçando a natureza matriarcal dos Sangue, proporcionava aos machos alguns direitos e privilégios que contribuíam para equilibrar o poder. O que explicava a refrescante ausência de receio e de subserviência nestes machos. Compreendiam os limites que definiam o comportamento aceitável por parte dos homens e, dentro desses limites, mantinham-se inabaláveis, nunca tendo de matutar sobre o que lhes aconteceria se deixassem de estar nas boas graças de uma determinada Senhora.

Ficara também surpreendido pela secção do Protocolo que envolvia os machos do Primeiro Círculo uma vez que nunca vira sequer uma breve referência a essa parte do Protocolo em Terreille.

Deparou-se com uma frase que resumia a entrega de um macho ao serviço formal: A vossa vontade é a minha vida. Concedia à Rainha o direito de fazer o que bem entendesse com um macho, incluindo matá-lo. Isso não era novidade e, em Terreille, era um risco sério. A diferença residia no

acordo tácito por parte da Rainha que, ao aceitar o macho, estava também a aceitar o seu direito de opinar sobre as suas decisões e sobre a *sua* vida. Se a Rainha desse uma ordem à qual a maior parte dos machos do Primeiro Círculo se opusesse, poderia submeter-se à decisão deles ou dispensá-los da corte. *Todavia, não lhes podia infligir qualquer mal por se oporem a ela.*

Acaso os machos em Terreille tivessem conhecimento dessa parte do Protocolo, poderiam ter conseguido questionar o comportamento das Rainhas de estimação de Dorothea, poderiam ter conseguido manter as jovens e fortes feiticeiras a salvo e íntegras, poderiam ter encontrado uma forma de combater as ameaças de escravidão e de castração que amedrontavam terrivelmente a maior parte dos machos, impedindo-os de desafiarem as feiticeiras que detinham o poder.

Contudo, algo – ou alguém – havia eliminado as secções que abordavam o poder masculino dos livros de Protocolo em Terreille e isso acontecera há tanto tempo que já ninguém tinha memória da sua existência.

Não admirava que os terreilleanos achassem tão chocante residir em Kaeleer. E, finalmente, fazia sentido a exigência que impunha a prestação de serviço numa corte pelos imigrantes oriundos de Terreille. Precisavam desse tempo para absorver as novas regras e para compreender de que forma essas regras se aplicavam na vida quotidiana.

O que contribuía para lhe aguçar ainda mais a curiosidade em relação ao dar-e-receber formal entre a Rainha e o triângulo masculino.

Partindo do princípio, como era óbvio, que a Rainha iria comparecer.

— Alguém avisou a Gata de que deveria estar presente? — perguntou Lucivar, fazendo eco do pensamento de Daemon.

Saetan olhou Lucivar de modo terno. — Eu disse-lhe. No entanto, o Senhor Ladvarian já a tinha encurralado para discutir uns assuntos. Julgo que virá logo que consiga dar a volta ao que quer que Ladvarian e Kaelas tenham em mente. — O olhar terno dirigiu-se agora a Daemon.

Daemon devolveu um olhar igualmente terno ao mesmo tempo que o seu batimento cardíaco se lançava a galope – uma vez que tinha a nítida sensação de que o que quer que Ladvarian e Kaelas quisessem discutir com Jaenelle o envolvia de alguma forma.

Tentava encontrar uma desculpa que lhe permitisse arrastar Lucivar para o salão principal para lhe perguntar a razão do interesse que os parentes demonstravam pelo Consorte, quando Jaenelle entrou de rompante no gabinete.

— Desculpem, eu... — Deteve-se quando os viu e a sua pressa transformou-se, subitamente, em precaução. — É família ou corte? — perguntou circunspectamente.

— Corte — respondeu Saetan.

Fascinado, Daemon observou a mudança subtil de mulher para Rainha.

— E qual é a vontade da corte? — perguntou Jaenelle, com serenidade.

Daemon chegou à conclusão de que não havia vestígio de escárnio na sua voz, reconhecendo uma das aberturas cerimoniais das discussões.

— Recebi uma mensagem do Senhor Jorval — explicou Saetan, com igual serenidade, embora o seu olhar parecesse demasiadamente inexpressivo. — Alguém de uma prestigiada família aristocrata veio a Kaeleer à procura do auxílio de uma Curandeira devido a uma doença que deixou perplexas todas as Curandeiras em Terreille. Visto que és do conhecimento geral que és a melhor Curandeira do Reino, solicita que te desloques urgentemente a Goth para lhe ofereceres a tua opinião.

Lucivar rosnou baixinho, mas agressivamente. Um gesto curto mas abrupto de Andulvar silenciou-o.

— Jorval acrescenta que, embora tenha a certeza de que a doença não é contagiosa, parece afectar unicamente machos. E visto que não deseja que os machos da tua corte sejam afligidos por qualquer mal...

Desta vez, foi Andulvar que resfolegou.

— ... ofereceu-se para providenciar uma escolta que te acompanhe durante a tua permanência na Pequena Terreille.

— NÃO! — Lucivar explodiu em movimentos, dando passadas furiosas. — Não vais à Pequena Terreille para realizares uma cura sem uma escolta completa constituída pelos teus próprios machos. Outra vez não. Nunca mais. Se essa pessoa quer ver-te tão desesperadamente, por que razão não se desloca aqui?

— Consigo pensar nalgumas razões — disse Jaenelle com um sentido de humor cáustico, enquanto observava Lucivar.

O sangue de Daemon cantou quando os seus olhares se cruzaram momentaneamente para logo de seguida gelar quando olhou de relance para Saetan e viu um tremeluzir ao fundo daqueles olhos dourados. O que estaria o Senhor Supremo a tentar ocultar por detrás daquele olhar propositamente indiferente — e o que aconteceria se a trela rebentasse?

— Jorval referiu a proveniência deste indivíduo? Ou algo mais que possa ser útil? — perguntou Jaenelle, voltando-se para Saetan, enquanto Lucivar caminhava para trás e para a frente, praguejando.

— Somente que as raças de longevidade reduzida parecem ser as mais afectadas — disse Saetan.

Os lábios de Jaenelle suavizaram-se deixando transparecer o vestígio de um sorriso devaneador mas suficientemente malévolos para provocar arrepios em Daemon. — As raças da zona mais ocidental de Terreille? — perguntou com a voz da meia-noite.

— Não referiu, Senhora.

Jaenelle acenou com a cabeça, pensativamente. — Vou pensar no assunto.

— Não há nada para pensar — resmoneou Lucivar. — Não vais. Podes não te recordar muito do que aconteceu há sete anos, *mas eu lembro-me*. Não vamos voltar a passar por isso, e tu em especial.

Daemon estudou Lucivar. Para lá da fúria existia um pavor que tocava as raías do pânico. Reprimiu um suspiro, descontente por se opor à sua Rainha, precisamente no primeiro acto oficial como Consorte. Porém, o que quer que fosse que amedrontava Lucivar daquela forma não podia ser algo com o qual concordasse de ânimo leve.

Reparou então no rosto de Jaenelle ao virar-se para Lucivar – e imaginou quantos seriam os homens que se atreveriam a fazer frente à Feiticeira agora que atingira a maturidade e que estava no auge do seu poder.

Lucivar imobilizou-se a meio de uma passada ao sentir aqueles olhos cor de safira postos em si. Estremeceu, mas o seu olhar não fugiu ao dela, e manteve a voz firme ao dizer baixinho: — A única forma de chegares à Pequena Terreille é passares por mim.

E saiu do gabinete.

Os ombros de Jaenelle descaíram ligeiramente por um instante e voltaram a endireitar-se ao virar-se para Daemon. — Vai com ele, por favor.

— Porquê? — questionou Daemon, serenamente.

O olhar fixo da Rainha amoleceu ligeiramente, em desespero. — Porque tens força suficiente para o deter e não quero que enerve os rapazolas relativamente a uma decisão que ainda não tomei.

Era o primeiro pedido que lhe fazia, mas não estava certo se conseguiria executá-lo. — O que aconteceu há sete anos?

O rosto de Jaenelle ficou pálido como a morte e demorou algum tempo a responder. — É melhor perguntares a Lucivar. Tal como ele próprio afirmou, lembra-se melhor do que eu.

Aguardou durante algumas batidas de coração. — De quanto tempo precisas?

Desta vez, Jaenelle olhou para Saetan. — Uma hora seria conveniente?

— Teremos todo o gosto em nos reunirmos novamente dentro de uma hora — disse Saetan.

— Muito bem — disse Daemon. — Posso retê-lo por uma hora.

Acenando com a cabeça para confirmar que o tinha ouvido, Jaenelle saiu celeremente da divisão.

Daemon fitou a porta fechada, plenamente consciente de que Andulvar e Saetan aguardavam alguma indicação sobre o que iria fazer. — Vou

perguntar-lhe — disse calmamente. — E, se não gostar da resposta, também terá de passar por mim. — Para a proteger, sacrificaria toda e qualquer oportunidade de se tornar amante de Jaenelle.

— Não vais gostar da resposta — disse Saetan, — mas não me preocuparia sobre uma tomada de posição. Se Jaenelle decidir deslocar-se à Pequena Terreille, terá de passar por todo o Primeiro Círculo. Como não deve ser provável que se bata com a corte por causa desta cura específica, é uma atitude respeitosa deixar que a Senhora leve o seu tempo a chegar a essa conclusão por si própria.

— Nesse caso, se me dão licença, é melhor ir ver o que posso fazer para controlar o temperamento de Lucivar.

3 / Kaeleer

“Lucivar está descontente” disse Ladvarian ao mesmo tempo que observava Jaenelle a olhar fixamente a queda de água e os lagos de vários níveis que construía neste jardim interior, muitos anos atrás.

— Quero pensar, Senhor da Guerra — disse Jaenelle, baixinho. — A sós.

O sceltita mexeu as patas, pensou por um momento, e fincou o pé. “Está ríspido e perturbado e não fala com nenhum de nós.” Este odor específico de raiva e de medo proveniente de Lucivar só se sentia quando Jaenelle ou Marian faziam algo para perturbar o eyrieno. Uma vez que Marian nada fizera de inusitado — já conferira — significava que Jaenelle era a responsável. Ou que estaria prestes a fazer algo.

Os lábios afastaram-se num rosnado mudo. “*Jaenelle.*”

Ao virar-se para o encarar, Ladvarian viu que segurava uma grande ampolheta em madeira escura. Sem proferir uma palavra, virou-a, pousou-a na borda em pedra do lago mais baixo e caminhou até à extremidade oposta do jardim.

Ladvarian rosnou baixinho para a ampolheta.

Os parentes tinham dificuldades em perceber a forma como os humanos dividiam o dia nestas pequenas parcelas a que chamavam horas e minutos. Tinham compreendido com relativa facilidade que, por vezes, as fêmeas humanas queriam ficar sozinhas, embora, durante algum tempo, continuassem a regressar cedo demais, resultando em repreensões. Por isso o Senhor Supremo e a Senhora tinham inventado estas ampolhetas de fácil compreensão. Se a areia tivesse passado na totalidade para a parte de baixo, a fêmea estava novamente disposta a brincar. Se tal não fosse o caso, o parente ia-se embora sem a perturbar.

Jaenelle dispunha de dois conjuntos de ampulhetas. Cada conjunto tinha uma ampulheta dimensionada para uma hora, meia hora e um quarto de hora. Jaenelle usava o conjunto em madeira clara como um pedido para fruir de algum tempo a sós, mas podia ser interrompida se fosse necessário. A Feiticeira, a Rainha, usava o conjunto em madeira escura e essas ampulhetas representavam uma ordem implícita.

Ladvarian saiu do jardim a saltitar, aceitando a dispensa.

Não desafiaria a Rainha, mas aprendera que, se Lucivar fosse severamente espicado, iria rebentar. Nessa altura, Ladvarian e os outros machos ficariam a par dos projectos que a Senhora tencionava pôr em prática.

4 / Kaeleer

Por meio da Arte, qualquer membro dos Sangue que usasse Jóias conseguiria lançar um machado com precisão através de um pedaço de madeira. Daemon chegou à conclusão que Lucivar não estava a usar mais nada para além de força muscular e fúria, enquanto observava o machado a rachar a madeira ao meio.

E isso, mais do que tudo o que observara desde a sua chegada a Kaeleer, mostrava-lhe quão diferente era aqui o serviço numa corte. Em Terreille, Lucivar teria começado uma briga com outro macho possante e a violência que daí resultasse teria desencadeado uma contenda violenta capaz de despedaçar uma corte. E ali estava ele, a descarregar a fúria na madeira que serviria para aquecer o Paço nos dias de Inverno que se aproximavam.

— Mandou-te aqui para me manteres peado? — disse Lucivar com rispidez, arremessando novamente o machado.

— O que aconteceu há sete anos, Lucivar? — perguntou Daemon, calmamente. — O que te leva a esta oposição veemente quanto ao facto de Jaenelle efectuar uma cura na Pequena Terreille?

— Não me vais dissuadir, Bastardolas.

— Não tenho qualquer interesse em fazê-lo. Só pretendo saber a razão pela qual estou prestes a colocar-me do lado oposto aos desejos da minha Rainha.

O machado golpeou com força suficiente para a lâmina ficar enfiada no tronco.

Lucivar invocou uma toalha e limpou o suor do rosto. — Sete anos atrás, Jaenelle estava na Pequena Terreille, numa daquelas visitas que constituíram uma cedência ao Conselho das Trevas. Uma criança ferira-se gravemente e solicitaram-lhe que realizasse a cura. Quem quer que tenha armado a jogada, fê-lo com inteligência. Os ferimentos eram bastante extensos

pelo que o processo da cura deixaria Jaenelle física e mentalmente exausta, mas não o suficiente que a levasse a chamar outras Curandeiras para além das da Pequena Terreille. Pois se tivesse chamado Gabrielle ou Karla para a ajudar, seriam acompanhadas por um acompanhante masculino.

“Quando terminou o tratamento, alguém lhe deu comida ou bebida misturada com drogas e Jaenelle estava demasiado cansada para as detectar. Tornaram-na obsequiosa ao ponto de fazer o que lhe mandavam – e foi-lhe ordenado que assinasse um contrato de casamento.

Daemon sentiu uma corrente gelada a deslocar-se pelas veias, adocicada e mortífera. *Não estavas presente. Não podes pensar em traição visto que não estavas presente.* Não importava. Um Consorte nunca passaria de uma comodidade física. Mas um marido... — E onde está ele? — perguntou com uma delicadeza exagerada.

Lucivar torceu a toalha. — Não sobreviveu à consumação.

— Trataste disso? Agradeço-te.

— Já estava morto quando cheguei. — Lucivar fechou os olhos e engoliu em seco. — Fogo do Inferno, Daemon, ficou borrifado pelo quarto. — Abriu os olhos. O desânimo aí presente provocou arrepios a Daemon. — Para além da outra droga, deram-lhe uma dose generosa de *safframate*.

O corpo de Daemon ficou completamente entorpecido por uns instantes. Sabia muito bem o que o *safframate* provocava numa pessoa. — Cuidaste dela? — O que significava: *proporcionaste-lhe o sexo de que precisava?* Não havia espaço para sentir ciúmes ou insídia, somente a esperança desesperada de que Lucivar tivesse cumprido o que era necessário.

Lucivar desviou o olhar. — Levei-a à caça em Askavi.

Daemon limitou-se a olhar atónito para o irmão, deixando que a grandeza daquelas palavras amadurecesse. — Acompanhaste-a como *isco*?

— O que esperavas que fizesse? — ripostou Lucivar. — Deixá-la trancada em Ebon Askavi, em sofrimento? O derramamento de sangue alivia o tormento provocado pelo *safframate* tanto quanto o sexo. — Fez uma pausa e respirou fundo para recuperar o controlo. — Não foi fácil, mas sobrevivemos.

E era tudo o que Lucivar tencionava contar sobre um período que deveria ter sido um pesadelo para ele, compreendeu Daemon.

— Desde então, regressou à Pequena Terreille por duas vezes e sempre acompanhada por uma escolta armada, onde eu me incluía — disse Lucivar. — Não mais voltou a esse lugar desde que estabeleceu formalmente a corte.

— Compreendo — disse Daemon em voz baixa. — Está quase na hora de ouvir a sua decisão. Queres ir refrescar-te?

— Para quê? — perguntou Lucivar com um sorriso desconsolado. — Depois de a ouvir, com toda a certeza que regressarei aqui.

5 / Kaeleer

— Posso ajudar-vos?

Osvald, o acompanhante, cerrou os dentes e esforçou-se por sorrir ao virar-se para o laçao. Fogo do Inferno, não existiria *um* único homem neste maldito local que não estivesse desejoso de andar à bulha? — Parece que virei no sítio errado, por isso estou a apreciar os quadros nesta zona do Paço.

— Será com grande prazer que vos indicarei o caminho de volta aos vossos aposentos — disse Holt, com uma cortesia gélida.

Em Terreille, poderia mandar açoitar o laçao simplesmente pela falta de subserviência. Em Terreille, os serviçais não ostentariam as Jóias tão manifestamente, forçando os superiores sociais a reconhecerem-lhes a força. Estando nas boas graças da Sacerdotisa Suprema de Hayll, mortificava-o ter de reconhecer um *laçao*, que era também um Senhor da Guerra de Jóia Opala.

— Por aqui — disse Holt, no preciso momento em que Wilhelmina saía do quarto.

Osvald praguejou em silêncio. Se Holt tivesse aparecido uns minutos mais tarde, poderia ter agarrado na cabra e deixado este sítio.

Foi nesse momento que viu o enorme gato listrado a sair do quarto e a fixar, de imediato, aqueles olhos imperturbáveis em Osvald, que deu graças pela presença de Holt. Quando os lábios do gato começaram a desenharem um rosnado, não precisou de ser instigado. Cumprimentou Wilhelmina educadamente, sentindo-se imensamente aliviado quando a mulher devolveu o cumprimento de forma tão automática que soou a proximidade informal, o tipo de resposta automática que as outras cabras deste local só dirigiam a machos que conheciam razoavelmente. Com os restantes machos, faziam sempre uma pausa brevíssima, mas que praticamente apregoava “estranho”.

Poderia ser uma vantagem, pensava enquanto seguia Holt de volta à ala onde Alexandra estava hospedada, bem como todo o séquito que a acompanhava. Não seria de estranhar que um acompanhante fosse o portador de um recado de uma Senhora para outra - especialmente se julgassem que trabalhava para essa família há muitos anos.

Sim, poderia resultar maravilhosamente.

6 / Kaeleer

“Quando fazem parelha, são perigosos” Andulvar dirigiu-se a Saetan, através de um fio de comunicação Ébano-Acinzentado.

Olhando para Lucivar e Daemon, Saetan compreendeu a distinção que Andulvar acabara de constatar. Todos os Príncipes dos Senhores da Guerra são perigosos, mas quando dois homens com forças complementares se tornam uma equipa... “Tal como nós éramos com a idade deles” respondeu, causticamente. “Continuamos a ser.”

“Se alguma vez nos envolvermos numa contenda, não quero ter de enfrentar aqueles dois” disse Andulvar, ponderadamente.

Acaso tivesse a sentir uma ponta de diversão, escoou-se com aquela afirmação. O coração queria bradar: *Nunca serão inimigos. São a minha prole, os meus filhos.* Contudo, outra parte de Saetan – a que avaliava o potencial perigo de outro macho possante – não estava tão segura. *Tinha* a certeza quando Lucivar ainda estava sozinho. Mas Daemon...

Lucivar suportara uma infância brutal, mas, de alguma forma, fora uma brutalidade pura. Não tinha sido enredado por uma corte até à adolescência. Já Daemon tinha sido criado na corte de Dorothea e absorvera as lições distorcidas que ali aprendera, tornando-as parte de si mesmo, usando-as posteriormente como uma arma.

Embora pudesse lutar contra indivíduos, Lucivar conseguira abraçar a lealdade à família e à corte. Saetan tinha profundas suspeitas de que a lealdade de Daemon seria sempre superficial, de que a única lealdade com que os restantes poderiam contar era a sua dedicação a Jaenelle. O que significava que Daemon *tudo* faria em nome dessa lealdade. O que significava que este filho tinha de ser tratado com imenso desvelo.

Jaenelle não estava a ajudar ao agir como um coelho perante a raposa Daemon. Com outro homem, Saetan teria achado graça a esta perseguição. Assim acontecia com os rapazolas e conseguia compreender a satisfação que sentiam face à reacção de Jaenelle a Daemon. Mas calculava que Daemon não se sentia minimamente divertido e magicou no que poderia acontecer quando o temperamento do filho estoirasse – e quem sofreria com isso.

Quando Jaenelle entrou no gabinete, Saetan pôs de lado o problema que ainda não tinha surgido para tratar daquele que se encontrava à porta.

— Senhor Supremo — disse Jaenelle formalmente.

— Senhora — respondeu Saetan, com igual formalidade.

Respirou fundo e virou-se para Lucivar. — Príncipe Yaslana, como Primeiro Acompanhante, quero que providencias acomodações algures ao longo da fronteira da Pequena Terreille para mim e para um séquito limitado. Mas que não seja uma estalagem. Uma casa privada ou um posto de vigia. Um local que garanta discrição. A escolha do Território fica ao teu critério. De igual modo, decidirás o momento do encontro – embora não possa realizar-se nos próximos três dias.

Não estava suficientemente perto de Jaenelle para sentir o odor, mas

podia perceber pela súbita explosão nos olhos de Daemon e pela acutilância nos de Lucivar que tinha iniciado o período da lua. Queria suspirar. Fogo do Inferno, como poderia canalizar a agressividade instintiva de Daemon ao mesmo tempo que se debatia para controlar a sua? As feiticeiras ficavam vulneráveis durante os primeiros três dias do período da lua visto não poderem usar as respectivas Jóias nem realizar mais do que Arte básica sem que isso lhes provocasse dor física. E, tratando-se da vulnerabilidade da sua Rainha, o temperamento de um Príncipe dos Senhores da Guerra cavalgava na orla assassina durante esses dias.

— Não tens de comunicar a ninguém os preparativos que fizeste — prosseguiu Jaenelle. — No entanto, por uma questão de cortesia, deverás informar o Administrador, o Guarda-Mor e o Consorte. O Administrador entrará em contacto com o Senhor Jorval para confirmar o local do encontro na Pequena Terreille.

— Para que serve montar um lugar seguro se vais para a Pequena Terreille? — perguntou Lucivar e Saetan reparou que estava a manter um tom de voz cuidadosamente respeitoso.

— Porque vou à Pequena Terreille sem *ir* à Pequena Terreille. Assim, as preocupações da corte relativamente ao meu bem-estar ficarão salvas, permitindo-me desta forma encontrar-me com esse indivíduo.

Lucivar semicerrou os olhos, a considerar. — Podias simplesmente recusar.

— Tenho as minhas razões para o fazer — respondeu Jaenelle com a voz da meia-noite.

E assim, Saetan estava certo, quanto a Lucivar o assunto ficaria encerrado.

Mas Lucivar ainda estava a estudá-la. — Se concordar, podemos atormentar-te durante os próximos três dias sem reagires com sete pedras na mão?

Foi o suficiente para que a Rainha voltasse a ser a irmã mais nova, balbuciante e rezingona. — “Nós” quem? — perguntou ameaçadoramente.

— A família.

Saetan perguntou-se se mais alguém teria reparado no olhar que Daemon lançou ao irmão e que deveria ter deixado Lucivar a sangrar. E perguntou-se também se Lucivar se apercebera que, quer tenha incluído quer tenha excluído Daemon do termo “família”, não tinha caído bem ao Consorte da Rainha.

— Papá! — exclamou Jaenelle, rodopiando para o olhar de frente.

— Criança-feiticeira? — respondeu placidamente, embora pudesse sentir as gotas de perspiração a brotarem na testa ao ver o rosto de Daemon a alterar-se para uma máscara gélida e indecifrável.

Jaenelle olhou-o por um momento, e voltou a rodopiar para se dirigir a Lucivar. — Dentro de limites razoáveis — retorquiu. — E sou eu quem decide o que é razoável.

Quando Lucivar se limitou a sorrir abertamente, saiu como um furacão do gabinete. O enorme sorriso desvaneceu-se ao olhar para Andulvar. — Sendo o Guarda-Mor, deveria ter-te pedido para tratares dos preparativos.

Andulvar encolheu os ombros. — Não tenho o ego ferido, cria. É uma Rainha excelente que compreende as necessidades dos machos que a servem. Neste momento, mais do que eu, és tu que precisas ocupar-te com os preparativos. — O seu sorriso tinha contornos sarcásticos. — Porém, se não me mantiveres informado, *sentir-me-ei* ultrajado.

— Se dispuseres de algum tempo, podemos dar uma olhadela ao mapa — disse Lucivar.

— Estás a aprender, cria — disse Andulvar ao passar um braço sobre os ombros de Lucivar, levando-o para fora do gabinete. — Estás a aprender.

Vendo que Daemon não fizera qualquer movimento para sair, Saetan inclinou-se na secretária em madeira escura. — O que te preocupa, Príncipe?

— Estou-me a borrfifar para os laços familiares que vós e Lucivar reclamam ter com ela, mas eu *não* sou seu irmão — disse Daemon, com demasiada serenidade.

— Ninguém disse que o eras. O facto de ser pai adoptivo de Jaenelle e, por acaso, seres meu filho é irrelevante. Nunca pensaste nela como irmã e ela nunca pensou em ti como irmão. Isso não mudou.

O gelo nos olhos de Daemon derreteu-se em frialdade. — Poderá não pensar em mim como irmão, mas também não deseja que seja outra coisa.

Saetan pôs-se em sentido. — Isso não é verdade.

O ténue sorriso de Daemon encerrava ressentimento e pesar. — Normalmente, consigo seduzir uma mulher em menos de uma hora, quando me empenho. Quando não me empenho, não demoro mais do que duas. A maioria das vezes nem me consigo aproximar dela o suficiente para conversar.

A capacidade reconhecida de Daemon para seduzir arrepiava Saetan. Visto que as pessoas que relatavam não sabiam estarem a falar do seu filho, ouvira bastantes histórias sobre o Sádico, o que o fazia sentir-se apreensivo. As habilidades de alcova, tal como o homem que as empregava, eram uma faca de dois gumes.

Se Daemon fosse impelido a usar essas habilidades prematuramente...

Saetan cruzou os braços para ocultar o ligeiro tremor nas mãos. — Os rapazolas acham graça a esta perseguiçãozita entre ti e Jaenelle.

— Acham? — perguntou Daemon, com demasiada delicadeza.

— Também eu, confesso. — *Ou gostaria de achar se tivesse a certeza de que não me estrangularias antes de terminar.*

Os olhos dourados de Daemon apresentavam o ar entediado e letárgico que Saetan bem conhecia – alturas houve em que se olhou ao espelho e viu esse mesmo olhar.

— Achas? — perguntou Daemon.

— Há dois dias, Jaenelle pediu-me a opinião sobre o vestido que iria usar ao jantar.

— Lembro-me que era um vestido encantador.

— Fico encantado por teres apreciado. — Saetan fez uma pausa. — Poderás também apreciar o facto de que, nos treze anos em que aqui vive, Jaenelle nunca demonstrou qualquer preocupação em relação ao vestuário ao ponto de pedir a minha opinião sobre o que quer que fosse que estivesse a usar? E poderás apreciar o pormenor de que não estava a pedir-me a opinião como Administrador ou como pai, mas sim como homem? Admito que, tendo em conta o modo como aquele vestido lhe assentava, a opinião como pai teria divergido consideravelmente da opinião como homem.

Daemon quase sorriu.

— Ela vê-te como homem, Daemon. Um *homem*, não um amigo macho. Pela primeira vez na vida, está a tentar lidar com os seus próprios desejos carnavais. Por isso, esquiva-se.

— Não é a única a esforçar-se por lidar com o assunto — resmoneou Daemon entre dentes embora o olhar letárgico se tivesse transformado num vivo interesse. — *Sou* o Consorte. Podia ao menos...

Saetan abanou a cabeça. — Achas mesmo que Jaenelle te exigiria isso?

— Não. — Daemon passou os dedos pelo cabelo. — O que posso fazer?

— Não precisas de fazer mais nada para além do que já estás a fazer.

— Saetan ponderou por um momento. — Sabes preparar alguma infusão para aliviar o desconforto do período da lua?

— Sei fazer umas quantas.

Saetan sorriu. — Nesse caso, sugiro que o Consorte prepare uma infusão para a sua Senhora. Nem mesmo Jaenelle poderá discordar que isso se poderá enquadrar na categoria de “tormento razoável”.

7 / Kaeleer

Surreal parou em frente à entrada da sala de jantar e praguejou baixinho. Os únicos na sala eram Alexandra e o respectivo séquito.

Fogo do Inferno. Por que não os tinha Jaenelle deixado ficar sozinhos? As refeições eram certamente mais descontraídas e as conversas mais interessantes quando Alexandra e a sua gente tomavam as refeições em separado. Quando referira essa questão a Saetan, informara-a que a ideia partira de Jaenelle, que permitiu que Alexandra e os seus acompanhantes se juntassem aos restantes para as refeições, na esperança de que pudessem compreender melhor Kaeleer.

A intenção pode ter sido boa, pensava Surreal furiosa ao caminhar a passos largos para a mesa, mas a realidade revelava-se um falhanço lastimoso. Nem uma única pessoa daquele grupo, de Alexandra até ao acompanhante de categoria mais baixa, desejavam compreender *o que quer* que fosse sobre os Sangue de Kaeleer. E as refeições do meio-dia eram as piores ocasiões uma vez que Saetan estava ausente.

Ao chegar à mesa, as duas Rainhas de Província, Vania e Nyselle, olharam-na com um ar que aliava sobranceira afectada e aversão. Poderia ter-se sentido pessoalmente ofendida se não soubesse que olhavam com aquele ar para todas as feiticeiras que ali habitavam – incluindo as Rainhas que lhes eram muito superiores.

Nesse momento, Vania olhou para a porta e a expressão alterou-se para um deleite de predador.

Olhando de relance, Surreal viu Aaron parar momentaneamente à entrada – e chegou à conclusão de que se assemelhava bastante a um homem a quem fora anunciada a data da execução. Calculando que Aaron não precisava de outra mulher a mirá-lo, voltou a atenção para a mesa.

O primeiro ponto de interesse residia na forma como este grupo se dividira. Alexandra, Philip e Leland estavam sentados numa das extremidades da mesa. Nyselle encontrava-se na extremidade oposta, com o Consorte e os acompanhantes à sua volta. O Consorte de Vania estava sentado à esquerda da sua Senhora, com um ar infeliz. A cadeira à direita de Vania estava vazia, tal como as que se encontravam à frente dela.

O segundo ponto de interesse residia nas travessas dispostas na mesa. O pequeno-almoço e a refeição do meio-dia eram distribuídos pelo enorme aparador lateral para que todos se pudessem servir e, depois, sentarem-se conforme desejado. O jantar era a única refeição que tinha horário marcado e era também a única refeição servida pelos lacaios. *Esta* refeição do meio-dia apresentava-se de modo familiar, como se fosse aguardado um número reduzido de pessoas.

Não tinha importância, pensava Surreal ao começar a servir-se das travessas mais próximas. Não tinha *qualquer* importância – desde que todos os outros estivessem a passar fome para evitarem estar na presença dos convidados. Porém, se descobrisse que estava a ser servido outro almoço,

tranquilamente, noutro local, teria algumas coisas a dizer a *alguém* por não ser avisada.

— Posso juntar-me a ti? — perguntou Aaron baixinho ao chegar perto de Surreal.

Estava prestes a responder com frieza, referindo as cadeiras vazias, quando reparou no olhar perturbado de Aaron.

Como se o facto de ter reparado nele fosse sinónimo de algum tipo de permissão, aproximou-se ainda mais de Surreal. Estava tão próximo que Surreal podia sentir o modo como os músculos estremeciam com a tensão originada pelo controlo firme de emoções fortes.

— Porque não vos sentais aqui, Aaron? — disse Vania, com um sorriso delico-doce, ao mesmo tempo que dava pequenas batidas na cadeira à sua direita.

Bem, isso explicava claramente o olhar perturbado.

Durante a sua estadia no Paço, Surreal observara que os machos – desde o macho mais subalterno até ao Senhor Supremo – tinham ideias bastante específicas sobre o que era distância física aceitável e a cortesia fria com que tratavam uma mulher quando essa distância não era respeitada, funcionava, normalmente, como um afastamento eficaz. Os machos do Primeiro Círculo não só toleravam a aproximação e o contacto físico com todas as feiticeiras do primeiro Círculo como aceitavam de bom grado essa intimidade amistosa. Mas não a aceitavam de bom grado de mais ninguém.

Considera-me uma delas, percebeu, sentindo um sobressalto aprazível face à aceitação. *Considera-me de confiança*. Por isso, ao responder-lhe: — Claro — tentou soar tão tranquilizadora quanto possível. O que, por algum motivo, o angustiou.

Era uma prostituta competente, pensou ao pegar no garfo e na faca de trincar da travessa que continha o peru assado. *Uma prostituta do melhor. Então porque é que, de repente, se tornou impossível entender os machos?*

— Podias...

Surreal rodou a cabeça e olhou para Aaron, com a faca de trincar a pairar sobre o peru. — Não ias sugerir que não sei manusear uma faca, pois não, docinho?

Aaron arregalou os olhos. — Não seria tolo ao ponto de sugerir que uma feiticeira Dea al Mon não sabe manusear uma faca — disse, num tom suspeitosamente submisso. — Ia pedir-te se não te importas de trincar um pedaço para mim?

— É claro que ias pedir — respondeu com azedume. Sentiu que algo em Aaron se descontraiu e praguejou em silêncio sobre o malvado comportamento masculino. Por outro lado, divagou ao trincar o peito de peru, era possível que os machos estivessem tão habituados a esta mistura agri-doce

na personalidade de uma feiticeira que conseguiam desconstrair-se. Podia ser um gosto que se adquiria, como as bagas azedas.

Esse pensamento fê-la soltar um riso abafado.

Depois de pousar novamente o garfo e a faca de trincar na travessa, preparou-se para comer. Não se seguiu muita conversa, o que lhe agradou – em especial porque todos os comentários de Vania eram dirigidos a Aaron e as respostas que este lhe dava tornaram-se curtas e grossas.

Na tentativa de quebrar ou, pelo menos, alterar a tensão que se estava a avolumar a cada momento, Surreal levantou os olhos, com a intenção de perguntar a Alexandra quando iriam deixar o Paço. Contudo, ficou em silêncio e deu consigo a olhar directamente para Vania. Nos olhos da mulher podia perceber-se um tipo sórdido de raiva focado directamente em Aaron.

Depois de brincar com a comida por uns instantes, Vania afastou o prato e sorriu com um ar afectado de timidez. — Devo dizer, o cansaço é tanto que nem consigo comer. O Aaron foi *tão* estimulante esta manhã.

Foi necessário um segundo demasiado longo para Surreal compreender o comentário.

Com um rugido de raiva, Aaron precipitou-se por cima da mesa, agarrou Vania pelos cabelos e puxou-a. A mão esquerda do homem agarrou a faca de trincar e começou a dirigi-la à garganta de Vania.

Surreal segurou o pulso esquerdo de Aaron com ambas as mãos, puxando-o para trás com toda a força. O homem cedeu uns escassos centímetros, mas de imediato os músculos recuperaram, lançando-se para a frente.

A ponta da faca golpeou o pescoço de Vania que gritou, ao mesmo tempo que o sangue começou a jorrar da ferida.

Surreal fez convergir o poder das Jóias Cinzentas para as mãos de modo a aumentar a força, contudo, deu-se conta de um escudo impenetrável à volta de Aaron que absorvia toda a energia.

Muito bem. Músculo contra músculo. Podia detê-lo durante os breves segundos que os outros homens que estavam à mesa demorariam a alcançá-los.

Todavia, ninguém se mexeu.

Foi nessa altura que viu de relance o rosto de Aaron e soube que nenhuma das outras pessoas presentes naquela divisão iria acercar-se de um Príncipe dos Senhores da Guerra com tal aspecto glacial e implacável.

Bateu-se com mais afinco, apoiou-se onde conseguiu. Estava-se a borrifar se cortasse a garganta a Vania, mas não queria que Aaron arranjasse problemas simplesmente porque a cabra tinha ido longe demais.

“Surreal?” chamou ansiosamente o Colmilho Cinzento.

“Ajuda-me!”

O lobo devia estar por perto pois entrou na sala de refeições segundos depois de lhe ter pedido ajuda.

“Surreal...”

“Não fiques aí especado. Faz alguma coisa!”

“Aaron é do Primeiro Círculo” ganiu o Colmilho Cinzento. “Não posso mordê-lo.”

“Então vai buscar alguém que possa!”

O Colmilho Cinzento saiu a correr.

Se pudesse, teria usado a Arte para fazer a faca desaparecer, mas Aaron tinha estendido o maldito escudo até à arma. Não conseguia chegar à faca, não conseguia sequer partir-lhe o pulso para o deter.

A força com que segurava o pulso de Aaron vacilou por um instante – o suficiente para que a faca voltasse a cortar o pescoço de Vania.

Foi nesse momento que chegou Chaosti que, com as mãos, prendeu o pulso direito de Aaron. As mãos de Lucivar sobrepuseram-se às de Surreal, acrescentando força e resistência.

Aaron debatia-se irreflectidamente, concentrado unicamente no assassínio.

— Porra, Aaron — rosnou Lucivar. — Não me obrigues a partir-te o pulso.

Boa sorte, pensou Surreal amargamente, sentindo as mãos de Lucivar a apertarem as dela. Esperava que ele se lembrasse que as mãos dela estavam no meio antes de começar a partir ossos.

Aaron parecia estar para além da capacidade de os ouvir, conquanto reagiu quando uma voz gélida da meia-noite pronunciou: — Príncipe Aaron, *ao meu serviço*.

Aaron começou a tremer descontroladamente. Lucivar retirou-lhe de imediato a faca e fê-la desaparecer. Chaosti forçou a mão direita de Aaron a abrir-se para que soltasse o cabelo de Vania.

Vania continuava a gritar – tinha estado aos gritos, apercebeu-se Surreal, desde o primeiro golpe.

— SILÊNCIO.

De imediato, os copos que se encontravam na mesa ficaram cobertos de gelo. Vania olhou de relance na direcção de Jaenelle e parou de gritar.

— Príncipe Aaron — prosseguiu Jaenelle com demasiada serenidade. — *Ao meu serviço*.

Titubeando, Aaron endireitou-se devagar. Chaosti e Lucivar largaram-no e afastaram-se.

Pálido como a morte, Aaron caminhou até ao sítio onde estava Jaenelle e caiu de joelhos.

— Aguarda-me no gabinete do Senhor Supremo — disse Jaenelle.

Com esforço, Aaron levantou-se e saiu da sala de refeições.

Surreal olhou para aqueles gélidos olhos azul-safira, sentiu um toque suavíssimo de uma imensa raiva na corda bamba e começou a tremer. As pernas cederam. Sentou-se na mesa.

Jaenelle aproximou-se da mesa, devagar e dirigiu o olhar a Lucivar.

— Sabias o que se estava a passar.

Ofegante, Lucivar expirou e inspirou várias vezes antes de responder:

— Sabia.

— E nada fizeste.

Engoliu em seco. — Esperava que fosse resolvido sem alaridos.

Jaenelle limitou-se a fitá-lo para, depois, dizer: — Vai ter comigo ao gabinete do Senhor Supremo dentro de trinta minutos, Príncipe Yaslana.

— Sim, Senhora.

Os olhos azul-safira cravaram-se, de seguida, em Chaosti. — E tu irás a seguir a Lucivar.

— Com todo o prazer, Senhora — respondeu Chaosti, com a voz rouca.

Oh, duvido muito, pensou Surreal, ainda a tremer.

Foi então que Jaenelle olhou para Vania – e o gelo começou a causticar.

— Se voltares a perturbar algum dos meus machos, física, mental ou emocionalmente, penduro-te pelos calcanhares e esfolo-te viva.

Ninguém falou, ninguém se mexeu até Jaenelle sair da sala.

Seria capaz de o fazer? magicou Surreal. Não se apercebeu que tinha falado em voz alta até ouvir Lucivar a emitir um som que era um cruzamento entre uma gargalhada e um gemido.

— No estado de espírito em que se encontra? Não só o faria como nem se daria ao trabalho de usar uma faca.

Surreal olhou para as suas próprias mãos, pensou no assunto por uns instantes e, depois, perguntou-se se alguém se importaria se vomitasse no chão.

— Surreal? — A mão de Lucivar tremia ao mesmo tempo que lhe levantava a cabeça.

Está borrado de medo. Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

— Surreal? Estás ferida?

A preocupação intensa presente na voz de Lucivar fê-la concentrar-se.

— Ferida? Não, acho que não...

— Tens sangue no rosto e no pescoço.

— Oh. — Sentiu o estômago a revolver-se. — Devo ter sido salpicada

quando... — Manter a boca fechada parecia agora uma excelente ideia.

Lucivar olhou por cima do ombro. — Falonar?

— Príncipe Yaslana — respondeu Falonar baixinho.

— O teu único dever esta tarde é tomares conta da Senhora Surreal.

— Com todo o prazer.

— A Senhora Vania precisa de uma Curandeira — disse um dos acompanhantes, aflito.

— Olha que merda — exclamou Surreal, sentindo-se ligeiramente embriagada, de repente, — estão vivos. Conseguem falar e mexer-se. Pela forma como estavam petrificados há uns minutos, fiquei com dúvidas. Fiquei mesmo.

— Cala-te, cabra — gritou um dos acompanhantes.

Lucivar, Chaosti e Falonar rosnaram para o homem.

— Sugiro que peçam ao Senhor Beale que mande vir uma Curandeira de Halaway — disse Lucivar, friamente.

— Certamente que existe uma Curandeira no Paço — disse Alexandra, parecendo indignada.

— A Senhora Gabrielle e a Senhora Karla são Curandeiras — respondeu Lucivar. — Se fosse a vós, neste momento não pediria a nenhuma das duas.

— Também podem pedir a Jaenelle — disse Surreal com um sorriso virulento.

A resposta foi um silêncio aterrado.

Com dois acompanhantes a apoiarem Vania, Alexandra e o respectivo séquito saíram apressadamente da sala. Lucivar e Chaosti olharam Falonar severamente antes de saírem.

Falonar aproximou-se de Surreal, com cautela. — Deve ter sido... perturbador... para vós. — Parecia estar prestes a morder um sapo. — Precisais de saís para cheirar ou algo do género?

Surreal semicerrou os olhos. — Docinho, sou uma assassina. Já fiz coisas muito piores ao jantar.

— Não estava a falar de... — Olhou para a mesa salpicada de sangue.

— Oh. — Pelo menos tinha esperteza suficiente para perceber que não tinha sido Aaron a assustá-la.

Fez uma pausa e acrescentou: — Não era minha intenção insultar-vos.

— Não insultastes — respondeu. Era a sua vez de fazer uma pausa. — Noutro dia qualquer, estaria disposta a ficar a par das regras para convidar um homem a passar uma tarde suada de sexo, nem que fosse para afastar o pensamento de tudo isto por algumas horas. Mas creio que hoje o sexo de qualquer tipo não seria uma boa ideia.

A surpresa e o interesse tremeluziram nos olhos de Falonar e a sua voz encerrava pesar: — Não, acho que não seria uma boa ideia... hoje.

— Sendo assim, podíamos treinar uma rotina com os bastões. Gostava de sair deste edifício por um bocado.

Falonar acenou pensativamente com a cabeça. — Sabeis manusear uma faca?

Surreal sorriu. — Sei manusear uma faca. — Olhou de relance para as partes baixas de Falonar. — Também sei manejar lanças com alguma destreza.

Falonar chegou a corar ligeiramente. — Arco?

Ainda a sorrir, Surreal abanou a cabeça.

— Uma nova mestria requer concentração.

— Bem como algumas mestrias antigas... se quisermos fazê-las bem. O rubor acentuou-se e o interesse aguçou-se.

Surreal levantou-se. — Vamos lá concentrar-nos numa nova mestria.

— E discutir a possibilidade de praticar mestrias antigas?

— Oh, sem dúvida.

Amparando-se mutuamente, apressaram-se a fugir à fúria crescente que invadia o Paço.

8 / Kaeleer

Daemon parou momentaneamente à porta da sala de estar de Jaenelle. Respirou fundo, endireitou os ombros e bateu à porta.

Não houve resposta.

Jaenelle estava lá. Podia sentir a fúria a rodopiar no quarto. E podia sentir o frio.

Voltou a bater e entrou, ignorando o facto de não ter sido convidado.

Jaenelle percorria a sala de estar, com os braços à volta da cintura. Olhou-o furiosa e disse ríspidamente: — Vai-te embora, Daemon.

Hoje devia estar a repousar, pensava Daemon ao mesmo tempo que o seu temperamento se avivava. Provavelmente era o que estaria a fazer antes daquela cena na sala de refeições.

— Visto que sou o único macho do Primeiro Círculo que não é o receptor do teu descontentamento, pensei vir verificar se necessitas de alguma coisa. Já agora, porquê tudo isso? — Apesar dos esforços para manter o tom sereno, a sua voz deixava transparecer algum nervosismo. Plausivelmente, sabia que devia estar agradecido por ter escapado aos açoites verbais com que os outros foram contemplados. Ao invés, estava melindrado pela exclusão – até sentir a estocada certa daquele olhar glacial de cor azul-safira.

— Sabes que devias ter comunicado a perseguição de Vania a Aaron?
— questionou Jaenelle com uma serenidade exagerada.

— Não, não sabia. Mas mesmo que soubesse, não teria comunicado.

— E por que raio é que não o farias? — bradou Jaenelle.

Calor. Daemon sentiu as pernas a fraquejarem ao mesmo tempo que era invadido pelo alívio. Graças às Trevas, já não era raiva gélida mas sim ira inflamada. Podia dar a volta à ira inflamada. — Porque era ela que o *estava* a perseguir. Aaron não estava a lançar engodos nem a enviar convites implícitos. Era ela que estava a tentar atraí-lo para a sua cama pois desejava a conquista. Estava-se nas tintas para o que lhe iria provocar.

— Exactamente.

Continuava sem compreender. Daemon passou os dedos pelo cabelo.
— Fogo do Inferno, mulher, o homem tem esposa e uma filha bebé. Se tivesse dito alguma coisa, teria Kalush realmente acreditado na sua inocência?

— É claro que sim! — gritou Jaenelle. — Mas se achava que não podia contar a Kalush, podia ter-me contado, ou a Karla, ou a Gabrielle.

— E como é que isso teria ajudado? — Daemon gritou também. — Terias contado a Kalush e continuariam a desconfiar de algo que não cometera, que nem sequer *queria* fazer.

— Porque insistes na desconfiança? Isto...

— Não estou a insistir.

— ...não tem nada a ver com desconfiança.

— Assim sendo, qual a razão para estares tão furiosa com ele? — bramiu Daemon.

— PORQUE MAGOOU-SE E ISSO NÃO DEVIA TER ACONTECIDO! — Os olhos de Jaenelle ficaram subitamente repletos de lágrimas. — Estou muito zangada com ele por se ter magoado. Achas que não sei quão enlevado e apavorado tem andado desde que Kalush ficou grávida? O quanto ela e Arianna significam para ele? Quão vulnerável se sente quando outra mulher demonstra interesse nele? — Limpou uma lágrima que lhe escorria pelo rosto. — Mas esconderam tudo tão bem que não conseguimos detectar mais nada para além do nervosismo que os rapazolas têm sentido desde que aquelas... pessoas... chegaram ao Paço. Se tivéssemos tido conhecimento, a assembleia teria agido precocemente.

Percebendo algo mais sob as palavras, Daemon semicerrou os olhos dourados. — E que mais?

Jaenelle hesitou. — Alexandra é a minha avó.

Avançou para ela tão celeremente que Jaenelle deu um passo rápido para trás e tropeçou na cauda do vestido. Agarrando-a pelos braços, Daemon puxou-a para junto de si. — Não vais afundar-te na culpa, Jaenelle

— disse, ferozmente. — Estás a ouvir-me? Não o irás fazer. É tua *avó*. Uma mulher adulta e, como tal, responsável pelas suas acções. Como Rainha, é responsável por controlar a sua corte. Se há alguém que deveria dividir a culpa com Vania, esse alguém é Alexandra. Foi avisada quanto à situação e nada fez. — Quando Jaenelle começou a argumentar, deu-lhe um safanão de tal ordem que a fez cerrar os dentes e rosnar-lhe. — Se quiseres arcar com a culpa e a responsabilidade por estarem aqui, então Wilhelmina é igualmente culpada e igualmente responsável.

Oh, a ferocidade protectora naquele olhar.

Daemon deslizou as mãos para baixo e para cima nos braços de Jaenelle, de modo tranquilizador. — Se uma das netas não deve ser responsabilizada pelas acções de Vania ou pela inacção de Alexandra, como poderás, com toda a equidade, responsabilizar a outra?

— Porque eu sou a Rainha e uma Rainha não controla unicamente a sua corte, também a protege.

Daemon resmoneou, frustrado, e murmurou entre dentes algumas coisas pouco lisonjeiras sobre a teimosia feminina.

— Não é teimosia quando a razão está do nosso lado — ripostou Jaenelle.

Não iria conseguir vencer esta contenda se ela mantivesse aquela posição, por isso tentou deslocar-se para um terreno diferente. — Muito bem. Devíamos ter comunicado. — Ou resolvido o assunto entre eles melhor do que o fizeram.

Fitou-o desconfiada. — Qual o motivo para, de repente, concordares comigo?

Daemon arqueou uma sobrancelha. — Julguei que preferias que os machos concordassem contigo — disse, placidamente. — Continuamos a discutir?

— Sempre que algum de vós desiste tão depressa é só porque outro está preparado para continuar a argumentar de outra perspectiva.

— Da maneira como falas, fazer com que o Primeiro Círculo se assemelhe a uma alcateia a caçar — disse Daemon, esforçando-se por suprimir um riso abafado.

— Acho que aprenderam a táctica com os lobos — respondeu Jaenelle com azedume.

Daemon começou a massajar-lhe o pescoço e os ombros.

Fechou os olhos. — Sabias que tu e Lucivar foram os únicos machos humanos e vivos do Primeiro Círculo que Vania não tentou levar para a cama?

— Não se atreveria a tentar comigo — disse Daemon com demasiada afabilidade.

— E foi esperta por não o fazer com Lucivar. Quando é colocado numa situação desse género, tende a bater primeiro e discutir depois.

— Parece-me um método dissuasor eficaz.

— Mmm. Oh, é mesmo aí.

Daemon centrou-se obsequiosamente num nó de músculo tenso. Enquanto acariciava e massajava, aliciou-a subtilmente a encostar-se a ele até Jaenelle lhe envolver a cintura com os braços e pousar a cabeça nos ombros.

— Lucivar está bastante magoado por te teres zangado tanto com ele — disse baixinho. — Todos os rapazolas estão magoados.

— Eu sei. — Suspirou. — Estou demasiado cansada para pensar numa tarefa para cada um deles. Parece que vou ter de dar uma topada.

— Perdão? — As mãos pararam de acariciar por um momento.

— Bato com o pé e deixo que se aflijam e que corram de um lado para o outro ao meu serviço e assim saberão que já não estou zangada com eles.

— Acreditarão realmente que um toque no pé é um ferimento grave?

Jaenelle resfolegou baixinho. — É claro que não. É mais um género de ritual.

— Compreendo. A Rainha não se desculpa pela disciplina aplicada mas terá de dar um sinal claro de que terminou.

— Exactamente. Se tivesse sido só um deles, solicitaria a sua ajuda para uma tarefa que eu própria realizaria sem dificuldades, e ele teria compreendido. Com tantos ao mesmo tempo, tenho de deixar que andem numa azáfama. — Resmoneou levemente. — Afofarão almofadas e aconchegarão os cobertores, mesmo que eu não os queira. Obrigar-me-ão a dormir sestas.

— Sendo assim não é só perdão, inclui também uma pequena vingança.

— A vingança não é assim tão pequena. Normalmente, uma das participantes da assembleia far-me-á chegar um livro, sorrateiramente, para que possa ler durante as “sestas”. Um vez, o Papá veio ver como estava e eu enfiei o livro debaixo de uma almofada, mas não ficou completamente coberto. Nada disse. Quando Khary e Aaron entraram, até empurrou o livro mais para baixo da almofada para o esconder melhor. Foi então que Saetan teve tomates para dizer que eu estava ruborizada para que eles ainda andassem mais atarantados à minha volta.

Daemon parou por um instante, separando a distinção que Jaenelle fizera entre “Papá” e “Saetan”. — Meu amor — disse, cautelosamente, — se Saetan tem tomates, o Papá também os tem.

— Parece-me desrespeitoso dizer algo desse género sobre o Papá.

— Compreendo — disse Daemon num tom de voz indicativo de que não compreendia de todo.

— O Papá — explicou Jaenelle, — é charmoso e inteligente, um companheiro requintado.

Pensando em Saetan e Sylvia, Daemon disse sarcasticamente: — Não creio que Saetan seja o companheiro requintado.

Uma longa pausa. E depois: — Dirias que a figura de Sylvia é requintada?

Daemon mordeu a língua. Estaria a perguntar sobre Sylvia por ter detectado um dos seus pensamentos errantes ou por uma ligação óbvia de tópicos? E, em nome do Inferno, como poderia um Consorte responder de forma segura a uma pergunta destas? — A figura de Sylvia é mais requintada do que a de Saetan — tentou ser vago — e foi nessa altura que atirou Saetan para o fosso oral, sem hesitações. — Parecem gostar um do outro, mesmo que Sylvia *não* lhe queira emprestar aquele livro.

Quando Jaenelle ergueu a cabeça, o brilho nos seus olhos não apresentava qualquer frieza. — Qual livro?

— Falaste do *quê*?

Daemon massajou a nuca enquanto observava circunspectamente o seu pai. Sentira-se na obrigação, de macho para macho, de advertir Saetan — e agora desejava sinceramente não o ter feito.

Saetan olhava-o estupefacto. — Que raio te passou pela cabeça para lhe falares sobre isso?

Oh, não. Não iria repetir nada do que o levava àquele comentário. — Agora, Jaenelle está a sentir-se melhor.

— Tenho a certeza que sim. — Saetan passou a mão pelo rosto. — O que está a fazer?

— A descansar — disse Daemon. — Vou pedir ao Beale que leve um tabuleiro para a sala de estar de Jaenelle. Jantaremos aí e jogaremos às cartas a seguir.

O modo como os olhos de Saetan se iluminaram repentinamente provocou algum nervosismo em Daemon.

— Vais jogar às cartas com Jaenelle? — perguntou Saetan.

— Sim — respondeu Daemon, cautelosamente.

— Nesse caso, Príncipe, diria que compensaste e muito o facto de teres referido aquele livro.

9 / Kaeleer

Osvald andava pelo corredor.

Primeiro, julgou que a lascívia voraz de Vania tivesse arruinado todos os

planos. Contudo, depois de a cabra da Rainha pálida ter-se atirado aos machos da corte por esse acontecimento, afastaram-se todos para lamber as feridas emocionais e não foram avistados durante o resto do dia.

A fúria de Jaenelle teria sido uma oferenda que lhe viera parar às mãos se Wilhelmina Benedict estivesse no seu quarto. Mas não estava e não fazia ideia onde a procurar. Se estivesse com as outras cabras, não a poderia abordar. Não queria que nenhuma delas reparasse nele antes de estar prestes a desaparecer.

Em breve, pensava enquanto regressava ao seu próprio quarto. Em breve.

10 / Kaeleer

E é a mim que me chamam Sádico, pensava Daemon enquanto fitava o tabuleiro de jogos e as cartas – e esforçou-se por não rosnar de frustração.

— Estiveste quase a ganhar esta — mencionou Jaenelle, tentando não parecer demasiado satisfeita ao registar a pontuação.

Daemon cerrou os dentes numa fraca imitação de um sorriso. — É a minha vez de dar?

Anuindo, Jaenelle virou o papel ao contrário diligentemente, desenhou uma linha vertical a dividir o papel ao meio e escreveu os nomes de ambos no topo.

Daemon pegou nas cartas e começou a baralhar.

Fogo do Inferno, não devia estar a ter *tanto* trabalho com um jogo de cartas. Era apenas uma variação do jogo do “peixinho” que Jaenelle jogara em criança. Tudo bem, eram *vinete e seis* variações do “peixinho”. Ainda assim, não devia estar com tantas dificuldades para ganhar uma partida. Contudo, havia algo *diferente* neste jogo, algo que desafiava o pensamento racional. O pensamento *masculino*.

Um tabuleiro de jogos com pedras coloridas e discos de marfim com símbolos gravados de um dos lados. Uma mão de cartas. E a interacção rebuscada entre todos os elementos. Podia imaginar a assembleia sentada à volta da mesa, numa tarde tormentosa de inverno, a organizar este jogo, peça a peça, construindo uma variação a seguir à outra, adicionando pedaços de outros jogos das suas próprias culturas, até terem criado algo que era uma autêntica tortura para o cérebro masculino. Desprezava em especial o jogo do jóquer visto que o jogador que controlava o tabuleiro podia invocar uma variação diferente quando surgisse o jóquer – o que poderia mandar uma boa mão e um bom plano de jogo para o lixo.

Tinha de haver uma forma de tirar partido disso. Tinha de haver...

Continuando a baralhar as cartas, Daemon examinou o tabuleiro de jogos minuciosamente, examinou as pedras e os discos de marfim. Pensou na forma como cada peça *podia* interagir com as restantes – e com as cartas.

Sim, isso daria resultado. Isso daria um excelente resultado.

— Que variação queres jogar? Perguntou Jaenelle ao colocar as pedras e os discos nas posições iniciais.

Daemon sorriu da forma que costumava aterrorizar as Rainhas de Terreille. — Variação vinte e sete.

Jaenelle franziu o sobrolho. — Daemon, a variação vinte e sete não existe.

Deu as cartas e ronronou: — Agora existe.

11 / Kaeleer

Era tão jovem, pensava Surreal ao examinar a mãe. Lembrava-me dela como sendo enorme, robusta. Mas é mais pequena do que eu... e era tão jovem quando morreu.

Titian pôs os pés na soleira da janela e abraçou os joelhos. — Ainda bem que vieste para Kaeleer.

Surreal olhou para a rua. Mas o vidro escurecido pela noite não a deixava ver mais nada a não ser o seu próprio reflexo – e isso fê-la pensar nas perguntas que ficaram por responder durante tanto tempo. — Porque não viemos para aqui antes? — perguntou calmamente. — Porque não voltaste a casa depois de teres fugido de Kartane? — Hesitou. — Foi por minha causa?

— Não — disse Titian rispidamente. — Optei por ficar contigo, Surreal. Tive de lutar contra a rejeição instintiva do meu corpo face a uma criança concebida à força, e escolhi-te a ti. — Agora era Titian que hesitava. — Na altura, existiam outras razões para não regressar a casa. Se o tivesse feito, a tua vida teria sido mais fácil, mas...

— Mas o quê? — ripostou Surreal. — Se tivesses regressado a casa, não terias de te ter prostituído por comida e refúgio. Se tivesses saído de Terreille, não terias morrido tão jovem. Que razão pode existir para contrabalançar esses factos?

— Eu amava o meu pai — disse Titian serenamente. — E amava os meus irmãos. A violação é punível com a execução, Surreal. Se tivesse regressado a casa assim que fugi de Kartane, o meu pai e os meus irmãos teriam ido a Hayll para o matar.

Surreal olhou-a estupefacta. — Em nome do Inferno, como contavam

eles passar por todos os guardas de Dorothea para chegarem a Kartane?

— Teriam morrido — disse Titian, simplesmente. — E eu não queria que o meu pai e o meu irmão morressem. Consegues compreender?

— Nem por isso, visto que passei a maior parte da minha vida a preparar-me para o dia em que matarei Kartane. Mas se tivesse sido a tua mãe...

— Surreal tentou sorrir mas não conseguiu. — O que achas que o teu pai teria dito em relação à escolha que fizeste?

Titian sorriu pesarosamente. — Eu *sei* o que disse. Esteve durante algum tempo no Reino das Sombras antes de regressar às Trevas. Mas viveu todos os anos da sua vida, Surreal, e os meus irmãos criaram filhos que nunca teriam nascido. — Fez uma pausa. — E se a minha escolha tivesse sido diferente, nunca terias estado em Chaillot há treze anos e teríamos perdido a melhor Rainha que os Sangue alguma vez conheceram.

— E se não tivesses ido parar a Terreille, sob o jugo de Kartane, terias sido Rainha e Viúva Negra.

— Continuo a *ser* Rainha e Viúva Negra — retorquiu Titian. — Quando Kartane me quebrou, separou-me da força que eu teria possuído, mas não conseguiu arrancar-me aquilo que sou.

— Lamento — disse Surreal, sem saber como exprimir pesar sem parecer insultuosa.

— Não carregues mágoas, feiticeirazita — disse Titian afavelmente, levantando-se. — Carrega apenas o fardo das tuas acções e não as de outrem. — Estendeu a mão. — Anda. Precisas de estar fresca se vais praticar com Lucivar amanhã.

Surreal levantou-se penosamente e seguiu Titian. Entre a cena com Vania ao meio-dia, o treino adicional com Falonar e ter de lidar com o rescaldo da fúria de Jaenelle, estava mais do que disposta a rastejar até à cama. Tinha abraçado mais machos consternados nesse dia do que em toda a sua vida. O que lhe trouxe algo à memória. — *Como é que hei-de lidar com os familiares machos que ganhei repentinamente?*

— Tens de impor limites — respondeu Titian ao chegarem ao corredor perto do quarto de Surreal. — És tu quem decide o que queres que façam por ti e o que queres fazer sozinha. Depois de decidires, informa-los — com delicadeza. Estamos em Kaeleer, Surreal. Tens de lidar com os machos... — Titian ficou imóvel. As suas narinas dilataram-se.

— Titian? — chamou Surreal, alarmada pela terrível expressão no rosto da mãe. — O que se passa?

— Onde está o Senhor Supremo? — rosnou Titian. Sem esperar pela resposta, correu até às escadas mais próximas.

Surreal seguiu-a a correr, alcançando-a no momento em que Titian parou repentinamente em frente de uma porta.

Bateu com força na porta e abriu-a de par em par. — Senhor Supremo!

Ouviu-se um som abafado proveniente do quarto contíguo.

Titian abriu a porta de rompante e entrou a correr no quarto. Surreal precipitou-se atrás dela e parou abruptamente.

Saetan ficou petrificado no preciso momento em que estendia a mão para o roupão em cima da cama. Endireitou-se devagar e voltou-se de frente para as mulheres.

Surreal não conseguiu evitar uma olhadela rápida, profissional – e de aprovação.

Titian não parecia ter reparado que tinha apanhado de surpresa um homem desnudado e, agora, irritado.

— Está um macho impuro no Paço — disse Titian bruscamente.

Saetan fitou-a por um momento. Depois, agarrou no roupão e disse secamente: — Onde? — e saiu porta fora, com Titian colada aos seus calcanhares, antes de Surreal conseguir recuperar.

Quando os alcançou, Titian farejava o corredor de um lado para o outro, como um cão de caça a procurar o odor enquanto Saetan procurava com mais lentidão. Nenhum deles prestou atenção quando Surreal chegou.

— Estava aqui — disse Titian enquanto procurava. — Estava aqui.

— Ainda conseguis senti-lo? — perguntou Saetan com uma delicadeza exagerada.

Os ombros de Titian crisparam-se. — Não. Mas *estava* aqui.

— Não estou a duvidar de vós, Senhora.

— Mas vós não detectais nada.

— Não. O que só pode significar que, quem quer que criou os feitiços para o ocultar sabia exactamente de quem e do que o ocultar.

— Foi Hekatah — disse Titian.

Saetan aquiesceu. — Ou Dorothea. Ou ambas. Quem quer que seja, certificaram-se de que passaria despercebido para que não existisse qualquer razão para lhe dar uma maior atenção. O que não conseguiram prever foi que uma Harpia detectasse um vestígio do seu verdadeiro odor psíquico. Mas porque estaria neste local? — Voltou-se para examinar as portas. — O quarto de Surreal. E o quarto de Wilhelmina.

Surpreendida pelo seu próprio desconforto, Surreal pigarreou. — Poderia ser simplesmente um homem que não tenha sido informado de que me reformei das casas da Lua Vermelha.

Saetan olhou-a de modo demorado e apreciativo e, de seguida, virou-se para Titian, que abanou a cabeça. — Concordo — disse, enigmaticamente. Deu umas batidas rápidas na porta de Wilhelmina. Não obtendo

resposta, entrou. Saiu passado um minuto. — Está no jardim com Dejaal. Ele ficará com ela.

Surreal demorou um momento a ligar o nome ao jovem tigre que vira com frequência na companhia de Wilhelmina.

— O Colmilho Cinzento vem a caminho — disse Saetan, olhando Surreal de modo firme. — Esta noite não sairá de perto de ti.

Demorou mais outro momento a juntar as peças. Indignou-se. — Alto aí, Senhor Supremo. Sei tomar conta de mim.

— É um Senhor da Guerra — retorquiu Saetan. — Defende e protege.

— Usa a Violácea e eu a Cinzenta. Não estais a presumir que este outro macho usa uma Jóia mais clara do que o Colmilho Cinzento?

— Não estou a presumir nada. *Defende e protege.*

Furiosa, Surreal avançou a passos largos para Saetan e agarrou-lhe o roupão com as duas mãos. — Não é forragem — rosnou. — Não está certo que morra se eu for perfeitamente capaz de me defender.

Um divertimento mordaz invadiu lentamente os olhos de Saetan. — Não irás magoar o seu orgulho dizendo-lhe que não é capaz de te proteger. Contudo, uma vez que as Rainhas partilham a tua opinião, é considerado admissível que facultes os escudos protectores para ti e para o proteger a ele.

— Oh. — Largando-o, Surreal tentou alisar os vincos do roupão, provocados pelas suas mãos. Quando reparou que Saetan estava cada vez mais divertido, desistiu e recuou.

— Ireis montar guarda esta noite? — perguntou Titian.

Saetan pensou por um instante para logo abanar a cabeça. — Não. Hoje não farei nada assim tão óbvio. As Senhoras da corte estarão protegidas. Quanto ao resto, será tratado pela manhã. — Olhou para Surreal. — Peço-te que permaneças no quarto esta noite ou no jardim interior para onde dá o teu quarto. Ninguém chegará a ti, ou a Wilhelmina, dessa direcção.

Os instintos de Surreal aguçaram-se ao ponderar nas formas como um assassino poderia entrar. — Os quartos estão todos ocupados? — perguntou pensativamente. Entrar sorrateiramente num quarto vazio, entrar sorrateiramente no jardim, entrar no quarto da vítima pelas portas em vidro que dão para o jardim...

— Dois quartos de visitas estão vazios — disse Saetan, — mas ninguém vos alcançará pelo jardim. Kaelas ficará nesse local.

Daemon olhou para Saetan e Titian, saiu para o corredor e fechou a porta da sala de estar de Jaenelle. — Senhora Titian — disse de modo

respeitoso, disfarçando a surpresa por vê-la. Sabia que era demónia-morta, mas não esperava vê-la no Paço – e não estava a gostar da atitude tensa de Titian, tal como não estava a gostar da neutralidade controlada de Saetan.

— Como Administrador da Corte, solicito formalmente que permaneças com a Rainha esta noite — disse Saetan baixinho. — *Toda a noite.*

Daemon ficou tenso. Esta noite era a primeira vez desde que Jaenelle terminara de lhe curar a mente que se mostrara disposta a passar algum tempo com ele e esperava que, ao jogar umas cartadas, ela se recordasse de que era um amigo, e isso seria o primeiro passo em direcção à aceitação de Daemon como amante. Todavia, se lhe dissesse que ia passar a noite na cama com ela, voltaria a afastar-se dele. Será que Saetan não compreendia?

Sim, percebeu ao examinar a neutralidade controlada, Saetan compreendia. Mas o Administrador da Corte, embora compreendesse a hesitação e os sentimentos do Consorte, sentia-se na obrigação de os ignorar.

— Estou a solicitar o mesmo a todos os Consortes e Primeiros Acompanhantes — acrescentou Saetan.

Daemon acenou afirmativamente com a cabeça, ao mesmo tempo que considerava essa informação. Um pedido formal deste género, nesta corte, era o mesmo do que convocar uma batalha. Todos os Príncipes dos Senhores da Guerra do Paço estariam na orla assassina esta noite. — Lucivar ficará com Marian?

— Não — disse Saetan — Prothvar permanecerá com Marian e Daemonar. Lucivar irá... percorrer... o Paço esta noite.

— E onde estará Kaelas? — perguntou Daemon. De repente, toda aquela força e temperamento felinos eram um consolo.

— Kaelas permanecerá no jardim. Proporciona-lhe mais flexibilidade.

— Assim sendo, desejo-vos uma boa-noite – e uma boa caçada — acrescentou Daemon, com uma delicadeza extrema. — Senhor Supremo. Senhora.

— Há algum problema? — perguntou Jaenelle quando regressou à sala de estar.

Daemon hesitou mas não conseguiu pensar noutra forma de o dizer. — O Administrador solicitou-me formalmente que permanecesse contigo esta noite.

O tremeluzir de pânico nos olhos de Jaenelle magoou-o, porém foi a forma nervosa como fitou a porta da sala de jantar que o deixou desconfiado – especialmente quando o olhar se voltou a centrar em Daemon.

— Esse pedido foi feito a todos os Consortes e Primeiros Acompanhantes? — perguntou a Feiticeira com a voz da meia-noite.

— Sim, Senhora, foi.

Um longo silêncio. Jaenelle franziu o nariz. — Um pedido *formal* parece-me demasiado para obrigar os rapazolas a saltarem dos sofás esta noite.

Daemon reprimiu um suspiro de alívio. Estava disposta a fingir que era unicamente esse o significado do pedido. O mais provável era que pretendesse mais algumas horas antes de admitir que Alexandra ou alguém da sua comitiva tivesse praticado algum acto grave relativamente ao qual tivesse de tomar medidas.

— Queres jogar outra vez? — perguntou, sentando-se.

Semicerrou os olhos. — Quem é agora a dar?

Daemon sorriu. — Sou eu.

— Porque não o informastes acerca do macho impuro? — perguntou Titian.

— Não posso contar com o autocontrolo de Daemon, nesta altura — respondeu Saetan após uma longa pausa. — Um Príncipe dos Senhores da Guerra que está concentrado em ser aceite como Consorte tem um temperamento extremamente instável.

Decorrido um momento, Titian abanou a cabeça. — Mesmo que mais ninguém tenha detectado os feitiços que Dorothea e Hekatah criaram, não compreendo como Jaenelle não se deu conta.

— Nem eu. Mas como disse, Dorothea e Hekatah sabiam exactamente de quem o tinham de esconder — respondeu Saetan, sentindo os batimentos de coração a aumentarem até sentir cada batida como uma pancada.

— Mesmo assim, Jaenelle examina sempre atentamente as pessoas que pretendem ficar em Kaeleer.

— Mas não teria razões para examinar com minúcia alguém que *não* tivesse pretensões de ficar, especialmente se questões emocionais e pessoais estivessem a ser usadas como uma venda para esconder objectivos diferentes.

Titian franziu o sobrolho. — Quem mais está no Paço?

— Os familiares de Jaenelle oriundos de Chaillot e os respectivos acompanhantes. — Viu o seu próprio ódio reflectido no rosto de Titian.

— E nada fizestes?

— O pedido formal que fiz foi negado — respondeu Saetan, esforçando-se por não responder à acusação presente na voz de Titian. — Ficar-me-á atravessada na garganta, mas acatarei a decisão. Além disso, há-de surgir outra oportunidade, noutro lugar, para cobrar essas dívidas — acrescentou compassivamente.

Titian anuiu. — Se me infiltrar nos seus quartos, quiçá consiga detectar alguma coisa. Nessa altura, poderíamos tratar discretamente do macho impuro, ainda esta noite.

Saetan resmoneou de frustração. — À exceção da cabra da Vania, ninguém *agiu* ainda de modo a justificar uma execução. — Abanou a cabeça. — Assegurámo-nos de que nada se irá passar esta noite. Depois do pequeno-almoço, falarei com Jaenelle sobre mandar aquelas... *pessoas*... para longe do Paço e para fora de Kaeleer.

— Suponho que seja o melhor a fazer. — Caminharam em silêncio durante algum tempo. — Estão cá todos os familiares de Jaenelle?

— Menos Robert Benedict. Morreu há alguns anos – e permaneceu no Reino das Trevas por um breve período.

Titian parou de caminhar. Saetan virou-se para a olhar de frente. Titian levou a mão ao rosto de Saetan e acariciou-o levemente.

— E, durante esse período, teve alguma conversa em privado com o Senhor Supremo do Inferno? — perguntou, com uma candura malévola.

— Sim — respondeu Saetan com uma afabilidade exagerada, — teve.

CAPÍTULO SEIS

1 / Kaeleer

Os nervos de Daemon estavam à flor da pele quando entrou com Jaenelle na sala de refeições na manhã seguinte e os olhares especulativos dos outros machos do Primeiro Círculo em nada ajudavam. Não importava que fosse o período da lua de Jaenelle e, por isso, nada mais podia ter feito do que aquecer-lhe a cama. Sabia o que era esperado de um Consorte e sabia que os outros homens estavam cientes de que não estava a cumprir os seus deveres.

Tentou afastar esses pensamentos. Outras razões exigiam que estivesse hoje de sobreaviso.

Lucivar estava junto ao aparador, bebericando uma caneca de café, enquanto Khardeen e Aaron se serviam. Leland e Philip, os únicos membros da comitiva de Alexandra que estavam presentes, tomavam o pequeno-almoço numa das extremidades da mesa. Surreal e Karla estavam na extremidade oposta.

Jaenelle fitou de modo guloso a caneca nas mãos de Lucivar. — Vais partilhar?

Lucivar cerrou os dentes e sorriu. — Não.

Lançou-lhe um olhar glacial mas beijou-o no rosto.

Daemon poderia ter matado Lucivar de bom grado, por ter recebido aquele beijo. Fora um beijo mal-humorado e normal, mas fora um beijo – que era mais do que recebera de manhã. Uma vez que matar Lucivar estava fora de questão – pelo menos, naquele momento – observou Jaenelle a escolher dois pedaços de pêra e uma colherada de ovos mexidos.

Ao virar-se para se afastar do aparador, Lucivar esticou o braço, enfiou um garfo num naco de carne e deixou-o cair no prato de Jaenelle. — Hoje precisas de carne. Come.

Jaenelle resmoneou. Lucivar continuou a beber o café.

— Foi uma noite difícil? — perguntou Daemon baixinho a Lucivar.

— Já tive piores — respondeu Lucivar com um sorriso que ganhou um ar mordaz ao olhar para Philip e Leland, subindo depois o tom de voz o suficiente para ser ouvido. — Então e tu, meu velho? Parece que a noite também foi difícil para ti.

— Foi interessante — disse Daemon, cauteloso. Não queria admitir que tinham ficado a jogar às cartas até que, de olhos turvados, caíram na cama para umas escassas horas de sono agitado e irregular.

Jaenelle resfolegou. — Há algo traiçoeiro nas posições da variação vinte e sete que dão a um macho uma grande vantagem, mas não consegui dar-lhe a volta... ainda.

Daemon reparou na raiva lívida de Philip — e reparou na forma como Khardeen e Aaron ficaram em sentido.

— Conheces vinte e sete variações? — perguntou Khardeen espaçadamente.

Daemon nada disse.

— Sim, conhece — resmungou Jaenelle. — E a variação é genial. Traiçoeira, mas genial. — Estudou o prato de bifes, escolheu mais dois bocados e dirigiu-se para a mesa.

Antes que Daemon conseguisse pegar num prato, Khardeen estava a agarrar-lhe um dos braços e Aaron o outro, arrastando-o para fora da sala de refeições.

— Tomaremos o pequeno-almoço mais tarde — disse Khary ao mesmo tempo que conduziam Daemon até à sala vazia mais próxima. — Primeiro, temos de ter uma conversinha.

— Não é o que pensam — disse Daemon. — Não é nada de especial.

— Nada de especial? — precipitou-se Aaron, enquanto Khary dizia: — Se descobriste uma nova variação do “peixinho” que dá vantagem ao homem, é teu dever como Irmão do Primeiro Círculo partilhá-la com os restantes antes que a assembleia descubra uma forma de lhe dar a volta.

Ficou a olhar para eles, não sabendo se os tinha ouvido bem.

Aaron sorriu. — Ora, o que é que *julgavas* que os Consortes fazem à noite?

Daemon desatou às gargalhadas.

2 / Kaeleer

Osvald bateu à porta de Wilhelmina e recuou, segurando firmemente a caixa em madeira entalhada com ambas as mãos.

Não fora necessário esforçar-se muito para convencer Alexandra a manter a maior parte dos seus acompanhantes nos respectivos aposentos.

Fora necessário esforçar-se mais para a convencer a mandar Leland e Philip tomarem o pequeno-almoço para dar a ideia de que os restantes estavam simplesmente atrasados. Com tantos ausentes, ninguém saberia com segurança quem faltava até já estar bem longe do Paço.

Partindo do princípio, claro está, de que os feitiços que Dorothea e a Sacerdotisa Suprema tinham preparado para cortar uma “porta” nos escudos defensivos do Senhor Supremo resultariam efectivamente.

Não. Não podia duvidar. Os feitiços que tinham evitado que fosse detectado faziam prova suficiente de que Dorothea e a Sacerdotisa das Trevas sabiam como lidar com o canalha que governava este sítio. Fugiria com o prémio de valor mais baixo, é certo, mas esse prémio de menor valor, bem espremido, poderia servir como um excelente engodo para capturar Jaenelle Angelline.

Estava tudo no sítio certo. Os três homens que Dorothea providenciara para o ajudar estavam à sua espera na ponte. *Existia* um Altar das Trevas junto ao Paço, mas fora avisado de que os feitiços de detecção que envolviam o Altar alertariam de imediato o Senhor Supremo e não conseguiria abrir o Portão a tempo de fugir. Assim sendo, levaria Wilhelmina para Goth e aí o Senhor Jorval iria ajudá-lo a alcançar outro dos Portões.

Ao final da tarde, estaria de volta a Terreille com o prémio e Alexandra, juntamente com os tolos que a acompanhavam, estariam ainda a explicar o desaparecimento de Wilhelmina ao Senhor Supremo... ou prestes a morrer.

A sorrir, Osvald bateu novamente à porta de Wilhelmina. Um momento mais tarde, impaciente, bateu com mais força. Ela estava lá dentro. Desta vez, tinha-se certificado. O que a estaria a demorar tanto para abrir a maldita porta?

Estava tentado a usar um dos feitiços simples de coacção que Dorothea lhe preparara, mas só dispunha de dois e não queria gastar um para isto. Ainda assim, cada minuto que demorasse aumentava as hipóteses de alguém reparar em si.

Estava prestes a ceder e a desencadear um dos feitiços de coacção quando a porta se abriu, por fim. — Bom-dia, Senhora Wilhelmina. — Sorrindo, ergueu a caixa o suficiente para lhe chamar a atenção. — A Senhora Alexandra pediu que vos trouxesse esta caixa.

— O que é? — perguntou Wilhelmina, não parecendo ansiosa.

— Um símbolo do seu afecto por vós – e um gesto de boa vontade. Pensa ir-se embora em breve e sente-se desolada por achar que a preocupação que sente por vós tenha sido mal interpretada. Espera que, ao aceitardes esta simples lembrança, possais recordar-vos dela com afecto no futuro.

Wilhelmina parecia ainda desconfiada. — Porque não a trouxe ela?

Osvald olhou-a com um ar triste. — Receou que rejeitásseis o pedido e não queria enfrentar pessoalmente essa rejeição.

— Oh — disse Wilhelmina baixinho, deixando que a desconfiança se transfigurasse lentamente em compaixão. — Não lhe guardo ressentimentos.

O homem estendeu-lhe a caixa, quer para a aliciar quer para manter o rosto tão afastado quanto possível. Ao abrir a tampa, um vapor de drogas saíra da caixa. Surpreendida, arquejaria, inalando a quantidade suficiente da droga potente para a tornar obsequiosa de modo a conseguir levá-la para longe do quarto e do corredor antes de fazê-la engolir a segunda dose, em líquido.

Dentro do quarto, ouviu-se um ruído surdo no chão.

O maldito gato às riscas.

Osvald desencadeou o primeiro feitiço de coacção e formulou a ordem. *Sai para o corredor e fecha a porta. Sai para o corredor e fecha a porta. Sai para...*

Sorriu quando Wilhelmina, parecendo ligeiramente confundida, obedeceu.

— Foi-me solicitado que comunicasse a vossa reacção à oferta — disse, como se estivesse a pedir desculpas por incomodá-la com mais este pedido.

Wilhelmina manteve-se junto à porta, com a mão ainda a segurar a maçaneta.

Praguejando em silêncio, desencadeou o segundo feitiço de coacção. *Avança até à caixa e levanta a tampa. Avança até à caixa...*

Embora parecesse que os seus músculos estavam a debater-se face ao esforço, Wilhelmina avançou até à caixa e levantou a tampa devagar.

3 / Kaeleer

Com o Colmilho Cinzento a seu lado, Surreal vagueava à volta de um dos jardins interiores. Os comentários enigmáticos de Jaenelle e Karla ao pequeno-almoço sobre uma nova variação intrigavam-na e afligiam-na.

Existiam várias variações sexuais que concediam vantagem ao macho, por isso julgava não estarem a falar *disso*... infelizmente. Daemon estava a ficar inflamado pela sua própria energia sexual e a tensão de tentar mantê-la controlada para não assustar Jaenelle começava a transparecer. Não sabia durante quanto tempo mais conseguiria Daemon suportar a ternura complacente que Jaenelle distribuía pelos outros machos do Primeiro Círculo antes de explodir. Talvez devesse falar com o Senhor Supremo...

O Colmilho Cinzento rosnou. Antes de conseguir perguntar qual era o problema, o lobo desatou a correr, dirigindo-se em linha recta para a parede. Ao aproximar-se, saltou e escalou pelo ar como se estivesse a escalar uma encosta íngreme, trepou pelo telhado e desapareceu.

— Colmilho Cinzento! — gritou Surreal.

“Dejaal está a ser atacado” respondeu. “Vou em seu auxílio.”

Surreal praguejou furiosamente ao correr para a porta mais próxima.

— Surreal!

Rodopiou nos calcanhares.

Falnar dirigia-se na sua direcção a passos largos, vindo do outro lado do jardim. — Lucivar pediu que vos procurasse uma vez que não apareces-tes no...

— Conseguis fazer-me passar este telhado? — perguntou Surreal com uma tal fúria na voz que fez com que Falnar parasse repentinamente. — O Colmilho Cinzento disse que o Dejaal está a ser atacado e o filho da mãe partiu sem mim!

Nas duas passadas que levou a alcançá-la, transfigurou-se de macho prudente em guerreiro. — Agarraí-vos a mim — ordenou.

Surreal hesitou por um instante, tentando decidir onde se poderia agarrar sem embaraçar as asas. Passou um braço à volta do pescoço de Falnar e enfiou os dedos da outra mão sob o largo cinto em couro.

Só quando sentiu as asas a abanarem Surreal conjecturou se o eyrieno conseguiria suportar o peso adicional de outra pessoa. — Tenho de aprender a andar pelo ar para não ter de voltar a ser carregada por aí — resmoneou.

— Não me importo de vos carregar — disse Falnar bruscamente, pousando de modo não muito delicado no telhado.

Surreal cerrou os dentes. Um macho de cada vez. E era o pardo peludo que ia ter, em primeiro lugar, o gostinho da sua fúria. — Vede-lo? — perguntou ao perscrutar o pátio mais abaixo.

— Não. Pode ter...

Do pátio ao lado, presenciaram uma explosão de energia das Jóias, seguida pelo grito de uma mulher.

Falnar lançou-se do telhado com tal rapidez que Surreal rodeou uma das pernas do eyrieno com as suas para se conseguir agarrar com mais firmeza. Rangeu os dentes ao sentir que o seu corpo, com um sentido de oportunidade chocante, exprimiu a aprovação relativamente à coxa firme do macho entre as suas pernas, mas nada fez quanto à sua fúria.

— Caso se magoe por não ter esperado por mim, vou-lhe dar tanta porrada que terá de erguer a cauda para ver o mundo — resmungou.

— Esperai aqui — disse Falnar ao observar o pátio, lá em baixo.

— Gostais de ter tomates? — ripostou Surreal, torcendo-se para olhar em volta. Não obstante, retirou os dedos debaixo do cinto para que o eyrieno não se preocupasse se ela iria cumprir a ameaça.

Recobrou o fôlego e praguejou. O jovem tigre, Dejaal, estava estendido no pátio, imóvel. Um laçao contorcia-se com dores. O Colmilho Cinzento precipitava-se para a frente e para trás, não estando activamente envolvido num ataque mas mantendo a atenção do homem que segurava firmemente Wilhelmina, que também se debatia sem êxito.

Voltou a praguejar ao reconhecer o homem. Osvald. Um dos acompanhantes de Alexandra. Mãe Noite.

— Conseguis equilibrar-vos? — perguntou Falonar, no momento anterior a largá-la e a afastar-se dela.

Pelo menos perguntou, pensou Surreal ao usar a Arte para não escorregar pelo telhado.

O Colmilho Cinzento atacou baixo, como se tentasse incapacitar Osvald.

Surreal viu o clarão da Jóia Opala de Osvald. Enviou um escudo Cinzento para envolver o Colmilho Cinzento, com a rapidez necessária para evitar que fosse atingido por uma explosão fatal de poder, mas não foi a tempo de evitar que fosse derrubado pelo embate das forças Cinzenta e Opala.

Vendo o lobo a cair, Wilhelmina gritou e arranhou a mão que lhe prendia o braço. Osvald virou-se bruscamente e bateu-lhe com bastante força para a tombar, atordoada. Depois, virou-se para atacar de novo o Colmilho Cinzento, que se erguera com dificuldades.

— Dizei ao lobo para recuar — disse Falonar ao invocar o arco eyrieno e colocar uma flecha em posição.

Surreal obedeceu celeremente – e sentiu-se aliviada quando o Colmilho Cinzento reagiu. Enquanto os uivos e rugidos dos parentes alertavam todos os habitantes do Paço, Surreal podia sentir a torrente de força masculina desenfreada que se dirigia ali, proveniente de todas as direcções. E sentiu o poder gélido feminino na sua esteira.

Falonar apontou.

— Enfiar-a pelo cabrão — sussurrou Surreal.

— Não sabemos o que se está ali a passar — respondeu Falonar.

Ai não? pensou Surreal ferozmente. *Que mais precisamos ver?*

No preciso momento em que Osvald se virava para Wilhelmina, Falonar lançou a flecha, fazendo-a trespassar o joelho esquerdo do homem.

Osvald caiu, aos gritos.

Agarrando Surreal pelo braço esquerdo, Falonar desceu-os do telhado – um salto fracamente afrouxado pelas asas abertas.

— Ficai com a mulher — disse Falonar ao correr para Osvald, tendo substituído o arco eyrieno por um bastão laminado.

— Eu posso...

— *Fazei o que vos digo.*

Não era altura para discussões. Invocando a sua faca de menor qualidade, Surreal correu para Wilhelmina. Viu Osvald a agarrar o tornozelo de Wilhelmina com a mão esquerda e amaldiçoou a esperteza do homem. Era possível que alguém soubesse como fazê-lo, mas enquanto mantivesse o contacto físico com Wilhelmina, não conseguiria lançar um escudo protector à volta da rapariga. Foi nesse momento que viu a luz do sol reflectida no pequeno punhal que Osvald segurava na mão direita – e soube, pela mescla de raiva e de triunfo no rosto do homem que o veneno aí contido seria rápido e letal.

Outro clarão sob os raios de sol. Ao mesmo tempo que a mão de Osvald desenhava o arco que a levaria a trespassar a perna de Wilhelmina, Falonar cortou os ossos do pulso como se fossem manteiga, para logo virar a lâmina do bastão e apanhar a mão decepada e a faca que ainda segurava, lançando-a para longe de Wilhelmina.

O bastão laminado cintilou novamente, decependo a mão que agarrava o tornozelo de Wilhelmina.

No momento seguinte, Surreal alcançou Wilhelmina – e Lucivar juntamente com a maioria dos machos do Primeiro Círculo invadiram o pátio. Assim como Karla e Gabrielle.

Assim como Alexandra e o respectivo séquito.

Não resultou como tinhas planeado, pois não? pensou Surreal ao observar Alexandra a percorrer o pátio com o olhar e a ficar lívida. Fazendo desaparecer a faca, pousou uma mão nas costas de Wilhelmina e a outra no Colmilho Cinzento que cambaleou até ela, e criou um escudo Cinzento à volta dos três. Talvez já não fosse necessário, mas não havia motivo para correr riscos. Olhou para Falonar, que se posicionara de modo a que, da próxima vez, o bastão laminado cortasse o pescoço do cabrão. Estendeu o escudo a Falonar. Sentiu a surpresa e o prazer do eyrieno quando o escudo se posicionou à sua volta – e conjecturou sobre a razão do medo de Falonar.

Gabrielle correu em auxílio do lacaio enquanto Karla, sem tocar efectivamente em Osvald, usou Arte medicinal para estancar as veias decepadas.

— O que está aqui a acontecer? — questionou Alexandra, cujo tom de voz soava mais assustado do que zangado. — Porque estão a atacar um dos meus acompanhantes?

— Enviastes-lo? — perguntou Lucivar, num tom estranho.

— Pedi-lhe que levasse uma oferenda a Wilhelmina — disse Alexandra.

O riso de Lucivar tinha algo de singular e amargo. — E o canalha fez a entrega, não fez?

— Quando fui entregar-lhe a oferenda, a Senhora Wilhelmina estava indisposta — lamuriou-se Osvald. — Ofereci-me para a acompanhar num passeio para que pudesse apanhar ar fresco. Foi então que aquela *criatura* nos atacou.

Lucivar olhou para Osvald e depois para Falonar. — Se esse canalha voltar a abrir a boca, corta-lhe a língua.

Falonar pareceu ficar chocado, mas acenou afirmativamente com a cabeça.

— Como vos atreveis? — disse Alexandra. — Sois apressado a fazer exigências para que controle a *minha* corte, contudo permitis este...

— *Calai-vos* — disse Lucivar abruptamente. — A situação já é má. Não a torneis pior.

Surreal olhou Lucivar de modo contundente. O que se estaria aqui a passar?

A tremelicar, o Colmilho Cinzento chegou-se mais perto dela. “A raiva da Rainha é funesta, Surreal. Os machos temem a raiva da Rainha. Até o Kaelas.”

Seguindo o olhar fixo do lobo, Surreal viu o colossal gato branco no telhado, ao lado de um tigre. Aquele era Kaelas? *Mãe Noite!*

“Quem é o tigre?” perguntou.

“É Jaal. É o genitor de Dejaal.”

Surreal engoliu em seco. O tigre parecia enfezado em comparação com Kaelas e, ainda assim, era duas vezes maior do que o jovem tigre que jazia no pátio. “Dejaal morreu, não morreu?”

“Regressou às Trevas” respondeu tristemente o Colmilho Cinzento.

Como iriam explicar isto a Jaenelle?

Como se o pensamento tivesse invocado a mulher, Jaenelle chegou ao pátio, ladeada por Daemon e Saetan.

Surreal poderia ter sentido algum consolo pela presença dos três não fosse o rosto do Senhor Supremo empalidecer ao ver o corpo de Dejaal.

Alexandra começou a falar, mas antes de conseguir pronunciar um único som, as suas mãos voaram até à própria garganta e os seus olhos arregalaram-se, apavorados.

Surreal não sabia ao certo de quem tinha partido aquela acção, mas apostaria em Daemon, que criara a mão fantasma que estava a estrangular Alexandra em silêncio.

Todos se afastaram para deixar passar Jaenelle que se ajoelhou junto a Dejaal. A mão que acariciava o pêlo era dócil e afectuosa, contudo, os olhos que finalmente se ergueram e se centraram em Wilhelmina...

O que Surreal percebeu naqueles olhos azul-safira estava tão para além da raiva gélida que não havia palavras que pudessem descrever.

Sim, havia, compreendeu enquanto o Colmilho Cinzento gania baixinho. Era *isto* a que o lobo se referia como raiva da Rainha.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

Conseguiu unicamente pronunciar as palavras que, esperava, a libertariam daquele olhar: — Está viva.

Jaenelle olhou para Karla, que fez uma vénia formal antes de se dirigir a Wilhelmina para a examinar.

— Disseste as palavras certas — murmurou Karla a Surreal enquanto examinava Wilhelmina para, de imediato, praguejar e acrescentar: — O que quer que faças, segue o Protocolo à risca. — Respirando fundo, levantou-se e virou-se de frente para Jaenelle. — Wilhelmina tem algumas escoriações resultantes da luta — e está fortemente drogada.

— Consegues neutralizar o efeito? — perguntou Jaenelle com demasiada serenidade.

— Preciso de mais tempo para determinar a natureza exacta da droga que foi usada — respondeu Karla calmamente. — Mas não detecto nada que provoque danos permanentes. Recomendo isolamento vigiado e repouso. Com a tua permissão, vou levá-la neste preciso momento para o seu quarto e tratar dela.

— Agradeço-te, Irmã.

Como resposta ao gesto subtil de Karla, o seu primo, Morton, pegou em Wilhelmina ao colo e seguiu Karla para fora do pátio.

Surreal permaneceu acorada junto ao Colmilho Cinzento, reticente em fazer algum movimento que voltasse a chamar a atenção daqueles olhos azul-safira.

— Então e eu? — gemeu Osvald.

Falonar olhou para Lucivar, questionando silenciosamente se deveria cumprir a ordem e cortar a língua ao homem. Lucivar abanou a cabeça, num movimento quase imperceptível.

Jaenelle atravessou o pátio, olhou para Osvald no chão e sorriu. — Vou encarregar-me de ti pessoalmente.

Lucivar saltou para a frente. — Senhora, com todo o respeito, Dejaal era nosso Irmão e os machos têm direito...

Erguendo simplesmente a mão, Jaenelle silenciou-o. Por um momento, permaneceu de pé, no mesmo sítio, mas Surreal podia sentir o zurzir de poder que irrompeu da mulher tão velozmente quanto uma sonda psíquica

crescente – e percebeu que ninguém que usasse uma Jóia mais clara do que a Cinzenta poderia sentir o que quer que fosse.

— Estão três homens a aguardar junto à ponte para Halaway — disse Jaenelle. Um refulgir terrível invadiu-lhe os olhos ao dirigir-se a Osvald. — Três estranhos. Não quero saber o que lhes irá acontecer.

Osvald flutuou até à posição vertical. Quando Jaenelle se virou e se dirigiu para fora do pátio, flutuou atrás dela, reclamando inocência.

— Kalush e Morghaan estão a chegar — disse Gabrielle, com lágrimas nos olhos. — Ficaremos com Dejaal até...

Indicando Alexandra, Lucivar olhou para Falonar. — Acompanha estas... pessoas... aos respectivos aposentos e leva Surreal contigo. — Fez uma pausa. — Se *algum* vos causar sarilhos, matem-no.

— Com todo o prazer — disse Surreal. Falonar limitou-se a acenar com a cabeça.

Lucivar saiu do pátio, seguido pelos outros Príncipes dos Senhores da Guerra do Primeiro Círculo. Quando Daemon se preparava para os seguir, Saetan disse — Não. Ficas comigo.

Juntando rapidamente os prisioneiros, Surreal apressou-se a levá-los – com Falonar e o Colmilho Cinzento – para fora do pátio. Não sabia qual seria a ideia do Senhor Supremo, mas preferia não estar por perto durante a discussão.

Daemon afastou-se quando Morghann e Kalush entraram no pátio de rompante.

— Vamos sair daqui — disse Saetan, com a voz rouca de mágoa reprimida – e algo mais que poderia até ser medo.

Foi esse medo – e a preocupação pelo homem – que levou Daemon a seguir o pai. Mas nem mesmo esses factores eram suficientes para engolir a sua própria raiva.

Ao saírem devagar do pátio, Daemon disse: — Posso não ter a habilidade de Lucivar com armas mas consigo tratar de um inimigo com bastante eficácia.

Saetan parou. — Lembra-te com quem estás a falar, Príncipe. Se existe alguém que tem consciência da tua eficácia como predador, esse alguém sou eu.

— Assim sendo, porque me detiveste?

— Lucivar não precisa da tua ajuda para dar conta de quem quer que esteja à espera daquele canalha na ponte – em especial tendo a seu lado os machos que o acompanharam. Mas *eu* preciso de ti. Neste momento, preciso de cada gota de força e de cada grão de mestria de que disponhas para lidar com Jaenelle. Fogo do Inferno, Daemon. Não percebes o que aqui se passou?

Esforçando-se imensamente, Daemon reprimiu a fúria. — Alexandra armou-se em cabra e planeou o rapto da própria neta.

Saetan abanou a cabeça devagar. — Alexandra estava de conluio com Dorothea e Hekatah na planificação do rapto da própria neta.

Daemon absorveu o impacto daquelas palavras – e percebeu o que poderia acontecer logo que Jaenelle soubesse *disso*. — Mãe Noite.

— E que as Trevas sejam misericordiosas — acrescentou Saetan. — Temos em mãos uma Rainha enfurecida que, por esta altura, já desceu tão profundamente no abismo que não temos forma de a alcançar – e não temos forma de deflectir o que quer que liberte no estado emocional em que se encontra.

— O que posso fazer? — perguntou Daemon, embora estivesse terrivelmente certo do destino desta conversa.

— A questão é o que podemos *nós* fazer como Administrador e Consorte, o que o Protocolo nos *permite* fazer nestas situações.

— O Protocolo não tem em conta uma Rainha que possui duas vezes mais poder do que um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra!

A mão de Saetan tremia ligeiramente ao alisar o cabelo. — Seis vezes as nossas forças combinadas.

— O quê? — exclamou Daemon, debilmente. Apoiou-se na parede com uma mão.

— Não existe uma forma autêntica de medir o poder de Jaenelle. Contudo, tendo em conta a quantidade de Jóias Negras de Direito por Progenitura que foram convertidas em Ébano quando realizou a Dádiva às Trevas, julgo que, no auge do seu poder, tem seis vezes mais força do que as nossas forças plenas combinadas.

— Mãe Noite. — Daemon concentrou-se durante um minuto para conseguir respirar. — E quando tencionavas revelar-me estes factos? Ou não tinhas essa intenção?

Saetan retraiu-se. — Queria que se sentissem... à vontade... um com o outro antes de te contar. Mas agora...

Uma explosão de poder fez o Paço estremecer, lançando-os ao chão.

Daemon sentiu que estava a agarrar-se desesperadamente a uma margem que se desmoronava, a centímetros de um dilúvio enfurecido que não só o arrastaria como também o esmagaria.

Sentiu Saetan a agarrá-lo, com firmeza.

Aquela torrente de poder desapareceu tão depressa como surgiu – e isso assustou-o mais do que a explosão. Para Jaenelle libertar e absorver tal quantidade de poder num período de tempo tão curto...

— Jaenelle — disse Daemon, pondo-se em pé de um salto. Enviou uma sonda psíquica, procurando rápida e especificamente por ela, e tocou

levemente num local do Paço que estava gelado ao ponto de abrasar. Apesar de se ter retirado velozmente, a dor lancinante quase o fez cair de joelhos. E isso fê-lo correr.

— Daemon, não! — chamou Saetan, pondo-se em pé com dificuldades.

Daemon correu pelos corredores. Já não precisava de procurar. Os corredores ficavam cada vez mais frios quanto mais se acercava da divisão onde Jaenelle libertara o poder.

— Daemon!

Quando ouviu Saetan a correr no seu encalço já alcançara a porta. Mediante a Arte, abriu a porta e entrou no quarto.

O frio parecia ter recortes que eram dolorosos fisicamente, mas quase não os notou pois, ao olhar à volta, não conseguia compreender exactamente o que estava a ver. A sua mente identificou o resto depois de perceber que as pequenas e singulares pintas vermelhas nas janelas eram gotas congeladas de sangue...

— Daemon.

... e percebeu o que Lucivar lhe contara sobre o casamento forçado de Jaenelle. *Ficou borrifado pelo quarto.*

— *Daemon.*

Percebeu a súplica na voz de Saetan, mas não conseguia reagir. Um torpor peculiar instalara-se nas suas emoções... e, não sendo capaz de sentir, conseguia pensar.

Sabia o motivo pelo qual Saetan não queria que visse este quarto. Devido à natureza inerente aos deveres, o Consorte não podia inibir-se na sua relação com a Rainha. Um Consorte disponibilizava-se fisicamente à Rainha, consciente e de bom grado, como nenhum outro macho da Corte. Um Consorte que receava a sua Rainha não funcionava na cama.

Porém, já testemunhara antes este lado de Jaenelle. Oh, fora apenas um débil vislumbre, mas ficara ciente de que esta era outra faceta da Feiticeira.

E este era o lado da Feiticeira que emergia quer devido à excitação intensa quer devido à raiva profunda. Poderia viver com isso? Conseguiria conduzir a dança sexual uma vez revelado este lado de Jaenelle?

O ardor do desejo sexual, a necessidade motriz de acasalar com a Feiticeira que, de súbito, o atingiu, consumiu o torpor emocional, deixando no seu lugar uma aprovação sinistra face ao que estava a presenciar.

Saiu do quarto e fechou a porta.

— Daemon — disse Saetan, ternamente, observando-o.

Daemon sorriu. — Só é pena o papel de parede. Era um lindo padrão.

4 / Kaeleer

— Bem — disse Surreal ao afastar o cabelo do rosto, — não creio que algum dos “hóspedes” esteja ansioso por deixar o quarto por agora, não achais?

— Sim — respondeu Falonar, soando ligeiramente intranquilo, — acho.

— Pois. — Surreal encostou-se à parede e fechou os olhos. — Merda.

— Ficastes magoada com... *aquilo*? — perguntou Falonar, referindo-se à explosão de energia que fizera estremecer o Paço. Tocou-lhe levemente no ombro antes de se afastar.

Surreal abanou a cabeça. *Magoada? Não. Borrada de medo? Oh, claro.*

Contudo, as pessoas que viviam com Jaenelle *não* viviam num terror constante. De facto, reflectindo sobre o modo como Karla e Lucivar agiram no pátio, designaria esse comportamento como prudente mais do que temente – e essa prudência também não era habitualmente visível.

Afastando esses pensamentos, lançou um olhar carrancudo a Falonar e decidiu enfrentar algo mais fácil – como o modo arrogante como lhe tinha dado ordens depois de terem chegado ao pátio. — Eu teria dado conta daquele cabrão.

Falonar pareceu sentir-se insultado. — O macho tem o dever de defender e proteger.

Surreal cerrou os dentes. — Não é a primeira vez que ouço essa cantilena e...

— Assim sendo, devíeis prestar atenção a essa cantilena, Senhora – e respeitá-la.

— Porquê? Porque sou uma desgraçadinha que não se consegue defender numa luta? — disse, com uma doçura envenenada.

— Porque sois mais letal — ripostou. Afastou-se uns passos de Surreal, vociferou e voltou a aproximar-se. — É por *isso* que são os machos que defendem, Senhora Surreal. Porque vós, as fêmeas, são mais letais quando estão inflamadas – e são implacáveis quando atingem a orla assassina. Se for vencido numa contenda, pelo menos não tenho de lidar convosco a seguir.

Sem saber se tinha sido elogiada ou insultada, Surreal manteve-se em silêncio. Estava prestes a admitir que Falonar *poderia* ter alguma razão quando lhe bramiu: — Escolheste uma péssima altura para vos armares em cabra. Já vai ser bastante difícil ter de enfrentar o Yaslana sem ter de andar agora nesta dança convosco.

Ora *isso era* insultuoso. — Uma vez que é essa a vossa opinião, docinho, eu saio do vosso caminho. — Impulsionou-se da parede.

Falonar estendeu a mão e tocou-lhe no braço. — Surreal... Tínheis

razão. Deveria ter matado o sacana. Agora tenho de aceitar as consequências desse erro. — Hesitou e acrescentou em voz baixa: — Poderia ter-vos assassinado ou à Senhora Benedict com aquela faca envenenada.

Surreal encolheu os ombros. — Não tínheis forma de saber e não matou nenhuma de nós, por isso...

— E que diferença faz? — disse Falonar rudemente. — O meu erro proporcionou-lhe a oportunidade.

Surreal estudou-o. — Julgais que vais ser castigado?

— Com toda a certeza. A única questão é o grau de dureza do castigo.

— Bem, tenho algumas coisas a dizer quanto a isso. Quando Lucivar abordar essa questão...

— Não há nada a dizer — interrompeu Falonar abruptamente. — É o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Fará como entender. — Desviou o olhar. — Prefiro ser atado ao poste do que ser enviado de volta para Terreille.

— Mas não há motivo para qualquer castigo!

Falonar sorriu sinistramente. — É assim que funciona, Senhora Surreal.

É o que vamos ver, pensou Surreal.

5 / Kaeleer

Daemon observou Saetan a servir-se generosamente de um conhaque. — Consegues beber isso? — perguntou, num tom ligeiramente curioso.

— Fico com dores de cabeça atrozes — respondeu Saetan, servindo um outro copo para Daemon. — Mas duvido que vá piorar a que já sinto, por isso... — Ergueu o copo num brinde, engolindo de seguida metade do conhaque. — Dejaal era filho do Príncipe Jaal.

A menção ao tigre Príncipe dos Senhores da Guerra pareceu-lhe uma mudança brusca de assunto. — Lucivar encontrou os homens?

— E obteve as informações que pretendia antes de serem executados.

Daemon observou o pai. Algo não estava a bater certo. Como não sabia que questões colocar, expressou as suas próprias preocupações. — Jaenelle não está cá, pois não?

Saetan abanou a cabeça. — Partiu para Ebon Askavi — e pediu para não ser incomodada por agora.

— Vais acatar os seus desejos? — perguntou Daemon, com cautela.

O olhar de Saetan era firme e demasiado sábio. — Nós vamos acatar os seus desejos. Se deseja manter-se gélida para poder tomar as decisões

que têm de ser tomadas, seria cruel forçá-la a sentir antes de estar preparada para tal.

Daemon anuiu. Não lhe agradava, mas aceitava. Voltou a pensar nos três homens que aguardavam Osvald para auxiliá-lo no rapto de Wilhelmina. — Esses homens serviam Hekatah e Dorothea?

— Trabalhavam para elas.

Sentiu que Saetan se afastava, por isso insistiu. — Lucivar executou os homens? — Não seria a primeira vez que Lucivar matava, pelo que não devia ser *isso* que estava a atormentar Saetan. Haveria algo diferente numa execução formal?

— Os outros machos do Primeiro Círculo renunciaram ao direito que lhes assistia de cobrarem parte da dívida pela morte de um Irmão — disse Saetan.

— O que significa isso? — perguntou Daemon espaçadamente.

Saetan hesitou e terminou o conhaque antes de responder. — Significa que entregaram os homens a Jaal... e a Kaelas.

6 / Kaeleer

Irada, Surreal fulminava com o olhar os quatro homens no gabinete do Senhor Supremo. Resmungou tanto que conseguiu estar presente nesta pequena discussão, para logo lhe ser rudemente comunicado que a sua presença seria tolerada desde que não interferisse. A sua opinião não seria solicitada nem necessária.

Se fossem quaisquer outros homens, ter-lhes-ia oferecido a *sua* opinião, porventura entregue na ponta do punhal. Contudo, Lucivar parecia estar já no limite e não hesitaria em mandá-la porta fora – com a porta *fechada*. E Saetan e Andulvar Yaslana não eram o tipo de homens que permitiam que alguém desafiasse a sua autoridade como Administrador e Guarda-Mor.

Mas o que realmente a estava a martirizar era Falonar não ter olhado para ela nem uma única vez desde que conseguira impor a sua presença. Pensava que ficaria grato por ter alguém a abonar em sua defesa. Porém, ele...

Bem, não havia problema. Não havia *qualquer* problema. Não precisava de ficar ali, a perder o tempo com um macho insensível e cabeça dura que não desejava a sua presença.

Olhou para Lucivar nesse preciso momento, viu o divertimento sarcástico naqueles olhos dourados e sabia que, se tentasse sair agora, exigiriam que ficasse. Por isso, ao invés de se amaldiçoar pela sua teimosia, amaldi-

çou Lucivar. E vendo que ficava ainda mais divertido, compreendeu que Lucivar sabia – o sacana.

Saetan encostou-se à secretária em madeira escura e cruzou os braços. — Príncipe Falonar, podes explicar-nos as tuas acções desta manhã?

O seu tom de voz era educado, ligeiramente curioso. Surreal conjecturou se seria um mau sinal.

Falonar respondeu. Na opinião de Surreal, a recitação objectiva das acções ficou aquém de uma explicação, contudo os restantes homens não pareceram reparar nesse facto.

Quando Falonar terminou, Saetan olhou para Andulvar e Lucivar e de novo para Falonar. — Pecaste por excesso de zelo — disse Saetan, calmamente. — É compreensível. E, sendo um Príncipe dos Senhores da Guerra, é, de igual modo, inadmissível. Não te podes dar ao luxo de ser cauteloso.

Falonar engoliu com dificuldade. — Sim, senhor.

— Compreendes a indispensabilidade do castigo?

— Sim, senhor.

Saetan acenou com a cabeça, parecendo satisfeito. Olhou para Lucivar. — A decisão cabe-te a ti.

Falonar virou-se de frente para Lucivar.

Lucivar examinou-o por instantes. — Cinco dias de rondas adicionais, a começar amanhã.

Ao contrário de ficar aliviado, Falonar parecia ter levado uma bofetada.

— Há algo mais que queiram discutir? — perguntou Saetan.

Lucivar olhou para Surreal, depois para Saetan que, depois de uma pausa, fez uma saudação praticamente imperceptível com a cabeça.

Lucivar abriu a porta do gabinete e aguardou.

Depois de fazer uma vénia a Saetan e a Andulvar, Falonar saiu. Uma vez que lhe parecia ser o mais apropriado, Surreal fez também uma vénia aos dois homens e seguiu Falonar para fora do gabinete tão rapidamente que lhe pisou os calcanhares.

Praguejando, Falonar alongou as passadas, parando por fim ao chegar ao centro do salão principal.

Surreal alcançou-o. — Bem, não foi... — Calou-se face ao desagrado e à ira no rosto do homem ao observar Lucivar aproximar-se.

— Cinco dias de rondas adicionais é insultuoso — disse Falonar.

Surreal arrepanhou a longa túnica com as mãos para não lhe dar um murro. Tolo. Idiota. Deveria estar grato por não ter sido pior.

— Não é insultuoso — respondeu Lucivar afavelmente. — É justo. Cometestes um erro, Falonar. Tem de haver um ressarcimento da tua parte. Agiste, mas por pouco não saíste frustrado por seres excessivamente zeloso.

— Sei bem o que o meu zelo poderia ter custado.

— Sim, sabes. E é por isso que o castigo é justo. — Os lábios de Lucivar arquearam-se num sorriso indolente e arrogante. — Não te preocupes. Irás fazer mais rondas adicionais muito mais vezes antes de completares um ano neste sítio. Foi isso que me aconteceu.

Falonar olhou-o estupefacto. — Tu?

O sorriso acentuou-se. — É difícil acreditar que tivesse pecado por excesso de zelo, não é? Mas eu queria ficar em Kaeleer e queria servir a minha Rainha, por isso controlei a minha fúria tanto quanto possível – por mim. E acabava sempre naquele gabinete, enfrentando aqueles dois, tantas vezes que deixei de contar. — Lucivar fez uma pausa. — Estamos em Kaeleer. Aqui, a fúria de um Príncipe dos Senhores da Guerra é considerada como um elemento valioso da corte.

Falonar demorou algum tempo a digerir aquelas palavras. Foi então que, com cortesia, disse: — Rondas adicionais não parecem importantes tendo em conta que poderia ter custado a vida a uma feiticeira.

— Bem, há algo mais no... castigo — afirmou Lucivar. Inclinou a cabeça na direcção de Surreal. — Tens de a aturar até ao nascer do sol. Dado que parece que vai desfazer os seus próprios dentes a não ser que berre com um macho, que sejas tu. — O sorriso acentuou-se ainda mais. — É claro que podes oferecer-te para lhe aquecer a cama e ficarás a saber se com isso consegues alguma clemência.

Falonar engasgou-se. Surreal produziu um som semelhante a uma chaleira prestes a ferver.

— Consideras que passar a noite comigo é uma forma de *castigo*? — gritou Surreal. — Sacana... pois *eu* diria que é uma recompensa!

Lucivar encolheu os ombros. — Como queiras. Mas tenham presente que, se ambos decidirem prolongar este “castigo” para além desta noite, têm de obter a permissão formal por parte do Administrador da Corte. Concordeu em deixar passar esta formalidade até ao nascer do sol, mas só até essa altura. E esta é uma área em que não é muito sensato provocar Saetan.

Depois de Lucivar desaparecer, Surreal e Falonar fitaram-se.

— Parece que não consegui manter o meu... interesse... em estar convosco tão... contido... como pensava uma vez que Lucivar se deu conta — disse Falonar.

Ou o Senhor Supremo, pensou Surreal. Como patriarca da família e orientador sexual, tinha a certeza que pouco deixaria passar.

— E então — disse Falonar com cautela, — ides gritar comigo?

Surreal sorriu. — Bem, docinho, posso não gritar *contigo*. Com os estímulos adequados, posso somente gritar.

CAPÍTULO SETE

1 / Kaeleer

O Senhor Jorval instalou-se numa cadeira na sala de estar de Kartane Sa-Diablo. — O vosso encontro com a Curandeira foi adiado.

— Porquê? — perguntou Kartane rispidamente. — Julguei que estava tudo tratado.

— E estava — tranquilizou Jorval. — Mas ocorreu um... incidente... na residência da Curandeira, por isso demorará mais alguns dias antes de se poder encontrar convosco.

— Podíeis ter insistido — disse Kartane. — Talvez não tenha compreendido a importância de...

— De nada serviria insistir — interrompeu Jorval. — Quando aqui vier, quereis que centre a sua atenção em vós e não que se disperse com trivialidades domésticas.

— Não me resta outra opção senão esperar.

Jorval levantou-se. — Não existe outra opção.

Ocorreu um incidente que exige um adiamento...

Um incidente, pensava Jorval no caminho de regresso a casa. Fora dessa forma que o Senhor Supremo se expressara, com cautela e cortesia. Dado que os homens que se dirigiram a Halaway para auxiliar o acompanhante tinham desaparecido subitamente, e face à inexistência de qualquer sinal do acompanhante, fazia uma pequena ideia acerca do “incidente” que estava a atrasar a viagem de Jaenelle Angelline à Pequena Terreille.

O que significava que tinha de avisar a Sacerdotisa das Trevas de que, muito provavelmente, Alexandra já não era uma ferramenta profícua.

Hekatah não ficaria satisfeita com essa revelação, possivelmente correria para a Pequena Terreille numa fúria desenfreada – que descarregaria nele.

Quem sabe se não poderia redireccionar essa fúria? Quem sabe se não seria uma boa altura para resolver o outro problemazito?

Ao chegar a casa, correu para o gabinete e rabiscou uma nota ao Senhor Magstrom.

2 / Kaeleer

— Onde está o meu acompanhante? — questionou Alexandra ao sentar-se no gabinete do Senhor Supremo. Depois de ter estado confinada aos seus aposentos durante dois dias, sentia-se aliviada por sair do quarto, pese embora não sentisse qualquer alívio por estar *nesta* divisão – ou por estar com *ele*.

Saetan reclinou-se na cadeira e juntou as mãos à sua frente, pousando o queixo nas longas unhas tingidas a negro. Os olhos dourados tinham um ar letárgico – tal como acontecera quando a vira pela primeira vez.

Consciente do frio na divisão, Alexandra aconchegou o xaile ao corpo.

— É interessante constatar que perguntais primeiro por Osvald — disse Saetan com demasiada placidez.

— E por quem *deveria* perguntar? — retorquiu Alexandra, com a voz estridente pelo medo.

— Pela vossa neta, Wilhelmina. Está a recuperar das drogas que aquele canalha lhe ministrou. Não sofrerá sequelas permanentes.

— Mas é claro que não sofrerá sequelas. Foi apenas um sedativo fraco.

— O que lhe deu foi muito mais do que um *sedativo* fraco, Senhora — respondeu Saetan, ficando também com a voz estridente.

Alexandra hesitou. Estava a mentir. É claro que estava a mentir.

Saetan olhou-a com curiosidade. — Não consigo deixar de pensar na recompensa que Dorothea e Hekatah vos terão oferecido que valesse a vida da vossa neta.

Saltou da cadeira. — Estais a insultar-me!

— Estou? — respondeu, tendo o tom de voz regressado àquela placidez exasperante – e assustadora.

— Não estava a vender Wilhelmina a Dorothea, estava unicamente a tentar afastá-la de vós!

Um olhar invulgar apoderou-se do rosto de Saetan. — Sim, essa parece ser sempre uma justificação plausível, não parece? Levem a criança para longe de mim e que se dane o que possa vir a acontecer à criança. Toda uma vida de sofrimento, humilhação e tortura é, sem dúvida, melhor do que permanecer comigo.

Alexandra voltou a sentar-se, observando-o. Estava concentrado, a seguir uma linha de pensamento íntima – e com certeza que já não estaria a referir-se a Wilhelmina.

— O que julgaríeis que iria suceder a Wilhelmina? — perguntou.

— Osvald ia fazê-la sair de Kaeleer para depois a levarmos para casa.

Enquanto a fitava, os olhos de Saetan foram invadidos por uma tristeza profunda. — Sendo assim, não haveria recompensa — disse baixinho, — era uma moeda de troca.

— Do que falais?

— Como tencionáveis retirar Wilhelmina de Hayll?

Alexandra olhou-o pasmada. — Não ia para Hayll.

— Ia, pois. Eram essas as ordens, Alexandra. Wilhelmina seria “convidada” de Dorothea durante o tempo que estivésseis disposta a fazer cedências. Quantas cedências poderias vir a fazer a Hayll antes de o vosso povo ficar sufocado por elas, recusando-se a continuar a aceitar-vos como Rainha? O que terias então para negociar para a manter ilesa?

— Não — disse Alexandra. — *Não*. Dorothea concordou ajudar-me porque... — Porque Dorothea estava a preparar-se para iniciar uma guerra com este homem e queria afastar do seu controlo o alegado poder obscuro de Jaenelle. Porém, não podia permitir que Saetan tivesse conhecimento deste factor. — Wilhelmina não era moeda de troca. — Mas Jaenelle não se teria tornado exactamente nisso? Uma moeda de troca nos jogos de guerra? Era diferente. Jaenelle já estava obviamente urdida de forma permanente pelas atenções do Senhor Supremo e se *Jaenelle* tivesse acabado por ser “convidada” de Dorothea...

Com uma honestidade brutal, Alexandra admitiu que nunca teria cedido perante Hayll de modo a garantir o bem-estar de Jaenelle. À sua corte, faria o discurso de um sacrifício familiar pelo bem do povo. E, na verdade, não teria sentido mais do que uma pontada de culpa por esse sacrifício. Foi sempre uma criança tão, tão difícil...

— Wilhelmina não era moeda de troca — voltou a afirmar, de modo pouco convincente.

Saetan resfolegou ligeiramente. — Pensai como quiserdes.

Aquela indiferença despreocupada, como se já não fosse importante, perturbou-a. — O que aconteceu a Osvald? Pelo menos trataram das suas feridas?

Algo invulgar apoderou-se dos olhos de Saetan. — Foi executado. Bem como os três homens que o aguardavam.

Alexandra ficou atónita. — Que direito vos assiste...

— Tentou raptar um membro da corte e assassinou outro. Esperáveis realmente que ficássemos de braços cruzados e engolíssemos esses actos?

— Não estava a raptá-la! — gritou Alexandra. — Estava a ajudá-la a sair deste lugar. Aquele animal atacou-o. Teve de se defender.

— Estava a levá-la contra a sua vontade. Isso é rapto.

— Estava a fazer cumprir os desejos da família de Wilhelmina.

— É uma mulher adulta — ripostou Saetan. — Não tendes qualquer direito de tomar decisões em seu nome.

— Está mentalmente debilitada. Não tem capacidade para decidir...

— É essa a vossa forma de lidar com aqueles que não partilham a vossa opinião? — A voz de Saetan elevou-se num bramido. — Declarais que são mentalmente incompetentes para que possais justificar fechá-las num sítio onde se deleitam a violá-las e a torturá-las?

— *Como vos atreveis?*

— Sabendo o que sei sobre Briarwood, atrevo-me bastante.

Alexandra sentiu o ar fugir-lhe dos pulmões. Saetan apresentava um ódio no olhar que já não se dava ao trabalho de disfarçar.

Com algum esforço, reuniu forças e levantou-se, endireitando-se para lhe dirigir a palavra. — Sou Rainha...

— Sois uma cabra crédula e presunçosa — ripostou Saetan num trauteio melódico que dava às palavras uma sensação de carícia violenta – e violadora. — Vivei uma longa vida, Alexandra. Vivei uma longa vida e extingui-vos quando chegar o vosso fim para que regresseis directamente às Trevas. Se assim não for, se fizerdes a transição para demónia-morta, eu estarei à vossa espera.

Demorou alguns instantes a compreender as palavras. O Senhor Supremo *do Inferno*.

— Robert Benedict fez a transição — trauteou Saetan, — e pagou a parte da dívida que tinha para comigo pelo que fizeram à filha da minha alma.

— Nada vos devo. — Alexandra tentou parecer firme, mas não conseguiu evitar que a voz tremesse.

Saetan sorriu de modo dócil e terrífico.

Alexandra tinha de sair dali, tinha de se afastar dele. — Uma vez que, supostamente, estamos numa corte, julgo ser altura de falar com esta vossa Rainha misteriosa. *A verdadeira Rainha*. Na verdade, exijo falar-lhe.

Saetan não mexeu um único músculo. — Parece que também deseja falar-vos — disse num tom de voz invulgar. — Fostes convocada a Ebon Askavi, para que vos apresenteis perante o Trono das Trevas.

3 / Kaeleer

Com o coração na boca, Alexandra seguiu o Senhor Supremo pelas escadas em pedra escura. As colossais portas duplas ao fundo da escadaria abriram-se em silêncio, revelando uma obscuridade intensa.

Protestara quando soube que Leland, Philip e o resto do séquito que a acompanhara também tinham sido convocados à Fortaleza. Não surtira qualquer efeito. Ninguém dera a mais pequena indicação de que tinham sequer ouvido os seus protestos, quanto mais aceder a eles.

Protestara igualmente quando Daemon e Lucivar se juntaram ao Senhor Supremo como “acompanhantes”. Neste momento sentia-se ridícula-mente grata pela força masculina que a guardava. Achara o Paço aterrador mas, comparado à Fortaleza, o Paço não passava de um agradável solar.

À medida que Saetan avançava, começaram a acender-se tochas até restar apenas o fundo da sala em completa escuridão.

Acendeu-se outra tocha. Olhou estupefacta para a enorme cabeça de dragão que saía da parede do fundo. As escamas de tom dourado-prateado cintilavam. Os seus olhos eram tão obscuros como a meia-noite. Num estrado ao lado da cabeça podia ver-se uma simples cadeira em madeira escura. A mulher aí sentada ainda se encontrava demasiado envolta em sombras para que Alexandra conseguisse destrinçar mais do que uma forma.

Ora aqui estava a Rainha de Ebon Askavi.

A luz da sala sofreu uma alteração imperceptível, iluminando suavemente o corno de unicórnio do ceptro que a mulher segurava nas mãos.

Ao olhar para os anéis nas mãos da Rainha, sentiu um calafrio de pavor. À primeira vista diria que os anéis continham pedaços de uma Jóia Negra, mas as Jóias nesses anéis pareciam ainda mais escuras do que a Negra. O que era impossível – não era?

A luz continuou a aumentar de intensidade, e no decorrer desse processo, o poder na sala avolumava-se. O rosto da mulher continuava na penumbra, mas agora Alexandra conseguia divisar o vestido negro e outra Jóia-Negra-que-não-era-Negra incrustada num colar que se assemelhava a uma teia de aranha feita de fios dourados e prateados.

A luz intensificou-se. Alexandra subiu o olhar e deu consigo a fitar os álgidos olhos azul-safira de Jaenelle.

Os segundos revelaram-se vagarosos até aquele olhar se focar em Leland e Philip, Vania e Nyselle e nos Consortes e acompanhantes que compunham o seu séquito.

Livre do olhar glacial, Alexandra apertou o estômago com a mão, numa tentativa desesperada de não se inclinar. Neste cenário formal, compreendeu por fim o que Jaenelle dissera quando se encontraram pela primeira vez no Paço. *A diferença é que, quando o sonho surgiu, soube reconhecê-lo.*

O poder obscuro que dimanava de Jaenelle podia ter mantido Chaillot longe da influência de Dorothea. Mas como poderiam esperar que tivesse reconhecido isto numa criança difícil e excêntrica?

...soube reconhecê-lo.

Atreveu-se a olhar de relance para Daemon. Também ele a reconheceu. Reconhecera-a e...

Mas não fora isso que Dorothea dissera? O Sádico e o Senhor Supremo tinham reconhecido o potencial de todo aquele poder obscuro e empenharam-se em seduzi-la e moldá-la. Era evidente a razão pela qual Dorothea queria o controlo de Jaenelle, mas isso não alterava a provável verdade do que dissera acerca de Daemon e do Senhor Supremo.

Os pensamentos rodopiavam, retorciam-se – até que aqueles olhos azul-safira voltaram a fixar-se nela.

— Conspiraste com Dorothea SaDiablo e com Hekatah SaDiablo, que são inimigas notórias, com a intenção de lhe entregar um membro da minha corte, a minha irmã. — A voz, embora tranquila, ouvia-se em toda a imensa sala. — Na tentativa de executar esse plano, assassinaste outro membro da minha corte, um jovem Príncipe dos Senhores da Guerra.

Leland exaltou-se, não deixando que Philip a impedisse. — Não passava de um animal.

Uma ferocidade terrível invadiu o rosto de Jaenelle. — Era Sangue... e era Irmão. A sua vida valia tanto como a tua.

— Não o matei — disse Alexandra, em surdina.

Sob o gelo daqueles olhos azul-safira evidenciava-se uma raiva mortífera na orla da loucura. — Não desferiste o golpe fatal — concordou Jaenelle. — E por isso decidi não te executar.

Alexandra teria tombado se Philip não tivesse corrido a segurá-la. *Executá-la?*

— Contudo — prosseguiu Jaenelle, — tudo tem um preço e um preço será pago pela morte de Dejaal.

O desespero começou a brotar em Alexandra. — Não existe qualquer lei contra o assassinato.

— Não, não existe — respondeu Jaenelle com demasiada delicadeza. — Porém, uma Rainha pode exigir um preço pela vida que se perdeu.

Vania ou Nyselle choramingaram. Alexandra não conseguiu perceber qual delas.

— Já não são bem-vindos em Kaeleer. Jamais o voltarão a ser. Se algum de vós regressar seja por que razão for, será executado. Sem prorrogações.

— Pode fazer isso? — murmurou Nyselle.

Os olhos de Jaenelle saltaram para as Rainhas de Província antes de voltarem a fixar Alexandra. — Eu sou a Rainha. A minha vontade é lei.

E ninguém, percebeu Alexandra, *ninguém* desafiaria essa vontade.

— Serão conduzidos ao Altar de Cassandra e, por esse Portão, serão enviados de regresso a Terreille — informou Jaenelle. — Senhor Supremo, ficarás encarregue dos preparativos.

— Com todo o prazer, Senhora — respondeu Saetan, solenemente.

— Podem ir. — O ceptro balançou até que o corno do unicórnio apontou directamente para o peito de Alexandra. — Excepto tu.

Leland protestou silenciosamente, mas não discutiu quando Philip, com um ar pálido e nauseado, lhe pegou no braço e a conduziu para fora da sala. Os restantes membros da comitiva apressaram-se a segui-los, com Saetan, Daemon e Lucivar atrás, a um passo mais lento.

Quando as portas duplas se fecharam e só restavam as duas na sala, Jaenelle baixou o ceptro. — Devias ter-te ido embora quando te disse da primeira vez. Agora...

Alexandra demorou um minuto para pronunciar: — E agora?

Jaenelle não respondeu.

Alexandra oscilou e deu um pequeno passo para se tentar equilibrar ao sentir a sala a começar a girar, ficando em total obscuridade.

O que é que acabou de acontecer, em nome do Inferno? cogitou Alexandra ao equilibrar-se. Foi então que olhou ao seu redor.

Estava sozinha no centro de um amplo círculo em pedra. O chão era completamente liso. À volta do círculo existia um muro sólido de rocha íngreme e irregular que se elevava muito acima da sua cabeça. Para lá desse muro...

Sentiu a pressão enorme contra o muro, como se algo estivesse a tentar forçar a entrada e destruir aquela área.

“Onde...?”

“Estamos na profundidade do abismo” disse uma voz da meia-noite.

Alexandra virou-se para o sítio de onde vinha a voz de Jaenelle – e ficou perplexa perante a criatura que se encontrava a alguns metros. Fitou o corpo humano esguio e desnudado; as pernas humanas que terminavam em cascos delicados; as mãos humanas que tinham garras retraídas no lugar de unhas; as orelhas delicadamente pontiagudas; a juba dourada que não era exactamente cabelo nem exactamente pêlo; o ínfimo chifre em espiral no meio da testa; os gélidos olhos azul-safira.

“O que és?” murmurou Alexandra.

“Sou os sonhos tornados realidade” respondeu. “Sou a Feiticeira.”

A voz de Jaenelle. Os estranhos olhos de Jaenelle. Contudo...

Alexandra recuou. Não. Não. “És o interior...”

Não conseguiu verbalizar. A repulsa deixou-a sem fala. Tinha sido isto que a sua filha Leland dera à luz? *Isto?*

“O que fizeste à minha neta?” questionou Alexandra.

“Nada lhe fiz.”

“Com certeza que fizeste! O que foi que lhe fizeste? Devoraste o espírito para poder usar o corpo?”

“Se te estás a referir ao casulo a que chamas Jaenelle, o corpo foi sempre meu. Nasci naquela pele.”

“Nunca! *Nunca!* Não podes ter nascido de Leland.”

“E porque não?” perguntou a Feiticeira.

“*Porque és horrenda.*”

Um silêncio pungente. Depois, a Feiticeira disse friamente: “Sou o que sou.”

“E seja o que isso for, não nasceu da minha filha. Não nasceu de mim.”

“Os teus sonhos...”

“NÃO! NÃO HÁ NADA DE MIM EM TI!”

Outro longo silêncio. Para lá do muro de pedras, parecia ouvir-se uma tempestade agreste a formar-se.

“Tens algo mais a acrescentar?” perguntou a Feiticeira serenamente.

“A *ti*, nunca terei nada a dizer” respondeu Alexandra.

“Muito bem.”

Os muros de pedra desapareceram. A energia do abismo precipitou-se para encher o espaço vazio – e tentou preencher o receptáculo dentro desse espaço.

Alexandra sentiu que essa torrente súbita de poder começava a esmagá-la, para logo sentir que outra fonte de poder equilibrava e controlava essa torrente, evitando que a sua mente se estilhaçasse. Sentiu algo a romper-se dentro de si e, por um segundo fugaz, sentiu uma dor atroz e um sofrimento agonizante.

E depois, não sentiu mais nada.

* * *

Alexandra acordou lentamente. Estava deitada na cama, tapada e confortável, mas demorou apenas um momento para compreender que algo estava errado. Na cabeça tinha a estranha sensação de estar cheia de lã e o corpo estava doído como se estivesse febril.

Abriu os olhos. Viu Saetan sentado numa cadeira junto à cama e disse, com a voz enrouquecida: — Não vos quero.

— Também não vos quero — retorquiu de modo seco, pegando numa caneca que se encontrava sobre a mesinha de cabeceira. — Tomai. Irá ajudar-vos a desanuviar a cabeça.

Resmungando, Alexandra apoiou-se num cotovelo – e viu as Jóias Opala, o berloque e o anel, sobre a mesa. Estavam vazias, totalmente exauridas, despojadas do reservatório de poder armazenado.

Instintivamente, em desespero, mergulhou no seu interior, tentando alcançar a profundidade da sua força Opala. Nem conseguiu sequer alcançar a profundidade da Branca. O abismo estava-lhe interdito e a sua mente parecia estar encerrada em pedra.

— Resta-vos a Arte básica — disse Saetan tranquilamente.

Alexandra fitou-o horrorizada. — Arte básica?

— Sim.

Não deixou de o fitar ao lembrar-se da torrente esmagadora de poder e do brevíssimo momento de dor. — Quebrou-me — murmurou Alexandra. — Aquela cabra *quebrou-me*.

— Cuidado com a maneira como vos referis à minha Rainha — respondeu Saetan.

— E o que fareis? — retorquiu. — Ireis arrancar-me a língua?

Saetan nada teve de dizer, a resposta estava presente nos olhos.

— Bebei — disse, com uma calma exagerada, oferecendo-lhe a caneca.

Não se atrevendo a rejeitar, bebeu a infusão e devolveu-lhe a caneca.

— Já nem sequer sou feiticeira — disse, com os olhos cheios de lágrimas.

— Uma feiticeira é sempre uma feiticeira, mesmo que esteja quebrada e já não possa usar as Jóias. Uma Rainha é sempre uma Rainha.

Alexandra riu-se amargamente. — Oh, é fácil dizer, não é? Que tipo de Rainha poderei ser? Julgais realmente que conseguirei manter uma corte à minha volta?

— Assim o fizeram outras Rainhas. A força psíquica é unicamente um dos factores que atrai os machos fortes e os leva a servir. Não necessitais desse tipo de força se puderes usar a deles.

— E julgais que conseguirei manter uma corte com poder suficiente para continuar a ser a Rainha de Chaillot?

— Não — respondeu Saetan após uma longa pausa. — Mas isso não tem nada a ver com a vossa capacidade de usar as Jóias.

Ficou sem palavras face ao insulto, sem se atrever a fazer o que quer que fosse. — Compreendeis o que irá acontecer agora a Chaillot?

— O vosso povo irá, com toda a certeza, escolher outra Rainha.

— Não existe mais nenhuma Rainha com poder suficiente para ser aceite como Rainha do Território. É por isso... — *que ainda sou eu a governar*. Não, não podia dizer-lhe.

Sentou-se e aguardou que a cabeça desanuviasse. Aquela sensação invulgar e sufocante acabaria por desaparecer, porém o sentimento de perda permaneceria para *sempre*. Fora a cabra que se fizera passar por sua neta que provocara esta situação. — É um monstro — disse entre dentes.

— É o mito vivo, os sonhos tornados realidade — disse Saetan, com frieza.

— Bem, não era este o *meu* sonho — ripostou Alexandra. — Como é que aquela criatura repugnante e deformada poderia ser o sonho de *alguém*...

— Não volteis a pisar o risco, Alexandra — advertiu Saetan.

Detectando o nervosismo na voz de Saetan, encolheu-se. Podia ranger os dentes e fechar a boca pois não tinha escolha, mas não conseguia deixar de pensar naquela criatura. Vivera na sua casa. Arrepiou-se. *Todos os anos no Winsol, dançamos pela glória da Feiticeira. Todos os anos, celebramos aquilo.*

Não se apercebeu de que tinha falado em voz alta até o quarto se cobrir de gelo. — Quero ir para casa — disse baixinho. — Podeis encarregar-vos disso?

— Com todo o prazer — trauteou Saetan.

4 / Kaeleer

Daemon fitou com um desagrado imenso a ampulheta em madeira escura que pairava à porta do quarto de Jaenelle. Ao reparar na ampulheta pela primeira vez quando viera saber como estava Jaenelle, Ladvarian, o Senhor da Guerra sceltita, explicara o seu significado. Por isso, aceitara a oferta de Ladvarian para ser seu guia e explorar um pouco a Fortaleza. Ao regressar, decorrida uma hora, descobrira que a ampulheta tinha sido virada, e a areia escorria para o fundo, assinalando outra hora de isolamento. Era a terceira vez que a areia escorria e, *desta vez*, iria aguardar à porta até cair o último grão de areia.

— Estaiss impaciente? — ouviu-se uma voz sibilante.

Daemon virou-se e ficou de frente com Draca, a Senescal da Fortaleza. No primeiro momento em que chegaram à Fortaleza, Lucivar avisara-o enigmaticamente: *Draca é um dragão sob forma humana*. No momento em que vira a Senescal, compreendera as palavras de Lucivar. As suas feições, combinadas com a sensação de ancianidade e de um poder vetusto e profundo, fascinaram-no.

— Estou preocupado — respondeu, encontrando aqueles olhos obscuros que o trespassavam. — Não devia estar sozinha.

— Apesar disso, permaneceiss à porta.

Daemon lançou um olhar mortífero à ampulheta flutuante.

Draca produziu um som que poderia considerar-se uma gargalhada abafada. — Soiss sempre assim tão obediente?

— Quase nunca — disse Daemon entre dentes — e depois lembrou-se quem era a sua interlocutora.

Mas Draca acenou com a cabeça, como se se sentisse satisfeita pela confirmação. — É sensato que oss machoss saibam quando devem ceder e obedecer. Porém, o Consorte tem permissão para contornar muitass dass regrass.

Daemon ponderou atentamente naquelas palavras. Era difícil detectar inflexões naquela voz sibilante, mas julgava tê-la percebido. — Tendes mais conhecimentos sobre os pontos delicados do protocolo do que eu — disse, observando-a atentamente. — Agradeço o esclarecimento.

O rosto de Draca não sofreu alterações, mas Daemon teria jurado ver um sorriso. Ao afastar-se, Draca acrescentou: — A ampulheta esstá quase vazia.

Com a mão pousada na maçaneta, rodou-a devagar ao mesmo tempo que os últimos grãos de areia deslizavam para a base da ampulheta. Ao abrir a porta, viu a ampulheta a girar para anunciar outra hora de isolamento. Deslizou velozmente para o quarto, fechando a porta.

Jaenelle estava junto a uma janela, contemplando a noite, ainda com o vestido negro. Como homem, aquele vestido atraía-o de todas as formas imagináveis associadas a uma peça de roupa feminina, e tinha esperanças de que não o usasse unicamente em ocasiões formais.

Afastou esses pensamentos. Não só eram inúteis esta noite como levavam também a que o seu corpo desejasse reagir a ela de uma forma que não seria aceitável.

— Já foram embora? — perguntou Jaenelle baixinho, ainda a olhar pela janela.

Daemon observou-a, tentando perceber se era conversa de circunstância ou acaso se teria refugiado tão profundamente no seu próprio interior que, de facto, não sabia.

— Já foram embora. — Dirigiu-se lentamente a Jaenelle, com cautela, até se encontrar apenas a alguns centímetros e num ângulo que permitia vê-la de perfil.

— Foi o castigo adequado — disse Jaenelle ao mesmo tempo que outra lágrima lhe escorria pelo rosto. — É o castigo adequado quando uma Rainha viola a corte de outra, infligindo danos.

— Podias ter pedido a qualquer um de nós para o fazer — disse Daemon, tranquilamente.

Jaenelle abanou a cabeça. — Sou a Rainha. Cabia-me a mim fazê-lo.
Não se isso te for consumir.

— Existe uma forma tradicional de quebrar um membro dos Sangue,

de destituí-lo do poder sem lhes provocar outros males. É rápido e perfeito. — Hesitou. — Arrastei-a até ao fundo do abismo.

— Levaste-a até ao lugar brumoso?

— Não — respondeu Jaenelle, rápida e contundentemente. — Esse é um sítio especial. Não queria vê-lo corrompido... — Mordeu o lábio.

Daemon não desejava analisar o alívio que sentiu ao saber que Alexandra não tinha conspurcado o lugar brumoso com a sua presença.

Continuando a estudá-la, ocorreu-lhe tão inesperadamente que o sentiu como um murro no estômago: Jaenelle não se tinha recolhido a tal profundidade no seu interior pela mágoa de ter quebrado outra feiticeira; retirara-se para lidar com uma espécie de sofrimento pessoal.

— Meu amor — disse Daemon, serenamente, — qual é o problema? Diz-me, por favor. Deixa-me ajudar.

Quando se virou para olhá-lo, não viu uma mulher adulta ou uma Rainha ou a Feiticeira. Viu uma criança atormentada.

— Leland... a Leland preocupava-se, creio, mas nunca esperei muito dela. Philip preocupava-se, mas não havia muito que pudesse fazer. Alexandra era a m-mãe da família. Era ela que tinha a força. Era a ela que todos queríamos agradar. E eu nunca a conseguia agradar, nunca conseguia ser... Amava-os a todos — Leland e Alexandra e Philip e Wilhelmina. — A respiração de Jaenelle deteve-se num soluço reprimido. — Eu amava-a — e ela d-disse que eu era h-horrenda.

Daemon ficou a olhar para Jaenelle, impedido momentaneamente de falar pela raiva repentina que o assolou. — A cabra disse o *quê*?

Sobressaltada pela virulência na voz de Daemon, olhou-o lucidamente antes de voltar a esboroar-se. — Disse que era horrenda.

Quase podia ver as profundas cicatrizes da infância a reabrirem-se, a sangrarem. Esta era a rejeição final, a dor final. A criança desafiara essa rejeição, tentara justificar o parco amor que lhe era dado de modo condicional. A criança tentara encontrar uma justificação para ser enviada para aquele horror, Briarwood. Todavia, a criança já não era criança e a angústia de enfrentar uma verdade amarga estava a dilacerá-la.

Daemon percebeu ainda que, confrontada com estes maus tratos emocionais, estava agora a agarrar-se à única parede sólida da sua infância: o amor e a aceitação de Saetan.

Ora bem, podia providenciar outra parede à qual se agarrar. Abriu os braços o suficiente para serem convidativos mas não para que fossem vistos como uma exigência. — Anda cá — disse afectuosamente. — Vem a meus braços.

Sentiu o coração apertado ao vê-la arrastar-se, evitando olhá-lo, ao ver o modo como o seu corpo estava preparado para a rejeição.

Envolveu Jaenelle com os braços, reconfortantes e protectores.

— Era uma boa Rainha, não era? — perguntou Jaenelle com uma voz suplicante, passados alguns minutos.

Daemon sentiu uma guinada de dor. Noutra altura, a mentira teria sido fácil, mas não esta noite. Sabendo que iria destruir a derradeira justificação para o comportamento de Alexandra, transmitiu-lhe a verdade tão suavemente quanto conseguiu. — Comparada com as outras Rainhas de Terreille, era uma boa Rainha. Comparada com qualquer uma das Rainhas com as quais travei conhecimento desde que estou em Kaeleer... Não, meu amor, não era uma boa Rainha.

Com as lágrimas, o sofrimento adveio, ao mesmo tempo que Jaenelle desistia finalmente das pessoas que outrora tentara amar.

Abraçou-a, em silêncio. Limitou-se a abraçá-la, deixando que todo o seu amor a envolvesse.

A porta abriu-se silenciosamente. Ladvarian entrou, seguido por Kaelas.

Daemon observou-os, perguntando-se se teriam decidido sozinhos desafiar a ordem de isolamento ou se teriam equiparado a presença de Daemon à permissão para entrarem.

Passado um minuto, a ponta da cauda de Ladvarian abanou uma única vez. “Voltaremos mais tarde.”

Saíram tão discretamente quanto entraram.

CAPÍTULO OITO

1 / Kaeleer

O Senhor Magstrom caminhava enervado pela divisão onde estavam arquivados os registos da feira de serviços. Estava em casa há dois dias apenas e ainda estava a pôr em dia os assuntos oficiais da sua própria aldeia. Contudo, o Senhor Jorval solicitara que regressasse com urgência à capital da Pequena Terreille com o objectivo de discutirem um assunto da “maior importância”.

Passara vários dias com a neta mais velha e com o respectivo marido – dias que foram passados em excitação e apreensivamente ao invés do repouso de que tanto precisava. A sua neta estava grávida do primeiro filho e, embora maravilhada, estava também bastante enferma. Por isso, passara a maior parte do tempo a sossegar o marido de que a sua neta não se divorciaria do homem que amava simplesmente por não conseguir manter o pequeno-almoço no estômago durante algumas semanas.

Não devia ter referido “algumas semanas”. Ao ouvir tais palavras, o jovem homem parecia prestes a desmaiar.

Chegara a escrever uma carta à pressa ao Senhor Supremo relatando as disparidades encontradas nos registos da feira de serviços mas, posteriormente, hesitara em enviá-la, conjecturando se o seu próprio cansaço não teria transformado em algo sinistro aquilo que não passava de trabalho administrativo descuidado.

Não importava. Logo que regressasse a casa, elaboraria uma carta mais ponderada e redigida com mais desvelo, expressando preocupação e não alarmismo.

Acabara de tomar esta decisão quando a porta se abriu de rompante e o Senhor Jorval entrou na sala.

— Ainda bem que viestes, Senhor Magstrom — disse Jorval, quase sem fôlego. — Não sabia ao certo em quem mais poderia confiar. Mas

quem quer que tenha trabalhado convosco sabe que não poderíeis estar envolvido *nisto*.

— E o que é “isto” exactamente? — perguntou Magstrom, cautelosamente.

Jorval dirigiu-se às prateleiras dos registos e retirou uma pasta volumosa.

Magstrom sentiu um aperto no estômago. Era a pasta haylliana – a mesma que estivera a examinar antes de partir apressadamente de Goth.

Com as mãos trémulas, Jorval folheava os papéis, pousando vários na mesa larga.

— Vede. Existem disparidades nestas listas. — Regressou à pressa às prateleiras, retirou várias pastas e deixou-as cair na mesa. — E não é só nas listas hayllianas. De início, julguei ser um erro administrativo, mas... — Retirando uma folha de uma das pastas, apontou. — Lembrais-vos deste homem? Era completamente desajustado para Kaeleer. *Completamente* desajustado.

— Lembro-me dele — disse Magstrom debilmente. Um homem bruto cujo odor psíquico lhe provocara calafrios. — Foi aceite numa corte?

— Sim — disse Jorval sinistramente. — Nesta.

Magstrom semicerrou os olhos para tentar decifrar os gatafunhos. O nome da Rainha bem como o Território que governava eram quase ilegíveis. O único elemento que conseguia perceber distintamente era que o território estava localizado na Pequena Terreille. — Quem é esta... Hektek?

— Não sei. Não existe nenhuma Rainha chamada Hektek que governe nem que seja uma aldeia na Pequena Terreille. Contudo, foram aceites trinta terreilleanos nesta pretensa corte. *Trinta*.

— Sendo assim, para onde se estão a dirigir estas pessoas?

Jorval hesitou. — Estou convicto de que alguém está a criar um exército em segredo, mesmo debaixo dos nossos narizes, servindo-se da feira de serviços para cobrir os rastos.

Magstrom engoliu em seco. — Sabeis de quem se trata? — perguntou, mais ou menos à espera de que Jorval acusasse o Senhor Supremo – o que seria ridículo.

— Julgo que sim — respondeu Jorval, com um brilho invulgar nos olhos. — Caso se confirmem as minhas suspeitas, as Rainhas de Território de Kaeleer têm de ser avisadas de imediato. Foi por isso que solicitei que viesses. Hoje à noite vou encontrar-me com alguém que alega ter informações sobre as pessoas que faltam nas listas. Queria ser acompanhado por outro membro do Conselho como testemunha, de modo a confirmar aquilo que irá ser dito. Solicitei-vos a vós pois, se *estivermos* em perigo, o Senhor Supremo dar-vos-á ouvidos.

Foi o suficiente para que Magstrom tomasse uma decisão. — Visto que a revelação destas informações envolve algum risco, não devemos deixar essa pessoa à espera.

— Não — respondeu Jorval, num tom de voz esquisito, — não devemos.

Praticamente assim que saíram do edifício, conseguiram um cabriolé disponível. O cabriolé foi envolto num silêncio pesado até que, decorridos uns minutos, parou.

Magstrom saiu, olhou em redor e sentiu um receio pungente. Estavam nos limites dos bairros degradados de Goth e este não era um sítio para os incautos – ou para um idoso.

— Bem sei — apressou-se Jorval a dizer, ao pegar Magstrom pelo braço, conduzindo-o pelas ruas estreitas e sujas. — Parece um sítio improvável para um encontro, mas julgo ser essa a razão que levou a esta escolha. Mesmo que fôssemos reconhecidos, pensariam estar equivocados.

Com a respiração ofegante, Magstrom debateu-se para acompanhar Jorval. Podia sentir os olhos que os observavam das entradas envoltas em sombras – e sentia igualmente o tremeluzir de energia que advinha de quem os observava. As razões que levavam um macho de Jóias escuras a ir parar a um lugar destes eram diversas.

Por fim, entraram discretamente na porta das traseiras de um enorme edifício e subiram as escadas em silêncio. Numa porta do segundo andar, Jorval introduziu uma chave desajeitadamente, para se afastar logo de seguida, cedendo passagem a Magstrom.

A mobília da sala de estar era em segunda mão e estava gasta. A própria divisão parecia não ter sido minimamente limpa há muito tempo. E fedia a deterioração.

— Há algum problema? — perguntou Jorval, num tom de voz estranhamente alegre.

Magstrom dirigiu-se às janelas estreitas. Um pouco de ar poderia ajudar a aliviar o fedor. — É provável que tenha morrido um rato ou uma ratazana no interior das paredes, por isso...

Jorval emitiu um som invulgar – uma risada aguda – no preciso momento em que a porta do quarto se abriu e por ela passou uma silhueta encapuzada.

Magstrom virou-se – e não conseguiu pronunciar uma única palavra.

As articulações dos dedos espreitavam pela pele rachada enquanto as mãos escuras afastavam o capuz.

Magstrom olhou estupefacto para os olhos dourados repletos de ódio

naquele rosto deteriorado e em decomposição. Deu um passo na direcção de Magstrom que, por sua vez, deu um passo à retaguarda. Depois, recuou outro... e outro... até já não restar saída.

Jorval sorriu-lhe. — Julguei que era altura de conhecerdes a Sacerdotisa Suprema.

2 / Kaeleer

— Há algum problema? — Daemon perguntou a Saetan. Olhou de relance para Lucivar, que observava o pai com atenção.

Por fim, Saetan ergueu os olhos do papel que se encontrava em cima da secretária. — Recebi uma carta do Senhor Jorval, informando-me que o Senhor Magstrom foi brutalmente assassinado ontem à noite.

Daemon expirou devagar enquanto Lucivar vociferava. — Estive por breves instantes com Magstrom na feira de serviços. Parecia ser um homem respeitável.

— Era — respondeu Saetan. — E era também o único membro do Conselho das Trevas com o qual Jaenelle se dispunha a falar.

— Como morreu? — perguntou Lucivar sem rodeios.

Saetan hesitou. — Encontraram-no num beco dos bairros degradados de Goth. O corpo estava tão dilacerado que correm conjecturas desgovernadas de que Magstrom foi morto por parentes.

Daemon disse: — Por que razão suspeitariam dos parentes? —, ao mesmo tempo que Lucivar resmoneava: — Foi uma morte absoluta?

— Sim, foi uma morte absoluta — disse Saetan sinistramente, respondendo primeiro à pergunta de Lucivar. — Por isso não há sequer uma ínfima hipótese de Magstrom se tornar fantasma no Reino das Trevas pelo tempo suficiente que permita contar a alguém o que verdadeiramente lhe aconteceu. Existem matilhas feríssimas e *podem* representar um grande perigo, contudo um escudo produzido pela Arte teria protegido Magstrom. Somente uma matilha de parentes ou alguém que usasse Jóias mais escuras do que Magstrom teria a capacidade de lhe esgotar o poder psíquico de forma a concluir a morte.

— E isso é plausível? — perguntou Daemon.

— Se um humano desconhecido entrar num dos Territórios dos parentes, é quase certo. Mas em Goth? Não.

— Assim sendo foi mutilado de modo a ocultar as verdadeiras feridas fatais.

— Assim parece.

— Jorval pretende adiar a cura? — perguntou Lucivar.

Saetan abanou a cabeça. — O encontro continua agendado para o final desta tarde. Está tudo a postos?

Lucivar anuiu. — Saímos na próxima hora.

— O local para onde levas Jaenelle é seguro? — questionou Saetan.

— É uma casa da guarda em Dea al Mon — disse Lucivar. — Chaosti irá acompanhar-nos e os guardas dos Dea al Mon irão providenciar a protecção física adicional. A Gata disse que tinha alguns afazeres em Amdarh por isso é para aí que nos encaminharemos depois, permanecendo por um ou dois dias. Chaosti regressará aqui para apresentar o relatório.

Com algum esforço, Daemon enclausurou o ciúme que o estava a corroer por dentro. Lucivar não tinha motivos para pensar duas vezes e planear a estadia de dois dias com Jaenelle, apesar dos eyrienos que ainda aguardavam ser instalados em Askavi antes que o Inverno chegasse, apesar de ter uma esposa e um filho. Jaenelle não era apenas sua irmã, era também sua Rainha. Não havia sombra de dúvida de que a acompanharia sempre que precisasse dele e fosse para onde fosse.

Afastando esses pensamentos, Daemon concentrou-se no horário. Não tinha tomado muita atenção à viagem de Goth para o Paço, mas devia ter demorado no mínimo duas horas. A viagem para este local secreto em Dea al Mon demoraria ainda mais, com toda a certeza. Se Lucivar contava sair no decorrer da hora seguinte para chegar à casa da guarda, contava chegar com o tempo suficiente para que Jaenelle descansasse e comesse um almoço tardio antes de se dedicar ao que quer que fosse fazer. Somente o tempo suficiente...

O Sádico despertou. Olhou para Saetan e viu as suas próprias suspeitas reflectidas nos olhos do pai. — Quando encontraram o corpo? — perguntou com demasiada afabilidade.

Lucivar pôs-se em sentido para logo praguejar ferozmente.

Saetan devolveu-lhe o olhar por um momento. — Se Jorval tivesse sido informado de imediato, só lhe restaria tempo para escrevinhar uma nota apressada e enviá-la por mensageiro.

— Foi escrita à pressa?

— Não, eu diria que não.

O que significava que Jorval teve conhecimento da morte de Magstrom antes de encontrarem o corpo. E fora Jorval a tratar de tudo para que Jaenelle fosse à Pequena Terreille.

Logo que Daemon e Lucivar se distanciaram do gabinete de Lucivar, Daemon pousou uma mão no ombro de Lucivar, com as longas unhas tingidas a negro a tocarem levemente mas garantindo que o seu irmão estava a prestar atenção. — Farás tudo o que for necessário para mantê-la a salvo e tomar conta dela, não farás?

— Eu protejo-a, Bastardolas. Podes contar com isso. — Depois sorriu de modo indolente e arrogante. — Mas tu é que vais tomar conta dela. Não tens sequer uma hora para fazer as malas, meu velho. Conta também com dois dias em Amdarh.

Daemon olhou atónito para Lucivar para depois recuar e enfiar as mãos nos bolsos das calças. — Não se sente à vontade comigo, Bastardinho. — Não conseguira admitir nem sequer a Lucivar como Jaenelle tinha praticamente fugido dos seus próprios aposentos para se afastar dele, depois de ter passado a noite com ela. — A minha presença só a iria angustiar.

— És o seu Consorte — disse Lucivar com brusquidão. — Impõe-te.

— Mas...

— Não irá dar atenção a nenhum de nós antes deste encontro e estarei contigo quando fores a Amdarh. Enquanto Jaenelle estiver ocupada a amaldiçoar-me por andar sempre a tropeçar em mim, não terá tempo de se sentir nervosa pela *tua* presença. — Lucivar calou outro protesto, ainda que débil. — Quero que estejas na casa da guarda, Daemon.

Compreendeu, por fim. Lucivar não o queria presente por ser o Consorte mas por ser o Sádico.

Daemon acenou afirmativamente com a cabeça. — Estarei pronto quando tu estiveres.

3 / Kaeleer

Reparando no pesar reprimido nos olhos de Jaenelle, Lucivar não precisou de perguntar se fora informada sobre a morte do Senhor Magstrom. Sentiu-se tentado a perguntar se queria adiar o encontro, mas não o fez. Havia algo mais naquele olhar que lhe dizia que iria levar a cabo este encontro, por razões pessoais.

Fitou o grande estojo achatado junto à mala de viagem de Jaenelle. Tinha vários estojos desse género, de tamanhos diferentes, que continham as estruturas em madeira que usava para tecer as diversas teias.

— Estás a pensar que vais tecer uma teia medicinal daquele tamanho? — perguntou.

— Não é para a teia medicinal; é para a sombra.

Voltou a contemplar o estojo. Uma “sombra” era uma ilusão elaborada que podia enganar o olhar, levando a acreditar na presença real de uma pessoa. Jaenelle tinha a capacidade de criar uma sombra tão realista que a única diferença entre essa sombra e o seu próprio corpo era que, enquanto a sombra conseguia apanhar ou tocar em qualquer objecto, *não era* possível tocar-lhe. Produzira esse tipo de sombra há oito anos, quando iniciara a

demanda por Daemon, de modo a trazê-lo do Reino Distorcido e Lucivar tinha ainda bem presente as consequências físicas nefastas que tal acto acarretara.

— Sentes-te com forças suficientes para canalizar toda essa energia pelo teu corpo para que a sombra seja capaz de realizar uma cura abrangente?

— Não será necessária uma cura assim tão profunda — respondeu Jaenelle calmamente.

Não fora essa a impressão com que ficara, nem Saetan, pelas cartas prementes de Jorval, mas sabia que era melhor manter-se em silêncio. Ter estado ao serviço de Jaenelle durante os últimos anos, ensinara-o a saber as alturas certas de transigir.

Jaenelle fez desaparecer o estojo e a mala de viagem e pegou numa capa negra comprida e com capuz. — Vamos?

4 / Kaeleer

Kartane SaDiablo caminhava agitadamente de um lado para o outro na sala de estar dos seus aposentos.

A cabra estava atrasada. Se estivesse na sua casa, a cabra não se atreveria a deixar o filho de Dorothea à espera. Fogo do Inferno, quase que se sentia satisfeito por estar prestes a regressar a Hayll.

Enervando-se ao ponto de se sentir ofensivamente ultrajado, quase não se deu conta da leve batida à porta. Tentou dominar-se. Precisava desta cabra que, Jorval assegurara, era a melhor Curandeira de Kaeleer. Se fosse grosseiro, nada, nem ninguém a impediria de sair porta fora.

Caminhou até às janelas e olhou para a rua. Não havia razão para que soubesse que a aguardava ansiosamente, não havia razão para lhe conceder essa pequena dose de poder sobre ele. — Entrai — disse quando voltaram a bater à porta.

Não ouviu a porta abrir, mas quando se virou, viu uma figura envolta numa capa negra e com capuz.

De início, julgou tratar-se daquela feiticeira a que Dorothea chamava de Sacerdotisa Suprema, contudo, no odor psíquico da Sacerdotisa Suprema sentia-se uma certa viscosidade ao passo que este odor...

Kartane franziu o sobrolho. Não conseguia detectar qualquer odor psíquico. — Sois a Curandeira? — perguntou de modo duvidoso.

— Sou.

Kartane sentiu calafrios ao ouvir aquela voz da meia-noite. Tentando ignorar o desconforto, começou a desabotoar a camisa. — Julgo que pretendeis examinar-me.

— Não será necessário. Sei o que se passa convosco.

Os dedos imobilizaram-se no botão. — Já vistes esta enfermidade anteriormente?

— Não.

— Mas sabeis do que se trata?

— Sim.

Irritado com as respostas sucintas, pôs de parte os esforços de civismo.

— Então o que raio é isto, em nome do Inferno?

— Chama-se Briarwood — respondeu a voz da meia-noite.

Kartane ficou sem pinga de sangue na cabeça, sentindo tonturas.

— Briarwood é o veneno embelezado — prosseguiu a voz ao mesmo tempo que as mãos de pele clara afastavam o capuz. — Não há cura para Briarwood.

Kartane fitou-a boquiaberto. A última vez que a vira, treze anos atrás, assemelhava-se mais a uma marioneta sedada do que a uma criança — um brinquete fechado num dos cubículos de Briarwood, à espera de ser utilizado. Porém, jamais olvidara aqueles olhos azul-safira ou o terror que sentira ao tentar tocar-lhe a mente.

— Tu. — A palavra foi proferida como pouco mais do que uma exalação. — Julguei que Greer te tinha destruído.

— Tentou.

Foi então que se apercebeu. Apontou um dedo acusador. — Foste tu que me fizeste isto. Foste *tu*!

— Sim, fui eu que criei a teia entrelaçada. Quanto ao que te aconteceu, Kartane, foste tu próprio a infligi-lo.

— Não!

— Sim. Cada um receberá aquilo que infligiu. Foi a única instrução que teci na teia.

— Visto que foste tu a provocar isto, podes perfeitamente desfazê-lo!

Abanou a cabeça. — Muitas das crianças que constituíam os fios da teia entrelaçada regressaram às Trevas. Mesmo para mim, são inatingíveis e não existe forma de desfazer a teia sem elas.

— Mentos — gritou Kartane. — Se te puser nas mãos bastante ouro, depressa encontrarás uma forma.

— Não existe cura para Briarwood. Mas *existe* uma forma de acabar com isto, se te serve de consolo. A cada um o que infligiu.

— O QUE SIGNIFICA ISSO?

— Cada murro, cada ferida, cada violação, cada momento de terror que alguma vez infligiste a outrem regressará a ti. Estás a recuperar aquilo que ofereciste, Kartane. Quando estiver tudo recuperado, a dívida ficará

saldada e a teia irá libertar-te tal como o fez com os outros machos que se deleitaram em Briarwood.

— Estão todos mortos, cabra estúpida! Sou o único que resta. Ninguém sobreviveu a esta tua teia.

— A teia apenas definiu as condições. Se nenhum dos outros sobreviveu... Quantas das crianças que foram enviadas para Briarwood viveram para além de todos vós?

— Visto que não vieste aqui para me curar, porque te *deste* ao trabalho de vir? Só para te regozijares?

— Não. Vim representar as que já partiram.

Kartane observou-a e, de seguida, abanou a cabeça. — Podes acabar com isto.

— Já te disse, não posso.

— Podes acabar com isto. Podes acabar com o sofrimento. Raios me partam se não vais fazê-lo!

Com um uivo de raiva, Kartane lançou-se sobre Jaenelle – e atravessou-a. Bateu contra a porta, incapaz de se deter.

Quando se voltou, a sala estava vazia.

5 / Kaeleer

Daemon aproximou-se cautelosamente de Jaenelle, relutante em perturbar a sua solidão e sem saber o que pensar da invulgar mescla de tristeza e de satisfação no rosto da mulher. A solidão era ilusória, obviamente. Ao sair do seu quarto na casa da guarda, indo sentar-se junto ao riacho, foi seguida por Lucivar, Chaosti e meia dúzia de guardas Dea al Mon que desapareceram agilmente na floresta. Não conseguia ver nenhum mas sabia que estavam próximos, a observar e a escutar.

— Toma — disse baixinho, oferecendo-lhe uma caneca. — É um simples chá de ervas. Nada de mais. — Quando Jaenelle agradeceu, enfiou as mãos nos bolsos das calças, constrangido. — Está tudo bem?

Jaenelle hesitou. — Fiz o que tinha vindo fazer. — Bebeu um gole de chá, examinou o interior da caneca e olhou para Daemon. — É de quê?

— Um pouco disto e daquilo.

— Um-um.

Se aquele tom duvidoso tivesse provindo de outra mulher, ter-se-ia sentido insultado. Mas a concentração – e o vestígio de frustração – nos seus olhos ao beber mais um pouco indicava que a sua dúvida era causada principalmente pelo seu desdenhoso “nada de mais” do que pela própria infusão.

Fitou-o de modo especulativo. — Estarás disposto a trocar a receita desta infusão por uma das minhas?

Visto que a apreciava tanto, sentiu-se tentado a recusar para que fosse o único a saber fazê-la para ela, mas rapidamente se apercebeu de que o tempo passado com Jaenelle a uma mesa repleta de ervas seria muito mais proveitoso.

Daemon sorriu. — Sei fazer algumas infusões que deves achar interessantes.

Jaenelle devolveu o sorriso, para logo esvaziar a caneca e pôr-se de pé. — Gostava de partir logo que possível para Amdarh — disse, ao caminharem de regresso à casa da guarda. — Assim, poderemos instalar-nos ainda esta noite.

Apesar dos avisos convictos de Lucivar e de Chaosti, Daemon teve de morder a língua para não lhe sugerir que comesse algo antes de partir. Informaram-no de que a resistência às tentativas de comer alguma coisa seria proporcionalmente directa ao estado de espírito depois de voltar daquele encontro. Necessitara unicamente de um olhar de relance ao seu rosto quando saiu do quarto para saber que qualquer sugestão teria sido inútil.

— Creio que irás gostar de Amdarh — disse Jaenelle. — É uma linda... — Parou de caminhar e farejou o ar. — Será guisado?

— Julgo que sim — respondeu Daemon afavelmente. — Lucivar e Chaosti preparam-no. Deve estar quase pronto.

— Fizeram guisado silvestre?

— Julgo ser esse o nome.

Jaenelle mirou-o. — Deves estar com fome.

Mesmo que nunca tivesse entendido uma indirecta na sua vida, não era possível deixar esta passar. — Na verdade, estou. Achas que podemos partir para Amdarh depois de jantar?

Jaenelle virou a cabeça, mas Daemon conseguiu vê-la a lamber os lábios. — Não demoraria muito a comer uma tigela de guisado. Ou duas — acrescentou ao apressar-se para a casa da guarda.

Daemon alargou o passo para a acompanhar e magicou até que ponto os machos iriam disputar o seu quinhão.

6 / Kaeleer

Kartane irrompeu na sala de jantar de Jorval. — Aquela cabra está viva? — questionou.

Jorval correu na sua direcção enquanto um homem que Kartane nunca vira continuou sentado à mesa, limitando-se a olhar fixamente.

— Senhor Kartane — disse Jorval, ansioso. — Se soubesse que o tratamento seria tão rápido, teríamos aguardado...

— Maldito sejais, respondi à pergunta! Está viva?

— A Senhora Angelline? Sim, claro que está viva. Porque perguntais? Não compareceu?

— Compareceu — resmoneou Kartane.

— Não compreendo — disse Jorval, quase em guisa de lamentação. — É a melhor Curandeira do Reino. Se ela...

— FOI ELA QUE ME FEZ ISTO!

O olhar chocado de Jorval foi celeremente substituído por um olhar matreiro. — Compreendo. Juntai-vos a nós, por favor. Vejo que passastes uma tarde perturbadora. Porventura alguma comida e companhia possam fazer-vos sentir melhor.

— Nada me fará sentir melhor até aquela cabra ser dominada — ripostou Kartane, aceitando sentar-se à mesa e enchendo de imediato um copo de vinho. Olhou furiosamente para o outro homem, que continuava a fitá-lo.

— Senhor Kartane — disse Jorval de modo adulator, — apresento-vos o Senhor Hobart. Também ele tem razões para querer ver Jaenelle Angelline subjugada.

— E não só Jaenelle Angelline — resmungou Hobart.

— Oh? — exclamou Kartane, afastando a raiva à medida que aguçava o interesse em Hobart.

— O Senhor Hobart controlou o Território de Glacia durante vários anos — disse Jorval. — Quando a sobrinha se tornou a Rainha do Território...

— A galdéria ingrata EXILOU-ME! — gritou Hobart.

— E pretendeis recuperar o controlo — disse Kartane, começando a perder o interesse.

Ao que Jorval acrescentou: — A Senhora Karla é amiga íntima de Jaenelle.

Kartane escolheu comida ao acaso dos pratos que lhe eram apresentados, ao mesmo tempo que digeriria aquela informação. Não havia nada mais prazenteiro neste momento do que magoar uma amiga íntima daquela cabra. — Talvez possa ajudar. A minha mãe é a Sacerdotisa Suprema de Hayll.

Hobart ficou bastante impressionado mas igualmente apreensivo. Pigarreou. — É uma oferta generosa, Senhor Kartane. Uma oferta bastante generosa, mas...

— Mas já estais a ser auxiliado pela Sacerdotisa das Trevas — conjecturou Kartane. Ao ver Hobart empalidecer, cruzou dois dedos e levantou-

-os. — Talvez não tenhais conhecimento de que a minha mãe e a Sacerdotisa Suprema são assim.

Hobart engoliu em seco. Jorval limitou-se a beber o seu vinho e a observá-los com olhos obscuros, repletos de aprazimento matreiro.

— Compreendo — disse Hobart, por fim. — Nesse caso, a vossa ajuda é muito bem-vinda.

CAPÍTULO NOVE

1 / Kaeleer

Andulvar instalou-se numa cadeira à frente da secretária em madeira escura de Saetan. — A Karla diz que estiveste aqui enfiado a amuar nas últimas duas horas, desde que recebeste uma mensagem da Senhora Zhara.

Saetan olhou para o amigo de longa data com o olhar mais gélido que conseguiu. — Não. Estou. A. Amuar.

— Tudo bem. — Andulvar aguardou. — Sendo assim, o que *estás* a fazer?

Saetan recostou-se na cadeira. — Responde a isto: se quisesse fugir de casa, haveria algum sítio nos Reinos para onde pudesse ir e não ser encontrado?

Andulvar coçou o queixo. — Bem, se te quisesse esconder das Rainhas de Dhemlan ou da assembleia, existem bastantes lugares onde poderias ocultar-te. Se quisesse esconder-te da tua prole masculina, existem alguns sítios no Reino das Trevas que até Mephis demoraria a lembrar-se. Mas se fosse *Jaenelle* a procurar-te...

— E é precisamente por isso que ainda estou aqui sentado. — Saetan massajou a testa e suspirou. — Zhara convocou-me a Amdarh para tratar de um problema.

Andulvar franziu o sobrolho. — Lucivar está em Amdarh, não está? Se Zhara precisa de ajuda de um macho mais poderoso do que aqueles que servem na sua corte, por que não lhe pediu a ele?

Saetan semicerrou os olhos dourados e deixou que as palavras atingissem Andulvar como pedras atiradas com precisão. — Lucivar está em Amdarh com *Jaenelle*.

O silêncio ficou tão pesado como uma cortina de ferro.

— Ah — disse Andulvar, por fim. — Bem, Daemon...

— Está em Amdarh com Lucivar e *Jaenelle*.

— Mãe Noite — murmurou Andulvar entre dentes, para logo

acrescentar circunspectamente: — Quais foram as palavras de Zhara?
Saetan pegou no papel com a mensagem e leu com uma voz lúgubre:
— Os vossos filhos estão a divertir-se imenso. Vinde buscá-los.

2 / Kaeleer

Daemon apoiou a cabeça nas mãos e fechou os olhos.

— Mãe Noite — exclamou Lucivar, articulando as palavras espaçadamente.

— Nunca estive tão embriagado — gemeu Daemon baixinho.

Lucivar olhou-o espantado, com os olhos raiados de sangue. — É claro que já estiveste.

— Talvez umas duas vezes naquela estúpida fase de adolescente, mas nunca desde que uso a Negra. O meu corpo consome o álcool tão depressa que não consigo embriagar-me.

— Mas não desta vez — disse Lucivar, acrescentando depois de uma longa e possivelmente meditativa, pausa: — Eu já estive assim tão embriagado.

— De verdade? Quando?

— Da última vez que fui correr as capelinhas com Jaenelle. Grande erro. Devia ter-me lembrado. E assim teria acontecido se estivesse sóbrio quando me lembrei *efectivamente*.

Depois de um minuto de árduo esforço, Daemon desistiu de tentar decifrar esse comentário e encontrou algo mais em que pensar. — Nunca fui expulso de uma cidade.

— É claro que já foste — disse Lucivar tão ruidosamente que ambos gemeram.

Daemon abanou a cabeça, apercebendo-se desse erro um pouco tarde demais. Mesmo quando conseguiu parar, a divisão continuava a balançar para a frente e para trás, e o que restava do cérebro chapinhava ruidosamente no interior do seu crânio. Engoliu com cuidado. — Fui expulso de cortes e proibiam-me de regressar à cidade por ser o território da Rainha, mas isso é diferente.

— Tá tudo bem — disse Lucivar. — Dentro de algumas semanas, Zhara receber-te-á de braços abertos.

— Não me pareceu insensata. Por que razão faria tal coisa?

— Porque nós representamos uma influência moderadora em Jaenelle.

— Ai sim?

Ficaram a olhar um para o outro até a porta da sala de jantar se abrir.

Daemon apoiou-se, com a certeza absoluta de que o ruído da porta a bater o iria matar.

— Mãe Noite — disse Surreal, reprimindo o riso. — São patéticos.

— São, não são? — Na resposta de Saetan não estava presente qualquer indício de riso.

Os passos suaves que se aproximavam da mesa faziam a sala vibrar.

— Não gritem, por favor — choramingou Daemon.

— Tal não me passaria pela cabeça — respondeu Saetan num tom de voz que, não obstante, fez retinir os ossos de Daemon. — Não faria sentido gritar. Ficariam estatelados no chão, inconscientes, após a primeira palavra. Por isso, guardarei o sermão para quando estiverem sóbrios de modo a entenderem, pois é minha intenção fazê-lo num volume bastante elevado. A única questão que quero ver respondida neste momento é saber que porcaria enfiaram pela garganta abaixo para vos deixar neste estado?

— Coveiros — balbuciou Lucivar.

— Quantos? — perguntou Saetan com um ar ameaçador.

Lucivar respirou fundo um par de vezes. — Não tenho bem a certeza. Ficou tudo um bocado vago depois do sétimo.

— Depois do... — Uma longa pausa. — Conseguem andar até aos vossos quartos?

— Claro que sim — disse Lucivar. Foram necessárias umas quantas tentativas mas conseguiu pôr-se de pé.

Não querendo ser superado, Daemon também se levantou — arrependendo-se de imediato.

— Leva Lucivar — disse Saetan a Surreal. — Parece conseguir equilibrar-se melhor.

— Isso é porque não acabei as bebidas — Lucivar apontou para Daemon, inclinou-se para um lado e quase esmagava Surreal contra a mesa. — É por isso que *estás* tão bêbedo. Eu *avisei-te* para não as beberes até ao fim.

Daemon tentou produzir um ruído grosseiro, acabando por atingir Saetan com uma cuspidela.

Sem mais comentários, foi arrastado para fora da sala e para uma escadaria terrivelmente a pique. Ao chegar junto à cama, tentou deitar-se mas foi puxado para cima e despido ao mesmo tempo que a ira do seu pai fazia o quarto pulsar.

— Precisas de uma bacia? — perguntou Saetan, sem compaixão de qualquer espécie.

— Não — respondeu Daemon com humildade.

Por fim, conseguiu deitar-se. A última recordação que lhe ficou foi a mão de Saetan a afastar-lhe o cabelo numa carícia meiga.

Surreal fechou a porta do quarto de Lucivar no momento exacto em que Saetan saía do quarto de Daemon.

— Agradeço o teu auxílio — disse Saetan quando se encontraram ao cimo das escadas.

Surreal sorriu de orelha a orelha. — Não perderia isto por nada.

Começaram a descer as escadas. — Conseguiu deitar Lucivar?

— Fartou-se de rosar e não parava de me dizer para lhe tirar as mãos de cima pois é um homem casado. Não se queria despir mas eu salientei que, sendo casado, deveria saber que não devia tentar ir para a cama com botas naquele estado. Enquanto nos debatíamos com as botas, reflectimos no modo como aquele pequeno peixe foi parar entre os atacadores.

Saetan parou no final da escadaria. — E *como* é que foi parar entre os atacadores?

— Não tem ideia. Por isso, fiz um funeral condigno ao peixe, no mar, por assim dizer, consegui convencer Lucivar que despir-se da cintura para cima não era indecoroso visto que sou da família e deixei o que restava dele cair na cama. — Surreal olhou em redor.

— Dizei-me, não ides aconchegar Jaenelle?

— Neste momento — disse Saetan, friamente, — Jaenelle está na cozinha, a aconchegar-se a um fausto pequeno-almoço.

— Oh, bolas! — disse Surreal, rindo-se à gargalhada.

3 / Kaeleer

Karla retirou o anel do estojo e colocou-o no segundo dedo da mão direita. Era um anel simples em ouro amarelo e branco, com uma pequena safira oval. De bom gosto, embora não chamasse a atenção, era feminino o bastante para que alguém não magicasse sobre o facto de uma mulher o usar. Um anel prático, em oposição a um anel vistoso. — É perfeito.

— Tinha pedido a Banard que fizesse esse em primeiro lugar — disse Jaenelle, — mas acabou por fazer todos os anéis da assembleia dada a simplicidade. — Fez uma pausa, para logo acrescentar: — Também encomendei anéis para Surreal e Wilhelmina. Estão prontos na semana que vem.

Karla acenou com a cabeça ao examinar o anel. — Como faço para activar o escudo no seu interior?

— Poderias activá-lo deliberadamente pela Jóia Cinzenta. Mas está afinado da mesma forma que os Anéis de Honra dos rapazolas e reagirá ao medo, à raiva e à dor causada por um ferimento grave. Está definido para emoções de grande intensidade pois quando é activado, quem quer que

esteja ao alcance e que use um Anel ligado a este irá agir como se fosse um chamamento de guerra. E é isso que é.

— Qual é o alcance? — perguntou Karla. — Se for activado, Morton poderá sentir ainda que não se encontre na mesma cidade?

Jaenelle olhou-a de modo estranho. — Karla, se alguma coisa despertar o escudo desse anel, não terás apenas Morton a bater-te à porta, aparecerão Sceron, Jonah, Kaelas, Mistral e Khary – bem como as nossas Irmãs dessa zona do Reino.

— Mãe Noite! — Karla franziu o sobrolho para o anel. — Mas... pelo que sei, os rapazolas já usaram este escudo ocasionalmente e os outros não se passaram.

— Não creio que responderiam a um sinal proveniente de um anel usado por uma Rainha da mesma forma que reagiriam a um sinal de outro Irmão da corte — disse Jaenelle, com frieza. — Além disso, nesta altura, os machos já estão todos em sintonia uns com os outros. Sabem quando devem permanecer alerta, aguardando outro sinal e quando devem largar tudo e correr a toda a velocidade ao encontro de quem se encontre em sarilhos.

— Achas que não irão aguardar?

— Nem pensar.

Karla suspirou. Era um pouco mais de atenção masculina do que antecipara e agradecia a advertência.

— Agora vou ligá-lo à tua Jóia Cinzenta — disse Jaenelle, estendendo a mão direita.

— Os rapazolas não irão detectar isso? — perguntou Karla, pousando a sua mão direita na de Jaenelle.

— Vão e demorarão menos de dois minutos a perceberem que alguém na assembleia está a usar um anel ao qual se podem agora ligar.

Bem, quantos mais, melhor, pensou Karla. Com todos a usarmos um anel destes...

— E demorarão cerca de um minuto a perceberem a sensação distintiva deste anel específico e a reconhecê-lo como sendo teu.

— Fogo do Inferno.

O sorriso de Jaenelle era compreensivo, mas divertido. — Espera até Lucivar aparecer pela primeira vez. É uma experiência e tanto.

— Tenho a certeza que sim — balbuciou Karla.

Decorridos alguns instantes, sentiu um rasgo de frio seguido por um rasgo de calor. O anel pulsava no seu dedo. As sensações dissiparam-se mas Karla podia sentir o profundo reservatório de poder que aguardava inacessível.

— Também tens que ter em conta que, quando o escudo é activado, as

únicas pessoas que te poderão tocar se necessitares fisicamente de ajuda são todos os restantes membros do Primeiro Círculo — informou Jaenelle.

Karla anuiu. — Nesse caso, é melhor usá-lo permanentemente. Não quero que alguém o enfie e que tenha esse tipo de protecção.

— Mais ninguém poderá usar este anel. Foi concebido para ti. Se outrem tentar activar o escudo, os resultados serão... desagradáveis.

— Compreendo. — Não pediu que Jaenelle definisse “desagradável”.

Jaenelle observou Karla por um momento. — Faz bom uso dele, Irmã.

— Agradeço-te. Assim farei.

— Vou levar os anéis à assembleia. — Jaenelle pegou na mala que continha os outros estojos com os anéis, para logo hesitar. — Tens mesmo de ir-te embora amanhã? — perguntou num tom ligeiramente lamentoso.

— O dever chama-me — disse Karla, sorrindo. Aguardou até Jaenelle sair antes de acrescentar: — E o Tio Saetan deixou bem claro que não aceitaria nenhuma desculpa para aqui permanecer.

Todas as Rainhas estavam a regressar aos seus Territórios natais. Bem como os machos do Primeiro Círculo. Lucivar ia levar a família e os outros eyrienos para Ebon Rih. Surreal e Wilhelmina acompanhá-lo-iam. Andulvar e Prothvar já estavam a caminho de Askavi e Mephis partira para a sua casa de cidade em Amdarh.

Compreendia o motivo que levava Saetan a estar a evacuar o Paço. Todos compreendiam. Até amanhã à tarde, todos os amigos que Jaenelle vinha a usar como protecção teriam partido. As únicas companhias humanas seriam o Senhor Supremo que, Karla estava certa, pouco se deixaria ver, e Daemon. O Consorte teria caminho livre para cortejar a sua Senhora.

— Que as Trevas nos ajudem — murmurou Karla entre dentes, ao caminhar a passos largos até à porta, abrindo-a de par em par. Ficou parada na soleira da porta, pasmada.

Lucivar, Aaron, Chaosti, Khardeen e Morton sorriam.

— Bom, bom, bom — trauteou Lucivar. — Olhem só quem encontramos.

Tentando devolver o sorriso, Karla disse debilmente: — Beijinho, beijinho —, e esperou sinceramente que Jaenelle não demorasse muito a activar os outros anéis.

CAPÍTULO DEZ

1 / Kaeleer

Depois de duas semanas em Ebon Rih, Surreal regressou ao Paço, olhou para Daemon de passagem e foi à caça de Jaenelle.

Detectou-a, por fim – na verdade, foi o Colmilho Cinzento que detectou Ladvarian, que se encontrava com Jaenelle –, numa área do Paço tão afastada dos aposentos da família que praticamente garantia que ninguém se lembraria de a procurar nesse local.

Jaenelle saiu de uma divisão e reparou em Surreal a dirigir-se a si a passos largos pelo corredor. O seu rosto iluminou-se de alegria. — Surreal! Não esperava que regressasses tão...

Surreal agarrou Jaenelle pelo braço, arrastando a mulher mais jovem de novo para a divisão de onde tinha saído. — Conversa de mulheres — resmoneou ao Colmilho Cinzento e a Ladvarian. — Vão regar uns arbustos. — E fechou a porta nos dois focinhos surpreendidos e peludos.

— Surreal — disse Jaenelle, libertando-se das mãos que a agarravam firmemente, — aconteceu alguma coisa em...

— Em nome do Inferno, o que raio estás a fazer? — gritou Surreal.

Jaenelle ficou com um ar desconfiado e desconcertado. — Estava a ler.

— Não me estou a referir ao que estavas a fazer há cinco minutos. Estou a falar de Daemon. Porque lhe estás a fazer isto?

Jaenelle retraiu-se e disse defensivamente: — Não lhe estou a fazer nada.

— É exactamente essa a questão. Caramba, Jaenelle, é o teu *Consorte*. Porque *não* o estás a usar?

Num segundo, testemunhou a mudança de uma jovem mulher à defesa numa Rainha irritada.

— Já foi muito usado, não achas? — disse Jaenelle calmamente, com a voz da meia-noite. — E *não* serei a seguinte numa lista infindável de mulheres que o forçaram a uma intimidade física.

— Mas... — Surreal recuou um passo mental. Não tinha sido esta a razão que esperara ouvir como justificação para a resistência de Jaenelle — e tinha a certeza que Daemon não fazia ideia que era por isto que não lhe estava a ser permitida a entrada no quarto dela. *Ah, docinho*, pensou com mágoa. *Deste os passos errados pelas razões certas*. — Era diferente. Nessa altura era um escravo de prazer, não era Consorte.

— Será que a diferença é assim tão grande, Surreal?

Lembra-te com quem estás a falar. Lembra-te do que deve ter presenciado em Briarwood — e que tipo de conclusões terá retirado uma rapariga de doze anos que conhecia esse lado do sexo, sobre o tempo que Daemon passou como escravo do sexo.

— Os rapazolas que são Consortes não parecem importar-se de realizar os seus deveres. De facto, bem pelo contrário.

— Nunca foram escravos do sexo. Nunca foram forçados. Tudo bem, é verdade que, por vezes, é pedido ao Consorte mais do que lhe apetece naquele momento, mas quando um homem aceita o anel de Consorte, aceita esse tipo de serviço de bom grado e por sua própria opção.

— Daemon fez essa opção — salientou Surreal serenamente. — Não é que queira o estatuto de Consorte e que esteja disposto a aturar os deveres que daí advêm, mas por desejar ser teu amante. — Observou Jaenelle. — Gostas dele, não gostas?

— Amo-o.

Surreal auscultou um vasto rio de sentimentos naquela singela expressão.

— Além disso — disse Jaenelle, voltando a ser uma jovem mulher nervosa, — nem sei bem se ele quer fazer... *aquilo*. Nem sequer tentou beijar-me — acrescentou com tristeza.

Surreal prendeu o cabelo atrás das orelhas pontiagudas. Porra, porra, porra. Como é que o chão se tinha tornado tão pantanoso de repente? — Se bem compreendo as regras pelas quais um Consorte se deve reger, não é a Rainha que deve iniciar o primeiro beijo para que o Consorte saiba que as suas atenções serão acolhidas com agrado?

— É — respondeu Jaenelle, com relutância.

— Mas também não o beijaste?

Jaenelle resmoneou, frustrada, começando a andar de um lado para o outro. — Já não tenho doze anos.

Surreal pôs as mãos nas ancas. — Docinho, parece-me que isso é bom.

Jaenelle ergueu os braços e gritou: — Não percebes? Não sei como é que se fazem estas coisas!

Surreal limitou-se a olhar boquiaberta. — Nunca foste beijada? Beijos da família e dos amigos não contam — corrigiu rapidamente.

O rosto de Jaenelle foi invadido por um ar de repugnância. — Dentes, línguas e baba.

— Lobos e cães também não contam.

Jaenelle deu uma curta gargalhada irritada e disse com frieza: — Não me estava a referir aos parentes.

Merda. — Nunca houve *um* beijo de que gostasses?

Jaenelle hesitou. — Bem, Daemon beijou-me uma vez.

— Ora, aí tens...

— Tinha doze anos.

Surreal indignou-se automaticamente face à ideia de um homem adulto a beijar uma criança, mas ponderou no homem por um instante. Há beijos e *beijos*. E Daemon saberia exactamente como beijar uma miúda sem passar os limites – especialmente tratando-se de Jaenelle. — Beijou-te quando tinhas doze anos — disse, cautelosa.

Jaenelle encolheu os ombros e pareceu incomodada. — Foi no Winsol, antes de... tudo ter acontecido. Oferecera-me uma pulseira em prata e eu julguei que um beijo era uma forma mais adulta de agradecer.

— Certo — disse Surreal, acenando com a cabeça. — E então beijaste-o e ele beijou-te.

— Sim.

— E não se babou?

Os lábios de Jaenelle estremeceram. — Não, não se babou.

— Sendo assim, por que é que não o podes beijar agora?

— Porque já não tenho doze anos! — gritou Jaenelle.

— E o que é que isso tem a ver para o caso? — gritou também Surreal.

— Não quero que se ria de mim!

— Duvido que o riso fosse a sua primeira reacção. Para ser sincera, acho que nem sequer lhe ocorreria. — Surreal fez uma pausa. *Fogo do Inferno, isto é tão difícil como falar com uma adolescente.*

Deixou que esse pensamento assentasse. Se pusesse a idade de lado e considerasse unicamente a experiência, *não estaria* a falar com uma adolescente? Tinha de haver uma chave que pudesse girar, alguma forma de fazer parecer que Daemon precisava desesperadamente de ajuda. Se assim fosse, Jaenelle...

— Sabes, docinho, Daemon está tão nervoso como tu.

— Porque estaria nervoso? — perguntou Jaenelle, circunspectamente.

— *Sabe* beijar e é...

— Virgem.

Jaenelle ficou de queixo caído. — Mas... mas ele é...

— Virgem. É certo que sabe umas coisas sobre beijar, mas há muitas outras coisas que só conhece em teoria.

— Mas... Surreal, *não pode* ser.

— Acredita em mim, é.

— Oh.

— Percebes então porque estás nervoso — disse Surreal, sentindo-se também ligeiramente enervada. Se Daemon chegasse a descobrir que tinham tido esta conversazita, era natural que acabasse como ingrediente principal no guisado de um animal carnívoro. — Sinceramente, docinho, quando chegar o momento decisivo, tudo o que tens a fazer é estares deitadinha. Mas se *ele* estiver nervoso quanto à sua capacidade de um bom desempenho... — Levantando o cotovelo, Surreal esticou a mão e os dedos, para logo os deixar descair.

Jaenelle examinou a mão que pendia durante tanto tempo que Surreal começou a transpirar, para depois exclamar: — Oh. — Arregalou os olhos. — Oooh. — Abanou a cabeça. — Não, isso não sucederia a Daemon.

A confiança ingénua nas capacidades de Daemon era tocante. Assustadora, embora tocante. E não ia apresentá-la à realidade.

— Vamos sentar-nos — disse Surreal, dirigindo-se a um sofá. — Trinta minutos devem chegar, mas é melhor estarmos confortáveis.

— Chegar para quê? — disse Jaenelle, sentando-se na extremidade oposta do sofá.

— Vou explicar-te as bases da técnica de beijar. — Havia um ténue sarcasmo no sorriso de Surreal. — Concordas que sei algumas coisas sobre o assunto?

— Claro — respondeu Jaenelle, cautelosamente.

— E nunca te passou pela cabeça perguntar-me durante o mês que permaneci em Kaeleer? — E *isso* amargurava-a.

— Pensei nisso — murmurou Jaenelle entre dentes. — Não me pareceu correcto.

Oh, Mãe Noite. Bem, *isso* explicava o olhar vidrado que reparara algumas vezes nos olhos do Senhor Supremo. Quantas seriam as noites que passara no seu gabinete completamente desorientado pela maneira de agir com uma Rainha com todo este poder mas que se preocupava em ser educada?

— Agradeço a tua preocupação, mas visto pertencermos à mesma família, não me sentiria ofendida com umas conversas de mulheres.

Os olhos de Jaenelle indicavam cogitação. Surreal quase conseguia ver as perguntas a amontoarem-se.

— Por hoje, concentremo-nos nas técnicas básicas de beijar.

— Devo tomar notas? — perguntou Jaenelle seriamente.

— Não — respondeu Surreal com lentidão, — mas julgo que deves tentar praticar logo que possível.

Surreal fechou a porta suavemente e apressou-se pelo corredor. Não

estava certa se aquele olhar de concentração intensa no rosto de Jaenelle augurava algo de bom para o homem que fosse receber aquela atenção, mas tinha feito o melhor possível. Outras instruções teriam de vir de Daemon – e boa sorte para ele. Para uma mulher que crescera rodeada por alguns dos machos mais sensuais que Surreal jamais encontrara, Jaenelle era aterradoramente fechada ao sexo. Possivelmente com a chegada de Daemon, a sua sexualidade tivesse despertado, mas era de esperar que tivesse apanhado *algumas* pistas.

Como é que, em nome do Inferno, dois amantes inexperientes conseguiam compreender o funcionamento das coisas?, perguntava-se Surreal. O que a levou a pensar em tudo o que poderia correr mal logo que Daemon e Jaenelle fossem para além dos beijos.

O que a levou a pensar que talvez fosse melhor informar o Senhor Supremo acerca desta conversa. Talvez fosse melhor. Por via das dúvidas.

Ao virar num dos corredores, quase esbarrou contra a última pessoa que desejava ver neste momento.

— Qual é o problema? — perguntou Daemon.

— Problema? — disse Surreal, dando um passo à retaguarda. — E porque razão tem de haver um problema?

— Estás pálida.

Oh, merda. — Hum. — Talvez devesse contar a *Daemon* acerca daquela conversa, para o deixar de sobreaviso. *Daemon, tive uma conversazita com Jaenelle acerca de sexo. Julgo que irás apreciar os resultados.*

Talvez não.

— Surreal? — chamou Daemon, denotando um ligeiro nervosismo na voz.

Surreal respirou fundo. — Age de modo nervoso. Irá ajudar.

E passou por ele, desatando a correr pelos corredores. Alguns minutos mais tarde, ofegante, irrompeu no gabinete de Saetan.

Saetan ficou petrificado, com a caneta a pairar sobre os papéis na secretária. — Surreal — disse cautelosamente.

Sentou-se na cadeira defronte da secretária e sorriu algo desesperadamente. — Olá. Pensei em fazer-vos companhia por um bocado.

— Porquê?

— Preciso de uma razão?

Ao que tudo indicava, aquela pergunta tinha um significado diferente para Saetan visto que colocou delicadamente a caneta no suporte, pousou os óculos em meia-lua na secretária, recostou-se na cadeira e fitou a porta do gabinete antes de fixar o olhar em Surreal.

— Se pretendes ver-me a tratar da papelada, não preferes passar essa cadeira para trás da secretária? — perguntou afavelmente.

Dessa forma, Saetan ficaria interposto entre ela e um macho irado – nomeadamente Daemon – que viesse a entrar pela porta. — Que ideia magnífica — exclamou Surreal. — Pegou na cadeira e transportou-a à volta da secretária.

Quando se ia sentar, Saetan pegou na cadeira e levou-a para junto das estantes que preenchiam o fundo do recanto. — Senta-te — disse enquanto passava os dedos pelos títulos nas prateleiras. Seleccionou um livro e entregou-o a Surreal. — É uma história dos Dea al Mon. Devias saber mais sobre o povo da tua mãe. E representará uma desculpa plausível para estares aqui sentada não vá alguém entrar e ficar admirado. — Fez uma pausa. Aguardou. — *Estás à espera de alguém?*

— Não, não estou à espera de ninguém.

— Compreendo. Nesse caso, vou tratar de mais umas papeladas enquanto recuperas o fôlego. Depois, temos que ter uma conversazita.

Surreal sorriu debilmente. — Parece que é o dia das conversas.

Felizmente, a resposta de Saetan foi resmoneada tão baixinho que Surreal pôde fingir não a ter ouvido.

2 / Kaeleer

Daemon ficou a olhar para o corredor vazio, abanou a cabeça e continuou a andar. Passara o dia a caminhar, primeiramente nos terrenos da propriedade e agora pelos corredores do Paço.

Depois de um mês em Kaeleer, começara a amar o local. Amava a sensação que lhe transmitia, o tamanho descomedido do edifício, o mobiliário.

E teria de o deixar.

Chegara a essa conclusão depois de outra longa noite insone. Oh, os rapazolas tinham tentado ajudar, relatando histórias de perseguição às suas Senhoras, mas era cada vez mais dolorosamente evidente que não restava esperança para ele. Quem sabe se não usasse o anel de Consorte e não se recordasse a cada minuto da relação subjacente, talvez pudesse aceitar ser unicamente um amigo ou – que as Trevas o ajudassem – outro irmão mais velho. Quiçá conseguisse ultrapassar o desejo que se tornara penoso e simplesmente...

Simplesmente o quê? Ficar a ver Jaenelle a aceitar outro homem, um dia? Fingir que podia extinguir o fogo que o consumia?

Um mês não era muito, não era nada no bailado da corte. Contudo, já esperara tanto tempo pelo surgimento da Feiticeira. Quando ela lhe ofereceu o anel de Consorte, esperara que...

Falaria com Saetan, devolveria o anel, tentaria saber se existiria uma corte remota algures no Reino onde pudesse cumprir o tempo exigido para permanecer em Kaeleer. Iria...

Abriu-se uma porta. Jaenelle saiu para o corredor. Ficou lívida ao vê-lo.

Daemon parou. Poderia ter de desistir de tudo mas nunca deixaria de a amar.

— Hum. Daemon — disse Jaenelle com uma voz estranha. — Tens um minuto?

— Claro. — Foi difícil, mas sorriu-lhe de modo afectuoso e tranquilizador e seguiu-a.

Jaenelle posicionou-se de modo a que Daemon não a pudesse alcançar e ficou a olhar para o chão, parecendo apreensiva — como se estivesse a tentar achar a melhor forma de dar más notícias. *Vai pedir-me que devolva o anel de Consorte*. Assim que este pensamento se formou, Daemon enterrou impiedosamente as ideias sobre sacrifícios nobres. Não iria desistir facilmente. E não iria devolver o anel de Consorte sem se debater.

— O que é que custa? — murmurou Jaenelle entre dentes.

Daemon limitou-se a aguardar.

Suspirando ruidosamente, Jaenelle caminhou para Daemon, colocou-lhe as mãos nos ombros, pôs-se ligeiramente em bicos dos pés, juntou os lábios aos dele e afastou-se a correr de novo para onde não a pudesse alcançar, ficando a mirá-lo circunspectamente.

Daemon não sabia o que dizer sobre esta atitude inesperada. Como beijo, deixava muito a desejar. Como um beijo de Jaenelle...

Esforçou-se para não lambe os lábios.

— Estás nervoso? — perguntou Jaenelle, continuando a mirá-lo circunspectamente.

Precisava ter uma conversa com Surreal quanto à inutilidade de conselhos enigmáticos. Todavia, tinha uma vaga ideia quanto à resposta correcta.

— Na verdade, estou apavorado, não vá dizer ou fazer algo estúpido e não queiras voltar a beijar-me.

Talvez tivesse sido uma resposta demasiado correcta. Agora parecia preocupada. Foi então que ergueu as mãos num gesto de desamparo desesperado.

— Não sei o que estou a fazer — quase gemeu, para acrescentar em voz baixa: — Surreal devia ter-me deixado tomar notas.

Daemon prendeu a língua entre os dentes. Pois é, precisava mesmo de ter uma conversazita com Surreal.

Jaenelle começou a andar de um lado para o outro. — Parece sempre tão fácil nos romances.

— Beijar não é difícil — disse Daemon cautelosamente.

Lançou-lhe um olhar furioso ao passar por ele. — Lucivar diz o mesmo sobre cozinhar — resmungou. — Os lobos nem sequer esperaram que saísse do forno e começaram a escavar um buraco para lá o enfiar.

Parecia uma história interessante. Também teria de ter uma conversa-zita com Lucivar.

— Beijar não é difícil — disse Daemon com firmeza. — Acabaste de me beijar.

— Não saiu muito bem — resmungou.

Sabendo que era melhor não responder, Daemon observou-a. Frustração. Vergonha. E uma emoção que o deixava sem ar – desejo ardente. — O que te levou a perguntar a Surreal sobre beijos?

— *Ela contou-te?*

— Não, imaginei. — E entre ter conseguido ouvir a observação de Jaenelle relativa a tirar notas e as instruções sucintas de Surreal, não era difícil chegar à conclusão correcta.

Jaenelle resmungou e rosnou alguns comentários num idioma que, felizmente, não compreendia. Depois, disse: — Queria impressionar-te e não queria que te risses de mim.

— Rir não é exactamente o que me apetece fazer — disse Daemon, friamente. Passou os dedos pelo cabelo. — Meu amor, se te serve de consolo, também eu te quero impressionar.

— Queres? — Pareceu admirada.

Começou a pensar no que teria acontecido nos últimos treze anos que a levaria a ficar tão pasmada com a ideia – mas já sabia. Dissera-lhe da primeira vez que dera consigo no lugar brumoso, ao tentar trazer a Feiticeira de volta para curar o corpo ferido. No que dizia respeito ao prazer físico, os machos queriam satisfazer-se com o corpo não tendo de lidar com quem vivesse no seu interior. E Jaenelle, com os horrores de Briarwood presentes no seu passado, jamais se entregaria dessa forma.

— Sim, quero — respondeu.

Reflectiu. — Kaelas está aborrecido contigo.

Parecia uma mudança repentina de assunto – e que não era desejada. — Porquê? — perguntou Daemon cautelosamente.

— Porque não tenho dormido bem ultimamente e estou sempre a dar-lhe pontapés. Chegou à conclusão de que a culpa é tua.

Oh, maravilhoso. — Também não tenho dormido bem.

Afastou os olhos, parecendo aflita.

Chega, pensou Daemon. A culpa de terem passado um mês difícil cabia-lhe mais a ele do que a ela. Saetan dissera-lhe que Jaenelle nunca tinha tido um amante e, ainda assim, esperava que ela o acolhesse de braços

abertos na sua cama. Agira como se fosse uma mulher experiente que se aproveitaria da disponibilidade de Daemon.

Fora o seu maior erro. Jaenelle não era capaz de se aproveitar de quem quer que fosse que servisse na sua corte. Bem, dera o primeiro passo vacilante. Agora era a sua vez.

Libertou ligeiramente o controlo sufocante da sua sexualidade, produzindo uma sensação subtil no ar mas não deixando que fosse forte a ponto de Jaenelle a reconhecer.

— Vem cá — disse baixinho.

Com um ar perplexo, obedeceu.

Pousando as mãos na cintura de Jaenelle, puxou-a para junto de si. — Beija-me outra vez. Assim. — Roçou os lábios nos dela, suavemente, com delicadeza. — E assim. — Beijou-a no canto da boca. — E assim. — Beijou-lhe o pescoço.

Jaenelle imitou cada movimento – até beijar o pescoço de Daemon. Quando sentiu a ponta da língua de Jaenelle a passar-lhe na pele, inclinou-lhe a cabeça para trás, juntou a boca à dela e beijou-a fervorosamente. Beijou-a com todo o desejo que crescera durante o mês que passara, durante toda a vida. Beijou-a ao mesmo tempo que as mãos percorriam as costas e as ancas e exploravam delicadamente os seios. Beijou-a até ouvi-la gemer. Beijou-a até que se abriu para ele, deixando que a língua de Daemon dançasse com a dela. Beijou-a até que as mãos de Jaenelle deslizaram pelas costas de Daemon e se fixaram nos ombros. Beijou-a até que os gemidos se tornaram num rosnado ávido, sentindo-lhe as unhas a picarem-lhe a pele através da camisa e do casaco.

E foi nessa altura que se apercebeu que os tinha conduzido mais longe do que pretendia por agora. Voltou a colocar as mãos na cintura de Jaenelle e recuou lentamente para os beijos suaves e tranquilos.

Sentindo o afastamento, Jaenelle voltou a rosnar – e no som estava presente não só o desejo como a raiva. — Não me desejas? — perguntou com a voz da meia-noite.

Puxou ligeiramente as ancas de Jaenelle na sua direcção como testemunho da sua resposta. — Sim, desejo-te. — Cedeu por mais um instante, fechou a boca no pescoço de Jaenelle e chupou com força suficiente para deixar um chupão. Afastando a boca, deu-lhe beijos delicados do queixo até à têmpora. — Mas isto é só uma brincadeira, não passa de um aperitivo.

— Brincadeira? — perguntou a Feiticeira, desconfiada.

— Mmm — respondeu, lambendo o local da testa da mulher onde se encontraria o ínfimo chifre em espiral, se estivessem no abismo. — Não é o sítio adequado para mais do que brincadeiras.

— Porquê?

— Porque gostava que a minha primeira vez fosse numa cama.

A raiva de Jaenelle desvaneceu-se instantaneamente. — Oh, claro, seria mais confortável.

Convidas-me para a tua cama esta noite? Sabia que não devia perguntar tão descaradamente, mas, ao mesmo tempo, sabia que *tinha* de perguntar. — Posso ir ter contigo esta noite? — Sentindo que ficava tensa, apressou-se a colocar-lhe um dedo sobre os lábios. — Não digas nada. Um beijo será a resposta.

A resposta de Jaenelle foi tudo aquilo que sempre desejara.

3 / Kaeleer

Daemon apoiou as mãos na cómoda e fechou os olhos.

Respira, maldito sejas, pensou ferozmente. *Respira*.

Como é que, em nome do Inferno, os homens faziam *isto* da primeira vez? Quiçá, para um jovem, a excitação fosse suficiente para ultrapassar as dúvidas. Quiçá fosse mais fácil da primeira vez se a mulher não fosse especial – ou se a hora seguinte não fosse determinante para saber se a mulher que desejava desesperadamente o receberia.

Sabia dúzias e dúzias de maneiras de beijar, de acariciar, e de excitar uma mulher e fazê-la ansiar tê-lo na cama.

Esquecera-se de todas.

Daemon endireitou-se, voltou a atar o cinto do roupão que usava por cima das calças do pijama em seda... e vociferou com uma intensidade sentida.

Devia ter-se deixado levar até onde aqueles beijos os estavam a conduzir naquela tarde, devia ter cedido ao desejo que despertara em Jaenelle, devia ter agido ao invés de recuar, concedendo-se as últimas horas para pensar até entrar em pânico.

Contudo, desejando mais do que sexo por ele mas também por ela, *tinha* recuado – e esperava agora, sinceramente, que quando entrasse no quarto de Jaenelle...

Sorriu perante a ironia amarga, de que a única coisa que nunca fizera com uma mulher, a única coisa que nunca desejara fazer e que agora desejava acima de tudo, era a única coisa que poderia não *conseguir* cumprir.

O que o fez avançar foi a preocupação de que se adiasse por mais tempo, Jaenelle poderia entender como rejeição.

Quando bateu à porta que dividia o quarto de ambos, interpretou o som abafado como um convite e entrou.

A única iluminação no quarto provinha do lume que ardia na lareira.

ra e das velas perfumadas agrupadas aqui e ali pelo quarto. A coberta da enorme cama estava puxada para trás. Numa mesa junto à lareira estavam dispostos pratos cobertos, dois copos e uma garrafa de espumante.

Jaenelle estava em pé no centro do quarto, retorcendo os dedos entrelaçados. A ponta daquilo que parecia ser uma camisa de noite transparente em seda de aranha preta espreitava por baixo da batinha de um roupão grosso e coçado – que Daemon julgava que seria usado em noites chuvosas quando se aconchegava no quarto para ler. Parecia uma fedelha perdida contrariamente a uma mulher ávida de sexo.

Observou-o por momentos. — Estás com o aspecto daquilo que sinto.

— Maldisposto e aterrorizado? — Crispou-se, desejando não ter dito aquelas palavras.

Jaenelle anuiu. — Julguei... que alguma comida... — Olhou de soslaio para os pratos cobertos e empalideceu. Depois, olhou de soslaio para a cama e ficou ainda mais pálida. — Que fazemos? — sussurrou.

Não fizera nenhum favor a nenhum dos dois ao conceder-lhes tempo para pensarem. — As bases — disse. — Começaremos com algo extremamente simples. — Deu um passo em frente e abriu os braços. — Um abraço.

Jaenelle ponderou um instante. — Parece-me bastante fácil — disse e deixou-se abraçar.

Daemon fechou os olhos e abraçou-a delicadamente. Limitou-se a abraçá-la. Inspirou o odor de Jaenelle.

Decorrido algum tempo, dobrou os dedos. Aquele roupão coçado tinha uma textura reconfortante, tal como era reconfortante a forma como o cabelo de Jaenelle lhe tocava na mão.

Apertou-a nos braços, puxou-a para junto dele, ao mesmo tempo que lhe acariciava as costas, somente pelo prazer que lhe transmitia.

Jaenelle suspirou. A tensão dos músculos aliviou-se ligeiramente, encostando-se em Daemon com mais convicção.

Não estava a pensar em sedução quando as suas mãos começaram a vaguear por ela – ou quando as mãos dela o afagaram hesitantemente.

Não estava a pensar em sedução quando o seu corpo se regozijou com a diferença entre a pele sedosa do pescoço de Jaenelle sob os seus lábios e o roupão sob as suas mãos.

Não pensava em sexo ao abrir o seu próprio roupão e, depois, o dela, ficando unicamente aquela película de seda de aranha a separar a pele da pele. Nem sequer quando a seda de aranha deixou de estar entre ambos.

Não pensava em sexo quando a sua boca se fechou sobre a dela, fazendo-os deslizar para o desejo obscuro e ardente.

E, quando se apercebeu que estava na cama, ouvindo-a ronronar de prazer enquanto se movia dentro dela, não foi sequer capaz de pensar.

4 / Terreille

Dorothea segurava uma carta na mão. — Parece que Kartane travou conhecimento com o Senhor Jorval e o Senhor Hobart.

Os lábios de Hekatah arquearam-se num grande e horrendo sorriso. — Mas que machos tão úteis. Depreende-se que Kartane não obteve qualquer compensação do Senhor Supremo.

— Parece que não — respondeu Dorothea, esforçando-se por parecer indiferente enquanto a fúria da traição de Kartane lhe crestava o sangue. — Sugere que o Senhor Hobart receberia de bom grado qualquer tipo de ajuda que Hayll lhe pudesse facultar para arrancar Glacia da cabra da Rainha, que é sua sobrinha. Permanecerá na Pequena Terreille como elemento de ligação.

— Parece que o teu filho compreendeu finalmente a quem deve lealdade.

Dorothea amarrotou a carta. — Não é meu filho. Deixou de ser. É um instrumento como qualquer outro.

5 / Kaeleer

Lucivar caminhou até ao ponto mais distante do jardim de muros baixos que cercava um dos lados da sua casa. Marian estava a ler uma história a Daemonar e os lobos tinham-se juntado no quarto para ouvir, por isso sabia que o que Prothvar tivesse para lhe dizer não seria escutado por mais ninguém.

Há duas semanas, Saetan mandara Surreal de volta a Ebon Rih com uma mensagem concisa – e estranhamente atormentada –, dizendo-lhe sem rodeios para se manter longe do Paço. A única razão que o levou a obedecer foi por Saetan ter assinado como Administrador da Corte. Depois de duas semanas de silêncio, Andulvar, como Guarda-Mor, enviara Prothvar ao Paço a solicitar mais informações ao Administrador. Agora Prothvar regressara, querendo encontrar-se com ele, longe de todos. — Problemas? — perguntou Lucivar baixinho.

Os dentes de Prothvar refulgiram quando os cantos dos lábios se curvaram num sorriso feríssimo. — Não há, desde que te mantinhas afastado

do Paço. Concluí que agora é relativamente desconfortável viver ali para quem use Jóias mais escuras do que a Vermelha.

— Mãe Noite — murmurou Lucivar entre dentes, massajando a nuca. O que raio se passara? — Seria melhor que o Senhor Supremo enviasse Daemon para aqui por uns tempos.

— Oh, julgo que não é sensato afastar Daemon do Paço.

Lucivar ficou a olhar para Prothvar por uns instantes. Depois sorriu de orelha a orelha. — Bem, já não era sem tempo.

— Para ambos.

— Então porque é que Saetan está assanhado?

— Porque, apesar dos esforços de Daemon para isolar o quarto, a... hum... pândega costuma vazar pelos escudos, o que deixa os residentes de Jóias mais escuras em pulgas. E ninguém quer abordar o assunto com Jaenelle para lhe pedir que seja *ela* a criar os escudos visto que está perdidamente feliz e alheada de tudo à sua volta, à excepção do seu Consorte – e Saetan, para não falar em Daemon, quer mantê-la nesse estado de espírito.

— Bem — disse Lucivar maliciosamente, — se Saetan precisa de um intervalo da folia a decorrer no Paço, pode sempre passar um serão – ou dois – com Sylvia.

— Ora, Lucivar — repreendeu Prothvar, — sabes que são só amigos.

— É claro que são. — Reparando na lua, Lucivar fez um rápido cálculo mental, para logo olhar Prothvar contundentemente. — Alguém falou a Daemon sobre as infusões contraceptivas?

— Foi tratado. Fiquei com a ideia de que Daemon deseja uma criança no futuro, mas, por agora, quer desfrutar a cama da Senhora.

— Nesse caso, Saetan deve ter uma prorrogação de alguns dias em breve. — Lucivar olhou para as luzes das janelas da sua casa e pensou em desfrutar da cama da sua própria Senhora, logo que Daemonar adormecesse. Contudo, não deixou de perguntar educadamente: — Queres entrar? Tenho um pouco de yarbarah.

— Agradeço-te mas não vou aceitar — respondeu Prothvar. — Ainda tenho de apresentar o relatório a Andulvar. — Desejou as boas-noites, abriu as asas escuras e levantou voo em direcção ao céu nocturno.

Enquanto caminhava de regresso a casa, ouviu um lobo solitário a uivar. Sorriu. Visto que o som vinha na direcção da casa alcantilada de Falonar, não precisava de perguntar onde Surreal ia passar a noite.

Então Surreal estava aninhada com Falonar, Jaenelle estava aninhada com Daemon e Marian...

Ao entrar na sua casa alcantilada, Marain estava à porta da cozinha. Sorriu daquela forma calma que o deixava sempre excitado e com o coração a palpitar.

— Ia fazer um chá — disse. — A noite está fria.

Devolveu o sorriso e deu-lhe um beijo demorado e íntimo. — Conheço uma forma melhor de te aquecer.

6 / Kaeleer

A Rainha arachniana pairava no ar defronte da teia entrelaçada de sonhos e visões – a teia que ligara à teia tecida pela Feiticeira.

A estação do frio estava prestes a chegar. Estava na altura das Tecedeiras de Sonhos se recolherem às grutas e às tocas, mas precisava olhar para esta teia mais uma vez... para se assegurar.

Examinou primeiro a teia entrelaçada da Feiticeira.

Um pequeno fio estava escuro, escuro, escuro. A primeira morte.

Mais viriam. Muitas mais.

A seguir, examinou a sua própria teia entrelaçada.

Mas só na estação de aquecimento da terra. Até os humanos tendiam a permanecer nas suas tocas durante a estação fria.

Seria nessa altura. Podia abrigar-se na sua própria toca na gruta sagrada onde poderia repousar e sonhar os sonhos agradáveis. Quando as estações voltassem a mudar, falaria com o cão castanho, Ladvarian. Era a ligação entre os Sangue parentes e humanos. Os parentes obedeciam-lhe e os humanos escutavam-no. E precisava dele para o que tinha de ser feito.

Quando a terra voltasse a aquecer, necessitaria de toda a mestria e força – e de toda a mestria e força que o cão castanho conseguisse reunir para a auxiliar – para salvar o Coração de Kaeleer.

segunda parte

CAPÍTULO ONZE

1 / Kaeleer

Depois de guardar o recado na gaveta central, Morton fechou a secretária à chave e franziu o sobrolho. Estava preocupado com as profundas inquietações que a Sacerdotisa do Santuário deixara entender, mas sobre as quais nada dissera em concreto – especialmente por aquele Santuário albergar um Altar das Trevas, um dos treze Portões que ligavam os Reinos de Terreille, Kaeleer e Inferno.

Ao longo dos meses de Inverno a Sacerdotisa tinha enviado várias mensagens inquietas – e inquietantes. Provisões que desapareciam. Vozes pela calada da noite. Indicações de que o Portão fora aberto sem o conhecimento nem o consentimento da Sacerdotisa.

A verdade é que a mulher chegara a uma idade em que as memórias insignificantes poderiam fugir-lhe sem se dar conta. Existiam explicações razoáveis para todas as preocupações. As provisões poderiam simplesmente ter sido gastas, não tendo sido substituídas. A jovem Sacerdotisa em aprendizagem poderia ter levado um amante e as vozes tardias não passariam de um encontro amoroso. Os Portões...

Era *essa* a questão que o afligia – e afligia Karla, igualmente. Estariam alguns terreilleanos a servir-se do Portão em Glacia para entrar sorrateiramente em Kaeleer ao invés de suportarem as feiras de serviços? Sempre existiram umas quantas pessoas que, por sorte ou instinto, conseguiam acender as velas negras pela ordem correcta e enunciar os feitiços certos para abrir o Portão entre os Reinos. Contavam-se histórias que rezavam que o poder contido nesses locais vetustos reconhecia por vezes a necessidade de um espírito de voltar a casa e abria o Portão para o Reino correcto, mesmo que a pessoa desconhecesse o feitiço. O mais provável era essa pessoa ter encontrado a chave nalgum texto antigo da Arte. Mas a outra versão era mais consentânea com as longas noites de Inverno.

Assim sendo, deslocar-se-ia a essa pequena aldeia junto à fronteira arceriana e falaria com a Sacerdotisa.

Morton verificou os bolsos para se certificar de que estava munido de um lenço limpo e de alguns marcos de prata para poder pagar o jantar e uma rodada na taberna. Por último, com um ligeiro toque de Arte certificou-se de que a sua Jóia Opala estava vinculada ao Anel de Honra à volta do seu órgão.

Sorriu. Desde que Jaenelle ofertara Anéis semelhantes à Assembleia, os machos do Primeiro Círculo, por um consenso tácito, começaram a usar os deles permanentemente. Esse método adicional de conseguirem decifrar os estados de espírito femininos aborrecera tanto as feiticeiras quanto agradara aos machos.

Morton parou por um instante à porta e abanou a cabeça. Não havia motivo para incomodar Karla. Viajaria até à aldeia, falaria com a Sacerdotisa e, depois, informaria a prima.

Além disso, pensava ao deixar a mansão que era a residência da Rainha, este mês o período da lua de Karla estava a proporcionar-lhe mais desconforto do que o habitual. E tinha sofrido de enfermidades de menor gravidade intermitentemente, durante todo o Inverno – nariz entupido, uma “dor provocada pela mudança de tempo” nas articulações, gripes ligeiras. As duas Curandeiras que serviam na corte de Karla não conseguiam encontrar nada que justificasse esta vulnerabilidade repentina. Sugeriram que talvez andasse a trabalhar em demasia e que estaria enfraquecida. Rejeitara essa explicação, dizendo causticamente que também ela era Curandeira, e de Jóia Cinzenta. Se existisse algo de errado, não se aperceberia?

É claro que sim. Contudo, por reinar sobre um Território onde existiam pessoas que continuavam a apoiar o Senhor Hobart e as suas ideias de como *deveria* ser a sociedade dos Sangue, Karla poderia ignorar bastante para parecer invulnerável. Mas se fosse uma enfermidade de maior gravidade, Karla *dir-lhe-ia*, certo? Não usaria a Arte para ocultar uma enfermidade das outras Curandeiras ao invés de obter ajuda, pois não?

Sabendo a resposta a essa questão, Morton praguejou. Bem, Jaenelle estava a realizar a visita de Primavera pelos Territórios e estaria em Scelt dentro de alguns dias. Faria chegar-lhe uma mensagem por Khardeen, solicitando formalmente os seus serviços como Curandeira, em nome de Karla.

Tendo tomado essa decisão, apanhou um dos Ventos e viajou pelo caminho psíquico através das Trevas, até à aldeia da Sacerdotisa.

2 / Kaeleer

Apesar da impaciência evidente nas resmungadelas-rosnadelas do gatinho, Kaelas manteve um passo tranquilo. Afinal, o gatinho tinha metade do seu tamanho e as suas passadas também eram mais curtas. Mesmo a este ritmo calmo, KaeAskavi tinha de correr frequentemente para o conseguir acompanhar.

A viagem agradava-lhe pois nunca conhecera o seu próprio genitor. Essa não era a tradição arceriana. Uma pequena assembleia de feiticeiras arcerianas *podia estabelecer os seus covis junto umas das outras, reunindo-se para protecção e unindo as várias perícias de Arte dominadas por cada uma delas*. Contudo, os machos ficavam de fora, tidos como uma ameaça depois do nascimento das crias.

Era verdade que os machos arcerianos que não eram parentes tinham a fama de matar as próprias crias e não era pelo facto de um arceriano ser parente que o instinto ou o comportamento felinos desapareciam. Contudo, os machos parentes ressentiram-se com esta exclusão – em especial os Príncipes dos Senhores da Guerra. Permitiam-lhes que deixassem a carne junto aos covis das companheiras e podiam ficar a observar os gatinhos à distância, mas nunca lhes fora permitido que brincassem com os filhotes ou que fossem eles a ensinar-lhes a caçar e a Arte.

Tendo sido criado pela Senhora e tendo vivido no seio da sua família humana, melindrara-se ainda mais com essa exclusão. Os machos parentes de outras espécies não eram excluídos. E com certeza que os parentes humanos não o eram. Podiam brincar com os filhotes e tratar deles e ensiná-los.

Por isso, trouxera a sua companheira para o Paço logo após o nascimento da cria de Lucivar. Reconhecera outro predador, ainda que tivesse asas e duas pernas. Observara Lucivar a tratar do filhote. Observara o Senhor Supremo. E observara as fêmeas humanas – e a Senhora – que aprovavam que o gatinho humano passasse pelas mãos destes machos adultos.

Devido a essa visita e por se sentir honrada pelo facto de a Senhora ter baptizado a sua cria – com um nome que, no Idioma Antigo, significava Montanha Branca –, a sua companheira permitira, prudentemente, que entrasse no covil pouco depois de KaeAskavi ter nascido.

E assim, a sua cria estava a aprender o modo arceriano de caçar, bem como os métodos humanos que Lucivar *lhe* ensinara discretamente. Essa exposição aos humanos estimulava a curiosidade de KaeAskavi – razão pela qual tinham empreendido esta viagem.

Durante uma ronda solitária, KaeAskavi aproximara-se demasiado de

uma aldeia de humanos em Glacia e conhecera uma gatinha humana. Ao invés de se sentir amedrontada por um enorme predador, ficara encantada e tornaram-se amigos. Depois de muitos encontros secretos ao longo do Verão e do início do Inverno, as fêmeas, quer a humana quer a felina, descobriram a amizade – e nenhuma ficou satisfeita.

Por isso, KaeAskavi recorrera a Kaelas, solicitando a sua aprovação relativamente à amizade com esta jovem fêmea humana.

Kaelas podia compreender este fascínio pela gatinha humana de uma forma que a sua companheira nunca iria conseguir. KaeAskavi era um Príncipe dos Senhores da Guerra e os Príncipes dos Senhores da Guerra tinham dificuldades em passar sem a companhia de uma fêmea. Passariam muitas estações até KaeAskavi ou a pequena fêmea começarem a procurar uma companheira ou um companheiro. Se a gatinha era uma amiga adequada, qual o motivo para não puderem fazer companhia um ao outro?

Ainda que Kaelas não gostasse especialmente de humanos pois jamais olvidara os caçadores que chacinaram a sua mãe. Todavia, existiam humanos capazes de ser mais do que mera carne. Os que pertenciam à Senhora, por exemplo. E o companheiro da Senhora. Apesar de ter apenas duas patas e umas presas ínfimas, havia muito de felino naquele humano, algo que Kaelas aprovava.

Por isso, observaria esta pequena fêmea e, se chegasse à conclusão de que poderia ser aceite pelos parentes, pediria à Senhora que também a observasse. A Senhora saberia se era uma amiga adequada a este gatinho.

De repente, o vento mudou, soprando agora da aldeia, que se encontrava ainda a mais de um quilómetro.

Kaelas ficou imóvel. Sangue e morte impregnavam o ar.

“Della!” KaeAskavi precipitou-se para a frente.

Com uma patada, Kaelas derrubou o gatinho.

“Quando sangue e morte impregnam o ar, não corremos ao seu encontro” disse Kaelas severamente.

“A aldeia de Della!”

Mediante a Arte, Kaelas sondou a área em redor. A estação que os humanos chamavam Primavera já tinha chegado a outras terras, mas aqui o Inverno ainda mostrava as garras – e uma espessa camada de neve.

“Faz uma lura. Mantém-te escondido” ordenou Kaelas.

KaeAskavi rosnou mas enroscou-se de imediato numa posição submissa quando Kaelas avançou na sua direcção.

“Eu sei lutar” disse KaeAskavi em jeito de desafio.

“Ficarás escondido até te chamar.” Kaelas esperou um instante. “Como é o covil da gatinha?”

Da mente de KaeAskavi recebeu a imagem de um pequeno covil de

humanos, de um terreno aberto e um arvoredado compacto onde KaeAskavi costumava aguardar pela amiga.

“Fica aqui” disse Kaelas. “Escava a lura.”

Kaelas não esperou para confirmar se KaeAskavi lhe obedeceria. Envolvendo-se num escudo de visão e caminhando pelo ar para não deixar pistas na neve, dirigiu-se à aldeia, numa passada larga que o fez percorrer a distância nalguns minutos.

O ar junto à aldeia cheirava a medo e a desespero bem como a sangue e a morte. Os seus ouvidos vigilantes detectaram sons de lutas e o embate de armas dos humanos.

Por meio da Arte, sondou cautelosamente a aldeia e mostrou as presas num rosnado mudo ao detectar um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Verde. Havia algo naquele odor...

Chegado ao arvoredado que dava directamente para as traseiras do covil da gatinha, ouviu o grito de uma fêmea e o berro de um macho. Abriu-se uma janela. Uma jovem fêmea humana trepou pela janela e saltou para a neve. Ao tentar levantar-se, voltou a tombar, sem forças.

Kaelas irrompeu das árvores, investindo em direcção ao local onde a gatinha jazia, ao mesmo tempo que um Senhor da Guerra eyrieno contornava a esquina da casa. Localizando a gatinha, o eyrieno ergueu a arma ensanguentada e avançou para o golpe fatal.

O macho humano não detectou o perigo até sentir trezentos e cinquenta quilos de ódio contra si.

Kaelas arrancou à dentada o braço que segurava a arma, ao mesmo tempo que lhe dilacerava o ventre. Uma detonação de poder psíquico extinguiu a mente do humano, concluindo a morte.

Deteve-se para morder um pouco de neve limpa. Tal como o odor psíquico, havia algo neste humano que sabia a carne estragada.

Abanou a cabeça, e dirigiu-se à rapariga que olhava fixamente para o macho sem vida. “Pequenina” rosnou.

Levantou a cabeça com algum esforço e olhou em volta, desesperadamente. “KaeAskavi?”

“Kaelas” disse. Com a mesma delicadeza que aplicava à sua própria cria, agarrou-a pela cintura e trotou com ela, dirigindo-se às árvores que serviam de abrigo.

Não produziu um único som. Não se debateu. Admirou a coragem da rapariga. E agora era órfã, tal como Kaelas.

Escolhendo um local onde a neve se acumulasse, manteve a rapariga a pairar no ar, escavou rapidamente uma pequena lura, acomodou-a aí e cobriu a maior parte da entrada. “Fica” ordenou.

A rapariga enrolou-se numa bola trémula.

Kaelas galopou de volta ao covil dos humanos e atravessou a parede ao lado da janela por onde a rapariga tinha surgido. O quarto tinha o seu odor – e de outras coisas, coisas muito ruins.

A porta que conduzia às outras áreas do covil estava aberta. Vislumbrou um braço feminino ensanguentado. Não detectando qualquer sinal de vida, não se deu ao trabalho de ir farejá-la para se assegurar.

Desejou que Ladvarian estivesse ali com ele. Apesar de ter vivido quase toda a sua vida entre humanos, não os compreendia tão bem como o cão. O canídeo saberia prover às necessidades da pequena fêmea.

Pensou por um momento. Precisaria de pelagem dos humanos. Por meio da Arte, abriu as gavetas e o guarda-fatos e fez desaparecer todo o conteúdo.

O que mais levaria Ladvarian? Olhando à volta do quarto, fez desaparecer as cobertas entufadas da cama que cheiravam a penas. A gatinha podia envolver-se nisso para se aquecer. A necessidade premente de sair deste lugar instigava-o, mas pensou mais um pouco...

Os parentes não achavam grande utilidade aos objectos, mas...

Apercebeu-se daquilo, junto à cama. Primeiro, sentiu um ódio cego, mas quando se aproximou para farejar o falso gato branco, apercebeu-se de que tinha sido fabricado em peluche e não em pêlo arceriano, como julgara de imediato. Estava impregnado de um intenso odor à gatinha humana – e, embora mais sumido, o odor da gata-mãe também estava presente. E detectou ainda um odor psíquico no brinquedo, um odor associado à Senhora. O Senhor Supremo dissera que era amor.

Fazendo o brinquedo desaparecer, deslocou-se com cautela até à porta aberta. A fêmea morta tinha ainda uma faca na mão. Lutara com um macho mais forte para manter a gatinha a salvo – tal como a sua própria mãe lutara com os caçadores para que Kaelas pudesse fugir.

Ao observá-la pensou que, se soubesse que a sua cria estava protegida e segura, não se importaria que a jovem fêmea permanecesse agora entre os felinos arcerianos.

Atravessando a parede do fundo da casa, parou junto ao macho eyrie-no morto. Mediante a Arte, fez com que os restos mortais se afundassem nos primeiros centímetros de neve e, de seguida, empurrou-os para o fundo. A neve ficou manchada de sangue, mas ninguém viria procurá-lo para já. E, até conseguirem retirar o corpo, não saberiam que o humano fora morto por um elemento da sua espécie.

Correndo de volta ao arvoredado, Kaelas invocou KaeAskavi. “Vem ligeiro... e em silêncio.”

Chegado à lura improvisada, escavou a entrada. Invocando a coberta entufada, estendeu-a sobre a neve, usando dois feitiços que aprendera com

a Senhora – um feitiço de aquecimento no interior e um feitiço para manter o tecido seco no exterior. Erguendo a gatinha, envolveu-a desajeitadamente na coberta.

Ela limitou-se a olhar o vazio.

Apreensivo, farejou-a minuciosamente. Não estava morta, mas sabia que aqueles olhos fixos e que nada viam não eram bom sinal.

Sentindo a aproximação de KaeAskavi, ergueu a cabeça. Consequia detectar o espectro débil do escudo de visão de uma Jóia mais clara e ros-nou baixinho em guisa de aprovação.

“Della!” KaeAskavi farejou a fêmea embrulhada.

“Leva a gatinha à minha companheira” disse Kaelas. “Viaja pelos Ventos logo que encontres um fio no qual possa viajar. A pequenina necessita urgentemente de ajuda.”

“A minha mãe não irá aceitar uma gatinha humana no seu covil” protestou KaeAskavi.

“Diz-lhe que a mãe gata lutou contra os caçadores para salvar a cria – e morreu.”

KaeAskavi ficou imóvel por um momento para, de seguida, dizer tristemente: “Dir-lhe-ei.” Abocanhando zelosamente a coberta, afastou-se rapidamente com a gatinha.

Kaelas aguardou, seguindo-os por um fio psíquico. Ao sentir KaeAskavi a apanhar o Vento que levaria o jovem gato até próximo do covil, regressou à aldeia.

3 / Kaeleer

O Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Jóia Verde passou os olhos pela carnificina com satisfação. Este Portão estava agora seguro para ser utilizado pela Sacerdotisa das Trevas. Selecionara já as sessenta pessoas caras-pálidas e louras que substituiriam as que ele e os seus homens tinham acabado de chacinar – pessoas que adquirira nas últimas duas feiras de serviços. Desde que a aldeia parecesse habitada e que as pessoas parecessem prosseguir as suas rotinas diárias, duvidava que alguém olhasse duas vezes para elas. E se um visitante *conhecesse* a aldeia o suficiente para se aperceber que os habitantes eram todos estranhos, qual era o problema de mais um cadáver?

Virou-se quando o Senhor da Guerra que era seu segundo-comandante se aproximou. — A cabra velha da Sacerdotisa enviou a mensagem?

O Senhor da Guerra acenou afirmativamente com a cabeça. — Enviou-a para o Senhor Morton, primo e Primeiro Acompanhante da Rainha glaciana.

— Costuma responder a essas mensagens?

— Sim. E normalmente vem sozinho.

— Nesse caso, é melhor prepararmo-nos para receber visitas em breve. Designa cinco arqueiros para se posicionarem por detrás da teia de desembarque.

O Senhor da Guerra examinou a chacina. — Se Morton vir isto, o mais certo é apanhar novamente os Ventos de regresso, para ir dar conta do sucedido.

— Assim sendo, tenho de me certificar de que o consigo atrair de maneira a que se afaste o suficiente da teia de desembarque, ficando ao alcance dos arqueiros — disse o Príncipe dos Senhores da Guerra. — A carcaça da Sacerdotisa está morta?

— Sim, Príncipe.

Ouviu um grito débil e angustiado. — E a jovem Sacerdotisa?

O Senhor da Guerra sorriu de modo maldoso. — Está a ter a recompensa que merece por ter traído o seu próprio povo.

4 / Kaeleer

Daemon seguiu Khardeen para dentro de casa. — Foi simpático da tua parte teres-me convidado para jantar.

— A simpatia não é para aqui chamada — respondeu Khary. — Não faz sentido andares de um lado para o outro sozinho enquanto esperas por Jaenelle.

Acompanhara-a durante a grande parte do périplo de Primavera aos Territórios de Kaeleer, mas chegada a altura de visitar os parentes, sugeriu delicadamente, mas com convicção, que prosseguisse para Scelt, onde se juntaria a ele. Passariam aqui alguns dias antes de prosseguirem a visita aos restantes Territórios desta zona do Reino. — Bem, não tinhas de despender de uma tarde para me mostrares Maghre. Poderia ter dado uma volta sozinho pela localidade.

— Mas isso também não foi por simpatia — disse Khary depois de pedir café e bolos. Sentou-se numa cadeira confortável junto à lareira. — Permitiu-me sair de casa. Quanto ao jantar, será um prazer falar com alguém que não vá resmungar comigo devido a um estômago indisposto.

— Sem ser isso, a Morghann está a passar bem? — perguntou Daemon, sentando-se na outra cadeira.

— Oh, está muito bem para uma feiticeira de Jóia escura no primeiro trimestre de gravidez. Assim me diz Maeve a toda a hora. — O sorriso de Khary era ligeiramente pesaroso. — Uma Rainha de Território repentina-

mente limitada a Arte básica enquanto carrega uma criança no ventre não é uma Senhora de temperamento dócil.

— Visto que ambos tiveram de deixar de tomar a infusão contraceptiva para que isto sucedesse, a culpa não é toda tua — disse Daemon, sorrindo.

— Ah, mas não sou eu que desperdiço o pequeno-almoço. Isso parece marcar a diferença. E há — frustrações — adicionais para Morghann neste momento. Não ouviste a briga esta manhã? Fico admirado pois a tua casa fica a menos de um quilómetro da nossa. Estava convicto de que Maghre inteira ouvira os seus gritos esta manhã.

— Gritava contigo?

— Não, graças às Trevas. Com o Bailarino do Sol. — Depois de agradecer à criada que trouxe o tabuleiro, Khary serviu o café. — Morghann queria montar esta manhã. Maeve, a Curandeira de Maghre, dissera que não havia problema. *Jaenelle* dissera que não havia problema desde que Morghann se sentisse capaz.

— Mas? — incitou Daemon, com a chávena de café a meio caminho dos lábios.

— O Bailarino do Sol não achou o mesmo. Disse que, uma vez que as éguas prenhas não podem ser montadas, julgava que uma égua humana prenha também não devia montar.

— Oh, céus — disse Daemon — e deu uma gargalhada. — Não admira que quisesses sair de casa.

A porta abriu-se. Morghann fez uma cara feia para o tabuleiro, depois para Khary. Mas sorriu para Daemon.

Pousando a chávena, levantou-se para a beijar. Ao longo dos meses em Kaeleer, aprendera o valor destes pequenos gestos de afecto — e aprendera a retirar prazer dos mesmos.

Khary, reparou ligeiramente divertido e com uma grande dose de compaixão, também se levantara mas não se tentara aproximar da esposa, o que era uma atitude sensata.

À porta, apareceu uma criada. — Desejais uma chávena daquele chá de ervas que Maeve vos preparou, Senhora Morghann?

— Acho que sim — resmoneou Morghann.

Olhando de relance para Khary, Daemon sorriu com o seu melhor sorriso. — Querida — dirigiu-se a Morghann, — fico feliz por te juntares a nós.

— Porquê? — questionou Morghann sombriamente, ao sentar-se.

— Porque o aniversário de *Jaenelle* é dentro de dois meses e queria o teu conselho quanto à prenda.

Enquanto discutiam ideias, Morghann embrenhou-se bastante ao ponto de não reparar que estava a beber um chá de Curandeira ao invés

de café. Chegou a morder um pedacinho de bolinho de avelã – o que significava que os homens podiam também servir-se sem levarem com o tabuleiro na cabeça.

Ao fim de uma hora, Morghann levantou-se. — Tenho alguma correspondência para tratar. Vemo-nos ao jantar?

— Espero ansiosamente — Daemon respondeu.

Beijou-o no rosto – e agraciou Khary com um beijo mais generoso.

Khary aguardou um minuto depois de a porta se fechar. Ergueu a chávena de café num brinde. — Foi excelente, Príncipe Sadi. Os meus agradecimentos.

Daemon ergueu a chávena em resposta. — Foi um prazer, Senhor Khardeen.

5 / Kaeleer

Morton deu dois passos ao sair da teia de desembarque e ficou petrificado, sem conseguir desviar os olhos dos corpos que jaziam na neve.

Em nome do Inferno, o que teria acontecido?

Sentiu um zunido ligeiro do Anel de Honra, quase em forma de pergunta, o que o fez despertar do estado de choque, levando-o a criar um escudo Opala. Esteve prestes a activar o escudo do Anel, mas hesitou. Essa acção iria invocar os outros rapazolas – e alarmar Karla. Não queria nada disso, por agora.

Tentou sondar a área, mas não conseguiu detectar nada indicativo de que se encontrava em perigo. Mas *consequia* sentir a presença de várias pessoas vivas.

A primeira reacção foi a de correr para ajudar os sobreviventes. Foi nesse momento que todo o treino a que fora sujeito veio à superfície. O que quer que aqui tivesse sucedido era mais do que conseguiria enfrentar sozinho. E estando aqui há um minuto, começava a sentir algo de *errado* neste local, para além da carnificina.

Deu um passo à retaguarda, tencionando apanhar os Ventos, dirigir-se à povoação mais próxima e trazer ajuda.

Ao recuar outro passo, um eyrieno dobrou a esquina de um prédio e viu-o.

— Senhor Morton? — chamou o eyrieno.

Morton não reconheceu o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Verde. Ficou tenso, preparado para apanhar os Ventos e fugir.

— Senhor Morton! — O eyrieno acenou com uma mão e correu na sua direcção. — Graças às Trevas, recebestes a mensagem de Yaslana!

Esse nome bastou para que Morton se catapultasse alguns metros na direcção do eyrieno. — O que aconteceu aqui?

— Não sabemos ao certo — respondeu o eyrieno, parando à distância de alguns centímetros. — Yaslana encontrou pegadas vindas do Altar das Trevas. Juntou alguns homens e seguiu-as. — Olhou por cima do ombro de Morton, com o rosto marcado pela preocupação. — Não trouxestes Curandeiras?

— Não, eu...

Aconteceu a grande velocidade. Uma detonação de poder da Jóia Verde do eyrieno estilhaçou o escudo Opala, no preciso momento em que três setas lhe trespassavam o corpo. O escudo Ébano do Anel de Honra de Jaenelle desencadeou-se de imediato. Duas outras setas bateram no escudo e desfizeram-se em pó.

Fez uso da Arte para se manter em pé e amaldiçoou-se a si próprio por ser triplamente tolo e não ter activado o escudo de imediato. Agora, nada lhe podiam fazer, nem sequer impedi-lo de voltar até à teia de desembarque a andar ou a rastejar, e de viajar pelos Ventos para longe. E as feridas, pese embora dolorosas, não eram graves. Tinha uma seta atravessada em cada perna e uma no ombro esquerdo, muito acima do...

Sentiu um frio letal a invadir-lhe os membros e soube de imediato do que se tratava. Veneno nas pontas das flechas. Mas quão virulento seria o veneno?

Obteve a resposta no sorriso cruel do eyrieno.

Caiu de joelhos. Não restava tempo para enviar todos os avisos que precisava enviar. Não restava tempo. Por isso, concentrou-se em enviar um aviso à pessoa que sempre lhe fora mais querida.

Enquanto a morte se apoderava do corpo, reuniu forças e enviou uma única palavra. "KARLA!"

6 / Kaeleer

Karla estava sentada ao toucador, com uma mão apoiada no tampo e a outra a pressionar o abdómen. As dores do período da lua não costumavam prolongar-se por tanto tempo, nem costumavam ser tão dolorosas.

— Estais aqui — disse Ulka de modo agradável, pousando uma caneca fumegante no toucador. — Esta infusão para o período da lua irá fazer-vos sentir uma outra mulher num instante.

— Obrigada, Ulka — murmurou Karla. Aceitara Ulka no Terceiro Círculo pela mesma razão que aceitara outras feiticeiras das famílias aristocratas de Glacia — para as aplacar depois de ter exilado o seu tio, Hobart. E, embora

não gostasse de Ulka, tinha de admitir que a mulher tinha sido uma companheira solícita ao longo deste Inverno, preocupando-se exageradamente com as enfermidades passageiras mas possuindo um excelente instinto quanto às oportunidades ideais para tagarelar e para se manter em silêncio.

Logo que a infusão arrefeceu um pouco, Karla bebeu um trago generoso. Fazendo um esgar enojado, pousou a caneca. A infusão tinha um sabor invulgar a ranço. Fogo do Inferno, teriam algumas das ervas ficado bafientas ou ter-se-iam estragado de alguma forma? Pensando bem, durante todo o Inverno foram frequentes as vezes em que a comida não lhe tinha sabido bem. Ou talvez estivesse mal habituada às infusões deliciosas que Jaenelle produzia. O sabor não interessava. Não iria mitigar a dor se ficasse na caneca.

Ao pegar novamente na caneca, olhou para o espelho. Sentiu um calafrio a percorrer-lhe o corpo ao vislumbrar a expectativa atenta nos olhos de Ulka. — Pusete-lhe veneno, não foi? — disse Karla, sem rodeios.

— Foi — disse Ulka, num tom de voz presunçoso e satisfeito.

Karla sentiu o corpo a unificar-se vagarosamente para a batalha contra o veneno. Por ser Viúva Negra, a sua tolerância aos venenos era superior às outras pessoas, mas até uma Viúva Negra podia sucumbir a um veneno que o corpo não reconhecesse ou tolerasse.

Enquanto olhava atónita para o reflexo da outra mulher, compreendeu finalmente. Todas as enfermidades passageiras, todas as comidas que tinham um sabor estranho. E Ulka sempre presente, tão solícita, agindo de modo tão preocupado. — Pusete venenos fracos em muitas coisas ao longo deste Inverno.

— Sim.

Venenos que enfraqueceram o seu corpo mas que nunca a fizeram adoecer tão gravemente a ponto de levantar suspeitas – apesar de ter sido advertida sobre a sua própria morte na teia entrelaçada que criara no último Outono. Oh, tinha sido prudente. Sabia demasiado sobre venenos para não o ser. O facto de não ter conseguido detectar os venenos significava que as plantas usadas não eram autóctones de Glacia. Se assim fosse, *tê-las-ia* reconhecido de imediato, independentemente da forma como estivessem disfarçadas.

Com algum esforço, Karla levantou-se. Num momento as pernas foram acoissadas de picadas ardentes, para logo de seguida ficarem dormentes. Inundou o corpo com a força da Cinzenta, aceitando a dor que o seu próprio poder lhe causava devido ao período da lua, para conseguir combater o veneno.

Ao mesmo tempo que uma espantosa torrente de dor se alastrava, sentiu o escudo Ébano do anel que Jaenelle lhe dera a envolvê-la.

— Porquê? — Karla perguntou. Como podia ter subestimado esta cabra? O que lhe teria escapado?

Ulka fez beicinho. — Julguei que me iria tornar numa Senhora de relevo na vossa corte. Deveria pertencer ao primeiro Círculo e não ao *Terceiro*.

— Uma feiticeira que envenena a sua Rainha não é digna de servir no Primeiro Círculo — disse Karla, causticamente. — É uma questão de lealdade.

— Eu *era* leal — retorquiu Ulka. — Mas não consegui nada sendo-vos leal. Foi então que tive uma oferta mais vantajosa. Logo que desapareçais e que o Senhor Hobart volte a controlar Glacia, eu *serei* uma Senhora importante.

— Não passarás de rameira de um homem qualquer — disse Karla secamente.

O rosto de Ulka ganhou um ar ameaçador. — E vós estareis morta! E não penseis que não concluirão o assassinio para se certificarem de que se livram de *todos* vós!

O anel que Jaenelle lhe ofertara produziu uma picada aguda de advertência segundos antes do grito de aviso de Morton lhe invadir a mente.

“KARLA!”

“Morton? Morton!”

Nada. Um vazio ocupava o local onde tinha estado alguém desde que se lembrava.

Um tipo diferente de frio invadiu Karla — um frio glacial que lhe nutria o corpo, que lhe dava forças. — Mataste Morton — disse, com demasiada calma.

— *Eu* não — respondeu Ulka. — Mas a esta hora já está morto.

O bastão laminado eyrieno que Lucivar lhe oferecera estava nas suas mãos e a silvar pelo ar antes que Ulka tivesse tempo de perceber o perigo. As lâminas, mortalmente afiadas, atravessaram os ossos das pernas de Ulka com a mesma facilidade com que atravessaram o vestido de lã da mulher.

O sangue jorrou. Ulka caiu, aos gritos.

Karla cambaleou, apoiou-se. Não iria conseguir usar o corpo desta forma ao mesmo tempo que combatia o veneno enquanto aguardava...

Pelo quê? Com Morton morto, quem chegaria em seu auxílio com a brevidade necessária? Não importava. Lutaria pela vida enquanto tivesse forças. E tinha mais poder à sua disposição do que os inimigos imaginavam uma vez que não tinha de usar as Jóias Cinzentas para se proteger.

Baixando o olhar para Ulka, Karla ergueu o bastão laminado. — Bem, cabra, posso não ter forças para concluir a morte, mas posso garantir que não terás porcaria de serventia nenhuma quando te tornares demónia-morta.

Decepoou as mãos de Ulka, ao que se seguiu a cabeça. O último golpe atravessou o ventre e rasgou a coluna.

Karla recuou alguns passos, cambaleando, afastando-se da poça crescente de sangue. Deixando-se cair no chão, alongou-se cuidadosamente, com o braço direito à volta do abdómen e a mão esquerda agarrada ao bastão laminado.

Visionara a sua própria morte na teia entrelaçada e fizera o possível para alterar essa parte da visão. Porém, se tivesse de morrer neste momento, iria aceitar a morte.

Um poder obscuro inundou-a, aquecendo os braços gélidos. Sentiu uma gavinha de poder a enrolar-se à sua volta e reconheceu o fio curativo que a ajudava a lutar contra o veneno.

Envolvida pela força de Jaenelle, recolheu-se ao seu interior, concentrando-se no campo de batalha em que o seu corpo se tornara.

7 / Kaeleer

Daemon rosou de frustração ao sentir a picada oriunda do Anel de Honra de Jaenelle. Ainda não dominava a interpretação de todas as informações que podiam ser absorvidas pelo Anel. Reconheceu esta sensação específica como um pedido de ajuda, mas não fazia ideia da origem do pedido. — Sentes... — disse, voltando-se para Khardeen.

A perturbação intensa nos olhos de Khary, bem como a sensação de escuta atenta, impediram-no de continuar.

— Morton — disse Khary baixinho. — E *Karla*. — Precipitou-se para a porta.

Daemon agarrou-o. — Não. És necessário aqui.

— Não é assim que as coisas funcionam — disse Khary rispidamente. — Quando um de nós precisa de ajuda...

— Mordem todos o isco? — perguntou Daemon com igual rispidez. — Tens uma Rainha grávida que não se pode defender sem correr o risco de abortar. O teu lugar é aqui. Eu encarrego-me de *Karla* — e de Morton. — Examinou Khary. — Quem mais terá recebido o pedido de ajuda?

— Todos os membros do Primeiro Círculo que vivem na parte ocidental de Kaeleer. O Anel tem um alcance maior do que se tentássemos chegar a alguém por nós, mas o alerta não seria sentido para lá desse alcance. Contudo, todos os machos que sentiram esse pedido de ajuda irão retransmitir um aviso através de um fio de comunicação aos membros do Primeiro Círculo que estiverem no *seu* raio de alcance.

— Assim sendo, retransmite esta mensagem ao Primeiro Círculo tão

rápido quanto conseguires: “Fiquem onde estão. Mantenham-se atentos.” — Daemon fez uma pausa. — “E encontrem Jaenelle.”

— Sim — disse Khary sinistramente. — As Rainhas têm de ser protegidas. E ela em particular.

Satisfeito, Daemon saiu da casa a correr e praguejou. Daqui não iria alcançar nenhum dos Ventos.

Começou a correr pelo caminho de entrada, para logo se virar na direcção do som de cascos a galope. O Bailarino do Sol deslizou antes de se deter ao lado de Daemon.

“Ouvi o pedido” disse o Bailarino do Sol. “Tens de viajar pelos Ventos?”

— Tenho.

“Eu consigo ser mais rápido. Monta.”

Segurando-se a uma mão cheia de pêlos da crina do Bailarino do Sol, içou-se para a garupa em pêlo do Príncipe dos Senhores da Guerra.

Foi uma cavalgada breve mas atribulada. O garanhão optou pelo caminho mais rápido para alcançar os Ventos mais próximos sem se importar com o que encontrava pelo caminho e as pernas de Daemon tremiam ao deslizar da garupa do Bailarino do Sol. Antes de conseguir proferir uma única palavra, o garanhão girou sobre si próprio e partiu.

“Dá-lhes luta!” disse o Bailarino do Sol enquanto galopava velozmente de volta para a casa de Khary e de Morghann.

— Podes ter a certeza — respondeu Daemon com demasiada delicadeza. Apanhando o Vento Negro, dirigiu-se a Glacia.

8 / Kaeleer

Kaelas saltou com destreza para o telhado de um covil de humanos a tempo de ver Morton tombar. Rosnou em silêncio, o desejo de atacar a guerrear com o instinto de prudência. Retirando-se para a profundidade da sua Jóia Vermelha, onde não poderia ser detectado pelos machos alados que se ali se encontravam, abriu a mente e deixou que uma gavinha psíquica deslizesse na direcção de Morton.

Sentiu de imediato o escudo da Senhora. Não era um obstáculo. A Senhora produzira Anéis de Honra também para os parentes machos. Por isso, dispunha da mesma protecção e, o que neste momento era ainda mais importante, podia atravessar o escudo em segurança.

Assim que o fez, percebeu que o corpo de Morton estava sem vida mas conseguia ainda senti-lo muito debilmente, dentro do corpo. Morton era um Irmão na corte da Senhora e os Irmãos olhavam uns pelos outros.

Isso era importante. Por isso, levaria o seu Irmão para longe do inimigo e, depois, decidiria o passo seguinte.

Olhando na direcção contrária, viu o Santuário que albergava o Altar das Trevas. Na cercania, havia uma enorme e velha árvore que não voltaria a despertar. Os humanos pálidos deviam tê-la cortado para a queimar nos seus fogos. Agora já não iriam precisar dela.

Por meio da Arte, abriu a porta do Santuário, deixando que oscilasse devagar, como se não tivesse ficado bem trancada.

Saltando do telhado, circundou as traseiras dos covis dos humanos, caminhando pelo ar para não deixar rastros. Não era por estar invisível devido ao escudo de visão que ia ser negligente. Os jogos de “perseguição e ataque súbito” com Lucivar assim o tinham ensinado.

Ao pensar em Lucivar, lembrou-se de algo mais: nunca mostres toda a força que possuis ao inimigo até se revelar absolutamente necessário.

A sua Jóia de Direito por Progenitura era a Opala. A categoria da Jóia de Morton era a Opala. Sim, *isso* poderia confundir os machos alados.

Revelando os dentes cerrados no que poderia ser descrito como um sorriso felino, Kaelas libertou uma explosão de força Opala na árvore tombada. Explodiu. Os ramos em chamas elevaram-se em todas as direcções. Outra explosão de poder estilhaçou as janelas nos covis junto ao Santuário. Outra explosão de poder lançou para o ar a quantidade de neve suficiente para formar uma pequena tempestade de neve. A última explosão controlada de poder embateu na porta do Santuário.

O Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Jóia Verde girara sobre si próprio na primeira explosão, o rosto contorcido de raiva. Outros machos gritavam. Ao ouvir o estrondo da porta do Santuário, o eyrieno desatou a correr, bramindo ordens.

— Então e aquele cabrão? — gritou um dos outros homens.

O Príncipe dos Senhores da Guerra hesitou momentaneamente. — Deixem-no. Não vai a lado nenhum. Concluiremos a morte depois de tratarmos das novas visitas.

Kaelas avançou em posição de ataque, usando todos os sentidos para detectar os humanos alados. A grande velocidade, aproximou-se de Morton.

Bastou farejar o corpo para o fazer recuar, confundido. Morton cheirava a carne envenenada. Não queria fincar os dentes em carne envenenada. Porém, tinha de levar Morton para longe dos machos alados.

Avançando novamente, roçou o escudo da Senhora, sentiu o reconhecimento do Anel de Honra que ele próprio usava e deixou-o atravessar. Colocou um pequeno e justo escudo Opala à volta do braço esquerdo de Morton. Ao agarrar o braço entre os dentes, o escudo Opala estava inter-

posto entre Kaelas e a carne envenenada. Satisfeito, fez Morton levitar no ar mediante a Arte, estendeu o escudo de visão de modo a cobri-los a ambos e correu para o arvoredor.

Aí chegado, desacelerou ligeiramente, mas só parou ao alcançar a lura escavada por KaeAskavi, que servia de esconderijo. Largando o braço de Morton, examinou a lura. O humano caberia perfeitamente sem os paus pontiagudos – as setas – sobressaídos. Mas a parte do pau daria jeito à Curandeira para remover a seta. Não daria?

Depois de ponderar um pouco, usou a Arte para quebrar as hastes ao meio. Aconchegou Morton na lura e colocou as metades partidas a seu lado. Voltou a parar por um instante.

Nunca vira os Sangue humanos a tornarem-se demónios-mortos. Não sabia quanto tempo demoraria Morton a despertar e a reclamar a carne morta. O que *sabia* com segurança era que quando Morton despertasse e desse consigo nestes estranho local, imaginaria se teria sido o inimigo a colocá-lo ali.

Kaelas pressionou uma pata dianteira na neve junto à cabeça de Morton, deixando uma marca profunda, protegeu a marca com um escudo para que não fosse apagada sem intenção. Morton veria a marca e compreenderia.

Satisfeito por ter entendido a complicada forma de pensar necessária para lidar com humanos, cobriu a lura, deixando um pequeno orifício de respiração. Um humano morto não precisava de ar, mas o ar fresco indicaria a Morton o sítio mais acessível para sair.

Agora era chegada a altura de tratar dos malvados machos alados.

Depois de enviar um chamamento para que os Príncipes dos Senhores da Guerra e os Senhores da Guerra arcerianos de Jóias escuras se juntassem a ele, Kaelas dirigiu-se de novo à aldeia.

9 / Kaeleer

Ignorando a teia de desembarque oficial, Daemon saltou dos Ventos no local mais próximo possível da casa de Karla. Logo que chegou a uma rua, envolveu-se num escudo de visão Negro, num escudo psíquico e num escudo de protecção. Correu durante alguns quarteirões, dobrou uma esquina e parou.

A rua estava pejada de homens que lutavam. Explosões de poder de Jóias transmitiam ao ambiente um odor a relâmpagos. Os que já tinham esgotado as Jóias ou os que nunca as tinham usado, lutavam com armas banais. Reparou nalgumas mulheres que lutavam desesperadamente ainda que sem êxito.

Era tão familiar. Não precisava do bafo a podridão presente nalguns dos odores psíquicos para reconhecer a mão de Dorothea. Testemunhara esta situação amiúde em Terreille. Aqueles cuja ambição era bastante superior às capacidades que possuíam, venderiam o próprio povo em troca do “auxílio” de Hayll. As lutas eliminariam os machos e as fêmeas mais fortes, os que mais capacidades teriam de se opor a Dorothea e os que ficavam...

Agora já não precisava de passar despercebido. Agora já não precisava de dançar à volta das dores atrozes que Dorothea lhe infligia se suspeitasse da sua interferência. Mas a subtileza estava arraigada em Daemon. Além disso, um predador silencioso era o mais temido.

Com um sorriso gélido e cruel, Daemon enfiou as mãos nos bolsos das calças e deslizou entre aglomerados de combatentes – invisível, indetectável – deixando um rasto de devastação.

Entrou na mansão de Karla. Os combates pareciam ter começado aqui, espalhando-se de seguida para a rua. Passou por cima de cadáveres, concentrou-se nos odores psíquicos que tinham um travo associado a Dorothea, matando esses lutadores tão expeditamente e com uma tal perfeição que os seus oponentes ficavam estáticos por um instante, aturdidos e perplexos.

Um Príncipe dos Senhores da Guerra com a divisa de Guarda-Mor estava a debater-se para afastar outros machos junto à escadaria, fazendo uso das últimas forças das Jóias para se proteger contra três homens que tinham começado a lutar e não estavam cansados.

Três safanões de poder Negro. Três homens tombados.

Ao começar a subir as escadas, Daemon viu o olhar contundente de caçador nos olhos do outro Príncipe dos Senhores da Guerra, presenciando o momento em que o homem depreendeu que algo perigoso estava a subir as escadas.

Um Senhor da Guerra de Jóia Branca investiu contra o Príncipe dos Senhores da Guerra, forçando-o a concentrar-se no inimigo que o atacava.

Daemon subiu as escadas. Mesmo exausto, o Príncipe dos Senhores da Guerra não teria dificuldades com o Senhor da Guerra e ficaria ocupado por mais uns instantes.

Não era necessário procurar o quarto de Karla. O Anel de Honra guiou-o infalivelmente, a palpitação no seu órgão a irritá-lo o suficiente para aguçar a fúria que já estava na orla assassina.

A porta estava aberta. Viu uma mulher mutilada que jazia num tapete ensopado em sangue. Viu cinco homens que lançavam detonação após detonação de poder contra o escudo que envolvia outra mulher. Karla.

Não sabia quem eram os homens – e não se importava. Subindo das profundidades da Negra, infiltrou-se sob as barreiras interiores dos homens

e libertou uma raiva gélida, transformando os seus cérebros em pó cinzento e consumindo as forças psíquicas, concluindo as mortes.

Antes mesmo de tombarem, já Daemon atravessara o quarto. Ajoelhando-se ao lado de Karla, baixou o escudo de visão e esticou a mão prudentemente.

O escudo à volta de Karla continha uma ânsia feríssima e mortal.

Sem saber exactamente como atravessar o escudo, e conjecturando sobre o que poderia libertar se não o fizesse correctamente, Daemon respirou fundo e aproximou a mão um pouco mais.

Um tremeluzir de energia na palma da mão. Apreciação. Aceitação.

A mão atravessou o escudo, incólume.

— Karla — disse, ao mesmo tempo que a agarrava pelo braço. — Karla. — O ruído áspero que emitiu ao tentar respirar indicou-lhe que estava viva. Mas se tivesse embarcado num sono curativo tão profundo a ponto de não o ouvir...

— Beijinho, beijinho — arquejou Karla.

Daemon sentiu-se invadido por um enorme alívio. Inclinou-se para que ela o pudesse ver sem precisar de mexer a cabeça. — Beijinho, beijinho.

— Envenenada — disse. — Não consigo identificar. Ruim.

Afastando-lhe o roupão, Daemon pousou a mão esquerda no peito de Karla e enviou uma sonda psíquica. Os conhecimentos que possuía sobre Arte medicinal eram limitados, mas de venenos sabia ele. E reconheceu pelo menos uma parte.

— Tira a mão... da minha... mama — disse Karla.

— Não sejas resmungona — respondeu Daemon placidamente, sondando com mais afinco. O corpo de Karla estava a debater-se muito melhor do que julgaria possível, mas não conseguiria sobreviver sem ajuda adicional. Hesitou. — Karla...

— Restam-me... cerca de... três horas. Corpo... não consegue lutar mais...

Viajando pelos Ventos Negros, demorara quase duas horas de Scelt aqui. Pandar e Centauran eram mais próximos mas não conhecia Jonah ou Sceron tão bem como conhecia Khardeen, e não sabia se as Curandeiras sátiras ou centauras tinham capacidade para tratar deste veneno.

Além disso, Jaenelle iria provavelmente dirigir-se a Scelt. E isso fê-lo chegar a uma decisão.

— Vou levar-te daqui para fora — disse, pegando-lhe ao colo. Nesse momento percebeu que a mão de Karla ainda agarrava o bastão laminado. — Querida, larga o bastão.

— Tenho de limpar... lâmina. Não... guardar arma... sem limpar lâmina. Lucivar... esfola-me.

Daemon esteve prestes a opinar sucintamente sobre essa questão, mas ao olhar por cima do ombro para a mulher esquartejada, engoliu as críticas que pudesse ter tido quanto aos métodos de treino de Lucivar. — Eu limpo as lâminas. E prometo não dizer a Lucivar que não foste tu a fazê-lo.

Os lábios de Karla arquearam-se no sorriso quase imperceptível. — Até podias ser... simpático... se não fosses tão... *macho*.

— A minha Rainha gosta de mim deste modo — disse Daemon mordazmente. Fez o bastão laminado desaparecer, levantou Karla com cuidado e virou-se.

O Guarda-Mor de Karla estava a bloquear a porta. — O que estais a fazer à minha Rainha?

— A levá-la daqui — respondeu Daemon baixinho. — Foi envenenada. Precisa de ajuda.

— Temos Curandeiras.

— Confiaríeis nelas? — Daemon viu o instante de hesitação. — Não tenho motivo de queixa contra vós, Príncipe. Não me obrigueis a passar por vós.

O outro homem examinou-o, concentrando-se no Anel de Jóia Negra. — Sois o Consorte da Senhora Angelline.

— Sou.

O homem desviou-se. Quando Daemon passou por ele, o homem disse baixinho: — Tomai conta dela, peço-vos.

— Assim farei. — Daemon deteve-se. — Vistes Morton?

O Guarda-Mor abanou a cabeça.

Não havia tempo para pensar em Morton ou no que lhe poderia ter sucedido. — Se o virdes, dizei-lhe que levo Karla para Scelt. Não informeis mais ninguém a não ser *Morton*.

O homem anuiu. — Vinde por aqui. Nas traseiras temos uma carruagem impelida pela Arte. Levar-vos-á aos Ventos com mais brevidade.

O Guarda-Mor conduziu a carruagem enquanto Daemon segurava Karla, fazendo uso desses preciosos minutos para envolvê-la em escudos Negros, de modo a protegê-la durante a viagem pelos Ventos. Pararam a alguns centímetros do local onde tinha desembarcado.

— Que as Trevas vos protejam, Príncipe — disse o homem.

— E a vós. — Segurando Karla nos braços, Daemon apanhou o Vento Negro e viajou diligentemente em direcção a Scelt.

Parou uma vez, a meio caminho, para enviar uma mensagem a Khary. “Estou a chegar com Karla. Foi envenenada. Precisamos de uma Curandeira e de uma Viúva Negra. As melhores que conheceres.”

“Jaenelle está a caminho” respondeu Khary.

Era tudo o que precisava saber. Voltou ao Vento Negro e prosseguiu

viagem, ciente de que a areia da ampulheta deslizava com demasiada rapidez.

10 / Kaeleer

Protegido por um escudo de visão, Kaelas e vinte machos arcerianos acocoravam-se nos telhados dos covis dos humanos, observando os movimentos dos malvados machos alados pela aldeia. Alguns dos covis estavam iluminados agora que a noite caíra e sentia-se o cheiro de comida a ser preparada.

“Carne?” perguntou um dos Senhores da Guerra arcerianos.

“Não” respondeu Kaelas. Sentiu uma onda de raiva a percorrer os outros machos. “A carne sabe mal.”

“Viemos caçar mas não levaremos carne de volta aos covis?” perguntou outro macho irritadamente.

“Prometemos à Senhora que não caçaríamos humanos” disse um macho mais jovem, timidamente.

“Estes machos mataram um macho que pertencia à Senhora” disse Kaelas com firmeza. “Mataram os humanos pálidos que pertenciam à Senhora Karla.”

Outra onda de raiva, desta vez dirigida aos malvados machos alados. Os arcerianos não achavam grande utilidade aos humanos, mas gostavam da Senhora Karla e adoravam a Senhora. Por elas, caçariam e regressariam aos covis sem as presas.

O vento mudou ligeiramente, trazendo um odor diferente.

“Levaremos os animais que pertenciam aos humanos pálidos” disse Kaelas. “Os humanos já não precisam deles. Será o pagamento pelo trabalho.” Ficou contente por se ter lembrado desta ideia típica dos humanos. Se a Senhora se irritasse com ele por ter trazido animais da aldeia dos humanos, poderia argumentar com essas palavras.

“Pagamento pelo trabalho?” ecoou um par de machos, para logo um deles perguntar: “É coisa de humanos?”

“É. Mataremos estes malvados machos e depois poderemos levar boa carne para os covis.”

Satisfeitos, os arcerianos posicionaram-se para estudar as presas.

Kaelas observou os machos alados durante um minuto. “Temos ser rápidos... e silenciosos.”

“Mortes rápidas” concordaram os outros.

Kaelas observou o Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Verde a encaminhar-se para um covil próximo do Santuário. *Excepto para aquele.*

Jaenelle estava à espera quando Daemon chegou à casa de Khary e de Morghann.

— Está a sangrar em demasia para ser unicamente devido ao período da lua — disse abruptamente ao entrar a correr no quarto de hóspedes, seguido por Morghann, Khary e Maeve, a Curandeira da povoação. — E já não resta muito tempo.

Jaenelle pousou uma mão no peito de Karla, com os olhos a fixarem algo que somente ela podia ver. — Há tempo — disse, com demasiada serenidade.

Morghann colocou uma camada de toalhas na cama.

Daemon lançou-lhe um olhar gélido ao deitar Karla na cama. Estaria a mulher mais preocupada com a bela roupa da cama do que com uma amiga que fora envenenada?

— Não sentirá tanto quando for necessário mudar uma toalha do que se tivéssemos de mudar um lenço — disse Morghann baixinho, indicando com o olhar que sabia o que tinha pensado — e que ficara magoada.

Não havia tempo para pedidos de desculpa. Morghann e Maeve despiram a camisa de noite e o roupão ensanguentados e retiraram com movimentos ágeis o sangue que cobria a pele de Karla. Jaenelle não prestou a mínima atenção aos cuidados físicos, permanecendo concentrada no tratamento.

Daemon estava prestes a informá-la sobre o que sabia acerca do veneno quando olhou para a manga ensopada em sangue. Foi invadido pelas memórias do momento em que ficou ensanguentado pelo sangue de Jaenelle. Rasgou o casaco e a camisa. Khary levou a roupa e passou-lhe um pano húmido.

Enquanto Daemon limpava o sangue, Jaenelle disse: — Foram usados dois venenos. Não conheço um deles.

Devolvendo o pano a Khary, Daemon aproximou-se da cama. — Um deles provém de uma planta que cresce apenas a sul de Hayll.

Jaenelle levantou os olhos inexpressivos e gélidos. — Sabes preparar o antídoto? — perguntou com uma calma tão invulgar que o alarmou.

— Sei. Mas as ervas de que disponho já têm muitos anos. Não sei se ainda mantêm o vigor.

— Eu consigo aumentar-lhes o vigor. Prepara o antídoto, Daemon.

— E quanto ao outro veneno? — perguntou enquanto começava a preparar um espaço de trabalho na mesinha de cabeceira.

— É sangue-de-feiticeira.

Sentiu um calafrio. O sangue-de-feiticeira crescia apenas no local onde uma feiticeira tivesse sido assassinada de forma violenta – ou onde tivesse sido enterrada. Usado como veneno era virulento e mortal – e, normalmente, imperceptível.

— Consegues detectá-lo? — perguntou Daemon, cautelosamente.

— Consigo detectar o sangue-de-feiticeira seja qual for a forma em que se apresente – respondeu Jaenelle, com a voz da meia-noite.

Foi assolado por outra memória. Jaenelle defronte do canteiro de sangues-de-feiticeira que plantara no recanto da propriedade dos Angelline. *Sabíeis que, se cantardes a melodia certa, dir-vos-ão os nomes das que já morreram?*

Mesmo secas e transformadas em veneno, as plantas diriam à Feiticeira os nomes das que partiram?

Trancando as memórias, bem como o coração, Daemon concentrou-se na elaboração do antídoto.

— Maeve — disse Jaenelle, — prepara uns emplastros simples. Temos de extrair uma certa quantidade de veneno. Morghann, peço-te que saias do quarto. Não voltes aqui, seja por que razão for, até eu te dizer.

— Mas...

Jaenelle limitou-se a olhar para Morghann.

Morghann saiu rapidamente do quarto.

— Posso ficar? — perguntou Khary serenamente. — Vocês os três estarão compenetrados no tratamento. Vão precisar de um par de mãos livres para vos passar o que precisarem.

— Não vai ser fácil, Senhor Khardeen — disse Jaenelle.

Khary empalideceu ligeiramente. — Também é minha Irmã.

Jaenelle acenou com a cabeça, consentindo, e foi então que se debruçou sobre a cama, dizendo num tom de voz tão baixo que Daemon tinha a certeza que fora o único a ouvir: — Braços ou pernas, Karla?

Se obteve uma resposta, foi privada – de Irmã para Irmã. Mas foi o início de uma cura tão macabra que Daemon desejou ardentemente nunca mais voltar a testemunhar nada do género.

12 / Kaeleer

Kaelas atentou nos sons que provinham do quarto e rosnou silenciosamente. O Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Jóia Verde estava a acasalar com a fêmea pálida, a jovem Sacerdotisa. Os gritos da fêmea perturbavam-no. Não se assemelhavam aos sons que a Senhora emitia com Daemon. Nestes sons, havia medo e dor.

Estava prestes a atravessar o escudo Verde que o macho erguera à volta do quarto, estava praticamente decidido a retribuir a morte de Morton com uma morte rápida ao invés do tipo de morte que merecia, quando a fêmea gritou: — Mas eu ajudei-vos. *Ajudei-vos!*

Recordando-se da gatinha de KaeAskavi, que agora era órfã, e de todos os outros humanos pálidos que pertenciam à Senhora Karla e que estavam mortos, Kaelas deu um passo à retaguarda. A fêmea maculara o seu próprio covil, deixara entrar carne envenenada. Merecia este macho alado como parceiro.

Com desvelo para não perturbar o escudo Verde e alertar o macho, colocou um escudo Vermelho à volta do quarto, aprisionando os humanos. Adicionou um escudo psíquico Vermelho para que o macho não fosse capaz de advertir os outros machos alados ao dar-se conta de estar aprisionado.

Escapulindo-se do edifício, Kaelas deteve-se e escutou. Os machos alados eram mais do que os felinos, mas isso não importava. O Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Verde era o único dos machos alados que usava uma das Jóias escuras e encontrava-se aprisionado. Entre os felinos que aqui estavam presentes, Kaelas era o único que usava uma Jóia Vermelha, mas os escudos das Jóias Opala, Verde e Azul-Safira que os restantes usavam serviriam para os proteger enquanto atacavam com unhas e dentes.

“Agora” disse Kaelas.

Silenciosos, invisíveis, os felinos espalharam-se e começaram a caçada.

CAPÍTULO DOZE

1 / Kaeleer

Lucivar e Falonar mantiveram-se a uma distância prudente enquanto observavam as mulheres no treino de tiro ao arco. Hallear estava a alguns centímetros atrás das mulheres, transmitindo instruções que podiam ser ouvidas na manhã tranquila tão nitidamente quanto o som do embate dos bastões que provinha do campo de treinos.

O tempo mudara durante a noite, trazendo a promessa reconfortante da Primavera. Não seria duradouro, mas enquanto durasse, Lucivar pretendia que as mulheres treinassem duas horas no campo de treinos, todas as manhãs. Esta era a primeira manhã em que estavam, de facto, a fazer pontaria a um alvo. Seria divertido observá-las, se não se sentisse tão irritadiço.

Decorrera um dia e meio desde que a ordem de Daemon: “Fiquem onde estão. Mantenham-se atentos” fora retransmitida pelo Primeiro Círculo – uma ordem que fora reforçada por Jaenelle, duas horas depois. A única mensagem adicional que recebera fora igualmente sucinta: Karla fora envenenada e Morton estava desaparecido.

Teria ignorado a ordem se Daemon não estivesse junto de Jaenelle, porém sabia que se alguém podia proteger a Rainha melhor do que ele próprio, esse alguém seria o Sádico.

Por isso ficara... e observara... e aguardara.

Falonar bufou quando uma mancha de setas fez uma tentativa patética de alcançar os alvos. — Achas mesmo que irão conseguir? — perguntou, duvidoso.

Lucivar resfolegou. — Durante os teus primeiros meses nos campos de caça, nem sequer conseguias acertar em algo mais pequeno do que a encosta de uma montanha.

Falonar fitou-o. — Mas não me lamurieei pelo tempo que poderia ser aproveitado para arejar a roupa da cama. Qual é o interesse de fingir que

elas conseguem usar um... *merda*. — Uma mulher com o arco aparelhado começou a virar-se para Hallear que acrescentava instruções. Hallear saltou e empurrou-a para que o arco roçasse pela relva e não numa das mulheres a seu lado.

Lucivar e Falonar crispavam-se face aos palavrões que Hallear usou para explicar aquele pequeno erro.

— Estás a ver? — perguntou Falonar.

— Hallear não aprendeu agora a saltar assim, pois não é a primeira vez que alguém faz algo tão estúpido — respondeu Lucivar. Hesitou, para logo acrescentar: — O que é que te está realmente a chatear nisto?

Falonar raspou com a bota no chão. — Se não formos os guerreiros e os protectores, não nos resta muito a oferecer — até a mulher procurar um garanhão. E isso não é fácil de engolir.

— Sabes cozinhar? — perguntou Lucivar, impassível.

Falonar fulminou-o com o olhar. — Mas é claro que sei cozinhar. Qualquer eyrieno que tenha frequentado os campos de caça sabe preparar uma refeição rudimentar.

Lucivar acenou com a cabeça, afirmativamente. — Então relaxa. Lá porque uma mulher sabe caçar o seu próprio jantar não significa que lhe cresçam tomates, tal como não te crescem mamas por saberes cozinhar. — Observou Surreal a acertar com a seta no anel exterior do alvo e sorriu. — Queres ir lá e dizer-lhe que achas que não consegue manusear um arco?

— Não, pelo menos enquanto tiver uma arma nas mãos — resmungou Falonar, entre dentes.

Deram um salto ao ouvirem uma mulher a gritar alto.

Lucivar sossegou ao reparar na forma como Hallear massajava a boca com a mão e a mulher massajava furtivamente o peito direito com o braço.

— Cinco minutos de treino livre — gritou Hallear antes de correr na direcção dos outros dois homens.

— O que aconteceu? — questionou Falonar.

— Que maldição — disse Hallear, não conseguindo deixar de sorrir ironicamente. — Não me lembrei de as avisar porque... bem, fogo do Inferno, *nunca* tive de ter isso em conta. Como é que ia adivinhar que uma mama podia ficar presa na corda de um arco?

— Presa na... — Falonar olhou para as mulheres — que estavam todas viradas a observá-los furiosamente. Baixou os olhos e pigarreou — várias vezes. — Aposto que dói.

Lucivar sentiu câibras nos maxilares devido ao esforço para não se rir. — Sim, com certeza que deve doer. Não me lembrei de avisar Marian quan-

do lhe ensinei e já tinha treinado Jaenelle. Mas a Marian tem... um peito mais generoso.

Falonar engasgou-se.

Hallevar limitou-se a acenar com a cabeça, de modo solene. — É uma maneira agradável e respeitosa de colocar a questão — especialmente quando está ali um grupo de mulheres que podiam ficar cegas de raiva e atingirem alguma coisa se a colocasses de outro modo.

— Precisamente — disse Lucivar, com sarcasmo. — Treinem até acabarem as setas da aljava e...

Antes de o primeiro grito de pânico ser abafado por brados enfurecidos, já Lucivar corria na direcção do campo de treinos. Saltou para cima do muro baixo em pedra que separava os dois campos. O seu coração gelou ao ver Kaelas a dar uma sapatada descontraída num Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra de Jóia Verde, abrindo-lhe a parte de trás da coxa. O gelo que se formara transformou-se numa gaiola dolorosa ao ver Rothvar e Zaranar a correrem na direcção do estranho com as armas em riste.

“NÃO!” gritou num fio masculino. “Esventro o homem que erguer uma arma!”

Pararam repentinamente, debatendo-se entre o choque desta ordem e a fúria. Todavia, os dois, bem como os restantes homens que se encontravam no campo de treino, obedeceram.

— Ajudem-me! — berrou o desconhecido ao mesmo tempo que investia com a espada de guerra contra Kaelas, tentando manter o felino à sua frente, enquanto retrocedia, coxeando, na direcção dos outros homens. — Malditos sejam nas entranhas do Inferno, *ajudem-me!*

Lucivar virou-se e olhou para as mulheres. “Marian, leva todas as mulheres e sobe para a nossa casa alcantilada. *Fecha as portadas.*”

“Lucivar, o que...”

“Já!”

Caminhou a passos largos até ao círculo de homens, seguido de perto por Falonar e Hallevar. Sentiu uma satisfação instintiva ao observar a facilidade com que Kaelas se esquivava às tentativas de contra-ataque do homem — e perguntou-se o que diriam os outros homens se soubessem que tinha sido *Lucivar* a ensinar o felino a mover-se perante armas dos humanos.

Logo que o homem se colocou numa posição de combate, Kaelas investiu. A velocidade e o peso bruto da investida derrubaram o homem, arrastando-o vários metros para trás. As garras rasgaram os ombros do eyrieno e desceram pelos braços, deixando-os inábeis. O gato afastou-se com um salto e começou a andar lentamente à volta do homem, que mal se conseguia pôr de pé.

Falonar olhou para trás e praguejou baixinho mas ferozmente. Vi-

rando-se e abrindo as asas para esconder o campo de treinos, resmoneou: — Sai daqui com as outras mulheres.

— Não me venhas com essas... oh, merda — disse Surreal ao fingir Falonar e conseguir ver com clareza o homem e o felino.

Kaelas prosseguiu com as sapatadas ligeiras, quase em jeito de brincadeira, infligindo feridas superficiais que iriam levar a presa a esvair-se em sangue, aos poucos. Continuou até o eyrieno desconhecido abrir as asas feridas e tentar voar. O gato saltou com o homem e pousou delicadamente. O homem, com as costas rasgadas, caiu pesadamente.

— Mãe Noite — sussurrou Surreal, — está a *brincar* com aquele homem.

— Está a brincar — disse Lucivar sinistramente ao mesmo tempo que as suas entranhas se contorciam, — mas não é um jogo. É uma execução arceriana.

Surreal compreendeu antes de Falonar. Lucivar viu o rosto da mulher a ficar tenso – e percebeu que os seus olhos estavam repletos de um frio interesse profissional.

— Yaslana — alertou Falonar.

Lucivar sentiu a tensão crescente nos outros homens e sabia que não demoraria muito até um deles desobedecer à ordem que dera e se juntar à “luta”. Começou a aproximar-se.

Kaelas também devia ter sentido o mesmo pois as brincadeiras acabaram. O desconhecido eyrieno gritou enquanto as garras lhe dilaceravam o peito e as coxas até ao osso.

— Kaelas — chamou Lucivar com firmeza, — já... — Sentiu a crepitação de energia da Jóia Vermelha no momento em que as garras voltaram a investir. O objecto voou na direcção de Lucivar tão rapidamente que só teve tempo de o apanhar instintivamente, para não lhe embater contra o peito. Durante um ou dois segundos, Lucivar fitou a cabeça que fora decepada na base do pescoço. E deixou-a cair.

— Mãe Noite — disse Surreal baixinho.

A mão direita do eyrieno, com o anel de Jóia Verde, rasgou o ar e caiu com um baque ao lado da cabeça.

Com uma raiva gutural, Kaelas rosnou enquanto esventrava o homem para, de seguida, defecar no abdómen aberto antes de se afastar do cadáver. Por fim, olhou para Lucivar. “Ainda está lá dentro... para o Senhor Supremo.”

Lucivar tentou engolir, em vão. Kaelas não concluíra deliberadamente a morte. “Porquê?”

“Assassinou Morton” respondeu Kaelas, esforçando-se ao tentar usar um fio de comunicação que pudesse ser ouvido por todos os humanos pre-

sentes. “E matou os humanos pálidos que pertenciam à Senhora Karla.”

Lucivar sentiu uma torrente de fúria, um fogo purificador. “Onde?” Surgiu-lhe uma imagem na mente, estranhamente focada, mas com a nitidez suficiente para conseguir identificar o local. “Agradeço-te, Irmão” disse, usando um fio masculino dirigido especificamente ao felino.

Kaelas saltou, apanhou os Ventos e desapareceu.

— Já fiz muitas coisas na minha actividade de assassina — disse Surreal, prendendo o cabelo atrás das orelhas, — mas nunca caguei num cadáver. É algum tipo de excentricidade felina?

— É a forma de os arcerianos mostrarem desdém pelo inimigo — disse Lucivar. Olhou para Falonar que parecia estar a esforçar-se para não vomitar. Uma olhadela rápida bastou para confirmar que a maioria dos homens estava a passar pelo mesmo, apesar da experiência de batalhas. — Não o reconheço? E tu?

Falonar abanou a cabeça.

— Eu reconheço — disse Rothvar com dificuldades, acercando-se. — Quando soube que eu ia imigrar para Kaeleer, ofereceu-me uma posição na sua companhia. Disse que não ia lambar as botas a nenhuma cabra, que estaria a dominar um belo pedaço de terra no prazo de um ano. Nunca simpatizei com ele, por isso recusei. Mas... — Olhou de relance para a cabeça, para logo desviar o olhar. — Ouvi... pareceu-me ouvir... O gato falava verdade?

— Não iria mentir. — Lucivar respirou fundo. — Falonar, escolhe quatro homens para nos acompanharem. — Olhando ao redor, percebeu que Surreal já não estava junto deles.

Falonar também se virou e praguejou. — Maldição, provavelmente está para aí a vomitar...

Surreal saltou por cima do muro baixo em pedra e saltitou na direcção dos homens, segurando um grande e amolgado balde em metal. Como ficaram todos a olhar para ela, bufou e dirigiu-se a Lucivar, de modo mordaz: — Estavas a pensar levar aquela coisa debaixo do braço até ao Senhor Supremo?

Lucivar sorriu relutantemente. — Obrigado, Surreal. — Vacilou. Tinha as mãos já ensanguentadas, mas, ainda assim, vacilou.

Surreal não vacilou. Bufando novamente, lançou a cabeça e a mão para o balde e cobriu-o com um pedaço de pano escuro.

Os homens retraíram-se. Surreal rosnou-lhes.

Percebendo a circunspecção nos olhos de Falonar, Lucivar disse: — Cumpre as ordens que te foram transmitidas, Príncipe.

Falonar e Rothvar foram-se embora com mais rapidez do que discrição.

— Diz-me que não se comporta deste modo no campo de batalha

— disse Surreal com uma ponta de azedume. — Provavelmente teria sido melhor se eu me agarrasse ao seu braço e pedisse saís de cheiro.

— Não o condenes precipitadamente — disse Lucivar, serenamente. — Não está habituado a uma mulher como tu.

Surreal insurgiu-se. — E que tipo de mulher é esse?

— Uma feiticeira Dea al Mon.

Devagar, surgiu um genuíno sorriso. — Suponho que devia ter mais tacto. — Acenou com a mão para o balde e hesitou. — Gostava de te acompanhar.

— Não. Quero que fiques aqui com as outras mulheres.

Uma geada cobriu-lhe os olhos. — Porquê?

Bruscamente impaciente, resmoneou: — Porque usas a Cinzenta e confio em ti. — Aguardou até se certificar de que Surreal compreendera. — A minha casa alcantilada está protegida com escudos Ébano-Acinzentados, mas Marian sabe penetrá-los. Não deixes entrar ninguém que ela não reconheça — seja por que motivo for. Voltarei logo que possível.

Surreal anuiu. — Está bem. Mas tem cuidado. Se te magoares, dou-te um murro.

Lucivar aguardou até Surreal já não o conseguir ouvir para logo acenar a Hallevar, que se aproximou. — Manda o Palanar à casa da minha mãe. Ele que acompanhe a Senhora Luthvian para a minha casa alcantilada sem delongas.

Hallevar moveu-se constrangidamente. — Vai dar uma descasca ao rapaz.

— Diz-lhe que é uma ordem do Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih — disse Lucivar. — Quero que mantinhas os olhos abertos. Se vires, ouvires ou detectares algo que não é do teu agrado, manda um dos rapazes à Fortaleza e outro ao Paço para ir buscar ajuda. A alcateia também ficará de vigia. Se vires alguém que não more nas redondezas, mesmo que os conheças bem de Terreille, encara-os como inimigos. Compreendido?

Acenando afirmativamente com a cabeça, Hallevar partiu para tratar das suas obrigações.

Pouco tempo depois, Lucivar e cinco dos seus homens voavam em direcção à Fortaleza.

2 / Kaeleer

Lucivar pousou o balde de metal na extremidade oposta da mesa de trabalho e observou Saetan a deitar sangue fresco numa malga de líquido a ferver. — Julguei que estavas no Paço, a aguardar notícias.

— Draca pediu-me que viesse — respondeu Saetan, mexendo lentamente o conteúdo da malga. — O que te traz aqui?

— Morton morreu.

A mão de Saetan deteve-se por um instante para logo retomar o movimento. — Eu sei.

Lucivar crispou-se e disse cautelosamente: — Está no Reino das Trevas?

— Não, está aqui. Foi essa a razão que levou Draca a solicitar que viesse. Veio informar-nos.

Lucivar começou a andar para trás e para a frente, numa inquietação. — Ainda bem. Vou falar com ele antes de...

— Não.

O tom implacável da voz de Saetan deteve-o — por um instante. — Não me importa se agora é demónio-morto.

— Mas ele importa-se. — A voz de Saetan suavizou-se. — Não quer ver-te, Lucivar. A nenhum de vós.

— E por que não, em nome do Inferno? — gritou Lucivar.

Saetan rosnou. — Julgas que é fácil fazer a transição? Achas que alguma coisa será igual para ele? Está *morto*, Lucivar. É um jovem que já não terá oportunidade de realizar actos grandiosos, que já não é quem era nem o que era. Existem razões para que os mortos permaneçam, a grande parte do tempo, entre os mortos.

Lucivar continuou a andar. — Não é que o Primeiro Círculo não esteja habituado ao convívio com demónios-mortos.

— Não os conheceste quando caminhavam entre os vivos — disse Saetan, com serenidade. — Não existiam laços que precisassem de ser cortados. É verdade, os laços *têm* forçosamente de ser cortados — disse, sobrepondo-se ao protesto de Lucivar. — Os vivos têm de seguir em frente — bem como os mortos. Se não consegues respeitar esse facto, pelo menos respeita o facto de Morton precisar de tempo para se adaptar antes de ter de vos enfrentar.

Lucivar rogou pragas. — Qual é a gravidade...?

Saetan pousou a colher e deslocou-se para o lado oposto da mesa. — As feridas não são visíveis quando está vestido. Na verdade, não teriam sido fatais se as setas não contivessem veneno.

— Veneno — disse Lucivar ao olhar para o balde.

— Morton não te poderia dar muitas informações e sem mais elementos, o que ele sabe não nos servirá de grande ajuda.

Lucivar apontou para o balde. — É possível que encontres ali as respostas.

Saetan levantou o pano escuro, olhou para dentro do balde e deixou o pano cair.

— Kaelas — informou Lucivar, respondendo à questão tácita.

— Compreendo — disse Saetan placidamente. — Vais regressar a Ebon Rih?

Lucivar abanou a cabeça. — Vou, acompanhado de alguns homens, ao Altar das Trevas em Glacia dar uma vista de olhos, para ver se encontro algumas respostas.

— A ordem da nossa Rainha foi bastante explícita — lembrou Saetan, com serenidade.

— Vou arriscar que ela fique furiosa comigo.

Saetan acenou com a cabeça. — Assim sendo, como Administrador da Corte, solicito oficialmente que te dirijas ao Altar das Trevas em Glacia para esclarecer o sucedido.

— Não preciso de me esconder atrás do teu título — ripostou Lucivar.

Saetan sorriu com frieza. — Estou a fazê-lo tanto por Jaenelle como por ti. Desta forma, poderá recuar com graciosidade, não tendo de te confrontar por teres desobedecido a uma ordem directa.

— Oh. Nesse caso...

— Toca a andar, rapazolas. Depois, informa-me no Paço. E, Príncipe Yaslana — acrescentou Saetan quando Lucivar alcançou a porta, — lembra-te que Glacia não é o teu território. Aí não és a lei.

— Sim, senhor, não me esquecerei. Limitar-nos-emos a observar e a informar.

3 / Kaeleer

Atenta ao olhar reservado de Marian e à forma como Luthvian conseguia transmitir silenciosamente a desaprovação relativa à escolha da esposa que o filho fez, Surreal conjecturou quão danado ficaria Lucivar se levassem a mãe dele para o jardim e se a usassem como alvo para treinarem.

— Como é que conseguiste fazer alguma coisa esta manhã? — perguntou Nurian, a Curandeira assistente, aceitando um bolinho de avelã da travessa que Marian estava a fazer circular. — Melhor, como é que consegues fazer o que quer que seja depois destes treinos matinais?

— Oh — exclamou Marian com um sorriso tímido, — já estou habituada e...

— Sois Curandeira — interrompeu Luthvian, olhando friamente para Nurian. — O facto de sentires dificuldades na prática de uma Arte exigente depois destes treinos é compreensível. Mas não servem de desculpa para a negligência dos deveres se nos referirmos a *Arte caseira*. Afinal,...

— Vão-nos dar licença — disse Surreal, puxando Luthvian para que se levantasse. — Eu e a Senhora Luthvian temos uns assuntos a tratar.

— Larga-me — resmoneou Luthvian enquanto Surreal a arrastava para fora da sala. — Não se trata uma Curandeira Viúva Negra como se fosse uma...

— Uma feiticeira doméstica? — disse Surreal com uma doçura peçonhenta enquanto empurrava Luthvian para o jardim.

— Exactamente — respondeu Luthvian sombriamente. — Mas não creio que uma *prostituta*...

— Cala-te, cabra — disse Surreal com uma serenidade exagerada.

Luthvian inspirou ruidosamente. — Estás a esquecer-te do teu lugar!

— Não, docinho, isso é exactamente o que não me estou a esquecer. Podes pertencer a uma casta superior, mas as minhas Jóias são superiores às tuas. Julgo que isso equilibra as coisas — pelo menos no seio da família. Não gostas de mim, mas isso serve-me às mil maravilhas pois eu também não gosto de ti.

— Não é sensato enfurecer uma Viúva Negra — disse Luthvian, suavemente.

— Do mesmo modo, não é sensato enfurecer uma assassina. — Surreal sorriu quando Luthvian arregalou os olhos. — Por isso, vamos simplificar a questão. Se voltas a fazer algum comentário depreciativo sobre Marian, pego em ti e bato com a tua cara na parede até te entrar algum bom senso na cabeça.

— O que julgas que Lucivar diria sobre *isso*? — A voz de Luthvian parecia segura, mas nos olhos havia dúvida.

— Oh — respondeu Surreal, — não creio que Lucivar tivesse algo a dizer, pelo menos a *mim*. — Ao ver a estocada verbal a acertar no alvo, sentiu uma compaixão momentânea por Luthvian. A mulher afastava as pessoas, mas depois parecia ficar perplexa por se ver sozinha.

— Podia ter arranjado melhor — protestou Luthvian. — Não precisava de se contentar com uma feiticeira doméstica de Jóia Violácea.

Surreal observou Luthvian. — Isto não tem nada a ver com Lucivar, pois não? *Tu* é que estás envergonhada porque o teu filho casou com uma *feiticeira doméstica*. Marian é uma mulher dócil e carinhosa que o ama e cuja presença o faz feliz. Se tivesse casado com uma Curandeira Viúva Negra e se fosse infeliz, bem, isso não importava, porque teria casado com uma mulher digna de um Príncipe dos Senhores da Guerra. Certo? — *Além disso*, acrescentou em silêncio, *o Senhor Supremo aprova a escolha do filho*, o que levava Surreal a desconfiar que era essa a razão principal da desaprovação de Luthvian. — Lembra-te do que te disse, Luthvian. — Começou a afastar-se.

— Lá porque o Senhor Supremo tolera que faças uso do nome Sa-Diablo, isso não muda o que foste – e ainda és — disse Luthvian, de modo desagradável.

Surreal olhou por cima do ombro. — Não — disse, — não muda. Também é bom que te lembres disso.

4 / Kaeleer

Lucivar sentiu o formigueiro de poder remanescente no preciso momento em que saiu da teia de desembarque. Enquanto os outros eyrienos olhavam atónitos para os cadáveres e segredavam apreensivamente, Lucivar manteve os olhos na neve batida, alguns centímetros à sua frente. Dirigiu-se a esse local e circundou-o.

— O que foi? — perguntou Falonar, evitando igualmente o sítio.

— Foi aqui que Morton morreu — disse Lucivar baixinho.

— Não foi o único a morrer — disse Rothvar sinistramente, olhando para os cadáveres maltratados dos eyrienos.

— Não, não foi o único — respondeu Lucivar. *Mas foi o único que vi crescer de jovem respeitável até se tornar num homem excepcional.* — Rothvar, tu e o Endar...

Se não tivesse vivido os últimos oitos anos com parentes, nunca detectaria este odor psíquico específico – e nunca saberia da presença dos felinos arcerianos até ser demasiado tarde.

Passou os olhos pelos telhados da povoação de uma forma descontraída, ao mesmo tempo que se recolhia nas profundidades da sua Jóia Ébano-Acinzentada e sondava a área. Oito arcerianos. Dois deles eram Príncipes dos Senhores da Guerra. Todos usavam Jóias escuras.

— Não peguem nas armas — disse Lucivar, mantendo um tom de voz baixo e sem variações. — Temos companhia. — Movendo-se devagar, desapertou a curta capa de lã, abrindo-a para mostrar o peito e a Jóia Ébano-Acinzentada que pendia da corrente à volta do pescoço. Levantou os braços, afastando-os das armas. — Sou Lucivar Yaslana — disse em voz alta. — Pertencço à Senhora. E estes machos pertencem-me.

“Não consigo detectar nada” disse Falonar num fio masculino Safira.

“Normalmente, os parentes não anunciam a sua presença” disse Lucivar, friamente. “Especialmente os arcerianos.”

“Mãe Noite!” Falonar olhou para os cadáveres maltratados dos eyrienos. “Os gatarrões ainda estão por aqui? Quantos?”

“Oito. Esperemos que cheguem à conclusão que somos amigos ou isto vai dar uma grande confusão.”

Lucivar aguardou até os braços lhe começarem a doer. Por fim, sentiu um prudente toque psíquico. “És Irmão de Kaelas” disse uma voz que era ao mesmo tempo um rosnado.

“E Kaelas é meu Irmão” respondeu Lucivar. Baixou os braços.

“O que vos traz aqui?” questionou o felino.

“Para prestar testemunho à Senhora.”

Uma longa pausa. “Kaelas disse-nos para tomarmos conta deste local para que mais nenhuma carne estragada atravessasse o Portão.”

Lucivar esperou que os felinos que o observavam julgassem que o arrepio se devera ao frio e não à referência aos eyrienos como “carne estragada”. “Kaelas é sensato.”

“Observem e depois vão-se embora.” Não era uma pergunta.

Lucivar virou-se para os seus homens. Levantou a voz para se certificar de que o felino arceriano que se encontrava mais próximo pudesse ouvir as ordens. — Ergam escudos básicos.

Cinco homens olharam-no perplexos, seguindo-se uma rápida compreensão. Foram envolvidos por escudos protectores.

“Estes escudos *conseguirão* proteger-nos?” perguntou Falonar a Lucivar, usando um fio Safira para que os outros homens não o conseguissem ouvir.

“Não” respondeu Lucivar laconicamente. “Armas em riste. Invocou a sua espada eyriena e acenou com a cabeça em guisa de aprovação quando os outros seguiram o exemplo.”

— Kohlvar, tu e Endar ficam de guarda na teia de desembarque. Rothvar e Zaranar, vão pelo lado esquerdo da aldeia. Falonar, segue-me. — “E se algum dos arcerianos surgir, mostrem-lhe a mesma reverência que mostrariam perante outro guerreiro” acrescentou num fio masculino geral.

Moveram-se devagar, com cautela, com a consciência absoluta de que os felinos observavam todos os movimentos, todos os gestos.

— Como é que aqueles gatarrões conseguiram matar tantos eyrienos sem que ninguém fizesse soar um alarme? — perguntou Falonar baixinho, depois de terem verificado metade das casas no lado da povoação de que estavam incumbidos. Era óbvio que um grande número dos homens de nada suspeitara até serem atacados.

— Quando um arceriano caça, normalmente não nos apercebemos da sua presença até nos matar — respondeu Lucivar distraidamente ao verificar rapidamente outra casa. Havia indícios de pequenas escaramuças em todas as casas, mas foram glaciaños contra eyrienos. — Isso torna-os extremamente eficientes.

Ao chegarem aos aposentos no Santuário, ficaram ambos embasbacados a olhar para a Sacerdotisa – ou para o que restava dela.

— Fogo do Inferno — disse Falonar, a repugnância a tomar conta dele ao mesmo tempo que recuava. — Bem, acho que a violação colectiva é um tipo de execução lenta. Mas por que razão só mantiveram esta? E o que os levou a espancá-la até à morte quando o que tinham feito já seria suficiente para a matar?

— Porque as outras mulheres debateram-se ao passo que esta esperava um tipo diferente de recompensa — respondeu Lucivar. Quando Falonar o fitou com os olhos plenos de horror, Lucivar deu uma gargalhada, grave e sórdida. — Passaste tempo suficiente nas cortes terreilleanas para saber como te conspurcar, Príncipe Falonar. Aquele canalha de Jóia Verde teve de contar com a ajuda de *alguém* para atravessar o Portão de volta a Terreille — ou, pelo menos, para evitar que a idosa Sacerdotisa percebesse que o Portão estava a ser usado sem o seu conhecimento nem consentimento. Quanto ao espancamento... Imagino que quando o canalha percebeu que estava aprisionado precisou de descarregar em alguém.

— O gatarrão não o matou com a lentidão que merecia — disse Falonar entre dentes, afastando-se do quarto. — Nem de perto.

Suponho que o Senhor Supremo saberá extrair o pagamento final pela dívida, pensou Lucivar, mas não o disse a Falonar.

Quando iam a sair do Santuário, Zaranar acenou-lhes para que se aproximassem.

— Rothvar está na porta das traseiras — disse Zaranar, agitado. — Penso que é melhor tratardes disto. Limitámo-nos a vigiar as portas — acrescentou depressa.

Antes que Lucivar conseguisse dar um passo, Kohlvar enviou uma mensagem urgente. “Príncipe, encontra-se um glaciano na teia de desembarque que diz que é o Guarda-Mor da Senhora Karla. Está acompanhado de quarenta guardas.”

“Diz-lhe para não sair daí” respondeu Lucivar rispidamente enquanto se dirigia com Falonar para as traseiras da casa. “Já vou falar com ele dentro de alguns minutos.”

Antes de chegar à porta das traseiras, ouviu rosnados nervosos que provinham de dentro da casa. Rothvar afastou-se. Lucivar preparava-se para entrar, mas parou abruptamente.

O Senhor da Guerra arceriano tinha praticamente atingido a maturidade por isso não restava muito espaço na diminuta cozinha para um gato daquele tamanho andar de um lado para o outro. Na mesa, estava disposto um sortido invulgar de comida. No chão, jazia uma cabra, habilmente morta.

Quando Lucivar deu um passo na direcção da cabra, o felino saltou para cima da presa e rosnou.

“Minha” disse o gato.

— Tudo bem — respondeu Lucivar conciliatoriamente.

O felino parecia intrigado pelo rápido consentimento. “Pagamento pelo trabalho.”

Interessante, pensou Lucivar. Seria este um teste dos parentes a uma ideia dos humanos? — Uma vez que estás a vigiar este sítio ao invés de caçares, é justo que sejas pago com carne.

Descontraindo-se ligeiramente, o felino olhou para a mesa e Lucivar também. Não havia nada ali que se adequasse ao gosto de um felino. — Isto também é pagamento pelo trabalho?

“Comida dos humanos.” O felino deu uma entoação à frase que parecia uma questão esperançosa.

— Sim, é.

“Uma gatinha apreciaria esta comida?”

Lucivar coçou o queixo. — Não sei.

O felino emitiu uma rosnadela, mas o som expressava desânimo. “Queimámos carne para ela, mas não a quis comer.” Torceu o focinho para indicar o que pensava sobre arruinar um belo pedaço de carne, cozinhando-o. “Prometi levar-lhe comida de humanos.”

Um arrepio percorreu as costas de Lucivar. — Há uma criança que sobreviveu?

“Sim. A gatinha. A amiga de KaeAskavi.” O gato examinou-o, perguntando a seguir, de modo hesitante: “Irás ajudar?”

Lucivar pestanejou para reprimir as lágrimas que poderiam confundir o felino. — Sim, ajudarei.

5 / Kaeleer

— Agimos correctamente? — perguntou Daemon enquanto caminhava pelo ar com Lucivar, sobre a neve alta e em direcção ao local considerado como teia de desembarque oficial. Não estavam a fazê-lo somente para que não se afundassem em neve até à cintura; as pegadas poderiam indicar a um inimigo onde estavam localizados os covis arcerianos.

— Que mais poderíamos fazer? — respondeu Lucivar, abatido. — A rapariga perdeu a mãe, a aldeia, toda a gente que conhecia. KaeAskavi é o único amigo que lhe resta. Há focos de combates a decorrer por toda a Glacia, por isso colocá-la noutra aldeia... Não temos garantias de que sobreviveria ao próximo ataque a uma povoação. Eu e Marian levá-la-íamos para viver connosco, mas...

Daemon abanou a cabeça. — Tens razão. Não aguentaria o convívio

com eyrienos, neste momento. — E fora essa a principal razão pela qual Lucivar insistira para que Daemon o acompanhasse a Arceria.

— E não a podemos levar para mais lado nenhum — acrescentou Lucivar, tristemente. — Primeiro temos de saber se este ataque fez parte de uma tentativa de Hobart voltar a controlar Glacia ou se é algo mais do que isso. Disseste que a rapariga estava bem a nível físico.

— Torceu um pé, mas as Curandeiras arcerianas dispõem da Arte para tratar de membros feridos. Para além disso, estava... ilesa. — Não conseguia proferir a palavra “violação”. Jamais se olvidaria do pânico que o grassara quando rastejou para o covil e viu Della – a Della de cabelo louro, de olhos azuis, com dez anos. Não era minimamente parecida com Jaenelle, excepto na tez, mas isso fora suficiente para que as memórias do que acontecera em Chaillot há treze anos regressassem e o invadissem. Tinha as mãos trémulas ao examiná-la, procurando ferimentos, ao usar uma delicada sonda psíquica para responder a essa questão específica. As mãos não deixaram de tremer ao ver que Della agarrava um gato de peluche numa mão e na outra, um punhado de pêlo de KaeAskavi – o que significava que o gato tinha estado literalmente em cima dela. Fora a forma como se tinha agarrado a KaeAskavi que o forçara a deixá-la naquele lugar. Precisava de se sentir segura para sarar – e parecia óbvio que aconchegar-se a cento e cinquenta quilos de músculo e de pêlo lhe dava uma enorme sensação de segurança.

Lucivar pousou uma mão no ombro de Daemon. — Algumas semanas entre os arcerianos não a irão prejudicar. Pelo menos desta forma, poderá ser ter os “cuidados maternos” sem a sensação de que está a deixar que alguém ocupe o lugar da mãe.

Daemon assentiu. — Vais regressar a Ebon Rih? — Tencionava dirigir-se à Fortaleza pois Jaenelle estava a caminho com Karla e Morghann.

Lucivar abanou a cabeça. — O Senhor Supremo pediu que o informasse no Paço. Esta excursão inesperada adiou esse relatório alguns dias, por isso é melhor dar corda aos sapatos, antes que Saetan decida puxar os cordelinhos.

— Assim sendo, acompanho-te.

Ao chegarem ao local onde poderiam apanhar os Ventos, Lucivar hesitou. — Como está a Karla? Não tive oportunidade de a ver antes de partirem para a Fortaleza.

Daemon fixou o olhar na neve lisa. — Sobreviverá. Jaenelle julga que conseguirá tratar as pernas para que Karla volte a andar.

— Jaenelle *julga* que conseguirá? — Lucivar empalideceu. — Mãe Noite, Daemon, se *Jaenelle* não tem certeza, o que fizeram...

— Não queiras saber — disse Daemon com rispidez. Esforçou-se por

suavizar o tom de voz. — Não queiras saber. Não... quero falar sobre isso. — Mas era Lucivar que estava a perguntar, por isso fez um esforço. — Não existe antídoto para o sangue-de-feiticeira. O veneno teve de ser levado para uma parte do corpo de modo a salvar os órgãos internos, tendo depois de ser extraído. Provocou a... morte a grande parte dos músculos e o músculo teve de ser... — Sentiu o estômago a revolver-se ao recordar os membros atrofiados que tinham sido pernas saudáveis.

— Esquece — disse Lucivar, com afabilidade. — Esquece.

Ambos respiraram fundo e irregularmente antes de Daemon dizer: — Quanto mais depressa apresentarmos os nossos relatórios, mais depressa poderemos regressar aos nossos lares. — Para Daemon, o lar não era um lugar, era uma pessoa — e naquele momento, precisava de saber que Jaenelle estava em segurança.

6 / Terreille

— Kartane enviou um relatório. — Dorothea seleccionou zelosamente um pedaço de fruta cristalizada, deu uma dentada e mastigou lentamente, somente para deixar Hekatah à espera.

— E? — perguntou Hekatah, passados uns instantes. — O Portão em Glacia está sob controlo para o podermos usar? A aldeia está preparada para receber os nossos imigrantes escolhidos a dedo?

Dorothea escolheu outro pedaço de fruta. Desta vez, deu-lhe duas lambidelas delicadas antes de responder. — Os aldeões foram eliminados. Bem como os eyrienos.

— O quê? Como?

— O mensageiro que se encontrou com Kartane não conseguiu descobrir o que sucedeu aos eyrienos, somente soube dizer que dizimaram os aldeões e que, por seu turno, foram igualmente dizimados. — Fez um compasso de espera. — O Senhor Hobart também está morto.

Hekatah ficou petrificada. — E a cabra da Rainha, Karla? Pelo menos aí alcançámos o objectivo?

Dorothea encolheu os ombros. — Desapareceu durante as alterações. Tendo em conta que Ulka morreu de modo tão... dramático... só podemos partir do princípio que ingeriu o veneno.

— Então está acabada — disse Hekatah, com um vago sorriso de satisfação. — Mesmo que alguém consiga descobrir um antídoto para o veneno haylliano a tempo, o sangue-de-feiticeira dará conta do resto.

— Os nossos planos para Glacia ficaram pelo caminho. Ou isso não vos ocorreu?

Hekatah acenou com a mão como se estivesse a afastar essa afirmação. — Tendo em conta *o que* alcançámos, é um inconveniente de somenos importância.

Dorothea deixou cair a fruta na tigela. — Não alcançámos *nada*!

— Estás a ficar inflexível, Dorothea — disse Hekatah, com uma peçonha adocicada. — Começas a ter atitudes de velha, tão adequadas ao teu aspecto.

Dorothea sentia o sangue a latejar-lhe nas têmporas e desejava — oh, como desejava — libertar somente uma pequena parte dos sentimentos que tinham vindo a tornar-se cada vez mais virulentos. Odiava Hekatah, mas também precisava da cabra. Por isso, recostou-se e infligiu uma ferida que magoaria muito mais profundamente do qualquer golpe físico. — Pelo menos, ainda tenho cabelo. Esse pedaço de careca está a começar a alastrar-se, minha cara.

Hekatah levantou automaticamente a mão para esconder a área. Com esforço, baixou-a antes de chegar à cabeça.

O ódio impotente nos olhos dourados e sem brilho de Hekatah assustava ligeiramente Dorothea, embora produzisse também uma sensação de satisfação perversa.

— Teremos de nos contentar em entrar sorrateiramente pelos outros Portões — disse Hekatah. — Agora temos algo melhor.

— O quê? — perguntou Dorothea, de modo educado.

— A desculpa de que precisávamos para começar a guerra. — O sorriso de Hekatah continha uma malevolência pura.

— Compreendo — disse Dorothea, devolvendo o sorriso.

— Os imigrantes que escolhermos para substituir os aldeões irão para Glacia — tal como teria acontecido se Hobart nos tivesse oferecido aquela aldeia como pagamento pela nossa ajuda. Acrescentaremos alguns imigrantes de outros Territórios terreilleanos. Os acompanhantes serão machos sem conhecimento da localização original da aldeia. Só os condutores das Carruagens serão informados do local onde irão deixar as famílias felizes — local esse que não será nas proximidades de uma área habitada, por isso não haverá forma de os detectarem. Os acompanhantes, como é óbvio, ficarão consternados por não vislumbrarem qualquer sinal de uma povoação a aguardar habitantes. — Os olhos de Hekatah ganharam um ar sonhador. — A companhia de guerreiros eyrienos que estará a aguardá-los encarregar-se-á do resto. A carnificina será... horrída. Contudo, um par de sobreviventes conseguirá fugir. Sobreviverão o tempo necessário para alcançarem a Pequena Terreille e contarem a umas quantas pessoas sobre os terreilleanos que estão a ser chacinados em Kaeleer. E sobreviverão o tempo

necessário para contarem que eram dois os homens que comandavam – um haylliano e um eyrieno.

— Todos em Terreille julgarão tratar-se de Sadi e Yaslana — disse Dorothea com satisfação. — Depreenderão que o Senhor Supremo ordenou o ataque e que enviou os filhos para o orientarem.

— Exactamente.

— O que virá provar que todas as minhas advertências eram justificadas. E logo que as pessoas comecem a magicar nas razões da ausência de notícias dos amigos e dos entes queridos... — Dorothea deslizou na cadeira com um suspiro de satisfação e, de seguida, endireitou-se relutantemente. — Temos ainda de encontrar uma forma de controlar Jaenelle Angelline.

— Oh, com o incentivo adequado, irá colocar-se à nossa mercê, voluntariamente.

Dorothea resfolegou. — Que tipo de incentivo a levaria a tal acto?

— Servirmo-nos de alguém que ama como isco.

7 / Kaeleer

Em pele de galinha, Saetan ouviu os relatos de Lucivar e Daemon. Gostaria de acreditar que o Senhor Hobart contratara uma companhia de eyrienos para o ajudar a tomar o poder em Glacia, gostaria de acreditar que a morte de Morton e que o ataque a Karla eram questões estritamente glacianas. Porém, tinham-lhe sido feitos outros relatos nas últimas vinte e quatro horas. Duas Rainhas de Concelho em Dharo tinham sido assassinadas, juntamente com os acompanhantes. Uma multidão de plebeus atacara uma alcateia de parentes que se reunira recentemente à volta de uma jovem Rainha. Enquanto os machos enfrentavam essa ameaça, alguns Sangue apanharam-nos de surpresa, mataram a Rainha e desapareceram, deixando os plebeus para trás, à mercê da fúria dos machos. Em Scelt, encontraram um Príncipe dos Senhores da Guerra, um jovem que ainda não tinha chegado à idade de realizar a Dádiva às Trevas, por detrás da taberna da sua terra natal. Tinha a garganta cortada.

Ainda mais inquietante, Kalush fora atacada ao passear num parque em Tajrana, a capital do seu próprio Território. Kalush e a sua pequena filha não sofreram qualquer ferimento somente devido à incapacidade revelada pelos atacantes de penetrarem no escudo protector que as envolvia – o escudo Ébano do anel que Jaenelle lhe oferecera – e também porque Aaron, alertado pela ligação do Anel de Honra que usava, chegara celeremente, já a roçar a orla assassina, destruindo os atacantes com uma ferocidade que tocava as raias da loucura.

Não foi preciso um grande esforço mental para entender o padrão, especialmente por tê-lo reconhecido. Cinquenta mil anos que se eclipsaram como se nunca tivessem existido. Poderiam ter sido Andulvar e Mephis ali sentados, dando voz às preocupações que sentiam face a ataques repentinos e aparentemente aleatórios, que visavam um homem que insistira que, como Guardião, deixara de poder interferir nos assuntos dos vivos. Ainda era Guardião, mas estava demasiado enredado nos assuntos dos vivos para seguir as regras impostas aos Guardiões.

A guerra ia começar.

Imaginou se Daemon e Lucivar já se teriam apercebido desse facto.

E imaginou quantos entes queridos teria de ajudar, desta vez, na transição para demónios-mortos – e quantos desapareceriam sem deixar rasto. Como o filho de Andulvar, Ravenar. Como o seu próprio filho, o seu segundo filho, Peyton.

— Pai? — chamou Daemon, em voz baixa.

Percebeu que ambos o estavam a fitar com atenção, mas foi em Daemon que se concentrou. O filho que era o espelho, que era o seu verdadeiro herdeiro. O filho que melhor compreendia – e que menos compreendia.

Antes de começar a relatar-lhes os outros ataques, Beale bateu à porta do gabinete e entrou.

— Perdoai a intromissão, Senhor Supremo — disse Beale, — mas está lá fora um Senhor da Guerra para vos falar. Traz uma carta.

— Sendo assim, fica com a carta. Não desejo ser incomodado agora.

— Foi o que sugeri, Senhor Supremo. Disse que precisa de a entregar pessoalmente.

Saetan aguardou um momento. — Muito bem.

Lucivar saltou da cadeira, posicionando-se de modo a flanquear quem quer que estivesse junto à secretária. Daemon levantou-se e encostou-se a um dos cantos da secretária.

O guerreiro ferrenho e o macho indolente. Saetan imaginou que já tivessem desempenhado estes papéis noutras ocasiões – e era uma representação perfeita. Com a fúria de Lucivar à superfície, a atenção centrar-se-ia nele – mas o golpe mortal seria desferido por Daemon.

O Senhor da Guerra que entrou no gabinete estava pálido, nervoso e a transpirar. Empalideceu ainda mais ao deparar-se com Lucivar e Daemon.

Saetan contornou a secretária. — Tendes uma carta que me é dirigida?

O Senhor da Guerra engoliu em seco. — Sim, senhor. — Mostrou um envelope, com a tinta um pouco esborratada pelas suas mãos.

Saetan sondou o envelope. Não encontrou nada. Nenhum vestígio de feitiços. Nenhum vestígio de veneno. Pegou no envelope e olhou para o Senhor da Guerra.

— Encontrei esse envelope na secretária do quarto de hóspedes esta manhã — disse o homem, apressadamente. — Não sabia que lá estava.

Saetan olhou para o envelope. Só tinha o seu nome escrito. — Então encontraste-lo esta manhã. Isso é relevante?

— Espero que não. Quer dizer... — O homem respirou fundo, fez um esforço para se acalmar. — O Senhor Magstrom é... era... o avô da minha esposa. No último Outono veio visitar-nos, imediatamente antes de... Bem, antes. Parecia transtornado, mas não lhe demos muita atenção. A minha esposa... Acabáramos de ter a confirmação de que estava grávida. Tinha sofrido um aborto no ano anterior e estávamos preocupados que pudesse voltar a ocorrer. A Curandeira avisou-a para ter cuidado.

Porque estava o homem a desculpar-se? — A vossa esposa está bem?

— Sim, obrigado, ela está, mas tem tido cuidado. O avô Magstrom não referiu a carta. Pelo menos, não me lembro de qualquer referência e, depois de ter sido... assassinado... — O homem tinha as mãos trémulas. — Espero que não fosse nada urgente. Logo que a descobri, soube que tinha de vir sem demora. Espero que não fosse nada urgente.

— Com certeza que não era — respondeu Saetan, afavelmente. — Devem ser as informações habituais que o Senhor Magstrom me fazia chegar após uma feira de serviços — uma corroboração mais do que outra coisa.

O alívio do homem era visível.

Saetan olhou de relance para a Jóia Amarela do Senhor da Guerra. — Posso oferecer-vos uma Carruagem para vos levar a casa?

— Oh, não quero maçar-vos.

— Não custa nada — e com um motorista que consiga viajar pelos Ventos mais escuros, chegareis a casa a tempo de jantardes com a vossa Senhora.

O Senhor da Guerra hesitou por mais uns instantes. — Agradeço-vos. Não... gosto de ficar longe dela por muito tempo. — Pareceu ligeiramente envergonhado. — Ela diz que me preocupo com ninharias.

Saetan sorriu. — Ides tornar-vos pai. Tendes o direito de vos afligirdes. — Acompanhou o homem, deu instruções a Beale relativamente à Carruagem e regressou para junto de Daemon e de Lucivar. Com o abre-cartas da secretária, abriu o envelope cuidadosamente. Invocou os óculos em meia-lua, abriu a carta e leu.

— Recebias relatórios de Magstrom relativos às feiras de serviço? — perguntou Lucivar, aceitando o copo de conhaque que Daemon lhe servira.

— Não. — E quanto mais lia, menos gostava de ter recebido este relato. Ao reler a carta, quase deixou de ouvir a conversa entre Lucivar e Daemon — até Daemon referir algo que lhe despertou a atenção. — O que foi que disseste?

— Disse que o Senhor Magstrom referiu que ia enviar cartas a algumas das Rainhas fora da Pequena Terreille — repetiu Daemon, fazendo o conhaque rodopiar no copo. — *Mas depois de Jorval se apossar do meu processo de imigração, fui informado de que as Rainhas fora da Pequena Terreille não teriam em consideração um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra.*

Lucivar resfolegou. — Muito provavelmente, Jorval fez com que as cartas não seguissem. Fogo do Inferno, Daemon, conheceste as outras Rainhas de Território. Constituem a assembleia. Se alguma delas tivesse recebido uma carta, faria chegar o Administrador à feira de serviços tão depressa quanto possível para assinar o contrato.

— Lê isto — disse Saetan, passando a carta a Daemon.

— Não percebo — disse Daemon, depois de ler metade da carta. — As listas não têm de indicar todos os imigrantes presentes na feira de serviços?

— Têm pois — disse Lucivar sombriamente, lendo por cima do ombro de Daemon. — E tu não estavas em nenhuma. — Olhou para Saetan. — Na altura, referi este facto.

— Sim, é verdade — respondeu Saetan, — mas como Daemon acabou por vir parar à Corte das Trevas, fui incapaz de avaliar a importância desse comentário.

Daemon devolveu a carta a Saetan. — Tinha de haver uma lista algures. Caso contrário, como poderiam as Rainhas da Pequena Terreille ter conhecimento da minha disponibilidade?

Saetan manteve um tom de voz brando. — E que Rainhas eram essas?

— Quatro Rainhas da Pequena Terreille estavam dispostas a receber-me — disse Daemon, espaçadamente. — Jorval insistiu que eram as únicas.

— Assim sendo, se não tivesses encontrado Lucivar por acaso...

Daemon ficou petrificado. — *Teria assinado contrato com uma delas.*

Rogando pragas em voz baixa, Lucivar começou a andar de um lado para o outro.

Saetan limitou-se a acenar com a cabeça. — *Terias assinado contrato com uma das Rainhas escolhidas por Jorval e terias acabado enfiado algures na Pequena Terreille – sem mais ninguém saber do teu paradeiro.*

— E qual seria o objectivo? — questionou Daemon, irritado.

— Na Pequena Terreille usam o Anel de Obediência em machos imigrantes — retorquiu Lucivar. — *Era esse o objectivo. Seria reviver Terreille.*

— Não necessariamente — disse Saetan, mantendo ainda um tom de voz brando. — Se Daemon fosse bem tratado, se lidassem com ele cautelo-

samente – e estou certo de que isso faria parte do acordo –, não teria razões para *deixar de usar* a força das suas Jóias contra um inimigo que ameaçasse a Rainha que servisse. E a seguir à primeira detonação da Negra, não haveria meio de voltar atrás. As linhas seriam traçadas.

Daemon olhou-o estupefacto.

— O que importa? — disse Lucivar, olhando para os dois com inquietação. — Daemon está connosco.

— Sim — disse Saetan compassivamente, — está. Mas onde estão os outros homens cujos nomes desapareceram daquelas listas?

8 / Kaeleer

A aranha dourada examinou as duas teias entrelaçadas oníricas e visionárias.

Mais mortes. Muita mortandade.

Tinha chegado o momento.

Recorda-te desta teia. Recorda cada filamento, cada fio.

Durante toda a estação fria, fora arrancada dos seus próprios sonhos, forçada a estudar a teia que moldara o mito vivo, a Rainha que era Feiticeira. E compreendera que não seria suficiente, pois ao viver na carne o sonho tinha sofrido alterações. Agora, representava *mais*. E, de alguma forma, precisava de acrescentar esse “mais” à teia. Sem esse elemento, o Coração de Kaeleer desapareceria durante muitas estações – e não voltaria a ser o mesmo quando o sonho regressasse.

Continuou a examinar as teias.

O cão castanho, Ladvarian, era a chave. Seria ele que iria conseguir levar-lhe aquele “mais” de que precisava.

Sim. O momento chegara.

Regressou à câmara nas grutas sagradas e começou a tecer a teia dos sonhos que já se tinham tornado realidade.

CAPÍTULO TREZE

1 / Kaeleer

O Primeiro Círculo da Corte das Trevas estava reunido na Fortaleza. Pelos menos, assim acontecia com os humanos do Primeiro Círculo, corrigiu Saetan ao ouvir o relato sinistro de Khardeen sobre os ataques que tinham tido lugar em Scelt durante as últimas três semanas. Nas últimas três semanas, os ataques tinham-se verificado por *todo o lado*. Possivelmente fora por esse motivo que os parentes não tinham respondido à convocação de Jaenelle. Quiçá as Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra parentes não desejassem arredar as forças dos seus territórios. Quiçá estivessem a manter-se afastados daquilo que consideravam ser um conflito entre humanos, para se salvaguardarem.

Contudo, esperara que pelo menos Ladvarian estivesse presente, para poder explicar o que se passava aos restantes parentes. *Teria* compreendido que o conflito não se restringia aos humanos. Fogo do Inferno, os parentes também *já* tinham sofrido ataques.

Mas Ladvarian não viera – e isso preocupava-o.

Tinha outros dois motivos de preocupação: as palpitações de pesar e de resignação que detectava em Andulvar, Prothvar e Mephis – sendo que todos tinham lutado e tombado na última guerra entre Terreille e Kaeleer – e Jaenelle, que tinha estado ali sentada nas últimas duas horas com um olhar inexpressivo, ao ponto de Saetan já se ter perguntado se não teria criado uma sombra simples para preencher o espaço na mesa.

— Se nos limitarmos à defesa face a estes ataques, as nossas terras e os nossos povos não ficarão salvaguardados — disse Aaron. — Os exércitos terreilleanos estão a reunir-se para nos atacar. Se o inimigo que já se encontra *em* Kaeleer obtiver o controlo sobre um Portão e o abrir para esses exércitos... precisamos agir *imediatamente*.

— Sim, é preciso agir — disse Jaenelle, num tom cavernoso. — Têm de bater em retirada.

Numa vaga sonora, ergueram-se protestos de todas as direcções.

— Têm de bater em retirada — repetiu Jaenelle. — E irão enviar todas as Rainhas e Príncipes dos Senhores da Guerra dos vossos Territórios para a Fortaleza.

A declaração foi recebida com um silêncio pasmado.

— Mas, Jaenelle — disse Morghann passado um minuto, — precisamos dos Príncipes dos Senhores da Guerra para liderarem os combates. E pedir às Rainhas que abandonem as terras enquanto os seus povos estão a ser atacados...

— Não necessitarão delas se o povo também bater em retirada.

— Até onde teremos de recuar? — disse Gabrielle ríspidamente.

— Até onde for necessário.

Aaron abanou a cabeça. — Temos de reunir os nossos guerreiros em exércitos para combater os terreilleanos e...

— Kaeleer *não entrará* em guerra com Terreille — disse Jaenelle, com a voz da meia-noite.

Chaosti saltou da cadeira. — Já estamos em guerra!

— Não, não estamos.

— Então estamos em guerra com a Pequena Terreille, uma vez que é lá que estes atacantes têm estado escondidos — resmungou Lucivar. — Vai dar ao mesmo.

O olhar de Jaenelle ficou gélido. — Não estamos em guerra com ninguém.

— Gata, não estás a pensar...

— *Lembra-te com quem estás a falar.*

Lucivar olhou-a nos olhos e ficou lívido. Por fim, com relutância, disse: — As minhas desculpas, Senhora.

Jaenelle levantou-se. — Se conseguirem fugir antes do ataque, façam-no. Se não conseguirem, as lutas deverão limitar-se ao mínimo possível. *Defendam* até que for possível bater em retirada, mas não ataquem. E tragam as Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra para a Fortaleza. Não há excepções e não aceitarei qualquer tipo de desculpas.

Depois de Jaenelle sair, a sala foi invadida por um silêncio que se prolongou.

— Não está a pensar com clareza — disse Kalush, hesitante.

— Desde o primeiro ataque que está a comportar-se de modo estranho — acrescentou Gabrielle com rispidez, para logo olhar para Karla, em jeito de pedido de desculpas.

— Tudo bem — disse Karla espaçadamente, evidenciando dificuldades. — Tem *efectivamente* andado a comportar-se de forma estranha. Será que ao curar-me ficou afectada?

— O que a afecta é a aversão que tem a matar — resmoneou Lucivar.
— Mas normalmente é bastante perspicaz face ao óbvio. Estamos em guerra. Os floreados à volta da palavra não alterarão esse facto.

— Desafiarias a tua Rainha? — perguntou Daemon afavelmente, quase de modo indolente.

A imediata tensão que assolou Lucivar, no fio da navalha, a todos sobressaltou.

O que se passa entre os dois? perguntou-se Saetan, enquanto Daemon e Lucivar se limitavam a fitar-se mutuamente. Percebendo o olhar letárgico de Daemon, sentiu gelo a formar-se à volta da sua coluna dorsal.

— Creio que a Senhora não entende as repercussões da ordem que transmitiu — disse Lucivar, com cautela.

— Oh — ronronou Daemon, — creio que as entende muito bem. Mas tu não concordas com ela e isso não é razão suficiente para lhe desobedecer.

— Tendo em conta o teu percurso noutras cortes, não és exactamente um modelo de obediência — disse Lucivar, ligeiramente inflamado.

— É irrelevante. Estamos a falar de ti e desta corte. E digo-te, Yaslana, que não a irás afligir com provocações e desobediências. Se o fizeres...
— Daemon limitou-se a sorrir.

Lucivar estremeceu.

Depois de Daemon deslizar para fora da sala, Saetan perguntou: — Está a fazer *bluff*? — Ficou apreensivo ao ver que Lucivar não tirava os olhos da mesa. — Lucivar?

— O Sádico não faz *bluff* — disse Lucivar com a voz enrouquecida.
— Não precisa. — Saiu da sala a passos largos.

— Parece que não resta nada para discutirmos — disse Saetan, erguendo-se da mesa. Com uma olhadela, fez com que Andulvar, Prothvar e Mephis se levantassem.

Deixando que os outros homens passassem à sua frente, estava a fechar a porta quando ouviu Aaron dizer: — O que sabemos verdadeiramente sobre Daemon Sadi?

Fechou a porta sem fazer barulho. Quando se virou para os outros homens, viu a mesma pergunta nos olhos de Andulvar – mas já não estava certo de poder responder.

2 / Kaeleer

— O que sabemos verdadeiramente sobre Daemon Sadi? — perguntou Aaron.

Karla deixou que os murmúrios de opiniões e conversas se transformassem num marulhar ao mesmo tempo que se recolhia nos seus pensamentos mais profundos.

O que sabiam verdadeiramente sobre Daemon Sadi?

Era Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra e Viúva Negra natural – um homem belo e explosivamente perigoso.

Era o espelho do Senhor Supremo, embora não fosse um reflexo perfeito.

Era um homem que, durante a maior parte da sua vida, estivera acorrentado, de uma forma ou de outra, a Dorothea SaDiablo, inimiga de Kaeleer.

Era um homem que compreendia as mulheres. Incapaz de suportar a compaixão nos olhares dos criados que a ajudaram no banho, alguns dias após a cura, insistira que não necessitava de ajuda. Mediante a Arte, conseguiu despir-se e entrar na banheira, mas não conseguiu lavar-se bem, em especial devido à reacção provocada pelos venenos, que lhe provocavam escaras na pele, a um ritmo grotesco. Uma noite, Daemon aparecera para a ajudar. Falara-lhe rispidamente, exigira que se fosse embora. A resposta que obteve, proferida com uma voz tão agradável que demorou alguns segundos a entender as palavras, foi tão obscenamente criativa que se viu na banheira a ser delicada e exaustivamente lavada, antes de conseguir voltar a pensar. O toque de Daemon não fora impessoal e também não fora sexual, mas quando começou a massajar-lhe o couro cabeludo, foi inundada por um prazer sensual como nunca experimentara anteriormente.

Por isso, compreendia a inquietação dos restantes. Uma mulher podia ficar facilmente viciada naquele toque, estaria disposta a muito para evitar que lhe fosse retirado. E Jaenelle andava *efectivamente* a comportar-se de forma estranha desde o primeiro ataque. Todavia, julgava não estar relacionado com Daemon.

Havia algo mais que sabia sobre Daemon, algo que visionara na teia entrelaçada que a advertira sobre a sua própria morte: era ele o amigo que se tornaria inimigo para permanecer amigo.

3 / Kaeleer

— O que é que Daemon tem que assusta Lucivar como o caraças? — perguntou Andulvar logo que os quatro homens entraram numa pequena sala de estar na Fortaleza.

— Não sei — respondeu Saetan, aquecendo um copo de yarbarah numa labareda de fogo encantado como forma de evitar os olhares dos outros.

Não sabia. Lucivar esquivara-se sempre a falar sobre o tempo em que ele e Daemon se metiam em confusões quando se juntavam nas cortes terreilleanas. Lucivar dissera em tempos que se tivesse de escolher entre defrontar o Sádico ou o Senhor Supremo, optaria pelo Senhor Supremo pois assim teria alguma hipótese de vencer.

O que estaria por detrás daquele sorriso de Daemon que abalava Lucivar daquela forma? O que encerraria o Sádico para conseguir fazer recuar um homem com a agressividade de Lucivar? E o que poderia representar para os restantes a presença de Daemon na Fortaleza?

— Senhor Supremo! — Prothvar empurrou a mão de Saetan para a afastar da labareda de fogo encantado, imediatamente antes do yarbarah começar a ferver.

Saetan pousou o copo. O yarbarah deixara de ser bebível.

— SaDiablo — disse Andulvar num tom calmo, — achas que temos de nos acautelar?

Não lhe ocorreu oferecer-lhes uma mentira tranquilizadora. — Não sei.

4 / Kaeleer

Ladvarian caminhava a passo rápido, penosamente, em direcção a Halaway, respondendo a um chamamento dócil mas insistente. De vez em quando, rosnava para dar livre curso à frustração e à raiva crescente.

Como poderia um lugar tão grande como o Paço não ter aquilo de que precisava? Oh, encontrara muitas coisas que *quase* serviam, mas nada que *fosse* adequado. A isso se devia a frustração. A raiva...

Os parentes tinham aguardado tanto tempo pela chegada deste mito vivo. *Este* mito. Este mito especial. E agora ia ser arruinado por humanos.

Não. *Não seria* arruinado. Os parentes estavam a reunir-se. Logo que a Tecedeira de Sonhos lhes dissesse o que fazer, partiriam para os actos.

Quando chegou à casa de campo bem arranjada em Halaway, dirigiu-se à porta das traseiras e ladrrou uma única vez, de forma educada.

Tersa abriu uma janela do andar de cima. — Entra, Irmãozinho.

Por meio da Arte, flutuou até à janela e entrou. A maioria dos parentes referia-se a Tersa como “A Insólita”. Não pretendiam ser desrespeitosos. Reconheciam que era uma Viúva Negra que percorria estradas que a maior parte dos Sangue nunca veria. Era especial. Tinha essa característica em comum com a Senhora.

Mesmo sabendo tudo isso, não conseguiu evitar que os pêlos no pescoço se eriçassem ao entrar no quarto.

Uma cama baixa e estreita – *exactamente* o tipo à procura do qual revirara o Paço. Aproximou-se com cautela e abriu os sentidos internos e externos. Não tinha odores. Deviam estar presentes os cheiros de humanos bem como os odores psíquicos residuais de quem tinha feito a cama, o colchão e a roupa da cama.

— Está tudo purificado — disse Tersa, calmamente. — Não restam odores psíquicos que possam interferir com a tecelagem de sonhos.

“A tecelagem de sonhos?” perguntou Ladvarian com cautela.

— Aquele baú faculta arrumação e pode também ser usado como mesinha de cabeceira. Lembra-te que tens de trazer vestuário para o tempo quente bem como para a Primavera. Peças favoritas. Roupa que mantenha o seu odor, mesmo depois de lavada.

Ladvarian recuou. “Tenho de trazer vestuário para quê?”

Tersa sorriu e disse afavelmente: — Porque a Feiticeira não tem pêlo. — Os seus olhos fixaram-se numa distância interior, tornaram-se desfocados e perspicazes. — Aproxima-se o momento de cobrar as dívidas. Os que sobreviverem servirão, mas poucos sobreviverão. O clamor... Repleto de alegria e de sofrimento, raiva e celebração. Ela está a chegar. — Voltou a fixar o olhar em Ladvarian. — E os parentes irão reforçar o sonho no corpo.

“Sim, Senhora” disse Ladvarian, respeitosamente.

Tersa pegou numa malga azul-cobalto que estava numa cómoda. Mediante a Arte, deixou a malga a pairar no ar. — Quando voltares a ver a Tecedeira de Sonhos, diz-lhe que é esta é a forma de obter aquele “mais” de que necessita.

Ladvarian mudou o peso de uma pata para a outra, de modo impaciente. A Rainha arachniana não mencionara Tersa. Como sabia Tersa tanto sobre a Rainha arachniana?

Tersa mergulhou um dedo na malga. Ao levantar a mão, trazia uma gota de água presa ao dedo. Ao invés de deslizar, a gota começou a expandir-se, como uma pequena bolha de vidro soprado, uma pérola de água. Com a unha do polegar, Tersa perfurou um dedo da outra mão. Uma gota de sangue brotou no dedo. — E o Sangue cantará ao Sangue.

Ladvarian sentiu o poder que fluía para aquela gota de sangue.

— Deixai que o sangue seja o rio da memória. — Voltando a mão, passou com a gota de sangue pela gota de água. O sangue fluiu pela bolha de água, até ficar retido no interior.

Depois de colocar um escudo protector à volta da bolha, Tersa colocou-a numa pequena caixa acolchoada e ofereceu-a a Ladvarian. — Olha.

Ladvarian abriu a mente, enviou uma tímida sonda psíquica.

Imagens, memórias passaram a grande velocidade. Memórias de uma menina a guiar uma mulher exausta para fora do Reino Distorcido. Memó-

rias de Jaenelle, mais velha, prometendo encontrar Daemon. Memórias de conversas, gargalhadas, de encanto pelo mundo. As memórias de Tersa.

— Dirás à Tecedeira? — perguntou Tersa.

Ladvarian fez a caixa desaparecer. “Dir-lhe-ei.”

— Mais uma coisa, Irmãozinho. Não recuses a oferenda de Lorn. A Tecedeira também irá precisar dela.

5 / Kaeleer

Deixando a porta aberta, Daemon entrou na oficina de Jaenelle. Todos os dias aqui passava muitas horas desde que trouxera Karla para a Fortaleza de modo a continuar o tratamento, mas Daemon estava certo que a distração de Jaenelle ou o frenesi controlado das suas actividades não estariam relacionados com Karla. Na realidade, tinha a certeza que fora o único a quem fora permitido um vislumbre desse frenesi. Algo a estava a corroer e, depois da pequena cena na sala de reuniões, estava determinado em descobrir.

— Jaenelle, temos de falar.

Levantou os olhos da pilha de livros numa das mesas. — Agora não tenho tempo para conversas, Daemon — disse, dando-lhe pouca atenção.

Com um pensamento rápido, fez a porta bater com tanta força que todos os objectos na oficina saltaram — incluindo Jaenelle.

— Arranja tempo — disse docilmente. Interrompeu-a, logo que começou a protestar.

— Faço tudo por ti. *Tudo*. Mas antes de me opor aos restantes membros do Primeiro Círculo, quero saber a razão.

— Kaeleer não pode entrar em guerra com Terreille. — Tinha a voz trémula.

— Porque não?

Os seus olhos encheram-se de lágrimas inflamadas e irritadas. — Porque se entrarmos em guerra, todos os que se encontravam naquela sala morrerão.

— Não sabes se isso acontecerá — retorquiu Daemon.

As lágrimas caíram-lhe pelo rosto, cortando o coração de Daemon. — Sei, sim.

Daemon balançou nos calcanhares. Era uma Viúva Negra muito poderosa e dotada. Se vira as mortes de todos numa teia entrelaçada de sonhos e de visões, não havia sombra de dúvida. *Isso* explicava a resistência.

Respirou fundo para se acalmar. — Meu amor... por vezes é imperativo matar. Por vezes, é o único caminho a tomar para salvar o que é bom.

— Bem sei. — Jaenelle fechou um livro com um estrondo. — Passei as

últimas três semanas na demanda de uma resposta. Não, passei mais tempo ainda, mas o tempo está a esgotar-se. Posso senti-lo.

— Jaenelle — disse, cautelosamente, — tens a força... — O olhar da mulher roçava o ódio, mas Daemon insistiu. — Uma fracção da tua força chegaria para eliminar um exército terreilleano.

— Mas enquanto eu estivesse a eliminar esse, outros seis estariam a dizimar os Sangue de Kaeleer noutros Territórios. Mesmo que os destruía a todos, a um exército de cada vez, não fará diferença.

— Não estarias sozinha nessa luta — insistiu Daemon, apoiando-se na mesa com uma mão para se inclinar sobre Jaenelle. — Fogo do Inferno, mulher, atenta na força dos machos deste Reino. Atenta nas Jóias. As Negras. As Ébano-Acinzentadas. As Cinzentas. Somos a força dominante.

— Kaeleer também era a força dominante na última guerra — respondeu Jaenelle, num tom de voz sereno. — E Kaeleer venceu — por escassa vantagem, mas Kaeleer venceu. Porém, todos aqueles machos pereceram. E não fez qualquer diferença. A contaminação que alimentou essa guerra ainda está entre os Sangue, ainda mais forte.

— Hekatah e Dorothea podem ser destruídas.

Jaenelle começou a caminhar à volta da mesa. — Nesta altura, não serviria de nada. Mesmo que sejam eliminadas, mesmo que Kaeleer vença a batalha inicial, o Reino das Sombras não triunfará. A contaminação já está demasiado alastrada. Terreille continuará a enviar exércitos. Continuará a enviá-los sem parar e as batalhas prosseguirão, em Terreille e em Kaeleer, até os Sangue se olvidarem de quem são ou das suas responsabilidades como vigilantes dos Reinos.

— Estamos em guerra, Jaenelle — disse Daemon com seriedade. — Não interessa se foi declarada formalmente ou não. *Estamos em guerra.*

— Não.

— Tens o poder para marcar a diferença. Se libertares...

— Não posso.

— Podes.

— *Não posso.*

— E POR QUE NÃO?

Virou-se contra ele. — PORQUE, MALDITO SEJAS, SOU DEMASIADO FORTE! Se libertar a minha força, destruirei os Sangue. *Todos os Sangue. Em Terreille. Em Kaeleer. No Inferno.*

As pernas de Daemon pareciam varas verdes. Sem forças, afastou alguns livros para se poder sentar na mesa. *Disseste que era seis vezes mais poderosa do que as nossas forças combinadas. Oh, Pai, como estavas enganado. Seis vezes? Seiscentas vezes? Seis mil vezes?*

Tanto poder que chegava para exterminar os Sangue.

Abraçando-se, Jaenelle caminhava de um lado para o outro. — A Fortaleza é o Santuário. Não seria afectada. Mas quantos abrigaria? Alguns milhares, no máximo? Quem escolhe, Daemon? E se forem feitas escolhas erradas e a contaminação permanecer, encoberta por alguém com uma certeza maldita de que tem razão?

Pensava em Alexandra. Teria alguém considerado que Alexandra estava contaminada? Mal orientada, com certeza, mas a não ser que estivessem obviamente desvirtuadas, as Rainhas estariam seguramente entre os escolhidos. E relativamente a mulheres como Vania? Não estava contaminada da forma como Jaenelle se referia, mas era o tipo de mulher que poderia irritar os machos à sua volta e, um dia, provocar a desgraça de uma terra. Exactamente o tipo de mulher que Dorothea criava.

— Os Sangue são os Sangue — prosseguiu Jaenelle. — Duas pernas, quatro patas, não importa. Os Sangue são os Sangue. A dádiva da Arte teve uma única origem que nos une a todos.

Também não podia abdicar dos parentes. Não admirava que tudo isto a estivesse a dilacerar.

— E Kaeleer sairá triunfante? — perguntou Daemon placidamente.

Passou um minuto até Jaenelle responder. — Sim. Mas a vitória terá um preço: todas as Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra de Kaeleer.

Daemon pensou em todas as pessoas decentes que conhecera desde que chegara a Kaeleer. Pensou nos parentes. Pensou nas crianças. Acima de tudo, pensou em Daemonar, o filho de Lucivar. Se, por alguma razão, não conseguissem aniquilar Dorothea e Hekatah e as duas pusessem as garras em Daemonar... — Fá-lo — disse. — Liberta o teu poder. Destrói os Sangue.

Jaenelle ficou boquiaberta. Fitou-o, atónita.

— Fá-lo — repetiu. — Se essa for a única forma de limpar a contaminação que Dorothea e Hekatah espalharam pelos Sangue, então, pelas Trevas, Jaenelle, mostra alguma compaixão por aqueles que amas e fá-lo.

Recomeçou a caminhar. — Tem de haver uma maneira de separar os Sangue dos Sangue. *Tem* de haver.

Uma memória provocou-o, mas não estava a conseguir retê-la pois os movimentos frenéticos de Jaenelle pareciam tudo fazer remexer. — Não te mexas — disse bruscamente.

Parou de repente e bufou.

Daemon ergueu uma mão, exigindo silêncio. A memória espreitava, mas conseguiu apanhar-lhe uma ponta. — Julgo que existe uma forma.

Jaenelle arregalou os olhos mas obedeceu à ordem de silêncio.

— Alguns séculos atrás, havia uma Rainha que se chamava Senho-

ra Cinzenta. Numa ocasião em que a povoação onde se encontrava estava prestes a ser atacada por guerreiros hayllianos, descobriu uma forma de separar os aldeões dos hayllianos para que, ao libertar o seu poder, os aldeões fossem poupados.

— Como conseguiu fazê-lo? — perguntou Jaenelle, num tom de voz muito baixo.

— Não sei. — Hesitou — e perguntou-se qual o motivo da hesitação. — Conheci um homem que estava com ela na altura. Alguns anos antes de morrer, enviou-me uma mensagem para me informar que registara por escrito a “aventura” e que a deixara num local seguro para mim. Era uma Rainha notável, a última a manter Dorothea à distância. Queria que fosse recordada.

Jaenelle saltou, agarrando-o. — Assim sendo, sabes *mesmo* como ela o fez!

— Não, *não* sei. Nunca levantei o registo escrito. Decidi deixá-lo onde tinha sido escondido, fora do alcance de Dorothea.

— Achas que consegues encontrá-lo? — perguntou Jaenelle, ansiosa.

— Não deve ser difícil — respondeu Daemon friamente, enquanto a abraçava, com uma vontade súbita de lhe tocar. — Deixou-o aos cuidados do bibliotecário da Fortaleza.

— Trouxe-o da Fortaleza de Terreille da primeira vez que viestes para Ebon Askavi com Jaenelle — disse Geoffrey ao entregar a Daemon um embrulho cuidadosamente embrulhado. — Na altura, perguntei-me por que razão não o solicitastes. O que vos levou a pensar nele agora?

A pergunta parecia de uma curiosidade inocente, mas de inocente não tinha nada.

Olhando directamente para os olhos negros de Geoffrey, Daemon sorriu. — Veio-me à ideia.

Não o desembulhou, não olhou para o objecto. Limitou-se a sondá-lo para se certificar de que não tinha feitiços disfarçados que poderiam ser desencadeados se alguém, que não Daemon, lhe tocasse. De seguida, entregou-o a Jaenelle e passou as horas seguintes a negar o acesso à Rainha a praticamente todos os membros do Primeiro Círculo, o que causara algum mal-estar, mas não tinha sido difícil. A ninguém, para além do Administrador, do Guarda-Mor e do Consorte, era permitido livre-trânsito aos aposentos da Rainha. A Lucivar bastara um olhar para se retirar. Tinha sido mais difícil desencorajar Saetan e Andulvar e pressentia que bastariam mais alguns confrontos educados para corroer a confiança que tinham em Daemon. Tendo em conta o comportamento de Jaenelle nos últimos tempos,

percebia as preocupações que sentiam. Não deixava de se sentir magoado.

Por fim, quando regressou para junto de Jaenelle, deu com ela na sala de estar, abraçando-se a si própria, olhando com um ar desanimado pela janela.

— Não serviu? — perguntou docilmente, pousando-lhe uma mão no ombro com delicadeza.

— Na verdade, serviu. Encontrei a resposta. Não posso fazer o mesmo que fizeram, mas posso usá-lo como base para o que preciso de fazer.

Virou-se e beijou-o com um desespero que o assustou, mas deu-lhe o que precisava. Durante horas, deu-lhe o que ela precisava.

Quando chegou ao ponto em que se sentiu satisfeita por estar simplesmente nos braços de Daemon, disse: — Amo-te —, adormecendo de seguida.

Apesar de estar exausto física e emocionalmente, Daemon ficou acordado durante muito tempo, magicando na sensação daquele “amo-te” que lhe tinha soado a “adeus”.

6 / Kaeleer

— A Senhora mudou de ideias — disse Saetan formalmente às Rainhas de Território que constituíam a assembleia. — As Rainhas da assembleia bem como os machos do Primeiro Círculo permanecerão na Fortaleza, mas as outras Rainhas dos vossos Territórios podem permanecer onde se encontram.

— E porque temos *nós* de ficar? — perguntou Chaosti. — O nosso povo está a *morrer*. Devíamos estar nas nossas terras, preparando as batalhas.

— O que a levou a mudar de ideias? — questionou Morghann. — O que respondeu quando lhe perguntaste?

Saetan hesitou. — As instruções foram transmitidas pelo Consorte.

Sentiu o tremeluzir de raiva e as suspeitas crescentes relativamente a Daemon. Pior ainda, ele próprio partilhava esses sentimentos.

— A Rainha ordena — disse, ciente de que não fazia sentido quando estavam todos a receber relatos de combates nas suas terras natais.

— Tudo bem, Senhor Supremo — disse Aaron, friamente. — A Rainha ordena. Contudo, parece-me óbvio que ninguém informou os parentes desse facto. *Nenhum* dos que pertencem ao Primeiro Círculo tem de permanecer na Fortaleza.

Entreolharam-se ao mesmo tempo que essa tomada de consciência começou a fazer sentido. Mas foi Karla que perguntou, por fim: — Onde *estão* os parentes?

Saetan observava as gotas de chuva que escorriam pela janela.

Quando Jaenelle emitira a ordem para que todas as Rainhas viessem para a Fortaleza, não protestara por uma razão: Sylvia. Queria tê-la na Fortaleza, onde estaria em segurança.

Porém, agora que Jaenelle mudara de ideias – ou que fora levada a mudar de ideias, por outrem – emitiria as suas próprias ordens como Príncipe dos Senhores da Guerra de Dhemlan, convocando todas as Rainhas de Dhemlan para o Paço. Era arriscado. O Paço não possuía as defesas da Fortaleza. *Nenhum* outro lugar tinha essas defesas. Mas fora concebido para suportar ataques e as defesas existentes eram melhores do que as de qualquer outro lugar para onde as Rainhas fossem obrigadas a fugir, no caso de os combates subirem de tom. E era bastante espaçoso, o que permitia que as Rainhas trouxessem as famílias, os filhos.

Queria que Sylvia estivesse a salvo. Bem como os filhos, Mikal e Beron.

Atrevida, obstinada, adorável Sylvia. Mãe Noite, amava-a.

Mesmo depois de se aperceber que a potência do tónico de Jaenelle depois de realizar a Dádiva às Trevas trouxera de volta o desejo ardente masculino – e a capacidade de o satisfazer – poderia ter resistido a tornar-se amante de Sylvia, poderia ter encontrado forças para se manter apenas um amigo se não tivesse detectado a mágoa em Sylvia, infligida pelo último Consorte. Fechara-se ao prazer sexual, nenhum homem lhe despertara a curiosidade bastante para voltar a tentar – até se tornar amiga de Saetan.

Não eram amantes confessos. Por insistência de Saetan, em público mantinham a ilusão de serem apenas amigos. Oh, as razões que invocava eram bastante lógicas, assaz ponderadas. Sabia que Luthvian ficaria furiosa se Saetan assumisse publicamente ser amante de outra mulher e não desejava que despejasse a sua raiva na família – ou em Sylvia. E não desejava que as pessoas se afastassem de Sylvia por ter escolhido um Guardião como amante.

De início, concordara com Saetan, principalmente por estar a redescobrir os prazeres da cama e aceitara Saetan como amante no quarto e amigo fora dele. Contudo, de forma gradual ao longo do último ano, ficara cada vez mais entristecida com o secretismo, pretendia uma relação pública.

Saetan esperara que ela o deixasse. Ao invés, uma noite durante as celebrações de Winsol há alguns meses, Sylvia pedira-o em casamento. E, que as Trevas o ajudassem, queria ter respondido afirmativamente. Queria partilhar a cama, a *vida*, com ela.

Mas não respondeu afirmativamente. Não por Luthvian ou por ser Guardião, mas devido a uma inquietação vaga que o advertira para ser prudente, para aguardar. Por isso, sorria e respondera: — Pergunta-me no próximo Winsol.

Compreendera os motivos pelos quais, durante algumas semanas após esse episódio, não surgiram convites para a cama de Sylvia. Compreendera os motivos pelos quais estava sempre “ocupada” quando a visitava, para passar algum tempo com os rapazes.

Sentira muito mais a falta da amiga do que da amante, mas a verdade é que *sentira* falta daquelas horas na cama dela.

Foi então que, alguns dias antes do ataque a Glacia, decidiram passar dois dias juntos em Amdarh, longe de tudo e de todos, na tentativa de reconstruírem a relação. E tinham feito amor, mas Saetan apercebera-se assim que a tocou que, apesar de o desejar, Sylvia estava a esforçar-se por se manter emocionalmente à distância, tentando proteger-se para não voltar a sofrer. Mesmo quando se deixou levar pelo orgasmo, Saetan apercebeu-se.

Agora, a fitar a chuva, quase desejava ter dito “sim” naquela noite de Winsol, quase desejava ter-lhe pedido para se apresentar com ele perante uma Sacerdotisa quando chegaram a Amdarh. E desejava que fosse possível voltar a fazer amor com ela uma vez mais para apagar a infelicidade que os acompanhara na cama da última vez.

Mas no seu interior crescia há dias a convicção de que não haveria outra oportunidade.

Ficara muito por dizer naquela noite em Amdarh. Nunca lhe dissera o que efectivamente significava para ele, o quanto a amava. Devia ter-lhe dito. Agora não lhe podia oferecer mais do que palavras, mas pelo menos isso ainda lhe podia oferecer.

Voltando costas à janela, sentou-se à secretária e começou a escrever.

CAPÍTULO CATORZE

1 / Kaeleer

— Preciso de um favor — disse Jaenelle ao dirigir-se resolutamente para a mesa de trabalho, pegando em dois pequenos frascos de vidro.

— Basta pedires — respondeu Titian. *Tem estado a canalizar muito poder, não dando tempo ao corpo para recuperar. O que estará a planear que a consome desta maneira?*

— Um favor discreto.

— Percebido.

— Preciso de sangue de duas pessoas que tenham sido contaminadas por Dorothea ou por Hekatah. De preferência, uma de cada.

Titian pensou por um segundo. — O Senhor Jorval vive na capital da Pequena Terreille, não é?

Jaenelle engoliu. Até esse gesto parecia exigir esforço. — É, Jorval mora em Goth. E também, de momento, Kartane SaDiablo.

— Ah. — Olhando para a mulher exaurida, Titian recordou-se da criança que Jaenelle fora. E vieram-lhe à lembrança outras recordações.

— Fará diferença se nenhum deles voltar a ver o Sol nascer?

Os olhos azul-safira de Jaenelle foram invadidos por um frio mortal. — Não.

Titian sorriu. — Nesse caso, com a tua permissão, levarei Surreal comigo. Está na altura de cobrar umas dívidas.

2 / Kaeleer

Na enorme câmara do Trono das Trevas, Ladvarian tremia ao olhar para Lorn. Não por ter receio de Lorn – pelo menos, tal não era habitual. Mas Lorn era o Príncipe dos Dragões, a raça lendária que criara os Sangue. Lorn era muito, *muito* idoso e muito sábio e *enorme*. Ladvarian era mais pequeno

do que um dos olhos da meia-noite de Lorn. Isso fê-lo sentir *extremamente* pequeno.

Estava também presente Draca, a Senescal da Fortaleza, que fora parceira de Lorn e a Rainha dos Dragões antes de sacrificar a sua verdadeira forma para dotar as outras criaturas com a Arte.

Sacrifícios. Não, *não* pensaria em sacrifícios. Não haveria um sacrifício. Os parentes não o iriam permitir.

Mas o facto de ter sido aqui convocado por Lorn e Draca no momento em que a Rainha arachniana estava prestes a terminar aquela teia onírica especial... assustava-o. Se proibissem os parentes de avançar... os parentes não deixariam de o fazer, a qualquer custo.

“Irmãozinho” disse Lorn com a sua voz grave, tranquila e ribombante.

“Príncipe Lorn.” Ladvarian tremia visivelmente.

“Tenho uma oferenda para ti, Irmãozinho. Oferece-a à Tecedeira de Ssonhoss.”

Uma bonita caixa entalhada e plana surgiu no ar à frente de Ladvarian. Abriu-se, revelando um pingente simples em ouro branco e amarelo e um anel de igual simplicidade. Contudo, a Jóia em cada um dos objectos eriçou-lhe os pêlos do pescoço e as suas orelhas ficaram coladas à cabeça.

Não tinha cor, embora não fosse incolor. Inquieta, tremeluzia, ansiosa por concluir a transformação. Sentia o apelo que procurava uma ligação à sua mente.

Retrocedeu um passo. Erguendo o olhar para Lorn, zangado e confuso a ponto de emitir um desafio que seria tão disparatado quanto inútil, reparou que as escamas de Lorn possuíam o mesmo tremeluzir translúcido. Foi arrebatado pelo entendimento. Recuou outro passo e ganiu.

“Nada temass, Irmãzinho. É uma oferenda. A Tecedeira necessitará dela para a teia.”

Reunindo coragem, Ladvarian aproximou-se da caixa. “Nunca vi Jóia igual.”

“E não voltarás a ver” respondeu Lorn brandamente. “Jamaiss existirá outra igual.”

Ainda com cautela, Ladvarian disse: “Não tem categoria. Não sabe o que é.”

“Ainda não ssabe o que é” concordou Lorn. “Mas tem um nome: Aurora do Crepúsculo.”

« « «

Quando Ladvarian se pôs a caminho para Archna com a caixa, Draca e Lorn entreolharam-se.

— Arriscass demasiado ao confiar-lhe uma Jóia ssemelhante — disse Draca.

“Não há motivo para arriscar em demasia” respondeu Lorn. “A Feiteira está prestess a terminar a teia?”

— Ssim. — Pela primeira vez desde que conhecera Jaenelle, Draca sentiu o peso dos anos.

“Não podemoss expurgar a contaminação, Draca” disse Lorn, afavelmente. “Ela pode.”

— Bem ssei. Quando concedi o dom da magia, concedi-o sem restriçõess, ssabendo que nunca poderia alterar o que fosse realizado com esse dom. — Draca hesitou. — Se o fizer, sserá o sseu fim.

“É o Coração de Kaeleer. Não pode acabar.” Lorn fez um interregno e acrescentou docilmente: “Oss parentess sempre foram sonhadoress podeross.”

— Sserá suficiente?

A pergunta à qual nenhum dos dois podia responder ficou a pairar entre ambos.

3 / Kaeleer

Um movimento furtivo e o súbito clarão de uma pequena bola de fogo encantado acordaram Jorval de um sono agitado. — Sacerdotisa?

Uma mão puxou-lhe o cabelo, inclinou-lhe a cabeça para trás. — Não — disse a mulher de cabelo grisalho ao mesmo tempo que lhe cortava a garganta com um punhal. — Sou a vingança.

4 / Kaeleer

— Chega — disse Daemon, conduzindo Jaenelle à sala de estar. — Tens de descansar.

— A teia está praticamente concluída. Preciso de...

— *Descansar*. Se cometeres um erro por estares demasiado cansada para pensar, terá sido tudo em vão.

Emitiu uma débil tentativa de resmungar, deixando-se cair numa cadeira.

Daemon queria enfurecer-se com ela, mas sabia que não serviria de nada. Perdera peso que não se podia dar ao luxo de perder, a um ritmo assustador. Colocar obstáculos no caminho de Jaenelle só a forçaria a gastar energias que não podia despender, por isso Daemon optou por outro caminho.

— Há uns minutos disseste-me que ainda precisavas de um par de elementos para concluir a teia.

— E isso será demorado — protestou.

Inclinou-se e beijou-a suavemente, mas de modo persuasivo. Quando a sentiu ceder, murmurou-lhe junto aos lábios. — Jantaremos tranquilamente. Depois jogamos dois jogos de “peixinho”. Até te deixo ganhar.

A gargalhada abafada de Jaenelle despertou-lhe outro apetite. Beijou-a longamente enquanto lhe acariciava o peito.

— Acho que estou com fome — disse Jaenelle sem fôlego, quando Dameron lhe deu oportunidade de falar.

Depois de satisfazerem exaustivamente um dos apetites, sentaram-se, por fim, à mesa.

5 / Inferno

Foi acordado pela dor.

Kartane abriu os olhos. Duas bolas de fogo encantado a extinguirem-se foram suficientes para se aperceber de que estava na rua. Depois apercebeu-se de que estava de cabeça para baixo. *Alguém o tinha amarrado de pernas para baixo.*

Ouviu um rumor nos arbustos próximos.

Voltando ligeiramente a cabeça, ficou a olhar admirado para um estranho monte de roupa castanha, dobrada com desvelo.

De repente, o coração disparou. De repente, tornou-se difícil respirar.

As sombras circundantes deslocaram-se o suficiente para ver que o monte estranho não era vestuário, era pele morena.

Ao inspirar para gritar, na escuridão que o rodeava surgiram olhos vermelhos que faiscavam.

Mesmo com a cabeça submersa, Surreal ouviu os gritos de Kartane.

Saltou para fora da água, baixando-se de imediato até ficar com água pelo pescoço. A lagoa, alimentada por uma nascente de água quente, estava deliciosamente cálida mas o ar frio entranhava-se até aos ossos.

Ouviu rosnados, um uivo, um guincho atemorizado.

Por estes lados, não era unicamente o ar frio que se entranhava.

— Então isto é o Inferno — disse, olhando à volta. Estava demasiado escuro para discernir o que quer que fosse, mas a área que circundava a lagoa tinha uma espécie de beleza crua.

— É o Inferno — respondeu Titian, com um sorriso de felicidade estampado no rosto. Endireitou-se e olhou Surreal com um ar inquiridor.

— A dívida foi paga a teu contento, Surreal?

Os rosnados e os guinchos pararam momentaneamente para logo recomeçarem.

— Sim — respondeu Surreal, recostando-se com um suspiro. — Dou-me por satisfeita.

6 / Kaeleer

— Por vezes o coração revela mais do que as vidraças.

Saetan virou costas à janela, ficou tenso, deu um passo em frente, parou. — Tersa, o que te traz à Fortaleza?

Sorrindo, Tersa atravessou a sala e estendeu um envelope espesso. — Vim entregar-te isto.

Antes mesmo de pegar no envelope, já sabia quem era o remetente. Sylvia tinha por hábito adicionar uma gota de óleo de alfazema ao lacre.

Pousando uma mão no ombro de Saetan, Tersa beijou-o na boca – um beijo demorado que o surpreendeu. Que o inquietou.

Tersa deu um passo à retaguarda. — Esta foi a outra parte da mensagem. — Já estava quase a sair quando Saetan voltou a si.

— Tersa, esta não pode ser a única razão que te levou a viajar até à Fortaleza.

— Ai não? — disse, com um ar intrigado. — Para logo acrescentar: — Não, não é.

Saetan aguardou. Tersa nada disse.

— Minha querida — incitou delicadamente, — o que te trouxe aqui?

O olhar de Tersa desanuviou-se e Saetan sentiu que, pela primeira vez em todos os séculos em que privara com ela, estava a ter um vislumbre da Tersa que existira antes de ser quebrada. Era formidável – e um pouco ofuscante.

— A minha presença é necessária aqui — disse calmamente e saiu da sala.

Saetan ficou imóvel durante vários minutos, a fitar o envelope que segurava nas mãos. — Mostra que tens tomates, SaDiablo — murmurou entre dentes, ao abrir o envelope devagar. — Seja lá o que for que a carta disser, não será o fim do mundo.

Era uma carta extensa. Leu-a duas vezes antes de a guardar.

Não tinha podido dar a Sylvia mais do que palavras, mas ao que parecia, felizmente, tinha bastado.

7 / Terreille

Dorothea caminhava à volta da sala. — Estão a reunir-se exércitos por todo o Reino de Terreille, os Territórios no Reino das Sombras têm vindo a sofrer ataques há semanas pelas pessoas que escondemos na Pequena Terreille e Kaeleer ainda não declarou guerra formalmente.

— Isso deve-se ao facto de Jaenelle Angelline não ter o carácter adequado ao poder que possui — disse Hekatah ao ajeitar com cuidado a capa comprida. — Não passa de um ratinho atarantado no seu buraco enquanto os gatos se reúnem para o banquete.

— Até um rato morde — ripostou Dorothea.

— Este rato não irá morder — retorquiu Hekatah calmamente. — É demasiado susceptível a nível emocional para conseguir dar um passo que iniciaria uma chacina em larga escala.

Dorothea não tinha tanta certeza como Hekatah, mas o facto de Jaenelle ter poupado a vida de Alexandra depois do descalabro do rapto era um indicador crível da ausência de um temperamento adequado. *Ela própria* não teria poupado a cabra, com toda a certeza. Essa carência em Jaenelle estava a favor delas, mas... — Parece que vos estais a esquecer das presas do Senhor Supremo, que não tem qualquer pudor em usá-las.

— Quando se trata de Saetan, eu não me esqueço de nada — resmungou Hekatah. — A honra entrava-o, como sempre aconteceu, e as fraquezas emocionais serão o seu açaim. Com a persuasão certa, enfiará a cauda entre as pernas, submetendo-se a tudo o que lhe for exigido.

Dorothea esperava que aquele saco de ossos podres tivesse razão. Era *crucial* eliminar Saetan, Lucivar e Daemon. Depois destes três desaparecerem, os exércitos terreilleanos conseguiriam aniquilar as Rainhas e os Príncipes dos Senhores da Guerra de Kaeleer. Exércitos inteiros seriam dizimados mas *sairiam* triunfantes da guerra. E chegaria a altura em que ela, Dorothea, dominaria os Reinos — depois de despachar a Sacerdotisa das Trevas para um merecido e eterno descanso.

Satisfeita com essa ideia, Dorothea parou de calcorrear a sala e reparou que Hekatah se preparava para sair. — Onde ides?

O sorriso de Hekatah era malévolo. — A Kaeleer. Está na altura de ir buscar a primeira parte do engodo que nos proporcionará o controlo sobre Jaenelle Angelline.

8 / Kaeleer

Tendo obtido, por fim, permissão de acesso à sala de estar de Jaenelle, Andulvar examinou-a e pensou naquilo que gostaria de fazer a Daemon Sadi.

Caramba, o homem era o Consorte e devia ter tomado conta dela. Estava macérrima e a pele sob os olhos estava marcada levemente pelo cansaço extremo. E nos seus olhos conseguia perceber um brilho esquisito, quase desesperado.

— Príncipe Yaslana — disse Jaenelle em voz baixa.

Ora bem. Ia ser formal.

— Senhora — respondeu Andulvar, de modo rígido. — Uma vez que não me encontro aqui como teu tio, estou aqui presente como Guarda-Mor?

— Vendo Jaenelle retrair-se, arrependeu-se da brusquidão das palavras. Não parecia ter capacidade para aguentar muitos mais golpes emocionais.

— Eu... Tenho algo a dizer-te. E preciso da tua ajuda.

Esforçou-se por suavizar o tom de voz. — Porque sou o Guarda-Mor?

Abanou a cabeça. — Por seres o Príncipe dos Demónios. Depois de Saetan, és quem tem mais autoridade no Inferno. Os demónios-mortos irão escutar-te – e seguir-te.

Aproximou-se de Jaenelle e abraçou-a delicadamente, receando que se a abraçasse como desejava poderia despedaçá-la. — Do que se trata, fedelha?

Descontraiu-se ao ponto de o olhar nos olhos. — Descobri uma forma de nos livrarmos de Dorothea e de Hekatah e da contaminação que espalharam pelos Sangue. Mas os restantes membros dos Sangue correrão riscos, a menos que os demónios-mortos estejam dispostos a ajudar-me.

Decorridos trinta minutos, Andulvar fechou a porta da sala de estar, deu dois passos e deixou-se cair de encontro à parede.

Mãe Noite.

Não tinha dúvidas de que o plano iria resultar. Jaenelle não teria dito que o faria se tivesse dúvidas. Contudo... *Mãe Noite*.

Combatera na última guerra entre Terreille e Kaeleer. Essa guerra devastara ambos os Reinos e milhões pereceram. E não fizera qualquer diferença. Estavam à beira desse mesmo precipício, combatendo uma avidez e uma ambição que regressaria se não fosse eliminada de modo absoluto.

Tal como Mephis e Prothvar, sabia que seria inútil combater uma guerra da mesma forma. Tal como eles, olhara à volta da mesa quando o Primeiro Círculo discutira uma declaração formal de guerra e perguntara-se quantos restariam entre os vivos depois de terminada.

Jaenelle não se perguntara. *Sabia* que nenhum deles sobreviveria. Fogo do Inferno, não admirava que estivesse a fazer tudo ao seu alcance para os manter no único sítio onde estariam em segurança.

E agora tinha um *plano* que... Mãe Noite.

Mesmo depois de lhe ter contado, havia algo que parecia não bater

certo – como se estivesse a omitir algum pormenor. Saetan saberia dizer, mas Saetan...

Jaenelle *tinha* razão quanto a isso. A assembleia e os rapazolas iriam precisar da sabedoria e da experiência de Saetan para curar as feridas já infligidas a Kaeleer. Não podia transmitir ao amigo o que Jaenelle tencionava fazer, não podia correr o risco de Saetan optar por juntar forças aos restantes ao invés de ficar a assistir. Não poderia fazê-lo dado que, depois de tudo ter terminado, os vivos precisariam do Senhor Supremo.

Ladvarian aguardou na penumbra até se certificar de que Andulvar fora mesmo embora. Foi então que entrou sorrateiramente na sala de estar de Jaenelle.

Jaenelle olhava fixamente pela janela. Queria dizer-lhe que tudo se iria resolver, mesmo não tendo a certeza de que assim fosse acontecer. Sim, tinha a certeza. Tudo *iria* ficar bem. Os parentes não iriam duvidar. Os parentes seriam corajosos. Mas não lhe podia dizer pois esta era a altura das presas e das garras. Esta era a altura de lutar. E não tinham a certeza se Jaenelle seria capaz de matar se lhe dissessem o que iria acontecer posteriormente.

Contudo, havia algo diferente que *tinha* de lhe dizer.

“Jaenelle?”

Nos seus olhos pôde ver uma tristeza imensa e um imenso prazer ao vê-lo. — O que foi, Irmãozinho?

“Tenho uma mensagem para ti – da Tecedeira de Sonhos.”

Ficou petrificada e Ladvarian recebeu que a Feiticeira o examinasse profundamente, descobrindo o que pretendia ocultar.

— Qual é a mensagem?

“Ela disse que o triângulo tem de ficar unido para sobreviver. O espelho conseguirá manter os outros a salvo, mas unicamente se estiverem juntos.” Hesitou ao ver que Jaenelle se limitava a olhá-lo fixamente. “Quem é o espelho?”

— Daemon — respondeu distraidamente. — É o reflexo do seu pai.

Pareceu perdida por momentos, o tempo que bastou para o deixar nervoso. “Compreendes a mensagem?”

— Não — disse, ficando extremamente pálida. — Mas tenho a certeza que a irei compreender.

9 / Kaeleer

Luthvian ouviu a porta do quarto abrir-se, mas continuou a enfiar roupas numa mala de viagem e não se virou. Maldita cria eyriena, a entrar no seu

quarto sem permissão. E maldito Lucivar por insistir que fosse para a Fortaleza e por insistir que fosse acompanhada. Não precisava de acompanhantes – especialmente Palanar que mal tinha idade para se assoar.

Ao virar-se para lhe dar conta destes pensamentos, uma silhueta encapuzada lançou-se a ela. De imediato, instintivamente, levantou um escudo Vermelho. No mesmo momento, foi atingida por uma explosão de poder Vermelho, obstando a que o escudo se formasse, e a silhueta agarrou-a. Tombaram ao chão.

Luthvian não se apercebeu de ter sido esfaqueada até que o inimigo puxou a lâmina do seu corpo.

Como Curandeira, sabia que era grave – uma ferida mortal.

Furiosa, consciente de que não lhe restava muito tempo, arrancou o capuz do atacante e fitou-o pasmada por um momento, imóvel. — Tu.

Hekatah enfiou a faca no abdómen de Luthvian. — Cabra – silvou. — Comigo podias ter chegado longe. Agora não passarás de um cadáver.

Luthvian tentou debater-se, tentou arranhar, mas os braços estavam demasiados pesados para lutar. Nada conseguiu fazer, nem quando Hekatah lhe enfiou os dentes na garganta e o seu sangue alimentou a desprezível cabra.

Já nada podia fazer pelo corpo, mas o Eu...

Reunindo as forças e a raiva, canalizou-as para as barreiras interiores.

Hekatah embatia nas barreiras enquanto se alimentava, batia e embatia, tentando arrebenhá-las para concluir o assassinato. Mas Luthvian aguentou, deixando que a raiva formasse a ponte entre a vida e a morte enquanto vazava as forças nas barreiras interiores. Vazou e vazou até nada mais restar. Nada.

A dada altura, os embates cessaram e Luthvian sentiu uma satisfação sinistra face à incapacidade da cabra em penetrar.

Muito ao longe, sentiu Hekatah a rolar de cima de si. Algures na distância vaga e brumosa viu umas unhas afiadas a descerem na direcção do seu rosto.

A mão deteve-se no momento em que as unhas estavam prestes a tocar-lhe os olhos.

— Não — disse Hekatah. — Se conseguires fazer a transição para demónia-morta, quero que testemunhes o que farei ao teu rapaz.

Movimento. A porta do quarto fechou-se. Silêncio.

Luthvian sentiu-se a esmorecer. Com esforço, flectiu os dedos – ligeiramente.

A raiva provocara uma transição rápida sem se ter dado conta, sem Hekatah se ter apercebido. Era demónia-morta, mas não tinha forças para aguentar. O seu Eu depressa se tornaria um sussurro nas Trevas. Quiçá, um dia, depois de ter repousado e adquirido alguma força, o Eu pudesse sair

das Trevas e regressar aos Reinos dos vivos. Quiçá.

Quantas vezes Lucivar a advertira para que erguesse escudos de aviso à volta da casa? E sempre que o fizera, ela rejeitava a sugestão com um ar de desdém. Contudo, ficava secretamente contente por Lucivar ter tentado.

Fora um teste, mas ela era a única que sabia. Sempre que voltava a mencionar os escudos depois de Luthvian ter rejeitado a ideia, sempre que suportara a sua língua afiada quando a ajudava nalguma situação, tudo fora um teste para provar que gostava dela.

Oh, algumas vezes, ao ver a tensão no rosto e a frieza nos olhos de Lucivar, dizia a si própria que seria a última vez, o último teste. Quando voltasse a mencionar os escudos, faria como lhe pedia para que soubesse que também ela gostava dele.

E a vez seguinte chegava e Luthvian queria mais um teste, *necessitava* de mais um teste. Só mais um. E mais outro. Sempre mais outro.

Agora os testes tinham cessado, mas o seu filho, o seu belo Príncipe Eyrieno dos Senhores da Guerra, nunca saberia que o amara.

Bastaria uma hora como um dos demónios-mortos. Uma hora para lhe dizer. Nem uma mensagem lhe podia deixar. Nada.

Não. Um momento. Talvez *fosse* possível dizer-lhe o mais importante, algo que a estava a corroer desde que Surreal a repreendera.

Reuniu todas as forças que lhe restavam, deu-lhes a forma de uma bolha para que pudesse conter um pensamento, e empurrou-a para cima, para cima, para cima até pousar imediatamente a seguir às barreiras interiores.

Lucivar daria com ela. Luthvian estava certa.

Não havia âncora alguma. Nada a que se pudesse agarrar. Repleta de remorsos atenuados por uma bolha de amor confesso, desvaneceu-se, regressando às Trevas.

10 / Kaeleer

Palanar bateu de modo relutante à porta da cozinha. Supunha que seria uma honra ter sido escolhido para acompanhar a Senhora Luthvian à Fortaleza, contudo, já deixara claro de que não gostava de machos eyrienos. Por isso, não sabia se esta era a forma de Hallear mostrar que tinha confiança em si ou se seria um castigo subtil por algo que fizera.

Abriu a porta e espreitou com cautela. — Senhora Luthvian?

Estava na cozinha, de pé junto à mesa, a olhá-lo fixamente. Sorriu e disse: — Não tens tomates, guerreirozeco?

Ofendido, entrou na cozinha. — Estais pronta? — perguntou, empenhando-se em colocar o tom de voz arrogante de Falonar ou Lucivar.

Olhou para a mala de viagem a seu lado, depois para Palanar.

Desde quando Luthvian esperava que um macho lhe carregasse fosse o que fosse? Da última vez que tentara, quase que lhe rachara a cabeça. Hal-levar estava certo ao dizer: — Tens de te conformar com a ideia de que uma mulher pode mudar de opinião enquanto dás um peido.

Deu alguns passos na direcção da mulher e parou.

— Algum problema? — perguntou Luthvian, desconfiada.

Fedia. Era esse o problema. *Tresandava*. Mas não podia dizê-lo. Foi nessa altura que reparou que parecia um pouco... estranha.

— Algum problema? — perguntou novamente, avançando um passo.

Palanar recuou dois passos.

O rosto de Luthvian alterou-se, tremeu. Por um instante, julgou ver outra pessoa. Alguém que não conhecia – e que não *desejava* conhecer.

E recordou-se de outra frase de Hal-levar: por vezes, correr era a atitude mais inteligente que um guerreiro inexperiente podia tomar.

Correu para a porta.

Não conseguiu alcançá-la. Uma explosão de poder atravessou-lhe as barreiras interiores. Agulhas trespassaram-lhe a mente, desenvolveram ganchos e espetaram-se mais profundamente, arrancando pedacinhos do seu Eu. O corpo vibrava ao debater-se numa espécie de jogo da corda, enquanto tentava sair pela porta ao mesmo tempo que ela o puxava para dentro.

Impotente, sentiu-se a girar – e viu a feiticeira que o mantinha preso. Gritou.

— Irás exactamente onde te mandar — disse. — Dirás exactamente o que te ordenar.

— N-n-não.

No rosto em decomposição brilharam olhos dourados e Palanar sentiu a dor a cauterizá-lo.

— É uma tarefa de pequena monta, cria. E depois de a concluíres, liberto-te.

Mostrou um pequeno cristal que ficou a flutuar no ar. O braço esquerdo do eyrieno estendeu-se para o apanhar.

Disse-lhe exactamente onde se dirigir, exactamente que palavras proferir, exactamente o que fazer ao feitiço no cristal. No final, voltou a virá-lo, como uma marioneta. Saiu porta fora.

Um guerreiro não o faria, fosse qual fosse o preço. Um guerreiro não o faria.

Tentou levar a mão direita à faca. Podia cortar a garganta, os pulsos, fazer *algo* para se livrar dela.

A mão deteve-se sobre o cabo.

“Não te safarás se morreres, guerreirozeco” disse a feiticeira. “Sou a Sacerdotisa Suprema. Não é dessa forma que me escaparás.”

Deixou cair a mão ao lado do corpo, vazia.

“Agora, *vai!*”

Palanar abriu as asas e voou tão depressa quanto possível para realizar algo que um guerreiro não faria.

Não era o vento no rosto que lhe provocava as lágrimas.

11 / Kaeleer

Lucivar pousou na sua casa alcantilada e gritou: — Marian! — Onde raio estaria a mulher?, pensava ao caminhar a passos largos para a porta. Há horas que devia ter chegado à Fortaleza.

Entrou e viu a pilha arrumada de malas de viagem. O coração parou momentaneamente. Quando voltou a senti-lo bater, já estava na orla assassina. — Marian!

A casa era grande, mas não demorou muito a percorrê-la minuciosamente. Marian e Daemonar não estavam ali. Contudo, tinha feito as malas, por isso o que a teria impedido de partir? Talvez Daemonar tivesse adoecido? Teria ido à casa alcantilada de Nurian para que a Curandeira o observasse?

Sendo o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih, a sua casa encontrava-se um pouco mais distante das outras casas aninhadas na montanha, mas bastaram dois minutos para pousar à frente da casa de Nurian. Antes de tocar com os pés no chão, já sabia que ali não estavam.

— Lucivar!

Lucivar virou-se vendo Hallear a correr na sua direcção. Reparou em Falonar e Kohlvar a saírem da casa alcantilada comunitária que era o mais parecido que os eyrienos tinham a estalagens e tabernas. Ambos, ouvindo a agitação na voz de Hallear, dirigiram-se a ele.

— Viste a cria, Palanar? — perguntou Hallear.

Antes de Lucivar responder, Falonar adiantou-se. — Não o mandaste a casa da Senhora Luthvian para a acompanhar à Fortaleza?

— Mande! — disse Hallear, com um ar carregado. — E disse-lhe que mexesse aquele rabo de volta para aqui. — Olhou para Lucivar. — Estava cá a magicar se não estaria a mandriar na Fortaleza para se escapar às tarefas.

— Palanar não chegou à Fortaleza. Nem Luthvian. Nem Marian nem Daemonar — acrescentou Lucivar, com uma serenidade exagerada.

Os outros homens ficaram agitados.

— Mande-o logo de manhã — disse Hallear.

— Há sinais de problemas na tua casa alcantilada? — perguntou Falonar bruscamente.

— Não — disse Lucivar. — As malas estavam feitas e arrumadas junto à porta. — Praguejou baixinho mas violentamente. — Onde raio é que se meteu?

— Foi à casa de Senhora Luthvian — disse uma voz feminina e jovem.

Viraram-se todos e ficaram a olhar para Jillian, a irmã mais nova de Nurian.

Encolheu os ombros e parecia prestes a correr de volta para casa.

Hallear apontou para o chão com um dedo a alguns centímetros do local onde se encontrava. — Aqui, guerreirazinha — disse, com severidade.

Assustada, Jillian arrastou os pés até ao local, deu uma olhadela aos enormes guerreiros que a cercavam e fitou os pés.

— Faz o relato — disse Hallear naquele tom de voz que, embora fosse encorajador, fazia com que todos os jovens machos que tinham treinado se pusessem em sentido.

Produziu o mesmo efeito em Jillian. Ficou hirta e concentrada em Hallear. — Estava a fazer a minha corrida de resistência esta manhã. — Aguardou até Hallear acenar com a cabeça, em aprovação. — E pensei em ir pelo caminho que leva à casa alcantilada do Príncipe Yaslana porque, pensei eu, bem, talvez a Senhora Marian apreciasse uma ajuda com o Daemonar, e eu podia tomar conta dele um bocado, para que ela conseguisse fazer alguma coisa. Não é que me estivesse a esquivar ao treino, ou algo assim, pois tomar conta de Daemonar é exercício.

Apesar da preocupação, os lábios de Lucivar tremelicaram ao debater-se para não sorrir.

— Estava quase a chegar quando vi Marian à porta a falar com Palanar que parecia... adoentado. Estava a transpirar muito e... não sei. Nunca vi ninguém daquela maneira. E foi então que Marian estremeceu como se alguém lhe tivesse batido, mas Palanar nem sequer lhe tocou. Disse: "Traz o rapaz." Marian entrou e regressou com Daemonar. Daemonar olhou para Palanar e começou num pranto. Sabem, aquele som que Daemonar faz quando não gosta de alguma coisa?

Lucivar acenou afirmativamente com a cabeça. Sentiu um suor frio a cobrir-lhe a pele.

— Palanar agarrou Marian por um braço. Não parava de dizer: "Lamento, lamento."

— E viu-te? — perguntou Lucivar, com demasiada calma.

Jillian abanou a cabeça. — Mas Marian viu. Olhou directamente para

mim e o seu rosto tinha o mesmo aspecto adoentado de Palanar e ela disse: “Casa da Luthvian”. Depois foram-se embora. — Tendo terminado o relato, a confiança desvaneceu-se ao olhar para os homens de rostos carregados.

— Não contaste isto a mais ninguém? — perguntou Lucivar.

Lívica, Jillian abanou a cabeça. — Eu... Nurian não estava em casa quando voltei e... não sabia que tinha de apresentar relatório — terminou numa voz quase inaudível.

E teria hesitado em dirigir-se a um dos guerreiros pois arriscava ser mandada embora com indiferença. Alguns meses a viver em Kaeleer não tinham sido suficientes para subjugar as tácticas de sobrevivência que aprendera desde que saíra do berço.

— Quando um guerreiro vê algo fora do vulgar, ele – ou ela – deverá dar conta aos seus superiores — disse Hallevar numa voz firme embora meiga. — É uma das formas de um jovem guerreiro ganhar experiência.

— Sim, senhor — sussurrou Jillian.

— Foi um belo primeiro relatório, Jillian — disse Lucivar. — Agora, volta aos teus deveres.

Jillian endireitou os ombros. Os seus olhos brilhavam de gáudio. — Sim, senhor.

Nenhum dos homens proferiu uma única palavra até a rapariga ter entrado em casa.

— Parece um feitiço de coacção — disse Falonar baixinho.

— Sim — retorquiu Lucivar, tristemente, — parece. Falonar, fica de olho por aqui.

— Vais à casa de Luthvian? — perguntou Hallevar enquanto Lucivar se afastava. — Então vou contigo.

— Não vens, não — disse Falonar. — Kohlvar, traz todos para junto das casas. Hallevar, tens maior influência sobre os jovens. Mantém-nos de rédea curta.

— E tu o que farás? — perguntou Lucivar, com demasiada serenidade.

Falonar colocou-se em posição de combate. — *Eu vou contigo.*

Encontraram Palanar no chão, antes da porta da cozinha.

— Eu tomo conta dele — disse Falonar. — Entra tu.

Invocando a espada de guerra eyriena, Lucivar abriu a porta da cozinha com um pontapé, precipitando-se para o interior. O fedor naquele local fê-lo sentir náuseas, trazendo-lhe a ideia clara de carne em putrefacção.

Esse pensamento catapultou-o pelas outras divisões do andar de baixo. Não encontrando nada, subiu furiosamente as escadas. Pontapeou a porta do quarto e ao abrir-se – viu Luthvian. Sondou o quarto rapidamente

para se certificar de que não estava ninguém à espera que baixasse guarda, e ajoelhou-se junto ao corpo.

Primeiro, pensou que ainda estivesse viva. As feridas que conseguia detectar eram graves, mas devia haver mais sangue se tivesse sangrado. Ao afastar-lhe o cabelo do pescoço, percebeu o motivo da inexistência de sangue.

Pousou a mão pela cabeça de Luthvian. Tudo bem. O corpo falecera mas tinha força suficiente para realizar a transição para demónia-morta. Se existisse algum sinal de que ainda ali permanecia, o sangue fresco iria fortalecê-la.

Sondou zelosamente para não lhe perfurar as barreiras interiores e, inadvertidamente, concluir a morte.

Imediatamente antes das barreiras interiores estava uma pequena bolha de poder. Fez uma pausa, ponderou. A bolha tinha uma sensação de afecto emocional que o deixou desconfiado. Não era o tipo de emoções que associaria a Luthvian. Contudo, nada detectou que o fizesse acreditar que se encontrava em perigo, por isso roçou, levemente, uma pequena gavinha psíquica na bolha.

Lucivar... Estava errada quanto a Marian. Fizeste a escolha acertada. Espero que sejam felizes.

Sentiu os olhos a arderem com lágrimas. Tocou as barreiras interiores que se abriram sem resistência. Procurou por Luthvian, procurou o mais pequeno bruxulear do seu espírito. Nada.

Luthvian regressara às Trevas.

Uma lágrima correu-lhe pelo rosto. — Fogo do Inferno, Luthvian — disse, com a voz embargada. — Porque esperaste até morrer para me dizeres isso? Porque...

— Lucivar!

Pôs-se em pé de um salto, reagindo à aflição e à raiva na voz de Falonar. Parou à porta e olhou para trás. — Que as Trevas te envolvam, Mãe.

Falonar esperava-o na cozinha.

— Palanar? — perguntou Lucivar.

Falonar abanou a cabeça. Não precisava de perguntar sobre Luthvian. — Vi isso aí. — Indicou uma folha de papel dobrada em cima da mesa.

Lucivar fitou o papel que tinha o seu nome. Não reconheceu a caligrafia e sentiu uma repulsa instintiva em tocar o papel. Por meio da Arte, desdobrou o papel, leu-o e saiu intempestivamente pela porta.

— Lucivar! — gritou Falonar, correndo no seu encalço. — Onde vais?

— Regressa às casas alcantiladas — disse Lucivar enquanto prendia as manoplas de combate nos braços. — Agora és o responsável, Príncipe Falonar.

— Onde vais?

Lucivar ascendeu à orla assassina, sentiu a raiva gélida e adocicada a inundá-lo. — Vou tirar a minha esposa e o meu filho das garras daquelas cabras.

12 / Kaeleer

O ataque começou logo que Falonar regressou às casas alcantiladas. O escudo Azul-Safira envolveu-o no segundo anterior a uma seta o atingir, que lhe poderia ter trespassado as costas. Invocou o arco, colocou uma flecha em posição, adicionou um pouco de energia da Azul-Safira à ponta e largou-a.

Demorou uns instantes a sondar a área e a avaliar o inimigo. Praguejou violentamente. Estava ali uma companhia inteira de guerreiros eyrienos. Nenhum deles usava uma Jóia mais escura do que a Verde por isso a sua Jóia Azul-Safira iria equilibrar um pouco as hipóteses, mas os seus próprios guerreiros estavam em grande desvantagem numérica. Todos os homens caíam a lutar, conquanto não fosse suficiente para salvar as mulheres e as crianças.

— A casa alcantilada comunitária! — gritou Hallevar, conduzindo as mulheres e as crianças nessa direcção. — Depressa! Depressa!

Boa jogada, pensou Falonar em aprovação, lançando outra flecha. Tinha espaço para todos e dava aos guerreiros um campo de batalha concentrado em vez de vários dispersos.

O seu escudo deflectiu mais uma dúzia de flechas. Tendo ascendido à orla assassina, deixou-se envolver pela raiva gélida e lutou com a mente despida de emoções. As *suas* flechas atingiam os alvos.

Ouviu alguém gritar. Olhou para a esquerda e viu Nurian a debater-se com um Senhor da guerra eyrieno. Começou a virar-se, mas antes de conseguir puxar o arco, um outro guerreiro investiu contra Falonar com um bastão laminado. Fazendo desaparecer o arco e a seta, invocou o seu próprio bastão laminado e fez frente ao ataque. Com um passo de dança, recuou à procura de uma abertura e Nurian voltou a gritar.

Que se dane a honra. Estavam em guerra. Quando o adversário investiu novamente, recebeu o golpe com uma manobra desonesta e maldosa que aprendera recentemente com Lucivar e que liquidou o oponente com intensidade.

No momento em que se virou, julgando ser demasiado tarde para salvar a Curandeira, ouviu Jillian gritar: — Baixa-te, Nurian!

A voz de Jillian transformou Nurian de mulher indefesa em aprendiz de guerreira. Pontapeou furiosamente a zona genital do Senhor da Guerra

ao mesmo tempo que se deixava cair para trás. O pontapé não foi certo, mas chegou para surpreender o homem ao ponto de a largar e o movimento inesperado desequilibrou-o. Enquanto se tentava equilibrar, ouviu-se uma seta a assobiar pelo ar, enterrando-se no peito do homem.

Jillian estava já a colocar outra flecha no arco e a fazer pontaria ao mesmo tempo que Nurian se levantava apressadamente e corria, curvada para ficar fora da linha de fogo.

Falonar lançou um escudo Azul-Safira para a frente de Jillian a tempo de deter as flechas que lhe acertariam em cheio. — Retirar! — gritou, quase a espumar da boca quando Jillian lançou outra flecha, com toda a calma. — Porra, guerreira, *retirar!*

Sobressaltou-se ao ouvir esta ordem, mas foi o grito de Nurian que a fez correr.

Preparado para lhes cobrir a retirada, Falonar olhou para trás – e lançou as piores pragas que conhecia. Nurian estava agora envolvida numa luta, somente com um bastão eyrieno. Nem era um bastão *laminado*. Que raios pensava aquela mulher fazer com aquilo? Julgaria que um guerreiro a atacaria com as próprias mãos? Tola. *Idiota*.

Dirigiu-se a Nurian de costas, constantemente atento ao próximo ataque. — Retirar — rosnou-lhe – e reparou de seguida que Jillian, ao invés de correr até à casa alcantilada comunitária, parara a meio caminho para assumir uma posição à retaguarda. — Se voltarem a desobedecer-me eu próprio vos açoitarei até ficarem sem pele nas costas. *A ambas*. Agora, *bata-m em retirada!*

Reagiram tal como um guerreiro eyrieno: ignoraram a ameaça e mantiveram as posições. Assim, *Falonar* bateu em retirada, obrigando-as a seguirem-no. *Isso*, já estavam dispostas a fazer. Lucivar devia estar louco ao pensar que uma *mulher* iria obedecer a uma ordem sensata. E Falonar sentiu-se grandemente agradecido por Surreal não estar naquele local. Só as Trevas sabiam como conseguiria mantê-la *afastada* destes combates.

Quando já se encontravam junto à casa alcantilada comunitária, Hallear agarrou em Jillian e Kohlvar praticamente atirou Nurian pela porta. Falonar foi o último a entrar. Assim que atravessou a soleira da porta, colocou um escudo Azul-Safira à entrada, para que ficassem protegidos ao mesmo tempo que viam o que se passava, sem impedimentos. Alguns homens tinham tomado posições nas janelas protegidas com escudos do andar de baixo. Outros encontravam-se nas divisões dos pisos superiores. As mulheres e as crianças estavam amontoadas no salão principal.

Hallear juntou-se a Falonar à porta. — Achas que estão a reorganizar-se?

— Não sei.

Atrás deles, ouviu Tamnar a dizer, com algum ressentimento: — Ora, *guerreirazinha*, acabaste de matar pela primeira vez.

Falnar e Hallear viraram-se em simultâneo e lançaram a mesma mensagem, em uníssono. «CALA-TE!»

O rapazinho retraiu-se, pareceu surpreso perante a reprimenda severa e esgueirou-se até à janela vigiada por Kohlvar.

Jillian ficou a olhar estupefacta para os dois, tendo a pele normalmente trigueira adquirido uma tez pálida e doentia. — Matei-o?

Antes que Falnar conseguisse construir uma resposta cautelosa, Hallear resfolegou. — Fizeste-lhe uns arranhões, o que permitiu que Nurian se escapulisse.

Alguma da tensão escoou da rapariga. — Oh. Isso é... Oh.

— Agora vais assumir uma posição à retaguarda ali — disse Hallear, indicando um canto distante do salão.

— Tá bem — disse Jillian, parecendo ligeiramente atordoada.

Falnar voltou-se para olhar para fora. — Enfiou a seta em cheio no coração do sacana — disse, mantendo a voz baixa.

— Não é necessário que saiba disso agora — respondeu Hallear, também baixinho. — Ela que acredite que só lhe fez uns arranhões. Não nos podemos permitir que bloqueie se chegarmos a esse ponto.

— Se chegarmos a esse ponto — disse Falnar compassivamente, enquanto se preparava para aguardar.

13 / Kaeleer

Saetan deambulava pelos corredores da Fortaleza, demasiado desassossegado para ficar parado num sítio, demasiado nervoso para tolerar estar na companhia de outras pessoas.

Lucivar deveria ter regressado há *horas*. Sabia que Lucivar tinha saído sorrateiramente da Fortaleza de manhã para se ir inteirar sobre o que estaria a atrasar Marian e Daemonar, mas estava a escurecer e não havia sinal de nenhum deles.

Duvidava que mais alguém tivesse dado conta. A assembleia e os rapazolas estavam reunidos numa das amplas salas de estar, tal como vinha sendo hábito desde que Jaenelle lhes dera ordens para que permanecessem na Fortaleza. Por isso, não se aperceberiam de que Lucivar tinha saído. E quanto a Jaenelle e Daemon... Bem, também não era provável que se tivessem apercebido.

Surreal apercebera-se da ausência de Lucivar, mas encarou o assunto com um encolher de ombros, dizendo que estaria provavelmente com Pro-

thvar e Mephis. O que fez com que Saetan se apercebesse de que também não vira *nenhum* deles recentemente.

Tinha de encontrar uma forma de Jaenelle o ouvir, tinha de descobrir o motivo pelo qual os mantinha a todos controlados com mão de ferro. Admitindo ou não, a verdade é que estavam em guerra. As Rainhas e os machos do Primeiro Círculo não iriam tolerar esta permanência indefinida, enquanto o povo estava a combater. *Algo* tinha de mudar. *Alguém* tinha de agir.

14 / Kaeleer

Falonar aceitou a caneca de cerveja que Kohlvar lhe ofereceu.

— Não faz sentido — disse Kohlvar, abanando a cabeça. — Acabaram os ataques directos, não envidam esforços para montarem um cerco, unicamente umas setas aqui e ali para se certificarem de que sabemos que ainda estão por aqui.

— Estamos encurralados — respondeu Falonar. — Estamos em desvantagem numérica e sabem disso.

— Mas qual o objectivo de nos encurralarem?

Não podemos ir a lado nenhum, pensou Falonar. *Não podemos transmitir nada*.

— Qual é o objectivo? — repetiu Kohlvar.

— Não sei. Mas julgo que iremos descobrir mais cedo ou mais tarde.

A resposta chegou com o entardecer. Um Senhor da Guerra aproximou-se a descoberto da casa alcantilada comunitária, com os braços abertos e as mãos afastadas das armas.

— Trago uma mensagem — gritou, segurando um envelope branco.

— Pousa-o no chão — gritou-lhe Falonar.

O Senhor da Guerra encolheu os ombros, pousou o envelope no chão colocando uma pequena pedra em cima para evitar que fosse levado pelo vento. Voltou pelo mesmo caminho.

Decorridos alguns minutos, Falonar observou a companhia eyriena a levantar voo.

Aguardou mais uma hora e só então usou a Arte para trazer o envelope até à entrada. Ainda do outro lado do escudo Azul-Safira, Falonar criou uma bola de fogo encantado para iluminar a inscrição, o nome do destinatário.

Um grande temor percorreu-lhe o corpo. Era a mesma caligrafia da mensagem dirigida a Lucivar. Mas esta estava dirigida ao Senhor Supre-

mo.

Chamou Kohlvar, Zaranar e Hallear. — Vou levar a mensagem à Fortaleza e apresentar o relato dos acontecimentos.

— Pode ser uma cilada — disse Hallear. — Podem estar a aguardar o próximo passo.

Sim, tinha a certeza de que *era* uma cilada – mas não dirigida a si.

— Não creio que nos venham importunar mais, mas mantenham-se de vigia. Fiquem atentos. Não deixem *ninguém* entrar, seja quem for. Ficarei na Fortaleza até ao amanhecer. Se regressar antes... dêem o vosso melhor para me matar.

Entenderam as suas palavras. Se viesse antes, deviam partir do princípio que estava a ser controlado e deviam agir em conformidade.

— Que as Trevas te protejam — disse Hallear.

Falonar atravessou o escudo Azul-Safira. Pegando no envelope, voou em direcção ao céu e rumou para a Fortaleza.

15 / Kaeleer

Saetan olhava fixamente para o pedaço de papel. As emoções aglomeravam-se, por isso afastou-as.

*Tenho o vosso filho.
Hekatah*

O que também significava que se tinha apoderado de Marian e Daemonar, visto que esse era o único engodo possível a ponto de provocar Lucivar a ir a Hayll.

Agora era Lucivar que servia de engodo para *Saetan*.

Compreendia o jogo. Hekatah e Dorothea estariam dispostas a negociar: Saetan por Lucivar, Marian e Daemonar.

Era evidente que não libertariam Lucivar, *não o podiam* fazer. Assim que conseguisse pôr Marian e Daemonar a salvo, iria virar-se contra Hekatah e Dorothea com todo o poder destrutivo que encerrava.

Por isso, era um acordo falso desde o início.

Podia viajar até Hayll e destruir Dorothea e Hekatah. Duas Sacerdotisas de Jóia Vermelha não conseguiam fazer frente a um Príncipe dos Senhores da Guerra de Jóia Negra. Podia ir até lá, lançar um escudo Negro sobre Lucivar, Marian e Daemonar para os manter resguardados, e nessa altura libertar o seu poder – e matar todas as criaturas numa extensão de

quilómetros em redor.

Mas isso não iria acabar com a guerra. Agora já não. Talvez nunca viesse a ser possível. E era precisamente a guerra que tinha de acabar, não somente as duas feiticeiras que a tinham desencadeado.

Por isso, iria entrar no jogo... pois iria facultar-lhe a arma de que precisava.

Tudo tem um preço.

Retirou o berloque com a Jóia Negra e pousou-o na secretária. Retirou o anel de Administrador da mão esquerda – o anel que continha o mesmo escudo Ébano que Jaenelle colocara nos Anéis de Honra.

Mesmo que Daemon estivesse a influenciar Jaenelle, mesmo que fosse ele a razão que a levava a resistir a uma declaração formal de guerra, nem mesmo ele conseguiria evitar que Jaenelle reagisse. Não perante estes factos.

Não penses. Sê um instrumento.

Ao avançar para a armadilha que Dorothea e Hekatah lhe armaram, iria dar azo a algo que *sabia* que iria trazer à superfície o lado explosivo e *selvagem de Jaenelle* – o sofrimento de Saetan.

Como era óbvio, não voltaria a ser o mesmo depois daquelas duas cabras terminarem. Nunca mais...

Abriu a gaveta da secretária, acariciou o envelope com odor a alfazema. — Por vezes, o dever segue por um caminho que não pode ser percorrido pelo coração. Lamento, Sylvia. Teria sido uma honra ser teu cônjuge. Lamento.

Fechou a gaveta, pegou na capa e saiu discretamente da Fortaleza.

16 / Kaeleer

Daemon deslizou pelos corredores da Fortaleza. Passara as últimas horas a confeccionar os tónicos de Karla para três meses, de acordo com as instruções de Jaenelle. Quando tentou questioná-la, lembrando-lhe que os tónicos medicinais que continham sangue perderiam o vigor passado esse tempo, dissera-lhe que calculara esse factor para que o vigor se reduzisse gradualmente, em conformidade. E quando lhe perguntou porquê...

Bom, seria de esperar que ficasse esgotada ao libertar a quantidade de energia necessária para deter Dorothea e Hekatah de forma absoluta. Mas os três meses que demoraria a recuperar deixavam-no preocupado. E agora que estava prestes a terminar... o que quer que fosse... estava também preocupado que os rapazolas pudessem finalmente escapar à trela e lançarem-se na batalha.

Estavam demasiado hostis com Daemon e não iriam ouvir nada do

que lhes dissesse, mas esperava que Saetan ainda pudesse agir com sensatez. Estava bastante seguro de que poderia transmitir o suficiente de modo a que o Senhor Supremo compreendesse que a evasão de Jaenelle tinha um objectivo, de que tudo o que precisavam era de mais alguns dias. Mais uns dias e a ameaça a Kaeleer iria terminar, a ameaça que Dorothea e Hekatah sempre representaram para os Sangue iria chegar ao seu término.

Bateu à porta de Saetan e entrou com cautela quando ouviu a voz de Surreal a responder: — Entra.

Estava defronte da secretária mais pequena. Falonar estava a seu lado, com um ar cansado e irritado. Surreal não tinha um ar cansado e estava longe de demonstrar irritação. — Vê isto — disse.

Mesmo do sítio onde estava conseguia ver o berloque e o anel de Administrador. Enfiando as mãos nos bolsos das calças, contornou a secretária, reconhecendo em silêncio o golpe emocional quando Surreal se afastou deliberadamente dele. Leu a mensagem e sentiu um calafrio afiado como garras a percorrer-lhe as costas.

— Será que é *agora* que vais fazer alguma coisa? — perguntou Surreal, batendo com os punhos na secretária. — Já não estão a matar desconhecidos. *Aquelas putas têm o teu pai e o teu irmão.*

Com grande sofrimento, conseguiu manter o tom de voz entediado. — Lucivar e Saetan optaram por correr o risco quando desobedeceram às ordens. Nada mudou. — *Não podia* mudar. Não podia pois Jaenelle ia salvar Kaeleer.

— Também estão na posse de Marian e Daemonar.

É claro. Sentiu alguma apreensão relativamente a Marian, mas não ficou verdadeiramente preocupado. Se Marian fosse violada ou ferida de algum modo, nem mesmo um Anel de Obediência poderia impedir Lucivar de iniciar uma chacina em larga escala. Por isso, não estava verdadeiramente preocupado com Marian, mas bastava a ideia de Daemonar nas mãos daquelas cabras nem que fosse por uma hora... — É natural que exijam algum tipo de resgate — disse, com indiferença. — Veremos o que se poderá arranjar.

— O que se poderá arranjar? — disse Surreal. — *O que se poderá arranjar?* Não sabes o que Dorothea e Hekatah lhes irão fazer?

Era óbvio que sabia, muito melhor do que Surreal.

A voz de Surreal foi invadida por veneno. — Pelo menos vais informar Jaenelle?

— Vou, julgo que a Senhora terá de ter conhecimento deste inconveniente. — Saiu enquanto Surreal cuspiam pragas.

Desejava que tivesse chorado. Desejava que tivesse gritado, berrado,

ficado furiosa, praguejado, chorado lágrimas amargas. Não sabia o que fazer a esta mulher queda que embalara no seu colo na última hora.

Comunicara-lhe da forma mais delicada que conseguira. Nada dissera. Pousara a cabeça no ombro de Daemon e retirara-se para o interior, descendo tão profundamente no abismo que não conseguia sequer senti-la.

Por isso, abraçou-a. Por vezes aflagava-a, acariciava-a – não para a excitar mas para a descontrair. *Podia* tê-la trazido de volta pelo sexo, mas isso seria uma violação da confiança que depositava nele e não era *isso* que iria fazer. Quando lhe pousara a mão no peito, fora como forma de se assegurar de que o coração ainda batia. Cada sopro quente no pescoço era uma promessa tácita de que iria regressar.

Por fim, decorridas quase duas horas, mexeu-se. — O que achas que irá acontecer agora? — perguntou, como se não tivesse existido aquele hiato entre as notícias e a pergunta.

— Mesmo a viajar pelos Ventos Negros, Saetan demoraria duas horas ou mais a chegar a Hayll. Não sabemos quando partiu...

— Mas a esta hora já lá deve ter chegado.

— Já. — Fez um interregno, ponderou novamente no assunto. — Lucivar e Saetan não são o prémio. São o engodo. E o engodo perde valor se estiver danificado. Por isso, julgo que estão relativamente seguros, por agora.

— Dorothea e Hekatah esperam que entregue Kaeleer para ter Lucivar e o Papá de volta, não é verdade? — À falta de resposta, Jaenelle levantou a cabeça e examinou Daemon. — Não. Isso não lhes serviria, pois não? Para que possam manter Kaeleer terão de ter controlo sobre mim, terão de fazer uso da minha força para dominarem.

— Sim. Lucivar e Saetan são o engodo. O prémio és tu. — Daemon afastou-lhe o cabelo do rosto. — Falta-te muito para acabar o... feitiço? — Sabia que era muito mais do que um feitiço, mas era uma palavra tão adequada como outra qualquer.

— Mais algumas horas. — Mexeu-se um pouco mais. — Devia retomar o trabalho.

Abraçou-a com mais força. — Ainda não. Fica comigo mais um pouco. Por favor.

Jaenelle descontraiu-se nos seus braços. — Vamos trazê-los de volta, Daemon.

Pai. Irmão. Fechou os olhos e encostou a face à cabeça dela, carecendo do seu calor e contacto. — Sim — murmurou, — vamos trazê-los de volta.

Ladvarian observou o espaço que iria ser a casa da Feiticeira durante uns tempos. Um velho tapete que trouxera do Paço cobria o chão em pedra. Trouxera também dois candeeiros e muitas velas perfumadas. A cama estreita que Tersa lhe dera estava ao centro do quarto. O baú estava ao lado e continha algumas mudas de roupa, alguns livros que Jaenelle gostava de ler quando tinha necessidade de se aconchegar para descansar por um dia, os seus cristais de música preferidos e alguns artigos de higiene. Não trouxera quadros pois as três paredes e o tecto do quarto estavam cobertos com camadas de teias curativas. A parede ao fundo estava coberta pela teia entrelaçada de sonhos e de visões que formara o mito vivo, os sonhos tornados realidade, a Feiticeira.

“Está pronto?” perguntou, de modo respeitador, à enorme aranha dourada que era a Tecedeira de Sonhos.

“A teia está pronta” respondeu a Rainha arachniana, roçando delicadamente uma pata numa das gotas de sangue seladas em bolhas de águas e protegidas por escudos. “Agora acrescento memórias. Mas... Preciso memórias humanas.”

Ladvarian indignou-se. “Era o *nosso* sonho mais do que o deles.”

“Mas também era deles. Preciso memórias de parentes *e* de humanos para esta Feiticeira.”

Ladvarian ficou desanimado. Teria sido mais fácil com os parentes. Informara-os do que era necessário e de que era para a Senhora. Era tudo o que os parentes precisavam de saber. Já os humanos iriam querer saber porquê, porquê, porquê. Demoraria tempo a convencê-los – e tempo era algo de que não dispunha.

“A Insólita irá ajudar-te” disse a aranha.

“Mas a Senhora conhece matilhas de humanos, *multidões*. Como...”

“O Primeiro Círculo tem memórias possantes. Serão suficientes. Fala com a Viúva Negra Cinzenta. Para humana, é excelente tecedeira.”

Referia-se a Karla. Sim. Se conseguisse convencer Karla...

“Espera melhor oportunidade para pedires. Assim que a Feiticeira partir para própria teia. Nessa altura, humanos escutarão com mais atenção.”

“Agora vou para a Fortaleza e ficarei a aguardar.” Ladvarian olhou ao redor mais uma vez. Não restava mais nada para fazer. O quarto estava pronto. A teia entrelaçada estava concluída. Os parentes que pertenciam à corte da Senhora estavam reunidos na ilha dos arachnianos para transmitir força à teia da Tecedeira, quando chegasse a altura.

“Mais uma coisa” disse a aranha. “Cão cinzento. Conheces este cão?”

Surgiu uma imagem na mente de Ladvarian. “É o Colmilho Cinzento. É um lobo.”

“Manda-o vir ter comigo. Há algo que tem de saber.”

18 / Terreille

Estava num acampamento militar e não seria este o género de lugar onde procuraria Hekatah ou Dorothea. À volta do extenso perímetro, estacas de metal tinham sido espetadas no chão, com escassos metros de intervalo. As estacas tinham dois cristais embutidos, um de cada lado, enfeitados de modo a que se alguma coisa passasse entre as estacas, o cristal perderia contacto com o cristal da estaca seguinte, alertando os guardas. O próprio acampamento tinha aglomerados de tendas para os guarda, algumas cabanas em madeira construídas junto umas das outras, perto do centro do acampamento, e duas barracas em madeira com barras nas janelas e camadas de feitiços de protecção a rodeá-las. Para prisioneiros. Como engodo.

Logo que atravessou as estacas do perímetro, tomaram conhecimento de que estava a chegar. Na viagem que o trouxe aqui, pensara novamente sobre o que iria fazer. Podia matar Hekatah e Dorothea. Podia libertar a força das Jóias Negras, destruir todos no acampamento e levar Lucivar, Marian e Daemonar para casa. Mas isso não iria travar a guerra. Terreille precisava de ver-se confrontada com um poder que pudesse atemorizar as pessoas ao ponto de não se *atreverem* a enfrentá-lo. E voltava sempre à ideia de provocar Jaenelle ao ponto de a fazer libertar o poder Ébano, dando aos terreilleanos um motivo para não saírem do seu Reino.

Enquanto caminhava para o centro do acampamento, foi seguido por guardas. Ninguém se aproximou nem tentou tocar-lhe.

Candeeiros redondos assentes em altos postes de metal iluminavam o chão em terra batida e manchado de sangue precisamente no centro do acampamento. Lucivar estava acorrentado à última estaca. As feridas dos golpes de chicote no seu peito e coxas tinham criado crosta e não pareciam muito profundas, pelo que não lhe provocariam danos graves. Tinha nódos negros no rosto, mas também não resultariam em danos permanentes.

Saetan parou no limite da luz. Há dez anos que não via Hekatah – pouco mais de um suspiro de tempo para alguém com a sua longevidade. E conhecera-a durante a maior parte desses anos de vida. Ainda assim, apesar de Dorothea estar a seu lado, tinha definhado de tal modo, estava de tal maneira deteriorada, que não teve a certeza de que seria ela, até ouvi-la falar.

— Saetan.

— Hekatah. — Caminhou até ao centro do chão em terra batida.

— Vieste negociar? — perguntou Hekatah, cortesmente.

Anuiu. — Uma vida por uma vida.

Sorriu. — Por *vidas*. Metemos a cabra e o fedelho na negociação. Não temos grande utilidade para os dois.

Julgaria ela que Saetan não sabia que nunca iriam entregar Daemonar? Durante séculos, empenharam-se em conseguir uma criança de Lucivar ou de Daemon para que a pudessem controlar e criar de modo a recuperarem uma linhagem escura.

— A minha vida pelas deles — disse. *Tudo tem um preço.*

— NÃO! — gritou Lucivar, procurando libertar-se das correntes enfeitiçadas. — *Mata-as!*

Ignorando Lucivar, centrou a atenção em Hekatah. — Temos acordo?

— Por uma oportunidade de ver o Senhor Supremo humilhado? — disse Hekatah melosamente. — Oh, claro que temos acordo. Assim que estiveres dominado, libertarei os outros. Dou-te a minha palavra de honra.

Deram-lhe ordens para que se despisse — e assim o fez.

Retirando o anel com a Jóia Negra, atirou-o para o chão. Tinha-o envolvido com um escudo bem justo para que ninguém lhe pudesse tocar, de facto. Se precisasse invocá-lo, não queria que o ouro estivesse impregnado de imundície.

Enquanto dois guardas o prendiam ao poste central, Hekatah enfiou-lhe um Anel de Obediência no órgão genital.

— Estás com bom aspecto para a idade que tens — disse, recuando para examinar minuciosamente o corpo desnudado de Saetan.

Sorriu docilmente. — Infelizmente, minha querida, não posso dizer o mesmo de ti.

O rosto de Hekatah contorceu-se de rancor. — Já era altura de aprenderes uma lição, *Senhor Supremo*. — Ergueu a mão ao mesmo tempo que Dorothea, que exibia um olhar de satisfação perversa.

Lucivar tentara explicar aos rapazolas o motivo pelo qual um Anel de Obediência conseguia forçar um macho poderoso a submeter-se, por isso Saetan pensava estar preparado para o que o esperava.

Nada o poderia ter preparado para a dor que lhe atingiu o pénis e os testículos antes de se espalhar pelo corpo. Os nervos ficaram a arder, ao mesmo tempo que uma dor atroz se instalou entre as pernas. Não conseguia resistir, mal conseguia pensar.

Os seus filhos tinham suportado este sofrimento, tinham-se debatido *contra* o controlo de Dorothea sabendo que era *isto* que os esperava após cada acto de desobediência. Durante séculos, suportaram o sofrimento. Como podia um homem não ficar alterado depois disto? Como...

Gritou — e continuou a gritar até que o seu corpo se desligou.

Surreal caminhava de um lado para o outro na sala de estar de Karla, ficando mais irritada a cada minuto que passava. Não sabia o que a tinha levado a decidir desabafar as suas frustrações com Karla. Porventura por parecer tão indiferente a tudo o que se vinha a passar.

Tudo bem, não era justo. A mulher estava a fazer o luto pelo seu primo Morton, já para não mencionar que estava passar por uma lenta recuperação de um envenenamento cruel. Ainda assim...

— Parecia que era uma maçada que vinha interferir com a manicura do canalha — Surreal estava enraivecida. — “Veremos o que se poderá arranjar.” Fogo do Inferno, trata-se do seu pai e do seu irmão!

— Não sabes quais são as suas intenções — disse Karla, com serenidade.

A placidez fez com que a fúria de Surreal subisse de tom. — Não pretende fazer nada!

— Como sabes?

Surreal cuspiu, praguejou, andou para trás e para a frente. — É como se ele e Jaenelle *quisessem* que perdêssemos esta guerra.

Pela primeira vez, a fúria inflamou a voz de Karla. — Não sejas estúpida.

— Olha, docinho...

— Olha *tu* — ripostou Karla. — Está na altura de todos vós observarem e pensarem e lembrarem-se de algumas coisas. Os instintos dos rapazolas estão a impeli-los para a guerra. Não podem alterar esse factor tal como não podem deixar de ser machos. E a assembleia é constituída por Rainhas cujos instintos as estão a instigar a proteger os respectivos povos.

— Que é exactamente o que deveriam estar a fazer! — gritou Surreal. — E não me parece que esse problema te aflija — acrescentou com maldade. Olhou de relance para as pernas tapadas de Karla e arrependeu-se das palavras que proferiu.

— Quando Jaenelle tinha quinze anos — disse Karla, — o Conselho das Trevas tentou declarar que o Tio Saetan era inapto para ser seu tutor legal. Decidiram nomear outra pessoa. E ela respondeu-lhes que podiam fazê-lo “quando o sol voltasse a nascer”. Sabes o que aconteceu?

Finalmente parada, Surreal abanou a cabeça.

— O sol não nasceu durante três dias — disse Karla placidamente. — Não voltou a nascer até o Conselho revogar a decisão que tomara.

Surreal deixou-se cair no chão. — Mãe Noite — sussurrou.

— Jaenelle não queria formar corte, não queria governar. A única razão pela qual se tornou Rainha de Ebon Askavi foi para deter os terreilleanos que estavam a invadir os Territórios dos parentes e a chaciná-los. Achas mesmo que a mulher que tomou estas atitudes tenha passado as últimas três semanas a torcer as mãos e à espera que isto passe? Eu não acho. Precisa de nós aqui por alguma razão – e dir-nos-á quando for a altura de nos dizer.

— Karla parou por um instante. — E digo-te outra coisa, só entre nós: por vezes um amigo tem de se tornar inimigo para permanecer amigo.

Karla estava a referir-se a Daemon. Surreal pensou um pouco e abanou a cabeça. — A forma como se tem comportado...

— Daemon Sadi é totalmente dedicado à Feiticeira. O que quer que faça, fá-lo por ela.

— Não sabes se é assim.

— Ai não? — disse Karla com demasiada afabilidade.

Viúva Negra. As palavras brotaram na mente de Surreal até já não restar espaço para mais nada. Viúva Negra. Talvez Karla *não fosse* tão indiferente ao que se estava a passar. Quiçá tivesse *visto* algo numa teia entrelaçada. — Estás certa quanto a Sadi?

— Não — respondeu Karla. — Mas estou disposta a considerar a possibilidade de que o que diz em público possa ser muito diferente daquilo que faz em privado.

Surreal passou os dedos pelo cabelo. — Bem, fogo do Inferno, se Daemon e Jaenelle *estavam* a engendrar algum plano, pelo menos podiam ter informado a corte.

— Fui envenenada por um membro da minha corte — disse Karla baixinho. — E não nos esqueçamos da avó de Jaenelle, porque ela com certeza não se esqueceu. Por isso, diz-me tu, Surreal, se estivesse a tentar encontrar uma forma de aniquilar aquelas duas cabras, em *quem* confiarias?

— Podia ter confiado no Senhor Supremo.

— E onde está ele neste preciso momento? — perguntou Karla.

Surreal não respondeu, pois ambas sabiam a resposta.

20 / Terreille

— Julgo que é altura de Jaenelle saber que estás aqui — disse Hekatah, passando por detrás de Saetan. — Talvez fosse boa ideia enviar-lhe uma singela prenda.

Sentiu que lhe agarrava o dedo mindinho da mão esquerda. Sentiu a faca a cortar pele e osso. E sentiu raiva quando ela caiu de joelhos e fechou a boca sobre a ferida para beber o sangue. O sangue de um Guardião.

Reunindo forças, enviou uma explosão de calor pelo braço, um fogo psíquico que cauterizou a ferida.

Hekatah afastou-se com brusquidão, aos gritos.

Enquanto ainda tinha tempo para o fazer, usou um pouco de Arte medicinal para limpar a ferida e cerrar a carne para evitar infecções.

Hekatah continuava a gritar. Dorothea saiu a correr da cabana. De todas as direcções, surgiram guardas a correr.

Por fim, os gritos cessaram. Ouviu Hekatah a procurar algo no chão e a levantar-se lentamente. Circundou-o e Saetan pôde ver o que a detonação de poder lhe infligira. Dado que a boca de Hekatah estava fechada sobre a ferida, o fogo psíquico prosseguira depois de ter cauterizado as veias. Derretera-lhe parte do queixo, dando uma nova e grotesca forma ao seu rosto.

Numa das mãos, segurava o dedo mindinho de Saetan. Na outra, tinha a faca. — Vais pagar por isto — disse, numa voz indistinta.

— Não — disse Dorothea, avançando. — Fostes vós que referistes que temos de limitar os danos ao mínimo até controlarmos Jaenelle.

Hekatah virou-se para Dorothea. Saetan sabia que a repulsa no rosto de Dorothea levaria Hekatah para além da capacidade de pensar racionalmente.

— Até controlarmos Jaenelle — disse Hekatah, com esforço. — Mas... isso não quer dizer... que não possa pagar por isto. — Virando-se para Saetan, ergueu a mão.

Pela segunda vez, a dor atroz proveniente do Anel de Obediência alastrou-se pelo corpo. Era devastadora. Hekatah também castigou o filho pelos feitos do pai e, ao ouvir o grito de guerra de Lucivar, pleno de dor ainda que enfurecido, sentiu uma dor muito mais intensa.

21 / Kaeleer

Daemon preferia que Surreal não estivesse por perto quando Geoffrey trouxe a pequena caixa cinzelada com floreados que fora entregue na Fortaleza em Terreille. Sugerira que a presença de Surreal não seria necessária, uma vez que a mensagem oral especificara que era um “presente” para Jaenelle. Contrapusera dizendo que fazia parte da família e que tinha tanto direito de saber o que se passava quanto Daemon ou Jaenelle. O que, infelizmente, era verdade.

— Queres que abra? — perguntou a Jaenelle, vendo que ela estava a olhar para a caixa há vários minutos.

— Não — disse, com demasiada serenidade. Mediante a Arte, levantou a tampa da caixa.

Ficaram os três a olhar pasmados para o dedo mindinho aconchegado num leito de seda – um dedo mindinho com uma unha longa, tingida a negro.

— Bem, docinho, eu diria que essa mensagem é clara — disse Surreal, fitando Jaenelle. — Quantas mais partes do corpo precisas de receber *antes de agires*? Estamos a ficar sem tempo!

— Sim — disse Jaenelle. — Chegou a hora.

Está em estado de choque, pensou Daemon. E olhou-a nos olhos – não conseguindo reprimir um arrepio. Gelo azul-safira. Porém, por detrás do gelo residia uma Rainha que tinha sido pressionada muito para além daquilo que raiva gélida nos machos poderia desencadear. Por saber o que procurar e graças a poder descer a uma profundidade no abismo que lhe permitia sentir, percebeu que a pequena oferta de Hekatah despertara completamente o lado selvagem, o lado *mortal* da Feiticeira. Deixara de ser uma jovem mulher que acabara de receber o dedo do pai como exigência pela sua capitulação; agora era um predador que estudava o engodo lançado pelo inimigo.

Dorothea e Hekatah tinham conhecido a jovem mulher. Não faziam ideia com quem estavam *deveras* a lidar.

— Vem comigo — disse Jaenelle, tocando-lhe levemente no braço antes de sair.

Mesmo através da camisa e do casaco, a mão de Jaenelle estava tão gelada que queimava.

Mantendo os olhos e a expressão zelosamente desinteressadas, olhou para Surreal – e sentiu-se um pouco consternado pelo olhar de fúria retribuído. Foi quando se apercebeu que, apesar de estar enregelado até aos ossos, o quarto estava ameno.

Jaenelle não demonstrara a raiva que se encontrava sob a superfície, não dera qualquer indicação de que estava a reunir os poderes para um ataque. Nada.

Olhou de relance para o dedo e sentiu o estômago apertado. E saiu.

Malditos sejam os dois, pensava Surreal ao fitar o dedo na caixa. Oh, testemunhara um ténue tremeluzir de consternação no rosto de Sadi quando o viu, mas desaparecera celeremente. E Jaenelle? Nada. Fogo do Inferno! Mostrara mais fúria e preocupação quando Aaron fora encurralado por Vania! Nessa altura, mostrara uma raiva glacial e terrível. Mas a mulher recebe *um pedaço do pai* dirigido a ela e... nada. Nem uma porcaria que fosse. Nem a mais pequena reacção.

Perfeito. Se essa era a forma daqueles dois jogarem este jogo, não havia qualquer problema. *Usava* uma Jóia Cinzenta e *era* uma hábil assassina.

Não via motivos para não entrar à socapa em Terreille e libertar Lucivar e o Senhor Supremo – e Marian e Daemonar – daquelas duas vacas.

Surreal mordeu o lábio inferior. Bem, tirá-los a *todos* incólumes *poderia* revelar-se problemático.

Tudo bem, pensaria um pouco no assunto, arranjaria algum plano. Pelo menos, *ia* agir!

E, enquanto ponderava, talvez mencionasse este pequeno incidente a Karla para ver se a Viúva Negra continuaria a pensar que se passava mais do que *nada*.

Quando Daemon chegou à oficina, o gelo nos olhos de Jaenelle tinha-se estilhaçado em fragmentos afiados e apercebeu-se de algo que o aterrozizou: ódio gélido e genuíno.

— O que achas que irá agora acontecer? — perguntou Jaenelle com uma serenidade exagerada.

Daemon enfiou as mãos nos bolsos das calças para não mostrar que tremiam. Pigarreou levemente. — Creio que não irá acontecer mais nada até que o mensageiro regresse a Hayll e confirme a entrega da caixa. Estamos quase a meio da manhã. Não devem esperar que sejas capaz de tomar decisões de imediato, o que nos dá algumas horas. Talvez um pouco mais.

Jaenelle caminhou devagar. Parecia estar a discutir consigo própria. Por fim, suspirou – como se tivesse saído vencida da discussão – e olhou para Daemon. — A Tecedeira de Sonhos enviou-me uma mensagem. Disse que o triângulo tem de permanecer unido para sobreviver, que os outros dois lados não são suficientemente fortes sem a força do espelho – e o espelho a *todos* protegerá.

— O espelho? — questionou Daemon, com cautela.

— És o espelho do teu pai, Daemon. És um dos lados do triângulo.

De súbito, Tersa veio-lhe à memória, anos atrás, a desenhar-lhe um triângulo na palma da mão, repetidamente, explicando o mistério do triângulo de quatro lados dos Sangue.

— Pai, irmão, amante — murmurou. Três lados. E o quarto lado era o centro do triângulo, aquele que dominava todos os outros.

— Exactamente — respondeu Jaenelle.

— Queres que vá a Hayll.

— Quero.

Anuiu acenando a cabeça com lentidão, sentido-se repentinamente numa fragilizada ponte pedonal e um passo em falso faria com que mergulhasse num abismo de onde jamais poderia escapar. — Se fosse tentar outra troca de prisioneiros, talvez ganhasse mais algumas horas.

— Nunca disse para te entregares a elas — disse Jaenelle, com rispidez.

O seu rosto estava pálido desde que vira o dedo de Saetan. Agora empalidecera ainda mais. — Daemon, preciso de setenta e duas horas.

— Set... Mas está tudo preparado. Tudo o que tens a fazer é reunir as forças e libertar o poder.

— Preciso de setenta e duas horas.

Olhou-a fixamente, aceitando vagarosamente aquilo que ela lhe estava a dizer. Se efectuasse um mergulho controlado no abismo, poderia descer ao nível das Jóias Negras numa questão de minutos, reunindo assim todo o seu poder. Jaenelle iria demorar *setenta e duas horas* a fazer o mesmo.

Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

Mas não havia forma de...

Percebeu o entendimento nos olhos de Jaenelle – e debateu-se com a vergonha que lhe provocava. Devia saber que não era possível esconder o Sádico da Feiticeira. E percebeu, por fim, o que ela lhe estava a pedir.

Incapaz de a olhar nos olhos, virou-se e começou a sua ronda vagarosa pela divisão.

Não passava de um jogo. Um jogo ignóbil e vil – o género de jogo que o Sádico sempre jogara na perfeição. Assim que soltou as rédeas a essa sua faceta, o plano ganhou forma tão naturalmente como respirar.

Mas... Tudo tem um preço. Sendo que iria perder a companhia de quase todos aqueles que sempre amara, a recompensa teria de justificar o custo.

— Consigo fazê-lo — trauteou, circundando Jaenelle com lentidão. — Conseguirei manter Dorothea e Hekatah tão desorientadas que os outros ficarão a salvo, ao mesmo tempo que evitarei que essas *Senhoras* consigam dar ordens para enviar os exércitos terreilleanos para Kaeleer. Conseguirei dar-te setenta e duas horas, Jaenelle. Mas vai-me sair caro pois vou ter atitudes que talvez nunca venham a ser perdoadas, por isso quero algo em troca.

Daemon conseguiu sentir a ligeira perplexidade de Jaenelle antes de dizer: — Está bem.

— Já não quero usar o anel de Consorte.

Um golpe de dor, rapidamente abafado. — Está bem.

— Quero antes uma aliança de casamento.

Um rasgo de alegria, imediatamente seguido por mágoa. Sorriu ao mesmo tempo que os seus olhos se enchiam de lágrimas. — Seria maravilhoso.

As palavras eram sentidas. Assim sendo, qual seria o motivo da mágoa, a razão para a angústia? Teria de perceber quando regressasse.

O temperamento de Daemon estava a ficar nervoso, perigoso. — Considerarei que a resposta é “sim”. Preciso de alguns elementos que não consigo criar na perfeição para este jogo.

— Diz-me o que precisas, Daemon.

Não queria fazê-lo. Não queria voltar àquele tipo de vida, nem mesmo por setenta e duas horas. Iria mutilar a vida que começara a construir neste local e a assembleia, os rapazolas, nunca mais iriam...

— Confias em mim? — disse, de súbito.

— Sim, confio.

Sem hesitações, sem sombra de dúvida.

Parou de andar e encarou-a. — Sabes quão arrebatadamente te amo?

Tinha a voz embargada ao responder-lhe: — Tanto quanto eu te amo?

Abraçou-a, agarrou-se a Jaenelle como a sua tábua de salvação, a sua âncora. Iria ficar tudo bem. Desde que *Jaenelle* ficasse a seu lado, tudo iria ficar bem.

Por fim, relutantemente, largou-a aos poucos. — Anda, temos muito trabalho pela frente.

— É o último — disse Jaenelle, passadas várias horas. Guardou cuidadosamente o estojo que continha todos os artigos enfeitiçados que criara para Daemon. — Não é bem o último.

Daemon bebia o café fortíssimo que fizera. Fisicamente, estava cansado. Mentalmente, tinha a cabeça à roda. À medida que Jaenelle ia criando os feitiços que lhe pedira, tinha de aprender a usá-los — explicava-lhe o processo enquanto criava um feitiço e depois obrigava-o a praticar enquanto criava os outros que Daemon levaria. Examinava os seus esforços, dava-lhe mais instruções para esmerar o efeito — e nem uma vez lhe perguntou o que pretendia fazer, o que o deixou grato. É claro que também Daemon não sabia exactamente o que Jaenelle iria fazer. Existiam assuntos sobre os quais uma Viúva Negra não questionava outra.

Jaenelle segurava num frasco do tamanho do seu dedo indicador e que continha um pó escuro. — É um estimulante. Poderoso. Uma dose manter-te-á em pé durante cerca de seis horas. Podes misturá-lo com qualquer tipo de bebida — olhou para o café, — mas se o misturares com um líquido *dessa* intensidade, irá produzir ainda mais energia.

— O frasco tem uma dose? — perguntou Daemon. Mordendo a língua para não se rir, desejou ter uma fotografia da careta que fez.

— Neste frasco estão doses suficientes para os próximos três dias e ainda sobram algumas — disse, friamente.

— Bem, é melhor ficar a saber o que provoca. — Daemon estendeu a caneca de café.

Jaenelle abriu o frasco e deu-lhe umas pancadinhas leves sobre a caneca. O borrifo de pó dissolveu-se instantaneamente.

Bebeu um gole. Um gosto a avelã, ligeiramente ácido. Na verdade, bastante...

Arquejou. O corpo ficou repentinamente numa espécie de alerta de batalha, com uma necessidade intensa de se *mexer*. A mente deixou de estar toldada pela fadiga mental. Decorridos os primeiros segundos explosivos, sentiu-se a acalmar, ainda que permanecesse aquela reserva viva de energia.

Esvaziou a caneca, aguardou alguns segundos. Não se deu nenhuma alteração física, somente a sensação maravilhosa de que a reserva estava a aumentar.

Jaenelle acondicionou o frasco na caixa com desvelo. — Tudo tem um preço, Daemon — disse, com firmeza.

Bastou para que ficasse atento. — Causa dependência?

O olhar que lhe lançou bastava para abrir um homem ao meio. — Não, não causa. *Eu* própria tomo um pouco, por vezes — facto que não irás mencionar a ninguém da família. Era provável que lhe dessem três ataques se soubessem. Esta substância irá dar-te alento, mesmo que não comas nem durmas, mas se não renovares a dose de seis em seis horas, as pernas vão ceder e prepara-te para dormir um dia inteiro.

— Por outras palavras, se falhar uma dose, não conseguirei acordar nem se me açoitar a mim próprio, independentemente do que se passar à minha volta.

Acenou afirmativamente com a cabeça.

— Está bem, não me vou esquecer.

Mostrou-lhe outro frasco cheio de líquido escuro. — Isto é um tónico para Saetan. Calculo que deva estar enfraquecido a nível físico por isso fi-lo potente. Vai estimulá-lo como uma parêla de cavalos. Adiciona-o a uma quantidade igual de bebida — vinho ou sangue fresco.

— Se eu beber o estimulante, posso usar o meu sangue para juntar a esse tónico?

— Sim — disse Jaenelle, quase conseguindo evitar que os lábios tremessem. — Mas se usares o teu sangue, certifica-te de que lho enfiás pela garganta antes de dizeres o que é pois vai sentir o estímulo de *duas* parêlas de cavalos — e não ficará muito satisfeito contigo nos primeiros minutos.

— É justo. — Esperava que Saetan estivesse em condições que lhe permitissem berrar por estar a ser drogado.

Jaenelle inspirou fundo e expirou lentamente. — Sendo assim, é tudo.

Daemon pousou a caneca na mesa de trabalho. — Quero supervisionar a preparação da comida que vou levar. Não demorará muito. Esperas por mim?

O sorriso nos lábios de Jaenelle não chegou aos seus perturbados olhos azul-safira. — Espero.

— Príncipe Ssadi.

Daemon hesitou mas virou-se na direcção da voz. — Draca.

Estendeu uma mão, mal cerrada. De modo obediente, Daemon colocou a sua mão sob a dela. Ao abrir a mão, missangas coloridas caíram na mão de Daemon – o tipo de missangas que as mulheres pregavam nos vestidos para reflectirem a luz.

Perplexo, olhou para as missangas, depois para Draca.

— Quando chegar o momento certo, daí issto a Ssaetan. Irá entender.

Sabe, pensou Daemon. *Sabe, mas...* Não, Draca nada diria à assembleia nem aos rapazolas. A Senescal de Ebon Askavi manteria o seu próprio conselho pelas suas próprias razões.

Enquanto Draca se afastava, Daemon enfiou as missangas no bolso do casaco.

Surreal saltou quando a porta do quarto se abriu de par em par.

— O que raio pensas que estás a fazer? — perguntou Daemon, batendo com a porta.

— O que te parece que estou a fazer? — ripostou Surreal. Praguejou em silêncio. Mais uns minutos e teria conseguido escapulir-se sem ser detectada.

— *Parece* que estás prestes a arruinar várias horas de planos cuidados — Daemon ripostou por sua vez.

Ao ouvir estas palavras, deteve-se. — Que planos? — perguntou desconfiadamente.

Praguejou com uma baixeza tão criativa que a deixou surpreendida. — O que achas que tenho estado a fazer desde que recebemos aquele *presente* esta manhã? E o que julgavas que *conseguirias* fazer, sozinha?

— Fui assassina durante muitos anos, Sadi. Podia ter...

— Assassinatos de um contra um — resmoneou. — Isso não te levará muito longe num acampamento militarizado. E se libertares a Cinzenta para te livrares dos guardas, podes ter a certeza de que as quatro pessoas que vais salvar morrerão antes de chegares junto delas.

— Não sabes...

— Sei, pois — gritou Daemon. — Cresci sob o jugo daquela cabra. Sei *muito* bem.

A raiva de Surreal não era comparável à de Daemon, especialmente por ter sido capaz de pôr o dedo em todas as dúvidas que tinha quanto ao êxito da sua missão. — Tens uma ideia melhor?

— Sim, Surreal, tenho uma ideia melhor — respondeu Daemon com frieza.

Surreal humedeceu os lábios, respirou com cautela. — Eu podia aju-

dar, criar uma diversão ou algo do género. Fogo do Inferno, Daemon, também são a minha família, a primeira que alguma vez tive. São importantes para mim. Deixa-me ajudar.

Ao fitá-la, algo invulgar invadiu os olhos de Daemon. — Sim — disse num trauteio sedoso, — julgo que poderás ser de grande utilidade. — A voz alterou-se, ganhou um tom irritadiço e eficiente ao observar os mantimentos amontoados na cama de Surreal. — Pelo menos tiveste a sensatez de levar a tua própria comida e água visto que não poderás confiar em nada que possas ingerir naquele sítio. — Dirigiu-se à porta. — Preciso de mais duas horas. Nessa altura, partiremos.

— Mas... — O olhar de Daemon fê-la recuar. — Duas horas — concordou.

Foi só depois de Daemon sair que Surreal começou a pensar que não sabia muito bem com o que tinha concordado fazer.

Tolinha, pensava Daemon ao dirigir-se intempestivamente para a oficina de Jaenelle. *Idiota*. Se o pessoal da cozinha não tivesse referido que Surreal acabara de solicitar uma merenda idêntica, não teria sabido que estava a planear ir para Hayll, não estaria preparado para lidar com a sua presença. Oh, podia ajudá-lo neste joguinho. Não demorara mais de um minuto a reconhecer as várias formas de ajuda que lhe podia prestar. Contudo, maldição, se tivesse partido e conseguisse deixar todos com os nervos em franja antes de Daemon chegar... Tinha de ganhar setenta e duas horas para Jaenelle. Uma luta directa e limpa poderia libertá-los mas não teria alcançado *aquele* objectivo.

Por isso, continuaria o seu jogo – e Surreal teria a oportunidade de dançar com o Sádico.

Entrou na oficina e resmoneou para Jaenelle: — Preciso de mais dois artigos.

Arregalou os olhos quando lhe disse o que queria, mas não disse nada para além de: — É melhor dar-te um Anel com um escudo que *ninguém* consiga atravessar.

Visto que calculava que Lucivar e Surreal iriam querer arrancar-lhe o coração dentro de algumas horas, achou que era uma excelente ideia.

Os três encontravam-se no lado de fora da sala que albergava o Altar das Trevas na Fortaleza.

Jaenelle abraçou Surreal. — Que as Trevas te protejam, Irmã.

— Vamos trazê-los de volta — disse Surreal, retribuindo o abraço. — Podes contar com isso. — Olhando de relance para Daemon, entrou na sala do Altar e fechou a porta devagar.

Daemon limitou-se a fitar Jaenelle, com o coração tão cheio que não conseguia falar. Além disso, as palavras pareciam inadequadas neste momento. Passou um polegar pela face de Jaenelle, beijou-a docemente. Respirou fundo. — O jogo começa à meia-noite.

— E à meia-noite, setenta e duas horas decorridas, estarás a viajar pelos Ventos de regresso à Fortaleza em Terreille. Sem paragens, sem delongas. — Fez um interregno, aguardou que Daemon anuísse e acrescentou: — Não viajes em nenhum Vento que seja mais escuro do que o Vermelho. Os outros ficarão instáveis.

Foi com esforço que evitou que o queixo caísse. Uma poderosa tempestade de feiticeira podia criar uma perturbação em *parte* das estradas psíquicas que atravessavam as Trevas, podia até levar a que alguém caísse da Teia e se perdesse nas Trevas, mas “instável” soava a algo muitíssimo pior.

— Muito bem — disse, por fim. — Ficaremos pelo Vermelho.

— Daemon — disse Jaenelle delicadamente, — quero que me prometas uma coisa.

— Tudo.

Ficou com os olhos cheios de lágrimas. Demorou um minuto para recuperar o controlo. — Há treze anos, deste tudo o que tinhas para me ajudares.

— E voltarei a dar-te tudo — respondeu, com igual delicadeza.

Abanou a cabeça vigorosamente. — Não. Acabaram-se os sacrifícios, Daemon. Pelo menos da tua parte. É isso que quero que me prometas. — Engoliu em seco. — A Fortaleza será o único lugar seguro. Quero que me prometas que, à hora marcada, estarás a caminho da Fortaleza. Não importa a quem tenhas de virar costas, não importa quem tiveres de deixar para trás, *tens de chegar à Fortaleza antes de amanhecer*. Promete-me, Daemon. — Agarrou-lhe o braço com tanta força que o magoou. — Tenho de ter a certeza que estás a salvo. Promete.

Retirou-lhe a mão delicadamente, ergueu-a e beijou-lhe a palma – e sorriu. — Nada farei que possa fazer-me chegar atrasado ao meu próprio casamento.

Um acesso de dor acometeu os olhos de Jaenelle, fazendo-o pensar se ela *quereria* realmente casar-se com ele. Não. Não iria começar a ter dúvidas, *não podia* dar-se a esse luxo. — Voltarei para ti — disse. — Juro.

Jaenelle beijou-o rápida mas intensamente. — Faz por isso.

Estava lívida e tinha um ar exausto. Sob os olhos podiam ver-se olheiras vincadas. Nunca lhe parecera tão bela.

— Vemo-nos dentro de poucos dias.

— Adeus, Daemon. Amo-te.

Ao aproximar-se do Altar das Trevas que era um Portão entre os Rei-

nos, sentia que as últimas palavras de Jaenelle não tinham sido tranquilizadoras.

22 / Kaeleer

Karla instalou-se com suavidade numa cadeira da sala de estar de Jaenelle. Conseguia usar a Arte para flutuar de um lado para o outro e conseguia até ficar em pé, sozinha, durante alguns momentos, com a ajuda de duas bengalas. Porém, ao canalizar o poder pelo corpo, ficava rapidamente exausta e ficar em pé provocava-lhe dores nas pernas. Ainda assim, o cálice diário do tónico de Jaenelle *estava* a resultar. Todavia, tinha a incómoda sensação de que viria a precisar das forças para algo bem diferente, em breve.

Era a primeira vez que a vira, desde que Jaenelle recusara dar permissão para que Kaeleer entrasse em guerra. Mas mesmo agora, tendo sido a própria *Jaenelle* a convocá-la e a Gabrielle, a Rainha de Ebon Askavi, mantinha-se de costas para elas, limitando-se a olhar pela janela.

— Preciso que as duas mantenham os rapazolas controlados por mais alguns dias — disse Jaenelle, calmamente. — Não será fácil, mas é imprescindível.

— Porquê? — questionou Gabrielle. — Fogo do Inferno, Jaenelle, temos de reunir os exércitos e *lutar*. Espalhados como estamos, mal nos conseguimos aguentar e nem sequer estamos a combater os exércitos que possam vir de Terreille, só os terreilleanos que já se encontravam em Kaeleer. Os *cabrões*. Chegou o momento de entrarmos em guerra. *Temos* de ir para a guerra. Não é unicamente o povo que está a perecer. A *terra* está a ser igualmente dizimada.

— As Rainhas poderão sarar a terra — respondeu Jaenelle, continuando sem olhar para elas. — É esse o dom especial das Rainhas. E o número de mortos entre o nosso povo não é assim tão significativo como parecem achar.

— Não — disse Gabrielle, com azedume, — mas estão a morrer de vergonha pois foi-lhes ordenado que abandonassem as suas terras.

— Conseguirão sobreviver a um pouco de vergonha.

Karla pousou a mão no braço de Gabrielle. Tentando manter um tom de voz moderado, disse: — Não creio que reste outra opção, Jaenelle. Se não pararmos de bater em retirada e se não começarmos a atacar, não nos restará um único sítio para tomarmos posição quando os exércitos terreilleanos *realmente* cá chegarem.

— Não receberão ordens para entrar em Kaeleer nos próximos dias. Nessa altura, não fará qualquer diferença.

— Porque seremos forçados a nos render — ripostou Gabrielle.

A mão de Karla apertou o braço de Gabrielle com mais força. Não tinha muita força, mas o gesto foi suficiente para controlar a fúria da outra Rainha – pelo menos por enquanto.

— Kaeleer vai finalmente entrar em guerra com Terreille? — perguntou.

— Não — respondeu Jaenelle. — Kaeleer não irá entrar em guerra com Terreille.

Foi a ténue entoação que fez com que Karla sentisse um arrepio gelado a percorrer-lhe o corpo. Pela forma como o braço de Gabrielle ficou tenso sob a sua mão, soube que a outra mulher também tinha reparado.

— Assim sendo, quem *irá* entrar em guerra com Terreille?

Jaenelle virou-se.

Gabrielle susteve a respiração.

Pela primeira vez, estavam na presença do sonho sob o corpo.

Karla olhou atónita para as orelhas pontiagudas que pertenciam aos Dea al Mon, as mãos com as garras retraídas que provinham dos Tigre, os cascos que espreitavam sob o vestido preto que podiam descender dos centauros ou dos cavalos ou dos unicórnios. Acima de tudo, fitou o ínfimo chifre em espiral.

O mito vivo. Os sonhos tornados realidade. Contudo, oh, teria algum deles efectivamente pensado na identidade dos sonhadores?

Não admira que os parentes a amem. Não admira que todos a tenhamos amado.

Karla pigarreou baixinho para fazer a pergunta que, de repente, esperava que não fosse respondida. — Quem vai entrar em guerra com Terreille?

— Eu vou — disse a Feiticeira.

CAPÍTULO QUINZE

1 / Terreille

Com os olhos toldados pela dor que lhe fora infligida durante os últimos dois dias, Saetan observou Hekatah a aproximar-se e a examiná-lo demoradamente. Sempre que lhes apetecia, ela e Dorothea tinham usado o Anel de Obediência para o fazer sofrer, mas agora faziam-no com mais cautela, parando imediatamente antes de Saetan desmaiar de dor. Tinham-no deixado acorrentado ao poste durante as horas de sol, o que era ainda mais grave. Já enfraquecido pela dor, o sol vespertino drenara-lhe a força psíquica e perfurara-lhe os olhos, resultando numa dor de cabeça tão violenta que nem a dor do Anel a absorvia.

Pedaco a pedaco, a dor destruíra todos os efeitos revitalizantes que os tónicos de Jaenelle tinham produzido, alterando-lhe o corpo de volta ao estado em que se encontrava quando a conheceu – mais parecido aos demónios-mortos do que aos vivos.

Se pudesse ter realizado uma transição rápida de Guardião para demónio-morto podia ter considerado essa opção – o tipo de transição de Andulvar e Prothvar no campo de batalha há tantos séculos. Estavam tão embrenhados na fúria da batalha que nem se aperceberam de que tinham sofrido golpes mortais. Se pudesse fazer a transição dessa forma, talvez a tivesse feito. Seria fácil cortar uma veia e sangrar até à morte e seria menos doloroso. Mas ficaria mais vulnerável e, sem uma dose de sangue fresco, a luz do sol iria enfraquecê-lo de tal modo que, quando Jaenelle chegasse por fim, não passaria de uma responsabilidade para ela ao invés de encontrar uma forma de lutar a seu lado.

Quando Jaenelle chegasse por fim. Se Jaenelle viesse. Já devia ter reagido, já devia estar ali – se é que estava a dirigir-se para ali.

— Está na altura de mandar outro presentinho a Jaenelle — disse Hekatah, a voz ameninada agora deturpada pela mandíbula disforme.
— Outro dedo? — Usava o mesmo tom de voz que outra mulher poderia

usar ao tentar avaliar os méritos de um prato em detrimento de outro para o jantar. — Talvez um dedinho do pé, desta vez. Não, muito insignificante. Um olho? Muito desfigurador. Não queremos que ela comece a pensar que te tornaste demasiado repugnante para merecer ser salvo. — Focou o olhar nos testículos – e sorriu. — Já não passa de carne morta, mas ainda terá utilidade para *isto*.

Saetan não reagiu. Não se permitiria uma reacção. *Era* carne morta neste momento – a última zona revitalizada, a primeira a fenecer. Não reagiria. E não pensaria em Sylvia. Agora não. Nunca mais.

Fitando-se mutuamente, Hekatah avançou e ficou cada vez mais perto. Com umas das mãos acariciou, afagou, fechou-se, segurando-o para a faca.

Um guincho enfurecido interrompeu os habituais sons nocturnos.

Hekatah deu um salto para trás e rodopiou na direcção do som.

Surreal surgiu a voar no acampamento como se tivesse sido atirada por uma mão gigante. Os seus pés bateram no chão, mas não conseguiu desacelerar e continuou em frente. Enrolou-se e rolou, ficando de joelhos de frente para a escuridão para além da área iluminada pelos candeeiros.

— CANALHA INSENSÍVEL E CRUEL! — gritou Surreal. — GRANDE FILHO DA PUTA COBARDE!

Dorothea saiu precipitadamente da cabana, aos gritos. — Guardas! Guardas!

Precipitaram-se guardas de três lados do acampamento. Ninguém surgiu da escuridão defronte deles.

— GUARDAS! — voltou a chamar Dorothea.

Dessa escuridão, ouviu-se uma voz grave e com um ar divertido: — Não te vão responder, querida. Foram retidos de forma permanente.

Daemon Sadi saiu da escuridão, parando no limite da zona iluminada. O seu cabelo negro estava ligeiramente desgrenhado pelo vento. Tinha as mãos descontraidamente enfiadas nos bolsos das calças. O casaco preto estava aberto, revelando a camisa em seda branca que estava desabotoada até à cintura. A Jóia Negra ao pescoço cintilava de energia, assim como cintilavam os seus olhos dourados.

Ao ver aquela cintilação invulgar nos olhos de Daemon, Saetan sentiu calafrios. Algo estava errado. *Muito* errado.

Hekatah virou-se de lado, pousando a faca no abdómen de Saetan. — Mais um passo e esventro-o – e mato também o eyrieno.

— Força — disse Daemon prazenteiramente, enquanto avançava para o acampamento. — Assim poupas-me o trabalho de arquitectar uns quantos acidentes, o que teria de fazer em breve de qualquer forma, visto que o Administrador e o Primeiro Acompanhante estavam a tornar-se... incómo-

dos. Por isso, mata-los, eu aniquilo-te – para depois voltar a Kaeleer e consolar a Rainha desolada. Sim, isso resultará às mil maravilhas. Serás acusada das suas mortes e Jaenelle nunca olhará para mim conjecturando sobre o motivo pelo qual serei o único macho que restou e no qual pode confiar.

— Estás a esquecer-te do Guarda-Mor — disse Hekatah.

Daemon sorriu de um modo dócil mas brutal. — Não, não me esqueci. Também não me esqueci de Prothvar ou de Mephis. Já não representam motivo de preocupação.

Por um instante, Saetan julgou que Hekatah o tinha *efectivamente* esventrado. Contudo, embora a ferida não fosse física, a dor *era* bem real. — Não — disse. — Não. Não eras capaz.

Daemon riu-se. — Ai não? Então onde estão eles, velhote?

Por se ter feito a mesma pergunta, Saetan não conseguia dar uma resposta. Ainda assim, continuou em negação. — Não foste capaz. *São a tua família.*

— A minha família — disse Daemon, pensativamente. — Quão conveniente terem decidido tornar-se “família” depois de me ter tornado Consorte da Rainha mais poderosa da história dos Sangue.

— Não é verdade — disse Saetan, impelindo-se para a frente, apesar da faca ainda encostada ao seu abdómen. Era uma insensatez estar a discutir este assunto, mas todos os seus instintos lhe gritavam que tinha de ser *agora*, pois poderia não voltar a surgir outra oportunidade para alterar aquele olhar nos olhos de Daemon.

— Não é? — disse Daemon amargamente. — E onde estavam eles há 1.700 anos, quando ainda era uma criança? Onde estavas *tu*? Onde estava *qualquer* um de vós durante todos os anos desde aí até hoje? Não me fales de *família*, Senhor Supremo.

Saetan encostou-se ao poste. Mãe Noite, todas as preocupações que tivera sobre a lealdade de Daemon estavam a materializar-se.

— Que comovente — escarneceu Hekatah. — Estás à espera que acreditemos nessas patranhas? És o filho do teu pai.

Os olhos dourados de Daemon fixaram-se em Hekatah. — Julgo que será mais correcto dizer que sou o homem que o meu pai *poderia* ter sido, se tivesse tido coragem.

— Não deis atenção ao que diz — disse Dorothea, de súbito. — É uma artimanha, uma armadilha. Está a mentir.

— Parece que reservou o dia para isso — resmoneou Surreal com azedume.

Depois de uma olhadela depreciativa a Surreal, Daemon centrou a atenção em Dorothea. — Olá, querida. Pareces uma bruxa velha. Fica-te bem.

Dorothea silvou.

— Trouxe-te um presente — informou Daemon, olhando de novo para Surreal.

Dorothea olhou para as orelhas pontiagudas de Surreal e fez uma expressão de desprezo. — Já ouvi falar dela. Não passa de uma puta.

— É verdade — concordou Daemon placidamente, — é uma rameira de primeira categoria, que abre as pernas a tudo o que lhe dê dinheiro. É também tua neta. Filha de Kartane. A única que alguma vez gerou e gerará. A única prossecução da *tua* linhagem.

— Rameira alguma poderá ser *minha* neta — rosnou Dorothea.

Daemon ergueu uma sobrancelha. — Realmente, querida, julguei que esse fosse ser o argumento que te convenceria. A única diferença entre as duas é que ela fica debaixo de um macho na maioria das vezes, enquanto tu ficas por cima. Mas as tuas pernas abrem-se igualmente de par em par. — Fez uma pausa. — Bem, existe *outra* diferença. Uma vez que estava a receber por isso, ela *teve* de adquirir algumas competências na cama.

Dorothea estremeceu de raiva. — Guardas! Capturem-no!

Vinte homens precipitaram-se para a frente e logo caíram por terra.

Daemon limitou-se a sorrir. — Talvez seja melhor matar os restantes de imediato para evitar mais aborrecimentos.

Hekatah baixou lentamente a faca. — Porque estás aqui, Sadi?

— Os vossos esquemazecos estão a interferir com os meus planos e isso aborrece-me.

— Terreille vai entrar em guerra com Kaeleer. Não chamaria isso de “esquemazeco”.

— Bem, isso depende se tens ou não o poder para vencer, não é verdade? — trauteou Daemon. — Contudo, não me interessa dominar um Reino devastado por uma guerra, por isso decidi que era altura de termos uma conversazinha.

Dorothea deu um salto para a frente. — Não o escuteis!

— Como podes *tu* dominar um Reino? — perguntou Hekatah, ignorando Dorothea.

O sorriso de Daemon ficou ainda mais gélido, mais cruel. — Controlo a feiticeira que tem a força para dizimar todos os seres vivos no Reino de Terreille.

— NÃO! — gritou Saetan. — Tu *não* controlas a Rainha.

Quando o olhar de Daemon se voltou a fixar nele, recomeçou a tiritar.

— Ai não? — ronronou Daemon. — Não te questionaste por que razão não respondeu ela ao “presente”, Senhor Supremo? Oh, ficou bastante consternada. Não fez nada a não ser chorar desde a chegada do dedo. Po-

rém, não é ela que está aqui – e não irá estar pois preza mais a minha pila dentro dela do que te preza a ti. A qualquer um de vós. — Pela primeira vez, Daemon olhou de relance para Lucivar.

Saetan abanou a cabeça. — Não. Não podes fazer isto, Daemon.

— Não me digas o que posso fazer. Tiveste a tua oportunidade, velhote, e não tiveste tomates para a agarrar. Agora é a *minha* vez e eu tenho intenções de dominar.

— É mais uma mentira — ripostou Dorothea. — Nunca estiveste interessado em governar.

Daemon dirigiu a raiva gélida e cáustica para Dorothea. — O que sabes *tu* sobre os meus desejos, cabra? Nunca me deste qualquer oportunidade de governar *o que quer* que fosse. Querias apenas fazer uso do meu poder sem nunca ofereceres algo em troca.

— Mas eu ofereci-te algo.

— O quê? *Tu*? Utilizaste-me, Dorothea. Como poderias imaginar que suportar mais do mesmo poderia representar algum tipo de recompensa?

— *Cabrão!* Tu... — Deu um passo na direcção de Daemon, com a mão erguida numa garra.

Uma pancada de uma mão fantasma derrubou-a, indo cair em cima de Surreal, que praguejou violentamente, empurrando-a.

Arrancando o olhar de Daemon, Saetan olhou para Hekatah – e percebeu que tremia, mas não devido à raiva.

— O que queres, Sadi? — questionou Hekatah, incapaz de manter a voz firme.

Passou um longo e arrepiante momento antes de Daemon voltar a centrar a atenção em Hekatah. — Vim negociar em nome da minha Rainha.

— Eu bem vos disse... — murmurou Dorothea entre dentes – sem se tentar levantar.

— E o que dirás à tua Rainha? — perguntou Hekatah.

— Que cheguei demasiado tarde para salvar qualquer um deles. Estou certo que conseguirei incitá-la a uma reacção adequadamente violenta.

— Destruirá mais do que nós se libertar esse tipo de poder.

O sorriso de Daemon era de regozijo. — Exactamente. Destruirá tudo. E quando todos tiverem desaparecido... Bem, *terão* ainda de se dar mais algumas batalhas em Kaeleer para eliminar os machos mais maçadores da corte. Contudo, depois disso, julgo que tudo se irá acalmar. — Virou-se e começou a ir-se embora.

Nunca conseguirá convencê-la a destruir todos em Terreille, pensou Saetan, fechando os olhos face à má disposição que lhe dava voltas ao estômago. *Nunca conseguirá manobrá-la a tal ponto. Não a Jaenelle.*

— Espera — disse Hekatah.

Saetan abriu os olhos.

Daemon estava quase no limite da zona iluminada. Virando-se, arqueou uma sobrancelha com um ar interrogativo.

— Foi essa a única razão que te trouxe aqui? — perguntou Hekatah.

Daemon voltou a olhar de relance para Lucivar e sorriu. — Não. Pensei que poderia cobrar algumas dívidas já que aqui estava.

Hekatah devolveu o sorriso. — Assim sendo, Príncipe, talvez tenhamos algo a discutir. Mas não de imediato. — Por que não satisfazes os teus desejos enquanto eu... enquanto eu e Dorothea pensamos numa forma de tratar do assunto de forma amigável.

— Tenho a certeza de que encontrarei algo divertido para passar o tempo — disse Daemon. Saiu da luz e desapareceu na escuridão.

Hekatah olhou para Saetan. Já não conseguia ocultar os sentimentos, manter o rosto inexpressivo.

Dorothea pôs-se de pé e apontou para Surreal. — Prendam aquela vaca — disse rispidamente a dois guardas, voltando-se de seguida para Hekatah. — Não é possível que acrediteis realmente em Sadi.

— O Senhor Supremo acredita — disse Hekatah baixinho. — O *que* é muito interessante. — Silvou quando Dorothea começou a protestar. — Discutiremos o assunto em privado.

Dirigiu-se à cabana com Dorothea a segui-la com relutância.

Depois de acorrentarem Surreal ao poste à esquerda de Saetan, os guardas recolheram os corpos dos homens mortos e, com olhares inquietos para a escuridão que os rodeava, voltaram, por fim, aos seus deveres.

— O teu filho é um cabrão insensível — disse Surreal em voz baixa.

Saetan pensou no olhar de Daemon. Pensou no homem que deveria conhecer profundamente – e que não conhecia de todo. Fechando os olhos, encostou cabeça ao poste e disse: — Já só tenho um filho – e é eyrieno.

— Olá, Bastardinho.

Lucivar virou a cabeça, viu Daemon a deslizar da escuridão e circundá-lo para se posicionar defronte dele.

Observou atentamente aquele jogo inicial, aguardando algum tipo de sinal da parte de Daemon indicativo de que era altura de atacar. As correntes enfeitadas não o podiam deter e, ao contrário de Saetan, a dor proveniente do Anel de Obediência não o debilitava durante muito tempo – pelo menos, não o esgotava como parecia suceder com o Senhor Supremo. Não, o que o fazia conter-se e aguardar era a ameaça que pairava sobre Marian e Daemonar. Havia sempre um guarda dentro da barraca distante que estava a ser usada como prisão e esse guarda tinha ordens para matar a sua esposa e o seu filho caso se libertasse. Por isso, aguardava, especialmente depois de

Saetan se ter entregado àquelas cabras, pois dera-se conta que Saetan sabia que não iria haver qualquer troca, chegara à espera de ser feito prisioneiro e tinha tido uma razão para o fazer.

Por isso, quando viu Daemon, pensou que se dera início ao jogo. Todavia, neste momento, ao ver aquele olhar entediado, letárgico, *terrível*... Outrora, dançara bastas vezes com o Sádico para saber que aquele olhar significava que estavam todos em sérias dificuldades.

— Olá, Bastardolas — disse, à cautela.

Daemon aproximou-se. Com as pontas dos dedos, percorreu o braço de Lucivar, o ombro e desenhou a clavícula.

— Qual é a jogada? — perguntou calmamente, para logo estremecer enquanto os dedos de Daemon avançaram para o pescoço, percorrendo o queixo.

— É bastante simples — trauteou Daemon, passando levemente com um dedo no lábio inferior de Lucivar. — Tu morres e eu dominarei. — Os seus olhares encontraram-se e Daemon sorriu. — Tens alguma ideia do que é o Reino Distorcido, Bastardinho? Fazes a mínima ideia? Por tua causa, ali passei oito anos de suplício.

— Perdoaste a dívida — rosnou Lucivar baixinho. — Dei-te oportunidade para a cobrares e optaste por perdoar.

A mão de Daemon pousou delicadamente no pescoço de Lucivar. Inclinou-se para a frente até os seus lábios quase tocarem nos de Lucivar. — Acreditaste mesmo que te perdoaria?

Da barraca distante, ouviram um berro indignado de uma criança.

Daemon recuou. Sorriu. Enfiou as mãos nos bolsos das calças. — Vais pagar por esses anos, Bastardinho — disse Daemon suavemente. — Vais pagar bem caro.

O coração de Lucivar quase lhe saía do peito ao ver Daemon deslizar em direcção à barraca onde estavam Marian e Daemonar. — Bastardolas? Bastardolas, espera. A dívida é *minha*. Não podes... Daemon? *Daemon!*

Daemon entrou na barraca. Passado um instante, o guarda saiu precipitadamente.

— DAEMON!

Decorridos alguns minutos, Lucivar ouviu os gritos do filho.

Dorothea cerrou as mãos. — Garanto-vos, é algum truque. Eu *conheço* Sadi.

— Conheces? — ripostou Hekatah.

Julgo que será mais correcto dizer que sou o homem que o meu pai poderia ter sido, se tivesse tido coragem.

Sim, conseguira detectar a desumanidade, a ambição, a sexualidade

bárbara em Daemon Sadi. Assustava-a um pouco. Excitava-a ainda mais.

— Nunca lhe interessou usar a força que possui para conquistar poder. Contrariou todas as tentativas que fiz para o persuadir.

— Isso aconteceu porque lidaste com Daemon inadequadamente — resmoneou Hekatah. — Se tivesses acarinhado Sadi como acarinhaste aquela tua espécie de filho...

— Costumáveis achar graça à forma como eu fazia jogos de alcova com o rapaz do Senhor Supremo. Dissestes que faria dele um homem.

E assim fora. Tinha aguçado a crueldade de Sadi, o gosto pelo prazer perverso e assim o sentira. Tal como sentira que não seria fácil contornar o ódio profundo que Daemon sentia por Dorothea. Bem, não deixaria que esse facto interferisse com as suas *próprias* ambições. Além disso, Dorothea estava a tornar-se complicada, falível. De qualquer forma, teria de eliminar a cabra depois de ganharem a guerra.

— Digo-vos, está a tramar alguma — insistiu Dorothea. — E deixais que ande pelo acampamento a fazer sabe-se lá o quê.

— E o que posso eu fazer? — retorquiu Hekatah. — Sem margem de manobra não podemos enfrentar a Negra a pensar que sairemos triunfantes.

— Temos margem de manobra — disse Dorothea com os dentes cerrados.

Hekatah deu uma gargalhada maldosa. — Qual margem de manobra? Se destruiu, *de facto*, Andulvar, Prothvar e Mephis não vai ter qualquer problema em ver as entranhas de Saetan espalhadas pelo chão.

— Escolheste o homem errado, a ameaça errada — disse Dorothea, irritada, acenando com a mão. — Poderá não querer saber de Saetan, mas sempre cedeu quando Lucivar corria perigo. Lucivar sempre foi o elo com que podíamos contar para controlar Sadi. Se ameaçardes... — Vacilou, cheirou, olhou para a porta e disse, apreensiva: — Que cheiro é este?

* * *

— Que cheiro é este? — perguntou Surreal entre dentes. Já passava da meia-noite. Estariam os guardas a assar carne para as refeições do dia seguinte? Possivelmente, mas não conseguia pensar em alguém que quisesse comer algo com aquele cheiro nojento. — Não sentem? — Virou a cabeça para Saetan — e não gostou do que viu. Nem um pouco. Desde que Daemon abandonara o acampamento pela primeira vez, o Senhor Supremo limitara-se a olhar fixamente o vazio. A olhar o vazio. — Tio Saetan?

Virou a cabeça, devagar. Os seus olhos focaram-se em Surreal — muitíssimo devagar.

Confirmando a ausência momentânea de guardas junto a eles, Surreal inclinou-se o mais possível para Saetan. — Tio Saetan, este não é momento para começares a dar uns passeios mentais. Temos de pensar numa forma de sairmos daqui.

— Lamento que estejas aqui, Surreal — disse, com a voz cansada. — De verdade, lamento imenso.

Também eu. — Lucivar tem a força física e eu safo-me bem numa luta, mas tu tens a experiência para engendrar um plano que possa tirar o melhor partido dessa força.

Limitou-se a olhá-la. O sorriso que, por fim, lhe surgiu nos lábios era agri-doce. — Querida... envelheci bastante nos últimos dois dias.

Surreal já se tinha apercebido e estava assustada. Sem ele, não estava certa de *conseguirem* sair deste sítio.

Ouvindo uma porta a abrir, endireitou-se de imediato e afastou os olhos de Saetan.

— Fogo do Inferno — disse Dorothea, irritada, — que cheiro é este? — Avançou entre os postes onde se encontravam Surreal e Saetan.

Surreal cerrou os dentes. Usava uma Jóia Cinzenta; Dorothea usava uma Vermelha. Seria relativamente fácil deslizar sob as barreiras interiores de Dorothea e tecer um feitiço mortal — algo terrível para que, quando fosse desencadeado, os gritos e a confusão lhes dessem uma oportunidade de escaparem.

Iniciou uma descida cautelosa para que ninguém se apercebesse, mas antes de alcançar a profundidade da sua Jóia Cinzenta, abriu-se outra porta.

O cheiro repugnante intensificou-se e Surreal sentiu-se nauseada.

Daemon Sadi saiu descontraidamente da barraca-prisão, com as mãos enfiadas nos bolsos das calças. Continuou a andar até alcançar o centro da área iluminada. Não olhou para eles. Os seus olhos cintilantes estavam intensamente focados em Lucivar que lhe devolia o olhar.

Ninguém se atreveu a mexer um dedo.

Por fim, Daemon olhou na direcção da barraca-prisão e disse prazenteiramente: — Marian, querida, sai e mostra ao néscio do teu marido o preço pelos anos que passei no Reino Distorcido.

Duas... *coisas*... desnudadas flutuaram da barraca para a luz. Há uma hora eram uma mulher e um rapazinho. Agora...

Surreal ficou ofegante, esforçando-se por não vomitar. Mãe Noite, Mãe Noite, Mãe Noite.

Os dedos das mãos e os pés de Marian tinham desaparecido, bem como o longo e belo cabelo. Os olhos de Daemonar já não existiam, nem as suas mãos e pés. As suas asas estavam tão quebradiças que o simples

movimento que os mantinha a flutuar fazia com que pequenos pedaços se desprendessem. E as suas peles...

Com o sorriso gélido e cruel, o Sádico libertou Marian e Daemonar do seu controlo. O rapazinho caiu no chão com um baque e começou a berrar. Marian aterrou nos cotos dos pés e caiu. Ao cair, a pele estalou e...

Surreal apercebeu-se que não era sangue, fitando estupefacta com um fascínio estupidificado e doentio. Seivas cozidas escorriam dessas gretas na pele.

O Sádico não os tinha somente queimado, tinha-os *cozido* – e ainda estavam vivos. Nem sequer demónios-mortos, *vivos*.

— Lucivar — sussurrou Marian com a voz enrouquecida, tentando rastejar para o marido. — Lucivar.

Lucivar gritou, mas o grito sofrido transformou-se num grito de guerra eyrieno. As correntes rebentaram ao explodir do poste, lançando-se directamente para Daemon. Quando já tinha percorrido metade do caminho, um possante golpe psíquico derrubou-o, enviando-o de regresso ao poste. Pôs-se em pé de um salto e voltou a precipitar-se para Daemon – e voltou a ser derrubado. E outra vez. E outra vez.

Já sem se conseguir pôr em pé, rastejou até Daemon de dentes cerrados e olhos repletos de ódio.

Sadi baixou-se, agarrou o braço de Daemonar e torceu-o até o arrancar, tal como outro homem arrancaria uma perna de galinha.

Isso deu alento a Lucivar, que se pôs de pé. Quando investiu, embateu num escudo Negro e caiu de joelhos.

Daemon limitou-se a observar e a sorrir.

Tentou atravessar o escudo, tentou quebrá-lo, despedaçá-lo com as mãos, bateu-lhe repetidamente – para, finalmente, se encostar ao escudo, a chorar.

— Daemon — implorou. — Daemon... mostra alguma compaixão.

— Queres compaixão? — respondeu Daemon afavelmente. A uma velocidade de predador, pisou a cabeça de Daemonar.

O crânio desfez-se como uma casca de ovo.

Daemon caminhou até Marian que continuava a sussurrar, a tentar rastejar. Mesmo com os lamentos angustiados de Lucivar, os restantes puderam ouvir os ossos a quebrarem-se quando Daemon lhe pisou o pescoço.

Fazendo uso do braço de Daemonar como ponteiro, Sadi gesticulou elegantemente indicando os dois corpos, ao mesmo tempo que observava Lucivar e sorria. — Ainda têm energia suficiente para efectuarem a transição para demónios-mortos — disse, de modo prazenteiro. — Duvido que o fedelho se lembre de grande coisa, mas os últimos pensamento da tua

esposa... Quão afavelmente se lembrará de ti, Bastardinho, sabendo que foste o culpado?

— Acaba com tudo — suplicou Lucivar. — Deixa que partam.

— Tudo tem um preço, Bastardinho. Paga e deixarei que partam.

— O que queres de mim? — perguntou Lucivar com a voz embargada.

— Diz de uma vez o que queres de mim.

O sorriso de Daemon tornou-se ainda mais gélido, mais maldoso. — Prova que és um rapazinho bem comportado. Rasteja de volta ao poste.

Lucivar rastejou.

Dois dos guardas que tinham estado a observar, resguardados na área sem iluminação, aproximaram-se de Lucivar e ajudaram-no a levantar-se enquanto dois outros voltavam a colocar as correntes partidas.

Foram bastante afáveis quando o prenderam ao poste.

Lucivar olhou para Daemon com olhos transtornados pelo sofrimento profundo. — Estás satisfeito?

— Sim — disse Daemon, com demasiada melifluidade. — Estou satisfeito.

Surreal sentiu um sacão de poder obscuro e, logo a seguir, outro. Tocou Marian, quase apavorada com a perspectiva de obter resposta ao toque psíquico. Mas nada restava, *ninguém*.

Foi nesse momento que se apercebeu que estava, *tinha estado*, a chorar.

Largando o braço de Daemonar, Sadi usou um lenço para limpar meticulosamente a gordura da mão. De seguida, dirigindo-se a Surreal, usou o mesmo lenço para limpar-lhe as lágrimas do rosto.

Quase lhe vomitou em cima.

— Não gastes as tuas lágrimas neles, feiticeirazinha — disse Daemon, placidamente. — A seguir és tu.

Ficou a fitá-lo enquanto se afastava, desaparecendo novamente na escuridão. *Posso ser a próxima, cabrão insensível, mas não cairei sem dar luta. Não consigo vencer-te, mas juro, por tudo o que sou, que não me deixarei vencer sem dar luta.*

Saetan fechou os olhos, incapaz de suportar a visão das silhuetas imóveis que jaziam a alguns metros.

Sabia que era perigoso, mas não sabia que albergava isto. Ajudei-o, encorajei-o. Oh, criança-feiticeira, que género de monstro permiti que partilhasse a tua cama, que ocupasse o teu coração?

Logo que regressaram à cabana de Hekatah, Dorothea caiu pesadamente na cadeira mais próxima. Cometera alguns actos atrozes e perversos na sua vida, mas isto...

Estremeceu.

Hekatah apoiou as mãos na mesa. — Ainda achas que irá ceder se ameaçarmos Lucivar? — perguntou com a voz trémula.

— Não — respondeu Dorothea com a voz igualmente trémula. — Já não sei o que fará. — Durante séculos, fora conhecido entre os Sangue em Terreille como Sádico. Por fim, percebia a razão.

2 / Kaeleer

Karla observava enquanto Tersa construía estranhas criações com cubos de construção em madeira castanha. Sentia-se grata pela presença da mulher mais velha e sabia que Gabrielle partilhava estes sentimentos.

Jaenelle desaparecera pouco depois de se dirigir a elas. Por sua vez, as duas tinham falado com os restantes membros da assembleia, dizendo apenas que os rapazolas tinham de ser contidos por mais alguns dias. Nada disseram sobre a intenção da Feiticeira entrar em guerra com Terreille — sozinha. Tinham compreendido a ordem tácita quando Jaenelle lhes mostrara, finalmente, o sonho que habitava sob a pele humana.

Por conseguinte, a assembleia, descontente ainda que unida, juntara os rapazolas antes que algum deles se escapasse à trela. Não fora fácil e a hostilidade dos machos face ao que consideravam traição fora bastante cruel, levando Karla a conjecturar se algum dos casamentos do Primeiro Círculo resistiria. Alguns dos casamentos *poderiam* ter terminado ali, naquele momento, se Tersa não tivesse surgido e repreendido os rapazolas pela falta de cortesia demonstrada. Uma vez que os machos não estavam dispostos a virar-se contra *ela*, tinham cedido.

Quase vinte e quatro horas de convívio forçado não aplanaram a situação, apesar de ser a única forma de garantirem a presença permanente dos machos. Mesmo pelos padrões da Fortaleza, a sala de estar que a assembleia escolhera como local de reclusão era uma sala ampla com vários aglomerados de mobília e bastante espaço para caminhar — e, ainda assim, não era suficientemente grande. A assembleia confinava-se, maioritariamente, às cadeiras e sofás para evitar os rosnados dos machos que deambulavam. E quando os rapazolas não estavam a caminhar de um lado para o outro, estavam amontoados a um canto, a segredarem.

— Iremos ter de suportar isto durante quantos dias? — murmurou Karla entre dentes, para si própria.

— Quantos forem necessários — respondeu Tersa, em voz baixa. Examinou a construção mais recente por um minuto, para logo a derrubar.

Os cubos em madeira estrepitaram na longa mesa defronte do sofá,

mas, desta vez, ninguém se sobressaltou, já habituados àquele ruído. Ninguém prestava muita atenção às criações invulgares de Tersa. Os rapazolas, numa tentativa de provarem que *podiam* ser corteses, tinham admirado as primeiras... estruturas... e feito algumas perguntas, mas assim que as respostas de Tersa começaram a tornar-se cada vez mais confusas, afastaram-se, por fim, deixando-a em paz.

Na verdade, Karla teria apostado que não estavam a prestar grande atenção ao que quer que se passasse naquela divisão – até Ladvarian entrar e aproximar-se dela a passo rápido.

O sceltita tinha um ar insuportavelmente abatido e os olhos castanhos manifestavam uma tristeza profunda – e um pouco de incriminação.

“Karla?” Chamou Ladvarian.

— Irmãozinho — respondeu Karla.

Surgiram duas malgas na mesinha junto à cadeira de Karla. Uma delas continha...

Karla pegou numa e examinou-a minuciosamente.

... bolhas de água circundadas por escudos protectores que formavam uma espécie de pele. A outra malga continha uma bolha vermelha.

“Preciso de uma gota de sangue de cada um de vós” explicou Ladvarian.

— Para quê? — questionou Karla enquanto examinava a bolha. Era uma amostra espantosa de Arte.

“Para Jaenelle.”

Ouvindo a resposta, Chaosti intrometeu-se. — Se Jaenelle pretende algo de nós neste momento, pode pedir-nos pessoalmente.

— *Chaosti* — silvou Gabrielle.

Chaosti rosnou-lhe.

Ladvarian retraiu-se perante a raiva presente naquela divisão, mas nunca afastou os olhos de Karla.

— Porquê? — perguntou Karla.

— Porquê, porquê, porquê — disse Tersa, irritada, ao deitar abaixo os cubos de construção. — Os humanos nem sequer conseguem fazer uma singela dádiva sem perguntarem porquê porquê porquê. Destina-se à vossa Rainha. Que mais precisam de saber? — De seguida, como se o acesso nunca tivesse ocorrido, voltou aos cubos.

Karla estremeceu ao fitar Ladvarian. Havia duas formas de interpretar “para Jaenelle”. O cão poderia ser apenas o correio e levaria estas gotas de sangue a Jaenelle por precisar delas para alguma coisa... ou Ladvarian queria-as *para Jaenelle*. Mas como poderia colocar as questões certas, de modo a obter mais do que uma resposta evasiva? Tinha a certeza de que Ladvarian se tornaria evasivo se o pressionasse em demasia.

— Não sei se te poderei dar uma gota de sangue, Irmãozinho — disse Karla, com cautela. — O meu sangue ainda está um pouco contaminado pelo veneno.

— Não terá qualquer influência — disse Tera distraidamente, usando a Arte para manter os cubos suspensos. — Já o que te vai no *coração*... Sim, isso *influenciará* grandemente.

— Porquê? — perguntou Karla — e crispou-se quando Tera olhou para ela. Voltou a centrar a atenção em Ladvarian. — E isso é tudo o que teremos de fazer? Uma única gota de sangue em cada bolha?

“Ao oferecerem o sangue têm de pensar em Jaenelle. Pensamentos agradáveis” acrescentou a rosnar, olhando de soslaio para os outros machos.

Karla abanou a cabeça. — Não percebo. Por que...

— Porque o Sangue cantará ao Sangue — respondeu Tera serenamente. — Porque o sangue é o rio da memória.

Agravada, Karla olhou para Tera mas foi a estrutura que lhe chamou a atenção.

Uma espiral. Uma espiral negra e reluzente.

Nesse momento, os cubos em madeira castanha caíram com um estrondo sobre a mesa.

“Karla” disse Gabrielle, delicadamente.

“Eu vi.” Olhou para Tera, que lhe devolveu o olhar com olhos assustadoramente clarividentes. *Ela sabe. Mãe Noite, o que quer que vá acontecer...* Tera sabe. *Bem como Ladvarian.*

E com esse conhecimento, já não havia necessidade de perguntar “porquê”.

Pedindo permissão a Ladvarian com um olhadela, Karla enviou a gavinha psíquica mais delicada que conseguiu criar e tocou levemente na bolha vermelha.

Ladvarian, ainda cachorro, a aprender a caminhar pelo ar com Jaenelle. A ser escovado e afagado. A ser ensinado...

Recuou. Eram memórias privadas, as melhores que tinha para dar.

Engoliu em seco — e sentiu o sabor de lágrimas. — O que Jaenelle está a tentar realizar... É perigoso?

“É” respondeu Ladvarian.

— Mais algum dos parentes fez esta oferenda?

“Todos os que a conhecem.”

E aposto que nenhum deles quis saber porquê porquê porquê. Karla olhou para os restantes membros do Primeiro Círculo. Não havia qualquer vestígio de raiva. Já não. Meditariam nas acções de Jaenelle ao longo as últimas semanas e chegariam à conclusão correcta.

— Muito bem, Irmãozinho — disse Karla. Exactamente antes de usar a unha do polegar para picar um dedo, Gabrielle tocou-lhe no ombro.

— Julgo... — Gabrielle vacilou, respirou fundo. — Julgo que deveria ser realizado como um ritual.

Para que fosse tão potente quanto conseguissem. — Sim, tens razão. — Karla voltou a colocar a bolha límpida na malga.

— Vou buscar os elementos de que vamos precisar — disse Gabrielle.

— Vou contigo — disse Morghann.

Quando Gabrielle e Morghann passaram pelos machos, Chaosti e Khary estenderam as mãos, tocando as respectivas esposas delicadamente, em guisa de pedido de desculpas, e afastaram-se para as deixar passar.

Com um suspiro abatido, Ladvarian desviou-se e deitou-se.

Tersa levantou-se.

— Tersa? — chamou Karla. — Não vais fazer a oferenda?

Os olhos clarividentes fixaram-se em Karla. Tersa sorriu e disse: — Já fiz — e saiu da sala.

Foi suficiente para que Karla soubesse quem tinha explicado aos parentes como criar aquelas espantosas demonstrações de Arte.

Observando os machos a trocarem de lugares e a tomarem as habituais atitudes protectoras, Karla ficou com lágrimas nos olhos e desejou, frivolumente, que Morton pudesse estar com eles.

Tudo se resolverá, pensava ao ver Aaron a envolver Kalush com os braços. As palavras severas serão perdoadas e tudo ficará bem.

E Jaenelle ficaria bem?

3 / Terreille

— É a tua vez, cabrazinha — disse Daemon, ao desprender as correntes do poste.

Surreal fitou-o. Passava da meia-noite – tinham passado quase vinte e quatro horas desde que assassinara Marian e Daemonar. O dia fora relativamente tranquilo. Sadi rondara o acampamento, enervando a todos e Dorothea e Hekatah tinham jogado às escondidas.

— O que vais fazer a essa cabra? — perguntou Dorothea, aproximando-se dos postes.

Até agora.

Daemon olhou para Dorothea e sorriu. — Bem, querida, vou usá-la para te dar o que sempre desejaste.

— O que queres dizer? — questionou Dorothea, apreensiva.

— Quero dizer — ronronou Daemon, — que vou quebrar a rameira

da tua neta. Depois vou montá-la até a fecundar com a minha semente. Está fértil. Vai pegar. E vou-me certificar de que terá todos os incentivos necessários para não tentar provocar um aborto. A tua linhagem e eu, Dorothea. Precisamente o que sempre quiseste de mim. E só terás de tolerar a ideia de que o resultado possa vir com orelhas pontiagudas.

Às gargalhadas, arrastou Surreal para a mesma barraca onde tinham estado Marian e Daemonar.

Aguardou até Daemon se virar e fechar a porta para invocar o punhal e o atacar. Daemon girou sobre si próprio, ergueu um braço para bloquear o punhal. Surreal enroscou-se, direccionando o punhal para debaixo do braço de Daemon, com a intenção de o enfiar entre as costelas até ao cabo. Contudo, o punhal embateu num escudo e deslizou, passando por Daemon até ficar espetado na porta.

Antes de conseguir arrancar a arma da madeira, Daemon agarrou-a, empurrando-a de volta ao centro da pequena divisão. Aos gritos, investiu uma vez mais. Agarrou-a pelas mãos e fê-la recuar violentamente até os joelhos de Surreal baterem na beira da cama estreita. Caiu com Daemon por cima.

De imediato, Daemon rolou de cima dela e pôs-se em pé num salto. — Chega.

Surreal saltou da cama e cuspiu todas as pragas que conhecia, a plenos pulmões, antes de voltar a atacar.

Empurrou-a e vociferou violentamente. — Porra, Surreal, *já chega*.

— Se julgas que vou abrir as pernas para ti, é melhor pensares duas vezes, *Sádico*.

— Cala-te, Surreal — disse Daemon, em voz baixa, mas com veemência.

Sentiu os escudos a envolverem a barraca. Para além do escudo protector Negro, sentiu também um escudo auditivo Negro. O que significava que ninguém conseguia ouvir o que se passava no interior da barraca.

Daemon respirou profundamente, passou os dedos pelo cabelo. — Bem — disse, com frieza, — aquele teatro deve chegar para convencer as cabras de que algo se está aqui a passar.

Surreal tinha estado a recompor-se para voltar a investir, com a intenção de atacar os testículos, desta vez. Contudo, aquele tom de voz e aquelas palavras lembravam-lhe... *Daemon*... de tal maneira que vacilou. E veio-lhe à memória a advertência de Karla sobre um amigo que se torna inimigo para poder permanecer amigo.

Daemon mirou-a e aproximou-se prudentemente. — Deixa-me ver os pulsos.

Estendeu as mãos, observando-o – e testemunhou a fúria no seu olhar ao arrancar as grilhetas e ver a carne viva.

Surreal exaltou-se. — Caramba, Sadi, que tipo de jogo é este?

— Um jogo perverso — respondeu, invocando um estojo em pele. Vasculhou os seus conteúdos, retirou um frasco e ofereceu-lho. — Põe isto nos pulsos.

Surreal abriu o frasco e cheirou-o. O unguento de uma Curandeira. Enquanto o passava nos pulsos, Daemon invocou outro estojo. Conseguiu ver várias bolas de barro em ninhos de papel. Dois dos ninhos estavam vazios.

— Ainda tens a merenda que trouxeste?

— Ainda. Não tive oportunidade de comer — acrescentou sarcasticamente.

— Come agora alguma coisa — disse, ainda a examinar o estojo. — Dava-te alguma coisa da minha merenda, mas dei a maior parte a Marian.

Surreal sentiu um calafrio pelas costas abaixo. Sentiu um zumbido esquisito na cabeça. — A Marian?

— Lembras-te da barraca onde parámos quando chegámos a Hayll?

— Sim. — É claro que se lembrava. Ficava a cerca de três quilómetros do acampamento. Fora aí que Daemon se transfigurara em Sádico. Estava a indicar-lhe detalhadamente a localização das sentinelas e a explicar-lhe as estacas do perímetro que alertariam os guardas e, quando se deu conta, estava de mãos atadas e Daemon ronronava que devia ter ficado debaixo de Falonar e fora do seu caminho. Assustara-a, grandemente. E por isso, estava agora furiosa. — Podias ter-me contado, filho da puta.

Levantou os olhos. — Terias sido igualmente convincente?

Indignou-se, sentindo-se insultada. — Podes ter a certeza que sim.

— Bem, teremos oportunidade de descobrir. Disseste que querias ajudar, Surreal. Que estavas disposta a criar uma distração.

De facto, *fora* o que dissera, mas julgava que saberia *quando* tal acontecesse. — E então?

— Então agora podes fazê-lo. — Aproximou-se dela e mostrou-lhe uma pequena argola dourada. — Ouve com atenção. Isto irá criar a ilusão de que foste quebrada. — Enfiou a argola num dos elos do colar de onde pendia a Jóia Cinzenta. — Ninguém conseguirá detectar que ainda usas a Cinzenta, a não ser que faças uso dela. Se *precisares* de a usar, não hesites. Eu arranjarei forma de lidar aqui com a situação.

— O Senhor Supremo saberá que não fui quebrada.

Daemon abanou a cabeça ao voltar-se para procurar algo mais no estojo. — É necessária uma Jóia mais escura do que a Negra para conseguir detectar esse feitiço.

Mais escura do que a *Negra*? Sadi não tinha capacidade para um feitiço deste género. O que significava...

Mãe Noite.

— Isto — Daemon mostrou-lhe um frasquinho em cristal antes de o colocar no colar — convencerá quem quiser conferir que não só estás em período fértil como estás agora grávida. Uma Curandeira poderá perceber passadas vinte e quatro horas — acrescentou, respondendo à questão implícita.

Pegando no colar, Surreal examinou o frasquinho. — Pediste a Jaenelle que criasse a ilusão de que estou grávida de um filho teu?

Reparou que o seu rosto ficou tenso.

Sim, pedira a Jaenelle. E esse pedido magoara-o.

Tentando mudar de assunto, apontou para as bolas de barro. — O que são?

— Os feitiços em bruto para a criação de sombras.

Sombras. Ilusões que podiam ser criadas para que outros acreditassem na autenticidade da pessoa defronte deles.

— Marian e Daemonar — disse debilmente, olhando estupefacta para os dois invólucros de papel vazios.

— Sim — respondeu com rispidez.

Surreal silvou. — Não confiaste em mim, uma *prostituta*, para encenar um belo espectáculo, mas achaste que *Lucivar* seria convin... — A sua voz perdeu-se. — Não sabe, pois não?

— Não — disse Daemon serenamente, — não sabe.

As pernas de Surreal desfaleceram com tal rapidez que teve de se sentar no chão. — Fogo do Inferno, Mãe Noite e que as Trevas sejam misericordiosas.

— Eu sei. — Daemon hesitou. — Estou a ganhar tempo, Surreal. Tenho de empatar e ainda tenho de conseguir tirar todos daqui. Para que Dorothea e Hekatah acreditassem que Marian e Daemonar estavam mortos, Lucivar também tinha de acreditar.

— Mãe Noite. — Surreal pousou a testa nos joelhos. — O que vale um preço destes?

— A minha Rainha precisa de tempo para conseguir salvar Kaeleer.

— Oh, merda, Sadi. — Levantou a cabeça. — Diz-me uma coisa. Mesmo sabendo que era uma ilusão, como conseguiste controlar o estômago posteriormente?

Engoliu em seco. — Não consegui.

— És louco — murmurou Surreal entre dentes, ao mesmo tempo que se levantava.

— Sirvo — disse incisivamente.

Por vezes, para um macho, tudo se resumia ao mesmo.

— Muito bem — disse Surreal ao prender o cabelo atrás das orelhas.

— O que precisas que faça?

Daemon vacilou e começou com rodeios. — É perigoso.

— Daemon — disse, paciente, — precisas do quê? — Não obtendo resposta, tentou adivinhar. — Queres que eu vagueie pelo acampamento a lamuriar-me, como uma mulher que foi violada até enlouquecer e que está aterrorizada com o que lhe poderá acontecer se abortar, ainda que espontaneamente, a criança resultante dessa violação. Correcto?

— Correcto — respondeu Daemon, debilmente.

— E depois?

— Marian e Daemonar estão nessa barraca. Foge do acampamento amanhã à noite, pega neles e dirige-te à Fortaleza. Não pares nem vás a mais nenhum sítio. Vai directamente para a Fortaleza. Tens de viajar pelo Vento Vermelho. Os mais escuros vão estar instáveis.

— Ins... Esquece, não quero saber. — Ponderou tudo minuciosamente. Sim, conseguiria levar isto até ao fim. Uma mulher quebrada desta forma passaria bastante tempo a esconder-se, pelo que permitiria que a vissem ocasionalmente e de relance durante o dia, o que seria suficiente – e enco-briria o facto de ter desaparecido.

Daemon pegou numa das bolas de barro.

— E para que é isso? — perguntou Surreal.

— Ter-te-ias debatido enquanto te restassem forças — disse Daemon, sem a olhar directamente. — Teria de parecer que te debatestes. Assim que criar a ilusão, podes levar isto e...

— Não. — Surreal sacudiu-se para despir o casaco e começou a desabotoar a camisa. — Não podes levar isto até ao fim com ilusões, caso queiras convencer Dorothea e Hekatah durante o tempo que Jaenelle precisa.

Os olhos de Daemon ficaram de um tom amarelo-torrado. — Vou perder muito com tudo isto, Surreal, mas *não* irei quebrar os meus votos de fidelidade.

— Eu sei — respondeu calmamente. — Não foi isso que quis dizer.

— Então e o que *quiseste* dizer? — retorquiu Daemon.

Inspirou fundo para se dominar. — Tens de tornar as contusões reais.

4 / Kaeleer

Invocando a malga, Ladvarian pousou-a com cuidado no chão do quarto e observou a Rainha arachniana a tocar delicadamente nas pequenas bolhas já repletas de sangue e memórias.

“Boas” disse a aranha, em aprovação. “Boas memórias. Memórias pujantes. Tão robustas como as dos parentes.”

Ladvarian olhou para a malga posicionada defronte da enorme teia entrelaçada. Na malga ainda restavam muitas oferendas dos parentes. O que a Tecedeira estava a fazer era demorado.

“Tens de descansar” disse a aranha ao seleccionar uma bolha das oferendas dos humanos, flutuando até um fio da teia. “Todos parentes têm de repousar. Têm de estar fortes quando chegar altura de ancorar sonho no corpo.”

“Tereis tempo para adicionar todas as memórias?” perguntou Ladvarian repetidamente.

A Tecedeira de Sonhos não deu qualquer resposta durante muito tempo. Até que disse: “Chegará. Bastará.”

5 / Terreille

Os lamentos não eram completamente simulados.

Porém, fogo do Inferno, pensava Surreal enquanto deambulava sem destino pelo acampamento, não esperava ter de acicatar Daemon *daquela* forma antes de pôr as mãos na massa. E compreendeu que a raiva que lhe impelia os dentes e as mãos se devia ao facto de ter de tocar uma mulher, que não Jaenelle, nalguns pontos mais íntimos. Mas, porra, não era preciso morder-lhe o peito com *tanta* força.

Por outro lado, escolhera os alvos zelosamente. A julgar pelos olhares de quem a via, as contusões eram impressionantes, mas nenhuma delas causava dificuldades de movimentos nem viria a paralisar um músculo se tivesse de lutar.

O mais difícil fora o ódio que vira nos olhos de Saetan. Queria contar-lhe. Oh, como tinha ansiado por dizer qualquer coisa, o que quer que fosse para fazer desaparecer aquele olhar. E talvez tivesse dito, não fosse Daemon ter escolhido esse momento para deslizar por perto e lançar um comentário incisivo e devastador. Depois disso, no decorrer da manhã, Surreal evitara o Senhor Supremo – e não se atrevera sequer a aproximar-se de Lucivar.

Contudo, certificara-se de que Dorothea a vira. Sentiu a cabra a tentar sondá-la para descobrir se tinha sido efectivamente quebrada e se estava grávida. Tudo indicava que os feitiços ilusórios tinham funcionado pois Dorothea sugeriu com amabilidade que se deitasse um pouco e repousasse. A cabra estava praticamente a babar-se com a ideia de pôr as mãos em *qualquer* criança gerada por Sadi.

Ia esconder-se durante algum tempo, aguardaria até ao pôr-do-sol, e

voltaria a surgir para que Hekatah pudesse farejá-la. Nessa altura, tudo o que teria de fazer era passar despercebida pelas sentinelas e pelos marcadores do perímetro, pegar em Marian e Daemonar e levá-los para casa. Era tudo o que... *Merda*.

Não tinha estado a prestar atenção para onde caminhava – e agora estava a olhar Lucivar directamente nos olhos.

Passara a manhã a observá-la sempre que se deixava ver. Um bom desempenho, embora com alguma falta de naturalidade. Mas decerto que mais ninguém se teria apercebido. Oh, de certeza que Dorothea e Hekatah e muitos dos guardas já tinham visto feiticeiras quebradas, mas duvidava que algum deles lhes tivesse prestado muita atenção depois de terem sido quebradas. Já Lucivar, ao contrário, tomara conta de algumas em várias cortes. Não conseguira impedir que as quebrassem, mas depois cuidara delas. E todas tinham algo em comum: nos dois primeiros dias a seguir a terem sido quebradas, sentiam frio. Cobriam-se de xales e de mantas, mantinham-se junto a qualquer fonte de calor disponível.

Ora ali andava Surreal, a vaguear pelo acampamento, unicamente com uma camisa que parecia rasgada nos sítios certos de modo a mostrar umas quantas contusões impressionantes. E esse facto pô-lo a meditar sobre muitas questões.

— Devias vestir um casaco, querida — disse, carinhosamente.

— Casaco? — disse Surreal debilmente, ao mesmo tempo que tentava cobrir alguns rasgões na camisa com as mãos.

— Um casaco. Estás com frio.

— Oh. Não, não tenho...

— *Frio*.

Surreal tiritou, embora não se devesse ao frio mas sim aos nervos.

— Não tens de carregar o filho daquele canalha — disse Lucivar, calmamente. — Podes abortar. Uma feiticeira quebrada ainda tem esse poder. E logo que fiques estéril, não há motivo para olharem para ti.

— Não posso — disse Surreal, amedrontada. — Não posso. Ficaria furioso e... — Olhou para o sítio onde Marian e Daemonar pereceram.

Perguntou-se se estaria enganado, se a mente de Surreal estaria *tão* dilacerada que ainda não lhe permitia que sentisse frio. Se *fosse* verdade, compreendia agora o receio que lhe ouvia na voz. Temia que o Sádico lhe fizesse o mesmo que fizera a Marian e a Daemonar.

Todavia, o que viu quando Surreal voltou a olhá-lo não era medo, era frustração inflamada.

Sentiu o sangue a bramar-lhe novamente nas veias, sangue que estivera inerte desde que rastejara de volta ao poste, duas noites atrás.

— Surreal... — Viu Daemon surgir do lado oposto do círculo de chão em terra batida, um segundo antes de Surreal.

Com um guincho quase convincente, Surreal fugiu atarantadamente. Lucivar fitou Daemon. À distância, Daemon devolveu o olhar.

— Canalha — murmurou Lucivar. Daemon não conseguia ouvir as palavras, mas não importava. Sadi saberia o que fora dito.

Daemon foi-se embora.

Lucivar recostou a cabeça no poste e fechou os olhos.

Se Surreal não estava quebrada, se tudo isto não passava de um jogo, então Marian e Daemonar...

Devia ter-se lembrado desse pormenor relativamente ao Sádico. Sabia, melhor do que todos os que aqui estavam presentes, quão feroz Daemon podia ser, contudo, o Sádico *nunca* fizera mal a um inocente, jamais magoara uma criança.

Tinha estado a aguardar o sinal, mas o jogo tivera início antes de Daemon entrar no acampamento. Ainda assim, desempenhara bem o seu papel — e continuaria a fazê-lo.

Porquanto compreensão e perdão eram duas questões completamente diferentes.

6 / Terreille

Arrastado por um sono toldado pela dor, Saetan sentiu o cálice junto aos lábios. O primeiro gole foi fruto de um acto reflexo, o segundo fruto da avidez. À medida que o sabor de sangue fresco lhe invadia a boca, o poder Negro aí presente fluiu pelo seu corpo, oferecendo forças.

“Aguenta” uma voz grave sussurrou-lhe na mente. “Tens de aguentar. Por favor.”

Ouviu o cansaço naquela voz. Ouviu a súplica de um filho a um pai e reagiu. Sendo o homem que era, não podia agir de outro modo. Por isso, abriu caminho pela neblina de dor.

Ao abrir os olhos, tudo o que viu foi a luz do dia a desaparecer e conjecturou se teria sonhado com a súplica que ouvira na voz de Daemon.

Se bem que conseguia ainda saborear o sangue obscuro, encorpado e fresco.

Voltando a fechar os olhos, deixou que a mente vagueasse.

Estava numa caverna colossal algures no âmago de Ebon Askavi. No chão estava gravada uma gigantesca teia orlada a prata. No centro, onde todas as linhas de orientação se encontravam, estava uma Jóia iridescente do

tamanho da sua mão, Jóia esta que misturava as cores de todas as outras Jóias. Na extremidade de cada linha de orientação podia ver-se uma lasca de Jóia iridescente do tamanho da unha do polegar.

Já estivera neste local, na noite em que estabelecera ligação a Daemon para trazer Jaenelle de volta ao seu corpo.

Contudo, agora sentia outra presença na caverna.

Estendidas ao longo da teia prateada no chão estavam três enormes teias entrelaçadas, interligadas, que se erguiam a cerca de trinta centímetros do chão até quase duas vezes o seu tamanho. No centro de cada teia encontrava-se uma Jóia Ébano.

A Feiticeira encontrava-se defronte dessas teias, vestida com o vestido negro em seda de aranha e segurando o ceptro que tinha duas Jóias Ébano e o corno em espiral que Kaetien lhe ofertara quando o mataram, cinco anos atrás.

Por detrás das teias, encontravam-se dúzias de demónios-mortos. Um deles acercou-se das teias, sorriu e desvaneceu-se. No momento em que a pessoa se extinguiu, uma pequena estrela da mesma cor da Jóia dessa pessoa resplandeceu na teia central.

Intrigado, deslocou-se para ver melhor as teias entrelaçadas.

A primeira causou-lhe repulsa. Os fios pareciam distendidos, bolorentos, contaminados. Na extremidade de cada linha de ligação dessa teia estava uma lasca de Jóia Ébano.

A teia do meio era linda, repleta de milhares daquelas pequenas estrelas coloridas e salpicos de lascas de Jóias Negras e Ébano.

A última era uma teia singela, simetricamente perfeita, elaborada com fios cinzentos, ébano-acinzentados e negros. Também tinha lascas Negras e Ébano zelosamente colocadas nos fios de modo a formarem uma espiral.

Olhou de relance para a Feiticeira que estava concentrada na tarefa, por isso deslocou-se novamente para poder observar.

Viu Char, o líder das cildru dyathe, a aproximar-se das teias. O rapaz sorriu rasgadamente para Saetan, despediu-se com um aceno de mão alegre e desvaneceu-se, tornando-se noutra estrela brilhante.

Titian acercou-se de Saetan, beijou-o no rosto. — Sinto-me orgulhosa por vos ter conhecido, Senhor Supremo. — Dirigiu-se às teias e evoluiu-se.

Enquanto a observava, havia algo que o importunava e que estava relacionado com a estrutura daquelas teias. Mas antes de conseguir entender, Dujae, o artista que leccionara pintura à assembleia, aproximou-se.

— Agradeço-vos, Senhor Supremo — disse o imenso homem. — Agradeço-vos por me terdes permitido conhecer as Senhoras. Encontram-se já no Paço, em Kaeleer, todos os quadros que desenhei para elas e que vos ofereço.

— Obrigado, Dujae — respondeu, perplexo.

Enquanto Dujae se afastava, Prothvar aproximou-se. — É um campo de batalha diferente, mas não deixa de ser uma excelente forma de luta. Toma conta da fedelha, Tio Saetan. — Prothvar abraçou-o.

Seguiu-se Cassandra. Cassandra, que não via desde a primeira festa, em que conheceram a assembleia e os rapazolas.

Sorriu, com tristeza, e pousou-lhe uma mão no rosto. — Gostava de ter sido uma melhor amiga. Que as Trevas te protejam, Saetan. — Beijou-o. Ao desvanecer-se, uma gloriosa estrela Negra surgiu brilhante, na teia central.

— Mephis — disse ao ver o filho mais velho a acercar-se. — Mephis, o que...

Mephis sorriu e abraçou-o. — Tenho orgulho de te ter tido como pai e sinto-me honrado por te ter conhecido como homem. Não sei se alguma vez te disse isto. Queria que soubesses. Adeus, Pai. Amo-te.

— E eu também te amo, Mephis — disse, controlando-se com dificuldades ao sentir uma grande mágoa a crescer no peito.

Depois de Mephis se desvanecer na teia, Andulvar era o único dos demónios-mortos que restava.

— Andulvar, o que se passa?

— E o Sangue cantará ao Sangue — respondeu Andulvar. — De igual para igual. — Olhou para as teias. — Descobriu uma forma de distinguir os que foram contaminados daqueles que ainda honram os costumes dos Sangue. Contudo, precisava de ajuda para evitar que os que seguem os costumes antigos sejam arrastados com os restantes quando proceder à deflagração. Essa é a função dos demónios-mortos – a nossa força irá servir de âncora aos vivos. Extinguir-nos-emos ao fazê-lo mas, como Prothvar disse, é uma excelente forma de luta.

Andulvar sorriu. — Cuida de ti, SaDiablo. E toma conta das tuas crias. De ambas. Lembra-te que o teu espelho é efectivamente o teu espelho. Basta olhares para vislumbrares a verdade. — Andulvar abraçou-o. — Homem algum poderia ter desejado um melhor amigo ou um melhor Irmão. Aguenta. Luta. Cabe-te o fardo mais pesado, mas os teus filhos irão ajudar-te.

Andulvar caminhou para as teias. Abriu as asas escuras, ergueu os braços... e evolou-se.

Tentando evitar que as lágrimas caíssem, viu Jaenelle aproximar-se. Envolveu-a com os braços. — Criança-feiticeira...

Jaenelle abanou a cabeça, beijou-o e sorriu. Porém, tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Agradeço-te por teres sido meu pai. Foi sublime, Saetan. — Encostou-se e sussurrou-lhe ao ouvido: — Zela por Daemon. Por favor. Vai precisar de ti.

Não se desvaneceu na teia, desapareceu, simplesmente.

Limpendo as lágrimas com as costas da mão, acercou-se das teias e estudou-as meticulosamente.

A primeira teia, a teia bolorenta, representava os Sangue contaminados por Dorothea e Hekatah. A segunda teia, com todas as estrelas de Jóias, consistia nos Sangue que ainda honravam os costumes antigos. A terceira teia, com a espiral, era a Feiticeira.

Prosseguindo a análise às teias, começou a abanar a cabeça, devagar ao princípio, para logo acelerar cada vez mais. — Não, não, não, criança-feiticeira — disse entre dentes. — Não podes ligá-los deste modo. Se libertares todo o teu poder...

Explodiria pela enorme Jóia Ébano no centro da primeira teia, deslocando-se através de todos os fios, varreria todas as mentes que ressoassem nesses fios, atingiria todas as lascas Ébano, indo ao encontro de uma pequena parte de si numa colisão de energia devastadora que iria aniquilar quem fosse apanhado por ela. De seguida, prosseguiria para a teia seguinte, escassamente atenuada.

A teia do meio, com aqueles milhares de contas de poder, facultaria uma extraordinária resistência enquanto a força dela a percorria. Os demónios-mortos, proporcionando um escudo e uma âncora aos vivos, absorveriam alguma da energia ao passar por eles, mas nem todos aqueles milhares de contas seriam suficientes. Aquela força descarregada prosseguiria para a terceira teia e...

A energia fluiria pela simetria perfeita, extinguiria a teia e estilhaçaria todas as lascas de Jóias ao regressar explosivamente pela espiral. E quando a última lasca de Jóia se estilhaçasse, o que restava para voltar a absorver a energia remanescente seria...

— NÃO, criança-feiticeira — gritou, às voltas, procurando por ela. — Não! Um impacto dessas proporções irá dilacerar-te! Jaenelle!

Voltou-se para as teias. Quicá, se descobrisse uma forma de se ligar à teia da Feiticeira, pudesse retirar até à última gota de poder de reserva da sua Jóia Vermelha de Direito por Progenitura e da Jóia Negra... Quicá fosse possível protegê-la de modo a mantê-la a salvo quando o que restasse daquela explosão de poder regressasse desenfreadamente a Jaenelle.

Deu um passo em frente...

... e tudo se desvaneceu.

Saetan abriu os olhos. Penumbra. Quase noite.

Um sonho? Apenas um sonho? Não. Os longos anos como Viúva Negra permitiam-lhe distinguir perfeitamente entre um sonho e uma visão. Mas estava a desvanecer-se. Não se conseguia lembrar exactamente, mas havia algo nessa visão que precisava desesperadamente de se recordar.

Foi nesse momento que se apercebeu que Daemon estava à sua frente, a poucos metros, a observá-lo com uma intensidade assustadora.

Lembra-te que o teu espelho é efectivamente o teu espelho. Basta olhares para vislumbrares a verdade.

As palavras de Andulvar. A advertência de Andulvar.

E assim, com os olhos toldados pelas lágrimas, contemplou o seu reflexo, o seu homónimo, o seu legítimo herdeiro. E viu.

Sem desviar o olhar, Daemon meteu a mão no bolso do casaco. A sua mão saiu meio fechada. Abriu os dedos, inclinou a mão.

Pequenas missangas coloridas, o tipo de missangas que as mulheres cosiam nos vestidos para reflectirem a luz, espalharam-se pelo chão.

Saetan olhou-as fixamente. Provocavam-lhe calafrios, mas não sabia a razão para tal.

E quando ergueu novamente os olhos para Daemon... Podia quase ouvir a súplica tácita para que pensasse, para que soubesse, para que se lembrasse. Porém, a sua mente estava ainda demasiado repleta daquela outra visão que se tornara esquiva.

Daemon foi-se embora.

Saetan fechou os olhos. Missangas e teias. Se conseguisse descobrir a ligação, encontraria as respostas.

7 / Terreille

Surreal praguejava em silêncio enquanto fitava as estacas do perímetro. Devia haver um truque para passar. Fogo do Inferno, Daemon conseguira introduzi-los no acampamento sem que ninguém se apercebesse, mas estava ainda demasiado atordoada pela mudança de Daemon em Sádico e não prestou muita atenção. E tinha *retirado* Marian e Daemonar sem que ninguém se apercebesse.

Poderia ser tão simples como saltar por cima para que o contacto entre os cristais não fosse interrompido? Não, *disso* lembrar-se-ia.

— O que estás a aqui a fazer? — perguntou uma voz.

Merda.

Virou-se para a sentinela que se dirigia a ela. Estava demasiado afastada do acampamento para que alguém acreditasse que era apenas uma feiticeira quebrada a deambular. Mas tinha de tentar convencer este sacana. Ou matá-lo discretamente. Se tivesse de lutar e fosse obrigada a usar as Jóias Cinzentas, Daemon saberia que se tinha deparado com sarilhos e alteraria os planos, *levando* a que aquelas cabras percebessem que tinham sido enganadas e, nessa altura, dariam início à guerra, *sem hesitações*.

— A barraca perdeu-se — disse, acenando a mão num gesto vago.

O homem aproximou-se, com os olhos repletos de desconfiança e suspeição. — Responde, cabra. Porque estás aqui tão longe?

— A *barraca* perdeu-se — repetiu, esforçando-se por imitar o modo como a mente de Tersa tendia a devanear. Apontou. — Devia estar junto àquele poste torto, mas perdeu-se.

A sentinela olhou na direcção indicada. — Aquilo é uma *árvore*, cabra estúpida. Agora... — Parou, olhou-a de alto a baixo e sorriu. Olhando em volta para se assegurar de que mais ninguém estava nas proximidades, tentou agarrá-la.

Surreal deu um passo à retaguarda, colocou uma mão protectora sobre o abdómen e abanou a cabeça. — Não posso tocar noutro macho. Fica furioso comigo se tocar noutro macho.

O homem fez um esgar perverso. — Ora, não irá saber, pois não?

Surreal hesitou. Dessa forma conseguiria aproximar-se e enterrar-lhe uma faca entre as costelas, mas iria tomar-lhe tempo de que não dispunha. Nesse caso, teriam de ser as Jóias Cinzentas e uma morte súbita — e que as Trevas ajudassem Sadi com o que pudesse acontecer posteriormente no acampamento.

“Baixa-te, Surreal!”

Sentiu umas patas traseiras a roçarem-lhe as costas quando se atirou para o chão.

Logo a seguir, a sentinela jazia morta, com a garganta esfacelada.

Desvaneceu-se o escudo de visão, revelando o lobo manchado de sangue.

— Colmilho Cinzento? — sussurrou Surreal. Tocou na Jóia sob a camisa. O colmilho da Cinzenta. O Senhor Supremo tinha razão.

Contornando o homem morto, estendeu a mão para o lobo.

“Espera” disse o Colmilho Cinzento.

Foi nessa altura que reparou no pequeno alto dourado entre as orelhas do lobo. O alto levantou-se, planou até à estaca de perímetro mais próxima e desenrolou as patas.

Surreal observava deslumbrada a pequena aranha dourada a tecer afadigadamente uma teia entrelaçada simples entre duas das estacas. Depois de terminar, caminhou cautelosamente até ao centro da teia.

A sentinela desapareceu. No chão, não restava qualquer vestígio de sangue.

“Agora já não o encontrarão” disse o Colmilho Cinzento. “Só conseguirão ver aquilo que a teia os deixar ver.” Abocanhou o braço de Surreal e começou a puxá-la.

— E a aranha?

“Ficará de guarda à teia. Depressa, Surreal.”

Abanou o braço para se livrar dos dentes do lobo. Seria mais fácil acompanhá-lo se não estivesse acorçada. Num fio de comunicação, perguntou: “O que estás aqui a fazer? Como conseguiste passar as estacas do perímetro?”

“Os humanos são insensatos. O carreiro da carne não tem vigilância. Demasiadas patas a deslocarem-se pelo carreiro. Os humanos cansaram-se de mostrar as presas sempre que a carne passava.”

Carreiro da carne? Oh, o carreiro da caça. “Como tiveste conhecimento do carreiro? Como conseguiste encontrar-me?”

“A Tecedeira de Sonhos disse-me para fixar o cheiro do gato de duas patas e para lhe seguir o rasto. É um bom caçador” acrescentou o Colmilho Cinzento, em aprovação. “Tem muito de felino. Assim diz Kaelas.”

Sadi, cuja graciosidade predatória era reconhecida até pelos parentes. O Colmilho Cinzento seguira Sadi. “Quem é a Tecedeira?” Rapidamente, surgiu-lhe uma imagem mental de uma enorme aranha dourada – e tropeçou.

Maldito lobo idiota e tolo. Já era bastante mau ter ido a Arachna e ter trazido uma *pequena* aranha consigo. Mas conviver com a *Rainha*...

“Foi ela que me convidou, Surreal” disse o Colmilho Cinzento submisamente, quando Surreal lhe rosnou. “Não é bom recusar um pedido da Tecedeira.”

Surreal cerrou os dentes e retomou o ritmo. “Falaremos sobre isto mais tarde.”

Assim que viu o carreiro da caça, reconheceu o local. Fora por aqui que Daemon os trouxera pelo perímetro do acampamento. “Sozinha, nunca conseguiria voltar a dar com este sítio.”

“Tens um focinho diminuto” disse o lobo amavelmente. “Não consegues farejar rastos.”

Surreal olhou para o Colmilho Cinzento – para o Colmilho da Cinzenta – e sorriu.

— Vamos — sussurrou. — Sabes o caminho para a barraca?

“Sei.”

Uma hora mais tarde, Surreal, Marian, Daemonar e o Colmilho Cinzento viajavam pelo Vento Vermelho para a Fortaleza.

8 / Terreille

— Julgo que está na hora de termos uma conversazita — disse Hekatah, tentando sorrir de modo recatado para Daemon.

— Deveras?

Oh, a arrogância, a grosseria, a maldade naquela voz. Se o pai tivesse sido metade do homem que o filho era...

— Um Reino demora imenso a recuperar de uma guerra, portanto seria disparatado avançar se a pudermos evitar — disse Hekatah, estendendo a mão e acariciando-lhe o rosto enquanto tecia um feitiço de sedução em redor de Daemon.

Recuou. — Não voltes a tocar-me sem a minha permissão — rosnou baixinho. — Nem Jaenelle tem autorização para me tocar sem o meu consentimento.

— E ela acede?

O sorriso de Daemon era gélido e brutal. — Acede a muitíssimas outras coisas — e implora por mais.

Hekatah olhou para aqueles olhos vítreos e vibrou de excitação. O ar estava impregnado com o odor picante e grosseiro do sexo. Já era seu. Só que ele ainda não sabia. — Uma parceria seria vantajosa para ambos.

— Mas já tens uma parceira, Hekatah — à qual eu jamais me associarei.

Agitou a mão com desdém. — Podemos tratar dela facilmente. — Fez um interregno. — A querida Dorothea não tem dormido bem. Acho que lhe vou preparar uma coisita que a irá ajudar.

Olhou-a com o olhar vítreo, como um homem excitado de modo assustador — e extremamente estimulante.

— Nesse caso... — Daemon segurou-lhe o rosto entre as mãos. Os seus lábios tocaram nos dela.

Ficou desapontada pela delicadeza — até Daemon a beijar *verdadeiramente*. Cruel, dominador, implacável, exigente, dolorosamente excitante.

Porém, Hekatah era demónia-morta. O seu corpo *não tinha* capacidades de responder daquela forma, não podia...

Deixou-se inundar por aquele beijo, atordoada por sensações ausentes há séculos do seu corpo.

Por fim, Daemon desviou-se.

Hekatah fitou-o embasbacada. — Como... Não é possível.

— Julgo que acabámos de provar que é mentira — trauteou Daemon. — Costumo castigar as mulheres que me mentem.

— Ai sim? — sussurrou Hekatah, a balançar. Não conseguia desviar o olhar do prazer cruel naqueles olhos. — Eu trato da Dorothea.

Voltou a beijá-la. Desta vez, Hekatah sentiu o escárnio na docilidade. Nada havia de dócil em Daemon. Nada.

— Eu trato da Dorothea — repetiu. — E então seremos parceiros.

— Pois eu prometo, minha querida — ronronou Daemon, — irás ter tudo o que mereces.

9 / Terreille

Dorothea acordou já a manhã ia longa e gemeu face à dor no estômago. Parecia que as dores do período da lua de todo um ano se tinham instalado nas suas entranhas. Não podia adoecer nesta altura. *Não podia*. Talvez uma chávena de chá de ervas ou um caldo. Fogo do Inferno, estava com frio. Porque raio estaria com tanto frio?

A tiritar, arrastou-se para fora da cama – e tombou.

A seguir ao choque surgiu o medo ao lembrar-se da infusão que Hekatah lhe tinha preparado na noite anterior. Para a ajudar a dormir. Em que estaria a pensar para não testar algo vindo das mãos de Hekatah?

Não pensara. Não...

A cabra. Aquele pedaço de carne putrefacta andante devia ter-lhe lançado um feitiço de coacção para que bebesse – e para que esquecesse que fora *coagida* a beber.

Sentiu os músculos a comprimirem-se, a contorcerem-se.

Não estava enferma. Fora envenenada.

Precisava de ajuda. Precisava...

A porta da cabana abriu-se e fechou-se.

Arquejando devido ao esforço, rolou de lado e deu de caras com Daemon Sadi.

— Daemon — choramingou, tentando estender uma mão na sua direcção. — Daemon... ajuda...

Daemon não se mexeu, continuando a observá-la. Sorriu. — Parece que o sangue-de-feiticeira fez parte da infusão da noite passada — disse, prazenteiramente.

Dorothea estava sem fôlego. — Foste tu. Foste *tu*.

— Estavas a tornar-te inconveniente, querida. Não é nada pessoal.

Sentiu a estocada da injúria mesmo através da dor física. — Hekatah...

— Sim — ronronou Daemon, — Hekatah. Vá lá, não te preocupes, querida. Levantei um escudo auditivo e de protecção à volta da cabana para que não te incomodem durante todo o dia.

Saiu da cabana.

Tentou arrastar-se até à porta, tentou gritar a pedir ajuda. Não conseguiu concretizar nenhuma dessas vontades.

Não demorou muito até o seu mundo ficar reduzido à dor.

Daemon fechou a porta da barraca-prisão que tinha vindo a usar sempre que precisava de ficar nalgum sítio durante algum tempo. Do bolso do casaco retirou as Jóias que fora reaver à cabana de Dorothea – o anel Negro de Saetan; o berloque, o anel e o Anel de Honra de Lucivar. Conhecia-a muito bem, sabia exactamente onde procurar o esconderijo. Não demorara mais do que um minuto a contornar os feitiços de protecção de Dorothea e a surripiar as Jóias enquanto falava com ela.

Examinou as Jóias e suspirou de alívio. Ambos tinham colocado poderosos escudos a envolver as peças antes de as entregarem àquelas vacas, pelo que não havia forma de terem sido adulteradas ou contaminadas. Ainda assim...

Colocando as Jóias no lavatório, deixou a água correr, acrescentou algumas ervas adstringentes para as purificar e deixou-as de molho.

Este seria o último dia, a última noite. Conseguiria aguentar até ao fim. *Tinha* de conseguir.

Fechou os olhos. *Em breve, meu amor. Mais algumas horas e estarei a caminho de casa, de regresso aos teus braços. E depois casaremos.*

Imaginando Jaenelle a colocar-lhe a aliança de ouro puro no dedo, sorriu.

E lembrou-se do feitiço de sedução que Hekatah tecera à sua volta. Oh, tinha-se apercebido, podia tê-lo quebrado facilmente – mas deixara o corpo reagir ao tocar Hekatah. Ao beijar Hekatah. Ao odiar Hekatah.

Era só um jogo. Um jogo sórdido e cruel.

Mal teve tempo de pegar no bacio do quarto para vomitar discreta mas violentamente.

10 / Terreille

— É a tua vez, Bastardinho.

Por estar a procurar, por saber *o que* estava a procurar, Lucivar viu o intenso desespero nos olhos de Daemon.

Portanto, manteve-se impassível enquanto Daemon lhe retirava as correntes e o conduzia para a outra barraca-prisão, a que se encontrava mais próxima. E manteve a mesma impassividade enquanto Daemon desarrumava febrilmente a pequena cama.

Foi nesse altura que emitiu um angustiado grito de guerra eyrieno que sobressaltou Daemon de tal forma que caiu sobre a cama.

— Fogo do Inferno, Bastardinho — resmoneou Daemon ao levantar-se.

— Foi convincente? — perguntou Lucivar serenamente.

Daemon ficou petrificado.

As máscaras caíram. Lucivar viu um homem física e emocionalmente exausto, um homem que mal se aguentava em pé.

— Porquê? — perguntou em voz baixa.

— Tive de ganhar algum tempo para Jaenelle. Para isso, precisava do teu ódio.

Tão elementar. Tão penoso. Daemon lastimaria, lamentaria profundamente, mas não hesitaria em arrancar o coração do irmão se fosse isso que Jaenelle necessitasse. E fora exactamente o que fizera.

— Estás aqui com o consentimento de Jaenelle — disse Lucivar, querendo ouvir a confirmação.

— Estou aqui sob as suas ordens.

— Para representares este jogo.

— Para representar este jogo — concordou Daemon, com um ar calmo.

Lucivar acenou afirmativamente com a cabeça e deu uma gargalhada amarga. — Bem, Bastardolas, fizeste um bom jogo. — Vacilou, para logo dizer friamente: — Onde estão Marian e Daemonar?

As mãos de Daemon tremiam ligeiramente ao passar os dedos pelo cabelo. — Uma vez que Surreal não teve de aniquilar ninguém com a Cinzenta para sair daqui, posso depreender que chegou em segurança ao esconderijo onde os deixei. A esta altura, já estarão todos na Fortaleza.

Lucivar deixou que essas palavras fizessem sentido e permitiu-se um momento de alívio e júbilo. — E agora, o que irá acontecer?

— Agora vou criar uma sombra de ti e tu vais para a Fortaleza. Mantém-te no Vento Vermelho. Os mais escuros estão instáveis.

Sombras. Daemon jamais conseguiria criar sombras tão convincentes. Pelo menos, sozinho. E Jaenelle... Jaenelle, tendo crescido com Andulvar e Prothvar, saberia que um guerreiro eyrieno aceitaria a dor do campo de batalha, independentemente do aspecto desse campo.

— Do que precisas? — perguntou Lucivar.

Daemon hesitou. — Alguns cabelos, pele e sangue.

— Ora vamos lá levar o jogo até ao fim.

Trabalharam juntos em silêncio. O único som que Lucivar emitiu durante todo esse tempo foi um suspiro de alívio quando Daemon lhe colocou o Anel de Honra no pénis, usando-o para remover o Anel de Obediência de forma a não ser detectado.

Colocando as Jóias Ébano-Acinzentadas que Daemon lhe devolvera, observou os passos finais do feitiço que resultaria numa sombra de si próprio. E estremeceu ao ver a criatura torturada e angustiada cujos lábios estavam retraídos num esgar forçado.

— Fogo do Inferno, Bastardolas — disse Lucivar, sentindo-se nauseado. — O que me fizeste para eu acabar *neste* estado?

— Não sei — respondeu Daemon penosamente. — Mas estou certo que Hekatah conseguirá imaginar qualquer coisa. — Hesitou, engoliu em seco. — Olha, Bastardinho, uma vez na vida, faz o que te dizem. Vai para a Fortaleza. Todos aqueles que mais amas aguardam-te aí.

— Nem todos — disse Lucivar, compassivamente.

— Eu tiro daqui o Senhor Supremo. — Daemon aguardou.

Lucivar sabia o que Daemon aguardava, o que desejava. Queria ouvir que Saetan não era o único que importava e que ficava para trás.

Lucivar nada disse.

Daemon desviou o olhar e disse com um ar abatido: — Vamos. Resta uma jogada.

11 / Terreille

Saetan olhava fixamente para as missangas espalhadas pelo chão. Porque lhes teria Daemon dado tanta importância? E qual seria o motivo para lhe provocarem tais calafrios?

Silvou de frustração para logo se sobressaltar com o som sibilante.

— *Desejaiss compreender issto?*

Missangas a flutuar num depósito de água. Draca a segurar uma pedra lisa de forma oval, ligada a um cordel fino de seda. — Uma espiral.

A pedra a deslocar-se em movimentos circulares, girando, girando até a totalidade da água acompanhar essa deslocação, todas as missangas apanhadas pelo movimento.

— *Um redemoinho — dissera Geoffrey.*

— *Não — respondera Draca. — Um turbilhão... Irá quase sempre efectuar espiraiss... Não podeiss alterar a ssua natureza... Mass o turbilhão... Protegeei-a, Ssaetan. Protegeei-a com a vossa força e o vosso amor e talvez nunca venha a acontecer.*

— *E se acontecer? — perguntara Saetan.*

— *Será o fim doss Ssangue.*

Fim doss Ssangue.

Fim dos...

Aquelas missangas não eram uma mensagem de Daemon, eram uma advertência de Draca. Jaenelle ia entrar em espiral até à profundidade imensa de todo o seu poder para libertar o turbilhão. O fim dos Ssangue. Fora por isso que insistira para que o Primeiro Círculo permanecesse na Fortaleza? Por ser o único local que poderia resistir àquele poder devastador? Não. Ja-

enelle não gostava de matar. Não iria destruir todos os Sangue se pudesse...

Maldição. *Maldição*, tinha de recuperar aquela visão. Precisava de ver novamente aquelas teias para se recordar do único elemento importante que lhe estava a escapar. Fora colocado um véu sobre essa visão para impedir que se lembrasse até ser demasiado tarde.

Contudo, se ela *ia* libertar o turbilhão, o que raio estava Daemon a fazer *aqui*?

A empatar. A ganhar tempo. A manter Dorothea e Hekatah distraídas. A fazer joguinhos para... Marian e Daemonar. Seguiu-se Surreal. Ouvira Lucivar a gritar há duas horas, mas desde então não dera qualquer sinal de vida. Restava...

As missangas foram cobertas por uma sombra.

Ergueu os olhos e deparou-se com os olhos vítreos de Daemon.

— Chegou a hora de dançarmos — trauteou Daemon.

Podia ter dito algo, mas sentia o odor de Hekatah nas proximidades. Por isso, deixou que Daemon o conduzisse à barraca-prisão e continuou em silêncio enquanto era atado à cama.

Quando Daemon se estendeu a seu lado, Saetan segredou: — Quando termina o jogo?

Daemon ficou tenso, engoliu em seco. — Dentro de duas horas — disse, mantendo a voz baixa. — À meia-noite. — Pousou delicadamente a mão no peito de Saetan. — Não irá acontecer nada. Somente...

Ouviram alguém a encostar-se à porta e ambos sabiam quem estava à escuta.

Saetan abanou a cabeça. Tudo tem um preço. — Tens de ser convincente, Daemon — murmurou.

Testemunhou a triste resignação e o pedido de desculpas nos olhos de Daemon antes de o filho o beijar.

E ficou a saber as razões que levaram os Sangue a apelidar Daemon de Sádico.

Saetan estava deitado de lado, a olhar fixamente para a parede.

Na verdade, Daemon pouco lhe fizera. *Muito* pouco. Porém, conseguira convencer a cabra que pairava do outro lado da porta que um filho estava a violar o próprio pai, não fazendo nada que impedisse qualquer um dos dois a voltar a olhar o outro nos olhos. Uma demonstração de mestria bastante impressionante.

E muito breve. Ficara preocupado, mas quando Daemon saiu da barraca, ouvira um comentário sussurrado e a gargalhada deliciada e corrosiva de Hekatah.

Assim, enquanto Daemon continuava a percorrer e a manter o acam-

pamento no fio da navalha, Saetan tinha tempo para repousar, para reunir forças, para pensar.

O jogo terminaria à meia-noite. Que significado teria a meia-noite? Bem, era considerada a hora mágica, o momento suspenso entre um dia e o outro. E teriam decorrido setenta e duas horas desde que Daemon chegara ao acampamento.

Saetan levantou-se de supetão. Setenta e duas horas.

Confinado a uma sala de estar na Fortaleza, Saetan andava de um lado para o outro. — Desde o pôr-do-sol ao nascer do sol. Era essa a duração da Dádiva. Seja Branca, seja Negra, é esse o tempo que demora.

— Isso aplicou-se ao Príncipe das Trevas — dissera Tersa enquanto encaixava as peças de um quebra-cabeças. — E quanto à Rainha?

Quando Jaenelle efectuara a Dádiva às Trevas, demorara três dias. *Setenta e duas horas.*

— Mãe Noite — murmurou, sentando-se.

A porta abriu-se. Daemon entrou rapidamente e deixou cair um monte de roupas na cama.

Antes que Saetan pudesse falar, Daemon agarrou-lhe a nuca com uma das mãos e com a outra aproximou-lhe uma chávena dos lábios, de onde caiu um líquido morno. Não teve outra opção senão engolir ou engasgar-se. Engoliu. Passado um instante, desejou ter-se engasgado.

— Fogo do Inferno, o que foi que me deste? — arquejou, ao mesmo tempo que se dobrava e punha a cabeça entre os joelhos.

— Um tónico — disse Daemon. Massajando energeticamente as costas de Saetan.

— Pára — disse Saetan, com rispidez. Virou a cabeça o suficiente e olhou furiosamente para Daemon. — Um tónico de *quem*?

— De Jaenelle — com o meu sangue misturado.

Saetan praguejou baixinho, violentamente e com uma enorme sinceridade.

Daemon crispou-se e resmoneou: — Jaenelle disse que te ia estimular como duas parelhas de cavalos.

— Só alguém que nunca tenha experimentado um destes tónicozitos poderia descrevê-los com tal ligeireza.

Daemon deixou-se cair de joelhos defronte de Saetan e abriu as correntes. — Não consegui encontrar as vossas roupas, por isso trouxe-vos estas. Não devem ficar mal.

Saetan cerrou os dentes enquanto Daemon lhe massajava as pernas e os pés. — Onde as foste buscar?

— A um guarda. Já não irá precisar delas.

— Aquelas porcarias devem ter piolhos.

— Aguentai — resmungou Daemon. Retirando uma bola de barro do bolso do casaco, rebolou-a até se tornar num cilindro atarracado. De seguida, forçou com cuidado o Anel de Obediência a abrir-se ligeiramente para deslizar do órgão de Saetan. Agarrou-se ao barro com a mesma ferocidade com que se agarrara à carne.

Pousando o cilindro na cama, Daemon olhou de relance para o pénis de Saetan e inspirou ruidosamente.

— Não importa — disse Saetan, calmamente. — Sou Guardiã. Já passei essa fase da vida.

— Mas... — Daemon cerrou os lábios. — Veste isto. — Depois de ajudar Saetan a vestir as calças, voltou a ajoelhar-se para lhe calçar as meias e as botas. — É quase meia-noite. Vai ser apertado pois ainda temos um longo caminho a percorrer até alcançarmos o filamento mais próximo dos Ventos. Mas dentro de poucas horas, estaremos na Fortaleza. Estaremos em casa.

A ansiedade desesperada nos olhos de Daemon arrancou o véu à visão.

Duas teias. Uma bolorenta, contaminada. A outra bela, repleta de contatos brilhantes de energia.

Encontrara uma forma de separar os que viviam segundo os costumes dos Sangue daqueles que foram desvirtuados por Hekatah e Dorothea.

Todavia, a terceira teia...

Era Rainha e uma Rainha não podia pedir aquilo que ela própria não pudesse oferecer. E era, porventura, o único acto egoísta que alguma vez fizera. Sacrificando-se, não teria de carregar o fardo de todas as vidas que estava prestes a aniquilar. Mas...

Não sabe. Não lhe disseste. Veio aqui acreditando que estarias à sua espera quando regressasse. Oh, criança-feiticeira.

E fora por essa razão que lhe pedira para zelar por Daemon, pois sabia que iria necessitar do seu auxílio.

Mas talvez não fosse demasiado tarde. Quiçá existisse ainda uma forma de evitar, de a deter.

— Vamos — disse, bruscamente.

Daemon envolveu ambos num escudo de visão e escapuliram-se do acampamento.

Ao chegarem ao local onde podiam apanhar os Ventos, começou a soprar um vento gélido e cortante.

Saetan parou, inspirou pela boca, saboreando o ar.

— É só vento — disse Daemon.

— Não — respondeu Saetan sinistramente, — não é. Vamos.

12 / Terreille

Duas horas mais tarde, Hekatah entrou de rompante na cabana de Dorothea, brandindo um cilindro de barro atarracado. — Fomos intrujadas. Desapareceram todos. Aquela coisa na barraca-prisão não é Lucivar, é uma espécie de ilusão. E Saetan... — Arremessou o cilindro. — Aquele canalha do Sadi *mentiu-nos*.

Estendida no chão onde estivera todo o dia, Dorothea olhou insolentemente para Hekatah. Ao mesmo tempo que os seus intestinos soltavam mais fluidos corporais, começou a rir-se à gargalhada.

13 / Kaeleer

Durante toda a noite, estivera a formar-se uma tempestade – trovões, relâmpagos, vento. Agora, com a aproximação da aurora, o vento intensificara-se, lembrando uma voz.

— Vem — disse Tersa, ajudando Karla a chegar ao sofá. — Agora tens de te deitar. Morghann, vem até aqui e deita-te no chão.

— O que se passa? — perguntou Khardeen ao ver Morghann a obedecer e a deitar-se no chão, junto ao sofá. Foi buscar uma almofada e colocou-a sob a cabeça da esposa.

— Seria aconselhável que todos se deitassem no chão. Até a Fortaleza vai sentir esta tempestade.

Todos os membros do Primeiro Círculo entreolharam-se, apreensivos, e obedeceram.

— O que é? — perguntou Karla quando Tersa a envolveu com um braço protector e pousou a outra mão no ombro de Morghann.

— Chegou o dia em que se irá exigir o pagamento das dívidas e os Sangue terão de justificar aquilo em que se tornaram.

— Não entendo — disse Karla. — Que significado tem a tempestade? Clarões de relâmpagos. O vento a uivar.

Tersa fechou os olhos – e sorriu. — Ela está a chegar.

14 / Terreille

Tinha sido muito à justa. Não esperara que a viagem nos Ventos fosse tão agitada ou que a resistência física de Saetan se esgotasse tão rapidamente – ou a sua própria resistência. Tiveram de sair do Vento Vermelho e passar

ao Azul-Safira e, por fim, na última parte da viagem, viram-se obrigados a passar ao Verde.

Não podiam desembarcar exactamente na Fortaleza. Tinham sido er-
guidos escudos a circundar o lugar. Por conseguinte, concentrou-se na Jóia
Ébano-Acinzentada de Lucivar – e no único sítio nos escudos que Lucivar
mantinha aberto com as Jóias – e saltou dos Ventos com Saetan, tão próxi-
mo quanto possível. Não fora suficientemente perto, pois eram dois homens
exaustos que tentavam trepar por um caminho na montanha íngreme.

E agora, com o portão à vista e a exortação mental de Lucivar para que
se apressassem, Daemon ajudava Saetan a subir a encosta, debatendo-se a
cada passo com um vento feroz e sibilante.

Estavam quase a chegar. Quase. Quase.

O céu estava a clarear. O sol surgiria no horizonte a qualquer momento.

Depressa. Depressa.

— Saetan! SAE-TANNNN!

Daemon olhou para trás. Hekatah trepava pela encosta acima. A cabra
devia ter viajado sempre pelo Vento Vermelho para ter ali chegado logo a
seguir a eles.

Sem gastar o fôlego a praguejar, retomou o ritmo o melhor que conse-
guiu, arrastando Saetan.

— Sadi! — gritou Hekatah. — Sacana aldrabão!

— RÁPIDO! — gritou Lucivar. Estava a manter o portão aberto me-
diante a Arte, esgotando-se física e mentalmente para evitar que se fechasse
e os deixasse do lado de fora.

Mais perto. Quase lá. Quase.

Daemon agarrou as barras do portão e usou a força da Jóia Negra para
o manter aberto. — Leva-o para dentro — disse, empurrando Saetan para
Lucivar. De seguida, virou-se e aguardou.

Hekatah surgiu no cimo da encosta, deteve-se a alguns metros. — Sa-
cana aldrabão!

Daemon sorriu. — Não menti, querida. Disse que ias ter tudo o que
merecias. — Largou o portão. Fechou-se com um estrondo e foi resguarda-
do pelo último escudo.

Quando se virou e correu pelo pátio exterior, ouviu Hekatah a gritar.
E ouviu um uivo selvagem, um som pleno de júbilo e sofrimento, de raiva
e celebração.

Atravessou a soleira da porta para a segurança da Fortaleza e no ins-
tante seguinte Jaenelle soltou o turbilhão.

“Tenss de acordar” disse uma voz profunda e sibilante. “Tenss de acor-
dar.”

Daemon abriu os olhos. Demorou um momento a perceber porque parecia tudo tão... *estranho*... e a reajustar-se. Demorou outro instante a confirmar que ainda estava ligado, ainda que longinquamente, ao corpo – e que o corpo jazia no chão frio em pedra da Fortaleza onde tinha tombado, juntamente com Lucivar e Saetan, quando Jaenelle libertou o seu poder absoluto.

“Soiss o triângulo que ajudou a moldar a teia de sonhoss. Agora tens de amparar o sonho. O tempo urge.”

A gemer, sentou-se e olhou em redor. E despertou de imediato.

Mãe Noite, onde estamos?

Tocou Saetan que estava deitado de bruços e abanou Lucivar.

“Fogo do Inferno, Bastardolas” disse Lucivar. Ergueu a cabeça. “Merda.”

Ambos estenderam os braços e abanaram Saetan, até o acordar.

“Pai, acorda. Temos problemas” disse Daemon.

“O que é agora?” Resmungou Saetan. Apoiou-se nos cotovelos. Arregalou os olhos. “Mãe Noite.”

“E que as Trevas sejam misericordiosas” acrescentou Lucivar. “Onde estamos?”

“Algueres no abismo. Acho eu.”

Com cautela, puseram-se em pé e olharam à volta.

Estavam à beira de um precipício profundo e amplo. Uma teia Opala estava estendida sobre o precipício. Por baixo deles, encontravam-se teias nas cores das Jóias mais escuras. Sobre eles, encontravam-se teias nas cores das Jóias mais claras.

“O que fazemos aqui?” perguntou Lucivar.

“Somos o triângulo que ajudou a dar forma ao sonho” disse Daemon. “Devemos amparar o sonho.”

“Não me venhas com enigmas, Bastardolas” rosnou Lucivar.

Daemon devolveu-lhe o rosnado.

Saetan ergueu a mão. Calaram-se ambos.

“Quem te disse isso?” perguntou Saetan.

“Uma voz sibilante.” Daemon vacilou. “Parecida à de Draca, mas masculina.”

Saetan acenou afirmativamente com a cabeça. “Lorn.” Voltou a olhar em volta.

Muitíssimo acima deles, lampejavam relâmpagos.

“Por que razão Jaenelle te pediu para vires a Hayll, Daemon?” perguntou Saetan.

“Disse que o triângulo tinha de se manter unido para sobreviver. Que o espelho tinha a força para manter os outros dois a salvo.”

“Viu isso numa teia entrelaçada?”

“Não. Foi-lhe transmitido pela Tecedeira de Sonhos.”

Lucivar começou a vociferar.

O olhar de Saetan era perspicaz, penetrante, meditativo.

Os relâmpagos aproximaram-se ligeiramente.

“Pai, irmão, amante” disse Saetan suavemente.

Daemon anuiu, recordando-se do triângulo que Tersa lhe desenhara na palma da mão. “O pai veio primeiro. O irmão fica entre ambos.” Quando os dois olharam para ele, agitou-se constrangidamente. “Algo que Tersa me disse há tempos.”

“Avisos de Tersa, da Rainha arachniana e de Draca” disse Saetan. “Um homem pode até ignorar um aviso por sua conta e risco, mas os três?” Abanou a cabeça devagar. “Não creio.”

Os relâmpagos aproximaram-se um pouco mais.

“Está tudo muito bem” resmoneou Lucivar, “mas preferia uma ordem directa.”

“Estass teiass são a melhor magia que voss posso providenciar” disse Lorn, irritado. “Usem-nass para amparar o sonho. Se ela ass atravessar a todass, regressará às Trevass. Irão perdê-la.”

Lucivar bufou. “Foi bastante claro. Ora então, onde...” Olhou para cima quando os relâmpagos voltaram a relampejar. “O que é aquilo?”

Olharam para cima em simultâneo, aguardaram o relâmpago seguinte – e vislumbraram o pequeno ponto escuro a cair a pique na direcção das teias.

“Jaenelle” sussurrou Daemon.

“Vai atravessá-las” disse Saetan. “Temos de tentar usar a nossa própria força para tentar desacelerar a velocidade.”

“Muito bem” disse Lucivar. “Como vamos fazer?”

Saetan olhou para Daemon e, em seguida, para Lucivar. “Pai, irmão, amante.” Não aguardou por uma resposta. Elevou-se a toda a velocidade para interceptar a Feiticeira antes que atingisse a teia Branca.

Lucivar observou por um instante, virou-se para as teias com os olhos semicerrados. “Se as atingir no centro, irá rasgá-las. Portanto, temos de a rebolar.” Pousou a mão no ombro de Daemon, apontando com a outra mão. “Afastado da beira para que não corras o risco de embater contra as paredes do precipício, mas longe do meio. Depois, enrola-te e rebola ao mesmo tempo que usas a tua própria força como travão.”

Daemon olhou para as teias. “Isso servirá para quê?”

“Por um lado, o movimento contrário deverá diminuir a velocidade. E se ficar enrolada nas teias...”

“Formaremos um casulo de poder.”

Lucivar anuiu. "Eu vou para a Rosa. Não sei que forças restam a Saetan. Se ainda a conseguir aguentar, juntarei a minha força à dele. Se não..."

"Onde devo posicionar-me?" perguntou Daemon, disposto a submeter-se às aptidões e à experiência de combate de Lucivar.

"Na Verde. Devo conseguir aguentá-la até lá." Lucivar hesitou. "Boa-sorte, Bastardolas."

"Para ti também, Bastardinho."

Lucivar levantou voo.

Decorrido um momento, Daemon ouviu o bramido de desafio de Saetan quando a teia Branca se estilhaçou. Através do clarão, conseguia ver duas pequenas silhuetas a cair, a cair.

Desceu, planando, até à teia Verde.

A teia Amarela estilhaçou-se. Seguiu-se a Olho-de-Tigre.

Ouviu o grito de guerra de Lucivar.

Quando a teia Rosa se estilhaçou, viu um rodopio de cor ao mesmo tempo que Lucivar rebolava, debatendo-se com a velocidade da queda.

Embateram na Azul-Celeste. Agarrado às pernas da Feiticeira, Lucivar rebolou para o outro lado, apanhando grande parte da teia antes de a atravessar.

A Violácea. A Opala.

Daemon juntou-se a ele entre a Opala e a Verde.

"Solta-a, Bastardinho, antes que estilhaces a Ébano-Acinzentada."

Com um grito desafiador, sofrido e receoso, Lucivar soltou-a.

Daemon sentiu-se invadido pela fúria. O amor impeliu-o. Daemon e a Feiticeira embateram na teia Verde. Rebolou, mas não tinha a perícia de Lucivar. Irromperam junto ao centro da teia. Continuou a rebolar para que, quando atingissem a Azul-Safira estivessem mais perto da beira. Rebolou em sentido contrário, envolvendo-a no poder da teia.

Atravessaram a Azul-Safira, mas já não estavam a cair à mesma velocidade. Dispunha de um pouco mais de tempo para se preparar, para planear, para vaziar a força das suas Jóias Negras na luta contra a queda.

Embateram na Vermelha, rebolaram, sustiveram-se por um segundo antes de caírem para a Cinzenta. Somente metade dos filamentos da Cinzenta se partiu de imediato. Empregou todas as suas forças ao puxar para trás. Quando a outra metade se partiu, rebolou *para cima* enquanto a teia os puxava para baixo, balançando, em direcção à Ébano-Acinzentada. Contrariou o balanço, oscilando em sentido contrário, abrandando o movimento, abrandando.

Quando o lado oposto da Cinzenta se quebrou, planaram em direcção à Ébano-Acinzentada. A teia cedeu quando a atingiram, esticou, esticou um pouco mais até que os filamentos começaram a partir-se.

As Jóias Negras de Daemon estavam praticamente exauridas, mas aguentou-se, aguentou-se, aguentou-se enquanto flutuavam até à teia Negra.

E nada mais aconteceu.

A tremer, com calafrios, Daemon olhou atónito para a teia Negra, não ousando acreditar.

Demorou um minuto até conseguir soltar as mãos que ainda estavam cerradas. Quando conseguiu largá-la, flutuou com cautela sobre a teia. Junto ao ombro de Jaenelle, reparou em dois curtos filamentos partidos. Com desvelo, alisou os fios Negros sobre as outras cores que formavam o casulo.

Mal a conseguia distinguir, entrevia somente o ínfimo chifre em espiral. Mas era suficiente.

“Conseguimos” sussurrou ao mesmo tempo que os seus olhos se enchiam de lágrimas. “Conseguimos.”

“Ssim” disse Lorn, com uma serenidade imensa. “Agiram correctamente.”

Daemon olhou para cima, olhou em redor. Voltou a olhar para a Feiticeira que se desvaneceu.

Tudo se desvaneceu.

15 / Terreille

Saetan abriu os olhos, tentou mover-se e percebeu que estava aprisionado entre dois corpos quentes que o envolviam. Os seus filhos.

Oh, criança-feiticeira. Espero que o custo tenha compensado.

Tentou mover-se novamente, resmungou por não conseguir e, por fim, deu uma cotovelada a Lucivar.

Por sua vez, Lucivar também resmungou entre dentes e aninhou-se ainda mais.

Deu outro encontrão a Lucivar pois não podia, nem desta forma simples, afastar Daemon. Não o podia fazer neste momento.

O resmoneio de Lucivar transformou-se num rosnado, mas por fim lá se mexeu, o que despertou Daemon.

— Fico encantado por acharem que sou uma almofada confortável — disse Saetan com sarcasmo, — mas um homem com a minha idade prefere não dormir num chão frio em pedra.

— Nem um homem da *minha* idade — protestou Lucivar, levantando-se. Girou os ombros, alongou as costas.

Daemon sentou-se com um gemido.

Saetan observou-o e viu o brilho que crescia nos seus olhos, o júbilo, a ansiedade. Partiu-lhe o coração.

Aceitou a ajuda de Daemon para se levantar – e reparou na frieza com que Lucivar tratava o irmão. Iria passar. Teria de passar. Contudo, Lucivar não estaria acessível até ver Marian e Daemonar, por isso seria despropositado provocar a fúria eyriena. Além disso, estava terrivelmente cansado para enfrentar Lucivar neste momento.

Ao caminhar para as portas, juntaram-se a ele, um de cada lado.

Crepúsculo. Passara um dia inteiro.

Atravessaram o pátio externo. Lucivar abriu o portão.

Uma rajada de vento fez algo esvoaçar, chamando a atenção de Saetan. Um pedaço de tecido do vestido de uma mulher. Do vestido de Hekatah.

Não fez qualquer referência ao facto.

— Não me sinto com forças por agora — disse, calmamente. — Vocês os dois podiam...

Lucivar olhou para sul, Daemon para norte. Decorrido um minuto, os seus rostos apresentavam a mesma expressão sinistra, deliberadamente calma.

— Restam alguns Sangue — disse Daemon, espaçando as palavras. — Poucos.

— Igualmente — disse Lucivar.

Alguns. Somente alguns. Que as doces Trevas permitam uma resposta diferente em Kaeleer. — Vamos para casa.

Sentiu a diferença logo que atravessaram o Portão entre os Reinos. Quando saíram da Sala do Altar, Daemon e Lucivar olharam em simultâneo na direcção que os levaria ao Primeiro Círculo – e aos outros.

Saetan virou na direcção oposta, não se sentindo preparado para lidar com o que o aguardava. — Venham comigo. — Embora com alguma relutância, obedeceram.

Levou-os até um terraço de muros baixos com vista para Riada, a povoação dos Sangue mais próxima.

Daemon olhou para a povoação, lá em baixo. Lucivar olhou na direcção da comunidade eyriena.

Daemon suspirou de alívio. — Não sei quantas pessoas ali habitavam ontem, mas aqui ainda persistem muitos Sangue.

— Falonar! — gritou Lucivar. Olhou para eles com um sorriso de orelha a orelha. — Toda a comunidade. Estão bem. Bastante abalados, mas estão bem.

— Graças às Trevas — murmurou Saetan. E as lágrimas brotaram, de orgulho e de pesar, em doses iguais. Prothvar dissera que era um campo de batalha diferente, ainda que um excelente campo para se lutar. Estava certo. *Era* um campo de batalha meritório. Ao invés de testemunharem a

transformação de mais amigos em demónios-mortos, partiram sabendo que esses amigos sobreviveriam. Char, Dujae, Morton, Titian, Cassandra, Prothvar, Mephis, Andulvar. Sentiria a falta de todos. Mãe Noite, como iria ter saudades deles. — E o Sangue cantará ao Sangue. Cantaram sublimemente a melodia, meus amigos. Cantaram sublimemente.

Também teria de contar a Lucivar e a Daemon sobre o que sucedera — e a Surreal. Mas ainda não. Agora não.

Temia esse momento, mas sabia que não poderia detê-los por muito mais tempo. — Venham, crias. Estou certo de que a assembleia vai ter alguns comentários a fazer.

Fora pior do que estava à espera.

A assembleia e os rapazolas caíram em cima de Lucivar, que abraçava Marian e Daemonar. Cumprimentaram Daemon com um comedimento distante. À excepção de Karla que disse: — Beijinho, beijinho — e que o beijara, *de facto*. E de Surreal, que olhara Daemon friamente e dissera: — Estás uma lástima, Sadi. — Saetan tê-la-ia repreendido por esse comentário se Daemon não tivesse retrucado mordazmente que os elogios de Surreal eram sempre imensamente calorosos — e se ela não tivesse sorrido abertamente face ao comentário.

E de Tersa, que segurara o rosto do filho entre as mãos e o olhara nos olhos. — Tudo se resolverá, Daemon — disse, carinhosamente. — Confia em quem vê. *Ficará* tudo bem.

Saetan não estava certo de Daemon se ter apercebido da indiferença, não estava certo se Daemon tinha sequer reparado em quem o cumprimentara e em quem não o tinha feito. Esquadrinhava continuamente a divisão, à procura de alguém que não estava presente — alguém que não iria estar presente.

Estava a tentar pensar numa desculpa plausível para afastar Daemon dos outros quando Geoffrey surgiu à porta. — Solicitam a vossa presença no Trono das Trevas. Draca quer ver-vos.

Ao saírem ordenadamente da sala, Saetan colocou-se ao lado de Lucivar. — Fica junto ao teu irmão — disse, em voz baixa.

— Julgo que seria melhor...

— Não penses, Príncipe, limita-te a cumprir ordens.

Lucivar olhou-o dos pés à cabeça e avançou para alcançar Daemon.

Surreal enfiou o braço no de Saetan. — Lucivar está lixado?

— Pode dizer-se que sim — respondeu Saetan, causticamente.

— Se achas que poderá ajudar, posso dar-lhe um belo pontapé nos tomares. Embora me pareça que assim que Marian se aperceba do motivo da arrelia de Lucivar, fará muito mais e melhor do que qualquer um de nós.

Saetan deu uma gargalhada abafada que era também uma lamentação. — Ora isso vai ser interessante. — Ficou repentinamente sério. — Daemon fez o mesmo jogo contigo.

— Pois fez. Mas há alturas em que a melhor forma de enganar um inimigo é convencendo um amigo.

— A tua mãe disse-me algo idêntico em tempos – depois de me dar um murro.

— Deveras? — Surreal sorriu. — Quem sai aos seus não degenera.

Decidiu que seria melhor não lhe pedir esclarecimentos sobre aquela afirmação.

Desconcertado, Daemon aguardou a comunicação que Draca ia fazer. Não tinha importância. Teria de ir sorrateiramente a Amdarh nos próximos dias e falar com o joalheiro, Banard, para que criasse uma aliança para Jaenelle. Adquirira a esse joalheiro uns brincos para lhe oferecer no Winsol e apreciara o que vira do trabalho do homem.

O aniversário de Jaenelle aproximava-se. Será que se importaria de se casar no dia do aniversário? Bem, talvez *ele* se importasse. Não estava disposto a partilhar a celebração do casamento com mais nada. Mas podiam realizá-lo pouco tempo depois. Ainda estaria cansada e a recuperar do feitiço, mas podiam passar a lua-de-mel num sítio tranquilo. Não importava onde.

Onde estava Jaenelle? Possivelmente, estaria já nos seus aposentos, a repousar.

Quem sabe se era isso que Draca lhes ia comunicar – que Jaenelle evitara a guerra, que Kaeleer estava a salvo. Logo que esta comunicação terminasse, sairia sorrateiramente e iria aconchegar-se junto dela. Bem, primeiro precisava tomar um banho. O odor que exalava não era muito agradável.

Onde *estava* Jaenelle?

Foi nesse momento que olhou para Lorn e sentiu um lampear de inquietação.

Não. Salvaram-na. O triângulo *salvara-a*. Consumira-se imensamente, ascendera tão acima dela própria que caíra a pique, mas os três detiveram a queda. *Detiveram* a queda.

Lucivar surgiu a seu lado, tão próximo que os seus ombros tocaram-se. Saetan aproximou-se e posicionou-se do outro lado, com Surreal por perto.

Draca pegou num objecto que estava no assento do Trono, vacilou e, por fim, virou-se de frente para todos.

Daemon ficou petrificado.

Tinha nas mãos o ceptro de Jaenelle. Todavia, o metal estava retorcido

e as duas Jóias Ébano estilhaçadas. Não estavam apenas exauridas. *Estilhaçadas*. Bem como o chifre em espiral.

— A Rainha de Ebon Asskavi partiu — disse Draca, serenamente.
— A Corte dass Trevass cessou de existir.

Ouviu-se alguém gritar. Um grito repleto de pânico, raiva, negação e sofrimento.

Só quando Lucivar e Saetan o agarraram é que Daemon se apercebeu que a pessoa que gritava era ele próprio.

16 / Kaeleer

— De que serviu? — questionou Gabrielle, zangada, ao mesmo tempo que as lágrimas caíam livremente. — De que serviu oferecermos as memórias se não iam ter qualquer serventia?

Surreal passou os dedos pelo cabelo e decidiu que um estalo a alguém provavelmente não iria servir de muito. Bem, *ela* iria sentir-se melhor. Graças às Trevas que conseguira, juntamente com o Tio Saetan, sedar Daemon fortemente. Não iria conseguir suportar o que se estava agora a passar.

Gostaria de aprofundar mais esta coisa das memórias, mas estava mais intrigada pela calma e impassibilidade de Tersa — e sentia-se um pouco zangada. Seria necessário que alguém fizesse uma grande asneira para enfurecer Tersa.

— Sim, Tersa — disse Karla, irritada, — de que *serviu*?

— O sangue é o rio da memória. E o Sangue cantará ao Sangue — respondeu Tersa.

Gabrielle foi lacónica e obscena.

— Cala-te, Gabrielle — disse Surreal, bruscamente.

Tersa estava sentada na mesa longa defronte do sofá, ao lado de um monte de cubos de construção em madeira. Surreal acorcorou-se a seu lado.

— Para que eram as memórias? — perguntou, com serenidade.

Tersa afastou o cabelo emaranhado do rosto. — Para alimentar a teia de sonhos. Já não estava intacta. Vivera, crescera.

— Mas morreu! — lamentou-se Morghann.

— A Rainha desapareceu — disse Tersa, ligeiramente inflamada. — Era apenas isso que representava para vós?

— Não — respondeu Karla. — Era Jaenelle. E isso era suficiente.

— Exactamente — disse Tersa. — Ainda é suficiente.

Surreal abanou-se, mal se atrevendo a ter esperança. Tocou na mão de Tersa, aguardou até se certificar de que a mulher lhe estava a prestar atenção. — A Rainha desapareceu, mas Jaenelle não?

Tersa vacilou. — É muito cedo para sabermos. Contudo, o triângulo evitou que o sonho regressasse às Trevas e agora os parentes lutam para manter o sonho no corpo.

Esta afirmação levantou protestos de Gabrielle e de Karla.

— Esperem lá — disse Gabrielle, olhando de relance para Karla, que aquiesceu. — Se Jaenelle está ferida e precisa de uma Curandeira, *devíamos* estar com ela.

— Não — negou Tersa, soltando a rédea à sua ira. — *Vocês não deviam* estar com ela. *Não* conseguiriam olhar para o estado do corpo e continuar a acreditar que ainda pudesse sobreviver. Porém, entre os parentes não reina a dúvida. *Os parentes só acreditarão nisso e em mais nada.* E é por isso que, se for possível fazê-lo, serão eles a concretizá-lo. — Pôs-se em pé de um salto e correu para fora da sala.

Surreal aguardou um instante e seguiu-a. Não encontrou Tersa, mas deparou-se com o Colmilho Cinzento que rondava por perto, ganindo ansioso.

Examinou o lobo. Os parentes não têm dúvidas. Recolher-se-iam e lutar-iam por aquele sonho com garras e dentes, jamais o abandonando. Bem, poderia nunca vir a ter um focinho para farejar os rastos, mas podia aprender muito bem a ser teimosa como um lobo. Fincaria os dentes na crença de que Jaenelle estava simplesmente a recuperar algures num recanto privado, depois de realizar um feitiço de uma dificuldade extrema. Fincaria os dentes e agarrar-se-ia a esse pensamento.

Por Jaenelle.

Por Daemon.

E por si própria, pois queria a amiga de volta.

CAPÍTULO DEZASSEIS

1 / Kaeleer

Daemon desceu a escadaria para o jardim do Paço, o jardim com duas estátuas.

Quando acordou do sedativo que Surreal e Saetan lhe administraram, pedira para deixar a Fortaleza. Os dois acompanharam-no. Bem como Tersa.

Mas Lucivar não viera.

Transcorrera uma semana.

Não tinha a certeza como passara esses dias. Passaram, simplesmente. E à noite...

À noite, arrastava-se da sua cama para a cama de Jaenelle visto que era o único sítio onde conseguia dormir. O odor dela permanecia e, na penumbra, quase conseguia acreditar que se tinha ausentado por pouco tempo, que uma manhã ao acordar, iria encontrá-la aninhada junto a si.

Olhou com atenção para a estátua do macho, com a pata/mão curvada de modo protector sobre a mulher adormecida. Parte humano, parte animal. A ferocidade a proteger a beleza. Porém, agora via algo mais nos seus olhos: a angústia, o preço que, por vezes, tinha de ser pago.

Virou-se, dirigiu-se à outra estátua e fitou o rosto da mulher – aquele rosto familiar e adorado – durante muito, muito tempo.

As lágrimas brotaram – novamente. A dor era constante.

— Tersa não se cansa de me dizer que ficará tudo bem, para confiar em quem vê — disse à estátua. — Surreal insiste para que não desista, que os parentes conseguirão trazer-te de volta. Contudo, quando faço uma pergunta directa a Tersa sobre ti, hesita, diz que é prematuro tirar conclusões, diz que os parentes estão a lutar para que o sonho permaneça no corpo. *A lutar* para que o sonho permaneça no corpo. — Deu uma gargalhada amarga. — Não estão a lutar para que o sonho permaneça no corpo, Jaenelle. Estão a esforçar-se por reconstituir-te o suficiente de modo a que exista algo

para onde o sonho possa regressar. E tu sabias o que iria suceder, não sabias? Quando decidiste fazê-lo, já sabias.

Andou para trás e para a frente, às voltas e regressou à estátua.

— Fi-lo por ti — disse baixinho. — Ganhei tempo, entrei no jogo. Por ti. — Prendeu a respiração, soltando-a num soluço. — Estava *ciente* de que tinha de cometer actos que nunca seriam perdoados. Soube-o quando me pediste que fosse a Hayll, mas não deixei de o fazer. P-por ti. Porque ia regressar para ti e tudo o resto não importava. P-porque ia regressar para *ti*. Porém, deixaste-me ir sabendo que não estarias aqui quando regressasse, sabendo... — Caíu de joelhos. — Disseste que não querias sacrifícios. Fizeste-me prometer que não ia haver sacrifícios. Mas o que é isto, Jaenelle? *O que é?* Assim que regressasse, *c-casaríamos...* E abandonaste-me. Maldita sejas, Jaenelle, fi-lo por ti *e abandonaste-me*. Abandonaste-me.

Sucumbiu na relva junto à estátua, a soluçar.

Lucivar pousou um punho na parede em pedra e inclinou a cabeça.

Mãe Noite. Daemon entrara no jogo na expectativa de regressar para o seu próprio casamento. *Mãe Noite*.

Estava agora neste local por Marian o ter atacado nessa manhã, dando-lhe a ver toda a força do temperamento que vivia sob a sua natureza serena. Dissera-lhe que, sim, Lucivar tinha sofrido, tinha sofrido para os salvar. Perguntara-lhe se teria preferido perder efectivamente a esposa e o filho para que os seus sentimentos fossem poupados. E disse-lhe que o homem com quem casara teria a coragem de perdoar.

Fora isso que o trouxera até aqui.

Mas agora...

Na altura em que eram ambos escravos em Terreille, tinha participado em variadíssimos jogos com Daemon, tinham-se usado um ao outro, tinham-se magoado mutuamente. Por vezes, faziam-no como forma de aliviar a própria dor, outras vezes por uma razão mais nobre. Contudo, foram sempre capazes de olhar para além dessas jogadas e perdoar o sofrimento *pois não estava mais ninguém envolvido*. Bateram-se um com o outro, mas também se bateram um *pelo* outro.

Presentemente, tinha mais pessoas, um círculo alargado para amar. Uma esposa, um filho. Possivelmente fora esse facto que marcara a diferença. Não *precisava* de Daemon. Porém, fogo do Inferno, Daemon precisava *dele* neste momento.

Mas era mais do que isso. Há treze anos, acusara Daemon injustamente de ter assassinado Jaenelle. Fora o primeiro golpe marcante que terminara com Daemon no Reino Distorcido, durante oito anos, perdido na loucura.

E Daemon perdoara-o pois, como dissera, já tinha sentido a perda de um irmão uma vez e não queria voltar a senti-la.

Daemon acreditara numa mentira penosa durante treze anos. *Lucivar* acreditara numa mentira penosa durante dois dias. Marian tinha razão em atacá-lo.

Por conseguinte, iria fazer o que estivesse ao seu alcance para corrigir a situação, por si e também por Daemon. Durante os longos anos de escravidão, em que só se tinham um ao outro, a ira inflamava-se por vezes em momentos de ódio, mas o amor sempre estivera subjacente.

Desencostando-se da parede, Lucivar desceu a escadaria e ajoelhou-se na relva junto a Daemon. Tocou no ombro do irmão.

Daemon olhou para Lucivar, o seu rosto devastado pelo sofrimento profundo, e lançou-se nos braços abertos do irmão.

— Quero tê-la de volta — chorou Daemon. — Oh, Lucivar, *quero-a de volta*.

Lucivar abraçou-o com força, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe caíam pelo rosto. — Eu sei, meu velho. Eu sei.

2 / Kaeleer

— Vais-te *embora*? — Lucivar pôs-se em pé de um salto e olhou espantado para Saetan. — O que queres dizer com “ir embora”? Para onde? — A caminhar de um lado para o outro por detrás das duas cadeiras defronte da secretária em madeira escura, apontou um dedo acusador ao pai. — Não vais para o Reino das Trevas. *Não resta ninguém*. E não vais ficar sozinho.

— Lucivar — disse Saetan, calmamente. — Lucivar, ouve, por favor.

— Quando o sol brilhar no Inferno.

“Bastardinho” disse Daemon num fio masculino Ébano-Acinzentado.

“E porque raio te limitas a ficar aí sentado?” perguntou Lucivar. “Também é teu pai.”

Daemon reprimiu a irritação. “Deixa que fale, Bastardinho. Se não gostarmos do que ouvirmos, *nessa altura* agiremos.” — Vais-te embora por causa de Sylvia? — perguntou a Saetan.

Lucivar imobilizou-se, praguejou em voz baixa e voltou a sentar-se.

— Em parte — disse Saetan. — Um Guardião não deve permanecer entre os vivos. Não dessa forma. — Vacilou, para acrescentar de seguida: — Se ficar... *Não posso* ficar e ser um amigo e encorajá-la a... Merece estar com alguém que lhe possa dar mais do que eu posso neste momento.

— Podias vir para Ebon Rih e viver connosco — disse Lucivar.

— Agradeço-te, Lucivar, mas não. Ofer... — Saetan respirou fundo.

— Ofereceram-me uma posição na Fortaleza como historiador/bibliotecário assistente. Geoffrey diz que está a começar a sentir o peso dos anos e culpa-me por ter mais trabalho agora do que nunca pois fui eu que dei a conhecer a biblioteca da Fortaleza à assembleia e está na altura de fazer alguma coisa útil.

— A Fortaleza fica apenas a uma montanha de distância da nossa casa alcantilada — disse Lucivar.

— Não vais levar o Daemonar para a biblioteca.

Lucivar sorriu mordazmente para Saetan. — Levaste-me aí quando tinha a idade de Daemonar?

— Uma vez — disse Saetan, friamente. — E, ocasionalmente, Geoffrey ainda me faz recordar essa pequena aventura. — Olhou de relance para Daemon. — Visitarei os dois, nem que seja para saber os sarilhos que andam a provocar.

Daemon sentiu a tensão a aliviar-se. Queria ver o seu pai, mas não em Ebon Askavi. Jamais voltaria a entrar na Fortaleza.

— A família é proprietária de três condados em Dhemlan — disse Saetan. — Dividi-os entre vocês. Daemon, ofereço-te o Paço, bem como todas as terras e respeitantes contribuições. Lucivar, ficarás com as terras junto à fronteira com Askavi. A outra propriedade será de ambos, conjuntamente.

— Não preciso de terras — protestou Lucivar.

— Ainda és o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih porque o teu povo *deseja* que sejas o Príncipe dos Senhores da Guerra de Ebon Rih. Todavia, Daemonar poderá não querer governar — ou poderás vir a ter outros filhos ou filhas que desejem um tipo de vida diferente. Serás o vigilante dessas terras pois a família SaDiablo *tem sido* vigilante dessas terras durante milhares de anos. Compreendido?

— Sim, senhor — disse Lucivar, num tom calmo.

— E tu? — disse Saetan, olhando vincadamente para Daemon.

— Sim, senhor — respondeu, no mesmo tom calmo. Bem, isso explicava o motivo pelo qual Saetan insistira em passar os últimos dois meses a ensinar-lhe o negócio da família. Pensara que era uma forma de o manter entretido e demasiado ocupado para grandes devaneios.

Acolhera a ocupação de bom grado, especialmente quando se apercebeu que Saetan assumira o fardo de ajudar Geoffrey numa tarefa extremamente difícil. Os resultados tinham sido comunicados a Daemon e a Lucivar, mas sabia que não teria suportado reunir as informações.

Mais de quarenta por cento dos Sangue em Terreille tinham desaparecido. Desaparecido sem deixar rasto. Trinta por cento tinham sido quebrados e só podiam usar Arte básica. Os Sangue que restaram em Terreille

estavam ainda aturdidos devido à devastação – e à liberdade repentina.

Não perguntara o que acontecera a Alexandra, Leland e Philip – e Saetan não divulgara essa informação. Ou, se o fez, fê-lo unicamente a Wilhelmina.

Os números na Pequena Terreille eram idênticos aos do Reino de Terreille. Contudo, as restantes regiões de Kaeleer encontravam-se maioritariamente incólumes – à excepção de Glacia. Karla debatia-se na tentativa de voltar a unir o povo e voltar a forma corte. A contaminação que Dorothea e Hekatah espalharam nos Sangue foi destruída, mas as cicatrizes permaneceram.

Tudo tem um preço.

— E a casa de Jaenelle em Maghre? — perguntou Lucivar.

Daemon abanou a cabeça. — Wilhelmina que fique com ela. Decidiu instalar-se em Scelt e...

— A casa foi alugada para Jaenelle — disse Saetan, com firmeza. — Continua a ser de Jaenelle. Se não tiverem objecções quanto a Wilhelmina aí viver até encontrar uma casa, assim seja.

Daemon cedeu. Também gostava da casa, mas não estava certo de conseguir voltar a viver nela. E não sabia se o seu pai acreditava realmente que Jaenelle *ia* regressar ou se não estava disposto a fazer o que quer que fosse que confirmasse que *não ia* regressar. Afinal, tinham passado dois meses sem notícias, apenas a garantia persistente – e inútil – de Tersi, de que tudo se iria resolver. — É tudo?

Leu a mensagem nos olhos de Saetan. — Já vou ter contigo — disse a Lucivar quando o irmão se levantou e olhou para Daemon.

A sós, Saetan disse com prudência: — Sei o que sentes relativamente a Ebon Askavi.

Daemon disse precipitadamente: — Espero sinceramente que venhas visitar-me, Pai, pois jamais voltarei a pôr os pés na Fortaleza.

Saetan disse afavelmente: — Tens de ir, uma vez mais. Draca quer verte.

3 / Kaeleer

— Quero mostrar-voss uma coisa. — Draca abriu uma porta fechada à chave e afastou-se.

Daemon entrou num vasto salão que era uma galeria de retratos. Dúzias e dúzias de quadros nas paredes.

Ao início, só viu um. O último.

Incapaz de olhar, voltou-lhe costas e começou a examinar os restantes

por ordem. Alguns eram extremamente antigos, mas todos tinham sido elaborados requintadamente. Ao caminhar lentamente à volta do salão, percebeu que os retratos abarcavam as espécies que constituíam os Sangue – e eram unicamente fêmeas.

Ao chegar ao último, observou o retrato de Jaenelle demoradamente e olhou para a assinatura. Dujae. Claro.

Virou-se e olhou para Draca.

— Todass eram sonhoss tornadoss realidade, Príncipe — disse Draca docilmente. — Algumass só tiveram uma espécie de sonhador, outrass constituíram uma união. Foram Feiticeirass.

— Mas... — Daemon voltou a percorrer os quadros com os olhos. — Não vejo o retrato de Cassandra.

— Era uma feiticeira de Jóia Negra, a Rainha de Ebon Asskavi. Mass não era Feiticeira. Não era ssonhoss tornadoss realidade.

Abanou a cabeça. — A Feiticeira usa a Negra. É sempre uma Rainha de Jóia Negra.

— Não. Esse não é ssempre o ssonho, Daemon. Exisstiram ssonhoss tranquiloss e ssonhoss possantess. Exisstiram Rainhass e cantadeirass. — Fez uma pausa, aguardou. — O vosso ssonho era tornar-voss Conssorte da Rainha de Ebon Askavi. Correcto?

O coração de Daemon começou a bater desenfreadamente. — Julguei que eram a mesma pessoa. Julguei que a Feiticeira e a Rainha de Ebon Askavi fossem a mesma pessoa.

— E sse não forem?

Sentiu os olhos a arder com lágrimas. — Se não fosse a mesma pessoa, se tivesse de escolher entre a Rainha e Jaenelle... nunca teria posto os pés neste sítio. Perdoai-me, Draca. Eu...

Tentou passar por ela, mas viu que Draca moveu a mão como se fosse detê-lo. Podia ter-se esquivado sem dificuldades, mas, por ser quem era, não podia realizar um acto tão desrespeitador.

A mão vetusta de Draca moveu-se devagar, pousando no braço de Daemon.

— A Rainha de Ebon Asskavi desapareceu — disse, com uma serenidade extrema. — Mass aquela que é o Coração de Kaeleer, aquela que é Feiticeira, vive.

4 / Kaeleer

— Aceitarás o rendimento que estabeleci para ti — resmoneou Saetan enquanto passeava com Surreal num dos jardins do Paço. Julgara que esta se-

ria uma tarefa simples, algo com que ocupar algum do seu tempo enquanto aguardava que Daemon regressasse da Fortaleza.

Surreal resmoneou do mesmo modo. — Não preciso que me dê um rendimento.

Parou e virou-se para Surreal. — És ou não és família?

Avançou para Saetan até os seus sapatos se tocarem. — Sim, sou família, mas...

— Então aceita a porra do rendimento! — gritou Saetan.

— Porquê? — gritou também.

— Porque eu amo-te! — berrou Saetan. — E quero dar-te isso.

Surreal rogou-lhe pragas.

Fogo do Inferno, por que tinham de ser todos os seus filhos tão *teimosos*?

Controlou a fúria. — É uma prenda, Surreal. Por favor, aceita.

Prendeu o cabelo atrás das orelhas. — Posto dessa forma...

Ouviu-se um lobo numa invulgar série de uivos e latidos.

— Não é o Colmilho Cinzento — disse Surreal.

Saetan ficou com os nervos à flor da pele. — Não. Pertencem à alcateia dos bosques a norte.

Os olhos de Surreal encheram-se de preocupação. — Um deles regressou? Que significam estes sons?

— Os Tigre usam tambores para passarem mensagens – como divertimento: uma dança, uma reunião improvisada — respondeu Saetan, distraidamente. — Os lobos ficaram intrigados com o sistema e desenvolveram uns quantos uivos específicos.

Ouviu-se a mesma série de uivos e latidos.

— O Colmilho Cinzento podia ter-me dito — protestou Surreal. — O que significam estes?

— Significam que devemos atentar numa mensagem.

O lobo voltou a elevar a voz numa canção diferente, à qual se juntou outro lobo. E outro. E outro.

Atento, Saetan começou a chorar – e a rir. Só havia uma razão para levar os lobos a juntarem as vozes daquela forma.

Surreal agarrou-lhe no braço. — Tio Saetan, o que é?

— É uma canção de exaltação. Jaenelle regressou.

5 / Kaeleer

O Outono estava a começar. Passara quase um ano desde que chegara a Kaeleer.

Daemon pousou com cuidado a pequena Carruagem no prado e saiu. Na orla do prado, Ladvarian aguardava-o.

Durante semanas, enfurecera-se e suplicara, implorara e praguejara. Não servira de nada. Draca teimava em dizer que não sabia o local exacto onde os parentes tinham escondido Jaenelle. Dizia também que a recuperação estava ainda numa fase extremamente delicada e uma presença forte – e emoções complicadas – poderiam interferir no processo. Por fim, desesperada, Draca sugerira a Daemon que fizesse algo de útil.

Por isso, atirou-se ao trabalho. Todas as noites escrevia uma carta a Jaenelle, descrevendo como tinha sido o seu dia, desabafando os seus sentimentos. Duas ou três vezes por semana, dirigia-se à Fortaleza e importunava Draca.

Por fim, a mensagem chegara. Os parentes tinham feito tudo o que podiam. A recuperação não estava concluída, mas o que restava iria demorar algum tempo e Jaenelle deveria estar num covil aquecido dos humanos.

Fora-lhe indicado o local onde deveria levar a Carruagem que transportaria Jaenelle de volta ao Paço.

Atravessou o prado e parou a alguns centímetros de Ladvarian. O sceltita estava magríssimo, mas os seus olhos castanhos estavam repletos de alegria – e de circunspecção.

— Ladvarian — cumprimentou Daemon tranquilamente, com respeito.

“Daemon.” Ladvarian remexeu-se de modo apreensivo. “Os machos humanos... Alguns machos humanos dão uma importância exagerada à aparência.”

Entendeu o aviso, ouviu o receio. E percebia agora a razão pela qual não o tinham deixado vir antes – tinham receio que não conseguisse suportar a visão. O receio permanecia.

— Não importa, Ladvarian — disse afavelmente. — Não importa.

O sceltita perscrutou-o. “Está muito débil.”

— Eu sei. — Draca dissera o mesmo à exaustão, antes de permitir que viesse.

“Dorme muito.”

Fez um sorriso amarelo. — Eu quase nem dormi.

Convencido, Ladvarian virou-se. “Por aqui. Tem cuidado. Há muitas teias de protecção.”

Olhando em redor, Daemon viu as teias entrelaçadas capazes de enredar a mente de uma pessoa, arrastando-a para estranhos sonhos – ou pesadelos hediondos.

Caminhou com prudência.

Caminharam durante alguns minutos até chegarem a um trilho que

levava a uma enseada abrigada. Uma enorme tenda estava colocada bastante distante da linha de água. O tecido colorido devia manter afastada a luz do sol, mas parecia que tinha sido tecido ligeiramente solto para deixar entrar ar.

Mais perto da água, podiam ver-se vários castelos de areia mal feitos. Sorriu ao ver Kaelas a tentar ajeitar a areia com as enormes patas.

As abas frontais da tenda estavam afastadas, dando a ver a mulher que dormia no interior. Vestia uma saia comprida de cores em redemoinho. A camisa azul-arroxeadada estava desabotoada e deslizara para os lados, expondo-a da cintura para cima.

Daemon olhou para ela e correu, afastando-se da tenda.

Deteve-se a alguns metros e tentou respirar normalmente enquanto o seu estômago se contorcia e retorcia.

Os parentes tinham feito o melhor que conseguiram. Dedicaram meses de devoção concentrada e perseverante para conseguirem esta recuperação. *Jamais* iria querer saber que aspecto tinha quando a trouxeram para este local.

Sentiu que Ladvarian se aproximava. Uma vez que o sceltita vira o aspecto inicial de Jaenelle, talvez não conseguisse compreender a reacção de Daemon. — Ladvarian...

“Ergueu-se das teias curativas prematuramente” disse Ladvarian num tom de voz amargo e recriminatório. “Por causa de ti.”

Daemon virou-se devagar, com o coração a sangrar do golpe verbal.

“*Tentámos* dizer-lhe que não estavas ferido. *Tentámos* convencê-la a permanecer mais tempo nas teias curativas. *Tentámos* dizer-lhe que a Ins... que Tera te diria que ia regressar, que o Senhor Supremo tomaria conta da sua cria. Mas ela não parava de dizer que estavas magoado e que prometera. Manteve-se nas teias até as suas entranhas sararem e depois ergueu-se. Mas ao ver...”

Daemon fechou os olhos. Não. Doces Trevas, *não*. Devia ter sofrido dores atrozes, devia ter padecido. O que não teria acontecido se tivesse permanecido nas teias curativas.

— Tera disse-me — afirmou, com a voz embargada. — Uma e outra vez. Mas... tudo o que sabia era que Jaenelle prometera casar comigo e que me abandonara, e... — Não conseguiu prosseguir.

“Talvez nós te pudessemos ter dito” disse Ladvarian, relutante, depois de um longo silêncio. “Achámos que os humanos não iriam acreditar que ela pudesse recuperar – pelo menos não acreditariam com um ânimo conveniente. Porém, se te tivéssemos contado acerca das teias, talvez *conseguisses* acreditar.”

Seria improvável. Independentemente da *vontade* que teria tido em

acreditar, as dúvidas ter-se-iam infiltrado – e poderiam ter destruído tudo o que queria salvar. — Tersa disse-me que tudo iria ficar bem. Não a ouvi.

Mais silêncio. “É difícil acreditar quando temos a pata presa numa armadilha.”

Aquela compreensão, tanto perdão, magoavam. Olhou para o sceltita, precisando ver a verdade. — Ladvarian... estropiei-a?

“Não” disse Ladvarian, docilmente. “*Recuperará*, Príncipe. Está a recuperar de dia para dia. No entanto, o processo será mais demorado.”

Daemon dirigiu-se à tenda e entrou.

Desta vez, viu unicamente Jaenelle.

“Está intacta” disse Ladvarian, ansioso.

Acenando afirmativamente com a cabeça, Daemon descalçou-se, despiu o casaco e deitou-se com cautela ao lado de Jaenelle, apoiando-se num cotovelo para poder olhá-la. Estendeu a mão, passou com os dedos timidamente no cabelo louro e curto, receando até esse ligeiro toque. Estava tão débil. Extremamente débil. Mas estava viva.

“Tivemos de lhe cortar o cabelo rente.”

Tendo em conta as condições em que chegou, foi uma solução prática para as questões de higiene que os parentes devem ter enfrentado.

Passou-lhe os dedos pela face. O seu rosto, embora terrivelmente emaciado, era o mesmo.

Nesse momento, reparou na Jóia que repousava no peito de Jaenelle. À primeira vista, julgou tratar-se de uma Violácea. Mas, nas profundidades da Jóia, vislumbrou reflexos Rosa, Azul-Celeste e Opala. Verde, Azul-Safira e Vermelho. Cinzento e Ébano-Acinzentado. E um indício de Negro.

“Chama-se Aurora do Crepúsculo” disse Ladvarian. “Não existe Jóia igual.” E o sceltita saiu, deixando-o sozinho.

Observou-a enquanto dormia. Limitou-se a observá-la. Depois de algum tempo, reuniu a coragem para deixar que os dedos explorassem um pouco.

Ladvarian tinha razão. Estava intacta, mas era pouco mais do que um delicado revestimento de pele sobre órgãos e ossos.

Enquanto um dedo contornava o mamilo delicadamente, deteve-se, pensou na camisa aberta e olhou para a praia onde Ladvarian se encontrava, junto a Kaelas, a observá-lo. “Não sabia que eu vinha, pois não?”

“Não” respondeu Ladvarian.

Não teve de perguntar porquê. Se não tivesse conseguido aceitar o que via, os parentes nunca lhe teriam dito que tinha vindo – e Ladvarian tê-la-ia levado para outro lugar, para junto de *outrem*, de modo a recuperar durante os meses de Inverno.

Sabia a resposta. Amava-a e desejava unicamente estar com ela. Mas

apesar do que Ladvarian dissera... *devido* ao que Ladvarian dissera... já não tinha tanta certeza de que ela *o iria* desejar.

Nesse momento, Jaenelle agitou-se ligeiramente e Daemon teve a certeza de que não iria a lado nenhum a não ser que ela o mandasse embora.

Apoiando-se com cuidado para não a magoar, inclinou-se e roçou os lábios levemente nos dela.

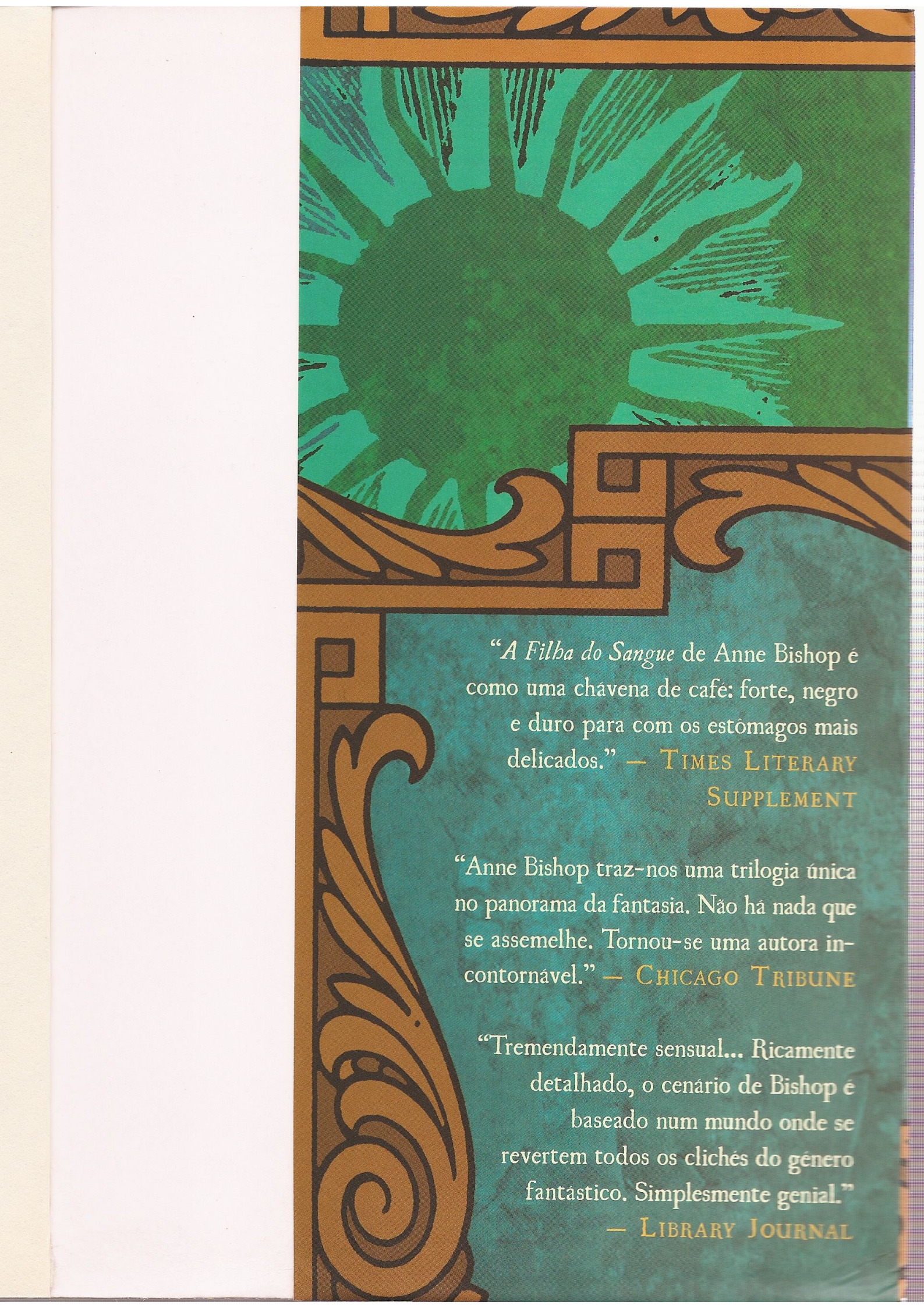
Daemon afastou-se um pouco. Os perturbados olhos azul-safira fitavam-no.

— Daemon? — Tanta incerteza naquela voz.

— Olá, meu amor — disse, com a voz enrouquecida pelo esforço para não chorar. — Tive saudades tuas.

Jaenelle deslocou a mão devagar, com esforço, até a pousar no rosto de Daemon. Os seus lábios arquearam-se num sorriso. — Daemon.

Desta vez, o seu nome soara a uma carícia encantadora, a uma promessa.



“A Filha do Sangue de Anne Bishop é como uma chavena de café: forte, negro e duro para com os estômagos mais delicados.” — **TIMES LITERARY SUPPLEMENT**

“Anne Bishop traz-nos uma trilogia única no panorama da fantasia. Não há nada que se assemelhe. Tornou-se uma autora incontornável.” — **CHICAGO TRIBUNE**

“Tremendamente sensual... Ricamente detalhado, o cenário de Bishop é baseado num mundo onde se revertem todos os clichés do género fantástico. Simplesmente genial.”
— **LIBRARY JOURNAL**



*Ha setecentos anos, num mundo governado por mulheres
e onde os homens são meros subditos, uma Viuva Negra profetizou
a chegada de uma Rainha na sua teia de sonhos e visões.*

E AGORA, A CORTE DAS TREVAS FOI ESTABELECIDADA...

Incapazes de atingir Jaenelle, a jovem Rainha, os membros corruptos dos Sangue fazem um jogo perverso de diplomacia e mentira, procurando destruir aqueles que sempre deram tudo por ela. E reverterem as culpas para o seu tutor, Saetan, que passa a ser visto como a maior das ameaças ao poder instituído.

Com Jaenelle como Rainha, a chacina do povo e a profanação das terras irá terminar. Porém, onde se fechou uma porta poderá abrir-se uma janela... E mesmo que Jaenelle possa contar com os seus aliados, talvez não seja suficiente: só um terrível sacrifício poderá salvar o coração de Kaeleer...

literatura fantástica

coleção
Bang!
WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM